ANO V JANEIRO DE 1944 N.º 3

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONTÉM : Disciplina, **da redacção**; — A Lei do Cosmos, por **Álvaro Ramos Pereira**; — Lodge e Conan Doyle aparecem numa sessão; — O Natal de Jesus, por **Fernando da Cruz Ferreira**; — Histórias de Sombras, por **Archibald Rutledge**; — A Cooperação valoriza as economias do trabalhador, pelo **Coronel Faure da Rosa**; — Fábula Espirita de Sir Oliver Lodge; — O Centro Espirita Luz e Amor presta homenagem ao general Passaláqua; — Fraternidade Espiritual, por **J. Gonçalves Losa**; — Resumo da Doutrina Espirita, II, pelo **Dr. Gustave Geley**; — O Espiritismo Revelador da Verdade, III, por **Haydi de Tebelen**; — Amigos de «Estudos Psíquicos; — Bibliografia; — Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; — Notas & Comentários; — Por êsse mundo...; — Noticiário.

General Viriato Zeferino Passaláqua grande vulto do Espiritismo em Portugal

LEITOR AMIGO:

Escuta, por um momento. ¿Já pensaste alguma vez no mistério da vida, no porquê da tua existência terrestre e no que te espera, ao abandonar o mundo físico? ¿Já pensaste?... ¿E não te sentiste atraído para a meditação cotidiana, para a decifração de tão grande enigma?

De-certo que já pensaste e meditaste e concluíste pela necessidade de aprofundar o assunto. Tens, agora, belo ensejo. Acompanha «Estudos Psíquicos» *na sua acção, torna-te seu amigo e colaborador, porque há muita maneira de auxiliar as obras úteis. Tudo que fizeres, redundará em teu próprio benefício.*

ESTUDOS PSÍQUICOS

ORGÃO OFICIAL DO CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR

E PORTA-VOZ

do Centro Espirita Reflexos da Verdade, de Beja, do Centro Espirita Luz, de Coimbra, do Centro Espirita Luz e Verdade, de Matozinhos, do Centro Espirita Fé e Caridade, de Angra do Heroismo, do Centro Espírita de Santa Judite, do Pôrto, do Grupo Espirita Humildade, de Aveiro, e do Grupo Espírita Paz, Caridade e Protecção, de Faro.

Rua do Salitre, 149, 1.º, E. = = = = = = = = = = = = LISBOA

Direcção e Edição de MARIA GONÇALVES DUARTE SANTOS

PROPRIEDADE DE ISIDORO DUARTE SANTOS

a quem deve ser dirigida tôda a correspondência

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores • Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

Redactores - correspondentes:

Em **França**	Dr. Gabriel Gobron
No **Rio de Janeiro**	Almerindo Martins de Castro
Em **Uberaba**	Dr. Inácio Ferreira
Em **Buenos Aires**	Dr. Luiz M. di Cristóforo

Distribuïção gratuita aos sócios do Centro E. Luz e Amor

ASSINATURAS

PORTUGAL	*Continente e Ilhas (cada série de seis números)... ...*	*18$00*
	Colónias ... ... » » » » »	*25$00*
ESTRANGEIRO	*Espanha ... ... » » » » » ... ...*	*18$00*
	Brasil ... ... » » » » »	*25$00*
	Outros países ... » » » » »	*30$00*

Cobrança pelo correio — mais 1$60

Distribuidores exclusivos para Portugal, Ilhas e Colónias: **Editorial Organizações, Lda.**, Largo Trindade Coelho, 9, 2.º — Lisboa — Telefone 27507

Composto e impresso na Tip. SILVAS, Ltd. — R. D. Pedro, V. 120 • • VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

ANO 5.º LISBOA, JANEIRO DE 1944 N.º 3

DISCIPLINA

Segundo lemos em «O Revelador», de S. Paulo, Humberto Mariotti preconisou a criação de um organismo colectivo encarregado de orientar a marcha do Espiritismo em todo o continente americano, afim de salvar a doutrina do esquecimento que pesa sôbre os seus valores, actualizando a sua filosofia ao processo histórico do nosso mundo.

Eis um problema que já tivemos ocasião de apresentar algumas vezes e para cuja solução é necessário que envidemos os melhores esforços.

Tal como é praticado e propagado, sem obediência a códigos disciplinares que estipulem determinadas normas de acção doutrinária e social, o Espiritismo não conseguirá determinar os rumos mais propícios à marcha civilizadora e renovadora que conduza a humanidade a novos modos de vida, capazes de equilibrar, material e moralmente, a sociedade a que pertencemos.

É absolutamente indispensável abandonar as velhas fórmulas de liberdade, que tanta confusão têm lançado na maneira de compreender a Doutrina, cuja extraordinária latitude permite a cada um interpretá-la a seu modo, embora à margem do que ensinam as obras fundamentais.

Aquêles que assim procedem podem ser bem intencionados, não o negamos, mas concorrem para o enfraquecimento do Espiritismo.

Sem disciplina, o triunfo é efémero, prestes vem a desagregação e a derrota.

Achamos, pois, que é necessário unificar os ensinamentos deixados pelos Mestres, de maneira que não mais perdurem ambiguidades, quando se trate de resolver problemas transcendentes.

Infelizmente, a Federação Espirita Internacional deixou de exercer a sua missão, em virtude da guerra que assola o mundo. Só êste organismo poderia abalançar-se a semelhante emprêsa, com a colaboração das Federações Nacionais e baseada nas conclusões dos Congressos, onde se trocariam impressões e se estudariam tôdas as questões que pudessem fortalecer a nossa ideologia.

O Espiritismo — também já o temos dito muitas vezes — não pode circunscrever-se aos limites estreitos dos Centros e ligado a mesas-de-pé-de-galo. Se os seus postulados interessam ao homem, devem ser divulgados, orientando a sua vulgarização segundo as normas de Kardec: quando a Ciência verificar que algum dos nossos postulados não é suficiente, termos que pô-lo de acôrdo com a ciência.

Como se tem feito até hoje, ficaremos aquém dos objectivos colimados. Há que pensar a sério na unificação dos métodos e da Doutrina, isto é, actualizar o Espiritismo e enquadrá-lo no campo das ciências positivas.

Mas isto só se consegue com trabalho disciplinado, dirigido para fins concretos.

A LEI DO COSMOS

por Álvaro Ramos Pereira

NO Espaço infinito apenas um elemento existe — a Energia — e dela saíu a matéria, a fôrça e a consciência, a trilogia do Cosmos: — estática, dinâmica e mecânica. A matéria é a degradação da energia, a fôrça a exteriorização quantitativa, a consciência a apreensão dessa fôrça. A função dêstes aspectos é a Vida, pois que a Energia é a Vida. Êles não são distintos e em parte alguma os encontramos separados.

Quando os três aspectos estão em potência, temos Deus em inércia (Nirguna); mas quando passam a acto, temos o Deus fôrça (Saguna), que originou a Vida. Nirguna não é o aniquilamento, mas Deus na suprema concentração do seu pensamento. Saguna é o Pensamento vibrando pela Vontade.

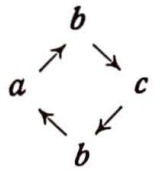
A passagem de Nirguna a Saguna é o pródromo da Lei da Evolução. Houve um momento em que Deus «quis» e o Pensamento exteriorizou-se numa imensa vibração, efeito da energia infinita da Vontade. A potência passou a acto e surdiu o movimento, cuja medida é o Tempo. A Energia de Saguna foi seguindo o Caminho, guiada pelo Pensamento. E o Tudo foi causado. Da idéia pura, «primeiro ser do Universo, por concentração em energia e exteriorização em movimento, passa à forma dinâmica e desta à estática, por condensação» (cf. «Vida» de A. Auvard).

É a grande ondulação cósmica que do puro pensamento caminha para a derradeira forma estática da matéria, passando pelo dinamismo da energia. Eis a Lei em tôda a sua grandeza e simplicidade:

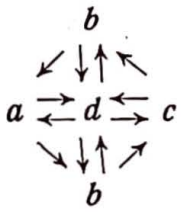
$$a \rightarrow b \rightarrow c$$

¿ Mas que sucederia, se êste movimento se desenvolvesse, apenas, nesta direcção? Teríamos um sobrecarregamento em *c* e um vácuo proporcional em *a*. Era o desequilíbrio e a desarmonia, incompatível com a Ordem. O movimento nunca é unilateral, nem definitivo; tôda a onda tem o seu reflexo. É necessário uma contra-corrente compensadora, concêntrica, opondo-se ao excentrismo da primeira. É a pulsação do retôrno, a matéria desagregando-se em energia e esta sintetizando o espírito.

Mas as duas correntes não são distintas, antes se completam, como a inspiração e a expiração. São o resfolgar de Saguna, o circuito do Cosmos:



Profundando mais, veremos uma irradiação constante, uma renovação progressiva e concomitante dos dois movimentos. Isto é, no Universo, enquanto que há mundos ainda na fase $b \rightarrow c$, outros entraram em $c \rightarrow a$, coexistindo com a sempiterna $a \rightarrow b$. Contudo, se *a*, *b* e *c* são apenas três aspectos do mesmo *quid* que denominámos Saguna, o dinamismo de Deus, o Todo, sempre se depara nêles. E teremos, numa única equação, expressa a grande lei dinâmica da Substância, a lei de Saguna:



Porém se a transformarmos em $\overline{|\underline{a = b = c}|} = d$, temos o mesmo ciclo, mas em estática; isto é, quando o ciclo dinâmico se fechar, o Todo recompleta-se e só fica *d*, por síntese, só fica Nirguna, Deus na magnificência da concentração.

A nossos olhos, na Terra, experimentamos a fase $c \rightarrow b \rightarrow a$, a fase de retôrno, como nela outrora se deu a fase inversa. Seguir aquela ¿ não será vislumbrar esta? ¿ Onde está a incoerência do método? ¿ Não se faz isto na investigação e demonstração matemática?

Prossigamos, com a valiosa ajuda da ciência. Os fenómenos têm levado, aos

poucos, os sábios à confirmação da hipótese de Prout de que o hidrogénio é o tipo fundamental do edifício atómico, a origem, o primeiro passo da matéria. Os trabalhos de Dumas e Newlands conduziram à classificação de Mendelejeff que, mais do que uma simples arrumação didática, é a árvore genealógica da matéria, uma verdadeira série estequiogenética. Notemos que são exactamente os últimos elementos que se caracterizam por uma desagregação lenta, gradual e energética: — a radioactividade. ¿Não «está assim demonstrado o transformismo físico-dinâmico»?

Surge agora naturalmente uma pregunta: — ¿para além do urânio não haverá outras formas de matéria, mais próximas ainda da energia? Nada de mais natural e lógico. Essa possibilidade foi demonstrada pelo Dr. Goeppert Meyer, da Universidade de Colúmbia. Êste limite, que era o urânio, fôra ultrapassado por Enrico Fermi com a descoberta do neptúnio, o elemento radioactivo 93. Mc Millian e Abedson (1939-40) confirmando tal, sugeriram mesmo a existência do grupo transurânico. Além do neptúnio, outros elementos têm sido reconhecidos; mas a sua estabilidade é tão fraca, a sua duração é tão curta, que se duvida da sua existência como matéria. Urey e Sugiura discutiram esta hipótese, mas sòmente as fórmulas de Meyer lançariam um pouco mais de luz sôbre o caso. ¿Que é isto se não o esfôrço exaustivo da ciência a querer atingir de *c*, da matéria, a fase *b*, a energia?

Quando passamos do inorgânico ao orgânico pela complexidade dos compostos de carbono, da molécula à célula, como que vamos vendo sob a capa da matéria, a transformação da energia em vida, da energia em psiquismo.

Assim, no seu aspecto dinâmico, do tornar-se, da evolução, a Lei tem a representação gráfica num sistema de dois eixos cartesianos ortogonais, sob a forma duma recta, expressão simples da progressão evolutiva; será o grande eixo do dinamismo universal, quando a Evolução se analisa com o tempo. Embora sendo o diagrama de qualquer das fases, a recta é importante para nos dar uma idéia da pujança evolutiva e involutiva.

Vimos que *c* não é um ponto extremo, que para além dêle há formas ($-x$, $-y$, etc.) aproximando-se cada vez mais de *b*. ¿E acima de *a*? Intuitivamente, diremos que sim, que existirão outras gradações (x, y, etc.) que a experiência talvez nunca possa demonstrar, mas de que a razão necessita para compreender o ciclo: — «natura non fecit saltus».

¡E o ciclo complica-se, define-se, e o eixo de progressão não basta, as rectas cartesianas prolongam-se de $-\infty$ a $+\infty$, pelo mesmo princípio de harmonia de gradação no Tempo e na Evolução! E a recta redunda numa sinusóide imensa cujos extremos se tocam no infinito, ou, caso contrário, teríamos o absurdo dum «devenir» eterno sem mais progresso, a repetição indefinida em si mesmo.

E teremos a equação:

$$D = -\infty \rightarrow \cdots \rightarrow -y \rightarrow -x \rightarrow c \rightarrow -x \rightarrow \rightarrow c \rightarrow b \rightarrow c \rightarrow b \rightarrow a \rightarrow b \rightarrow a \rightarrow +x \rightarrow \rightarrow a \rightarrow \cdots \rightarrow +\infty$$

ou, o que é o mesmo:

$$D = -\infty \rightarrow \cdots \rightarrow -y \rightarrow -x \underset{\rightarrow}{\overset{\leftarrow}{}} c \underset{\rightarrow}{\overset{\leftarrow}{}} b \underset{\rightarrow}{\overset{\leftarrow}{}} a \underset{\rightarrow}{\overset{\leftarrow}{}} +x \rightarrow \cdots \rightarrow +\infty$$

Aplicando ao diagrama da sinusóide a Lei orgânica do Universo, a idéia do resfolgar de Saguna, ela gira em torno do centro, sofre uma distensão, uma curvatura que a aproxima da espiral, expressão gráfica a mais completa, pois que tendo por base a circunferência, traduz mais perfeitamente o caminho cíclico do fenómeno cósmico e a sua trajectória típica. Mas esta espiral deverá ter um movimento de abrir e fechar para que nela se possa englobar tôda a génese cósmica. «É como que um respiro íntimo. E o resultado final dêste contínuo retornar sôbre si mesmo é uma progressão constante». Quando o ciclo parece querer fechar-se, é para se abrir numa voluta mais lata, seguindo sempre.

Daqui, a fórmula final, a expressão matemática da Lei do Cosmos:

$$D = \left\{ \left[-\infty \rightarrow \cdots \rightarrow -y \underset{\leftarrow}{\overset{\rightarrow}{}} -x \underset{\leftarrow}{\overset{\rightarrow}{}} c \underset{\leftarrow}{\overset{\rightarrow}{}} b \underset{\leftarrow}{\overset{\rightarrow}{}} a \underset{\leftarrow}{\overset{\rightarrow}{}} +x \rightarrow \cdots +\infty \right] \cdots \left[+\infty \cdots \rightarrow +x \underset{\leftarrow}{\overset{\rightarrow}{}} a \underset{\leftarrow}{\overset{\rightarrow}{}} b \underset{\leftarrow}{\overset{\rightarrow}{}} c \underset{\leftarrow}{\overset{\rightarrow}{}} -x \underset{\leftarrow}{\overset{\rightarrow}{}} -y \rightarrow \cdots -\infty \right] \cdots \right\} \cdots \infty$$

e que poderemos enunciar: — Um ciclo é a resultante de ciclos cada vez meno-

res, tendentes para o infinito negativo e a componente de ciclos cada vez maiores tendendo para o infinitivo positivo.

E aqui fizemos apenas a síntese dimensional em vez da volumétrica, mais em acôrdo com o nosso espaço de três dimensões. ¡Quão fantástica não será agora a visão, quando substituirmos as espirais por superfícies esféricas de tôrno e retôrno! A razão oscila sob o pêso esmagador do problema magno da Lei e o homem sente-se um simples átomo dum minúsculo grão da imensa poeira do Universo!

Vimos de facto como a matéria se desintegra em energia (cf. «Radioactivité et la transmutation des atomes», de Kahan), a qual, seguindo o caminho vorticoso da génese, involve sôbre si mesma, condensando-se pelo centripetismo dinâmico no núcleo das nebulosas espiralóides (cf. teoria de Laplace). Explanando: — o movimento, resultante da passagem dinâmica da potência ao acto, é centrífugo, propagando-se em todos os sentidos e nas três dimensões; mas à directriz centrífuga opõe-se em breve a contra-corrente involutiva centripeta e a expansão é completada pela atracção. A coexistência destas fôrças obriga o movimento como que a dobrar-se sôbre si mesmo, formando um vórtice cinético, surgindo a *gravitação* e desta a energia gravífica, como resultante da energia cinética do primeiro movimento unilateral. Esta energia gravífica evoluíu para as outras formas energéticas e temos $a \rightarrow b$. (A lei de Newton não abrange assim o todo gravífico, mas apenas o princípio de medida de difusão daquela energia). Tôdas as radiações conservam a característica cinética que as liga inexorávelmente ao movimento primitivo. A matéria, no seu aspecto sólido, nada mais é que uma ilusão dos nossos sentidos; na essência, em qualquer dos estados, ela é movimento que apenas se distingue da energia, tanto quanto o movimento rotatório se distingue do ondulatório.

É bem difícil agora visionar como o involver da onda explica a passagem de *b* a *c*. No átomo, o movimento é translativo que, combinado com o rotativo da molécula (cf. «Vie des Atomes», de Boutaric), sintetiza o espiralóide microcósmico, análogo ao macrocósmico. No hidrogénio, aparece-nos um electrão em volta dum núcleo, primeira abertura da espiral da matéria. (Precedê-la-á a forma-núcleo, que deverá ser o éter, campo estático ou de equilíbrio de formas electro-magnéticas da energia gravífica).

Do hidrogénio ao urânio, a espiral continua a dilatar-se até à exaustão, de que resulta o retrocesso para *b*. E assim a síntese na molécula dos sistemas atómicos é a simples combinação de movimentos que redunda numa certa inércia relativa do conjunto. ¿Que admira, pois, que esta matéria, tôda movimento e energia, possa desintegrar-se completamente em *b*? Parece que os electrões das últimas órbitas atómicas se lançam, quais cometas, no espaço, quando a fôrça centrífuga vence a centrípeta.

Tal como na fase *c* — matéria — na fase *b* há também uma gradação estequiogenética, a partir da energia gravífica. Expliquêmo-la num diagrama, para que o caminho $b \rightarrow c \rightarrow b$ fique mais delineado:

Vibrações por segundo	Cumprimento de onda em microns	Formas de energia		grupos
>32 <32.000		Imperceptível	Som	7.º
1 bilião <35 biliões	milhares de metros <60 microns	Ondas hertzianas » electro-magnéticas	Electrecidade	6.º
400 biliões a 450	60 microns	Radiações Infra-Vermelhas	Calor	5.º
450 bil. 500 540 580 620 660 700	1 micron ↓ 0,4	vermelho alaranjado amarelo verde azul anil violeta	Luz	4.º
750	0,202	Rad. Ultra violetas	Rad. químicas	3.º
2 quintiliões	de 0,202 a 0,000007	Radioactividade		2.º

E acima teremos o grupo I — a gravitação. A electricidade aparece-nos, pois, excluído o som, como a forma mais evolvida da energia, a última ponte de passagem de energia para a matéria e para a vida.

E quando a evolução caminhava de *b* para *c*, originou-se o Universo, ou melhor, os grandes núcleos estelares. Como? A gravitação foi provocando na poalha electrónica (cf. extrutura da electricidade) uns conglomerados que se iam contraíndo, formando, pela própria energia gravífica. Seguindo Eddington e de acôrdo com a teoria dos gases perfeitos, a dentro dêsses imensos globos energéticos prosseguiu a fase $b \rightarrow c$, e em breve êles são verdadeiros globos gasosos, constituídos por camadas concêntricas. A ciência constatou com a espectrografia que as estrêlas mais primitivas são formadas por átomos de hidrogénio, enquanto que os elementos pesados se deparam em astros mais progressivos.

Com a condensação cada vez maior das camadas nucleares, a temperatura ia aumentando, progredindo pelo radiamento do centro para o exterior, onde se escapa sob a forma de radiações luminosas. Assim, as estrêlas mais recentes têm uma luminosidade mais pálida. Os cálculos de Eddington sôbre a temperatura central dum astro, relacionam-na com o raio dêste, com a sua massa e com um coeficiente «a» que depende do pêso molecular médio dos elementos que entram na contextura dêsse astro; de modo que uma estrêla formada por átomos pesados (mais evoluída) tem uma temperatura cêrca de 4 vezes maior que a duma estrêla de átomos de hidrogénio (Stromger, baseando-se em Krammer, confirmou Eddington). As temperaturas espantosas assim obtidas vêm explicar a espontaneidade das reacções e transmutações que do hidrogénio fizeram sair todos os elementos. Bethe, Gamow e Von Weizacher determinaram tôda a escala evolutiva.

A contracção constante foi aumentando o movimento de rotação da massa estelar; com o alargamento equatorial conseqüente, a fôrça centrífuga acabou por vencer a centrípeta, filiando-se aqui o destacamento das massas planetárias (Laplace). E, num tempo infinito a nossos olhos, formaram-se os sóis, surgiram as terras, começaram a deambular os cometas!

Penetremos agora a fase $b \rightarrow a$, energia em vida. A ciência hodierna estabeleceu a unidade da célula viva, quando pesquisou os primeiros degraus da imensa escada zoológica e botânica. E ao analisar a célula, os compostos orgânicos, pasmou por não encontrar qualquer coisa de desconhecido que... explicasse a vida. ¡A célula e a molécula não se diferençavam nos seus elementos! ¿Como se amalgamaram, então, as moléculas em células?

Nos diversos elementos, é diferente a capacidade de resistência à penetração electrónica, sendo menor quanto mais simples o edifício atómico. Como nos mostra a química orgânica, são exactamente os elementos mais simples — hidrogénio, carbono, azoto e oxigénio — o esqueleto dos organismos; depois, em doses moderadas do lítio ao cobalto, em doses infinitesimais do cobre ao bário; para além dêste, não são encontrados os restantes elementos da série estèquiogenética.

A onda dinâmica degradada, com a sua estrutura electrónica, ao investir o microcosmo atómico, penetrou-o e modificou-lhe o equilíbrio, transformando o sistema planetário num sistema vorticoso de fôrças; êste oferece assim resistência pela sua inércia e nisto está a explicação da estabilidade dos compostos orgânicos e a sua lentidão para reagirem entre si. Nesta estabilidade maior, nesta tendência para a conservação do tipo de movimento, está o germe da hereditariedade e o princípio da individualidade. Quando os átomos se agregam em moléculas orgânicas, não aparecem apenas ciclos fechados como nas inorgânicas, mas sistemas abertos dotados, pois, dum lato poder de absorção que, a dentro da estabilidade global, traz a instabilidade do metabolismo celular.

Entre a electricidade e a célula, surge-nos com as características apontadas, a electricidade globular. Nela está a organização em vórtice com uma especialização funcional rudimentar. Pela sua semelhança com a electricidade, pela sua simplicidade atómica, o hidrogénio foi o primeiro a imergir no seio do raio globular, seguindo-se os outros elementos gasosos simples — carbono, azoto e oxigénio. «Caíram as miríades de germes da vida», caíram no meio mais apropriado à sua evolução: — as águas quentes dos oceanos. (cf. teoria de Pflüger). Fixando novos elementos, progrediu o germe, plasmando-se na albumina viva, essência do protoplasma, entrando francamente no grande

caminho da vida. E entre a substância gelatinosa do protoplasma e o meio ambiente gera-se uma corrente de impulsos e reacções de que resultou o evolucionismo das formas (cf. teorias de Lamarck e Darwin).

Com êste primeiro organismo rudimentar, eclode a informe consciência orgânica, primeira etapa do psiquismo, sem a qual seria impossível o recâmbio entre o ser e o meio. Da «amoeba» ao homem, vemos essa «psyché» progredir, complicar-se, sublimar-se. Na sua essência, a génese psíquica é a génese da consciência e desta podemos ver o caminho longo que do raio globular sobe para o homem e dêste para a superconsciência; nêle, no caminho, nada se perde, redundando tudo num somatório de experiências feitas. Na evolução da consciência, a noção do «eu» derivou da individualidade, com a qual o homem fêz a síntese da pessoa.

¿E que é a alma? Nada mais que um fulcro energético consciente. E a génese da alma redunda na da consciência, porque fulcro energético já é o próprio raio globular. Nas formas animais inferiores, quando se dá a desagregação material, que é a morte, fica o raio globular que as animava, fica a sua proto-alma, a essência monádica. Se olharmos atentamente o homem, assim como na gestação se reproduzem as formas por que a sua classe passou, assim no psiquismo depararemos com aspectos primitivos, herança das experiências passadas.

E aqui, como atrás, a lei espiralóide da Evolução. ¡O animal e a planta desenvolvem-se, alargam a espiral; esta parece fechar-se na semente ou no germe, para depois voltar a abrir-se! O homem prossegue o mesmo vórtice na reencarnação:— o abrir e fechar da espiral, em vez de o manter no mesmo plano, vai-o afastando cada vez mais, guiando-o para as formas superiores da racionalidade.

¡A Lei é sempre a mesma, embora os seus artigos sejam inúmeros! ¡É a Lei da Evolução regendo o imenso vórtice cósmico! Analisemos nós os princípios da química e da física, da geologia e da astronomia, da botânica, da zoologia e da psicologia geral e veremos sempre a pègada da grande Lei, da Lei de Saguna! Tudo redunda num vórtice, cujas espiras se vão alargando sempre, afastando-se do núcleo, tendendo para o infinito!

Lodge e Conan Doyle aparecem numa sessão

Segundo lemos em *Psychic News*, Sir Arthur Conan Doyle deu provas da sua presença numa sessão de transfiguração dada pela senhora E. P. Bullock, uma das melhores médiuns desta espécie de fenómenos.

Num dos centros da União Espirita Inglêsa, sito na Rua Drummond, Wolverhampton, deu muitas provas a alguns dos assistentes, por intermédio de transfiguração.

Conan Doyle apareceu em duas sessões particulares. O sr. Arthur E. Smith, vice-presidente do Centro, convidou dois profissionais, que vieram de longe e eram desconhecidos da médium e dos assistentes. Pois estes individuos foram saüdados por Sir Arthur Conan Doyle, Sir Oliver Lodge e Franck T. Blake, que transfiguraram inteiramente a senhora Bullock. Smith diz que viu a barba de Lodge, quando êste cientista apareceu, e que o espírito de Conan Doyle reproduziu a voz que tinha na terra.

O capitão E. W. Gill, de Sutton Coldfield, um dos profissionais acima mencionados, disse ter conversado com Doyle, Lodge e Blake, cada um dos quais transfigurou as feições da médium, à medida que falavam, de maneira que eram fàcilmente reconhecidos. Falou também com William T. Stead e William Hope, que seriam sempre lembrados pelas suas notáveis fotografias psíquicas e pelas mensagens transmitidas por um dos guias da médium.

Blake era presidente da União Espirita Inglêsa, quando desencarnou, e assegurou ao capitão Gill que continuava a interessar-se pelo Espiritismo e que auxiliaria a União.

Conan Doyle referiu-se às dificuldades de transfiguração, pois não só tinha de manipular as feições da médium, de modo que apresentassem as características físicas do escritor, mas também de lhe controlar o cérebro, afim de se utilizar as suas cordas vocais. Ao mesmo tempo, era preciso o maior cuidado para não lhe esforçar o organismo, principalmente o coração.

Conan Doyle prometeu falar novamente a Gill naquele dia, em Birmingham, promessa que foi cumprida através doutro médium que não tinha conhecimento do que se passara. Conan Doyle comunicou e corroborou as afirmações precedentes.

Na sessão da senhora Bullock, a transfiguração de Lodge foi importantíssima. O grande sábio aludiu à sua contribuïção no trabalho das materializações realizadas no grupo particular de Gill.

O NATAL DE JESUS

por Fernando da Cruz Ferreira

Jesus, nasceu há cêrca de vinte sèculos. Mas, êsse nascimento, como tudo o mais que com Êle se relaciona, reveste-se de perpetuïdade. O Natal do Mestre excelso é um facto que se repete todos os dias: foi de ontem, é de hoje, será de àmanhã.

Os que ainda não sentiram em seu íntimo a influência do espírito do Cristo, ignoram em verdade, que Êle nasceu. Só sabemos das coisas de Jesus por experiência própria. Só depois dêle haver nascido no nosso coração, é que chegaremos a entendê-lo, já em seus ensinamentos, já no que respeita à sua missão neste mundo.

Nasceu em Bethlem de Judá o Redentor do mundo. Tal o acontecimento de maior relêvo nos fastos da história humana. Tão importante que chegou a abalar as milícias Celestiais, cujo alvoroço se expandiu nesta alacre mensagem:

«Glória a Deus nas alturas e Paz na terra «aos homens de boa vontade a quem Êle quere bem».

Nascer é iniciar, é dar começo a uma existência em determinado meio. Eis o facto histórico considerado em seu aspecto genérico. Particularizemos, agora, o advento do Messias.

¿Que influência está exercendo em nós o seu nascimento? ¿ Que relação existe entre o Natal de Jesus e a nossa vida, no actual momento? ¿Que veio Jesus fazer à terra, na parte que nos diz respeito? Eis a questão que nos interessa de perto e que vem determinar o grau de importância daquêle Natal. Se o nascimento do Cristo não é ainda uma realidade em nós mesmos, influenciando duma forma positiva o nosso carácter, ¿que importância pode ter na parte que nos toca?

As minas do Transvaal são as mais ricas do mundo: é um facto indiscutível, considerado em sua generalidade. ¿Mas em que nos pode isso interessar? ¿Que proveito tiramos da sua existência? Nenhum.

Se porém nos associarmos às emprêsas que exploram os filões de ouro e os diamantes, então o caso muda de figura, tornando-se para nós de importância capital.

O Brasil é um país opulento, pela uberdade do seu solo, pela sua flora, seus minérios e suas diversas fontes de riqueza. Não obstante, há muita gente pobre e até miserável no Brasil.

Para que as suas decantadas riquezas sejam uma realidade é preciso que a elas nos habituemos, grangeando a nossa independência financeira pelo trabalho, pela inteligência, pela perseverança e pela economia. Caso assm não façamos, tôdas as vantagens e prerrogativas daquêle belo país serão como se não existissem.

Precisamente o mesmo fenómeno se dá com relação ao Natal de Jesus. Nenhum proveito nos advém do facto histórico do seu nascimento. Todo o valor dêsse magno sucesso está nas suas relações connôsco. Se existe essa relação, se aquêle facto representa uma fôrça viva actuando no nosso espírito, então Jesus nasceu para nós e a nós se dirige a angélica mensagem: «Glória a Deus nas «alturas e Paz na terra aos homens de boa «vontade a quem Êle quere bem»!

Se permanecermos alheios ao Natal de Bethlem, quanto à sua influência sôbre as nossas almas, tudo o que fizermos para comemorar tão auspiciosa data histórica, será vão e vazio, visto que Jesus nasceu exclusivamente para nos salvar dos pecados, para nos remir da servidão dos vícios e das paixões.

Se nos conservarmos porém na iniqüidade do século e sujeitos à escravidão dêsses vícios e paixões, aquêle natalício ainda se não realizou e assim nada temos que comemorar.

Ao contrário do que fizeram quási tôdas as hospedarias de Bethlem, tratemos de arranjar lugar nos nossos corações, para recebermos condignamente o divino hóspede que há dois mil anos bate às nossas portas.

Aos homens de todos os credos, aos adeptos de tôdas as escalas, aos partidários de tôdas as doutrinas, aos filhos de tôdas as raças e nações, o dia de Natal vem rememorar a boa nova: Jesus nasceu!

Nasceu realmente há cêrca de vinte séculos. ¿Mas que importa o tempo se existem inúmeros corações onde o Senhor ainda não reina?

É preciso que o Redentor impere na terra, firmando nela o seu reinado divino, isto é,

que o Cristo habite em cada um de nós, conquistando completamente o coração humano. É necessário que, como disse Paulo, Jesus entregue o reino ao Pai, depois de haver destruído todo o domínio do mal, todo o poder das trevas.

Como neste particular muito resta a fazer, cumpre, portanto, que anunciemos esta boa nova sempre palpitante, aos homens de todos os credos, aos adeptos de todos as escolas, aos partidários de tôdas as doutrinas, aos filhos de tôdas as raças e nações: Nasceu o Redentor da Humanidade; aquêle cujo verbo saturado de Amor e cuja fé resplandecente de Luz há de vencer e triunfar, implantando na terra o reinado da justiça.

Erguei pois a fronte, ó vós que tendes os corações despedaçados, que sofreis; enxugai o pranto ó vós que chorais; tende bom ânimo ó vós que desfaleceis vítimas das iniqüidades do século; arrependei-vos ó vós que viveis no pecado; Jesus nasceu! Soôu a hora da justiça!

A salvação não está numa finalidade a que se convencionou denominar céu ou paraíso; está sim na perpétua renovação da vida para a frente e para o alto. Avançar como disse S. Paulo, de glória em glória, tal é, em síntese, o trabalho e o plano da redenção. Jesus é a fôrça viva que uma vez encarnada no homem, determina a sua constante transformação.

«O verbo se fêz carne e habitou entre nós, cheio de graça e verdade, e vimos a sua Glória como de unigénito do Pai. Mas a todos os que o receberam, aos que crêem em seu nome, deu Êle o direito de se tornarem filhos de Deus: os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas sim de Deus».

A prerrogativa de unigénito do Pai, torna Jesus extensiva a todos os que de boa vontade o receberem. E assim se opera o seu nascimento no coração do pecador.

O menino que Maria enfaixou, deitando-o em seguida numa mangedoira, é a figura dêsse Jesus que é fôrça, que é poder, que é vida e verdade, actuando no interior do homem.

Invoquemos em abono desta asserção o testemunho de algumas personagens que figuram na esfera cristã, como astros de primeira grandeza.

Preguntemos a Paulo: — Onde e quando nasceu Jesus? Êle nos responderá:—Foi na estrada de Damasco, quando eu, então intolerante e fanatizado por uma causa inglória, me vi envolvido na sua Luz. Dali por diante, «já não sou eu mais quem vive, mas o Cristo é quem vive em mim».

Indaguemos de Madalena, onde e quando nasceu Jesus? Ela nos dirá: Jesus, nasceu em Betania, certa vez em que sua voz, ungida de pureza e santidade, despertou em mim a sensação de uma vida nova, com a qual, até então, jámais sonhára!

Ouçamos o depoimento de Pedro sôbre a Natividade do Mestre, e êle, assim se pronunciará: Jesus nasceu no átrio do paço de Pilatos, no momento em que o galo, cantando pela terceira vez, acordou a minha consciência para a verdadeira vida. Daí por diante, nunca mais vacilei diante dos potentados do século, quando me era dado defender a justiça e proclamar a verdade, pois a fôrça e o poder do Cristo, constituíram elementos integrantes de meu próprio Sêr.

Apelemos agora para João Evangelista e peçamos-lhe que nos diga o que sabe ácêrca do nascimento do Messias, e Êle nos dirá: Jesus nasceu no dia em que o meu entendimento, iluminado pela sua graça, me fêz saber que Deus é Amor».

Dirijamo-nos a Zaqueu, o publicano, e eis o seu testemunho: Jesus nasceu em Jericó, numa explêndida manhã de Sol, quando eu, ansioso por O conhecer, subi a uma árvore, à beira do caminho por onde êle deveria passar, contentando-me apenas em vê-lo de longe. Eis que Êle, amorável e bom acena-me, dizendo: Zaqueu, desce, importa que me hospede contigo. Naquêle dia entrou a salvação no meu lar.

Interpelemos Tomé, o incrédulo: ¿quando e onde nasceu o Mestre? Êle por certo retrucará: Jesus nasceu em Jerusalém, naquêle dia memorável e inesquecível, em que me foi dado testificar que a morte não tinha poder algum sôbre o filho de Deus. Só então compreendi o sentido de suas palavras: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida».

Apelemos para Dimas, o bom ladrão: ¿onde e quando nasceu Jesus? Êle nos informará: Jesus nasceu no tôpo do Calvário, precisamente quando a cegueira e a maldade humanas, supunham aniquilá-lo para sempre. Dali Êle me dirigiu um olhar repassado de piedade e de ternura, que me fêz esquecer tôdas as misérias dêste mundo e antegozar as delícias do paraíso.

Desde logo senti-O em mim e eu n'Êle.

Tal foi o testemunho do passado, tal é o testemunho do presente, dado por todos os corações que deixando de se parecer com aquelas hospedarias de Bethlem, onde não

HISTÓRIAS DE SOMBRAS...

por Archibald Rutledge

(As narrativas que a seguir publicamos são devidas à pena de Archibald Rutledge e extraídas do *Reader's Digest*. Diz o autor que há tempos escreveu um artigo àcêrca de certos fenómenos ocultos a que assistira ou que lhe haviam comunicado, tendo recebido muitas cartas relatando experiências psíquicas do mesmo género. Eis algumas dessas narrações de contactos com o mundo das sombras, «que — diz êle — estou certo, existe algures, para além dos nossos sentidos ordinários»).

UM dia fui visitado por cavalheiro de respeitável aparência, já completamente encanecido: era juiz do Supremo Tribunal de Pensilvânia, como vim, depois, a saber.

— Talvez lhe interesse a história do que se passou comigo há trinta anos, — começou êle. Aquêles a quem a tenho contado parecem escutar-me com incredulidade; entretanto, nada se me afigura mais vivido e real em tôda a minha vida...

«Uma tarde — era eu então advogado rural — seguia em longa jornada por uma estrada solitária, guiando a minha *charrete*. A estrada era-me desconhecida. Ao crepúsculo, seguia eu ao longo duma azinhaga, a cuja direita se erguia um muro de pedra. Não havia casas nas imediações... Duvidoso de me encontrar no bom caminho e ansioso de pedir informações a alguém, foi com grande satisfação que lobriguei um homem, lá adiante, sentado no muro.

«Quando cheguei a cinqüenta metros dêle, vi-o escorregar do muro, encaminhar-se para a estrada e cair bruscamente, de cara para baixo. Ficou estendido no chão. Vi-o tão claramente, como estou agora a ver o senhor.

«Julgando que o infeliz tivesse perdido os sentidos, apeei-me do carro para lhe prestar auxílio. O vulto continuava imóvel; mas, à medida que eu avançava, parecia desvanecer-se. E quando cheguei ao ponto onde o vira cair, o *homem não estava lá*. Nem por um momento eu desviara os olhos dêle. Eu era novo, vigoroso, tinha vista excelente e não bebera absolutamente nada.

«Completamente embaraçado, regressei ao meu carro. Para meu assombro, o cavalo, que era animal velho e fleumático, entrara numa crise de terror. Escancarava os olhos de mêdo, resfolegava ruïdosamente e cobria-o um banho de suor. Ao poisar-lhe a mão nas ancas, estremeceu violentamente. Só assim consegui que êle desse um passo. Fora dali, meteu a galope, fungando a cada momento.

«Meia milha andada, encontrei uma casa, detive o cavalo e, sem dar sinais de preocupação, informei-me acêrca do sítio onde encontrara o muro de pedra. A mulher a quem me dirigi, olhou-me com curiosidade:

«— Oh, êsse sítio! — disse ela —. Ninguém gosta de passar por ali. A casa ardeu até aos alicerces, aqui há uns anos. Foi onde mataram umas pessoas... ¿Vossemecê viu qualquer coisa, não? Há quem tenha visto coisas por ali...

«E aqui tem o senhor a história, aliás corroborada pela afirmação da mulher: que outros já por ali tinham visto fantasmas... ¿E o susto do cavalo, não deve significar qualquer coisa? Penso às vezes que os animais devem ter um sexto sentido... ¿O sr. acredita no que acabo de lhe contar?»...

Afirmei-lhe que acreditava plenamente, pois estava convencido da existência dum mundo invisível, cujos habitantes podem, por vezes, tornar-se-nos visíveis...

* * *

Ouvimos dizer com freqüência que os animais têm um sexto sentido, por intermédio do qual apercebem o que muita gente recusa acreditar, apodando-o de mero fruto da imaginação ou da superstição. Uma das cartas que recebi contava-me a história do singular comportamento de certo cão.

«Tínhamos uma cadela de raça *Setter*, chamada Marcela — dizia a correspondente —, a qual nutria verdadeira adoração por meu marido. Êste saía de casa freqüentemente, em viagens de negócio, e, durante as ausências dêle, a cadela dormia no meu quarto, deitada

havia lugar para o nascimento de Jesus, se transformaram pela humildade naquela mangedoira, que o amor engenhoso da mais pura e Santa de tôdas as mães, converteu no bêrço do Redentor do Mundo.

no chão. Uma noite — estava meu marido ausente —, despertei aos grunhidos de Marcela. Acendi a luz, receando que algum gatuno andasse dentro de casa. A cadela estava tôda eriçada e dava grunhidos estranhos, profundos, roucos... Depois, começou a uivar lugubremente e foi refugiar-se no meu quarto de vestir, onde ficou a chorar e a ganir. Desci ao rés-do-chão, onde tudo estava sossegado, portas e janelas trancadas. Meus dois filhos dormiam serenamente.

«Daí a uma hora, recebia um telefonema em que me informavam que meu marido morrera num acidente de automóvel. Estou convencida de que Marcela viu o acidente ou viu meu marido...»

* * *

Outro caso me foi narrado, em carta de Connecticut:

«Certa noite, a mulher de meu irmão e sua filhinha de três anos e meio estavam sós, as duas, no seu quarto, muito iluminado. A pequenita dizia as suas orações, ajoelhada junto à cama, enquanto a mãe, de pé ao lado dela, escutava atentamente. Súbito, esta última teve a sensação de que alguém tinha entrado no quarto. Mas não viu ninguém e não disse palavra do que sentira.

«Ao acabar de rezar, a pequenita ergueu os olhos para a mãe e disse:

— «Mamã: ¿quem é êsse velho que está a seu lado?

«E a descrição que deu da visão correspondia perfeitamente ao avô, a quem nunca vira, pois vivia na Suécia.

«A primeira carta a chegar da Suécia, trazia notícia do falecimento do ancião, naquela mesma noite em que a menina o vira, ao dizer as suas preces...»

* * *

E agora êste caso, bem fora do comum, que me contam em carta do Ilinóis:

«Quando meu irmão estava em Richmond, na Virgínia, a estudar para padre, minha mãe e minha irmã foram para lá a viver com êle. Alugaram uma vasta casa antiga, extravagante. Durante os dois anos que ali viveram, minha mãe teve repetidas e freqüentes vezes a visão de um oficial do exército confederado (os confederados eram os sudistas, durante a Guerra Civil), que mostrava uma banda de crepe na manga esquerda.

«Mamã falou aos dois filhos a respeito dessa visão, mas êles fizeram mangação dela por causa do fantasma. Mais tarde, como eu fôsse ouvinte indulgente, contou-me também o caso. Disse-me que um dia, fatigada de ver o silencioso visitante, se lhe dirigira, como a um ser vivo, nestes termos:

— «¡Ora, só queria que me dissesse porque me anda a maçar! Tomara que você se fôsse embora e me deixasse em paz.

«O fantasma fitou-a, abanando tristemente a cabeça, evolou-se através da sala do jantar... e nunca mais voltou.

«Meses depois, num museu ou galeria de arte, estava minha mãe a folhear um catálogo, quando alguma coisa lhe chamou a atenção:

— ¡Olhe aqui, se isto não é o retrato do seu fantasma!

«A descrição que mamã fizera do seu visitante era tão minuciosa e clara, que minha irmã o reconheceu imediatamente. ¡E lá estava, como no fantasma real, uma faixa de crepe na manga esquerda! O catálogo dizia que o militar da gravura era o Dr. Hunter Holmes Mc Guire.

«Nesse mesmo dia, à mesa do almôço, relatam o incidente a uma amiga, que lhes diz:

— ¿Então, não sabem quem foi o Dr. McGuire?...

«Mamã confessou que nunca vira o retrato dêle, nem mesmo ouvira falar.

— «Pois bem, McGuire foi cirurgião no exército confederado. Assistiu a Stonewall Jackson, quando êste foi mortalmente ferido. Aquela faixa de crepe está ali a encobrir uma nódoa de sangue de Jackson. Como os oficiais tinham de se apresentar com o uniforme impecavelmente limpo, McGuire disfarçou a nódoa de sangue do seu querido general, cobrindo-a com o crepe. A casa em que a senhora mora foi construída pelo Dr. McGuire, que lá viveu...»

* * *

Não tenho provas que ofereça em abôno de qualquer dessas histórias de sombras, mas conheço algumas das pessoas que as referiram e tenho-as por dignas da maior confiança. Nos outros casos, só posso dizer que o tom das narrativas oferece, sem dúvida, uma nota de autenticidade.

¿Seria razoável, — pregunto agora— taxar de espúrias semelhantes ocorrências, sòmente porque não podemos prová-las por qualquer dos meios normais de que dispomos?...

A cooperação valoriza as economias do trabalhador

pelo Coronel Faure da Rosa

I

COMO o material e o espiritual são interdependentes, procuremos ajustar as duas partes o melhor possível.

O corpo físico é o instrumento de que o espírito se serve para a objectivação. É, pois, indispensável que cuidemos das necessidades somáticas, para mais fàcilmente nos assegurarmos da supremacia do espírito.

¿Como aproveitar eficazmente as economias do Trabalho?

Há várias maneiras de ajuntar dinheiro: o clássico mealheiro, a Caixa Económica, as Casas Bancárias. E como ouro é o que ouro vale, duas maneiras há, essenciais, de auferir benefícios de vulto com pequeno dispêndio: pertencer a Sociedades de Socorros Mútuos e a Sociedades Cooperativas, especialmente às de consumo. Ao passo que as Caixas Económicas e Casas Bancárias, escassamente remuneram, em dinheiro, as economias arrecadadas, o Mutualismo e o Cooperativismo retribuem-nas em actos de solidariedade, em obras sociais, em consideráveis melhorias de saúde e de nível de vida.

O mealheiro representa a acumulação de dinheiro sem rendimento e sem aplicação; é, portanto, um capital estagnado. As Caixas Económicas e as Casas Bancárias dão um juro insignificante. Só as Associações de Socorros Mútuos e as Cooperativas de Consumo se desentranham na distribuïção de vantagens pelos associados. Aquelas propõem-se atingir um ou mais dos seguintes fins: socorros em caso de doença; pensões de reforma; seguros individuais ou colectivos, no caso de sobrevivência, de morte ou de acidentes; ocorrer às despesas de funeral e conceder auxílios aos ascendentes, às viúvas ou viúvos e aos órfãos dos sócios falecidos.

A economia que um trabalhador faça de dez escudos por mês, por exemplo, sucessivamente depositados numa Caixa Económica ou Casa Bancária, pouco mais poderão render, no fim de um ano, do que 2$50, mesmo que o juro seja de 4 %. A mesma importância de dez escudos de cota mensal paga a uma Associação de Socorros Mútuos, dá direito, ao associado e à sua família, a tratamento médico e a enfermagem.

A economia individual da grande maioria dos trabalhadores é impotente para reparar os estragos que causam as doenças, os acidentes, a invalidez, a morte, a viúvez e a orfandade desamparadas. Mas, as pequenas economias de muitos, por modicíssimas que sejam, tornam-se suficientes para cobrir as maiores perdas da associação, que a união faz a fôrça.

Quer o risco seja incerto, como o da doença, quer certo, como o da morte, nós temos quási a certeza — salvo o caso de cataclismos, como a guerra e os terramotos — de que nenhum dêles há de ferir todos os associados ao mesmo tempo. Basta que cada um ponha de parte uma pequeníssima quantia para que o somatório da contribuïção de todos, chegue para acudir aos necessitados de auxílio. É esta uma das mais belas aplicações da solidariedade humana, e é, sem dúvida, uma manifestação de espiritualidade.

Países há em que vigoram a *mutualidade maternal* e a *mutualidade escolar:* aquela concede às mães uma pensão semanal, cujo filho esteja vivo durante as quatro semanas que se seguem ao parto, e por mais tempo ainda quando necessário; a *escolar* tem por fim criar nas crianças, desde tenra idade, o espírito de economia e de solidariedade.

As Sociedades Cooperativas de Consumo funcionam, também, como instrumentos de economia, e melhor até que qualquer outra organização porque suprimem o obstáculo que torna a economia penosa e que parece inerente a qualquer economia, que, em regra, exige abstenção ou privação.

Os víveres adquiridos pelo preço de revenda, são fornecidos a cada sócio pelo preço de venda a retalho, o lucro resultante é restituído

no fim do ano, a título de bónus, ou fica depositado em seu nome.

Suponhamos que a família dum trabalhador faz tôdas as suas compras na cooperativa, onde despende anualmente 1.200$00 (100$00 por mês). Suponhamos, ainda, que a cooperativa deu o lucro de 10 %; no fim do ano essa família realiza e economia de 120$00 sem *nada lhe ter custado*, entendendo-se que *nada lhe custou* porque não foi constrangida a reduzir o seu consumo habitual, fôsse no que fôsse.

Consumiu o que dantes consumia na mercearia, com a vantagem de ter géneros de melhor qualidade, quando não alcance também melhor pêso e medida. E apesar de nada ter alterado o seu hábito de consumo, terá economizado, e tanto mais economizará quanto mais consumir. Poderíamos até deduzir êste paradoxo engraçado: quanto mais se gasta mais se economiza.

Tudo leva a crer que a primeira e a mais natural das associações tenha sido a da família, que tem por base o instinto sexual e o instinto maternal.

A maioria dos sociólogos, porém, nega que assim tenha sido e procura demonstrar que a família só apareceu em um grau relativamente avançado da evolução social. Entendem estes sociólogos que foi a tribo o primeiro estádio da associação.

Seja como fôr, o que não oferece dúvida a ninguém, é que a família constitui a verdadeira célula da humanidade e representa — quanto a mim — aquilo que a vida terrena tem de melhor para nos oferecer.

O homem é um animal gregário; isto é, tem a tendência natural de buscar a companhia dos seus semelhantes: organiza-se em grupos, como os macacos, os castores e todos os animais — desde a minúscula formiga ao monumental elefante — excepto aqueles dos animais que fogem e se dispersam à simples vista do homem, como mêdo dêle, ou quando se sintam acossados pela caça.

Não é só para a luta que os homens se agrupam instintivamente: é, também, para o trabalho e para os divertimentos. O trabalho solitário entedia, e não menos aborrece o divertimento solitário — excepção feita para os homens que se entretêm a pescar à linha, que são capazes de estar um dia inteiro, silenciosos e macambúzios, sentados na margem dum rio, à espera que o peixe pique... Ainda hoje não compreendo êste género de divertimento.

A guerra e a conquista criaram uma forma de associação coercitiva que foi a escravatura. Entretanto, vista pelo lado mais favorável, a escravatura pode ser considerada como um simples alargamento da família primitiva, determinado por causas económicas, pela necessidade de constituir uma associação mais poderosa. Note-se que a palavra *família* compreendia os escravos, e o próprio escravo chamava-se *familiáris*.

De resto, não há que admirar que num tempo em que as próprias mulheres eram, muitas vezes, o fruto da conquista — como no rapto das Sabinas — a conquista servisse, também, para fazer ingressar na família trabalhadores estrangeiros. Não era raro que êstes estrangeiros se tornassem membros adoptivos da família.

Foi com uma associação cooperativa coerciva, desta natureza, que os homens, outrora, atrelados aos centos e movendo-se ao ritmo dum instrumento metálico percurtido por uma espécie de chefe de orquestra, — foi, assim, que se puderam levantar as Pirâmides do Egipto e se fizeram vogar galeras com três e quatro fiadas de remadores. ¿Quem não viu a célebre fita «O Barqueiro do Volga»?

A associação tornou-se menos coercitiva com o advento da *servidão*, pelo menos no que respeita às relações entre o senhor e o trabalhador. Mas, por outro lado, a associação, ou, melhor, a ligação entre o trabalhador e a terra ainda mais se apertou: como se sabe, a característica da servidão era a do servo estar ligado à terra—«servo da gleba» se chamava — e dela não se podia apartar.

De tôdas as associações humanas, as que hoje mais se impõem pelo seu valor social, económico e moral, são — penso eu — as de mutualidade, mais conhecidas sob a denominação de «Socorros Mútuos», e as associações de consumidores ou de cooperativismo.

Pode-se dizer, até, que as associações de socorros mútuos são o complemento das de cooperativismo. Ao passo que aquelas só cuidam do indivíduo e da família em circunstâncias anormais — doença, invalidez, velhice, orfandade, viüvez, morte — as associações de consumidores cuidam, permanentemente, das funções da vida vegetativa com o fornecimento de alimentos sádios e vestuário apropriado com o mínimo de despesa.

E se — como diz o povo — «mais vale prevenir que remediar, — parece razoável que, sem descurarmos o mutualismo, façamos todos os esforços para praticar o cooperativismo, que mutualismo também é.

A ordem social depende das qualidades

dos indivíduos. O progresso depende mais da acção das massas organizadas e instruídas do que, pròpriamente, das leis que os governos promulguem, por mais sábias e justas que sejam. É indispensável a acção de ambos — governos e governados — para que haja realizações úteis e perduráveis. O cooperativismo é a obra criadora dos indivíduos associados, cuja personalidade respeita e engrandece. O cooperativismo diz ao indivíduo que deve guiar-se por princípios morais e pacíficos; repudia a luta de classes, que não é um móbil de progresso; nega que tal luta seja um princípio soberano.

Ao contrário do que acontece com outras organizações, a luta de classes não existe no cooperativismo: operários, aldeões e burgueses, igualmente participam do cooperativismo. Todos aquêles que o desejem podem, livremente, fazer parte de cooperativas de consumo e de crédito. Era freqüente, dantes, encontrar nas cooperativas dos países nórdicos, e até na Bélgica e na Inglaterra, o aldeão ao lado do operário e o intelectual junto do industrial. É que numa sociedade cooperativa de consumo todos estão ligados pelo interêsse comum de consumidores.

O cooperativismo não admite que a sociedade possa ser transformada sùbitamente, como, por exemplo, se pode reconstruir uma cidade após um tremor de terra. O cooperativismo não crê na possibilidade da transformação brusca da humanidade, sujeita, como está, à lei natural da evolução. E a evolução é lenta, desesperadamente vagarosa para quem sinta excessiva pressa de chegar. Mas, jàmais o viajante conseguiu atingir o términus da viagem antes do tempo necessário para a vencer, por mais apressado que estivesse, por maior que fôsse a sua impaciência.

¡Que longa caminhada a da evolução, desde a escravatura primitiva até aos sindicatos dos trabalhadores!

Na evolução social, a Natureza não dispensa o nosso concurso: é necessário que a ajudemos se quisermos que elas nos ajude. É por isso que o cooperativismo cuida, insistentemente, da educação das massas populares, ao mesmo tempo que lhes transforma, radicalmente, a ordem económica. A missão do cooperativismo é, pois, reorganizar a sociedade, gradualmente, por meio da concorrência com o capitalismo e com o capital particular. O cooperador sabe, ou deve saber, que tem direitos e deveres, que a cada direito corresponde um dever e que, muitas vezes, a solidariedade, o bem da colectividade, exige o sacrifício individual.

Na opinião dum cooperativista alemão — Roberto Schloesser — o problema económico dos operários e empregados resolve-se dando-lhes participação nos lucros das emprêsas em que trabalham.

¿ Qual é, porém, o caminho que devemos preferir para atingir êsse objectivo?...

¿ A via política ?...

Os exemplos conhecidos são a demonstração de que semelhante luta é contraproducente. Preconiza o sistema de organizações associativas que dêem aos trabalhadores a participação nos lucros, tanto mais que a evolução da organizações tem a vantagem de poder corrigir-se a si própria.

São três os meios de que dispõem os operários e empregados para alcançarem o seu objectivo: *1.º o trabalho; 2.º a economia; 3.º o poder de compra.*

Escusado é lembrar que sem *trabalho* não há nem *economia* nem poder de *compra.*

O trabalho organizado em sindicato, é capaz de assegurar, em primeiro lugar, salários relativamente mais elevados e, depois, obter melhores condições de trabalho.

Isso é muito importante, sem dúvida, mas não basta para atingir a almejada co-propriedade nos negócios.

O trabalho não é mais que um remédio ou um meio indirecto para se chegar à co-propriedade.

Numerosas experiências se têm feito de participação directa nos negócios: raras deram bom resultado.

É muito difícil, ùnicamente com o poder do trabalho, fazer prosperar uma fábrica; mas abrir primeiramente um armazém e depois construir e fazer laborar a fábrica, é muitíssimo menos difícil.

A *economia* é o segundo meio de que dispõem os trabalhadores. Todos sabem que o homem despende muito mais dinheiro do que aquêle que pode poupar. Êste motivo é já por si bastante para que a economia dependa — além da remuneração que couber ao trabalho — do uso que se fizer do *poder de compra,* terceiro meio à disposição dos trabalhadores.

A idéia de cooperação implica a de economia.

Se eu compro na cooperativa é porque é meu propósito poupar. Se no fim do ano tiver qualquer bonus, virá a pertencer-me determinada importância que eu poderei levantar ou levar a crédito da minha conta. O princí-

FÁBULA ESPIRITA

de «Sir» Oliver Lodge

SIR Oliver Lodge, célebre naturalista inglês e grande espiritista, durante uma conferência em que prègava as suas convicções filosóficas, querendo pôr em evidência o valor da prece, como acto oculto e fonte de energia, desejo insopitável de ascensão, condições que o Espiritismo exige que a oração preencha, recorreu ao expressivo símil de uma ficção imaginativa, que a seguir se parafraseia, tirando a moralidade que se lhe ajusta.

Dois sapos cairam juntos dentro de um grande pote cheio de nata. Em virtude da superfície interna dessa vasilha ser lisa e estar muito escorregadia, não mais puderam sair dela.

Um dos sapos, sem fé, não sabendo que a vida era eterna e que a cada um será dado pelas suas obras, transido de mêdo da morte e cheio de pavor do oculto, depois de violentos, desordenados e extenuantes movimentos e saltos, abandonou quaisquer tentativas de salvação, e submergiu-se, afogando-se.

O outro, porém, disse de si para si:

— Nadarei enquanto puder; lutarei para que os céus me ajudem.

E pôs-se a nadar, metódica e ininterruptamente.

À fôrça de se movimentar, sentiu, pouco a pouco, que ia tomando pé, até que, finalmente, pelo aumento de densidade da nata, pôde descansar, còmodamente instalado sôbre um pedaço de manteiga, produzido pelos seus próprios esforços.

As leis a que o primeiro deveria a morte e o segundo a salvação, eram-lhes inteiramente desconhecidas, tal como acontece aos homens, que se encontram quási sempre em condições semelhantes às dêles. Eis porque se admite o milagre, a superstição e a acção miraculosa dos rituais religiosos, que apenas servem para educar o sentimento.

É sempre preciso agir, com deliberação resoluta e fé ardente para que se consiga efectivar alguma coisa de proveitoso, embora impròpriamente, ao resultado obtido, possa denominar-se de milagre, mas que é tão só o produto normal da efectivação de leis superiores, ainda desconhecidas dos que delas se valem.

Os animais acreditam mais em milagres, que os homens. O gato, quando encontra a porta fechada, mia sem cessar, até que ela se abra. Reconhece a própria impotência, mas sabe que, agindo, vencerá. Assim fazem os chamados irracionais, quando precisam de protecção.

Os homens de grande evolução, mesmo no desconhecimento de certas leis especiais, guiam-se pelos princípios gerais e, iluminadamente, não acreditam no sobrenatural, mas oram, para entrar em comunicação com a Natureza, haurindo dela os elementos de que necessitam para vencer. A vontade deliberada de subir, dá-lhes o ensejo de receber auxílio ou a fôrça motriz necessária para a efectivação do fenómeno que se querem proporcionar, ou do bem de que precisam.

Do mesmo modo que o homem abre a porta para o gato e protege ou alcança a ração aos outros irmãos inferiores, certos sêres inteligentes superiores ao homem e que estejam para êste, como êle está para aquêles, abrem-lhe as portas, quando bate, e dão-lhe, quando pede.

---

pio de distribuïção de bonus permite que muitos associados abram conta-corrente na Caixa Económica Cooperativa e, ao mesmo tempo, torna-se o traço de união entre a economia e a solvabilidade.

O *poder de compra* é, para a criação das participações nos negócios, duma importância tão grande que ultrapassa, e muito, aquela que o trabalho e a economia, juntos, podem dar-lhe. As cooperativas apoderam-se, por assim dizer, do dinheiro que o operário e o empregado despendem — sem reflectirem, muitas vezes — ùnicamente para satisfazerem as suas necessidades. O *poder de compra*, isto é a capacidade de compra dos trabalhadores reünidos pela cooperação, constitui uma potência poderosa de que, por seu turno, virão a dispôr as cooperativas, cuja acção, de começo, deve basear-se nas primeiras necessidades dos associados.

A organização económica das necessidades dos cooperadores, estabelece um princípio bem ordenado na vida económica. É êste princípio ordenado que constitui, em contra-partida ao capitalismo, uma fôrça económica de primeira ordem.

As cooperativas de consumo baseando-se nas necessidades triviais dos associados, organizam, antes de mais nada, essas necessidades e só depois é que produzem.

O Centro Espiritualista Luz e Amor presta homenagem ao saüdoso General Passaláqua, grande vulto do Espiritismo em Portugal

O dia 28 de Novembro de 1943 foi de alegria para o Centro Espiritualista Luz e Amor.

A sr.ª D. Maria Veleda havia oferecido à Direcção uma bela fotografia do saüdoso general Passaláqua, fundador do Centro e seu primeiro presidente da Mesa da Assembléia Geral e logo surgiu a idéia duma pequena sessão solene para descerramento da efígie de quem foi um dos maiores propangandistas do Espiritismo em Portugal.

Constituída a Mesa, a que presidiu o nosso companheiro Isidoro Duarte Santos, secretariado pelas senhoras D. Alice Aleixo e D. Beatriz de Barros e Sousa Amaral, imediatamente se iniciaram os trabalhos, abertos por aquêle irmão que em breves palavras expôs o objectivo da Direcção ao reünir ali os nossos associados, e que era prestar homenagem a um dos fundadores do Centro que muito contribuira para o engrandecimento da Doutrina Espirita, através de conferências e artigos de jornal.

Em seguida, foi descerrada a fotografia. Nêste momento, tôda a assistência se ergeu respeitosamente, mantendo-se de pé durante dois minutos, em concentração pelo homenageado.

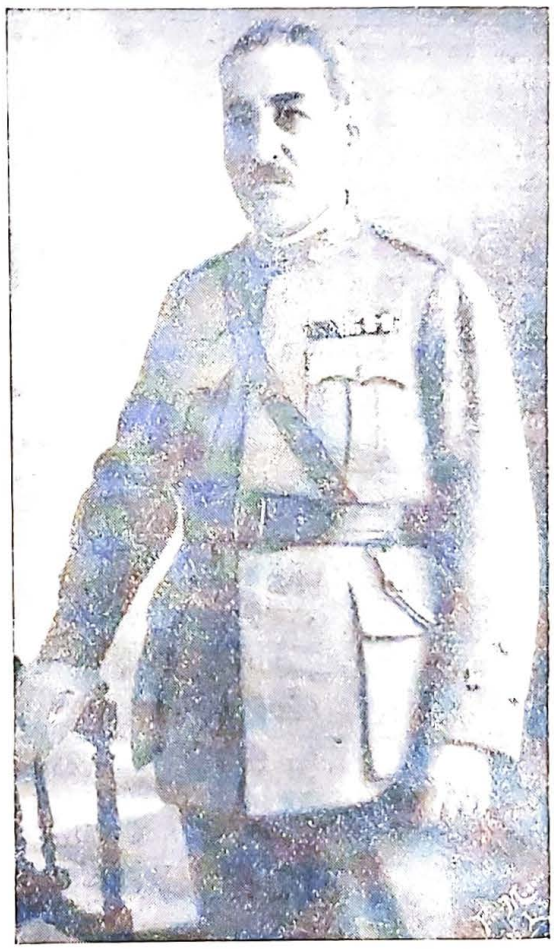
Entrando-se na ordem dos trabalhos, foi dada a palavra ao sr. Pedro da Franca, que, a pedido de sua avó D. Maria Veleda, leu uma bela alocução desta senhora, pondo em relêvo o carácter e a bondade do general Passaláqua.

Eis alguns passos dessa oração:

«Prestar homenagem à memória de Alguém que se devotou pela causa, cujo desenvolvimento e propaganda nos interessa, representa um dever de solidariedade e gratidão. O general Viriato Zeferino Passaláqua é um daquêles que o bom e consciente espirita não deverá esquecer. Por isso, a inauguração do seu retrato no Centro Espiritualista Luz e Amor deverá considerar-se, *mais do que uma homenagem,* um tributo de gratidão por quem lhe dedicou os mais escolhidos afectos do seu coração.

«Haverá quem ignore que a primeira sessão levada a efeito no Centro foi presidida por êle e que, desde então, o seu devotamento pela idéia em marcha não sofreu um só instante de *tibieza* ou de fadiga. Escrevendo, discursando, dirigindo trabalhos de qualquer natureza que com o Centro se relacionassem, o *Pai General,* como nós lhe chamávamos, mostrou-se sempre incansável e dedicadíssimo.

«Como polemista, a sua acção tornou-se preciosa. Sem recorrer a extremos de linguagem daquêles que brigam tanto com a pureza dos sentimentos, como com as exigências da boa educação, o general Passaláqua encontrava sempre o argumento irrespondível que reduzia a silêncio os seus adversários.



GENERAL VIRIATO ZEFERINO PASSALÁQUA

«Era de sensibilidade pouco vulgar e muitas vezes o vi desfazer-se em pranto ante o sofrimento dos que se lhe aproximavam, na ânsia de um confôrto que êle nunca regateou.

«Foi o melhor director de sessões que ainda encontrei.

«Havia uma faceta do seu carácter que se tornou pouco conhecida no meio espirita, onde, geral-

N.º 3 - Jan.º/44

mente, só se presta atenção aos fenómenos que se prendem com a própria evolução. Era o seu interêsse pela Mulher-Mãe, pela mulher cujo maior título de glória consiste em saber substituir o pai junto dos seus filhos. O *feminismo* do *Pai General* era feito de um respeito, de uma consideração, de uma adoração pela causa da Mulher, que muitos não saberiam compreender, por deficiência de sentimento e de educação».

«Foi no Congresso Espirita que a sua inteligência e o seu espírito de sacrifício se evidenciaram pela última vez. Defendendo as teses «Espiritualismo e Espiritismo» e «Loucura espirita ou seja obsessão», teria morrido no seu pôsto se, logo após, não tivessem surgido deploráveis acontecimentos que não quero neste momento recordar — tanto mais que o meu ardente desejo consiste em ver a família espirita reünida na mesma aspiração de aperfeiçoamento colectivo».

«O verdadeiro Espiritismo tem como principal objectivo a aproximação de tôdas as criaturas entre si, por forma a que *tôdas*, subordinadas à suprema lei do Amor, transformem a *Vida-Sofrimento* na *Vida-Redenção* — a *Vida de Amanhã*. E porque assim é, e porque o exemplo deixado pelo general Passaláqua pertence ao número dos que não devem jàmais esquecer, eu faço votos por que, sempre que fixardes o sue retrato, seja com o propósito de caminhar no mesmo trilho que êle calcou, tendo como princípio básico de tôda a acção aquêle sublime conselho evangélico que os homens desprezam em seus desvairos e que deveria trazer-se sempre no pensamento e no coração: *Amai-vos uns aos outros!*».

O nosso confrade João José Alves falou da acção do homenageado na unificação de esforços no sentido de fazer surgir a Federação Espirita Portuguesa. Como seu companheiro de lides, ali estava a render-lhe preito de admiração e de saüdade.

Depois, levantou-se o confrade Eduardo Fernandes de Matos, que enalteceu as qualidades do general Passaláqua e pediu a todos que o soubessem imitar em dedicação e interêsse pela Causa.

Seguiu-se o secretário da Direcção, sr. Estêvão Rodrigues, que leu uma bem articulada exposição ácêrca da vida e obra do grande pioneiro e que deixou nos ouvintes a melhor impresão.

Por último, ergueu-se o presidente da Mesa para agradecer a todos aquêles que ali vieram trazer palavras de homenagem a quem tão alto soubera erguer a bandeira branca do Espíritismo, num momento em que tão difícil era difundir a nossa ideologia.

O general Passaláqua — acrescentou — realizou uma obra que está na memória de todos e que deve e tem de ser continuada. Para isso é que o Centro E. Luz e Amor abriu de novo as suas portas e prossegue na boa sementeira, por meio de conferências e através da revista *Estudos Psiquicos*, sentinela vigilante que a todos os leitores leva palavras de vida. Êle sabe que a nossa obra é a continuação da sua e que tudo faremos por respeitar e prestigiar a sua memória.

O orador enalteceu também a figura veneranda da sr.ª D. Maria Veleda, a cujo talento e operosidade muito deve o Espiritismo.

Terminando, afirmou a necessidade de nos congregarmos, demonstrando a nossa fé e pondo em acção as nossas energias, para que êste Centro se desentranhe em obras dignas daquêle que se homenageia.

E assim terminou a pequena sessão que deixou nos assistentes a melhor das impressões. Doravante, o retrato do general Passaláqua servir-nos-á de incentivo e será para nós uma legenda de trabalho perseverante.

SESSÕES DE ESTUDO

Porque os ensinamentos de Kardec estão sendo esquecidos ou desvirtuados, é que achamos oportuno trazer à balha o assunto. Queremos referir-nos ao desequilíbrio e falta de método com que se pratica o Espiritismo em certos meios, usando e abusando da sessão mal orientada, cujas conseqüências não podem deixar de influir na saúde dos médiuns, entregues em mãos de directores inexperientes.

As sessões práticas implicam a existência de dirigentes idóneos, com conhecimento profundo da Doutrina. Quem não estiver nessas condições, só fará obra destrutiva, ao cultivar o intercâmbio com os desencarnados.

Quando a curiosidade é o móvel que impele o pseudo-investigador, não há senso-comum que o detenha na carreira vertiginosa. E a sessão é feita de manhã, à noite, a tôda a hora, desde que o médium esteja ao dispor, partilhando da mesma curiosidade.

Ninguém poderá atribuir ao Espiritismo os prejuízos causados em tais grupos, que melhor fariam organizando *scssões de estudo*, absolutamente necessárias para evitar perturbações contingentes, sempre desastrosas e deploráveis.

Conhecemos alguns indivíduos que, mal sentiram faculdades mediúnicas, desataram a *praticar* sem tom, nem som. E o resultado foi terem de recorrer à terapêutica magnética para conseguir a normalização dos sentidos.

Portanto, a verdade é esta: as *sessões práticas* devem substituir-se por *sessões de estudo*, só se abalançando a elas quem tiver sólidos conhecimentos magnéticos e doutrinários.

FRATERNIDADE ESPIRITUAL

por J. Gonçalves Losa

III

A fraternidade perante as leis da involução e da evolução, da reencarnação e do Karma.

NÓS, espiritualistas, que vamos tendo alguns conhecimentos àcêrca das leis da Involução, da Evolução, da Reencarnação e do Karma, temos o imperioso dever de sermos fraternais.

Não devemos admirar-nos de que os materialistas sejam egoístas e personalistas, visto estarem convencidos de que tudo acaba com a morte do corpo físico e, portanto, podem pensar: cada um arranje-se como puder. Dizem êles muitas vezes: «o gôzo é a única vantagem que se tira da vida e esta vida são dois dias». No entanto, temos de confessar que há muitos materialistas mais fraternais do que alguns espiritualistas. É que talvez não sejam inteiramente materialistas... Recordo-me de haver lido num jornal esta notícia: Em um país que não preciso de citar preguntaram a um estudante se era religioso e o estudante, talvez inadevertidamente, respondeu: — «Eu, graças a Deus, sou ateu». É que ateus e materialistas sempre vão admitindo a existência de alguém que criou e dirige o Universo.

Sabemos e cremos que já habitamos há muito tempo o Plano Astral, que já passámos pelo reino mineral, vegetal e animal, que habitámos a selva durante muitíssimos séculos ou muitas vezes durante diversos séculos, como sucede hoje aos mais rudimentares selvagens e que já fomos muito mais selvagens do que êles, que naturalmente já fomos grandes criminosos, miseráveis da pior espécie, mendigos, imbecis e enfim, naturalmente já pertencemos à pior escória da sociedade, já tivemos muitas doenças, já passámos muita fome e necessidades de tôda a espécie. Sabemos e cremos que já tivemos muitas existências físicas e havemos de ter muitas mais, que já estivemos nos países mais longínquos e em diversos mundos que talvez já não existam, e muitos de nós teremos talvez de ir habitar em outros que, possìvelmente, ainda não têm existência, que já pertencemos às várias religiões que existem ou existiram no passado e que pertenceremos às que ainda não foram criadas. Sabemos que, em face das leis da Reencarnação e do Karma, de tudo quanto fizemos de bom ou de mau havemos de colher os seus frutos, e nos vamos apercebendo de que o santo de hoje foi talvez um grande criminoso no passado, que aquêle que hoje é um sábio já foi ignorante, que aquêle que hoje constitui a nossa admiração por ser um génio, quer nas artes, quer na música, na ciência ou nas letras, na política ou na filosofia, já foi imbecil.

Sabemos que o criminoso de hoje será um homem honestíssimo e até um grande santo no futuro, o imbecil chegará a ser um sábio, aquêles que hoje são propagadores e fomentadores da guerra que assola o mundo serão em tempos vindouros grandes e sinceros defensores da Paz. Enfim, vamos compreendendo que o mundo em que vivemos é uma Escola onde devíamos aprender tudo quanto nos é necessário para podermos trilhar o longo caminho que nos há-de conduzir à perfeição; que cada existência é apenas um dia da escola que há tanto tempo freqüentamos e temos de freqüentar; que quem vai pouco a pouco adquirindo uma parcela de conhecimentos destas sublimes leis da Natureza, precisa de cultivar em suas almas a grande virtude da Fraternidade.

Posto isto, como devemos proceder?

Seguir os ensinamentos de Jesus, estudando e meditando o seu Evangelho, pois êle constitue um verdadeiro tesouro para quem quiser seguir o seu exemplo. Mas é preciso que o estudemos em espírito e verdade e não o tomemos à letra, como geralmente acontece. É também muito de aconselhar que leiamos e meditemos diàriamente os interessantes ensinamentos que nos são dados no pequeno livrinho intitulado «Aos Pées do Mestre» de Krisnamurti, afim de aperfeiçoarmos o nosso carácter, corrigindo os defeitos e fortalecendo as virtudes.

Procuremos ajudar os fracos, consolar os tristes, guiar os desencaminhados, mas façamos tudo de modo que não magoemos ninguém.

Procuremos pela irradiação do nosso pensamento, pela prece diária e, sobretudo, pelo bom exemplo, transformar os nossos inimigos em verdadeiros e leais amigos.

O verdadeiro espiritualista não deve ter inimigos; o seu dever é transformar o inimigo em amigo,

RESUMO DA DOUTRINA ESPIRITA (*)

pelo Dr. Gustave Geley

Tradução de I. D. S.

II

A Alma

DE acôrdo com as teorias modernas da Psicologia, a doutrina espirita considera a personalidade pensante, não como entidade simples, mas, ao contrário, como síntese muito completa (1).

Esta síntese compreende numerosos elementos, que podem agrupar-se em duas categorias:

1.ª — Elementos adquiridos nas encarnações anteriores.
2.ª — Elementos adquiridos na actual encarnação.

Os elementos adquiridos nas encarnações anteriores são os seguintes:

A) «A lembrança das personalidades passadas» e o conhecimento de todos os factos importantes das existências sucessivas.

Estes elementos não estão na consciência normal. Aparentemente esquecidos, são conservados na íntegra pelo perispírito.

B) «A consciência total», isto é, o produto dos progressos realizados desde o começo da evolução.

A parte essencial da *individualidade* é que constitui o seu verdadeiro grau de avanço e aperfeiçoamento, o *eu real,* que a personalidade actual mais ou menos oculta e que as novas encarnações dissimulam momentâneamente, por virtude dos elementos que levam consigo.

Os elementos adquiridos na actual encarnação são provenientes:

A) Da herança.

A herança é dupla: *física* e *psíquica.*

A herança física é evidente e muito importante, embora dela dependa em parte o bom estado do instrumento orgânico.

A herança psíquica é, provavelmente, uma ilusão. É indirecta e resulta da conformidade do cérebro, análogo, materialmente, ao dos pais.

Por outro lado, vê-se que não há qualquer assimilação possível entre a herança física, quási sempre muito clara e terminante, e a herança intelectual e moral, quási sempre ausente em absoluto.

B) Das condições materiais.

Não há necessidade de insistir aqui

(*) Ver «Estudos Psíquicos» de Novembro e Dezembro.

(1) Ver Janet: «Automatismo Psicológico»

---

o ódio em amor, pondo em ordem a desordem, concorrendo, enfim, para a harmonia universal.

Devemos defender os perseguidos, consolar e encorajar os torturados e acender as lâmpadas da esperança e da confiança em si próprios àquêles que, pela sua descrença e pelo seu desânimo, se julgam incapazes de alcançar o êxito na vida.

Devemos visitar os enfermos e encarcerados, pois é nessas ocasiões que lhes podemos dar uma prova da nossa amizade, atraindo a simpatia dos nossos próprios inimigos.

Devemos ser humildes, combater o orgulho, o personalismo e as más tendências que tanto retardam a nossa evolução. Devemos levar uma vida activa e útil em benefício do nosso semelhante, pois só por meio do bom exemplo podemos convencer aquêles que nos rodeiam.

De pouco ou nada vale pertencermos a esta ou àquela religião, a esta ou àquela sociedade espiritualista, irmos ao domingo à missa, à confissão na quaresma, assistirmos às diversas sessões ou ouvirmos muitos sermões e belas conferências, se não corrigirmos os nossos defeitos. Pelo contrário, o mau exemplo prejudica a ideologia a que pertencemos e afasta aquêles que pensavam em seguir a nossa crença.

Imitemos os missionários que em todos os tempos levaram as doutrinas cristãs às regiões mais longínquas e aos povos mais selvagens; imitemos as Irmãs da Caridade que, com verdadeiro espírito de sacrifício, levam uma vida inteira a praticar a caridade. tratando dos enfermos. Mas aproveitemos as suas boas qualidades e não o seu fanatismo e os seus erros.

àcêrca da imensa importância que têm as condições materiais para o exercício das nossas faculdades. O meio ambiente (riqueza, miséria, educação, exemplos, etc.) desempenha também papel importantíssimo no desenvolvimento da consciência.

C) Finalmente e sobretudo, as novas aquisições vêm dos nossos esforços, da experiência da vida diária, da luta pela vida, *das sensações e das emoções e do exercício da nossa liberdade moral.*

Tais são os elementos que constituem a personalidade pensante do ser encarnado, os quais, como se compreende, variam muito em cada indivíduo e são difìcilmente analisáveis. Assim, por exemplo, compreende-se que um organismo defeituoso possa impedir transitòriamente o progresso do ser, ou que um espírito relativamente inferior tenha faculdades brilhantes, pelo facto de possuir o organismo aperfeiçoado (1).

Pelo exposto, se vê claramente que a *consciência normal do ser encarnado não constitui tôda a sua individualidade pensante.* De acôrdo com as teorias da ciência, a doutrina espirita admite que a síntese psíquica é muito mais extensa.

A alma compreende *parte consciente e parte inconsciente,* ou, melhor, *subconsciente.*

Esta última é, sem dúvida alguma, a mais importante.

Com efeito, admitindo a teoria das existências múltiplas, a parte subconsciente da alma compreenderia uma série infinita de recordações instantaneamente veladas, mas gravadas no perispírito. A parte subconsciente compreenderia então a consciência total, o *eu real,* produto de todos os progressos passados e *muito superior,* «nos seres aperfeiçoados (2)» ao *seu eu aparente.*

A consciência normal, pelo contrário, apenas compreende a noção duma inteligência mais ou menos vasta e de certas faculdades reveladas ao nascer, bem como o que se chama a personalidade actual e a memória dos primeiros factos da presente encarnação.

Os elementos da subconsciência podem ser postos em evidência *por certos estádios hipnóticos de médiuns ou simplemente patológicos.* Então o ser poderá manifestar-se numa das suas personalidades anteriores, ou mostrar faculdades e revelar conhecimentos absolutamente ignorados da sua consciência normal.

Vê-se, pois, de que modo a doutrina espirita explica claramente a complexidade do nosso ser pensante, a extensão da subconsciência e dos desdobramentos da personalidade, enigmas verdadeiramente insolúveis, se não se admitirem as existências anteriores (3).

A Desencarnação

Na morte, a alma, revestida pelo seu corpo astral, abandona o corpo material; e depois de um período de dúvidas, de dores, que variam em duração e intensidade, acaba por tomar conhecimento do seu novo estado.

¿E em que consiste êste novo estado?...

Apenas podemos fazer dêle uma ligeira idéia. Isto, por duas razões:

1.ª — Porque as condições da nossa vida material diferem tanto das da vida espiritual, que nos é quási impossível compreender esta última.

2.ª — Porque as contradições dos desencarnados neste ponto são freqüentemente contraditórias e confusas (depois veremos a razão dêste fenómeno). Com efeito, é muito raro e difícil obter informações dos espíritos elevados que abandonaram definitivamente a nossa humanidade inferior.

Eis o que, não obstante, julgamos saber:

O estádio de desencarnação constitui uma espécie de produto sintético dos diversos elementos das personalidades anteriores.

A diversidade cede o lugar à unidade.

Já não existem órgãos diversos e múltiplos, mas um organismo homogéneo, fluídico — o perispírito.

---

(1) Bom critério para apreciar o grau de elevação de um ser é comprovar a sua maior ou menor capacidade para compreender as idéias gerais. Por elas, poder-se-á julgar perfeitamente do nível intelectual do indivíduo.

(2) Mas só nos seres adiantados.

(3) Ver nos «Anais das Ciências Psíquicas», 1897, o notável estudo de M. Myers, intitulado: «Da Consciência Subliminal». O autor deduz que os fenómenos da subconsciência, tomados independentemente do Espiritismo «apoiam fortemente a hipótese duma alma preexistente e sobrevivente».

Veja-se também «A Morte e o seu Mistério», de Flammarion, e «A Reencarnação», de Delanne.

Também já não existem sentidos especiais, mas um sentido único que os condensa a todos e generalizado por tôda a superfície do perispírito.

Já não existem, enfim, diversas faculdades, mas uma só faculdade que as abraça a tôdas: é a *consciência,* mais ou menos extensa e mais ou menos livre.

Por último, já não existe mais que um fenómeno para as emoções, que permite compreender e apreciar mais ou menos a beleza e o bem.

Em resumo: o espírito desencarnado está provido de um organismo homogéneo, com um sentido único, e desfruta de extensão variável de consciência, de liberdade e de amor (o amor, bem entendido, no sentido amplo de *capacidade afectiva e emotiva).*

Por conseqüência, se compararmos as duas fases sucessivas da existência do ser, diremos:

A desencarnação é um processo de *síntese,* síntese orgânica e síntese psíquica. A encarnação é um processo de análise. *É a subdivisão da consciência em faculdades diversas e do sentido único em sentidos múltiplos para facilitar o seu exercício e conduzir ao seu desenvolvimento.*

Compreende-se que a situação dos desencarnados seja muito diferente, conforme a elevação de cada um.

Nos seres inferiores, o perispírito é muito grosseiro, muito material. O estádio psíquico é muito obscuro, porque a privação dos sentidos orgânicos equivale, para o ser, à semi-inconsciência.

A reencarnação é rápida; e é rápida, porque a alma quere, de novo, obrar livremente.

Nos animais superiores, no homem pouco evoluído, o perispírito não se encontra purificado. A consciência é vaga e pouco desenvolvida, as recordações são confusas e nebulosas. O desencarnado compreende mal ou não compreende absolutamente nada da sua nova situação.

Permanece no meio em que vivia e esforça-se em geral por cumprir todos os actos e os mesteres que executa no fim da sua existência. Mas depressa aumenta o obscurecimento da consciência: é que se opera a reencarnação.

Depois da morte e em grau mais elevado, o espírito terá já consciência extensa, bem como memória, recordação mais ou menos exacta dos aperfeiçoamentos futuros. A reencarnação será uma coisa até certo ponto livre e em todo o caso consciente (1).

Os seres relativamente evoluídos esforçar-se-ão, como é lógico, por reencarnar nas condições mais propícias ao seu futuro desenvolvimento. Auxiliados pelos conselhos dos espíritos superiores, terão, quanto possível, em conta tôdas as circunstâncias, saberão prever os trabalhos e as provas que os aguardam na nova reencarnação e tomarão firmes resoluções.

Nos desencarnados superiores, a consciência e a liberdade estão muito desenvolvidas. Conhecem o passado e o futuro, numa extensão infinita. Não havendo, para êles, obstáculos materiais, transportam-se com a rapidez de pensamento. Numa palavra, o seu perispírito quintessenciado torna-os resplandecentes.

Como não estão sujeitos a penosas reencarnações, podem continuar a elevar-se sucessivamente, indefinidamente, de progresso em progresso, nas sucessivas fases das existências superiores.

---

(1) É necessário que haja sempre assimilação possível, *pelo menos do ponto de vista orgânico,* entre a evolução do desencarnado e a dos seus futuros pais.

Lenda Oriental

Conta uma lenda oriental que um génio poderoso prometeu a uma donzela um presente de grande valor, se fôsse a um trigal e, procurando em todos os sentidos, colhesse a espiga maior e mais madura.

A donzela aceitou e cruzou o campo em tôdas as direcções. Por tôda a parte via espigas dignas de serem colhidas, mas continuava a procurar, esperando uma espiga maior e mais bela. Chegou, enfim, àquela parte do trigal em que as espigas eram menores e não se dignou colhê-las, regressando sem nenhuma.

Esta fabulazinha é a pintura fiel de muitos que caminham atrás duma coisa, suspirando por ela, mas não a atingindo nunca, porque regeitou as boas coisas que se lhe depararam no caminho e muito ao seu alcance. Quando a noite é escura e o sítio perigoso, vale mais uma lanterna na mão do que uma duzia de estrêlas.

O Espiritismo revelador da verdade

(No Amor, na Arte, na Ciência e na Filosofia)

por Haydi de Tebelen

III

UM dos aspectos interessantes do Espiritismo, é a mediunidade artística.

Há anos realizou-se em Paris, na Casa dos Espiritas, uma exposição bastante original, a respeito da qual transcrevo o seguinte relato:

«Entre os muitos trabalhos dêste género (pintura, escultura, gravura e desenho) mereceram-nos atenção os do médium Augustin Lesage, que pela originalidade nos dão a impressão de estarmos em presença de recordações persas ou hindus, trabalhadas em formas de pagodes fantásticos ou de rendas complicadas associando-se harmonicamente as tonalidades e a invenção decorativa que deixa o observador. O médium Lesage, conta-nos da seguinte forma a origem dos seus trabalhos:

— «Frequentei a escola primária de Saint-Pierre-les-Auchel, até aos 14 anos de idade, que foi quando a deixei definitivamente para me dedicar a trabalhar como mineiro.

«Foi em Janeiro de 1912 que espíritos de grande poder se manifestaram por mim, ordenando-me que pintasse e desenhasse, o que eu nunca havia feito. Não tendo nunca visto um tubo de tintas, manifestei a minha surprêsa ao espírito que tal me ordenava, em conseqüência de eu ignorar completamente a pintura.

«Não te preocupes com êsse detalhe insignificante, me foi respondido. Nós trabalharemos pela tua mão.

«Recebi então, por comunicação escrita, os nomes das côres e dos pincéis que me eram necessários, e comecei a pintar sob a influência dos artistas planetários, após o meu regresso da mina, completamente extenuado. Quando me encontrava sob a influência dos espíritos, a fadiga desaparecia-me completamente.

«Durante um ano consagrei-me inteiramente às *minhas* obras! Recebi sempre, por escrito, conselhos favoráveis para êstes trabalhos.

«Trabalhei sempre sem qualquer modêlo, o que era para mim de uma grande simplicidade, embora eu não fôsse senão a mão que executa, e não o cérebro que concebe. Posso trabalhar em presença do que quer que seja. Faço o que o ser humano não vê, apesar de que o artista pintor faz o que a natureza lhe apresenta à vista.

«Estou constantemente em relação com os nossos caros amigos do Espaço, que me fazem grandes revelações. Bem poucos homens compreenderão a alegria que sinto de viver com êstes espíritos, não materialmente, mas espiritualmente.

«Segundo indicações dos meus amigos do Espaço, estas obras representam antigas religiões do mais longínquo passado».

Nós conheceremos o enigma um dia. Poderemos entretanto, de momento, intitulá-las de «pintura nova».

«Soubemos ainda que os Espíritos inspiradores são de origem asiática, sendo um o inspirador dos temas arquitetónicos e o outro da parte decorativa.

«Os quadros de Lesage são feitos em tela e pintados a óleo com uma precisão e uma simetria que pasmam.

«Parece-nos mesmo que não há artistas capazes de imitarem com tanta diversidade os quadros do pintor-mineiro».

Ainda a respeito do pintor Lesage, «*Estudos Psíquicos*», n.º 19, refere-se à recente descoberta que êste artista fêz numa aldeia do Egito, onde encontrou num túmulo um «fresco» datando de há 3.500 anos, idêntico ao que o mesmo pintor executara pouco antes dessa viagem. Há a notar a declaração feita aos viajantes por um arqueólogo — que era impossível a qualquer artista executar a reprodução sem ver a obra.

A bela imagem do Nazareno que domina a sala das sessões do Centro Espiritualista Luz e Amor é também a reprodução dum desenho mediúnico, feito há anos em Paris.

* * *

O desenvolvimento do Espiritismo permitiu ao pintor Lesage que lhe fôsse apreciada a sua mediunidade artística. Outro tanto não lhe teria acontecido se êsse facto se tivesse produzido alguns anos atrás. Passaria por louco ou maníaco — pois que a ciência oficial — como já tive ocasião de assinalar — coloca em paralelo o génio e a loucura,

que muita vez não é nem mais nem menos que o fenómeno de mediunidade, ou de obcessão produzida por desencarnados que na terra foram artistas...

Diz a ciência oficial, pela pena autorizada do professor dr. J. Antunes Lopes Cardoso:

É mais freqüente ver indivíduos, que nunca manejaram pincéis, transformarem-se, ao fogo da loucura, em pintôres, do que pintores hábeis aperfeiçoarem-se na sua arte.

«O génio. sem o menor conhecimento técnico de arquitectura, depois de afectado de lipotimia, entregou-se à tarefa de construir com cartão e papel mastigado, templos e anfiteatros de um estilo tão grandioso e tão harmónico que excitaram a mais viva admiração.

«O rei maníaco Luiz da Baviera, foi o primeiro a compreender o génio de Wagner. A prodigalidade das suas despesas e a criação do teatro de Bayreut (uma das suas obras mais originais), são demasiadamente conhecidas; mas em compensação as melhores manifestações da sua inteligência quási são ignoradas.

«Três castelos, três palácios de uma beleza indiscutivel, levantaram-se como por encanto sob a sua direcção. Na construção, na ornamentação, a crítica mais severa e mais meticulosa não seria capaz de encontrar o mínimo motivo de reparo. Tudo ali é artìsticamente perfeito, desde a harmonia do conjunto até à mais pequena moldura de porta.

«Reüniu tudo o que de mais maravilhoso existia em Caserta, em Schoenbrunn, no Trianon, no Escurial, em Teharkos-Selo, em Campiégne, onde ficaram os vestígios do génio de Francisco I e de Carlos V, a grandeza de Carlos III, o esmero delicadíssimo de Maria Antonieta e o poder de Catarina II.

«Êle sosinho fêz, em dez anos, o que noutras épocas, vinte soberanos não foram capazes de fazer, pôsto que auxiliados pelo génio dos melhores e mais reputados artistas.

«Um feitio especialíssimo das manifestações artísticas dos alienados, é a mistura das inscrições e do desenho, e neste a abundância dos hieroglifos, evocando ao espírito a idéia das pinturas japonesas e indianas, as antigas pinturas murais dos Egípcios, — facto devido, talvez, à necessidade de auxiliar e reforçar a palavra ou o pincel, impotentes em exprimir, com a intensidade cubiçada, a violência e a persistência da idéia.

A música e a arte dramática nos doidos também tem apresentado manifestações artísticas, as mais curiosas.

Uma diversão no asilo de alienados de Montdevergues, contada na mesma obra pelo dr. J. A. Lopes Cardoso:

«Depois de um concêrto vocal, composto da música dos nossos melhores maestros, executada por alienados com um *ensemble* perfeito, os pensionistas representaram um dos encantadores provérbios de Teodoro Leclerc — «O conselheiro de uma mulher».

«Costumes, memória, réplica pronta e segura, sentimento, nada faltou.

«Acabada a peça, os artistas foram aplaudidos por mais de trezentas pessoas, intérpretes fiéis da satisfação geral».

«Assim se explica como entre os génios alienados, os grandes maestros abundam (Mozart, Lathe, Schumann, Beethoven, Donizetti, Haendel, Gluck, Petrella, Pergolese, Hoffman, etc., etc.), porque a criação musical é a mais subjectiva, a mais ligada às sensações afectivas, a que tem menos relações com o mundo externo, entre tôdas as manifestações do pensamento, o que lhe torna mais necessárias as fortes, mas exgotantes comoções da inspiração.»

J. J. Rousseau era manifestamente alienado e Chateaubriand foi muitas vezes atormentado por disposições melancólicas e por idéias suïcidas».

Daqui se conclui que, para os mestres das Faculdades, os mediuns, os génios e os doidos são todos degenerados e anormais.

O Espiritismo científico já hoje derrama a sua luz benéfica, esclarecendo devidamente estes fenómenos: curando os obsediados, a quem acusam de loucos incuráveis, e reconhecendo a mediunidade artística como uma dádiva do Criador para provar a existência dos habitantes do Espaço e o seu poder, e apreciando devidamente o verdadeiro génio.

* * *

Nas artes subjectivas — Música, Dança, Poesia, Literatura e Arte Dramática — igualmente se afirma a crença na imortalidade da alma.

Para mim, a música é a arte divina, porque nela há arquitectura, pintura, escultura, poesia e amor-adoração.

O Père-Gatry, falando da música, disse: — «A verdadeira música é irmã da Oração e da Poesia».

É essa música que nos arrasta a alma para uma profundidade sem limites, em que vibra tôda a nossa sensibilidade e entramos no êxtase. Nêsse momento, o nosso espírito recebe a percepção duma vida sobrenatural, e toca no Infinito em que mergulha, esquecendo-se da realidade terrena.

A música é o mais belo símbolo da imortalidade da alma. Ela traduz melhor do que qualquer outra arte as nossas emoções amorosas, intelectuais e espirituais.

Belizini, Donizetti, Verdi, Gluck, Weber, Mendelsshon, Mozart, Schumann, Schubert, Lizt, Gounot e Beethoven, escreveram poemas nessa divina linguagem. Êste último compositor legou à humanidade as suas nove sinfonias, que são o mais notável conjunto musical em que a nossa alma é magistralmente traduzida.

O facto de Beethoven compor depois de ter ensurdecido prova a sua mediunidade artística, Êle possuía a intuição íntima e profunda da música, que lhe permitia ouvir a música do Alem.

Ricardo Wagner traduziu na música a metafísica mais transcendente que tenhamos imaginado. Há quem lhe chame o Leonardo de Vinci do século XIX. A sua música possui tôdas as modalidades emocionais e intelectuais. É equilibrada e harmónica; os seus vôos transcendentais levam-nos para Deus. Por isso a sua obra é ainda pouco compreendida; parece confusa como tudo que procura exprimir o inexprimível.

* * *

A Arte, como a Ciência, saíram da pureza dos antigos santuários.

É assim que a Dança ainda hoje no Oriente faz parte do culto sagrado, juntamente com a música em magníficos ofícios religiosos dedicados a Deus, e aos mortos.

Na Grécia antiga a dança atingiu o apogeu da beleza, e foi também consagrada ao culto das divindades pagãs dessa época. Paralelamente, esta arte foi também cultivada nos meios profanos, pois nos festins os antigos utilizavam as dançarinas profissionais, para as quais compunham bailados.

Evoluíndo para o Ocidente, a era cristã conserva o costume das danças religiosas até ao século doze, em certas festas, até que, caíndo no abuso, os cardeais as proïbiram.

A dança deu-nos magníficas demonstrações de arte espiritualizada, através das geniais Isadora, Duncan e da Pawlovna.

Nas belas-letras os cultores clássicos como Sócrates, Sófocles. Platão, Homero, Horácio, Virgílio e outros, falam da existência dos espíritos como de factos bem conhecidos.

Cícero escreveu: — ¿«Não está quási todo o Olimpo cheio de espíritos humanos? ¿Os deuses não nasceram aqui na terra, e daqui não ascenderam ao Olimpo?»

A Bíblia êsse outro monumento da antiguidade está cheio de referências aos Espíritos, tanto assim que diz: — «Nós também estamos rodeados de uma núvem de testemunhas» (Hebreus, 12-1,).

Também encontramos referências espiritas em Dante, Camões, Milton Wondsworth, Klopstok, Tennyson, Logfellow, Vítor Hugo, Kipling, Guerra Junqueiro, António Nobre, Teixeira de Pascoais e outros, aos quais poderíamos também juntar uma plêada de prosadores como Theopile Gautier, Lachâtre, George Sand, Balzac, Stefan Zweig, etc.

A Arte Dramática, êsse conjunto de música, poesia, dança, literatura e pintura, está enriquecida com obras em que a filosofia espirita se encontra largamente representada.

Entre os muitos que para ela escreveram, Shakespeare, Maeterlink e Marcelino de Mesquita também difundiram no teatro a doutrina espirita.

Presentemente, Eugene O'Neill faz reviver a tragédia grega e o teatro shakespereano, em belas obras onde perpassa nìtidamente o sopro espirita, muito em especial na conhecida peça «Electra e os Fantasmas».

* * *

Há pouco referi-me a Isadora Duncan, e agora vou relatar um caso de mediunidade artística, de transcendente inspiração, passado com a célebre dançarina.

Escreveu ela no seu livro «A minha vida»:

«Uma vez, disse ao pianista, num teatro de Kiew.

— Toque a marcha fúnebre, de Chopin.

Mas para quê? Você nunca a bailou.

— Não sei. Toque-a.

«Insisti tanto, que acedeu ao meu desejo e tocou a marcha. Imaginava uma criatura que levava o filho morto nos braços, com passos lentos e vacilantes para o lugar do repouso. Bailei a descida ao sepúlcro e a ressurreição do espírito, escapando à pressão da carne, subindo para a luz. Quando terminei e caiu o pano, produziu-se um curioso silêncio. Olhei para Skene: estava mortalmente pálido e atemorizado e apertou as minhas mãos nas suas, que pareciam geladas. — «Não me torne a pedir que toque esta música — disse o pianista. Conheci agora a morte. Aspirei o aroma das flores brancas e funerárias e vi féretros de crianças, muitos féretros...» Estávamos ambos atemorizados sem fôrças, e creio que algum espírito nos advertiu, naquela noite, do que ia suceder. Quando regressei a Paris, em 1913, Skene tocou esta marcha no Trocadero, no final duma representação. Depois dum silêncio religioso, em que o público parecia aterrorizado, choveram frenèticamente os aplausos. Algumas mulheres choravam e outras sofreram ataques de nervos.

«Provàvelmente, o passado, o presente e o futuro são como uma longa estrada. Mas, depois de cada volta, a estrada continua e, como não podemos

vê-la, julgamos que é o futuro e o futuro nos está a esperar, sempre. Desde a visão da marcha fúnebre de Kiew, comecei a ter o pressentimento duma desgraça e fiquei muito deprimida».

Nesta narração há a notar simultâneameste dois fenómenos: a extraordinária mediunidade artística, na mais perfeita interpretação da célebre marcha fúnebre que a grande artista nunca tinha dançado, e o fenómeno de premonição, pois que, a seguir, Isadora Duncan perdeu seus dois encantadores filhos, num trágico desastre de automóvel.

H. Durville, no seu livro «L'Art e l'Hipnose», cita também um caso curiosíssimo de mediunidade artística.

« Mme. X, medium, em estado de transe, ao ouvir tocar trechos musicais dos mais célebres compositores, como Chopin, Beethoven, Schubert, Mozart, Wagner e outros, dança-os dando-lhes a mais perfeita pureza, harmonia e sentimento, que surpreendia e extasiava.

Se lhe pediam uma estátua da Dor, Saüdade, Alegria, etc., sempre em transe, transformava-se numa perfeita estátua viva, de maravilhosa e perfenta expressão.

Os maiores actores não conseguiam atingir a beleza da «sua» arte.

Mme. X, apresentou-se ao público dos maiores teatros das principais capitais do mundo, onde fêz demonstrações que surpreenderam e maravilharam os críticos mais exigentes.

Depois do teatro, o cinema, moderna arte dramática, contribui também para a expansão da nossa crença na alma eterna. «Duas Vidas», «Pinocchio», «Fantasia», «O Pássaro azul», «O defunto protesta» e outros filmes, espalham em todo o mundo um pouco da filosofia espiritualista traduzida por esta nova arte.

Desde o Velho Egito, a Índia, China, Caldeia, Babilónia, Assíria, Pérsia, Judeia, Fenícia, Egéria, Arábia, Grécia, Gália e Roma, no Velho e no Novo Mundo, encontramos através das características de todos estes povos, sempre e em tôda a parte, o mesmo culto da imortalidade da alma e a mesma crença no Ser Supremo.

O Mundo das Idéias, manifesta-se em nós regido pela lei que regula também a lei das Formas.

Os extremos tocam-se no real e no aparente; o Finito e o Infinito, o Absoluto e o Relativo.

É em tôdas estas expressões que encontramos a Arte, reflexo da Divindade.

¡ Sentimento e Razão, espiritualidade e intelectualidade !

Nesta formidável cadeia de relações encontramos as leis básicas do Espiritismo; amor, imortalidade da alma e evolução, que provam que a verdadeira arte é mais uma manifestação da Harmonia Divina.

Amigos de «Estudos Psíquicos»

Estamos profundamente reconhecidos a todos os Amigos de «Estudos Psíquicos» que nos auxiliaram durante o ano de 1943. Sem os seus donativos e outras verbas que pusemos em acção, não teríamos podido enfrentar as enormes dificuldades que se levantaram no caminho desta revista. Praza a Deus que êles possam continuar a auxiliar-nos em 1944. Darão novo exemplo de dedicação a uma obra desinteressada que procura servir a Doutrina Espirita com dignidade e consciência do dever cumprido.

A fase mensal em que entrámos requere ainda maior esfôrço e tenacidade. Se provarmos, mais uma vez, a nossa união, de-certo que tudo será vencido e a Causa terá lucrado com a acção contínua dum órgão de propaganda, cuja leitura elucidará e confortará muitas almas desorientadas, sedentas de nova luz.

Mãos à obra, pois. Façamos um pequenino sacrifício, destinando o supérfluo ao ideal que nos acalenta.

1944 está no início! ¡Não deixemos arrefecer a fé!

Dos amigos de ESTUDOS PSÍQUICOS abaixo mencionados, recebemos as seguintes importâncias, que agradecemos:

Lindolfo Coelho, de Lisboa, cotas de Agosto a Dezembro de 1943...	25$00
José Augusto Gonçalves, de Lisboa, cotas de Julho a Dezembro de 1943	24$00
Haydi de Tebelen, de Lisboa, cotas de Outubro a Dezembro de 1943...	6$00
Fernando da Cruz Ferreira, do Pôrto, ano de 1943...	400$00
António da Silva Braga Júnior, de Coimbra, ano de 1944	60$00
Alfredo Lopes Xisto, de Coimbra, ano de 1944	50$00

JUSTIFICAÇÃO E CORRIGENDA

Devido a doença do organizador dêste número, verificam-se deficiências, para as quais pedimos a benevolência do leitor.

Também no artigo «As Energias Psíquicas», de Álvaro Ramos Pereira, publicado em Dezembro, saíu *corrente eléctrica*, por *corrente electrónica* e *raios catóditos*, por *catódicos*.

Seja tudo em desconto dos nossos pecados...

Bibliografia

O VALOR ALIMENTAR DO MEL E A SUA APLICAÇÃO NA TERAPÊUTICA INFANTIL, pelo *Dr. Alfredo de Araújo Serrão*. Edição da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas.

O Pôsto Central de Fomento Agrícola, de Lisboa, criado em 1931, tomou o honroso encargo de fazer reviver e intensificar a apicultura portuguesa, demonstrando as vantagens do consumo do mel como alimento natural. Aproveitou o ensejo do desaparecimento e escassez de certos géneros alimentícios para aconselhar o recurso a outros que os possam fàcilmente substituir. Assim nasceu a idéia da publicação desta obra de carácter científico, que faculta a todos o conhecimento do valor do mel na dietética e no tratamento de certas doenças.

Desta missão se desempenhou o médico escolar Alfredo de Araújo Serrão, dando-nos uma obra excelente, cheia de probidade e verdade, que devia ser divulgada em tôda a parte, tais e tantas são as vantagens obtidas com a sua leitura.

Eis os capítulos de que se compõe a obra:

I — Os elementos que constituem a alimentação do homem. II — As substâncias alimentares essenciais ao homem. III — O mel (Origem do mel. Caracteres físicos do mel. Particularidades de alguns meios. Propriedades antissépticas do mel. Estudo biológico do mel. O mel português. Alteração do mel. Algumas aplicações do mel. Exploração comercial do mel). IV — O valor alimentar do mel (Fisiologia e valor nutritivo dos açúcares do mel. O mel como alimento de valor complexo. A importância da vitamina B e das substâncias minerais. O mel na alimentação e terapêutica infantil (A acção toni-muscular e bactericida do ácido fórmico. O mel na aleitação artificial. Açúcar do comércio e mel. Observações clínicas) — V. Conclusões (¿Mas como se deve tomar o mel?).

OS QUATRO EVANGELHOS, de *J. B. Roustaing*. 4.º volume. Edição da Livraria da Federação Espirita rasileira. 1942. 574 pág., 3.ª edição.

CHEGOU-NOS há pouco às mãos o 4.º volume desta obra, a que aludimos no último número de *Estudos Psíquicos*. Devido à irregularidade dos transportes e ás exigências da Censura inglêsa, ainda não chegaram os dois restantes volumes: o 2.º e o 3.º

Como dissémos, é obra de largo fôlego, muito útil aos que se dedicam â interpretação dos Evangelhos à luz do Espiritismo. Êste volume abrange todo o Evangelho de João e termina com a explicação dos *Mandamentos*, dada por Moisés e pelos Apóstolos.

DOUTRINA E CRÍTICA, por *Amadeu Santos*. Edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira. 1943, 229 pág.

O livro que temos presente é uma colectânea de artigos de polémica, originados nos ataques ao Espiritismo dum tal José Escravo e veïculados pelo *Lutador* de Ponte Nova, cidade de Minas, Brasil.

Amadeu Santos foi o primeiro a repelir a burundanga, no mesmo local em que tinha sido ejaculada. Escudado na lei de imprensa, obrigou o director do jornal a inserir a sua resposta. O torneio durou cêrca de dois anos e nêle entraram Astolfo Olegário de Oliveira, Carlos Imbassaby, Frederico Figner, João Augusto Ferreira, João Teixeira de Paula, José Passos, Leopoldo Machado, Osvaldo Melo e Sousa do Prado.

Escusado é dizer que os argumentos e a linguagem empregadas por Escravo eram da natureza do que em Portugal tem sido apresentado em público e razo contra o Espiritismo. Diatribes, insultos, malevolências, de tudo isto usou o crítico insidioso e estulto, professor de «pretoguês» no sertão e «invencível» polemista, a dar crédito às suas palavras.

Lamentamos sinceramente o tempo gasto a invalidar a prosa insulsa do sr. Escravo. A luta assim é estéril. Não convida. Melhor fôra que o deixassem em paz e às môscas.

Felizmente, nem tudo se perdeu, visto que os seus ataques levaram á fundação de *O Arauto da Fé*, em Astolfo Dutra, que tão bela propaganda tem feito, sob a orientação de Amadeu Santos e Olegário de Oliveira.

Estamos com Sousa do Prado, quando diz que é refinada tolice perder tempo a discutir com os que de má fé agridem o Espiritismo. Êste sr. Escravo é capaz de levar um mês a lavar a cabeça dum burro prêto. A questão é convencer-se de que a fará mudar de côr... Com energúmenos, nada se consegue. É melhor deixá-los bracejar, como dizia Camilo. Acabarão por se cansar, reduzidos à própria inferioridade.

Com tudo isto, não queremos dizer que o livro seja mau. Longe de nós essa idéia. É livro utilíssimo pelo ensejo que deu aos citados confrades de fazerem doutrina e darem exemplos de elevação moral a um indivíduo que, pelos modos, não tomou chá em pequeno.

Preferíamos que se estudasse e analisasse a posição dos muitos *Escravos* dêste género, e os reduzissem â expressão mais simples. Isso, porém, não resolveria a questão, porque o número de tolos é infinito.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Caso notabilíssimo de cura psíquica

Psychic News de 17 de Julho insere a narração desassombrada de um homem que sofreu horrìvelmente de *asma crónica* e de *tuberculose* e a quem os médicos haviam desenganado. Chama-se T. Ralph Rossiter, hoje secretário do Centro Espirita Nacional de Paignton.

Leiam esta curiosa história e não se esqueçam de que o médium que interveio na espantosa cura era governador da cidade onde se desenrolaram os acontecimentos.

Tem a palavra o sr. T. Ralph Rossiter:

A primeira vez que deram a entender que a minha saúde periclitava, tinha eu cinco anos de idade. Foi numa sessão de Espiritismo, a que meus pais assistiam. Entidades invisíveis disseram-lhes que tivessem o maior cuidado com a saúde dos filhos. Nesse tempo, um dos meus irmãos estava mal e meus pais julgaram que o aviso se dirigia a êle. Ao fazerem êste reparo, informaram-nos de que meu irmão brevemente se restabeleceria e que o filho mais novo é que estava doente. O filho mais novo era eu e sentia-me bem.

Quando fiz oito anos, a asma desenvolveu-se e durante o tempo de escola eu sentia-me cada vez pior. Devido à doença nunca consegui assistir às aulas, durante todo o período da matrícula.

Ao deixar a escola, trabalhava como podia, mas a vida tornava-se-me insuportável. Os ataques aumentavam de intensidade, a ponto de não poder estar deitado e tinha que me sentar numa cadeira inclinado para a frente e com as pernas em baixo, durante todo o tempo dos ataques, que duravam, em média, doze dias e doze noites.

Era tão grande o esfôrço que fazia para respirar, que me impossibilitava de dormir; e quando às vezes o ataque enfraquecia, levavam-me para a cama em mísero estado.

Fui levado a médicos e especialistas e operado num hospital de Londres. Levei numerosas injecções e tomei litros de medicamentos, sem o mínimo resultado.

Aos dezóito anos, minha mãe foi avisada por um especialista de que eu sofria de asma crónica incurável e que aos 21 anos ficaria inválido, com pouca probabilidade de chegar aos 25.

Nesta época, os ataques apareciam de quinze em quinze dias, de verão ou de inverno, e eu resolvi então procurar o médium Evan John Powell, a quem devo a vida.

Na primeira visita, o Guia, depois de controlar o médium, que estava em transe, disse-me que era tão grave o meu estado de saúde, que não prometia a cura. Acrescentou depois que teria de estar três dias em observação.

Na segunda sessão, fui completamente observado, dizendo-me que se obteria a cura completa, se eu prometesse fazer tudo o que me prescrevesse, mas que levaria pelo menos sete anos a efectivar-se.

Prometi seguir inteiramente as instruções e cumpri até o fim. O médium e os seus Guias viram-me todos os dias, durante o período dos ataques; e quando eu estava pior, visitavam-me três vezes por dia.

Os ataques foram diminuíndo gradualmente de violência. Os intervalos também se tornaram maiores, até que ultimamente, nove anos depois, quási desapareceram. Estava curado.

Há cinco anos que não tenho ataques de asma, embora admita que um possível resfriamento me obrigue a sentar numa cadeira, como inválido.

Pode-se dizer que uma doença infernal e profundamente enraïzada foi curada sòmente pela comunicação dos Espíritos. Escrevo a palavra «infernal» sem a menor reserva.

Fiz algumas admiráveis experiências, durante o tempo da minha doença. As pessoas que conhecem as doenças asmáticas, sabem que, durante o tempo em que o indivíduo está bem, êle se encontra com extraordinária energia, dir-se-ia para compensar a enorme perda de vitalidade, quando sofre. Eis, porque sempre tenho sido e sou ainda amante do desporto.

Em 1933, fui eleito capitão de um clube local de «cricket» e ia disputar-se uma taça entre os clubes da região. O meu club era detentor da taça de 1930, mas não a conseguira manter nos anos seguintes. Como capitão, desejava que o clube se desforrasse.

Chegámos à final, que devia disputar-se em Queen's Park, Paignton, numa quarta-feira, e começaria às 17,30. Exactamente uma semana antes da

importante luta, sofri violento ataque de asma; e como estes ataques duravam pelo menos dez dias, julguei que poucas esperanças havia de poder jogar na semana seguinte.

Como eu estivesse doente, Evan Powell visitou-me e o Guia declarou-me que na data respectiva eu estaria pronto para jogar.

Quatro dias depois, no domingo de manhã, dois membros do club chamaram-me para seleccionar a equipa. Havia quatro noites que me não deitava e os ataques eram violentíssimos na altura da visita, razão por que ficaram admirados quando lhes disse que ia jogar.

Na véspera da competição, ainda não estivera na cama; e na habitual visita do médium, preguntei se estaria bem para jogar no dia seguinte. A resposta foi afirmativa.

Quarta-feira de manhã, ainda eu me encontrava mal, como sempre, na minha cadeira. O ataque não diminuira e havia sete noites que me não deitava no leito.

Após o jantar, enquanto tentava repousar no meu quarto, senti nìtidamente que alguma entidade invisível colocava a sua mão no centro das minhas costas e ali permanecia durante alguns minutos. Depois, colocaram-me uma ligadura em volta da cabeça, apertando-a fortemente.

À medida que apertavam a ligadura, a minha respiração tornava-se normal. Levantei-me da cadeira — a primeira vez numa semana — fui ao meu quarto e mudei de vestuário. Imagine-se o assombro de meus pais ao verem-me pronto. O que é certo é que fui ao campo e joguei na competição.

Ganhámos a taça; e o médium, que nêsse tempo era presidente do Paignton Urban District Concil, apresentava a taça em benefício dos padrinhos da competição. Apresentou-me a taça a mim...

Jornalista à fôrça

O sr. Frederico Duarte encontra-se há muitos anos em Manchester, onde exerce o professorado. De lá tem enviado alguns artigos para a *Revista Internacional do Espiritismo,* um dos quais subordinado à epígrafe desta nota, e que vamos trasladar para aqui. Alude à grande médium de transfiguração Madame Bullock, a que fizemos referência no último número:

«Um belo dia — escreve o articulista — fui convidado a tomar chá em casa duns amigos cuja espôsa era e é uma médium muito honesta.

«No final da refeição, disse-me ela:

— Você abriria a bôca de pasmo, se soubesse o que lhe vai acontecer num próximo futuro. Um facto certo é êste: Há alguns anos que escreve para Portugal àcêrca do desporto, mas prepare-se, que quando menos o imaginar, começará a escrever artigos espiritas, não só para Portugal, como para o Brasil, e aqui para os ingleses. E afirmo-lhe mais isto: Vejo-o no palco dum grande teatro ou salão nobre a falar às massas.

«Eu e o marido começámos a rir... e pedimos licença para sair juntos, afim de beber alguns copos de cerveja.

«Não levou muito tempo, quando comecei a escrever para o *The Two Worlds,* sob o pseudónimo de F. Etraud.

«E meses depois estive uma semana em Glasgow, actuando como intérprete no Congresso Internacional de Espiritismo.

«Naturalmente, que, uma vez apresentado a Ernest Oaten, fácil me foi entrar em contacto com médiuns, assistir a sessões como investigador de fenómenos psíquicos e, por fim, há mais de três anos, juntar-me ao *Rainbow Harmony Group,* que reúne tôdas as segundas-feiras, em casa da famosa médium de transfiguração Madame F. Bullock.

«Ó sr. padre de Ponta Grossa! ¡Quem me dera a mim que pudesse vir aqui a Manchester para eu lhe oferecer mais do que uma oportunidade para se convencer de que os espiritas não são uma seita patrocinada pelo Diabo!

«Por diversas vezes, já tenho ouvido, falado, tocado e beijado e *visto distintamente a minha mãe.*

«Provas disto? Temos os outros membros do nosso Grupo que o podem afirmar e há um caso de importância que me diz respeito.

«Além de minha mãe se ter transfigurado, mostrando o seu *cabelo branco,* posto que Madame Bullok o tem preto, ninguém no Grupo, e mesmo cá fora, sabe como minha mãe me chamava. Os amigos íntimos chamam-me Fred. Minha mãe conheceu-me sempre por Frederico. ¿E os nomes que ela me deu de pessoas amigas e de família, que diz ter visto e que me «enviam beijos e saüdades»? ¡Nomes, como, por exemplo, «tia Virgínia», «irmão Manuel», «teu padrinho», etc., *em português,* quando Madame Bullock só conhece a sua língua materna!

«Um investigador não precisa de muitas provas para se convencer se está ou não em frente de uma fraude.

«Aqui, na Grã-Bretanha, há centenas de espiritas que me conhecem apenas por F. Etraud. Ora F. nada indica, pois podia muito bem ser Frank, Filipe, etc. Em Portugal, no Brasil e na Grã-Bretanha, tenho amigos que, quando se dirigem a mim, o fazem por diferentes modos. Frederico, Frederico Duarte, senhor Duarte, *Mister* Duarte, *Mister* Etraud e Fred, outros deixando de fora o *mister* ou o *senhor.*»

A obra dum grande médium curador

Paul Miller, conhecido escritor espirita, publicou há pouco um artigo em *Psychic News*, pondo em relêvo a obra do grande médium curador W. T. Parish, a quem já nos temos referido nestas colunas. Segundo o articulista, John Ridley escreveu no *Sunday Victorial* uma crónica, àcêrca do *East Sheen Santuary*, onde Parish costuma atender inúmeros enfermos de tôda a espécie e de tôdas as classes sociais, e logo 3.000 leitores daquêle jornal

O Médium Parish

escreveram ao médium a implorar auxílio para as moléstias do corpo.

3.000 cartas numa semana é alguma coisa de extraordinàriamente grande. Muitos dos correspondentes já tinham experimentado a medicina oficial e pertencem às classes mais humildes da sociedade. Já se haviam submetido a observação médica, a tratamento,a intervenção cirúrgica, aos raios X, a diatermia, já tinham ingerido drogas e tudo ou quási tudo que a medicina moderna prescreve para a cura das doenças.

Muitos dêles são incuráveis. Assim o afirmam os médicos. Em geral, aquêles que se dirigem a um médium curador já têm passado pelos consultórios.

Ainda segundo Paul Miller, a correspondência recebida pelo médium nos últimos dez dias que precederam a publicação do artigo no *Sunday Pictorial* indica verdadeiramente o estado de saúde do povo inglês, pessoas havendo que, oficialmente, passam muito bem, não obstante as dificuldades dos quatro anos de guerra. Mas os milhares de cartas enviadas a Parish são oriundas de indivíduos que sofrem de variadas doenças. Êles não lhe escreveriam, se assim não fôsse.

Paul Miller visitou Parish e encontrou cinco pessoas a abrir cartas que haviam chegado, em virtude do artigo de John Ridley.

Uma das cartas vinha dum sanatório de tuberculose, no Norte de Inglaterra, e era assinada por 15 doentes. Dizia assim o correspondente:

—Em meu nome e no dêstes doentes, vos suplico nos auxilieis com as vossas preces, no sentido de vencermos esta terrível doença.

Havia também uma carta de quatro tuberculosos dum hospital de Essex. Assinaram os seus nomes, declarando que tinham lido o artigo do *Sunday Pictorial*.

Entre aquêle montão de cartas, uma havia que chamou a atenção de Miller. Era dum médico, que dizia:

—Tenho lido e ouvido muita coisa àcêrca do seu admirável trabalho dos últimos tempos e ficar-lhe-ia muito grato se alguma coisa fizesse por minha mulher, que em Dezembro de 1939 fracturou o fémur direito. Eu fixei-lho com um arame, mas ela levou muito tempo a normalizar-se. Isto revelou a existência da anemia perniciosa e degeneração combinada do nervo espinal, que fôra tratado com êxito aparente.

«Em Setembro de 1941 tinha ela a saúde quási recuperada, quando deu outra queda, sucedendo-lhe o mesmo à perna esquerda. Foi tratada da mesma forma pelo mesmo cirurgião; mas êste arranjou tamanha embrulhada, que o ôsso nunca mais foi convenientemente curado... Não pode subir a escada e nada consegue fazer sem auxílio. Estou convencido de que você pode fazer alguma coisa por ela.»

Uma enfermeira escrevia:

«—Em Janeiro de 1942, escrevi-lhe uma carta, pedindo-lhe que ajudasse minha irmã, a qual sofria de tuberculose bilateral e se encontrava no Sanatório de ..., onde o tratamento se limitava a repousar na cama e a sessões de raios X.

«Oito meses depois, deram-lhe alta como curada; e agora, após um ano de observação, passaram-lhe um atestado de saúde. Eu, com a minha prática de enfermeira, só posso atribuir tão pronto restabelecimento ao Divino Curador, cujo auxílio visionei através do vosso trabalho. A enfêrma não podia cooperar activamente, sendo-lhe impossível harmonizar a sua idéia religiosa com o que eu fiz em seu benefício.»

Eis mais dois extractos doutras cartas:

«—É com sentimento de profunda gratidão que lhe escrevo, para lhe dizer que minha cunhada ven-

Notas & Comentários

«Jornal Espirita», de Porto Alegre

Com grande mágua, soubemos que o *Jornal Espirita*, de Pôrto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, deixou de circular por motivos de fôrça maior. Dirigido pelo brilhante advogado Paulo Hecker, a quem nos ligam grandes laços de fraternal amizade, *Jornal Espirita* foi durante muitos anos um verdadeiro arauto do Espiritismo naquela região brasileira, cheio de elevação e correcção, onde colaboraram os maiores propagandistas. Era tão singularmente orientado e redigido, que nós chegámos a alvitrar a sua transformação em revista quinzenal. Lamentamos, pois, o desaparecimento dum verdadeiro campião, cuja lacuna não será fàcilmente preenchida.

Todavia, esperamos que não se extinguirá definitivamente e que em momento oportuno voltará a circular, ainda mais rejuvenescido, se lhe fôr possível.

Pontos de vista

Por se adaptarem admiràvelmente ao nosso meio e encerrarem verdades incontestáveis, transcrevemos a seguir judiciosas palavras de *Mundo* Espirita, devidas à pena do seu inteligente e operoso director:

«Há certos assuntos doutrinários que, por estarem sujeitos a discussão, nem sempre devem ser ventilados em conferências públicas. Alguns oradores preferem sustentar seus pontos de vista pessoais a respeito de certas questões doutrinárias, motivando, não raro, confusão na assistência. Desde que o orador ou conferecista desenvolve um tema, seja êle qual fôr, deve procurar sempre, para elucidação geral, para esclarecimento dos presentes, trazer a público os próprios argumentos da doutrina, afirmando assim a tese do que se porpõe defender.

«Entretanto, às vezes não acontece isto, porque certos confrades costumam fixar bem seus pontos de vista, dizer como entendem a questão, como pensam, qual é a sua opinião sôbre tal ou qual ponto da doutrina.

«Os pontos de vista de cada um, que constituem, aliás, um direito da razão humana, só devem ser apresentados, discutidos, em ambientes especiais, em reüniões para tanto indicadas, na defesa duma tese que deva ser debatida.

«Nas conferências habituais, deve expor-se a doutrina, comentar os textos evangélicos ou os ensinos da codificação, abstendo-se de defender opinião particular, que é assunto exclusivamente de fôro íntimo. Não interessa ao auditório saber como cada um pensa sôbre êste ou aquêle aspecto do Espiritismo. O ponto de vista individual não é assunto de conferência, a não ser em congressos, convenções, etc., quando se trata, por exemplo, de uma tese para firmar conclusões, para discutir matéria exposta.

«Aí, há debate, e é mesmo necessário, é natural que cada um exponha seus pontos de vista. Já nas conferências, que são ouvidas por pessoas de diferentes categorias intelectuais, quási sempre por elmentos que nada conhecem de Espiritismo, o critério deve ser outro.

«Os ambientes que se formam em congressos par discutir matéria doutrinária já estão mais ou menos preparados e os ambientes de conferências públicas são heterogéneos: há pessoas que entendem os assuntos; há outras que não entendem e há, ainda, os que interpretam mal. Se, na tribuna espirita, cada conferencista que falar sôbre determinado assunto da doutrina sustentar seus pon-

---

ceu a dificuldade. O estado paralítico desapareceu. ¿Podia também auxiliar uma amiga minha, condenada pelos médicos como incurável de cancro?»

«— É com profunda gratidão que lhe escrevo, pedindo-lhe que risque o meu nome das suas preces de cura. Felizmente, já me sinto capaz doutra...»

Além dêsses milhares de cartas, Paul Miller diz que também havia feixes de telegramas, suplicando auxílio para casos urgentes.

Eis como êle termina a interessante narração:

«— Quando deixei Parish, ainda êle, sua espôsa e os ajudantes estavam a abrir a correspondência de Sábado. A enxurrada que resultou do artigo do *Sunday Pictorial* começava a amainar...»

Ler no próximo número: «Casos Interessantes de Medicina e Espiritismo», pelo Dr. Levindo Melo, presidente da Sociedade de Medicina e Espiritismo, do Rio de Janeiro.

tos de vista, limitar-se a dizer como pensa, como aceita certas passagens, a confusão da maioria dos assistentes será cada vez maior.

«Os pontos de vista são do fôro íntimo, devem ficar em casa. Na tribuna só se deve falar em tese, esclarecendo, instruindo.

Rádio Piratininga

Razão tínhamos nós ao comentar o caso da Rádio Piratininga, que os espiritas de S. Paulo construiram auxiliados por confrades de vários Estados brasileiros e que elementos heterogéneos pretendiam entregar a outras mãos, não hesitando, para isso, em conduzi-la à mais desastrosa falência. Acaba de chegar à nossa redacção o depoïmento que o sr. Caetano Mero fêz perante o juíz Lício Marcondes, no processo da Rádio Piratininga que corre no Tribunal Nacional de Segurança de S. Paulo. Caetano Mero é presidente vitalício da União Federativa Espirita Paulista. A êle se deve em grande parte a criação da Emissora.

Segundo as suas afirmações, terminantes e precisas, havia colocado na estação, como procurador e contador, respectivamente, Joaquim Augusto Vaz e Américo Luiz Fernandes, entre os quais se deve ter formado uma coligação duvidosa no sentido de se apoderarem do imóvel, o que tentaram fazer, de parçaria com Floriano Costa, a quem a União comprara o alvará.

Como, nos primeiros meses, a emissora desse grande prejuízo, Caetano Mero assumiu o cargo de administrador, que um ano depois foi cassado pela coligação referida, quando a estação estava quási paga.

Joaquim Augusto Vaz era tesoureiro da União e, como tal, foi nomeado para gerir os negócios da emissora. Quando, porém, teve de prestar contas a quem de direito, não o soube fazer honestamente, motivo por que o quizeram demitir do cargo de tesoureiro. Nessa altura, exigiu 64.000 cruzeiros que alegou ter emprestado, quando se montou a estação e que lhe foram pagos, com a condição de êle se demitir, como se demitiu.

O Dr. Marcondes impugnou o crédito de 36.700 cruzeiros que Américo Luiz Fernandes dizia ter emprestado à Rádio Piratininga. Além disso, responsabilizou-o de se ter apoderado de maquinismos no valor de 70.000 cruzeiros.

O depoïmento é grande. Ocuparia bem três páginas desta revista. Mas esta amostra é sintomática e corrobora inteiramente os nossos comentarios. Repetimos: *Pensem bem no que pode a cizânia, manejada e orientada por individuos que a tudo antepõem os seus interêsses pessoais.*

Por êsse mundo...

Um cavalo fiel

Os diários de Budapeste referem-se ao episódio sucedido a um camponês que há pouco foi obrigado a vender certo cavalo a que dedicava especial carinho e que lhe pertencera durante quinze anos. Êste indivíduo faleceu um mês depois da venda; e o cavalo, que se encontrava a cinco quilómetros de distância, revelou extraordinária inquietação, precisamente no dia do falecimento do antigo dono. Rompeu o cabrêsto e fugiu. Os parentes do môrto viram-no chegar, enquanto se faziam os preparativos do entêrro. O pobre animal relinchava de forma lastimosa.

De *Constancia*, de Buenos Aires

Memórias de um príncipe

Em 1910, o grande jornalista William Stead convidou o príncipe Cristóvão da Grécia a assistir a uma sessão de Espiritismo. Stead morreu no naufrágio do «Titanic», em 1912. O médium transmitiu-lhe comunicações incompreensíveis que foram taquigrafadas e fazem parte de memórias publicadas há pouco.

O príncipe releu as suas anotações em 1932 e verificou que as mensagens aparentemente incompreensíveis eram a predição da guerra balcânica, a revolução na Grécia e o exílio dêle, Príncipe. A mensagem destinada a W. Stead predizia-lhe *longa viagem de navio...*

«Essas comunicações — declarou Cristóvão — eram provenientes daquêle mundo para onde seguira o seu amigo Stead há 20 anos, vítimado no naufrágio.»

E acrescentou:

«— Creio que a morte não existe. Tempos virão em que alguma coisa transmitirei do Além sôbre o meu entêrro e que há de provocar hilaridade.»

Noutra página, diz o príncipe:

«— Numa sessão em Nova-York havia determinado médium que se exprimia em russo. Falou-me da filha do Czar Nicolau II, saüdando-me com o seu discreto sorriso.

Descreve ainda outra sessão realizada em casa da viúva de Caruso, o grande cantor, a que assistiu incògnitamente, o que não impediu que lhe fôsse transmitida mensagem reveladora.

Da *Light*, de Londres

Trespasse dum grande actor

O grande actor cinematográfico Leslie Howard, que pereceu afogado no avião inglês da carreira Lisboa-Londres que há tempo foi abatido na Biscaia pelos alemães, era médium de escrita automática. Assim o declara a Sr.ª Olive Gillespie, que lhe ajudou a desenvolver a mediunidade, depois de lhe ter provado a verdade da sobrevivência.

Após o trespasse, Leslie deu pormenores do acontecimento, através do médium sueco Kenneth, que descreveu o espírito do actor, bem como a submersão, depois do avião ter sido atacado.

Leslie pôs em relêvo as sensações de desespêro que o dominaram, quando verificou a impossibilidade de salvação.

Do *Psychic News*, de Londres

Previsão de morte

Um caso estranho aconteceu em Ponta Grossa, no Paraná. Um jornal daquela cidade relata assim o acontecimento:

«Enterrou-se ontem o ex-sargento do exército, sr. Tancredo Upton Monteiro, o qual, antes de morrer, escreveu ao seu compadre Sebastião Nascimento, prevenindo-o de que estava prestes a morrer e pedindo-lhe que interferisse nos seus negócios de família. Depois, mandou chamar o compadre e reiterou-lhe, de viva voz, o pedido. Êste procurou afastá-lo daquela idéia macabra. Não o conseguiu, porém.

No dia fixado, o sr. Tancredo faleceu.

O sr. Tancredo fôra visto por uma senhora a falar sòzinho, sentado na amurada dum poço, dir-se-ia dialogar com alguém:

—Não vou, já disse. Irei, quando chegar a minha hora. Você foi o irmão a quem eu sempre quis melhor. Portanto, não me deve contrariar. Quando chegar a minha hora, acompanhá-lo-ei.

Interpelado pela espôsa, que ouvira o estranho diálogo, exclamou:

—É meu irmão, que me vem buscar, antes do tempo.

Êste acontecimento causou grande sensação na cidade.

No dia do trespasse, o sr. Tancredo mandou chamar o capitão-médico de Infataria, 13, para que lhe desse uma injecção. Aplicada esta, disse que, depois da reacção natural, chegaria ao fim. E chegou, de facto, ao fim, com muita lucidez.

Do *Correio Paulistano*, de S. Paulo

Noticiário

O nosso aniversário

Eis como *Região de Leiria* se referiu ao nosso 5.º aniversário:

Estudos Psíquicos — Com o seu n.º 1 do 5.º ano entrou em nova fase esta revista de estudos psíquicos e neo-espiritualismo experimental, agora sob a direcção da sr.ª D. Maria Gonçalves Duarte Santos. Passou a mensário, com o mesmo número de páginas que tinha na sua anterior saída — bi-mestral.

«O facto de nos abalançarmos agora à publicação mensal com o mesmo número de páginas — diz no artigo de abertura dêste número — dá-nos autoridade para afirmar que alguma coisa de útil temos feito e que a maior parte dos espiritas sinceros estão connôsco, dispostos a ajudar-nos. Isto nos basta e nos fortalece.

«Esta nova fase indica que vai aumentar o rítmo e o dinamismo. Não nascemos para marcar passo ou trabalhar em «ponto morto». Nascemos para a expansão das idéias elevadas, que só elas poderão libertar-nos da escravidão da matéria. O Espiritismo evolucionista conta com o nosso apoio. Dar-lhe-emos tudo o que estiver ao nosso alcance, sem olhar a sacrifícios. Os quatro anos decorridos demonstram os nossos métodos de acção e respondem pelo nosso trabalho futuro.

«Assim apercebidos, continuaremos a singrar, no firme desejo de defender e reabilitar a nossa ideologia, tão deturpada aos olhos do vulgo. Ao mesmo tempo, procuraremos despertar a geração moderna através dos seus valores representativos.»

«Desejamos que *Estudos Psíquicos* veja os seus esforços coroados de êxito, felicitando-o pela nova fase progressiva que lhe apetecemos, plena de prosperidades espirituais e materiais.»

Á Região de Leiria os nossos vivos agradecimentos por esta prova de solidariedade que nos é particularmente grata, vinda, como vem, dum dos mais bem redigidos semanários portugueses, cuja acção muito se tem feito sentir, não só no distrito que defende, como em tôda a parte onde circula.

Transcrições

Entre os jornais e revistas recebidos há dias, encontrámos três exemplares de *O Revelador*, de S. Paulo, uma das melhores publicações brasileiras, que teve a amabilidade de transcrever o artigo «Espiritualidade — Influências diversas do sentimento», da autoria do nosso sábio colaborador, Prof. Doutor Ad. Baptista Ramires, e «O Espiritismo Emancipador da Mulher», de Haydi de Tebelen, além de muitas nótulas, entre as quais algumas da nossa «*Crónica Estrangeira*», embora não tivesse mencionado a origem.

Ao *Revelador*, as nossas fraternais saüdações.

Auxílio aos necessitados

Não nos enganámos na nossa espectativa. Graças a Deus, houve compreensão da parte dos nossos confrades, que acorreram a trazer o seu óbulo, no sentido de minorar um pouco a desgraça dos que sofrem. Nêste Natal de 1943, cento e tantos necessitados verão entrar em casa um pouco de confôrto, através da generosidade dos nossos confrades e amigos. Que Deus lhes pague o gesto e a intenção.

Recebemos mais os seguintes donativos, que agradecemos:

Transporte do último número.....	750$00
José Cerqueira de Sousa, de Cete.....	2$50
Eduardo Manuel Cortes, Lisboa.....	5$00
C. E. L., de Lisboa	5$00
D. América D. F. Ferreira, de Lisboa.....	20$00
D. Matilde do Carmo Estêves, de Lisboa.....	7$00
José de Sousa Pereira, de Casével.....	20$00
D. Carlota Silva, de Lisboa	5$00
C. S., de Lisboa.....	10$00
D. Maria Carolina F. Crispim, de Lisboa...	5$00
J. F. A., de Lisboa.....	5$00
D. Emília Marques, de Paços de Gaiolo.....	7$00
Romão Saragoça Velez, de Campo Maior.....	5$00
António Pereira de Almeida, de Lisboa.....	20$00
D. M. Apolinária R. Santana, de Lisboa	5$00
D. Maria da Luz Rodrigues, de Lisboa ...	2$00
António da Silva Braga Júnior, de Coimbra	50$00
António Pereira, de Cerveira	10$00
Manuel César Casimiro, de Cerveira.....	10$00
S. A. S., de Lisboa.....	10$00
José Joaquim, de Faro.....	10$00
Manuel Urbano Alves, de Faro.....	20$00
A. R., de Lisboa.....	5$00
C. F., do Pôrto.....	100$00
Agostinho F. Oliveira Rocha, do Pôrto.....	10$00
Um pobre de Cristo, de Lisboa.....	10$00
Isaac Oliveira Marques, de Viseu.....	5$00
Júlio Estevéns, de Lisboa	2$50
Ordem Esotérica Iniciática, de Lisboa	25$00
D. Sílvia Junqueira Caldas, de Lisboa.....	2$50
D. Maria de Vasconcelos, de Lisboa.....	10$00
Grupo Espirita Irmãos do Bem (novo donativo)	15$00
Anónimo	10$00
D. Delfina do Nascimento Silva, de Lisboa	10$00
Anónimo, de Lisboa.....	5$00
D. Laura Coelho Correia, de Castro Verde	2$50
José Ferreira Elias, de Leiria.....	15$00
Dr. Amílcar Gonçalves, de Lisboa	20$00
D. Lídia Castro e Silva, de Lisboa	10$00
Manuel de Sousa, de Silves.....	20$00
António Oliveira Pais, do Pôrto.....	50$00
Lindolfo Bardanca Coelho, de Lisboa	20$00
Ernesto Macedo, de Lisboa.....	10$00
José da Silva Trindade, de Cacela.....	5$00
Francisco Bernardo, de Pó, Bombarral	10$00
António Proença Barata, de Gonçalo.....	5$00
Aurélio Prates Silva, de Lisboa.....	10$00
Alvaro Garcia, de Bragança.....	10$00
António Pais de Sousa, de Tondela.....	10$00
Tomaz Domingues dos Santos, de Pôrto de Mós	2$50
Fernando Elias de Carvalho Simão, de Ovar	50$00
Manuel Rodrigues Ramalho, de Cerveira...	5$00
H. S., de Loulé.....	20$00
Américo Viegas Alves, de Alportel.....	10$00
D. Laura Valdez, de Lisboa.....	10$00
M. P., de Lisboa.....	10$00
Damião Teixeira, de Lisboa.....	20$00
Manuel Tavares Grêlo, de Lisboa	5$00
Grupo Espirita Allan Kardec, de Lisboa.....	40$00
José Duarte Borralho, do Barreiro.....	20$00
José de Oliveira Pais, de Paços de Brandão	20$00
José Augusto Gonçalves, de Lisboa.....	10$00
D. Gertrudes Magno D. Froment, de Lisboa	10$00
D. Maria da Graça, de Beja.....	7$50
José, de Beja.....	7$50
João Paulino, da Nazaré.....	10$00
Albano António Ribeiro, do Pôrto.....	10$00
José da Silva Neto, da Marinha Grande ...	10$00
Dr. Sebastião Elviro Martins, de Lisboa ...	10$00
D. Aurora da Conceição Monteiro, de Lisboa	20$00
António Alves Duarte, de Lisboa	2$50
António Constantino de Brites, do Cartaxo	20$00
Raúl Freire de Almeida, de Lisboa	10$00
Soma.....	1.731$00

(Continua)

Auxílio a «Estudos Psíquicos

Recebemos e agradecemos os seguintes donativos:

D. Joana Salazar, de Lisboa	7$50
D. Beatriz de Barros e Sousa, de Lisboa ...	10$00
António da Silva Braga Júnior, de Coimbra	25$00
António Proença Barata, de Gonçalo	5$00

Auxílio ao Centro

Do Grupo Espirita Joana d'Arc, de Lisboa, recebemos a quantia de 100$00, que muito agradecemos.

Programa dos trabalhos do Centro no mês de Janeiro

Dia 9, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 16, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 23, às 16 horas — Conferência pelo coronel Faure da Rosa, intitulada «O Poema de um Môrto», com recitações por uma colaboradora do Centro. Entrada pública.

Dia 30, às 16 horas — Sessão experimental.

NOTA — As sessões experimentais são exclusivas aos sócios.

ESTUDOS PSÍQUICOS

saúda os seus colaboradores, assinantes e leitores, a todos desejando um Ano Novo cheio de felicidade espiritual

Estudos Psíquicos

2.º volume correspondente ao 3.º e 4.º ano, impresso em papel especial, formando um grosso volume de cerca de 400 páginas, encadernado em optima percalina azul

(TIRAGEM REDUZIDA)

À venda nesta redacção ao preço de 70$00

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Espiritualista

	enc.	br.
ALLAN KARDEC		
O Principiante Espirita	4$50	
O que é o Espiritismo	6$50	
Obras Póstumas	15$00	21$00
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	3$50	
O Além e a Sobrevivência	3$50	
O Grande Enigma	10$00	
O Porquê da Vida	8$00	
O Problema do Sêr e do Destino	16$00	22$00
Cristianismo e Espiritismo	16$00	22$00
Depois da Morte	16$00	22$00
Joana d'Arc Médium	16$00	22$00
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	17$00	23$00
ERNESTO BOZZANO		
Breve história dos «raps»	3$00	
Xenoglossia (Mediunidade Poliglota)	10$00	
DR. A. LÔBO VILELA		
Hipóteses Metapsíquicas	7$00	
O Problema da Sobrevivência	7$00	
O Destino Humano	14$00	

	br.	enc.
F. CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
Crónicas d'Além-Túmulo	10$00	
Novas Mensagens	10$00	
O Consolador	10$00	
Parnaso d'Além-Túmulo (poesia)	16$00	22$00
Há Dois Mil Anos (romance)	16$00	22$00
Cinqüenta Anos Depois (romance)	16$00	22$00
J. W. ROCHESTER		
Herculanum (romance)	16$00	
CAMILO FLAMMARION		
O Fim do Mundo	12$00	
ALMERINDO M. DE CASTRO		
O Martírio dos Suïcidas	9$00	
António de Pádua	10$00	16$00
ALEXANDRE DIAS		
A Fazenda Mal Assombrada	10$00	
Trajectória das Almas	8$00	

(Continuado da 3.ª página da capa)

	br.	enc.
LEOPOLDO MACHADO		
Pigmeus contra gigantes	10$00	
Doutrina inglória (O problema da natalidade à luz do Espiritismo)	10$00	
BITTENCOURT SAMPAIO		
De Jesus para as Crianças. . . .	8$00	13$00
Jesus perante a Cristandade. . . .	12$00	17$00
JOSÉ SURINACH		
Spiritus Meledictus. (novela espirita de grande emoção)	8$00	12$00
OSVALDO MELO		
Epístolas aos Espiritas	7$50	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos.	10$00	16$60
OBRAS DIVERSAS		
Além (O) para todas as inteligências, por *J. L'Homme*	10$00	
Amor Imortal, por *J. A. Nogueira* .	12$00	
Amor, Vida e Evolução, por *Fernando da Cruz Ferreira*.	8$00	
Claustro (O), por *Manuel Arão* . .	14$00	20$00
Cristianismo (O), do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta* . .	16$00	22$00
De Maria para suas filhas.	3$00	
Espiritismo (O), à luz dos factos, pelo *Dr. Carlos Imbassaby* . . .	15$00	
Expiação, por *Areolino Gorjão* . .	10$00	
Evangelho das Crianças (3.º livro de leitura) por *António Lima*. .		7$00
Granja (A) do Silêncio, por *Paul Bodier*.	10$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Soler*	15$00	21$00
Metapsíquica (A) e o Espiritismo à luz dos factos, por *Faure da Rosa*	2$50	
Minas de Sincorá, por *Estrelita Junior*.	6$50	
No Limiar do Etéreo, por *J. Artur Findlay*	13$00	19$00
Nova (A) Luz, por *Georges Dejean*	12$00	18$00
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle*		10$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho por *João, o Evangelista*	12$00	
Pela Vitória do espírito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*.	35$00	
Psicologia Experimental, pelo *Dr. Paulo Gibier*.	3$00	
Roma e o Evangelho, por *José Amigó y Pellicer*	14$00	20$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio A. Valente*.	12$00	18$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	7$50	13$50

Nêstes preços não está incluído o porte do correio.

Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e Ilhas Adjacentes.

Para as Colónias e estrangeiro, a remessa é feita contra pagamento adiantado, por meio de vale postal.

AVISO AOS INCAUTOS

Não são espiritas os que exploram a credulidade das pessoas incultas ou fanáticas, exibindo falsas faculdades e recorrendo a artifícios de toda a espécie, para melhor iludir a boa-fé dos incautos.

Não são espiritas os que se entregam à adivinhação pela invocação dos espíritos, porque o Espiritismo não é arte divinatória e por isso os espíritos que se prestam a semelhante papel são, necessàriamente, inferiores (por mais pomposos nomes que apresentem) e o seu convívio só poderá ser prejudicial.

As casas das chamada *mulheres de virtude, cartomantes, bruxas* e de todos os que se dedicam a estas práticas supersticiosas são de infecção espiritual, onde os espíritos inferiores vivem permanentemente e fazem seu campo de manobras.

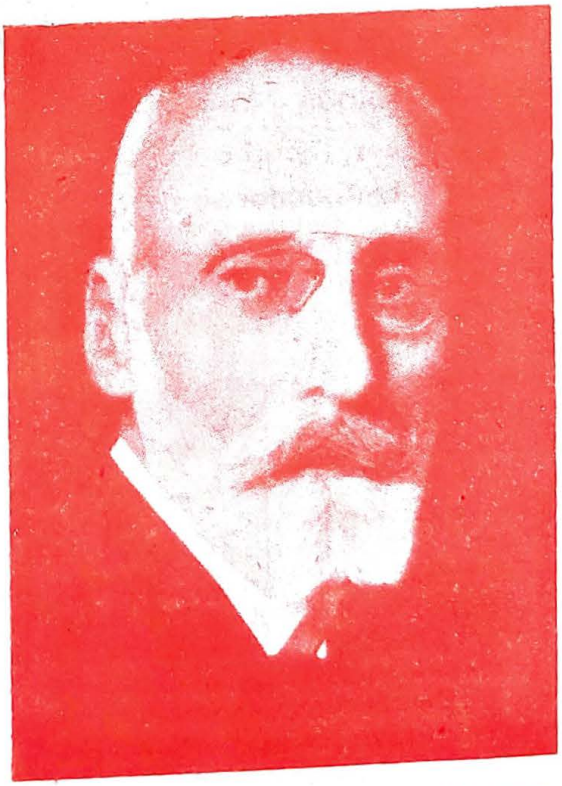
«Estudos Psíquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas e colónias

ANO V FEVEREIRO DE 1944 N.º 4

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONTÉM : A Razão e a Fé, **da redacção** — ¿ Devemos crer na imortalidade pessoal ¿, por **F. Noronha** — Seria coïncidência ?, por **Bartolomeu Bana Martins** — Regiões do Após-morte, por **Álvaro Ramos Pereira** — Resumo da Doutrina Espirita — III —, pelo Dr. **Gústave Geley** — Coragem e fé, por **Reper-Siam** — Felizes ou infelizes ?, por **Leopoldo Machado** — A cooperação valoriza as economias do trabalhador, pelo **Coronel Faure da Rosa** — Desencarnou Ernesto Bozzano — A comunicação com os Espíritos, por **António Pinto de Sousa** — Casos interessantes de Medicina e Espiritismo, pelo Dr. **Levindo Melo** — Pensamentos sem lógica, por **Victor Carvalheira** — Mistérios do Além, por **Paul le Cour** — Preceitos a observar nas sessões de Espiritismo, pelo Dr. **Sousa Couto** — Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos** — Notas & Comentários — Por êsse mundo — Noticiário.



O Professor Ernesto Bozzano, que há pouco desencarnou em Génova

LEITOR AMIGO:

Escuta, por um momento. ¿Já pensaste alguma vez no mistério da vida, no porquê da tua existência terrestre e no que te espera, ao abandonar o mundo físico? ¿Já pensaste?... ¿E não te sentiste atraído para a meditação cotidiana, para a decifração de tão grande enigma?

De-certo que já pensaste e meditaste e concluíste pela necessidade de aprofundar o assunto. Tens, agora, belo ensejo. Acompanha «Estudos Psíquicos» *na sua acção, torna-te seu amigo e colaborador, porque há muita maneira de auxiliar as obras úteis. Tudo que fizeres, redundará em teu próprio benefício.*

ESTUDOS PSÍQUICOS

ORGÃO OFICIAL DO CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR

E PORTA-VOZ

do Centro Espirita Reflexos da Verdade, de Beja, do Centro Espirita Luz, de Coimbra, do Centro Espirita Luz e Verdade, de Matozinhos, do Centro Espirita Fé e Caridade, de Angra do Heroismo, do Centro Espírita de Santa Judite, do Pôrto, do Grupo Espirita Humildade, de Aveiro, e do Grupo Espirita Paz, Caridade e Protecção, de Faro.

Rua do Salitre, 149, 1.º, E. = = = = = = = = = = = = LISBOA

PROPRIEDADE DE ISIDORO DUARTE SANTOS

a quem deve ser dirigida tôda a correspondência

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores • Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

Redactores - correspondentes:

Em França... ... ... Dr. Gabriel Gobron
No Rio de Janeiro ... ... Almerindo Martins de Castro
Em Uberaba ... ... Dr. Inácio Ferreira
Em Buenos Aires ... ... Dr. Luiz M. di Cristóforo

Distribuïção gratuita aos sócios do Centro E. Luz e Amor

ASSINATURAS

PORTUGAL	*Continente e Ilhas (cada série de seis números)... ...*	*18$00*
	Colónias ... ... » » » » »	*25$00*
ESTRANGEIRO	*Espanha ... ... » » » » » ... ...*	*18$00*
	Brasil ... ... » » » » »	*25$00*
	Outros países ... » » » » »	*30$00*

Cobrança pelo correio — mais 1$60

Distribuidores exclusivos para Portugal, Ilhas e Colónias: **Editorial Organizações, Lda.**, Largo Trindade Coelho, 9, 2.º — Lisboa — Telefone 27507

• VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA •

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

ANO 5.º | LISBOA, FEVEREIRO DE 1944 | N.º 4

Propriedade de Isidoro Duarte Santos | Direcção e Edição de Maria Gonçalves Duarte Santos | Redacção e Administração — Rua do Salitre, 149, 1.º

Composto e impresso na Tipografia SILVAS Lda. — Rua de D. Pedro V, 120 — LISBOA

A RAZÃO E A FÉ

Urge empreender a propaganda da Verdade Espirita, escoimada de tudo quanto possa entenebrecê-la ou desvirtuá-la.

Não esqueçamos o perigo duma proposição mal compreendida, em virtude da sua deficiente exposição. Quem prèga, quem vulgariza qualquer idéia, por mais simples que seja, deve tomar as maiores percauções. afim de não atraiçoar o verdadeiro significado, o conteúdo intrínseco do que se propõe divulgar.

O Espiritismo, que é filosofia, nada tem que ver com a fé. Requere compreensão e estudo, indução e dedução. Dirige-se à inteligência e ao raciocínio; por isso, nunca será entendido com o o coração.

Os centros devem ser constituídos por indivíduos estudiosos e conscientes que anteponham a cojitação filosófica ao sentimento; aliás, perderão a sua característica essencial e farão obra anti-espirita.

O crente pertence à Religião; o adepto pertence à filosofia. Eis porque jamais poderiam compreender igualmente o mesmo postulado.

O trabalho do adepto tem de ser construtivo. Para tanto, esquecerá a fé, quando a razão fôr chamada a julgar. Só assim extremaremos os campos, através de saneamento moral e mental que separe o falso do verdadeiro.

O comodismo intelectual opõe-se em grande parte à premência do conhecimento e é o maior escalracho da doutrina espirita. É que não basta crença pura e simples de católico ou protestante, para se avaliar a razão duma teoria cheia de conseqüências morais.

É preciso método de análise e de crítica, sem o qual nada avançaremos nos abrolhos da filosofia transcendental.

O «Resumo da Doutrina Espirita», do Dr. Gustave Geley, que estamos a publicar noutro lugar desta revista, é o grito da razão contra a fé, é o apêlo ao raciocínio para a compreensão dos problemas vitais do homem, encarados à luz do Espiritismo evolucionista.

Os factos requerem estudo objectivo e é sôbre êles que assenta a estrutura da nossa ideologia. Assim, a razão é chamada a intervir na análise dos fenómenos e não há conclusões racionais que possam manter-se escudadas pela fé.

O espiritismo tem de ser científico — disse Allan Kardec. Na verdade, quem quiser servir fielmente a Causa não poderá abdicar da inteligência e limitar-se a crer nêste ou naquêle axioma filosófico, de boa ou má contextura, sómente porque foi apresentado por A, B, ou C.

Donde se infere a necessidade de meditar a fundo, de alcançar o discernimento que dá o trabalho bem orientado, elementos estes que nos franquearão o limiar dum mundo sujeito a outras leis biológicas.

Trabalhando e raciocinando, amando e servindo, na elevada acepção do têrmo, ter-se-á encontrado o rumo que convém ao Espírito, na sua ascese evolutiva.

¿DEVEMOS CRER NA IMORTALIDADE PESSOAL?

por F. Noronha

«¿Pois de quê aproveitará ao homem, se ganhar o mundo inteiro, e perder a sua alma?

«¿Ou que dará o homem em troca pela sua alma? S. Marcos — *Evangelho*, cap. VIII, 36 e 37.

«Bom Jesus! Quando estarei gozando da vossa vista? ¿Quando contemplarei a glória do vosso reino? ¿Quando me sereis tudo em tôdas as coisas?

Oh! Quando serei convôsco no vosso reino, que preparastes aos vossos dilectos *ab-eterno! Da Imitação de Cristo*, livro III, cap. XLVIII, 3».

DEVO, de entrada, aos leitores, uma explicação prévia: Encontrando-me de visita, recentemente, em casa da veneranda poetiza octogenária D. Emília Pomar de Sousa Machado, Sua Ex.ª redigiu e ofereceu-ma, convidando-me a responder por escrito, a proposição interrogativa que me serve de título.

De que o homem jàmais se conformou inteiramente com a idéia do aniquilamento absoluto pela morte dão testemunho e constituem argumento inequívoco numerosas realidades típicas denunciadoras ou reveladoras de seus anseios de perpetuação do nome, de áurea retumbância na fama de recôrdo perdurável na posteridade, de vida póstuma pessoal, como de presença própria, de ser, em suma, senão em unidade individual, pelo menos de memória! E disto permanecem provas correlativas de que a arqueologia faz tesouro e falam-nos mesmo, quer virentes, quer ainda de pé linguagens expressivas, decifradas a custo, e momentos milenários, muitos dos quais motivo de assombro e objecto de estudo.

Não tenho, porém, que embrenhar-me no problema da alma pròpriamente dita, visto que isso não obriga a proposição categórica da distinta poetiza.

À pregunta que a mesma proposição encerra cabe a única resposta adequada. Para que a crença na imortalidade da alma produza efeito apreciável no senso moral da humanidade, tornando os povos mais irmãos e o meio social mais tranqüilo e equilibrado, importa que a essa crença corresponda um ideal remunerador, justo e equitativo, para lá das barreiras da vida terrena.

¿Que razão de corrigir-se ou apenas de inibir-se e contrariar as suas inclinações e tendências, viciosas ou não, terá o ente humano, varão ou fémea, acreditando simplesmente que ao roçar-lhe o corpo a asa da morte, a alma, que o abandona à fauna cadavérica, sobrevive no sem termo da existência terrena?

¿Um estado assim, menos do que nirvana, comporta porventura qualquer acção de predomínio influïtivo?

Em verdade, não o descortino. E nem os espectáculos lancinantes do homem lôbo do homem, por entre os séculos e através da História, são de molde a demover de opinião contrária.

A guerra, género de peste e sôpro crudelíssimo de fulminação, coeva das auroras primitivas, atesta, constantemente, requintes e truques em absoluto inconciliáveis com modalidades de sentimentos elevados e até com comezinhas noções de higiene da alma.

Recorreram ontem e recorrem no presente os nababos do poder e de ambições crescentes a processos e a expedientes de atracção numerosa de adeptos ou partidários, conseguindo armar e fanatizar massas de indivíduos dispostos ao sacrifício de vidas e haveres, defendendo-lhes a causa, certos de que beijando a poeira nos campos ou teatros de peleja ressurgirão num além de gôzo infindável.

Dois condutores de homens desta espécie, cada um de envergadura característica, assomam, a pêlo, em meu pensamento: Moisés e Maomé, extraordinárias figuras definidas por livros imperecíveis — o *Pentateuco* e o *Korão* — uma guiando o israelita à terra cobiçada e prometida de Canaan e a outra levando o árabe à conquista relâmpago e embriagando-o com a visão deleitosa do paraíso de delícias, se caído bruscamente na luta por Allah!

Para materialidade sensual exprimem ou significam êstes quadros de enebriamento dos sentidos e não de legítimo interêsse humano na voz da integérrima consciência. Da crença na imortalidade da alma, em tais precisos termos, ¿o que adviria para o mundo, quando passasse de parcelar a totalitária?

* * *

O flagêlo da guerra demonstra em seus aspectos, de maior e de menor chacina destruïdora, e o espectáculo de multidões embriagadas de sangue e ululando raivosas, nada respeitando, que é de completo desnivelamento ético a personalidade humana e não ligada a idéia da alma imortal, onde esta existe, à de sanção gradual proporcionada aos méritos e deméritos ou à autoria e responsabilidade de cada indivíduo na posse de si.

Os contrastes que o mundo apresenta, sem quási solução de continuïdade, de ciladas, de depredações, de incontinências infames, de máscaras com que se encobrem lazarentos de carácter, ignominiosos, farsantes, bandidos e facínoras de tôda a espécie, hipócritas e cobardões repelentíssimos, tudo isto, subjectiva e objectivamente, depõe de ausência íntima de conceito capaz de sustar as ondas purulentas da espécie racional, pondo-lhe na visão interna a imagem, serena ou tormentosa, consoante as acções praticadas, duma vida tôda espírito, depois de exalado nesta o derradeiro alento anímico.

O momento recente, de 1914-1918 e o actual, de Setembro de 1939 em diante, gritam com som metálico nitidíssimo e inconfundível a inanidade da crença na imortalidade da alma, sem a convicção profunda dum além retributivo ou tribunal supremo de julgado etéreo, não movido por paixões e cálculos mercenários ou por tôrpe egoísmo.

Verifica-se a falência dos sistemas filosóficos, dos princípios básicos de escolas doutrinárias, incluíndo preceitos religiosos do próprio evangelho de Jesus, logo que, decorridos os primeiros séculos, foi letra morta a asserção peremptória — *O meu reino não é dêste mundo* — e a política introduziu de novo os vendilhões no templo, com a agravante de encimá-lo agora uma cruz de soberano mártir.

Arde todo o orbe terráqueo em delírio espantoso, associando-se para a razia e sangueira elementos desencontrados que a paz não reunia e componentes homogéneos aliás dispares no ámago pela orientação dirigente.

Brigam as realidades coexistentes, acastelam-se nuvens que turvam a atmosfera respirável, condensam-se ódios, rugem ameaças e até a Ciência é explorada em diametrais antagonismos com o progresso òvante, habilitando o homem, agente e portador de taras, a receios ou a retrocessos sensacionais.

Fenómenos de semelhante natureza são deveras irrisões monstruosas, inimagináveis ou inacreditáveis. Dir-se-iam pesadelos, quimeras ferinas, sonhos de loucura criminosa.

Neste pressuposto evidente fulge que a crença pura e simples da vida imortal da alma separada do corpo, restituído à sua fonte originária pela decomposição e dispersão posterior ao golpe de paralisação irremovível, não vale mais nem mesmo tanto quanto o zero ermo e abertamente isolado.

Portanto, volvo a afirmar que, para valorizamento profícuo da aludida crença importa que lhe corresponda um ideal remunerador, justo e equitativo, para lá das barreiras da vida terrena.

¿Será possível êste ideal de emergência na mentalidade humana?

«Bem pensar — diz Balmes, inolvidável filósofo da Espanha culta — é conhecer a verdade ou corrigir o intelecto pelo caminho que a ela conduz. A verdade é a realidade das coisas. Conhecer esta integralmente em si próprias é possuir aquela; conhecê-las de maneira diferente é enganar-se. Nós sabemos que há um Deus, e êste conhecimento é uma verdade, porque, de facto, Deus existe. Sabemos que a variedade das estações climatéricas resulta dos movimentos da Terra em tôrno do Sol, e êste conhecimento é uma verdade, pela circunstância do Sol ser-lhe o regulador. Sabemos que a obediência às leis, a boa-fé nos negócios, a lealdade aos amigos, etc., são virtudes; não ignorar isto, equivale a conhecer outras tantas verdades; do mesmo modo que aceitar como boas e dignas de louvor a perfídia, a ingratidão, a injustiça, etc., é precipitar-se no êrro. Para bem reflectir, procurai conhecer a verdade, ou seja a realidade das coisas. ¿De que

utilidade serão dissertações mais ou menas subtis, ou mais ou menos profundas, se não há conformidade entre o pensamento e o real? Um lavrador, um modesto operário, perfeitamente conhecedores dos objectos da sua profissão, pensam e falam dêstes melhor do que um filósofo que, revelando-se ignorante de fórmulas abstractas, pretende ensinar o que ignora».

¿Como pode ser tomada a sério, sob o ponto de vista premunitivo individual, a mera asseveração da imortalidade da alma? Ocorre-me nêste momento a palavra do notável francês, que foi filósofo, Jules Simon *(Dieu, Patrie, Liberté,* ed. 7ème, Paris, 1883, pag. 294): «Combater a ignorância, os caricatos preconceitos; dar ao homem e à mulher a plena posse do seu juízo, o pleno exercício de suas faculdades, acautelá-los para as lutas da vida; principalmente encorajando-os, incutindo-lhes uma idéia; fazer-lhes compreender, amar, venerar a justiça: eis a mais bela tarefa de legisladores e de govêrnos...»

Acrescentarei ao imediatamente precedente: e do homem, tantas vezes atormentado pelo vago, iludido pela miragem, enoitecido pela insânia! Importa à felicidade humana e ao esplendor autêntico de civilização efectiva perdurável uma generalizada educação com enraïzamento, na alma, do sentimento de justiça.

Êste sentimento volvido e convertido em sêde forte e aspiração contínua, nunca para nós, terrenos, completamente aqui satisfeita, faz sonhar «uma compensação para as dores do mundo e pressentir para além do céu visível, um outro que não se vê, mas cujas glórias adivinha o coração — o céu da imortalidade». São de poeta, com centelhas de génio, as palavras que acabo de transcrever e interpretar, Antero do Quental (Prosas, vol. 2.º, pág. 5, Coimbra, 1926), e competem a primor à idéia de alma imortal com validade positiva benemerente, como estímulo ou incentivo moral prático, desde os laços da matéria em nosso instável cenário tragi-cómico até o porvindouro irradiar do misterioso além *post-mortem,* já soltos e libertos de vínculos perecíveis na usufruïção tranqüila da paz e ventura sempiternas.

Comprar o galardão de sublime esfôrço mortal pelo dever cumprido é moeda lógica de sobrevivência da alma e cogitação sem quebranto de felicidade imortal.

Seria coïncidência?

por Bartolomeu Bana Martins
Alferes Miliciano Farmacêutico

O que vou contar não é invençao nem mera fantasia. É absoluta verdade e passou-se comigo. Foi numa tarde de Junho do corrente ano e passado na Ilha da Madeira.

Depois de terminado o meu serviço daquêle dia, regressei ao meu quarto. Tirei o relógio do pulso e, depois de o ter colocado em cima da mesa de cabeceira, sentei-me à secretária. Embebi-me na leitura do «Livro dos Médiuns», de Allan Kardec.

Quási ao pôr-do-sol, levantei-me para ir ver as horas, mas o relógio tinha parado por falta de corda. Não me apetecia nada sair para o acertar. De modo que, tratando de resolver esta dificuldade, com o mínimo de incómodo, disse para comigo:

— Bem, vou fazer o possível por ouvir o relógio da Sé e, logo que o ouça, acerto o meu.

Retomei a leitura interrompida e nunca mais me lembrei do tempo nem ouvi as horas. Era já escuro quando me ocorreu que, de qualquer maneira, devia pôr o relógio a trabalhar para não correr o risco de no dia seguinte chegar tarde à repartição. Resolvi então fazer um cálculo aproximado das horas, orientando-me pela escassa penumbra que ainda me cercava.

— Não devemos estar longe das dez e meia, pensei eu.

E, depois de dar corda ao relógio, comecei a rodar com os ponteiros para os colocar na hora calculada. Porém, cêrca das dez e dez, houve qualquer coisa que me fêz exitar.

— Não, não devem ser ainda dez e meia. Isto devem ser... devem ser...

E continuei, então muito lentamente, a deslocar os ponteiros, até que, sem saber porquê, os deixei parar.

—...dez e vinte e dois.

Tornei a colocar o relógio donde o tinha retirado. Deitei-me e comecei a ler o *Reader's Digest*. Daí a pouco, ouvi claramente o relógio da Sé bater três quartos de hora. Peguei no meu relógio, para o reacertar, mas não foi preciso mexer-lhe. Estava certinho. Marcava dez horas e quarenta e cinco minutos.

Na manhã seguinte acordei e o meu primeiro pensamento foi o de saber que horas eram. Ainda com os olhos fechados, pus-me a calcular: — Que horas serão? Talvez umas... sete e vinte sete. Estremunhado estendi o braço fora da roupa e agarrando o relógio trouxe-o à frente dos olhos. Caso estranho! Eram exactamente sete e vinte e sete. Seria simples coïncidência?

Regiões do Após-morte

por Álvaro Ramos Pereira

Uma vasta bibliografia descreve-nos a existência de mundos etéricos, colorindo-os com as maiores belezas e felicidades. Geralmente, são comunicações mediúnicas, eivadas, por isso, duma característica de pessoalismo que deslumbra e que, por isso mesmo, nos coloca de sobreaviso. As descrições variam, como os estados psíquicos das entidades comunicantes. Isto é humano e lógico. Se colocássemos diante da mesma paisagem um pessimista e... um optimista, um sábio e um artista, constataríamos as impressões mais dispares. A sensação depende muito do estado de alma de quem a recebe. Se fôssemos tomar ao pé da letra êsses relatos, bastante nos surpreenderíamos quando, de visu, admirássemos as regiões do após-morte.

Mas estou convicto que dêsses quadros pessoais, muito se pode tirar, desde que, guiados pelo raciocínio lógico, nos não deixemos arrastar na cavalgada da fantasia.

¿Existirão, de facto, êsses mundos? Se assim não fôsse... ¿qual o destino da alma imortal? Contudo, uma primeira precaução: — o têrmo «mundos» é mal adequado, pois não passam de regiões colocadas num mesmo espaço, no infinito seio do éter. Cristo disse: — «Há muitas moradas na casa de meu Pai»! Elas são um corolário dos teoremas da imortalidade e da reencarnação da alma; matemàticamente, diríamos que elas são as condições necessárias e suficientes. Uma dessas moradas... será a própria terra.

¿E onde se colocarão as outras? Mas no espaço planetário adjacente, como verdadeira continuação do progresso que se inicia no próprio astro. Êste cinde-se numa sucessão harmónica de sub-planos que, interpenetrando-se, diferem pela contextura do meio, mais ou menos subtil, o que está de acôrdo com a sublimação progressiva do perispírito em relação ao progresso anímico. Não há uma sotoposição e daqui o espírito não se elevar na acepção real do têrmo, há uma transferência, sim, do foco da consciência.

O «raffinement» perispirítico insensibiliza a alma às sensações inferiores e hipertrofia-a para vibrações mais subtis, ficando como resquício, na memória, as imagens das sensações passadas.

¿ Quantas serão essas regiões? Várias, muitas são as qualidades e progresso dos espíritos.

Porém, se elevação é sinónimo duma transferência de sensibilidade consciente, ¿não quererá dizer a impossibilidade dum ser se manifestar em regiões inferiores às que o seu estado comporta? Não, visto que, para que o fulcro anímico opere, é-lhe necessário um meio, um corpo. Assim, um ser elevado terá que identificar-se com a região a que «desce», mas nisto não perde nem a personalidade, nem a memória. O ser «usa» apenas um meio de exprimir o seu pensamento, um espêlho adequado a ambos os polos, um corpo, um perispírito mais ou menos denso. (cf. teoria das comunicações espiritas).

¿Que veria um espírito elevado, ao olhar, sem aquêle meio, um mundo como o nosso? Para êle não existiria a forma, liberta do espaço restrito das 3 dimensões. A matéria orgânica ou inorgânica apresentar-se-lhe-ia como simples fulcro de energia, como foco de radiações mais ou menos brilhantes. Penetrando na essência de tudo (que é a energia), seria incapaz de reconhecer os objectos e os seres. ¡Nem formas, nem sombras, nem perspectiva! É a visão astral, a noção da 4.ª dimensão que Zoellner apontou na sua «Física Transcendental». Esta vista discernia as formas superiores da energia, as partículas que formam a base dos mundos, o grande campo que é o éter. A visão astral abrange, em vez do objecto, a... sua aura (cf. Ernesto Bozzano in «Enigmas da Psicometria»). A tonalidade desta está continuamente a mudar, seguindo a corrente inquieta do pensamento. Mas, diz-nos a filosofia, por detrás do «devenir» constante das idéias, está a constância do carácter, da personalidade e da linha geral do pensamento. Isto deve redundar igualmente numa vibração, numa radiação

áurica, naquilo que podemos denominar «aura mental». Se estas auras não são mais que o ambiente metaetérico dos seres (cf. Myers), elas também devem revelar-nos o progresso da «psyché», o grau de adiantamento do eu. Assim, na aura vem revelar-se a vastidão experiencial do passado e a tendência do presente.

Logo, tudo o que existe tem «aura», porque tudo contém energia. Estas auras devem interpenetrar-se, influenciar-se, atrair-se, formando uma grande corrente vibratória que o éter recebe e retém. Isto é, devem existir «auras cósmicas», por síntese, digamos, das auras individuais. Nelas estão gravadas as imagens da vida dos mundos, as grandes revoluções do pensamento; nelas uma vista poderosa poderá «ler» o grau de adiantamento do planeta, a «materialização da memória divina».

Surge agora a pregunta:—¿que seres habitam as misteriosas regiões do após-morte? Não são apenas espíritos libertos, desencarnados, que podem manifestar-se nêstes planos. Um indivíduo psìquicamente evoluído pode fazê-lo, desde que saiba libertar-se, suficientemente, por concentração, da vida terrena. Na concentração profunda há um verdadeiro sono hipnótico que libera momentâneamente o espírito do seu envólucro; isto é, o foco da consciência sai do plano físico para se ir reflectir em qualquer das regiões, aquela que está em paralelo com o seu progresso espiritual. (cf. «Raja Yoga», de Patanjali, êxtase dos taumaturgos, mediunidade vidente).

¿E a criatura vulgar, aquela que não se sabe servir das suas energias psíquicas? Pode-o também, durante o sono, em que reconhece outras criaturas, passa pelas maiores aventuras e vê lugares duma beleza celestial. A sua visão é, em geral, um pouco confusa. Mais adiantado, entes-guias podem aproveitar-se do seu sono para se lhe manifestarem sob a forma de imagens que são verdadeiras parábolas e que êles formam pela vibração do pensamento na plasticidade do éter; pode, mesmo, comunicar-se e viver momentaneamente com outros habitantes das regiões citadas (cf. sonhos). Com o estudo e o treino, qualquer pode desenvolver a sua energia psíquica até chegar a atingir, voluntàriamente, o ponto crítico da libertação, o êxtase; nêle, não há a perda da consciência, a vinda do escuro a envolver o ser, como no sono, mas o esfumar dos objectos materiais até ao desaparecimento, ao mesmo tempo que vão surgindo imagens destacadas, mas cada vez mais nítidas até formarem um todo.

O maior número é, lògicamente, formado pelos espíritos vulgares no estado de erraticidade que ou se detêm apenas umas horas ou permanecem durante séculos. Enquanto erra, enquanto vive nestas regiões, medita e arrepende-se e com isto vai-se libertando da atracção das coisas terrenas, ganhando fôrças para novas provas, retemperando a vontade, escolhendo livremente o caminho da reencarnação. O período de duração desta erraticidade está em razão inversa com o progresso do fulcro anímico e êste em razão directa com a rapidez da visão consciente.

¿Como comunicarão entre si estes seres? Os pouco evoluídos, não devem possuir a noção quadrimensional perfeita, de modo que lhes será ainda impossível ler na aura o reflexo dum pensamento, isto é, comunicarem-se por telepatia pura. Relembrando alguns relatos psicográficos, parece-me que devem sofrer restrições similares das nossas, ainda que menos rígidas, e daqui a formação de grupos pela afinidade de línguas, raça, crença ou pensamento.

¿Como será o despertar nestes lugares? Varia, conforme os seres. Há os que abrem logo os olhos para a verdadeira vida, compenetrados da sua nova essência. Há os que permanecem em letargo, num sonho de feliz inconsciência. Há os que se não convencem da sua situação e sofrem por não satisfazerem os seus apetites. Tudo está na razão do Karma.

¿E os animais? Existirão também aqui? Afirmá-lo ¿não será imputar-lhes uma alma? Mas, se tudo é harmonia, se a Lei é uma ¿porque não supô-lo assim? Serão proto-almas em vias de progresso, nos primeiros degraus da escada longuíssima da Evolução. Se a alma é, no fundo, um fulcro de energia, tudo tem uma alma, desde a matéria inorgânica ao homem, ou a vida seria um milagre incompatível com a uniformidade das leis naturais. Nada surgiu por acaso e tudo veio duma mesma origem e tudo segue a mesma senda. ¿Em que me inferiorizo, se supuser que a minha alma já animou a bruteza duma rocha, a maravilha duma planta e a irracionalidade dum animal? Antes, isto me dará fôrças, pois me dá a idéia dum imenso caminho andado, bem mais curto do que me falta ainda percorrer. Transcrevo aqui as palavras de C. W.Leadbeater: — «os animais, na sua maioria, não adquiriram ainda, até hoje, uma individualização permanente e quando mor-

rem, a essência monádica que os animava, volta ao stratum especial donde veio, levando com ela a experiência ou o desenvolvimento que pôde adquirir durante a vida do animal. Isto, porém, não se faz imediatamente; o corpo astral do animal sofre o mesmo processo que o do homem e conserva no plano astral uma existência real, cuja duração, nunca longa, varia segundo a inteligência que o animal desenvolveu. Geralmente, essa existência não passa duma espécie de sonho inconsciente, impregnado, ao que parece, duma perfeita felicidade.

Quanto aos raros animais domésticos que já atingiram a individualização e que, por conseguinte, não mais voltam a êste mundo sob forma de animal, êsses têm uma vida astral mais longa e mais activa, caindo, por fim, a pouco e pouco, num estado subjectivo que, certamente, dura por muito tempo.

¿Serão estas as únicas classes de seres que povoam as múltiplas regiões do após-morte? Não. Quando tratámos das energias psíquicas, vimos que uma corrente de pensamento ia gravar imagens no éter. Suponhamos que um indivíduo idealiza um ser qualquer (uma musa, por ex.º). O pensamento, animado pela vontade de que tal ser exista, redunda numa vibração que o éter capta sob a forma duma imagem; o indivíduo continua a pensar nêsse ser ideal, revestindo-o das maiores belezas, das qualidades mais excelsas e tudo isto concorre para que a imagem se vá precisando, tornando-se duradoira; a matéria astral, atraída pelo fulcro electro-magnético, molda-o, forma-lhe um corpo. Mercê da energia concentrada, êste artificial tem uma vida própria em acôrdo com o pensamento gerador, aparece em sonhos, alimenta-se do desejo-causa, vive da sêde de ideal. Entre estes artificiais e os seus progenitores forma-se um verdadeiro laço que não só fortalece e vivifica o artificial, como ampara, influencia, alegra o causador. O processo é em tudo semelhante ao que os espíritos seguem inconscientemente na formação das suas cidades ideais.

A fantasia do ideal acumulada na alma do ser redunda numa forte corrente que ainda se intensifica com a sincronização harmónica de seres afins. Esta vibração poderosa grava no ambiente metaetérico as imagens que aquêles tomam como verdadeiras, como realidades e de que falam. (cf. «Cartas do outro mundo», de Elsa Baker e «Vida além do véu» de G. V. Owen). De facto, êsses mundos de fantasia têm uma influência benéfica sôbre aquêles espíritos, pois é um repouso, um banho de Luz, a realização dos sonhos. Ali encontram os que na Terra comungaram nos mesmos anseios, nas mesmas dores, nos mesmos pensamentos.

Interpenetrando estas regiões, como em tudo, está o éter, o campo de possibilidade de todos os fenómenos.

Verifica-se em algumas sessões o desenvolvimento de fôrças extraordinárias cuja causa é aparentemente desconhecida: — as fôrças astrais. Na minha opinião, não são mais que uma expressão da energia etérica. Como campo electro-magnético, verdadeiros estremecimentos devem percorrer o éter de lés-a-lés, verdadeiras vagas: — as correntes etéricas.

Trabalhos modernos revelaram a pressão exercida pela luz como já se conhecia uma pressão atmosférica, sonora ou osmótica. ¿Que é afinal a pressão? Nada mais que a resultante dum choque de partículas activadas. Atendendo à estrutura do éter, deve também existir uma pressão etérica que se revelaria no vácuo absoluto. Uma vontade forte e um pensamento superior poderão guiar e canalizar esta pressão para um ponto, pois que são capazes não só de gerar como de impelir as correntes etéricas, constituíndo uma vibração que se transmite indefinidamente pela inércia da matéria que forma estas regiões, «visto que a própria construção do Universo não é mais que o resultado das vibrações despertadas pelo Verbo».

À custa, pois, desta energia pode obter-se a incidência duma vibração de alta freqüência sôbre um objecto, desagregando-o, transportando-o, refazendo-o (cf. «appots» e «Física Transcendental» de Zöellner). O emprêgo desta energia e destas vibrações explica a fotografia transcendental, a escrita directa, a telepatia, a levitação, as luzes espiritas.

Parece-me que, após êste breve arrazoado, ficamos com um conhecimento um pouco mais racional e menos fantasista das regiões do após-morte que prolongam o mundo físico e são o trampolim para outros mundos mais puros, onde prosseguirá o grande caminho ascensional para a Verdade.

O Espiritismo só estabelece como princípio absoluto o que é demonstrado pelo raciocínio ou o que se deduz lògicamente da observação.

Allan Kardec

RESUMO DA DOUTRINA ESPIRITA(*)

(Espiritismo evolucionista)

pelo Dr. Gustave Geley

Tradução de I. D. S.

III

Os Factos

Os sábios que têm estudado os factos — Condições para a produção dos fenómenos — Os médiuns e o seu papel — Duas categorias de factos: sua enumeração e descrição — Explicação dos factos pela doutrina espirita — Do conteúdo intelectual das comunicações e da sua interpretação — A teoria anímica — Seu perfeito acôrdo com o Espiritismo — As duas teorias são inseparáveis uma da outra—Os fenómenos mediúnicos, qualquer que seja a sua natureza e causa real, estão em franca oposição com o mecanismo e o materialismo niilista — Ocultismo e Teosofia.

O movimento espirita moderno foi realmente iniciado nos meados do século dezanove.

Nascido na América, prestes se estendeu por todo o mundo.

A persistência e a fôrça dêste movimento, numa época de cepticismo como a nossa, é coisa digna de séria meditação.

Mas quando a razão do mais incrédulo vacila, é quando se vê a lista interminável de sábios, homens de ciência e artistas de todos os países que professaram ou professam a religião espirita, comprovando os factos com longa e conscienciosa experiência.

A história do Espiritismo moderno ocuparia já uma série respeitável de volumes. Limitar-me-ei a fazer aqui parca enumeração dos sábios ilustres que hão contribuído, com seus favoráveis testemunhos, para o esclarecimento desta doutrina e que têm feito investigações metódicas para provar o Espiritismo.

A primeira coisa que nos cumpre manifestar é o facto de que *nem um só homem de ciência tem negado a realidade dos fenómenos espiritas,* em seguida a um estudo, por muito leve que tenha sido. Pelo contrário, são muitos os que, tendo começado o estudo desta ciência com cepticismo completo, acabaram por se converter ao Espiritismo.

Em França, Allan Kardec foi o primeiro que estudou largamente os fenómenos e estabeleceu os elementos essenciais da nova doutrina.

Os principais estudos metódicos do Espiritismo feitos pelos sábios ou grupos de sábios, são os seguintes (1):

As investigações experimentais levadas a efeito com o auxílio de instrumentos de precisão pelo professor Robert Hare, de Filadélfia, de 1851 a 1854.

As experiências do conde de Gasparin, em 1854.

Os trabalhos da Sociedade Dialética de Londres, em 1869.

Os estudos de William Crookes, àcêrca da *fôrça psíquica,* dos movimentos sem contacto e das materializações, de 1870 a 1874.

As misteriosas investigações de R. Wallace.

As do astrónomo Zoellner, que o levaram a descobrir a quarta dimensão da matéria.

As de Aksakoff e do professor Gibier.

As de Donald Mac-Nab, em 1888; as de M. Pelletier, em 1891, e as do doutor Paul Joire, em 1895.

As recentes e numerosas experiências feitas com a médium napolitana Eusápia Paladino e realizadas por grupos numerosos de sábios, de Nápoles, Milão, Roma e Varsóvia e, por último, em França, pelos senhores Richet, Sabatier, de Rochas, Darieux, de Gramont, Maxwel, de Watteyille, etc., etc.

Entre os principais sábios que afirmam a autenticidade dos fenómenos, podemos citar:

(*) Ver *Estudos Psíquicos,* de Novembro e Dezembro de 1943 e Janeiro de 1944.

(1) *Vide* a obra de M. Erny, intitulada «Psicologia Experimental», donde temos tirado muitos dados para escrever o presente livro.

Em Inglaterra — Os professores Morgan e Gregory; os doutores Chambers, Lockhart-Robertson ; o professor Oliver Lodge (2), da Sociedade Real de Londres; o professor William O. Barrett, de Dublin; os senhores Challis e Myers, ambos professores da Universidade de Cambridge; A. Russel Wallace, o ilustre naturalista, émulo de Darwin; William Crookes; Varley, etc., etc.

Na Alemanha e na Áustria — O professor Zoellner; o doutor Carl du Prel, de Munich; o doutor Ciriax; os professores Ulrici, Weber, Fechner, de Leipzig; Schrenck-Notzing, etc., etc.

Na Suiça — O doutor Perty, de Berna; os senhores Metzger e Flournoy, de Genebra.

Na Suécia — Os doutores Tarneboem e Esland.

Na Rússia — Os professores Boutlerow e Wagner; o senhor Bodisco; o doutor Ochorowics, etc., etc.

Em Itália e em Espanha — O professor Otero; Schiaparelli, director do Observatório Astronómico de Milão; os senhores Ermacora e Finzi; os professores Brofferio e F. de Amicis, etc., etc.

Em França — O doutor Paul Gibier, director do Instituto Pasteur, de Nova-York; o exímio Flammarion, glória da Astronomia; o professor Richet; o doutor Darieux; o conde de Rochas, administrador da Escola Politécnica; o professor Sabatier, de Montpellier; o doutor Segard, médico principal da marinha, etc., etc.

Ao terminar esta lista, muito incompleta, vou citar algumas reflexões bastante sugestivas de experimentadores que, céptico a pricípio, acabaram firmes crentes na doutrina espirita:

«Poucos sábios tem havido no mundo tão incrédulos como eu nas doutrinas chamadas espiritas. Para se convencerem disso, basta consultar a minha obra «Os loucos e os anormais» (Pazzi ed Anormali), bem como os meus estudos «Sôbre o Hipnotismo», nos quais cheguei, mesmo, a insultar os espiritas!...» (Lombroso — *Anais das Ciências Psíquicas).*

«Mas agora estou confuso e lamento ter combatido de modo tão obstinado e persistente os factos chamados espiritas. E digo os *factos,* porque ainda continuo oposto à teoria...» (Lombroso — *Carta a Siolfi).*

«Quando me lembro de que em certa época me assombrava do valor de William Crookes em sustentar a realidade dos fenómenos mediúnicos; e quando me lembro, sobretudo, de que li as suas obras com o sorriso estúpido com que os colegas do ilustre sábio escutavam as suas opiniões àcêrca do Espiritismo, sinto infinita vergonha de mim mesmo... ou melhor, uma grande vergonha por mim e pelos outros...» (Doutor Ochorowics).

«Ou terei que negar o testemunho dos meus sentidos, ou renunciar a todos os meus conhecimentos relativos à gravitação, à inércia, à fôrça-motriz e a todos os atributos da matéria.

«Não posso calar-me perante êstes factos (os fenómenos mediúnicos), porque seria verdadeira cobardia moral. (Professor Elliot Coues).

«Depois de ter assistido em pessoa às diversas e maravilhosas experiências feitas com a médium Eusápia Paladino, posso afirmar sem ênfase a inteira veracidade dos fenómenos observados». (Professor E. Amicis, da Universidade de Nápoles).

«Não tive outro remédio senão considerar demolido todo o edifício das minhas convicções filosóficas, às quais havia consagrado uma grande parte da minha vida». (Doutor Masucci).

«Até ao dia em que pela primeira vez presenceei os factos do Espiritismo, eu era um materialista refinado... Era um céptico, um materialista tão completo, que nem sequer podia conceber a existência espiritual... Mas os factos são qualquer coisa de indubitável, de irrefutável... e acabaram por convencer-me. Obrigaram-me a aceitá-los *como factos,* muito antes de eu poder admitir a explicação espirita. Nessa altura, ainda não havia no meu pensamento lugar para semelhante ordem de idéias. Mas pouco a pouco, a maravilhosa evidência dos factos criou um lugar no meu pensamento...». (R. Wallace — *O Moderno Espiritualismo).*

Entre as obras mais recentes que podemos consultar, citaremos as seguintes:

1.º — *Para a parte experimental:*

De Rochas — «Exteriorização da Fôrça-Motriz».

(2) *Vide* a interessante obra «A Evolução Biológica e Espiritual do Homem», de Sir Oliver Lodge.

CORAGEM E FÉ

por Reper-Siam

Aqui estamos mais uma vez a trocar as palavras do costume e sem coisas novas para vos dizer. Contudo, alguma luz há de irradiar do nosso intercâmbio espiritual.

O mundo terreno é hostil à nossa doutrina e os espiritas verdadeiros têm de a propagar, sejam quais forem as dificuldades e os sacrifícios. Há que enfrentar os perigos, os reveses, os contra-tempos, com tôda a coragem, com tôda a fôrça de fé e de vontade, porque a hora é de materialidade grosseira.

Falar dum modo e agir de outro, é contraproducente. Quem orientar, assume grande responsabilidade. Porque alguns há, que trazem o amor nos lábios e o ódio no coração. São os que mais discórdias fomentam entre vós.

A nossa doutrina é incompatível com a mã fé, com o obscurantismo, com a intolerância, com o espírito de facção. Que as almas e os pensamentos sejam isentos de maldade. Um só rosto, uma só fé, um só interêsse — a propaganda da doutrina que mais probabilidades tem de redimir os homens, afastados do redil do Senhor.

Apesar de ser tão velho como a humanidade, só há pouco o Espiritismo começou a ser estudado à luz do dia, deixando o carácter hermético e apresentando-se como doutrina filosófica e científica, tão própria dum santuário de oração, como dum laboratório ou duma biblioteca. É a única corrente espiritualista que explica racionalmente os grandes problemas religiosos, de modo a satisfazer os sedentos de conhecimentos.

Nestas circunstâncias, não pode circunscrever-se a sessões vulgares sem contrôlo possível, nem a círculos esotéricos. Bem ao contrário, deve apresentar-se como campo aberto a tôdas as actividades e a tôdas as inteligências. Os próprios ignorantes que, por qualquer motivo, não puderam ou não quiseram desenvolver o intelecto, de modo a assimilar a essência desta doutrina, têm aqui o seu lugar, desde que sejam bem orientados e não comecem pelo fim.

É necessário, pois, que os homens de boa vontade se unam e façam do Espiritismo um vasto sector que albergue todos os que lutam e anseiam por um mundo melhor, de eqüidade e de justiça, sob a égide do cristianismo puro.

Para avançar e se impôr, o Espiritismo não precisa de se apoiar num ou noutro ramo

---

Metzger — «Ensaio de Espiritismo Científico».

Erny — «Psicologia Experimental».

Doutor Gibier — «Espiritismo ou Faquirismo Ocidental».

Aksakoff — Animismo e Espiritismo» e «Um Caso de desmaterialização parcial».

Delanne — «O Fenómeno Espirita».

Poder-se-ão igualmente consultar com proveito os estudos mais antigos de Crookes: «Investigações Àcêrca dos Fenómenos Espiritas» e os de Wallace: «Milagres e Espiritismo Moderno».

2.º — *Para a parte teórica:*

Doutor Gibier — «Análise das Coisas».

Léon Denis — «Depois da Morte».

Delanne — «Evolução Anímica» e «O Espiritismo ante a Ciência».

Também podem consultar-se com grande utilidade os «Anais das Ciências Psíquicas».

CORRIGENDA — No último artigo, pág. 82, linhas 11, 12 e 13 da 2.ª coluna, onde se lê:

«A herança física é evidente e muito importante, embora dela dependa em parte o bom estado do instrumento orgânico», deve ler-se:

«A herança física é evidente e muito importante, pois dela depende em parte o bom estado do instrumento orgânico».

Também na 24.ª linha da 2.ª coluna (pág. 83) onde se lê: «2.ª Porque as contradições dos desencarnados», deve ler-se: «2.ª Porque as declarações dos desencarnados».

político, numa ou noutra actividade social, visto que, sendo baseado em factos de laboratório e comunicações devidamente fiscalizadas, é susceptível de fornecer utilíssimos elementos aos próprios condutores de povos que pretendem fazer do mundo uma estância de felicidade baseada no trabalho profícuo.

O Espiritismo — repito — não precisa da benevolência das sociedades materialistas. Basta-lhe o amparo de bons Guias, basta-lhe o amparo de Jesus, que para todos deseja um mundo bom e justo.

Todos estamos sujeitos à evolução geral e muitos são os caminhos que vão dar à meta. O essencial é saber procurá-los com amor, com desejo firme de progredir.

Sêde, pois, humildes e cordatos, aceitando os caminhos e as cruzes que vos inpuseram. Aceitai a vossa prova e esforçai-vos por cumpri-la, afim de merecerdes a recompensa.

A maioria dos homens vivem mergulhados na aridez material; mas se êles pensassem mais na espiritualidade, alijariam a ganga que lhes obscurece o raciocínio e os leva a comprometer a vida futura, que é a verdadeira, a que mais conta na evolução do espírito.

A vida planetária é simples aprendizagem que deveis aproveitar melhor, para vos habilitardes a entrar noutras esferas expurgados dos vossos defeitos.

Afinal, os que têm a felicidade de vislumbrar êsses mundos, são, quási sempre, os que menos fazem por alcançá-los. Pregam uma coisa e sentem outra; são espiritualistas para os estranhos e em casa usam de moral materialista, gozando a vida sujeitos à lei do menor esfôrço, enquanto seus irmãos atrasados vergam ao pêso de fardos incomportáveis.

Enfim, o assunto nunca se esgotaria e eu não poderia ficar aqui a prègar indefinidamente.

É indispensável que haja alguém que se imponha pelo exemplo. Portanto, mãos à obra. Fazei da vida material um estágio em que a obediência e o trabalho sejam o principal objectivo. Aos que nada produzem e apenas sabem lançar a confusão e a discórdia no meio em que actuam, deixai a complicada tarefa de involucionar.

Que os espiritas libertos de preconceitos, de teorias balôfas e de vaidades mesquinhas, se unam e sigam àvante, em busca dum mundo novo, vasado em moldes completamente novos.

Felizes ou infelizes?

(Realidade espirítica, observada nos dois planos)

por Leopoldo Machado

A família é grande e muito unida.

O mais perfeito exemplo duma colmeia humana, onde a divisa pode ser «um por todos, todos por um».

Família que serve de modêlo para vizinhos e conhecidos.

A vida tem-lhe corrido alegre e feliz.

Mas, chegaram-lhe, exactamente por serem precaríssimas a alegria e a felicidade terrenas, as primeiras lágrimas, as dores primeiras.

Morre-lhe de parto uma senhora e o filhinho. A curto espaço, um rapaz, de mal desconhecido. E mais outro, de acidente. E a velha, que era esteio do lar, num desastre de automóvel. E outro filho, de pneumonia dupla. E mais outro membro da família, num naufrágio.

Tudo, a curtos intervalos.

Era, então, de ouvir-se, de vizinhos e amigos:

— ¡Até parece castigo do Céu, tanta morte junta, assim!

— Que família infeliz!

— ¡Infelizes todos: os que vão e os que ficam!

* * *

No plano espiritual, era outra a cena.

É que, se há famílias formadas de Espíritos inimigos de outras vidas, para que, pelos laços familiares, as inimizades do passado se transformem em amizades do presente e do futuro, também as há de Espíritos afins, para a graça de, juntos, realizarem sua ascese à perfeição.

Parece de segunda espécie a família grande e muito unida, cujos membros estão morrendo amiúde.

Os amigos, parentes, guias espirituais e Espíritos afins vão recebendo, na Espiritualidade, os membros chamados por Deus, por já terem cumprido suficientemente suas provas e funções na vida material.

E todos vão recebendo felicitações por se verem livres do cárcere da carne, a tão curtos intervalos.

A cooperação valoriza as economias do trabalhador

pelo Coronel Faure da Rosa

II

NO sistema cooperativo não pode haver super-produção, porque a produção é regulada pelas necessidades de consumo dos associados, embora tal regulação esteja sujeita a erros, como tudo quanto é humano. Pode e deve haver abundância, mas não super-abundância. Ali pratica-se o princípio da economia dirigida: produção proporcional ao consumo e não produção às cegas, como no sistema da concorrência ilimitada.

Vou dar uma curta resenha dos perniciosos efeitos do sistema de «venda-e-compra» pelo antigo processo da concorrência ilimitada que obriga a manter preços altos para que o lucro não baixe.

A solução adoptada até hoje para estabilizar o lucro tem sido destruir os produtos, à doida, ou obrigar os agricultores e industriais a restringirem o consumo.

Nos Estados Unidos, em 1933, destruiram-se 2 milhões de toneladas de milho e porção igual de trigo, pelo menos. Para diminuir a produção do leite abateram-se 400 mil vacas. Em Los Angeles deitaram-se fora, mensalmente, 200 mil litros de leite, e em Harford 20 mil litros por dia.

Arrancaram-se do solo 80 mil pessegueiros; metade da colheita de peras de La Rocque foi destruída; centenas de milhar de carneiros foram abatidos com a proïbição de vender ou de dar a alguém a carne; e milhares de toneladas de batatas, de tomates, de couves... tudo foi aniquilado para que os preços pudessem manter-se à desejada altura, susceptíveis de produzirem lucros fartos.

Dezóito milhões e 400 mil hectares de terras cultivadas passaram a pousio e foi rezida de 28 % a superfície consagrada à cultura do Algodão.

No Brasil, de 1931 a 1935, 37 milhões de sacos de café, ou foram queimados ou lançados ao mar. Em 1930, a República Argentina subtraiu ao consumo 6 milhões de hectolitros de vinho; ordenou a destruïção de cepas em 25 milhares de hectares e destruíu a colheita de 50 mil hectares.

Em Java a produção de açúcar foi reduzida, em 1935, para menos de ¼ do que fôra em 1930. Em Cuba e na África Oriental Inglêsa, reduziram-se ou destruiram-se culturas de açúcar, milho e café. No Canadá fez-se o mesmo a trigo, milho, aveia, cevada, frutas várias; as sementeiras diminuiram-se de 800 mil hectares.

Em Ceilão, na Holanda, na Dinamarca, na Roménia, na Hungria, na Irlanda, na Noruega, na Grécia, na Alemanha, na França... por tôda a parte a mesma sanha de destruïção e o mesmo propósito de restringir a cultura para que o *lucro* não descesse. ¡E quantas vezes os resultados foram contraproducentes! Por exemplo, a formidável destruïção de café no Brasil, fêz-lhe subir o preço; em

---

De muitos, são êstes os comentários:

— ¡Até parece prémio do Céu; tanta gente chamada, a tão curto intervalo, por Deus!

— Que família felicíssima!

Felizes todos: os que desencarnaram, por verem terminadas suas provas e funções na carne, e os que ficam, porque vêem seus entes queridos libertos das maldades do mundo.

E, no Alto, a assistência espiritual dos que partiram vai descendo aos que ficaram.

E, da Terra, as preces e saüdades dos que ficam vão subindo, espiritualmente, aos que se foram.

Uns e outros, na certeza de que, um dia, perto ou longe, na Terra ou no Espaço, estarão de novo, reünidos, para novas asceses, rumo à Perfeição, a Deus.

Do *Reformador*, do Rio de Janeiro.

conseqüência, a cultura aumentou em Colúmbia, Venezuela, Guatemala, Cuba e Costa Rica, onde o preço se tornou remunerador.

Para que o progresso possa realizar-se, é necessário, sem dúvida, que os homens estejam em relações uns com os outros; essas relações, porém, podem originar, ou a concorrência ou a cooperação. Quando há concorrência, dois indivíduos que executem o mesmo trabalho, ambos êles procuram fazê-lo o melhor que puderem, é certo, mas cada um em detrimento do outro. Quando há cooperação, cada um dos trabalhadores procura ajudar o companheiro, com vantagem para ambos. Mas, quere num caso, quere noutro, nenhum dos trabalhadores se elevou acima do nível das suas «desigualdades» adicionadas (e digo «desigualdades» porque não há duas criaturas iguais).

No primeiro dos métodos — a concorrência — são os instintos baixos e bestiais do homem que predominam, enquanto no segundo, — a cooperação — é a sua natureza superior que comanda, que actua na coadjuvação mútua.

A concorrência é a forma da barbárie e jàmais poderá alcançar os mesmos resultados que a cooperação, que representa a civilização; porque os homens que se batem entre si despendem energia sem utilidade. Como acabei de mostrar, a concorrência, longe de aproveitar à humanidade, foi a causa de destruïção sem qualificação, foi causa de pobreza.

A concorrência é um exemplo da lei da sobrevivência do mais apto, tal qual existe nos animais . Sobrevivência não do melhor, mas muitas vezes do pior; é um apêlo aos mais baixos instintos da natureza humana. Porque, na realidade, o desejo-base da concorrência não é fazer bem aos seus semelhantes. O objectivo de tôda a concorrência é aumentar o lucro, a ganhuça dum indivíduo ou duma emprêsa. Só o acréscimo da produção obtido pela cooperação, pode aproveitar à humanidade inteira.

E não há cooperação mais sólida e perdurável que a do cooperativismo.

Mazzini, apóstolo do Cooperativismo italiano, escreveu: «Nada conseguireis, entretanto, se mudardes a organização e conservardes, ao mesmo tempo, as vossas paixões e o vosso egoísmo. As organizações sociais assemelham-se a certas plantas que, conforme as pessoas que as manipulam, assim produzem venenos mortíferos ou substâncias curativas.

Realmente, ¿de que serve organizar e pôr a funcionar uma cooperativa de consumo, ou uma associação de socorros mútuos, se os componentes não tiverem no coração, e sempre presente, que o primeiro dever do homem é o da solidariedade, que a sua liberdade acaba onde começa a do companheiro?

Nós devemos servir as idéias e não servirmo-nos delas ao sabor dos nossos interêsses individuais.

Não é demais lembrar que a solidariedade é um princípio cristão. Tão arredada tem andado, ultimamente, a Humanidade, dêsses princípios, que é oportuno lembrá-los. O grande socialista francês Jean Jaurés, escrevia em 1890: «Não é com sentimentos de cólera ou de cobiça que os homens devem olhar-se uns aos outros, mas com uma espécie de piedade recíproca, que, talvez, venha a ser o prelúdio da justiça...»

Se Jean Jaurés ainda pertencesse a êste mundo, na época que atravessamos, de ódio, de guerras, de dificuldades de todo o género... com certeza que renovaria o conselho que deu há mais de 50 anos.

Todos os dias temos conhecimento de suïcídios que assombram, de tragédias que horrorizam a sensibilidade mais embotada. Por um nada mata-se o vizinho ou o companheiro, o senhorio ou o locatário ou o credor. Na generalidade, os homens deixaram de se respeitar a si mesmos. Assim, ¿que respeito podem êles ter pela vida alheia?

O ódio parece ter-se desencadeado em todos os meios e, contudo, mister é reconhecer que, se de facto houvesse mais ódio que amor, natural seria que êste mundo tivesse sido destruído há muito tempo. Eu creio que tôdas as perturbações internas e externas são devidas ao exagerado desenvolvimento das idéias materialistas.

* * *

O consumidor hoje não é nada; e, no entanto, devia ser tudo, porque todos nós humanos, sem distinção de classes, de situações, de proventos, — todos nós somos feitos para consumir e só produzimos para poder consumir. O consumo é o fim, o fim de todo o mecanismo económico; a produção é, apenas, o meio. A produção deve estar ao serviço do consumo pela mesma razão que os braços estão ao serviço do estômago.

¿Como valorizar a fôrça dos consumidores?

Criando cooperativas de consumo em primeiro lugar, abastecidas por armazens cooperativos de venda por grosso.

Não basta, porém, criar cooperativas de consumo e engrandecê-las: é indispensável saber aproveitar os lucros da prosperidade, não só em benefício individual dos associados, mas também, e principalmente, em benefício da colectividade. O cooperativismo não pode avançar sem um plano. Êsse plano — segundo Charles Gide — deve compreender três etapas distintas e sucessivas:

1.ª Agrupar as sociedades cooperativas entre si e aplicar a maior soma possível dos lucros obtidos na fundação de armazens de venda por grosso, adquirindo as mercadorias em grande escala aos produtores e distribuíndo-as, depois, pelas cooperativas de consumo filiadas.

2.ª Com o capital constituído pelos lucros dos armazens de venda por grosso, produzir directamente tudo que os sócios necessitem, criando padarias, sapatarias, moagens, chapelarias, manufactura de panos, de vestuários confeccionados, de sabões, de bolachas, de papel.

3.ª Num futuro, longínquo ainda, de-certo, adquirir herdades e produzir nessas terras o trigo, o milho, o vinho, o azeite, a carne, o leite, a manteiga, as aves domésticas, os ovos, os legumes, os frutos, a madeira, as flores... tudo que constitui a base do consumo.

Em poucas palavras: na primeira etapa, trata-se de conquistar a indústria *comercial;* na segunda, a indústria *manufactureira,* e na terceira, a indústria *agrícola.*

O que acabo de expor pode parecer desmesurável utopia: pretender que sociedades cooperativas de consumo possam conquistar, etapa por etapa, as fôrças produtivas dum país... que disparate! Mas êsse cepticismo modifica-se desde que nos lembremos que a fôrça, a verdadeira fôrça, existe na união dos consumidores, quere se trate de operários ou camponeses, quere de burgueses ou aristocratas. Todos consomem.

Na Inglaterra, os fornecimentos feitos pelas cooperativas de produção, no ano agrícola que terminou em 13 de Julho de 1929, importaram em 27 milhões e 233 mil libras esterlinas; o lucro líquido foi de 744.244 £, o que corresponde a 6 soldos e 5 dinheiros por libra; quere dizer, se avaliarmos a libra esterlina em 150 Esc. da nossa moeda, o lucro líquido pouco excedeu 2,5 %. A massa dos lucros foi empregada em obras sociais, inclusivé as de solidariedade e de incremento cooperativo. Na Grã-Bretanha as terras em regime cooperativo, cultivadas umas, em pastagens outras, abrangiam em 1930, treze mil e seiscentos hectares. Na mesma data, em Ceilão e na India inglêsa, as plantações de chá de sociedades cooperativas, ocupavam a área de 13.764 hectares.

As cooperativas de venda por grosso, na Grã-Bretanha, também em Julho de 1930, contavam 4.540.256 sociedades filiadas e tinham efectuado a venda de 43 milhões 485 mil 130 £, só em 26 semanas.

Na Dinamarca, em 1928, havia 1.784 sociedades cooperativas filiadas nas cooperativas de venda por grosso; as suas vendas tinham atingido naquela data, 134 milhões 368 mil 629 «kroners», o que corresponde, na nossa moeda, a 174 milhões e 679 mil contos.

A finalidade suprema das cooperativas de consumo, é, sem dúvida, apoderarem-se da produção; mas a experiência feita em França e noutros países, há mais de 50 anos, demonstrou que não se conquistará por meio de associações cooperativas de produção, pelo menos no estado actual da maioria da humanidade, essencialmente egoísta. A França pensou que poderia alcançar a emancipação da classe operária e a abolição do salariato pela associação cooperativa de produção, isto é, pela formação de agrupamentos de operários sem patrão, cujo trabalho conjugado permitisse o fabrico em comum e a venda de conta própria dos produtos do seu trabalho. Parecia que êste deveria ser o caminho mais curto e mais seguro para chegar à finalidade suprema do cooperativismo.

Infelizmente não sucedeu assim; a experiência demonstrou que a associação de produção, como sociedade autónoma e funcionando com os recursos próprios, era impotente para introduzir modificações de vulto na ordem estabelecida. A maioria de tais associações falhou. E, sintoma muito mais grave: grande número das que lograram bom êxito tiveram que pagá-lo por preço superior ao da valia, porque viram sossobrar ou perigar o princípio que devia ser a alma do cooperativismo de produção e que inspirara os seus fundadores: — a emancipação progressiva da classe assalariada. O que se viu, foi essas associações transformarem-se em pequenos patrões, fazendo trabalhar sob as suas ordens e de sua conta um número mais ou menos considerável de operários assalariados; o único resultado positivo foi facilitar a certos grupos de operários mais inteligentes, mais hábeis, o meio de se elevarem ao nível

de patrões. Isto explica-se: é que a evolução espiritual não acompanha a evolução material.

O que é necessário é que êsse escol de operários se conserve dentro da massa e a faça levedar, como o fermento leveda tôda a amassadura.

O egoísmo de classe é pior ainda que o individual, porque cada qual pretende o predomínio dos seus interêsses particulares, em detrimento do interêsse geral da região e até da própria nação. Nêste ponto, como em outros, os operários improvizados em patrões, não seriam melhores que os verdadeiros patrões; é que todos nós somos amassados com o mesmo barro. Não só essas associações de produção se declarariam em estado de guerra contra o consumidor, mas também manteriam a guerra entre si, como hoje a mantêm os fabricantes; e, assim, fariam reviver a anarquia industrial que deu lugar à criminosa destruïção de víveres e de plantações em tantos países.

O cooperativismo para ser profíquo e duradouro, tem que seguir a trajectória da evolução: avançar à medida que as massas populares se forem educando, à medida que forem sendo capazes de se sacrificarem pela colectividade, pelo bem de todos. Façamos como diz o povo: «Devagar, que tenho pressa».

Termino com a narrativa duma anecdota contada por Charles Gide, o mestre do cooperativismo em França.

Um dia, um inglês apostou que se iria postar na Pont-Neuf de Paris, desde as 8 h. da manhã até o meio dia e que ali ofereceria, a quem passasse, um luiz de ouro, em troca dum soldo, mas que ninguém lhe aceitaria a troca.

Era como se na nossa terra êsse inglês nos oferecesse, por exemplo, uma libra de ouro em troca de cinco centavos.

Efectivamente, cada um dos transeuntes a quem êle oferecia um luiz de ouro por um sôldo, encolhia os ombros e murmurava: «O homemzinho imagina que eu sou «trouxa» para me deixar vigarizar desta maneira!» Houve até um ou outro transeunte que ameaçou o inglês de o mandar prender como vigarista.

Era quási meio dia e o inglês estava prestes a ganhar a aposta, quando passa um bébé, acompanhado pela aia, que ao ver luzir o ouro das moedas, pediu em altos gritos que lhe dessem uma. A aia tentou aquietá-lo, mas como o petiz berrasse mais, acabou por adquirir a moeda de ouro em troca dum soldo, dizendo consigo que o prejuizo não seria grande.

Esta anecdota resume a história do cooperativismo. Trocar as misérias da organização social actual pela organização cooperativa, é o mesmo que trocar um soldo por um luiz de ouro, cinco centavos por uma libra de cavalinho. O público, os consumidores tudo têm a ganhar.

¿Que poderiam êles perder?

Admitindo que o cooperativismo não lhes faça nenhum bem, absolutamente nenhum, é certíssimo que nenhum mal lhes poderia causar. Já o mesmo se não pode dizer de outros sistemas de organização económica.

Mas, vamos lá dizê-lo aos transeuntes... Todos êles se riem de nós e nos preguntam se os tomamos por parvos; alguns até nos acusarão de exploradores.

Oxalá que os leitores não façam o mesmo que fizeram os transeuntes da Pont-Neuf.

Faço votos para que sejam antes como aquêle bébé que acreditou no que lhe disseram.

A Vida Humana

A vida humana é uma evolução lenta e progressiva para a perfeição absoluta e não constitui apenas curto movimento de consciência despontado por acaso entre dois nadas. A vida humana teve passado; terá também futuro.

O homem é, na verdade, um ser que recorda e avança. Muitos factos materiais estabelecem incontestàvelmente a exactidão destas afirmações. Desde o nascimento, a criança executa certos actos (respiração sucção, etc.) que aprendeu em estádios anteriores.

No curso da sua vida intra-embrionária, o seu corpo em construção passa sucessivamente por tôdas as fases animais que outrora percorreu. E vê-se aí a prova material irresistível da evolução humana. Do mesmo modo ainda, certas anomalias congénitas, como os histos branquiais do pescoço, nada mais fazem do que produzir, por regressão acidental, um carácter ancestral apagado há muito tempo.

(*Dr. Paulo Carton* — «As Leis da Vida Sã»)

Desencarnou Ernesto Bozzano

Por notícias recebidas de Buenos Aires, soubemos que o Professor Ernesto Bozzano desencarnou no dia 6 de Julho último, em Génova, com a idade de 80 anos.

Trata-se de figura proeminente, cujos trabalhos espiritas, vasados em moldes filosóficos e científicos, pertencem ao domínio internacional.

Podemos dizer que nenhum outro se lhe igualou em dinamismo e em coragem, no enfrentar do adversário.

As suas trinta e tantas monografias espiritas correm mundo em várias línguas, demonstrando bem a envergadura da sua personalidade intelectual.

¡Que prodigiosa fecundidade literária a dêste grande vulto! A sua vasta erudição e a lógica irrefutável dos argumentos que esgrimia nas suas famosas polémicas com outros catedráticos ou escritores consumados, deram-lhe lugar único entre os apóstolos da Verdade Espirita, como êle chamava ao Espiritismo.

Bozzano veio do positivismo, onde se tornou notado pela sua extraordinária mentalidade. Começou por estudar os filósofos, mas não encontrou o que desejava. Depois e segundo a sua própria profissão, leu, releu e anotou totalmente as obras de Büchner, Molleschott, Vogt, Feuerbach, Haeckel, Huxley, Comte, Taine, Guyau, Le Dantec, Morselli (com quem, mais tarde, sustentou polémica), Sergi, Ardigo, extraindo dêles os postulados positivistas da indagação científica, afim de compará-los entre si e organizá-los numa admirável síntese negativista.

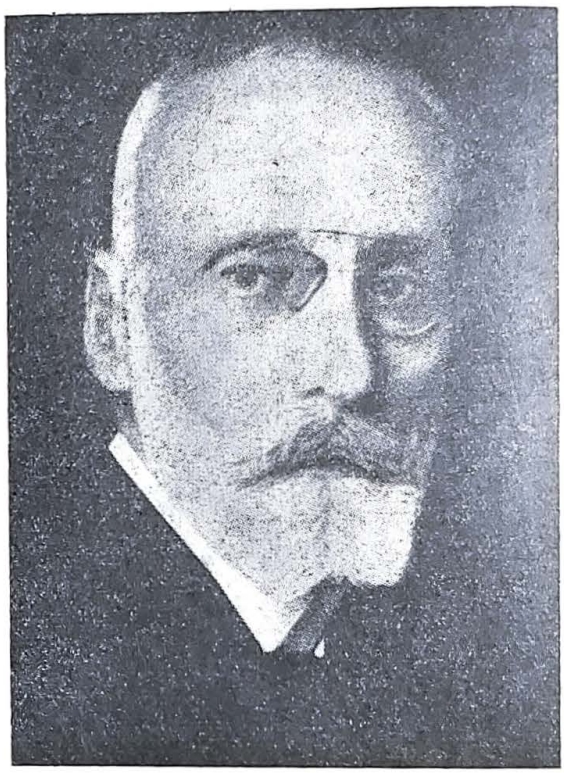
Discípulo de Spencer, a sua paixão pela escola materialista atingiu o auge, levando-o a escrever estas palavras:

— Fui positivista-materialista tão convencido, que até me parecia impossível existirem pessoas cultas, dotadas de senso-comum, que acreditassem na existência e sobrevivência da alma.

Nunca o Espiritismo teve maior e mais ardoroso defensor. As suas pugnas estão na memória de todos os que, há vinte e cinco anos, acompanham o movimento espirita mundial.

Professor universitário de elevada linhagem moral, discutiu sempre dentro do campo filosófico e científico, com a mesma serenidade e o mesmo aprumo com que expunha as suas lições magistrais.

— A lembrança do meu passado filosófico — dizia êle — torna-me hoje indulgente para com certos opositores que julgam poder refutar as conclusões rigorosamente experimentais, alcançadas, à base dos factos, pelos actuais espiritas, a elas antepondo os postu-



O Professor Ernesto Bozzano, que há pouco desencarnou em Génova

lados biológicos, filosóficos e psicológicos, em cuja pretensa eficácia demonstrativa eu também acreditava firmemente há 40 anos, e ainda acreditaria — note-se bem — se no horizonte do saber humano não tivesse surgido a aurora de uma nova ciência que sobreleva tôdas as outras, a ciência metapsíquica, a que o professor Richet chamou a «Rainha das Ciências», mas à qual, de futuro, chamaremos «Ciência da Alma».

O mesmo entusiasmo com que outrora defendera o positivismo, punha-o agora na disseminação da nossa doutrina.

Na Mensagem que dirigiu ao Congresso Espirita Internacional de Barcelona, escrevia:

Nº 4, Fev 44

—O triunfo do Movimento Espirita é coisa certa, inevitável. E porque? Porque os factos são factos e a História ensina-nos que os factos acabam sempre por triunfar de tôdas as oposições obscurantistas.

«Não nos perturbemos com a hostilidade do Estado, das massas ignorantes e dos sábios não familiarizados com as coisas metapsíquicas, porque esta circunstância nunca se apresentou muito sólida em face da irresistível influência dos factos. Devemos, antes, atender à oposição crescente do mal-entendido e da desconfiança, proveniente das diferentes seitas cristãs.

E terminava:

— Quando amanhecer o grande dia em que das universidades se anuncie aos homens que a ciência pode demonstrar experimentalmente a existência e a sobrevivência do espírito humano, nêsse dia principiará a transformação, a reconstituïção e a redenção espiritual da humanidade civilizada.

Da sua variadíssima bibliografia, lembram-nos os seguintes livros:

«A Crise da Morte», «Pensamento e Vontade». «A propósito da Introdução à Metapsíquica Humana», «Fenómenos Psíquicos no Momento da Morte», «Enigmas da Psicometria», «Xenoglossia», «As Manifestações Psíquicas e os Animais», «Fenómenos de Transfiguração», «Manifestações Psíquicas nos Povos Selvagens», «Comunicações Mediúnicas entre Vivos», «Marcas e Impressões de Mãos de Fôgo», «Materializações Minúsculas», «Literatura de Ultra-Tumba», «Breve História dos Raps», «Fenómenos de Bilocação» e «Animismo ou Espiritismo?».

Esta última obra foi escrita a convite do Congresso Espirita Internacional de Glasgow (1937) e resume, por assim dizer, tôda a obra do Mestre, realizada em perto de meio século de actividade.

À questão que lhe foi proposta: «Animismo ou Espiritismo? ¿Qual dos dois explica o conjunto dos factos?», respondeu:

— Nem um, nem outro logra, por si só, explicar o conjunto dos fenómenos supranormais. Ambos são indispensáveis a tal fim e não podem separar-se, pois são efeitos duma causa única, que é o espírito humano, que ao manifestar-se em momentos fugazes, durante a encarnação, determina os fenómenos anímicos, e, quando se manifesta mediúnicamente, durante a existência «desencarnada», determina os fenómenos espiritas».

Com o desaparecimento de Ernesto Bozzano, grande clareira se abre no Espiritismo. Presentemente, não vemos quem o possa substituir.

Que o seu luminoso espírito continui, do Além, a orientar-nos e incitar-nos, eis o pedido que daqui fazemos ao Mestre tão respeitado.

A comunicação com os espíritos

por António Pinto de Sousa

A base do Espiritismo é fundada na existência da alma, que por largo tempo evoluciona, para atingir a purificação. Se não fôsse purificada, não alcançaria o bem-estar prometido pelo Cristo há dois mil anos.

Os espíritos vêm até à casa de parentes e amigos, servindo-lhes de protectores. Dão-lhes conselhos paternais, auxiliando-os nas dificuldades a vencer, e êstes não devem, por forma alguma, assustar-se.

Êsses espíritos têm às vezes contacto com outros superiores e recebem elucidações muito importantes que podem ser aplicadas a qualquer parente enfêrmo, para que a sua cura seja radical. Por êste processo se têm feito curas maravilhosas nas doenças mais renitentes.

Obreiros espiritas: — A seara é grande, muito grande; mas precisamos de fôrça e união suavizadora para que ela produza abundantes e deliciosos frutos. Cumpre-nos, por isso, divulgar o Evangelho do Cristo a tôdas as criaturas e morrer no nosso pôsto dignificante.

A comunicação com os bons espíritos atrair-nos-á para o Além, sem termos o menor receio, nem horror à passagem desta vida para a outra — a eterna, que é sublime.

Os espiritas devem ser crentes sinceros, isentos de ódios e malquerenças. «União e auxílio mútuo» deve ser a divisa dêste ideal, ajudando qualquer centro pobre para atingir os fins a que foi destinado.

Não devem invocar os espíritos, seja sob que pretexto fôr. Se êles vierem até nós, é bom sinal: transmitem-nos alguns ensinamentos. Recebamo-los, mostremo-nos agradecidos, despedindo-os em seguida em paz e harmonia, como em geral procedem os bons confrades.

O verdadeiro espirita é um triunfador desde que divulgue o seu ideal com modéstia, não tendo orgulho; sucedendo o contrário, a desunião lavrará nos pontos mais sólidos do Espiritismo.

Barris (Palmela), 27-XI-943.

Casos interessantes de Medicina e Espiritismo

pelo Dr. Levindo Melo
Presidente da Sociedade de Medicina e Espiritismo, do Rio de Janeiro

I

MENINA de 3 anos, apresentando vários sintomas graves que a cruciavam há mais de 45 dias, apesar de tratamento médico. Trazida ao meu consultório, pedi radiografia dos pulmões, para confirmar ou não o meu diagnóstico de *empiema* (pleurite com colecção purulenta). Uma consulta a médico-médium psicográfico, confirmou, posteriormente, a existência de pús no pulmão esquerdo da criança.

Levada a pequena a um grande hospital desta cidade, foi examinada aos Raios X e também por 5 facultativos que lá se encontravam.

A criança voltou de lá com o diagnóstico de *pneumonia*. Insisti junto da família em estabelecimento particular, firmando o relatório da mesma o diagnóstico de *pleurite com derrame* e não *empiema*.

Nova consulta ao Espírito-médico, nova confirmação de *empiema*.

Encaminhei então a doentinha para o Hospital de S. Francisco de Assis, onde a criança foi operada de um *empiema* grave, que reteve lá a ressuscitada por mais de dois meses, saíndo completamente curada.

Assim, vemos que, onde o exame de 5 médicos, competentes e zelosos do bom nome do hospital em que mourejam nobremente, e o exame, moderno e eficiente, dos Raios de Roentgen, realizado em dois estabelecimentos idóneos — falharam lastimàvelmente, negando a existência de pús no pulmão de uma pobre criança sofredora, que fatalmente só poderia sofrer cada vez mais, até ao dia do seu falecimento — a indicação mediúnica salvou-a facilmente.

Trata-se de um caso positivo, um facto indiscutível, insofismável dentro da lógica, — em que a aliança da ciência médica à ciência espirita foi mais uma vez patenteada, vitoriosa, de modo salvador, humanitário.

Eis porque sempre me bati, desde 1930, por hostipais espiritas, com orientação médico-mediúnica, em que os médicos se auxiliassem mutuamente no combate ao sofrimento e à dor, hospitais em que se poderia empregar rigorosamente o chamado método positivo da ciência oficial, controlando diagnósticos e tratamentos, com estatísticas comparativas entre os três métodos em estudo: o da Medicina oficial, o do Espiritismo e o dos dois métodos combinados (é êste o que considero melhor dos três, por seu maior número de elementos de diagnóstico, de certeza, de tratamento, de cura, de acêrto, e também por exigir o concurso fraterno dos habitantes dos dois mundos — o do homem da Terra e o do Espírito livre, do Espaço sideral).

Os doentes, os médicos, a Medicina e o Espiritismo, todos, enfim, só teríamos a lucrar com orientação tão elevada, segura e humanitária.

Medicina é estudo. Espiritismo também é estudo. Que se unam, pois, estas duas ciências para sempre, a bem dos que sofrem, fora e longe dos preconceitos, do exclusivismo, do ódio, do orgulho, da vaidade, dos falsos princípios, — para que a luz da felicidade se aproxime um pouco mais dos pobres seres terrenos.

II

Êste caso levou-me a estudar seriamente o Espiritismo e torná-lo como assunto digno dos cuidados da inteligência dos homens livres.

O facto deu-se em Belo Horizonte, em 1925.

Fui chamado por um irmão meu, afim de examinar uma vizinha que enlouquecera subitamente, de maneira violenta, rebelde, resistindo a todo o tratamento médico feito por

vários facultativos, alguns de comprovada competência profissional e de coração generoso.

Era tal o estado de agitação da infeliz amental, que imediatamente mandei buscar uma ampola de 5 miligramas de cloridrato de heroína, para eu mesmo aplicar-lha, tal a gravidade e a urgência do doloroso caso psiquiátrico.

Fui auxiliar do grande neurólogo e psiquiatra professor Álvaro Ribeiro de Barros (falecido a 5 de Maio de 1922, em Belo Horizonte), pelo espaço de dois trabalhosos anos de actividade; fui discípulo dos ilustres professores Henrique Rôxo e António Austregésilo, e, assim, possuo base prático-teórica dêsses dois ramos da Medicina mais elevada. Por isso, quando examinei a doente, que deveria ter 45 anos de idade, de compleição sadia, não encontrei dificuldade em firmar o diagnóstico.

Quando, porém, apliquei a injecção na paciente, fiquei surpreso pelo que ela me disse, em tom natural, e que foi o seguinte:

— O sr. ignora o que se passa comigo. Essa injecção nada vale para mim.

Inexplicavelmente, a doente não sentira o menor efeito da injecção de cloridrato de heroína, que é um dos entorpecentes mais enérgicos.

Acompanhei o caso por alguns dias, resultando nula tôda a medicação.

Alguém aconselhou, então, chamasse uma pessoa espirita, para tentar a cura da grande sofredora.

Depois, em presença de uma senhora espirita, o caso tomou subitamente um aspecto interessantíssimo, com a seguinte declaração da pobre louca:

— Quem está aqui, é... (e deu o nome de um senhor meu conhecido, falecido há anos). Remédios nada valem para estas perturbações. Eu preciso de falar com... (deu o nome de uma senhora). Chamem-na aqui e depois ir-me-ei embora e a paz voltará a reinar nesta casa.

E assim aconteceu, realmente.

Graças a Deus, foi êste caso a minha «estrada de Damasco», a porta que me desvendou um largo e luminoso horizonte, a luz que me indicou o caminho do Espiritismo, clareando fundamentalmente a minha inteligência com uma nova ciência, uma nova filosofia, uma nova Religião.

Até então, eu acreditava em Espiritismo, mas nunca me havia proposto tomá-lo a sério em meus estudos, em minhas cogitações que, embora deístas, eram salpicadas com o pó venenoso do materialismo pseudo-científico, que se esparge e se absorve inconsciente e displicentemente nas academias.

III

De longa data se fala na abertura da segunda frente da grande catástrofe bélica que ensangüenta e enluta a velha Europa.

Muitas hipóteses, muitos cálculos, mas tudo aleatório ou quimérico.

O Espiritismo, pela autoridade de Allan Kardec, Léon Denis, Flammarion, Richet, Bozzano e muitos outros, ensina que há *sonhos premonitórios,* verdadeiras incursões do consicente nos domínios ignotos do insconciente, isto é, do desconhecido, do mundo que existe fora e além dos nossos pobres cinco sentidos. Sabe-se em ciência espirita que o passado, o presente e o futuro, são sempre um eterno presente para a visão superconsciente dos Espíritos superiores.

A 25 de Maio de 1943, o conhecido e brilhante jornalista Dr. Milton de Andrade, polemista notável, nome justamente aureolado nos meios intelectuais desta Metrópole, não só por sua vasta erudição, como por seus dotes de moral e de espírito, teve um sonho premonitório, simbólico, revelador, e que foi o seguinte: A cidade (Rio de Janeiro) estava em festa por motivo da invasão da Europa, movimentando-se pelas ruas um enorme carro alegórico encimado pela data «9 de Julho», em grandes caracteres feitos de flores e galhardetes.

O Dr. Milton de Andrade revelou-me êste seu sonho, o mesmo fazendo a vários amigos seus, entre os quais o Dr. Artur Lins de Vasconcelos Lopes, ilustre engenheiro, grande industrial e elemento de relêvo nos altos meios espiritas desta Capital, por seu valor moral, intelectual e filantrópico; D. Antonieta Gonçalves, dedicada secretária de *Mundo Espirita* e *Aurora,* companheiros de trabalho, parentes seus, inclusive alguns médicos, com antecedência de 44 dias, de 25 dias e em outras datas mais próximas do dia 9 de Julho. E como todos sabem, às 22 horas de 9 de Julho deu-se a invasão da Sicília pelas fôrças anglo-americanas, iniciando-se realmente nêsse dia a invasão da Europa.

Pura coïncidência — dirão os cépticos, os incrédulos, os «espíritos fortes».

Nós, porém, os espiritistas estudiosos,

conhecemos teórica e praticamente o assunto e sabemos ser possível a revelação de factos futuros, raramente, é certo, mas de modo comprovado, testemunhado, como no caso presente, sem o menor indício de acaso, de superstição ou de fantasia.

IV

Senhora de 48 anos de idade, branca, relativamente bem conservada, com 14 úlceras varicosas na perna esquerda, algumas muito profundas e largas, dolorosas, com abundante supuração sangüínea, existentes há 29 anos.

A infeliz senhora havia procurado longamente os recursos da ciência médica com inúmeros facultativos competentes e dedicados e muitas vezes se internara em vários hospitais desta Capital, — tudo em vão, sem nenhum resultado apreciável.

Aliado o tratamento médico ao mediúnico, em 1933, a doente restabeleceu-se em menos de 90 dias, com eliminação de mais de 50 gramas de veias varicosas, expelidas espontâneamente das cavidades das úlceras.

A supuração foi diminuíndo rapidamente e as dores cessando. 14 úlceras antiqüíssimas e rebeldes, resistentes a tôda a espécie de tratamento moderno e eficiente, — foram radicalmente curadas em menos de três meses, cura definitiva que até hoje permanece, comprovando a excelência do método empregado, isto é, do tratamento médico-espirítico, visando, única e exclusivamente, o bem-estar dos que sofrem, dando a paz, saúde, esperança e caridade aos nossos irmãos infelizes, afim de que melhor possam receber o Evangelho em seus corações, para melhor se iluminarem interiormente com a luz que nos dá a vida eterna e a felicidade para todo o sempre.

V

Homem de 40 anos de idade, alto, tratado por vários médicos, entre êles um especialista de renome.

Chamado a seu domicílio, fui encontrá-lo em estado pré-agónico, ortopneico, debilitadíssimo, anemiado em extremo, com suores frios e profusos, quási afásico deitado em *decubitus* dorsal, desenganado pelo médico assistente, que lhe marcara 24 horas de vida, no máximo.

O diagnóstico médico-mediúnico firmara um caso de empiema, que lhe tomava todo o hemi-tórax esquerdo, comprimindo o seu exausto coração.

Fi-lo remover no mesmo dia para uma casa de saúde, onde foi operado, sendo-lhe extraídos 5 litros de pús. O doente lá esteve internado cêrca de 26 dias, continuando depois o tratamento em casa, sob minha responsabilidade profissional. Restabeleceu-se prontamente do enorme empiema, resistindo, logo depois, a uma invasão de furúnculos e antrazes, dolorosíssimos e em grande quantidade.

Tornou-se um homem forte, gordo, corado, que ainda hoje, passados 5 anos, trabalha activamente, como chefe de numerosa família.

A morte espreitava-o de perto, angustiando profundamente a espôsa e os filhos, quando uma indicação vinda do Alto, por obra e graça da Misericórdia de Deus, o salvou, justamente quando o digno representante da ciência médica materialista empreendia os seus melhores esforços, mas já desanimado e descrente, envidando tudo para salvar uma existência preciosa entregue a seus cuidados profissionais, sem o conseguir.

¿Como e porque êsse ilustre facultativo, que tratou o doente por último, ficou com a sua inteligência tão obscurecida, que não descobriu uma entidade mórbida tão agravada, tão notável?

A inteligência do homem, mesmo quando elevada e cintilante, pode ser eclipsada por outra inteligência dêle desconhecida.

Só os espiritistas, que acreditam na influência boa ou má dos Espíritos, podem explicar logicamente fenómenos tão misteriosos e aberrantes — para o entendimento dos nossos irmãos não-espiritistas.

Que o estudo sistematizado em aliança e harmonia, da Ciência Médica e da Ciência Espírita, possa, num próximo e rizonho futuro, dilatar os horizontes da sabedoria humana, a bem de todos os que sofrem.

VI

Senhora de 35 anos de idade, alta, muito magra, muito anémica, escarrando constantemente, com febre de 38 a 41 graus persistente há mais de 40 dias, estado geral péssimo, fazendo suspeitar um caso de tuberculose pulmonar em seu período final, ventre

entumecido e outros sintomas menos alarmantes.

Tratada por vários médicos, de grande competência e de rara dedicação.

O laboratório, que costuma esclarecer os casos clínicos, havia dificultado tudo: diagnóstico e tratamento. Parece incrível, mas havia exame positivo para impaludismo e para febre tifóide.

¿Como explicar cientìficamente tal acontecimento?

O tratamento médico, encaminhado para essas duas entidades nosológicas, vinha falhando sempre, desgraçadamente, sem nenhuma vantagem para a paciente, já exausta de sofrimentos e desesperançada.

Chamado por seu marido, que era então funcionário do Ministério da Guerra, quís Deus que o caso se esclaresse fàcilmente e com rara felicidade: — nem paludismo, nem febre tifóide, nem tuberculose pulmonar.

Tratava-se de um caso de hepatite aguda infecciosa; foi êste o diagnóstico trazido pela Misericórdia de Deus, através duma psicografia médico-mediúnica. Feito o tratamento adequado, a doente melhorou ràpidamente, diminuíndo todos o sintomas alarmantes, persistindo, entretanto, uma febrícula de 37 a 37 graus e meio, durante uma semana, rebelde a todos os medicamentos e recursos físicos empregados, indicados pela Medicina em tais casos.

Por falta de espaço, deixarei para outra vez a explicação de como foi debelada essa pequena febre rebelde, sem recorrer a anti-térmicos, graças a uma segunda prescrição espirítica.

E assim, mais uma vez se verificou que a Medicina elevada, sem orgulho e sem vaidades, só terá a lucrar com a sua aliança científica ao Espiritismo sério, que também é estudo e é Ciência, a bem do progresso da ciência dos homens, no alívio dos que sofrem, da paz e da felicidade da grande e triste família humana.

A Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro propõe-se realizar êsse programa vasto, grandioso, redentor: — unir as duas ciências — a da Terra e a do Espaço, a dos homens e a dos Espíritos, a dos estudiosos ainda cingidos à carne e a dos estudiosos de corpo etéreo, — todos pertencentes a uma só humanidade — a que habita o Universo, infinito em tempo, em espaço, em luz, em evolução, em tudo.

(De *Mundo Espirita*, do Rio de Janeiro)

Pensamentos sem lógica

por Vitor Carvalheira

A felicidade encontra-se no caminho do Bem, onde sentimos a satisfação íntima que só os bons sentem, dando-lhes coragem e fôrça para enfrentar a adversidade.

* * *

Mente quem disser não sentir estranha alegria ao esboçar um gesto de que resulte qualquer bem para a humanidade, embora esta o ignore sempre.

* * *

Crer em Deus, é respeitar a própria dignidade. Deus não precisa de intermediários. Se nos soubermos conduzir, a sua bondade se reflectirá em nós e aprenderemos, embora lentamente, a ser bondosos e caritativos para com os desprotegidos, afim de que recuperem a esperança.

Para pôr em prática esta teoria, basta ter bons pensamentos e exercê-los de harmonia com a elevação das idéias e a pureza das intenções.

* * *

A felicidade consiste no auto-domínio dos nossos gestos e atitudes.

* * *

Quanto maior desejo há de aperfeiçoamento, mais se evidenciam os nossos defeitos: ao mesmo tempo que uns desaparecem, outros surgem imperiosos e arrogantes.

É um fenómeno natural, pois uma vez que nos habituarmos a conhecer-nos, notaremos melhor as nossas qualidades, que antes desconhecíamos.

* * *

A felicidade encontra-se no relativo. Assim, com pouco nos devemos contentar, visto que muitos poucos perfazem uma unidade, que se transforma em felicidade.

* * *

Nunca devemos voltar costas aos acontecimentos, embora sejamos perseguidos por constantes infelicidades. Devemos ter esperança e lembrar-nos de que possuir a felicidade é ter a certeza de que se é honesto.

ÉVORA

A Materialização dos Corpos

Interessantes revelações duma vítima do «Terror»

por Paul le Cour

Pouco depois da morte trágica do Dr. Gustave Geley, director do Instituto Metapsíquico Internacional, de Paris, o sr. Paul le Cour publicou na revista *Aesculape*, órgão oficial da Sociedade Internacional da História da Medicina, um artigo àcêrca das aparições materializadas de uma vítima do «Terror», em França. O sr. Paul le Cour trabalhou com o Dr. Geley no estudo da materialização dos corpos ou ectoplasmia. Eis como êle relata os fenómenos que ambos há anos apreciaram:

NESSA época, fins de 1917, tendo a senhora Bisson prometido submeter a sua famosa médium «Eva» ao contrôlo do Dr. Geley, organizou-se, para êsse fim, uma série de sessões. Foi durante essas experiências que «Eva» obteve os melhores resultados. Nem antes, nem depois conseguira, seguidamente, fenómenos tão característicos.

Na realidade, eu não estava de acôrdo, nem com o Dr. Geley, nem com madame Bisson, àcêrca da interpretação a dar a êsses fenómenos e foi por essa razão que nada publiquei a tal respeito, antes do falecimento do referido médico. Por motivos que não me pertence discutir, êste julgava insuficientes as provas obtidas e por êsse motivo supunha até inoportuna a publicação de documentos que podiam prejudicar a admissão pelo mundo científico da simples realidade efectiva dos fenómenos ectoplásmicos. Pelo contrário, eu julgava útil esta publicação, porque, ainda que não houvesse então uma probabilidade entre mil a favor da realidade da identificação, era dever não a deixar ficar no esquecimento.

Quanto a madame Bisson, era de opinião que o retrato que eu obtivera não tinha a menor semelhança com a fotografia da aparição e que os cabelos, sobretudo, tinham aspecto completamente diferente.

As experiências realizaram-se de Dezembro de 1917 a Maio de 1918, em Paris, numa casa da Avenida Suffreu, e em Vincennes, num prédio meu. Às reüniões de Paris, a maior parte das vezes apenas assistia eu, madame Bisson e o Dr. Geley. Em virtude da inexperiência dêste em fotografia, era eu quem tirara os *clichés* durante as experiências.

Apesar de tudo quanto se tem dito em discussões apaixonadas àcêrca das manifestações obtidas pela médium «Eva», a fiscalização era fácil. Intensa luz vermelha iluminava o quarto, visto ser necessário, para que os aparelhos fotográficos pudessem estar com os obturadores abertos, esperando o clarão eléctrico. O gabinete da médium, constituído por simples cortinas, tinha como única mobília um «fauteuil» em verga, e era inspeccionado antes e depois de cada sessão.

«Eva» despia-se no quarto contíguo e entrava na sala das experiências vestida apenas com uma combinação especial que não permitia a dissimulação do mais pequeno objecto e, além disso, as suas mãos ficavam fora das cortinas, durante todo o tempo das experiências.

A princípio, não se conseguia obter mais do que essa matéria amorfa de que tanto se tem falado. De resto, podia-se apalpar e fotografar essa substância que instantâneamente aparecia e desaparecia da nossa vista. Mas em 12 de Fevereiro de 1918, na presença do sr. Dr. Calmette, inspector geral dos Serviços de Saúde, apareceu uma cabeça sôbre o peito da médium. Era uma cara esquisita, mais pequena que o normal, de olhos estranhos e alucinados. No cabelo, trazia vários objectos que não podíamos definir com pre-

cisão. Esta imagem foi imediatamente fotografada.

Alguns dias depois, em 21 de Fevereiro, em Vincennes, realizava-se, como tôdas as semanas, num andar do meu prédio habitado por madame Pérard, uma reünião íntima, à qual assistia eu, ela e o seu filho, um rapaz dos seus 17 anos.

Estas sessões, em que se utilizava a *prancheta escrevente,* não tinham dado até então mais do que insignificantes resultados; nêsse dia, porém, o *index* colocado sôbre a mão de madame Pérard começou a escrever aos repelões:

«Emile de Sainte-Amaranthe... guillhotinada... 1794... passeio *faubourg* Saint-Antoine... praça do Trône... fachas encarnadas... passeio cardeais vermelhos...)

* * *

Julgávamo-nos vítimas de qualquer mistificação. O nome de Sainte-Amaranthe era-nos completamente desconhecido e não conseguíamos interpretar as estranhas frases. Preguntámos o que significavam e foi-nos respondido:

—São históricas as nossas fachas... Robespierre, para se vingar, mandou-nos vestir de vermelho... Amava-me e eu ria-me dêle... eu queria vingar a rainha bem-amada... Ocupam-se de mim todos os dias... Minha mãe e meu irmãozinho também seguiam na carroça...

Nesta altura, lembrou-me a aparição da Avenida Soffreu e a curiosa fotografia a que me referi e por isso, no dia seguinte, comuniquei ao Dr. Geley as minhas apreensões àcêrca da enigmática comunicação. Declarou-me então que, no fim da citada experiência, a cabeça que aparecera escorregara para os joelhos de «Eva» e o pescoço parecia decepado e ter manchas vermelhas. Tudo isto o Dr. Geley anotara num livro de apontamentos.

Ocupado com as fotografias, não reparei nesta circunstância; todavia, observando a prova com cuidado, verifiquei que assim era, efectivamente.

Alguns dias depois, estava completamente inteirado: existira de facto uma Emília de Sainte-Amaranthe, espôsa dum tal Sartimes, que fôra guilhotinada em 1794, na Praça do Trône.

Tive então uma preocupação única: descobrir qualquer retrato da guilhotinada, afim de a comparar com a fotografia da materialização. Prosseguindo nas pesquisas para êsse fim, assisti alternadamente às sessões da Avenida Suffreu e de Vincennes. Nas primeiras, a aparição manifestou-se mais de uma vez, mas com figura normal e de grande beleza.. Por outro lado, em Vincennes as comunicações continuavam e precisavam-se as revelações:

— Eu e minha mãe — disse-nos um dia Emília — fomos enterradas no cemitério de Picpus. Prenderam-nos, depois da morte de Hébert (Abril de 1794). As nossas fachas encarnadas serviram de modêlo às elegantes de 1795. Estávamos preparadas e frisadas e apesar de nos imaginarem frívolas, fomos corajosas perante a morte.

Pouco tempo depois, falei com o sr. Le Notre que, na sua obra intitulada «Le Baron de Batz», retrata a história trágica da família Sainte-Amaranthe e pedi-lhe que me indicasse a forma de desencantar um retrato de Emília. Muito interessado com o que se passava, respondeu tê-lo já tentado em vão e não ter obtido mais do que um retrato a «crayon» que não devia ser dela, porque tinha sido, dizia-se, a mais bela mulher do seu tempo. No entanto, lembrou-me que existia no presbitério de Sucy-en-Brie, onde os Sainte-Amaranthe tinham residido, a fotografia de um quadro, represenntando, já se não lembrava se Emília, se sua mãe.

Tomando em conta tão preciosa informação, pouco tempo depois possuía a fotografia do retrato em questão e interrogava a êsse respeito Emília, que me declarou ser o de sua mãe, acrescentando:

— Nós éramos muito parecidas.

Havia, de facto, um ar de família entre êsse retrato e a fotografia da materialização.

Entretanto, preguntava-lhe também o que tinha ela colocado no cabelo, na altura da primeira materialização, e fiquei sabendo que se tratava de um pente de grande valor. Só assim teria descoberto êste objecto que aumenta o número das provas tendentes a demonstrar que se tratava, realmente, duma mulher que vivera no tempo do «Terror».

Abstenho-me de fazer referência a outras revelações em que Emília descrevia as suas relações com o cantor Ellerion, a sua prisão no castelo de Sucy, etc. Todos êsses pormenores se encontram no livro a que me referi publicado pelo sr. Le Notre, e fica agora esclarecido o sentido da frase «passeio dos

Preceitos a observar nas sessões de Espiritismo

pelo Dr. Sousa Couto

I

Temos recebido algumas cartas, pedindo instruções àcêrca dos cuidados a observar nas sessões práticas de Espiritismo. Resolvemos, pois, transcrever da antiga revista Estudos Psíquicos, *do Dr. Sousa Couto, dois interessantes artigos dêste ilustre e saüdoso pioneiro, satisfazendo assim aquêles pedidos e vulgarizando ao mesmo tempo indicações úteis que servirão a muitos estudiosos da Doutrina.*

EU nunca aconselhei a entrada às cegas no campo da experimentação. Esta atitude ao mesmo tempo prudente e científica provém de duas origens distintas: uma, a experiência própria de largos anos sôbre o assunto; a outra, a investigação unânime de todos os investigadores desta matéria.

Nestas duas origens de conhecimento filia-se uma série de considerações, a cuja rápida exposição devo por hoje limitar as indicações práticas a que me refiro na epígrafe dêste artigo e que me são pedidas por alguns assinantes.

Para poder-se entrar com esperança de proveito e sem receio de inconseqüência no terreno experimental, é recomendada uma prévia e suficiente preparação dalgumas obras especiais tratando dêste objecto.

Os livros de Léon Denis, Kardec (Léon Rivail), Gabriel Delanne, etc., podem servir a tal propósito. É também da maior utilidade o conhecimento das aquisições feitas no estudo do animismo para compreender-se a génese e produção de seus fenómenos, bastando para o caso citar os trabalhos de Durville, de Rochas, Jules Liégeois, M. Sage, etc.

Pelo confronto duns e outros fenómenos, melhor se poderá fazer juízo sôbre a sua proveniência e discernir com critério o domínio a que pertencem.

O conhecimento das ciências naturais e os largos horizontes que nos abrem as leis cósmicas, fortalecem grandemente a inteligência do investigador, habilitando-o a encarar serenamente os momentosos problemas.

Estas condições de cultura não dispensam outros requisitos individuais respeitantes à consciência e intencionalidade de cada um dos assistentes.

Não aconselhamos a investigação singular, porque além da insuficiência do meio, dá-se a circunstância anti-científica de se reünirem na mesma pessoa as duas funções distintas de *investigador* e de *médium*.

Não quere isto dizer que sejam para desprezar os fenómenos que espontaneamente ocorrem perante uma pessoa só, no estado de vigília, ou quando à consciência normal venha a certeza de tais fenómenos, como audições, visões, etc.

Devem, pois, as experiências ser colectivas; e se bem que o número de assistentes não é facto essencialmente verificado, a teoria e a prática têm-nos

---

cardeais vermelhos», que tanto nos intrigava: no dia em que Emília, seu marido, um seu irmão pequeno e a mãe foram executados, faziam parte duma fornada de 54 condenados à morte, acusados de terem atentado contra a vida de Robespierre. Por êsse motivo, «o pai do povo» tinha dado ordem para lhes ser vestida a blusa encarnada dos parricidas; mas, na impossibilidade de o fazerem, contentaram-se em revestir os padecentes com as tais fachas. Vendo sua mãe desfalecer, Emília mostrou-se extraordinariamente corajosa, dizendo-lhe:

— Repara, mamã! ¡São tão bonitas estas fachas! ¡Dão-nos o aspecto de cardeais!

Pouco depois, oito carroças «passeavam» os «cardeais» pelo *faubourg* Saint-Antoine até à Praça do Trône, onde foram executados. Os seus cadáveres foram sepultados na vala comum, no cemitério Picpus.

ditado ser conveniente respeitar o mínimo e o máximo dos assistentes, desde 6 a 12 pessoas.

As condições de preparação acima referidas devem estender-se a todos os assistentes, pois muitas vezes os insucessos são devidos a essa falta de condicionalidade.

Mas não basta só isto.

O que mais insistentemente se recomenda são as disposições individuais no próprio acto da sessão.

O respeito pelo acto em si, a maior circunspecção, a elevação moral, a máxima seriedade, o desejo de proveito moral próprio e alheio, o silêncio completo, a paciência e a persistência, são absolutamente aconselhados, como elementos indispensáveis.

Formado um núcleo de investigação com assistentes certos e permanentes, não é conveniente admitir ulteriormente elementos novos, a não ser em casos raros e quando o adventício satisfaça os preceitos apontados.

As inteligências invisíveis só podem manifestar-se, aproveitando a radiação ambiente e esta só se obtém pela continuação e harmonia que elementos novos podem perturbar.

Todos os investigadores são concordes neste ponto e o signatário por vezes tem colhido a tal respeito valiosas indicações.

Ainda não há muito, que Lombroso, fazendo com êxito experiências de *transmissão de pensamento*, verificou de modo incontroverso que a presença de determinada pessoa frustrava o resultado da transmissão. É sempre a mesma causa fundamental: a perturbação do ambiente pela desarmonia da radiação.

Qualquer dêstes assêrtos comportava amplos desenvolvimentos, mas o nosso fim é apenas tocar nos pontos práticos essenciais.

A escôlha dos assistentes requere delicado tacto. Há pessoas que são verdadeiros isoladores, elementos negativos; mas préviamente não podem conhecer-se, como prèviamente não pode determinar-se quem são os sensitivos. Só a experiência ensinará, e muitas vezes o médium em transe selecciona êsses elementos, como tenho presenciado.

Mas a posse dos requisitos que ficam apontados, quási sempre garante contra a possível exclusão.

A boa-fé e probidade são a meu ver atributos de primeira ordem, sem os quais não deve por modo algum admitir-se alguém nas investigações.

Nunca hesitei perante a eliminação dos elementos em que se notou a falta de tais qualidades.

As sessões podem ser à luz ou na obscuridade.

A luz deve ser atenuada, sendo preferível a luz azul ou violeta.

A luz crua e viva molesta muito a sensibilidade dos médiuns.

A obscuridade é útil e muitas vezes necessária à produção de certos fenómenos físicos, como *aparições, formas luminosas*, etc.

É certo, porém, que a obscuridade se presta à fraude e é preciso tomar tôdas as precauções e conhecer bem a moralidade e austeridade dos assistentes. A suspeita, porém, não é prova. Mesmo em química, por exemplo, a luz prejudica certas reacções. Em fotografia, a luz prejudica igualmente os trabalhos de revelação.

A semente não pode germinar à luz. A onda hertziana não se propaga fàcilmente na luz, etc. Não admira, pois, que, para a combinação fluídica necessária à produção dos fenómenos seja precisa esta condicionalidade. Há até exemplos da *forma materializada* se *fundir* pela incidência da luz sôbre essa formação fluídica instável.

As sessões devem ser apenas de 8 em 8 dias e não antes. A hora deve ser fixa, sem faltas e sem soluções de continuïdade na sequência.

Depois de reünidos os assistentes, cumpre afastar discussões, conversas frívolas, assuntos sem elevação.

Depois das sessões é que se devem discutir os factos e abrir desafogada crítica sôbre êles.

Quando, porém, alguma entidade se manifestar e assumir o papel de guia, devem acatar-se as suas determinações, quanto à época, modalidade, assistência, actos preparatórios das sessões, etc., pois essa entidade dará ao director as instruções que convém manter.

Supondo que nestes termos se reünem as suficientes pessoas para iniciar os trabalhos, é preciso distinguir entre os diferentes grupos que não têm médium e aquêles que podem conseguir um médium já conhecido como tal.

No primeiro caso, isto é, não havendo ainda médium, torna-se necessário ver se se descobre entre os assistentes. Para isto, parece-me preferível um dos dois meios: ou tentar as manifestações pela mesa ou ensaiar a escrita.

Eu não recomendo invocação; aguardam-se as comunicações. Falo de invocação determinada, desta ou daquela *entidade*. Convém apenas elevar o pensamento e desejar a intervenção de espíritos bons.

A experiência pela mesa consiste em sentarem-se os assistentes em volta de uma mesa, preferindo-se leve e de um pé só, pousando as mãos suavemente perto do rebordo, sem pressão. Não é preciso contacto das mãos dos assistentes.

Conserva-se a passividade e não se faz o menor movimento voluntário.

Deve persistir-se pelo menos 30 minutos durante uma série de sessões até 20 ou 30, ou até que se notem movimentos da mesa. A paciência e a persistência são imprescindíveis. Conheço casos em que

as manifestações se fizeram só depois da trigésima sessão.

Se fôr notado um movimento, o director urbanamente estabelece o diálogo por uma convenção adoptada, espécie de telegrafia de Morse, em que, nas respostas, um movimento significa *sim* e dois movimentos dizem *não*.

Nas comunicações ditadas por esta forma, um movimento exprime o *a*, dois movimentos o *b*, três o *c*, etc.

A luz atenuada e colorida, como fica dito, deve colocar-se a distância.

No ensaio pela escrita, sentam-se os assistentes em volta de uma mesa maior, munido cada um do papel e lápis e colocando a mão em atitude de escrever, mas não pondo na execução esfôrço, acção ou vontade. Se o lápis começar a escrever traços, ou executar escrita, deixa-se continuar, sem se inibir o acto, até terminar.

Estas primeiras tentativas não devem ser em sessão escura. Esta é reservada para quando haja médium de efeitos físicos, mediunidade que raras vezes desabrocha desde os primeiros tempos.

Logo que um dos assistentes revela mediunidade escrevente, pode desempenhar o lugar de médium no grupo; e enquanto êle *mediar*, os assistentes conservam-se na maior passividade.

Se êle fôr médium de transe, igualmente. Se fôr de efeitos físicos, convém formar em volta dêle a cadeia, dando os assistentes uns aos outros as mãos, e não devendo, de modo o mais absoluto e rigoroso, romper-se essa cadeia, durante tôda a sessão.

O médium para tal efeito deve ficar no centro, numa *chaise-longue* ou *fauteuil*.

Referi-me acima ao director do grupo, porque para boa ordem dos trabalhos e uniforme orientação convém que cada grupo tenha um director, embora êste encargo possa ser de duração temporária.

O director é escolhido entre os assistentes, devendo na preferência ter-se em atenção a experiência, os conhecimentos técnicos e teóricos, a probidade, a competência, em suma.

As questões de ordem material, os propósitos interesseiros, as preguntas de mera curiosidade, os inquéritos banais, enfim, tudo que não tenha carácter de elevado interêsse moral, deve afastar-se das sessões.

Devemos dizer que as sessões de tiptologia (pela mesa) e as de escrita podem tentar-se com um número de pessoas inferior a seis, mas nunca é conveniente reduzir êsse número demasiadamente.

As provas mais convincentes advêm muitas vezes nas sessões formadas com elementos de família, onde, pelo conhecimento íntimo das pessoas, mais fácil se torna descobrir ou eliminar o coeficiente de fraude.

Achamos de grande utilidade para o funcionamento regular e frutuoso dum grupo, estabelecer como lei orgânica um regulamento severo, cujas disposições não devem estabelecer tolerância para ninguém. Nesse regulamento deve fixar-se o local das sessões, hora precisa da reünião, recomendações sôbre as disposições gerais dos assistentes, comparência dêles 20 a 30 minutos antes da hora marcada para princípio das sessões, modo como antes se devem apresentar e aguardar o princípio da sessão, as condições de silêncio e recolhimento durante os trabalhos, etc.

Quando o médium fôr de transe e se manifestem por encarnação (falando por sua bôca) uma ou mais individualidades, cumpre ser-se cauteloso na investigação, para que as preguntas, desejos ou intenções não vão sugestioná-lo.

Tôda a prudência é pouca, convindo mais aguardar do que inquirir, para melhor captar o conteúdo genuíno das comunicações. Só assim poderá a crítica ser independente e mais seguro o juízo.

Para as sessões escuras, com médiuns de efeitos físicos, há disposições especiais que noutro artigo se delinearão.

A Verdade

A Verdade — arma dos deuses! Para lhe compreendermos a fôrça temos de lhe analisar as qualidades. A Verdade é a única trilha para o conhecimento ou descoberta da beleza eterna.

É devastadora a Verdade, porque arranca do rosto do mundo a hipocrisia dos séculos. É a única arma que destrói dum golpe os dogmas do evangelho do mêdo, criado para a escravização das criaturas; que anula a mentira das leis feitas para a opressão e que desmascara as mentiras da reverência tradicional, inventadas para retardar o progresso.

Verdade — arma suprema que ousa combater os carunchosos ideais do passado! Vêde a Europa: um deserto em que o mais rígido materialismo figura de deus supremo. Como oferendas, recebe sacrifícios de sangue e os tesouros da arte e da ciência. A bárbara dança da guerra perpetua-se diante dos seus olhos.

Êsse deus carnívoro devora a alma do homem. É êle, na verdade, um meio para alcançar um fim, mas êsse fim é morte, porque o materialismo vale pelo bêco sem saída da vida; é uma ilusão, porque seus frutos apodrecem antes de colhidos.

H. DENIS BRADLEY

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

O homem que previu o crime

Sob êste título, publicou *Vida Mundial* um curioso artigo extraído de *Dagens Nyheter*, de Estocolmo, e que vamos transcrever, por se tratar de autêntica premonição, semelhante a muitas outras a que temos feito referência:

Numa tarde de domingo, em Julho de 1943, o empregado comercial Hans Krantzer estava sentado à janela do seu quarto mobilado, num 4.º andar de um prédio de Estocolmo. O dia estava abafado e Hans fôra para a janela, ver se apanhava um pouco de ar fresco — uma brisa que soprasse do Mar Báltico.

Não pensava em qualquer coisa de especial, quando a sua atenção se prendeu ao que estava a passar-se no quarto do 4.º andar do prédio em frente do seu. Uma jovem mulher de beleza extraordinária estava sentada naquele aposento, a ler um livro. Hans Krantzer percebia perfeitamente todos os pormenores. A mulher vestia com elegância. O seu cabelo estava encaracolado numa «permanente» bonita. Krantzer gostou do aspecto da mulher e pôs-se em posição para atrair a atenção dela sôbre êle próprio.

Sùbitamente, um drama terrível se desenvolveu.

Krantzer viu um homem de meia idade que entrava no quarto. A mulher parecia ficar aterrorizada. Um segundo mais tarde, uma faca comprida cortou o ar, enterrando-se nas costas da mulher. Mais um grito de dor e a mulher deslisava da cadeira, tombando no chão. Certamente, estava morta.

A princípio, Hans Krantzer sentiu-se incapaz de se mexer. Os acontecimentos a que assistira desenrolaram-se num ritmo tão vertiginoso, que nem sequer chegara a chamar por socorro. Um segundo mais tarde, todavia, correu para fora do seu quarto, escadas abaixo, galgando três degraus de uma vez. Atravessou a rua a correr e chamou o porteiro, para ajudar a capturar o assassino que, de certo, ainda devia estar no prédio.

O porteiro ficou primeiro assustado, mas, depois, começou a sorrir. Pensava que Krantzer enlouquecera, porque o quarto em que êle afirmava ter-se dado o crime, fazia parte de um andar vazio desabitado havia várias semanas. Ninguém entrara ali desde que dali sairam os últimos inquilinos.

Afim de acalmá-lo, o porteiro acompanhou Hans ao 4.º andar. Hans estava excitadíssimo e perplexo, correndo para trás e para a frente no andar desabitado, donde podia avistar o seu próprio quarto, no outro lado da rua. Que tinha sucedido? Fôra tudo apenas pesadêlo?

O porteiro chamou a polícia. Krantzer repetiu a sua estranha história perante o representante da autoridade. O agente examinou cuidadosamente o andar vazio em que Krantzer afirmava ter visto o crime a praticar-se, havia 20 minutos. As fechaduras não estavam arrombadas; a poeira nos quartos não tinha sido revolvida.

O polícia telefonou e pediu uma ambulância. Hans Krantzer foi levado para um hospital de alienados. Se êle tinha alucinações e via crimes que nunca se praticaram e descrevia pessoas que nunca vira mais magras, nem mais gordas, era coisa certa sofrer de alienação mental!

Uma semana mais tarde, um casal foi ver a casa, aconselhado por um agente comercial. Durante um instante, o porteiro teve nítida compreensão de que o mesmo casal se parecia exactamente com a bela e jovem mulher e o homem de meia idade descritos por aquêle maluco do Hans Krantzer. O próprio vestido da mulher condizia com a descrição. Mas, afinal, Krantzer era um lunático, e, por isso, o porteiro afastou essa idéia curiosa.

O casal alugou a casa. Três meses mais tarde, os vizinhos avisaram o porteiro de terem ouvido um grito de dor, proveniente de um quarto do 4.º andar. Era a casa que o casal alugara. O porteiro correu lá acima e, com a ajuda dos inquilinos vizinhos, arrombou a porta. Naquêle aposento, cujas janelas enfrentavam as janelas do antigo quarto de Hans Krantzer, encontraram a mulher com um punhal enterrado nas costas. O marido conservava-se no quarto, com cara de parvo, e nem sequer tentou resistir quando lhe deram voz de prisão.

Mais tarde, no pôsto de polícia, confessou ter assassinado a espôsa, num acesso de ciumes. Cada pormenor do crime estava realizado exactamente tal qual Hans Krantzer o previra três meses antes!

Uma comissão de médicos está tentando actualmente obter a libertação de Krantzer do manicómio, afim de submetê-lo a um exame psicológico.

¿A sua previsão do crime terá sido manifestação de poderes psíquicos sobrenaturais?

Por ora, os cientistas não descobriram a resposta...

O 5.º Congresso da Confederação Espirita Argentina

Nos dias 9, 10 e 11 de Julho de 1943, no Teatro Lasalle, cedido gentilmente pela Sociedade Constância, de Buenos Aires, foi celebrado o 5.º Congresso Nacional da Confederação Espirita Argentina, ao qual acorreram delegados de muitas partes, representando centros e sociedades espiritas da grande república sul-americana.

O acto inaugural constituíu um belo serão de arte, rematado com a representação da peça de Benavente «El encanto de una hora», apresentada pelo nosso confrade e amigo José Tejada, antigo membro da Federação Espirita Espanhola.

No dia 10, o presidente da Confederação, sr. Hugo L. Nale, abriu as sessões plenárias, tendo-se nomeado uma comissão de verificação de poderes, afim de aprovar as credenciais dos delegados, que representavam mais de 25 agremiações. O operoso confrade Santiago Bossero foi eleito presidente da Mesa do Congresso. Depois, nomearam-se comissões de estatutos, de propaganda, de psicologia experimental, da revista *La Idea,* do congresso pan-americano, etc., e autorizaram-se a participar no Congresso algumas instituïções não confederadas.

O sr. Nale informa que no *Memorial* apresentado aos Congressistas não figuram vários assuntos, incluídos mais tarde na ordem do dia, tais como, «Acto de repúdio do curandeirismo», «Realização do Congresso Pan-americano», «Comissão de estudos experimentais», «Comissão Casa-Própria», etc.

O confrade Santiago Bossero dá informações àcêrca do «Repúdio do curandeirismo», realizado pela C. E. A. em 12 de Julho último. Como o fiscal Dr. Landaburu se preparasse para ordenar o encerramento das sociedades espiritas, a Confederação adoptou uma série de medidas, entre as quais, o acto público de repúdio do curandeirismo, levando ao conhecimento do grande público o carácter científico, filosófico e moral do Espiritismo.

O sr. Miguel Sério põe em relêvo o carácter universal da doutrina espirita e a necessidade de se abandonarem os interêsses individuais ou de grupos, colocando-se ao lado da Confederação.

A senhora de Rotea preconisou o saneamento dos centros filiados, acrescentando que se as sociedades espiritas tivessem verdadeiro conhecimento e compreensão do nosso ideal, nenhuma deixaria de filiar-se, pois unidas melhor poderiam fazer a propaganda e defender a Causa.

Finalmente, aprova-se a seguinte declaração:

«Nomear uma Comissão de Relações, com o fim de visitar as instituïções não federadas, estudar as suas actividades, divulgar os benefícios da filiação na Confederação e informar àcêrca das mesmas instituïções, no caso de filiação no organismo central».

Em seguida, são lidas algumas declarações de sociedades. A do Centro «Hacia el Progresso», de Loberia, termina dêste modo:

b) *Um regime social de justiça e liberdade só é posível entre sêres justos, sinceros e liberais; portanto, é preciso que os indivíduos se reformem moralmente e sejam mais nobres e justos. A Doutrina Espirita conta com as noções que inspiram atitudes mais elevadas e justas. Entenda-se que ninguém tem direito a pedir mais justiça e liberdade do que aquela que sabe realizar.*

O Congresso aprova depois esta resolução:

O 5.º Congresso da C. E. A. de 1943, tendo em conta o carácter sociológico do Espiritismo, propõe ao Conselho Federal que inicie, com a colaboração das sociedades confederadas, uma acção doutrinária que responda à idéia duma concepção espirita da sociedade, por entender que é a única maneira de cumprir o postulado social que emana do Espiritismo.

A tese «A Religião e o Espiritismo» provocou comentários de alguns congressistas, entre êles, Mariotti, que é da opinião que devemos considerar o Espiritismo como fôrça religiosa, no sentido nobre da palavra. O Espiritismo — diz o orador — está enquadrado precisamente nas ciências religiosas e esclarece o sentimento religioso de todos os sêres humanos.

Como se não houvesse chegado a acôrdo, resolveu-se iniciar um inquérito nas colunas de *La Idea.*

No dia 11, o Congresso tratou das resoluções das Comissões internas. Quanto à propaganda, aprovou-se a resolução seguinte.

a) Unificar o ideário espirita segundo a interpretação de Quintin López Gómez, no seu trabalho «Como divulgar el Espiritismo», publicado *na revista «La Idea», isto é, como Ciência, Filosofia e Moral,*

b) *O 5.º Congresso da C. E. A. declara que o Espiritismo é ciência experimental, filosofia e moral. Neste sentido, o corpo de oradores da C. E. A. deverá propagar o Espiritismo, afastando-se da interpretação pessoal dos seus aderentes e ajustando a prédica àquela definição.*

É também aprovado o plano de trabalho alvitrado pela Sociedade Vítor Hugo, no sentido de se pedir às sociedades que enviem relação dos fenómenos espiritas e metapsíquicos que obtenham, afim de serem cientìficamente ordenados e comentados, publicando-os depois em livros.

Finalmente, procede-se à eleição do Presidente da Confederação Espirita Argentina, tendo sido elei-

to José Tejada, redactor de *La Idea*, que renunciou o cargo, devido a razões de trabalho. O Congresso elegeu então o sr. Santiago A. Bossero, que se seguia na votação. O sr. Hugo L. Nale foi nomeado vice-presidente da Confederação.

E assim terminou o 5.º Congresso duma das maiores sociedades espiritas sul-americanas, à qual enviamos as nossas fraternais saüdações, com desejo de maiores triunfos.

As faculdades dum médium suplantam os processos de orientação profissional do exército inglês.

O nosso colaborador Dr. Sebastião Elviro Martins, traduziu de *Psychic News* a seguinte narrativa que põe em evidência as poderosas faculdades de um médium inglês:

Um psiquiatra do Exército ficou convencido da mediunidade de W. H. Redmond e Redmond provou também que a sua psicometria era superior aos processos ali usados para conhecimento das aptidões militares dos soldados. O médico ficou tão impressionado, que propôs ao Ministério da Guerra para que a psicometria fôsse utilizada para aquêle fim. Os generais, porém, objectaram com a origem espirita da idéia.

Redmond relatou esta interessante experiência na Associação Espirita de Marylebone. E acrescentou:

«Fui licenciado do Exército em Novembro (1942), por motivo de saúde. Quando me apresentei, declarei que era espirita e médium profissional. Enviaram-me para um psiquiatra. Talvez julgassem que estava a delirar».

Redmond apresentou os seus documentos em ordem e o psiquiatra disse que certamente não poderia ter ludibriado tôdas as pessoas que assistiram à demonstração das suas faculdades.

Interessou-se pela psicometria de Redmond e preguntou-lhe se, por seu intermédio, poderia experimentar as faculdades de inteligência dos soldados. O psiquiatra chegou à conclusão de que, feitas as experiências, um médium poderia dizer aos investigadores muito mais, àcêrca dum soldado, do que o Serviço de Investigação.

O médico empregou Redmond na inspecção de muitos recrutas e ficou tão agradàvelmente surpreendido com o êxito da experiência, que o levou a apresentar a idéia ao Ministério da Guerra.

Apesar de não terem aceitado a proposta do médico, Redmond honrou o Espiritismo com a sua colaboração aturada e desinteressada, durante a sua permanência no Exército.

Redmond veïculou a mensagem que um cirurgião vienense já falecido dirigira ao psiquiatra.

O espírito do cirurgião referiu-se à pesquisa que o médico estava a fazer sôbre a estrutura óssea e acrescentou:

— V. escreveu ao Ministério da Guerra para lhe permitirem a continuação das suas experiências.

O médico confirmou.

O espírito disse ainda que a autorização solicitada lhe seria concedida e que os seus esforços o elevariam mais no conceito científico.

Esta comunicação, segundo o psiquiatra, constituía a melhor e maior prova da mediunidade de Redmond.

Um soldado que apostara em como não se dariam certos factos referentes a sua estadia no Exército, ficou vencido pela veracidade da confirmação dêsses factos previstos pelo médium.

— Saio do serviço militar transformado num espirita completo — afirmou êsse soldado a Redmond.

Redmond descreveu depois o desenvolvimento das suas faculdades mediúnicas, ainda na infância, por uma sensibilidade de pensamentos e sentimentos a favor dos seus semelhantes.

Não obstante, só se interessou a valer pelos problemas espiritas, depois da morte de seu pai, por volta dos 15 anos, depois de ter comunicado com êle, sem sombra de dúvidas.

Freqüentava sessões espiritas e recebia sempre mensagens, fôsse qual fôsse o número dos assistentes, e os espíritos diziam-lhe invariàvelmente que era médium.

¡Durante anos consecutivos não acreditara na existência do seu guia! Muitos dos médiuns videntes diziam-lhe que era um egípcio, mas não considerava suficiente essa prova.

Um dia, porém, regressava duma sessão espirita e pensou na conveniência de ver como seria o seu guia.

A sua casa estava às escuras quando entrou. ¡Abriu a porta da sala da frente e o egípcio apareceu ali, de pé, diante dêle!

SABEDORIA — AMOR

A Sabedoria é a luz do amor e o amor é o alimento da luz.

Quanto mais profundo é o amor, mais sábio se torna; e tanto mais a sabedoria se eleva quanto mais se aproxima do amor.

Só se ama verdadeiramente, melhorando-se. Melhorar-se é fazer-se mais sábio.

Não há ser no mundo que não se melhore alguma coisa, desde que ame a outro ser, não importa que se trate de amor vulgar. E os que amam sempre, não cessam de se aperfeiçoar.

MAETERLINCK

Notas & Comentários

Pregunta sem resposta

No dia 10 de Janeiro, o *Diário de Lisboa* publicava o seguinte, na sua secção de *Ecos:*

«Recebemos, escrito em papel azulado e timbrado, êste bilhete:

«— Pôsto não ter ainda vinte e cinco anos, não sou alegre nem satisfeita. Quem tem a culpa? Não sei, nem gosto de saber. Há dois meses faleceu uma minha amiga, companheira de colégio e companheira dos meus segredos, da qual não posso esquecer-me. Quando sou obrigada a sair, sinto-a a meu lado, quási tocando-me e a deter-me com uma voz que parece vir de muito longe:

«— Ouve o que te quero dizer!...

«Volto-me e não a vejo. Isto deu-se já quatro vezes e uma delas na Rua do Ouro. ¿Que hei-de pensar disto?» — *M. F.*

E o articulista acrescenta:

«Não é fácil responder a tal pregunta, mas uma coisa está fora de dúvida: M. F. não encontra a sua amiga no espaço que percorre, mas na sua saüdade, no seu coração afectuoso.

«Os mortos não vêm a êste mundo, a não ser quando nós, à fôrça de amor, os chamamos. Se isto se não dá, o milagre não se produz.

«Entre o Aquém e o Além, há o mar do Esquecimento, com suas águas fundas e opacas, que só ousam sulcar os veleiros cujo timoneiro arde num fogo inapagável».

A resposta do comentador não chega para orientar a missivista num campo desconhecido para ambos. Suas palavras anódinas nada dizem, nada esclarecem; e M. F. continuará a sentir as suas emoções, a viver no seu mundo estranho, à margem de quaisquer hipóteses ou teorias.

Afirmar que os mortos não vêm à Terra, sem que o nosso amor os chame, é ousadia que só cometerá quem o assunto ignore, apesar de muito saber noutros sectores do entendimento humano. Assim, M. F. errou o enderêço da sua carta, que exigia resposta mais esclarecedora.

Entre o Aquém e o Além há fundos pélagos, não o negamos; mas a investigação científica conseguiu desvendar segredos considerados até há pouco incognoscíveis. Quem quiser estudar sem idéias preconcebidas, pode fazê-lo, que muito encontrará com que entreter o intelecto ávido de conhecimento.

Quando não há resposta para certas preguntas, é melhor encaminhar os consulentes para quem os possa elucidar...

Ainda Rádio-Piratininga

A Revista Internacional do Espiritismo, de Matão, S. Paulo, insere a seguinte local no seu número de Julho de 1943.

«Acabamos de receber uma auspiciosa notícia que nos apressamos a publicar para gáudio da família espirita: Está reabilitada Rádio-Piratininga. Com o auxílio do Alto, em breve a teremos novamente a vibrar nos céus do Brasil».

A dar crédito a esta informação — e nenhum motivo temos para lho regatear — a manigância dos utilitaristas foi vencida pela dedicação dos sinceros espiritas, que mais uma vez demonstraram o seu amor à Causa, defendendo e guardando para o Espiritismo a grande emissora Rádio-Piratininga, de 20 Kilowats-antena, verdadeira alavanca da nossa doutrina nas terras sul-americanas.

É, na verdade, notícia verdadeiramente auspiciosa, que compensará os desgostos causados no nosso campo ideológico pela suspenção forçada das suas irradiações.

Triunfou o bom-senso. Caetano Mero, o animador infatigável de tão vasto empreendimento, presidente vitalício da União Federativa Espirita Paulista e verdadeiro esteio do Espiritismo no Brasil, viu o seu esfôrço coroado de êxito e deve estar satisfeitíssimo com o resultado da sua acção.

DIAS FELIZES

Não consideres feliz o dia que hajas empregado em teus gozos pessoais, que, embora puros, estarão próximos do egoismo, se tuas alegrias não reflectirem as de outros seres, por tuas boas obras.

— Não consideres feliz o dia em que não tenhas podido enxugar alguma lágrima, dar um conselho útil, reparar alguma falta ou perdoar de coração alguma ofensa.

— Não consideres feliz o dia em que no teu coração ainda existam as más paixões, sem lutares por vencê-las.

De El Siglo Espirita

Por êsse mundo...

Músico precoce

Pelo que nos informam alguns despachos telegráficos do Nordeste, está despertando grande interêsse a precocidade artística dum menino que já se exibiu em algumas localidades daquela região, revelando, de facto, dotes especiais, apesar de muito novo ainda. Não somos inclinados, por questão de prudência, a divulgar notícias de «meninos-prodígios» que, de quando em quando, surgem na imprensa, visto que muitas notícias não são rigorosamente apuradas antes da divulgação que possa envolver o Espiritismo. Mas nem por isso deixaremos de acreditar em factos comprovados por testemunhos criteriosos, tanto mais que são inúmeros os exemplos de precocidade artística, tais como o de Mozart. Trata-se, agora, do menino Lourival Leitão, que, com 5 anos de idade e sendo fisicamente atrofiado, executa o cavaquinho com arte e precisão. Exibiu-se na Prefeitura de Laranjeiras, Paraíba, em presença do respectivo Prefeito, o conhecido e acatado escritor Arlindo Colaço, nosso confrade de doutrina. O facto, portanto, está documentado pelo depoïmento de uma autoridade, que declara, entre outras coisas, o seguinte: «O menino Lourival nada conhece de música». E, no entanto, toca admiràvelmente, como se fôra artista exímio. Tal precocidade, que não deixa de ser um caso de reminiscência do passado, é mais uma prova — bem evidente — da existência, sobrevivência e comunicação dos Espíritos.

De *Mundo Espirita*, do Rio de Janeiro

Os 25.000 francos de Chopin

Pouco antes de morrer, o grande músico Chopin recebeu uma carta da Escócia com 25.000 francos. Devido a circunstâncias inexplicáveis, a carta não chegou ao seu destino. Alguns amigos do compositor consultaram o vidente Alexis, o qual declarou ver a carta, entregue a uma senhora cuja descrição correspondia ao físico duma pessoa chamada Etienne, que prestava serviço em casa de Chopin.

No dia seguinte, levaram ao vidente uma mecha de cabelos da senhora Etienne e êle confirmou a primeira impressão. Essa senhora tinha recebido a carta e escondeu-a num armário junto à cabeceira da sua cama, com diversas roupas e outros objectos. A carta estava intacta. Interrogassem-na, que ela confessaria.

O inquérito deu o resultado previsto pelo vidente. A senhora Etienne reconheceu a sua falta. Aberto o sobrescrito na presença do músico, encontraram, efectivamente, a bela soma de 25.000 francos.

Relatando esta aventura a um amigo, Chopin disse, maravilhado:

— ¿Que pensais de tudo isto? ¿Que pensais da habilidade dos clarividentes? Esta história espantosa deixou-me estupefacto. ¿Como, depois disto, duvidar do magnetismo?

O ilustre autor da *Marcha Fúnebre* empregara um têrmo por outro. Êle deveria empregar a palavra Espiritismo.

Da *Revista Internacional de Espiritismo*, de Matão, Brasil

¿Que dizem a isto os senhores médicos?

Zeitschrift fuer metapsychische Forschung publicou o seguinte, em Outubro de 1939:

Diz o Doutor Ennemeser, na sua obra «O Espírito Humano»:

«A consciência, a razão e a vontade conservam-se intactas depois de grandes lesões e até mesmo após a extinção total da matéria cerebral. Elas não apresentam, por assim dizer, alteração alguma, embora a autópsia dos cadáveres tenha provado muitas vezes essas lesões (variadíssimos casos nos Anais de Hecker, Outubro de 1897) e Huscland, em seu *Journal de Médicine Pratique* (Outubro de 1938) assinalasse um caso dos mais admiráveis.

«Numa pessoa doente havia muito tempo e que até aos últimos momentos não dera sinais de qualquer doença cerebral, embora estivesse atacada de paralisia, quando foi autopsiada, encontrou-se-lhe o cérebro semelhante a uma caixa cheia de água. Nenhum traço de massa encefálica, nem adiante, nem atrás, nem em parte alguma do cérebro! Todavia, o indivíduo conservou as faculdades mentais até os derradeiros minutos da vida».

Seguem outros casos análogos.

Von Kern apresenta o de um homem cujo cérebro estava em parte dissolvido, sem dar o mínimo sinal de alteração mental. O professor Schmick cita o caso do arquitecto Schinkel (intervenção cirúrgica no cérebro, achando-se, na autópsia, o cérebro vazio. O doutor L. Scheich cita vinte casos de operação de guerra no cérebro, sem alteração da personalidade humana, além de inumeráveis outros, nos hospícios, de doentes cuja autópsia revelara a desaparição da matéria cerebral (total ou parcial) e que, durante a agonia, recobravam inesperadamente a razão e tôda a sua inteligência.

O barão Von Holzhauzen, autor do artigo, pede aos materialistas alguma coisa mais do que um simples encolher de ombros, em face de casos tão estranhos, mas verídicos.

De *Alvorada de Uma Nova Era*, de S. Paulo

Noticiário

«Atalaya»

De Buenos Aires, onde se publica, chegou às nossas mãos o n.º 8 de *Atalaya*, pequena revista dactilografada sob a esclarecida direcção de Fernando Aydecé.

Em tôrno desta publicação estão a mover-se influências no sentido de a transformar em revista técnica e científica, impressa em tipografia e com carácter bi-semestral, afim de a lançarem nos meios intelectuais, pondo em evidência a Metapsíquica e o Espiritismo, visto que os homens de laboratório exigem método e clareza na exposição dos factos e das teorias.

Fazemos votos pelo progresso de *Atalaya*.

As nossas conferências

Por absoluta falta de espaço, não pudemos no último número referir-nos à conferência que o presidente da Ordem Esotérica Iniciada, sr. Ângelo da Costa Cabral, realizou no Centro Espiritualista Luz e Amor, no dia 19 de Dezembro de 1943, intitulada «O Amor tudo vence». Foi, na verdade, um belo trabalho, cheio de moralidade e ensinamento. Baseado num livro de Mardem, grande filósofo e moralista americano que tanta influência tem exercido na moderna geração portuguesa, Costa Cabral manteve a assistência em constante expectativa, demonstrando a necessidade de sermos bons e generosos em todos os actos da vida.

Esperamos que não seja a última vez que o sr. Costa Cabral honra a tribuna do Centro.

Também em 23 de Janeiro último o nosso Centro foi honrado com a presença do nosso consócio e estimado colaborador sr. coronel Faure da Rosa, que realizou a sua conferência intitulada «O Poema de um Morto», com recitações pela também nossa colaboradora Haydi de Tebelen.

Destoando um pouco dos trabalhos que aqui tem apresentado, nesta conferência deu-nos a conhecer a obra que o poeta Guilherme de Santa-Rita publicou em 1895 com aquêle título, obra de acento neo-espiritualista e de elevado sentimento filosófico, onde se descrevem as várias encarnações dum Espírito, através de estrofes magistrais, plenas de beleza inofuscável.

O tema serviu admiràvelmente os desígnes do orador, que mais uma vez exalçou as virtudes do Espiritismo no aperfeiçoamento do indivíduo e da colectividade.

No final, conferente e declamadora foram alvos de prolongada salva de palmas, significativas do agrado com que foi recebido o trabalho do nosso inteligente e operoso companheiro.

Auxílio aos necessitados

Transporte do último número.....	1.731$00
D. Adelaide Jesus Ferreira, do Cartaxo...	10$00
Torcato Cardoso Ferreira, de Almeirim...	10$00
António José Gonçalves, de Almeirim.....	5$00
D. Maria Margarida Soares, de Castelões, Famalicão	20$00
José Pais de Carvalho, de Mangualde.....	22$00
José Cândido Ferreira, de Espinho.....	20$00
Dr. Augusto Marques da Cunha, de Aveiro	50$00
Joaquim Augusto André, de Almeirim...	10$00
Anónimo, de Caldas de Moledo.....	2$50
Luiz António Branco, de Lisboa.....	20$00
F. B., de Lisboa.....	10$00
António Rodrigues, de Lisboa	5$00
Saldo de Caixa	1.675$00
Total.....	3.590$50

Donativos prestados

Com os donativos recebidos e que agradecemos aos nossos prezados assinandes e aos sócios do Centor Espiritualista Luz e Amor, pudemos beneficiar 139 necessitados.

¡Que Deus cubra de bençãos todos os homens de boa vontade e que em 1944 possamos aumentar ainda mais a nossa obra de solidariedade!

Programa dos trabalhos do Centro em Fevereiro de 1944

Dia 6, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 13, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 20, às 16 horas — Conferência pelo tenente João da Cruz, intitulada «O contrôlo espiritual exercido nos seres encarnados».

Dia 27, às 16 horas — Sessão experimental.

NOTA — *As sessões experimentais são exclusivas aos sócios do Centro.*

LEITOR E AMIGO

¡Procura interessar os confrades na propaganda desta revista! ¡Os assinantes que angariares serão seiva vitalizante que nos ajudará a vencer a dura caminhada.

Estudos Psíquicos

2.° volume correspondente ao 3.° e 4.° ano, impresso em papel especial, formando um grosso volume de cerca de 400 páginas, encadernado em optima percalina azul

(TIRAGEM REDUZIDA)

À venda nesta redacção ao preço de 70$00

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Espiritualista

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
O Principiante Espirita	4$50	
O que é o Espiritismo	6$50	
Obras Póstumas	15$00	21$00
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	3$50	
O Além e a Sobrevivência	3$50	
O Grande Enigma	10$00	
O Porquê da Vida	8$00	
O Problema do Sêr e do Destino	16$00	22$00
Cristianismo e Espiritismo	16$00	22$00
Joana d'Arc Médium	16$00	22$00
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	17$00	23$00
ERNESTO BOZZANO		
Breve história dos «raps»	3$00	
Xenoglossia (Mediunidade Poliglota)	10$00	
DR. A. LÔBO VILELA		
Hipóteses Metapsíquicas	7$00	
O Problema da Sobrevivência	7$00	
O Destino Humano	14$00	

	br.	enc.
F. CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
Crónicas d'Além-Túmulo	10$00	
Novas Mensagens	10$00	
O Consolador	10$00	
Parnaso d'Além-Túmulo (poesia)	16$00	22$00
Cinqüenta Anos Depois (romance)	16$00	22$00
CAMILO FLAMMARION		
O Fim do Mundo	12$00	
As Casas mal assombradas	16$00	
ALMERINDO M. DE CASTRO		
O Martírio dos Suïcidas	9$00	
António de Pádua	10$00	16$00
ALEXANDRE DIAS		
A Fazenda Mal Assombrada	10$00	
Trajectória das Almas	8$00	

(Continuado da 3.ª página da capa)

	br.	enc.
LEOPOLDO MACHADO		
Pigmeus contra gigantes	10$00	
Doutrina inglória (O problema da natalidade à luz do Espiritismo)	10$00	
BITTENCOURT SAMPAIO		
De Jesus para as Crianças	8$00	13$00
Jesus perante a Cristandade	12$00	17$00
JOSÉ SURINACH		
Spiritus Meledictus. (novela espirita de grande emoção)	8$00	12$00
OSVALDO MELO		
Epístolas aos Espiritas	7$50	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos	10$00	16$60
OBRAS DIVERSAS		
Além (O), para todas as inteligências, por *J. L'Homme*	10$00	
Amor Imortal, por *J. A. Nogueira*	12$00	
Amor, Vida e Evolução, por *Fernando da Cruz Ferreira*	8$00	
Claustro (O), por *Manuel Arão*	14$00	20$00
Cristianismo (O), do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	16$00	22$00
De Maria para suas filhas	3$00	
Espiritismo (O), à luz dos factos, pelo *Dr. Carlos Imbassaby*	15$00	
Expiação, por *Areolino Gorjão*	10$00	
Evangelho das Crianças (3.º livro de leitura) por *António Lima*		7$00
Granja (A) do Silêncio, por *Paul Bodier*	10$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Soler*	15$00	21$00
Metapsíquica (A) e o Espiritismo à luz dos factos, por *Faure da Rosa*	2$50	
Minas de Sincorá, por *Estrelita Junior*	6$50	
No Limiar do Etéreo, por *J. Artur Findlay*	13$00	19$00
Nova (A) Luz, por *Georges Dejean*	12$00	18$00
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle*		10$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho por *João, o Evangelista*	12$00	
Pela Vitória do espirito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Psicologia Experimental, pelo *Dr. Paulo Gibier*	3$00	
Roma e o Evangelho, por *José Amigó y Pellicer*	14$00	20$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio A. Valente*	12$00	18$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	7$50	13$50

Nêstes preços não está incluído o porte do correio.

Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e Ilhas Adjacentes.

Para as Colónias e estrangeiro, a remessa é feita contra pagamento adiantado, por meio de vale postal.

AVISO AOS INCAUTOS

Não são espiritas os que exploram a credulidade das pessoas incultas ou fanáticas, exibindo falsas faculdades e recorrendo a artifícios de toda a espécie, para melhor iludir a boa-fé dos incautos.

Não são espiritas os que se entregam à adivinhação pela invocação dos espíritos, porque o Espiritismo não é arte divinatória e por isso os espíritos que se prestam a semelhante papel são, necessàriamente, inferiores (por mais pomposos nomes que apresentem) e o seu convívio só poderá ser prejudicial.

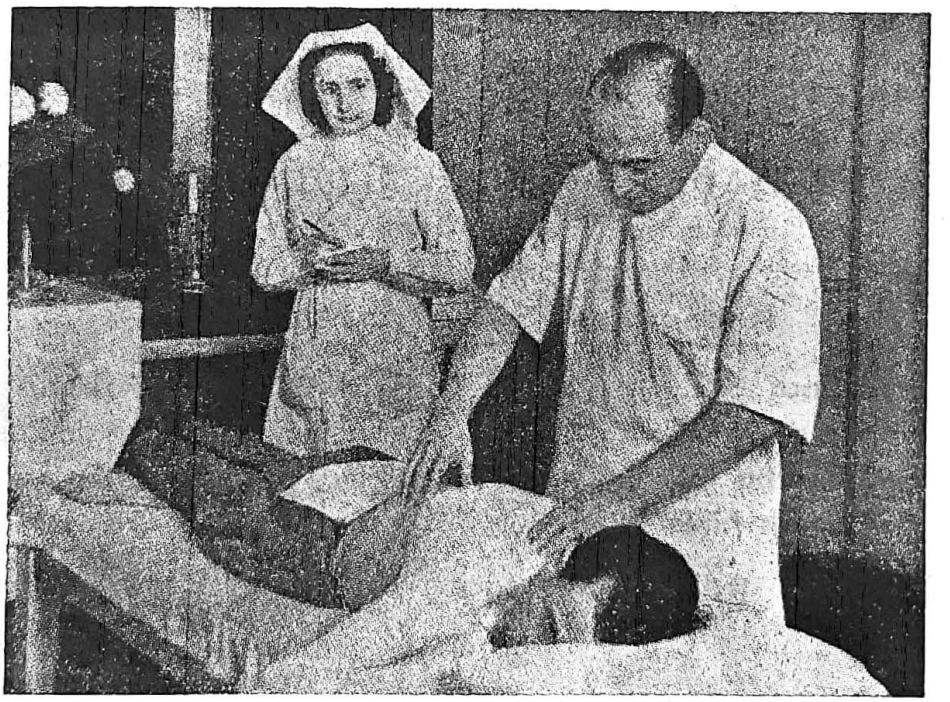
As casas das chamada *mulheres de virtude, cartomantes, bruxas* e de todos os que se dedicam a estas práticas supersticiosas são de infecção espiritual, onde os espíritos inferiores vivem permanentemente e fazem seu campo de manobras.

«Estudos Psíquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas e colónias

ANO V MARÇO DE 1944 N.º 5

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental



O médium curador W. H. Lilley a tratar um doente

(Ver notícia na pág. 147)

CONTÉM: Panorama, **da redacção**; Pascal Forthuny — I — pelo **Coronel Faure da Rosa**; Orientação, por **Emmanuel**; Resumo da Doutrina Espirita, — IV — pelo **Dr. Gustave Geley**; Dez preceitos de Reper-Siam; Conte o seu caso... Como se tornou espirita?, por **F. Noronha**; Do Alto - Reforma que se impõe, por **Reper-Siam**; Factos são factos..., pelo **Dr. Alcides Gentil**; O Espiritismo revelador da verdade — IV — por **Haydi de Tebelen**; Sonho ou recordação, pelo **Dr. Gustave Geley**; Meditações — Palavras de Jesus, por **J. F.**; O triunfo dum médium londrino; Fraternidade espiritual — IV — por **J. Gonçalves Losa**; Três amigos, por Vitor Hugo; Bibiliografia; Crónica estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Por êsse mundo...; Noticiário

LEITOR AMIGO:

Escuta, por um momento. ¿Já pensaste alguma vez no mistério da vida, no porquê da tua existência terrestre e no que te espera, ao abandonar o mundo físico? ¿Já pensaste?... ¿E não te sentiste atraído para a meditação cotidiana, para a decifração de tão grande enigma?

De-certo que já pensaste e meditaste e concluíste pela necessidade de aprofundar o assunto. Tens, agora, belo ensejo. Acompanha «Estudos Psíquicos» *na sua acção, torna-te seu amigo e colaborador, porque há muita maneira de auxiliar as obras úteis. Tudo que fizeres, redundará em teu próprio benefício.*

ESTUDOS PSÍQUICOS

REVISTA MENSAL

ORGÃO OFICIAL DO CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR

E PORTA-VOZ

do Centro Espirita Reflexos da Verdade, de Beja, do Centro Espirita Luz, de Coimbra, do Centro Espirita Luz e Verdade, de Matozinhos, do Centro Espirita Fé e Caridade, de Angra do Heroismo, do Centro Espírita de Santa Judite, do Pôrto, do Grupo Espirita Humildade, de Aveiro, e do Grupo Espirita Paz, Caridade e Protecção, de Faro.

Rua do Salitre, 149, 1.º, E. = = = = = = = = = = = = LISBOA

PROPRIEDADE DE ISIDORO DUARTE SANTOS

a quem deve ser dirigida tôda a correspondência

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores • Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

Redactores-correspondentes:

Em **França**...	Dr. Gabriel Gobron
No **Rio de Janeiro**	Almerindo Martins de Castro
Em **Uberaba**	Dr. Inácio Ferreira
Em **Buenos Aires**	Dr. Luiz M. di Cristóforo

Distribuïção gratuita aos sócios do Centro E. Luz e Amor

ASSINATURAS

PORTUGAL	*Continente e Ilhas (assinatura anual)*	*36$00*
	Colónias ... ... » »	*50$00*
ESTRANGEIRO	*Espanha* ... ... » »	*36$00*
	Brasil ... ... » »	*50$00*
	Outros países ... » »	*60$00*

Cobrança pelo correio — mais 1$60

Distribuidores exclusivos para Portugal, Ilhas e Colónias: **Editorial Organizações, Lda.**, Largo Trindade Coelho, 9, 2.º — Lisboa — Telefone 27507

• VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA •

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

ANO 5.º | LISBOA MARÇO DE 1944 | N.º 5

Propriedade de Isidoro Duarte Santos	Direcção e Edição de Maria Gonçalves Duarte Santos	Redacção e Administração Rua do Salitre, 149, 1.º — E.

Composto e impresso na Tipografia SILVAS Lda. — Rua de D. Pedro V, 120 — LISBOA

PANORAMA

¿Que depara o investigador arguto ao contemplar o panorama do Neo-espiritualismo contemporâneo? Carência de união, falta de método, insuficiência de estudo. Estes são os maiores factores da desagregação, que tem por divisa o utilitarismo e a descrença.

A firmeza de princípios que se imponha a crentes e a descrentes; a coordenação de trabalhos que inspirem confiança ao maior número; a unificação de planos que garanta o valor do sistema, tudo é necessário para a solidez da obra e harmonia do conjunto.

Nas lutas do pensamento, a vitória não pertence ao mais forte, mas ao mais sábio e ao mais digno, mormente se o Ideal condena a violência, como processo de combate.

Carência de união. — Esta verdade é evidente. Não há união, porque não há mentalidade espirita. Conseqüentemente, não há renúncia a certas conveniências, não há sacrifício pelo bem colectivo, não há interêsse pela Causa que, bem ou mal, deve ser defendida.

Cada um trata do seu caso pessoal, das suas vantagens problemáticas, desprezando a essência da Doutrina. E não há conselhos que demovam intentos preconceituados, nem argumentos que levem o fanático à rectificação de idéias estereotipadas e abstrusas.

Resultado: o pouco que se obtém exige o triplo do esfôrço.

Falta de método. — Esta verdade também dispensa demonstração. De norte a sul do país, raras são as experiências de carácter científico ou mesmo dignas de atenção. O que prevalece é a curiosidade mórbida. ¿Há aqui ou ali um médium que se impõe à observação de verdadeiros experimentadores? Não importa. Qualquer indivíduo se arvora em director de sessão, disposto a interpelar o Invisível. E depois os pacientes caiem nas garras da psicopatia. Menos um cidadão para a comunidade, mais um desgraçado para o manicómio.

Eis a que conduz a falta de método, aliada ao desconhecimento da doutrina espirita.

Insuficiência de estudo. — Esta verdade é tão flagrante e grave como as outras. Em geral, o espirita português não lê, não estuda as obras fundamentais subscritas pelos Mestres: bastam-lhe os «ensinamentos» do Guia.

Muitos, não têm outro catecismo, ainda que êle encerre burundangas filosóficas ou verdades de pacotilha.

Nesta conformidade, a propaganda é dificílima. Só podemos tentá-la entre pessoas cultas ou estudiosas, que estão em minoria.

A queda duma laranja obrigou Newton a grandes lucubrações àcêrca da gravitação. ¿A que não conduziria o estudo sério e aturado dos fenómenos psíquicos?

Aí ficam algumas verdades oportunas em gotas homeopáticas e lançadas como semente em terreno sáfaro. Praza a Deus uma delas germine e cresça, à luz do bom-senso e da inteligência...

PASCAL FORTHUNY

pelo Coronel Faure da Rosa

I

PASCAL Forthuny, escritor parisiense, romancista e crítico de arte, ignorou até à idade dos 48 anos que possuia a propriedade do conhecimento supranormal; e muito admirado ficou, quando, um dia, descobriu em si a existência dessa propriedade.

Cêdo revelou a sua paixão pela literatura e pela música. Dos 11 aos 15 anos a sua vida intelectual era ocupada pela poesia lírica e pela música. Era uma alma cantante. Nas festas de igreja tocavam as suas composições musicais. Na escola liam as suas produções literárias. Em contra-partida, era um ignorante de tudo quanto se relacionasse com ciências: diante duma simples conta de somar, empalidecia.

O pai, arquitecto de profissão, pretendeu que o filho seguisse a mesma carreira. Admitido na Escola de Belas Artes — apesar da sua insuficiente preparação científica — Forthuny recusava-se instintivamente a assimilar os processos dos mestres antigos e só começou a interessar-se pelos estudos da Escola quando um professor o iniciou na arquitectura moderna, porque se tratava de novidade, de matéria a imaginar, a criar. Entretanto, os seus melhores momentos foram os que passou junto de Catulle Mendés e Maurice Barrés, para os quais se sentia atraído como o ferro para o íman.

Farto do movimento monótono da sua existência de burguês, foi buscar à Alemanha, em três anos seguidos, os motivos para as suas fantasias românticas.

Em Munich deu à imaginação as sugestões titânicas da música de Wagner.

Perdidas as crenças religiosas, tornou-se materialista, sem, todavia, perder a esperança de que um dia lhe demonstrassem que estava em êrro. Mas era um materialista repleto de ideal.

Cêrca dos trinta anos publicou dois romances, nos quais se encontra a cratera por onde se escapa um pouco dessa lava idealista ardente. Em *As Etapas Inquietas*, Forthuny desenvolve a evolução espiritualista do homem. Em *O Rei Regicida* — expressão de idealismo político — leva um rei— por amor da humanidade — a transformar os seus Estados em anarquia.

Romancista, músico, poeta, Pascal Forthuny cultiva também a pintura em todos os géneros. Tinha, pois, os predicados precisos para ser um crítico de arte, e, de facto, veio a sê-lo. Tudo que escreveu sôbre produção artística é uma espécie de marcha para a frente e acima da matéria, da técnica do pincel, do emprêgo das côres.

Numa obra, é o lado psicológico do autor que o atrai: Forthuny quere descobrir os motivos íntimos da criação, perscrutar o «fundo de alma», o que lhe valeu ter irritado alguns artistas.

Fêz conferências pela província sôbre «a arte para todos».

Lia jornais de diferentes países e aprendeu várias línguas, algumas das quais lhe eram familiares, como o inglês, o alemão, o espanhol, o italiano e o português.

A Ásia, que Forthuny só conhecia através de leituras, tinha para êle o encanto do mistério, o atractivo que o desconhecido exerce numa imaginação ávida do inédito, do novo, do original. O acaso pôs-lhe nas mãos uma gramática chinesa. A beleza plástica dos caracteres gráficos desta língua, maravilhou-o. Foi para a China com a mulher e o filho. Ali se matriculou numa escola de línguas orientais, aos 41 anos de idade. Três anos depois, estava diplomado em chinês, tendo traduzido e publicado alguns romances.

Nada lhe parecia mais atraente que a vida silenciosa dos homens amarelos assombrados por demónios, protegidos por génios, por espíritos protectores.

Apaixonou-se pelo maravilhoso.

Se, então, lhe tivessem falado no «maravilhoso metapsíquico», isto é, no poder psico-dinâmico humano desconhecido, Forthuny admiti-lo-ia como um elemento favorável ao acalento de sonhos.

Entretanto, um drama iria alancear aquela alma tão sensível, onde faria desabrochar uma faculdade inesperada, tal como uma

nova ilha que um sismo submarino faz surgir das águas.

Em Junho de 1919, seu filho único, Frederico Forthuny, de 24 anos de idade, alma vibrante como a do pai, estava na Roménia onde dirigia o campo de aviação de Galatz. Um telegrama datado de 25 dêsse mês anunciava que os alemães se decidiam a ir a França assinar o tratado de paz em Versalhes.

A população exultava, contente. Embandeiravam por tôda a parte. A cidade tinha um ar de festa. Coseu, umas às outras, pequenas bandeiras francesas para, assim, fazer uma enorme bandeira.

E, no céu dourado por um sol já baixo no horizonte, levantou vôo conduzindo, sob o seu avião, o extenso estandarte. A multidão aplaudia o seu talento de aviador e as côres da França. De repente, uma rabanada de vento, faz com que o pano do estandarte se enrosque em volta da hélice. O aparelho cai a pique e Frederico Forthuny fica esmagado no solo do próprio cemitério de Galatz.

O pai teve uma explosão de dor; depois, sentiu um interminável desespêro.

Um oficial de marinha, amigo de Pascal Forthuny, julgando que a melhor maneira de consolar o desolado pai, fôsse convencê-lo de que a morte do corpo não é o fim da vida individual, emprestou-lhe alguns livros de Espiritismo... Forthuny leu e concluiu: «hipótese frágil».

Em 18 de Julho de 1920 — pouco mais dum ano após a morte do filho Frederico — Pascal Forthuny, sentado à secretária, estava escrevendo umas páginas dum romance, quando, bruscamente, a mão deixou de obedecer ao seu pensamento, e, como que movida por uma fôrça estranha, pôs-se a traçar impulsivamente uma série de riscos, tal qual como uma criança na sua primeira lição de escrita. Estupefacto, Forthuny pegou numa fôlha de papel em branco e aí pousou a mão que continuou a traçar riscos, depois curvas de todos os feitios, logo em seguida letras e palavras ainda sem encadeamento lógico.

Pascal Forthuny chamou a espôsa, a quem disse:

— Aqui tens tu uma história singular; eu sou médium!

A primeira sessão de escrita impulsiva durou duas horas.

Nos dias seguintes continuou a experiência. Poucos dias depois do aparecimento da escrita impulsiva, Forthuny obteve respostas às suas preguntas. Desde então, as coisas passavam-se como se êle conversasse com inteligências invisíveis que se servissem do seu mecanismo cerebral para se exprimirem.

Duas personalidades espirituais se apresentaram: primeiramente um espírito que nunca quis dar o nome e assinava apenas, «teu guia»; a outra personalidade foi o filho, — Frederico Forthuny.

Estas relações por meio da escrita impulsiva realizavam-se muitas horas em cada dia e durante uns seis meses: desde 18 de Junho a 25 de Dezembro de 1920.

Um dia em que a mão se dispunha a começar a escrever, foi bruscamente levada para o lado direito do papel e, velozmente, escreveu da direita para a esquerda; e, assim, encheu de linhas fôlhas e fôlhas de papel. Acabada a sessão, quis ler: não conseguiu decifrar uma única palavra. Lembrando-se que a escrita automática pode efectuar-se em sentido inverso, pôs as folhas diante dum espelho; maravilhado, verificou que, com uma velocidade louca, êle podia executar êsse prodígio.

Para melhor avaliar a dificuldade, Forthuny quis de *motu-próprio* escrever da direita para a esquerda e invertendo as letras: fê-lo com lentidão e a maior aplicação, mas nada conseguiu utilizável. Desde êsse dia, Forthuny convenceu-se de que era instrumento duma inteligência estranha distinta da sua.

Em Dezembro, os movimentos para escrever tornaram-se verdadeiros espasmos, bruscos sacudimentos que lhe faziam doer o ombro. Era exaustivo. Forthuny preguntou à entidade comunicante o que significava aquilo... e a mão escreveu: «Acaba dentro de pouco tempo».

No dia de Natal de 1920, Forthuny quis conversar com o filho. Colocou-se em posição para a escrita impulsiva. A mão moveu-se vagarosamente, sem sacudidelas, como se fôsse actuada por uma fôrça em declínio. Escreveu: «Ade...» e deteve-se; nunca mais voltou.

Debalde Forthuny fêz múltiplas tentativas de escrita impulsiva: a mão ficava inerte.

O «Guia» de Forthuny apresentou-se-lhe como um mestre enfatuado da sua omnisciência, susceptível, irritável, vingativo até. Diz-lhe a verdade àcêrca de Deus, da alma, da criação, da morte, da sobrevivência da alma, qual a relação do espírito com a matéria, etc. Dá-lhe conselhos de conduta para o aperfeiçoamento moral. Não é um mestre persuassivo e afectuoso; é um rude pontífice de afir-

mações perentórias que não admite resistências.

Numa das sessões o «Guia» profetizou-lhe que viria a ter o dom da clariaudiência e da clarividência.

Também o filho Frederico lhe fêz igual predição: «A mediunidade da vidência e da audição — dizia Frederico — há de aparecer-te na manhã do último dia do ano... A certeza da mediunidade vidente e audiente ajudar-te-á a compreender o motivo porque não podes escrever».

* * *

No inverno de 1921, entre as pessoas reünidas numa sala do Instituto Metapsíquico de Paris, estava Pascal Forthuny e uma clarividente — a Sr.ª de B... O Dr. Geley estende o braço para entregar àquela senhora uma carta dobrada e, ao mesmo tempo, pede-lhe que diga o que o contacto do papel lhe sugerir. Forthuny, de bom humor, intercepta a carta e declara que também é capaz de dizer qualquer coisa. Pega num lápis e desenha no papel uma casa: «Nesta casa vejo uma pessoa muito abatida, um cão e um cadáver debaixo da cama; do lado de fora outros homens vigiam a casa.»

Ao mesmo tempo a Sr.ª B... exclamava angustiada: «Êsse homem tem mêdo que lhe cortem a cabeça.» Ora, a carta em questão era do célebre facínora Landru, cuja execução estava marcada para dali a três dias.

A Sr.ª Geley pegou num leque, de cima duma mesa da sala, e, dando-o a Forthuny, diz-lhe:

— Vamos ver se se trata de coïncidência. ¿Que lhe diz o contacto dêste objecto?

Sempre gracejando, Forthuny apalpa o leque e exclama:

— ¿Que é isto? ¡Tenho a impressão de sufocar! E ouço a meu lado: «Elisa!»

Estupefacção da Sr.ª Geley. Aquêle leque provinha duma velha dama morta sete anos antes de congestão pulmonar, leque de que ela se servira durante a doença. A amiga que a tratara chamava-se Elisa.

A Sr.ª Geley saíu da sala, onde, minutos depois, regressou com uma bengala:

— Aqui tem — disse ela a Forthuny — um objecto cuja história muito especial o senhor não pode conhecer. Se a achar, se a disser, é que o senhor, sem nenhuma dúvida, é clarividente.

Apalpando a bengala, Forthuny descreve païsagens, movimentos de exércitos, ao longe, além-mar, do lado do Oriente. Fala dum môço oficial possuïdor da bengala, no seu regresso a França, por mar, do torpedeamento do seu barco,... etc.

E tudo isto era exacto, como confirmou a Sr.ª Geley. Aquela bengala pertencera a um jovem francês que, como oficial, fizera a campanha da Grécia. O seu barco fôra torpedeado, quando do seu regresso a França, e metido no fundo. Salvo do naufrágio, adoeceu e morreu dois anos depois.

Querendo levar mais longe a experiência, a Sr.ª Geley foi buscar uma carta a outro compartimento. Meteu-a na mão de Forthuny de maneira tal que lhe era impossível ler uma única palavra. Forthuny aperta a carta na mão e exclama:

— Oh! Minha Senhora! Esta carta foi escrita numa cidade bem linda. É do Oriente... onde há um pôrto. É admirável! Que vista magnífica! Que belo céu azul!...

A carta fôra escrita 20 anos antes, em Constantinopla, pelo pai da Sr.ª Geley.

Assim se manifesotu a faculdade metagnómica (supranormal) de Pascal Forthuny.

Ao contrário do que acontece com a maioria dos sensitivos — na opinião do dr. Osty — Forthuny não tem na sua ascendência nenhuma pessoa que tivesse possuído a propriedade do conhecimento supranormal, nem sequer alguma dessas manifestações espontâneas, de que poucas famílias estão isentas, como pressentimentos, telepatias, sonhos monitórios ou premonitórios.

O dr. Osty afirma que — excepto o caso de Pascal Forthuny — sempre encontrou a mesma faculdade na ascendência imediata do médium e algumas vezes na sua próxima colateralidade.

O Dr. Geley entende que a mediunidade se pode definir como um dom hereditário, condicionado pela tendência para a descentralização dos princípios constitutivos do médium. Mas há excepções e não poucas.

Esta noção da hereditariedade do dom mediúnico permite compreender, dentro de certa medida, a razão por que a mediunidade é tão rara no Ocidente. Pelo menos, foi esta tese que o Dr. Geley ouviu sustentar na Polónia.

Para os polacos, a Inquisição e os processos de feitiçaria, extinguiram, em grande parte, em tôda a Europa ocidental, a raça dos médiuns. Entre as centenas de milhar de pessoas condenadas à fogueira, durante uma longa série de séculos, havia quantidade im-

portante de verdadeiros médiuns... A mediunidade subjectiva, — a intelectual — até certo ponto, escapou à destruïção; mas a mediunidade objectiva, mais fácil de revelar e que mais fere a imaginação, quási foi aniquilada. Sob êste ponto de vista — acrescenta Geley — a obra da Inquisição e dos processos de feitiçaria produziu um resultado nefasto para a ciência e para a verdade.

Os psicólogos, nos seus laboratórios, têm-se esforçado por descobrir os determinismos psico-fisiológicos das sensações, para, daí, avançarem no estudo da elaboração dos sentimentos, das volições, das idéias e na dêsses psico-dinamismos sempre misteriosos: a atenção, a memória, que a hipótese espirita conseguiu explicar com o funcionamento do perispírito.

A esta investigação geralmente exercida no psiquismo do homem no estado de saúde, o hospital adicionou o imenso depósito de observações feitas por ocasião das perturbações patológicas do pensamento, das intervenções cirúrgicas nos centros nervosos e nas glândulas endocrínicas, das certificações comparativas das autópsias. Êsse vasto trabalho dos laboratórios universitários e da clínica veio confirmar, com a experiência, a noção que Locke e Condillac tinham adquirido na lógica do aspecto superficial das coisas: «Nada entra no nosso espírito que os sentidos aí não tenham introduzido». Ver-se-á quanto era enganosa esta aparência de confirmação. Porque a verificação dos factos levaram outros investigadores, bem pouco numerosos, é certo, para um outro campo de trabalho onde a matéria a profundar já não é o pensamento elaborando o seu conhecimento nos sentidos conhecidos mas alcançando a noção do real em condições onde a razão ficaria totalmente por informar. Êste conhecimento paranormal ou supranormal da realidade, atribuem-no os metapsíquicos a uma inteligência latente coexistindo em algumas pessoas com a inteligência ordinária — distinta dela, duas inteligências, portanto, num corpo só — e os espiritistas à intervenção inteligente dum desencarnado que para tal fim se serve dum médium.

A faculdade do conhecimento supranormal existe em todo o homem: compreende o psiquismo de tôda a espécie humana que apenas aguarda condições fisiológicas favoráveis à sua realização.

Ao longo da história, através dos séculos, vemos-lhe dois dos aspectos principais: a descoberta de água em sítios onde os sentidos ordinários a não distinguem, e daí proveio o *vedor*, e a perquisição íntima da personalidade humana, com indicação dos acontecimentos da sua vida, e assim se criou o *adivinho*. Vedores e *adivinhos*, pesquisadores de água e reveladores de vidas individuais povoaram os séculos passados, como hoje povoam o nosso.

¿Quanto tempo, quantas publicações, quantas experiências privadas e particulares e quantas demonstrações não foram preciosas para que o conhecimento paranormal da realidade *homem* seja tomado em consideração pelo mundo científico e venha a ter, enfim, o número e a qualidade de investigadores que merece?

Orientação

E procurai viver quietos e tratar dos vossos próprios negócios e trabalhar com vossas próprias mãos, como já vo-lo temos mandado.

(I, Tessalonicenses, IV-11)

A cada passo encontramos irmãos ansiosos de orientação nova, nos círculos do aprendizado cristão.

Nobres serviços, programas excelentes de espiritualidade superior experimentam dilação, à fôrça de súplicas reiteradas, por parte daquêles que andam descuidados da própria iluminação.

Entretanto, para quantos desejem aprender sinceramente, as directrizes permanecem traçadas de há muito, esperando mãos operosas que as concretizem com firmeza.

Procure cada discípulo manter o quinhão de paz relativa que o Mestre lhe conferiu, cuide cada qual dos negócios que lhe digam respeito e trabalhem todos com as mãos com que nasceram, na conquista de expressões superiores da vida e construïrão esferas elevadas para si mesmos.

Aquêle que conserva a harmonia, ao preço do bem incessante, atende aos desígnios do Senhor no círculo do trabalho e da família humana; o que cuida dos próprios negócios cumpre rectamente as obrigações sociais, sem ser pesado aos interêsses alheios, e o que trabalha com as próprias mãos encontra o caminho luminoso da eternidade gloriosa.

Antes de buscares qualquer orientação junto de amigos encarnados ou desencarnados, não deixes de verificar se já atendeste a isto.

EMMANUEL

RESUMO DA DOUTRINA ESPIRITA(*)

(Espiritismo evolucionista)

pelo Dr. Gustave Geley

Tradução de I. D. S.

IV

Condições para a produção dos fenómenos

AS condições para a produção dos fenómenos espiritas são muito delicadas.

Pode bem dizer-se que são relativas ao número de assistentes (preferentemente, de seis a dez); à composição do grupo (que deve compor-se, sempre que possível, de homens e mulheres, sendo conveniente certa passividade dos assistentes e harmonia de pensamentos e que todos sejam pessoas sãs, etc.); à regularidade das sessões (em dias fixos e sempre com as mesmas pessoas, etc.).

Também são relativas ao modo de operar. Assim, a luz dificulta a intensidade dos fenómenos. Em compensação, a obscuridade aumenta a intensidade dêles. Mas como a experiência na obscuridade apresenta certos perigos e se presta à fraude, deve conservar-se alguma luz. Para obviar esta dificuldade, é costume colocar o médium num pequeno gabinete, ou num armário próximo da sala das sessões. O ponto de partida dos fenómenos está então no pequeno gabinete negro onde o médium se encontra, quere dizer, no gabinete que está completamente às escuras (Vide, mais adiante, o capítulo das materializações).

Durante as sessões, os assistentes devem manter-se serenos, tranqüilos, silenciosos e não interromper nunca o fenómeno iniciado. Devem conformar-se com as indicações dos espíritos, não tentando impor-lhes condições.

É muito raro que se não obtenham mais ou menos fenómenos espiritas, desde que certo número de indivíduos experimentem com tôdas estas preocupações.

Os movimentos da mesa com contacto, produzem-se logo desde as primeiras sessões; depois, observam-se golpes na mesa, escrita automática, movimentos sem contacto, e, finalmente, os fenómenos superiores (materializações, aproximações, escrita directa, encarnações, etc.).

Observação importante: *Os fenómenos, mesmo os mais simples, nunca se obtêm voluntàriamente.*

Outra observação: *Nenhuma das condições atrás citadas é indispensável para a produção dos fenómenos.*

Para obter fenómenos de ordem elevada é necessária a presença de um bom médium.

¿E que é um médium?...

Segundo a doutrina espirita, é uma pessoa que, mercê de faculdades naturais, é susceptível de fornecer aos desencarnados quantidade suficiente do seu fluido nervoso ou da sua *substância orgânica,* afim dêstes poderem manifestarem-se materialmente.

Segundo a teoria chamada anímica, admitida por diversos experimentadores, o médium é a causa exclusiva dos fenómenos, em virtude do desdobramento da sua personalidade material e intelectual e da exteriorização de suas faculdades.

Mais adiante veremos como estas teorias se conciliam perfeitamente.

Os médiuns são, em geral, os neuropatas (1), superiores ou inferiores.

Fàcilmente hipnotizáveis, perdem quási sempre a consciência normal ao cair num sono chamado *transe,* durante a verifica-

(*) Ver *Estudos Psiquicos* de Novembro, Dezembro, Janeiro e Fevereiro.

(1) De resto, não há qualquer razão directa entre a neurose e a faculdade dos médiuns. Há muitas pessoas nervosas que não servem para médiuns. Estes devem, antes, ser pessoas susceptíveis de hipnotização.

ção dos fenómenos superiores, isto é, importantes. Obedecem sem dificuldade às sugestões, inclusive mentais, dos assistentes, donde se deduz a importância da passividade dêstes últimos, levada ao maior grau possível.

De modo inconsciente, podem reflectir os pensamentos de uma ou de várias pessoas do grupo. E também inconscientemente são obrigados a simular os fenómenos quando estes se não produzem (2), pois tôdas as pessoas medianamente cultas em Espiritismo sabem que os fenómenos, como já dissemos, não se produzem voluntàriamente. Mas as fraudes inconscientes são coisas verdadeiramente infantis e fàcilmente reconhecíveis no curso da experiência. Não obstante, o *médium deve ser cuidadosamente vigiado, seja qual fôr a confiança que mereça.*

As faculdades do médium são freqüentes, sobretudo no seu grau elementar. Necessitam, porém, de treino prolongado, se se quiser chegar à obtenção dos fenómenos superiores. E não se esqueça de que estão sujeitos, mesmo no próprio indivíduo, a grandes variações de intensidade, segundo as épocas e o estado nervoso do médium.

A fadiga física ou moral, a enfermidade e o uso de narcóticos ou de bebidas alcoólicas, são coisas que entorpecem as faculdades de um bom médium.

OS FENÓMENOS

Os fenómenos espiritas podem dividir-se em duas categorias:

Primeira — Quando os fenómenos têm lugar na mesma pessoa que serve de médium ou com o seu contacto.

Segunda — Quando os fenómenos têm lugar fora da pessoa que serve de médium e sem qualquer contacto com ela.

Primeira categoria

Os factos desta série são menos inverosímeis, que os da segunda e, aparentemente, menos fáceis de provar. Mas as duas classes de fenómenos estão estreitamente unidas na sua produção e originam comunicações idênticas, relativamente à sua pretensa causa.

Em todo o caso, qualquer pessoa que os tenha observado reconhecerá que é ou pode ser idêntica a origem dos fenómenos de ambas as categorias.

A primeira série compreende:

1.º — *Os movimentos de objectos* (pêndulo, batuta, mesa) que se produzem ao contacto das mãos, sem impulsão consciente dos assistentes à sessão de Espiritismo. É o fenómeno mais fácil de obter. Para isso, basta que quatro pessoas pelo menos se reünam em volta de uma mesa, colocando as mãos desnudas sôbre o tampo. Neste caso é conveniente estabelecer a *cadeia,* isto é, o contacto de cada mão com a mão próxima). Em geral, logo desde a primeira sessão a mesa se move ràpidamente, range, volta-se, ergue um ou mais pés, executa movimentos compatíveis com a sua estrutura, obedece às ordens que lhe dão, etc. E chega a responder inteligentemente, desde que se haja estabelecido um código de sinais.

É bem conhecida a explicação clássica dêste fenómeno pelo impulso inconsciente das mãos dos assistentes, tal como o explicaram Faraday, Chevreul, Babinet e outros.

É provável que esta explicação seja verdadeira em certos casos, embora o não seja sempre.

Prosseguindo as experiências, ver-se-á repetir o fenómeno com tal potência (às vezes, basta uma violência inquietante, sobretudo na obscuridade) que obrigará a reconhecer, com os espiritas, a intervenção de fôrças desconhecidas.

2.º — *Golpes secos,* dados na mesa ou nos pés da mesa, na cadeira do médium ou de algum assistente. Isto chama-se a *tiptologia,* com o auxílio da qual se podem obter comunicações inteligentes, tal como nos movimentos da mesa.

Estes golpes, às vezes muito claros e fortes, não podem ser atribuídos à intervenção duma fôrça inconsciente dos assistentes à sessão. E quanto à teoria de Schiff e de Jobert, que atribuíam aquêles golpes ao rugído dos tendões, é coisa que não resiste à mais pequena análise.

3.º — *Escrita automática* — Um lápis seguro pela mão do médium ou fixo numa

(2) A propósito das fraudes mediúnicas, vide o notável estudo de Ochorowics nos «Anais das Ciências Psíquicas», 1894.

ardósia ou num papel, sôbre os quais o médium coloca a mão, escreve sem o impulso consciente da vontade daquêle.

Em geral e durante êste tempo, o médium não sente a mão, nem sabe absolutamente nada àcêrca do que escreve, encontrando-se amiúde em estado de consciência ou de semi-consciência.

A escrita é muito clara, quando o médium está suficientemente treinado. E por vezes escreve com rapidez extraordinária.

A forma dos caracteres, o estilo, a ortografia, a língua, os conhecimentos, numa palavra, o fundo geral da comunicação podem não recordar em coisa alguma a personalidade do médium.

O lápis pode ser mantido até por médiuns analfabetos. E já se conseguiram obter comunicações escritas, através das mãos de crianças de peito.

Muito freqüentemente e no seu conjunto, bem como pela análise dos promenores que a informam, tais como estilo, caligrafia, assinatura, etc., a comunicação é absolutamente característica da pessoa morta que a transmite e fornece uma prova de identidade absolutamente convincente, até para os mais incrédulos em matéria de Espiritismo.

O espírito comunicante pode ser completamente desconhecido do médium e dos assistentes à sessão.

4.º — *Faculdade auditiva, intuitiva e visual do médium* — O médium ouve a voz do espírito ou adivinha o sentido das suas palavras e serve-lhe de intérprete.

O médium vê o corpo astral do espírito e pode chegar a descrevê-lo com maravilhosa exactidão.

Em certos casos, o médium vê e descreve diversas cenas de acontecimentos, podendo isto explicar-se por alucinações sugestivas provocadas por êle, pelo espírito comunicante, ou por fenómenos de vista a distância ou de clarividência.

5.º — *Faculdade vocal do médium — Encarnação — Transfiguração* — Quando é intentada de viva voz, a comunicação realiza-se sempre pela voz do médium.

Os resultados são idênticos aos da escrita automática. O timbre, as expressões, os conhecimentos, a linguagem, etc., não são os peculiares ao médium, mas os que correspondem em tudo à pessoa defunta com quem se comunica e que, nêste caso, empresta absolutamente os seus órgãos ao médium.

Dez preceitos de Reper-Siam

1.º — Perdoai sempre: mas, antes disso, evitai tôdas as ocasiões de haver delito a perdoar.

2.º — Não deis ouvidos a qualquer murmúrio que contra vós se levante.

3.º — Preocupai-vos com a humanidade inteira: habituai-vos a considerar todos os seres como vossos irmãos.

4.º — Segui rigorosamente os preceitos cristãos, em qualquer circunstância da vida.

5.º — Mantende o pensamento longe das materialidades supérfluas e cultivai a prece todos os dias.

6.º — Sêde rigorosos no cumprimento dos vossos deveres.

7.º — Não julgueis os actos dos outros.

8.º — Sêde afáveis e caridosos, abstraindo as hierarquias.

9.º — Imponde-vos pela correcção, pela prática das boas virtudes, pela dignidade moral que deveis a vós próprios e à sociedade.

10.º — Não espereis recompensa dos homens pela execução dêstes preceitos, pois essa recebê-la-eis no fim da vossa missão terrestre.

Durante a produção dêste maravilhoso fenómeno, o médium está no que se chama transe.

A encarnação é o fenómeno em que o espírito toma posse de todo o corpo do médium, sem se limitar a apoderar-se apenas de alguns dos seus órgãos. Desta forma, não é só a palavra e a voz que faz lembrar o môrto, mas também os seus gestos característicos, feitos pelo médium no decorrer do discurso, as suas atitudes, a sua maneira de andar, a expressão geral da fisionomia, etc. E no seu grau superior, o misterioso fenómeno é também acompanhado do que se chama a *transfiguração*. O corpo e o rosto do médium sofrem modificações momentâneas, *reais e não ilusórias*, que o fazem parecer-se muitíssimo ao defunto, encarnado naquêle momento.

Êste fenómeno, embora pouco freqüente, costuma ser terrivelmente impressionante.

COMO SE TORNOU ESPIRITA?

Esta secção impunha-se numa revista como «Estudos Psíquicos», que deseja actualizar os assuntos que ventila e trazer para as suas colunas tudo quanto possa interessar os seus numerosos leitores. Aqui desfilarão, pois, alguns nomes, conhecidos ou desconhecidos, que nos contarão o seu «caso», semelhante, em certos pontos, ao «caso» de muitos outros que o não virão contar. Não deixará, entretanto, de ser curioso e oportuno o calidoscópio.

Abre esta página o nosso eminente colaborador F. Noronha, que teima em ser velho, quando a sua excelente e fecunda actividade a cada passo o desmente... É que o espírito humano está fora do tempo: não enruga, nem envelhece.

NASCIDO em 1863, numa propriedade do Arripiado, pertencente à família de uma tia afim, meu pai, aliás estremoso pelos filhos, entregou-me a uma irmã, ao tempo residente na linda cidade nabantina com seu marido, agente do Ministério Público.

Não tinha prole êste casal e fui adoptado como filho.

A atmosfera do seu lar era perfumada de religiosidade, sem mescla de fanatismo.

Em 1886 levaram-me para a ilha Graciosa do arquipélago açoreano, deslocação esta em virtude do cunhado de meu pai ter sido promovido a juíz de direito e colocado na respectiva comarca.

Não tinha ainda o senso preciso para compreender, ou apenas ter simples noção de matéria de crença, acompanhando minha tia à sua devoção dominical, meramente movido por curiosidade.

Em suma, os anos deslisaram, regressámos ao continente, houve-me com os caracteres alfabéticos, os algarismos e a escrita, seguidamente com a instrução primária cujo exame oral incluía catecismo da doutrina cristã, logo após com a secundária e internato de seminário, sempre na mesma atmosfera, nunca de excesso.

Quando atingi a maioridade, não tendo tomado ordens sacras, exerci o cargo oficial de professor em escola elementar, ministrando aos alunos o ensinamento doutrinal, consoante as disposições regulamentares.

Durante o período anterior ou primeiro quadro da minha vida, alguém, de que já se me apagou a memória, deu-me a ler o livro em que William Crookes dá conta das suas sessões com o seu conhecido médium feminino, pormenorizando a materialização da célebre índia, levada a efeito nestas sessões, através de três anos.

A bagagem cultural por mim adquirida como estudante, em especial na disciplina que denominávamos «Introdução à história natural», abrangendo os compêndios de Física e Química, convenceu-me de que o famoso cientista inglês quisera elaborar por desenfado uma novela de complicações fantasiosas.

E conversando com alguns amigos àcêrca do texto do aludido livro, que devolvera ao seu possuïdor, notei mais ou menos em todos êles sorrisos motejadores.

Outras leituras me cativaram com largo predomínio, abstraíndo completamente de qualquer impressão que me provocasse o percurso das páginas do citado livro.

Tive notícias, *de visu* e de outiva, de uma verdadeira febre manifestada na nossa população, querendo consultar mesas-de-pé-de-galo, que até vendedores ambulantes apregoavam pelas ruas.

Não ligava eu importância alguma ao caso, se bem que encontrasse essas mesas em reüniões particulares de famílias que visitava, rodeadas por grupos, uns sentados à sua volta, com as mãos em cadeia, e outros presenceando.

Isto, porém, constituía, principalmente, passa-tempo da gente môça, enleando a de cabelos embranquecidos, e pretexto de galhofa.

Continuei na labuta da existência, já não professor, mas em afazeres diferentes, um dos quais, desde os 14 anos, amador de escrever artigos para os jornais.

O Espiritismo não me aparecia nos horizontes, nem figurava nos órgãos da imprensa de meu contacto.

N.º S. Amaro 44

As funções várias em que fui investido e um boletim de certa responsabilidade de que fui encarregado por determinação ou designação superior generosa e não por méritos, de que me confesso vazio, afastavam-me de atentar em semelhante modalidade, que não me interessava, nem me atraía.

De 1916 em diante, o referido boletim, a categoria graciosa e honrosa de perito para que me convidou o falecido Mr. Albert Thomas em nome do Conselho Administrativo do «Bureau International du Travail», da Sociedade das Nações, e ainda freqüentes missões e seviços de sindicância e instrução de processos, absorveram-me inteiramente, havendo, entretanto, folheado nêsse lapso nada curto, um dos livros de Allan Kardec, que se me deparara sôbre a banca de trabalho, em sua casa, dum dilecto amigo meu, já desencarnado, juíz do Supremo Tribunal de Justiça.

Folheara-o de salto e de um fôlego, sem pensamento reservado.

Só em 1933, atingido pelo limite de idade e aposentado, as minhas relações com uma senhora espirita, veneranda octogenária, a induziram a patentear-me a sua biblioteca de especialidade, muito razoavelmente provida; mas devo observar que colaborara, a partir de 1921, numa revista, o *Futuro*, de Lisboa, de índole espirita, mas não como tal e unicamente em assuntos de instrução e educativos.

Conhecera pessoalmente Fernando de Lacerda, como funcionário. Os seus livros, li-os depois de 1933.

Também me haviam remetido, de quando em vez, exemplares da interessante revista *Luz e Caridade*, de Braga.

As escolas filosóficas da Grécia, que me proporcionaram, e ainda hoje me proporcionam viagens de encanto, falavam-me de metempsicose e transmigração das almas, acordando-me na retentiva crenças da Índia e conceitos budistas.

Os grandes iniciados helénicos extasiavam-me de prevalência, como tôda aquela época a que na primeira das três últimas páginas da brilhantíssima introdução com que o nosso eloqüente Latino Coelho precedeu, por êle àticamente vertida, a peregrina «Oração da Corôa», de Demóstenes, o primoroso e sábio tradutor diz pertencerem-lhe «os maiores sucessos e os homens mais ilustres», prosseguindo: «os acontecimentos que mais influem na marcha da humanidade e os nomes, que com maior esplendor e luzimento a Grécia transmitiu aos seus vindouros. Os sábios e os filósofos, cujas obras chegaram até nós, Platão e Aristóteles, Teofrasto e Xenofonte; os artistas mais perfeitos, Apeles, Protógenes, Lísipo; os grandes generais, Fócion, Cábrias, Ifícrates, Timóteo; os eminentes estadistas e repúblicos, Aristofonte, Céfalo, Calístrato, Êubulo, Licurgo, Hipérides, Timarco, e os dois atletas da tribuna, Demóstenes e Ésquines, que, inflamados pelo talento e pelo ódio, se abraçam e se ferem, se estreitam, se prostram e se levantam novamente, disputando um ao outro, ao mesmo passo, a cabeça, a popularidade e a vitória».

A Grécia enamorára-me deleitosamente, sem me sugestionar ou empolgar por lado algum, quanto ao que pode evocar-se como antecedência no campo formal do Espiritismo científico.

Roma e os problemas económico-sociais, as teorias dos que definimos «avançados», a história geral e a de cada país, tratadas pelos mais idóneos autores, a matéria migratória principalmente, com a qual vivi longamente por virtude de deveres inerentes a funções oficiais que desempenhava, alheavam-me até de possibilidade de irrompimento psíquico de tendências conducentes a chegar-me para meios espiritas e para a sua literatura, em breve enormemente ampliada, mòrmente no Brasil.

Não me soara a hora de atentar nessa genuína actividade impulsionada com ardência de apóstolo pelo médico Allan Kardec, de quem percorrera, talvez como felino sôbre brazas, um dos livros, conforme atrás digo, de sua autoria.

Se bem que, em consciência, convicto de que *acaso* não corresponde como vocábulo a outra coisa que não seja testemunho de ignorância ou fuga de discussão por falha de argumento e de que, nestes termos incisivos, com êle nada absolutamente haveríamos de admitir com fundamentada autenticidade, se bem que assim fôsse, dava preferência de leitura a obras anti-metafísicas e mesmo entranhadamente materialistas.

Impôs-se-me sempre a palpitante demonstração duma energia intelectual criadora e presciente dominadora de todo o existente, repugnando-me sempre também o Deus monstruoso e carrasco da eternidade das penas em fôgo inapagável, que a Igreja Católica prèga dogmàticamente.

Irrita-me, que se atribua uma tal negação de essência misericordiosa à Entidade paternal que fulgura inconsumível nas leis providentes da Natureza-mãe.

Felizmente, Portugal há muito expungiu da letra dos seus códigos a pena perpétua, que supriu promulgando disposições redigidas de acôrdo com os sãos princípios de humanidade.

* * *

Obriga-me, aqui, agora, uma nota de advertência justificada, que não devo espaçar, sob risco de falir-lhe o oportuno cabimento: A atmosfera religiosa, que me envolvera desde a infância sem solução de continuïdade até ser seminarista, produziu os seus frutos naturais, reflectindo-se nos meus numerosos artigos prímevos ou ensaios periodicistas e nos opúsculos impressos, «Jesus Cristo», «Miscelânia», «Belezas do Cristianismo», «Estudos Históricos e Morais», «Crença e Lei», «Pátria Portuguesa», «Separação do Estado da Igreja», que não entraram no mercado e ofereci pessoalmente.

No «Boletim Bibliográfico» inserido em o n.º 12, correspondente ao mês de Dezembro de 1895 da *Revista de Educação e Ensino*, dirigida pelo já falecido professor liceal Manuel António Ferreira Deusdado, acusando-se a recepção de exemplar de «Estudos Históricos e Morais», está classificado êste livro como obra «de suave perfume cristão».

Isto prova que o espírito de religiosidade perdurava em mim, distante mais de quinze anos da freqüência de aulas seminaristas.

Continuando, porém. Como ficou precedentemente indicado, apartei-me de funções públicas em 1933, por fôrça do disposto na lei que marca o limite de idade do funcionalismo, obrigando-o a aposentar-se.

A minha orientação, nessa data, não era de espiritualista nem de materialista no rigor do têrmo, visto que não se coadunava com o meu raciocínio material e fôrça, sem elo e nexo de razão, gerando-se por si mesmas, «evoluíndo» em tom idêntico e, em suma, de acaso, de modalidade em modalidade e de triunfo em triunfo ou de glória em glória, alcançarem a cúspide da animalidade nas incidências do génio e nas portentosas conquistas do saber.

Verificava, que entre o verbo exemplificado de Jesus e a barca de Pedro, a breve trecho relativo, cavara-se fundo intervalo de irremovível preenchimento, mantendo-se numa das margens dêsse intervalo, isolada e triste mas segura e fixa uma cruz que anunciava não sinecuras e ouropéis, opulências de mando em governação e representações de alta política em escala de poderes proporcionados, realeza autocrática por vezes perturbadoramente absorvente e foco de intrigas, não raro de virulências, e sempre ou quási sempre sem o retrato ou efígie moral com exactidão reproduzida do Ente humilde, de cabeça ao vento, de amor às criancinhas, de socôrro aos deserdados e andrajosos, e de perdão aos próprios inimigos, asseverando, em espírito e verdade, não ser êste mundo o seu reino; e, noutra margem, o próprio Jesus, cuspido, açoutado, flagelado, pronunciando, finalmente, o indelével *consumatum est* da homicida cena do Calvário.

Ataquei os homens com asco renitente e com implacável fervor de arguïção espontânea. Ataque de base certíssima, sem inversão de factos nem recurso a diatribes e coisas vagas, durou anos, só emudecendo quando a tribuna que lhe servia de meio transmissor recebeu o golpe de silenciosa vacuïdade.

Honrava-me a veneranda octogenária a que fiz referência com atenções que eu não merecia e com sugestivos carmes de sua feliz e formosa inspiração, ainda ao presente admirável de emotividade.

Percorrendo os livros espiritas da sua selecta biblioteca e conjuntamente cêrca de cem volumes da espécie, que eu possuía como oferta, por ler, na generalidade, reconheci no Espiritismo seriedade, fundamento e preponderância científica.

Avancei mais. Elaborei artigos impregnados dêste convencimento, que foram publicados nos semanários *O Barreiro*, do Barreiro, *O Cezimbrense*, de Sezimbra, *Gazeta de Cantanhêde*, de Cantanhêde, e *A Voz do Seixal*, da vila dêste nome.

Assim, e, lentamente, abeirara-me do Espiritismo, a crescendo fenómenos íntimos, pessoais, que me infundiram conceito de sua incontestável validade.

No surpreendente marchar acelerado das ciências, que, dia após dia, nos deslumbram com maravilhas de utilidade prática, perfeitamente assombrosas, não vejo que haja motivos, delas derivados, implicando improcedência anulatória ou aniquilante das afirmações dos espiritas em depoïmentos individuais, em discursos e conferências e nos órgãos dos seus centros.

O Espiritismo esclarece de-veras ou, melhor, responde de-veras a interrogações que em qualquer outro plano científico não encontram acêrto que o suplante.

¿Que explicação suasória formulam e ministram, por exemplo, as ciências que se

ocupam do físico e moral humanos, relativamente às precocidades que rubricamos com a expressão *meninos-prodígios?*

Tudo quanto hei lido e ouvido a tal respeito, todos os termos de intérmino silabário e grafia de igual têmpera, empregues ou inventados para pôr a limpo o assunto deixaram-me no mesmo *in albis* que me remordia e não parou de remorder-me.

O caso é que nenhum fisiólogo, nenhum cientista de cátedra ou de laboratório e gabinete experimentais, nenhum evocar ou apelar atenções para hereditariedades, nenhuma bôca tornada cratera vulcânica explodindo não escorias, cinzas, lava, mas turbilhões, catadupas de palavras em abono dos seus pontos de vista e das suas teorias concernentes a tais precocidades, que não tenham por si a escora ou sustentáculo, aliás lògicamente elucidativo, de existência anterior e reencarnação, deixam no vago, em ciclo vicioso, tôda a sua prosa, todo o seu tentame, jàmais decisivo e intorneável, e sempre prejudicado com réplica não graciosa e de devaneio, mas procedente e garantida.

¿Saberá, quem quer que seja, lustrar a electricidade por acesso de definição perfeita, imediata e por uso e emprego directos?

¿Não temos a consciência de ouvintes de mensagens, de palestras, de informações no mesmíssimo instante em que são pronunciadas em Nova-Iorque, em Bombaím, na Austrália, no Egito, em todos os ângulos e recantos do terráqueo planeta, com continentes e mares de permeio?

¿Não é a Natureza teatro fascinante de metamorfoses?

¿E o que hoje não é nítido, lúcido, axiomático para o nosso acanhado entendimento, horas depois não se libertará de obscuridades e escurentezas, surgindo ao sol esplendente da evidência?

E a vida? Que é a vida? ¿Quanta labuta de inquirição metódica e impecavelmente ponderada para lhe ser levantada sequer uma ponta do véu misterioso e desesperador que a oculta ao anelo dos que se esforçam por devassar-lhe os arcanos?!

¿Negamo-nos por ventura à sensata espectativa perante o ignôto a que aspiramos, com razões indutivas e com elementos de analogia?

¿São de desprezar hipóteses equilibradas, no edifício das ciências?!

«As aspirações — diz Allan Kardec, referindo-se à reencarnação — são a voz de Deus, que não pode ludibriar os homens» (*in* artigo, «La Reencarnacion», publicado no n.º 19, ano V, da revista *Cristianismo*, de Buenos Aires, correspondente a 9 de Janeiro de 1942).

O incidente que acaba de sugerir-me a transcrição que precede, aviva-me na memória êste período da conferência, «Demostración del alma por la experiencia», pelo dr. Ovídio Rebaudi, que transcrevo de exemplar da mesma Revista e do mesmo ano, do n.º 17, correspondente a 9 de Julho de 1941: «A sugestão mental tem sido milhares de vezes comprovada rigorosamente e não podem subsistir dúvidas àcêrca de sua realidade, e por certo a transmissão de pensamento, que a sugestão mental implica, não poderia ocorrer, não sendo por intermédio dos eflúvios que lhe servem de veículo».

¿A transmissão do pensamento, plenamente averiguada, ¿como seria recebida, há quarenta séculos, se alguém, de então, ousasse ou mesmo tivesse capacidade para referir-se-lhe?!...

O tempo decorre incessante em seu eterno jornadear, e constante no ideal de ovância triunfal nos domínios do que ainda não conhece, não enfraquece o intelecto humano em busca e rebusca das verdades e das origens, acumulando, de maior, os tesouros do saber e as provas irrecusáveis.

¿Que importa que haja teimosias caprichosas, olhos semi-vendados, aberrações na negativa e na contradição?!

¿A matemática não faz luz valendo-se de demonstrações por absurdo?

* * *

Eis uma viagem que iniciei na dogmática duma atmosfera de religiosidade não inquinada por excessos, em que não tive que transpor barreiras de casta alguma nem de saltar como arlequim e em que também não sofri dissabores nem desafios de catequese, nem ainda negaças de proselitismo.

Cheguei ao termo da viagem, sem fadiga de nenhuma espécie, tendo contacto com a Filosofia, com as sínteses hinarias dos seus inextinguíveis luminares, com as religiões, caducas e não caducas, ligadas por essencialidade aos quadros culminantes da História e ao nascer, bracejar e avultar das civilizações dos povos.

Tudo me forneceu lição de estímulo, arrebatamento dos sentidos, deleite de alma, e, finalmente, à beira do Espiritismo, confesso e curvo-me ante o Ser de seres, que concedeu ao homem o livre-arbítrio e à tibieza dos humildes a presença de Jeusu-Messias.

F. Noronha

Reforma que se impõe

por Reper-Siam

O momento que passa é decisivo para a humanidade. Muito do que era antigo ruirá. Novos princípios, novos métodos. O Espiritismo, portanto, está na seu caminho. Mas não espereis que tôdas as portas se lhe abram, porque não se passa das trevas para a luz, sem a necessária reacção.

Agora, mais do que nunca, a nossa doutrina tem o seu lugar. Tudo o que pertence ao mundo antigo terá de ser reformado. A humanidade não progredirá, desde que viva no amolecimento do confôrto e do prazer. Daí, a grande desgraça que assola a Terra e cuja responsabilidade pertence a todos.

O que sucede é a conseqüência, pura e simples, de erros seculares. Todos os protagonistas da cena já tiveram outras existências terrestres. Tudo está conforme às Leis, tudo obedece ao ritmo da Justiça Divina.

Se tudo o que é humano é baixo e medíocre, a causa do mal-estar reside em vós todos.

Aquêle que se julga sem culpa e a lança sôbre o seu irmão, é o maior criminoso. Por isso, na hora que passa, o que vale é a resignação e seguir um caminho mais recto, de harmonia com os ensinamentos de Jesus.

A quem mais se deu, mais se exige. Aos espiritas e a outros indivíduos pertencentes a correntes espiritualistas, já foi dada luz suficiente para se orientarem na vida e compreenderem que a justiça social tem sido uma quimera. Quando aparece um vislumbre dessa justiça, é logo combatido pela turba-multa materialista que apenas obedece às exigências do estômago, que apenas se orienta pelos instintos materiais.

É preciso espiritualizar a vida. O homem segue por caminho oposto, quando quere alcançar a almejada felicidade. No mundo-terra, não na pode encontrar, sem se afastar das materialidades que o cercam e, por vezes, dominam inteiramente.

¿Que vemos nós naquêles que mais afincadamente reivindicam a justiça social? Vemos que se atascam cada vez mais nas gangas terrenas, criando exigências novas e novos sistemas que absorvem por completo as actividades humanas.

Em vez do homem espiritualizado, criou-se uma máquina que anda, dorme e pensa, como qualquer autómato.

Nos países super-civilizados, criaram-se tais condições de vida, que o eu interior *de cada um é completamente adormecido pela vertigem da existência. ¡Depois, admiram-se de que o progresso espiritual seja nulo, de que os crimes aumentem, de que o homem seja cada vez mais o lôbo do homem! Se o todo é a resultante do modo de ser das partes, muitos dos energúmenos que aparecem como fantoches nos teatros, são, em boa verdade, produto do meio ambiente.*

Ora, o descalabro social chegou a tal ponto de desagregação e desvairamento, que já não havia voz alguma que se fizesse ouvir, a não ser a voz dos armamentos. Êles aí estão, pois, a exercer a sua acção de ferro e fôgo, arrastando na vaga o sagrado e o profano.

¿Quando brilhará a luz sôbre o cáos em que viveis?

Ainda não estais preparados para uma fase de verdadeira justiça. Por isso, a iniqüidade campeia infrene e a turba aplaude inconscientemente os seus maiores carrascos. É assim essa humanidade frívola e perversa, que não se comove com o sofrimento alheio...

Aquêles que se mostram comovidos, são os que menos fazem por minorar a injustiça. Os homens que se precisam não são os que apenas sabem atacar êste ou aquêle que tem uma obra e que dizem estar ao lado do fraco, sem, contudo, justificar o que afirmam.

Homens de acção é que são necessários, que mostrem aos seus irmãos que a hora é de trabalho e de renúncia, de perdão e de reconciliação. Porque o mundo não pode estar à mercê de meia dúzia de privilegiados. Os actos têm de ajustar-se às palavras.

Justiça social não é prègar discursos de igualdade e liberdade e no fundo praticar-se a escravidão.

O mundo actual necessita mais de justiça, que de liberdade. Foi a liberdade demasiada que provocou a catástrofe, dando largas aos maus instintos individuais. Mas assim tinha de ser. O homem ia ser posto à prova...

¡Aí tem agora o resultado da liberdade que gozou, durante séculos!

A hora que passa não é, pois, de liberdade, mas de expiação. Expiação para todos, porque a culpa é de todos. É bom, portanto, que os espiritas, convictos desta verdade, comecem hoje mesmo a obra destinada aos que saibam e queiram colaborar na implantação duma era de Justiça Social, não justiça perfeita, mas um pouco diferente daquela que vos tem norteado até aqui.

É cêdo para prever o futuro. Mas se o futuro de cada um é o que cada um quiser que seja, o futuro colectivo será o que todos quiserem, desde que tenham os olhos abertos e conheçam as grandes leis da vida, cuja dessiminação eu não me canso de apregoar, agora e sempre.

¡Fazei tôda a propaganda que puderdes dos princípios espiritas! ¡Só êles podem modificar radicalmente o homem e a face do planeta.

¡Começai hoje mesmo, espiritas de boa-fé, e afastai-vos da vida antiga! ¡Começai hoje mesmo a exemplificar a vida simples e cristã, abolindo complicações que infelicitam o homem!

Espiritas de boa-fe: ¡calcai aos pés a matéria! ¡Libertai-vos do comodismo, do confôrto demasiado e procurai ser amigos do vosso semelhante! ¡Libertai-vos das exigências mundanas e vivei a vida simples, embora sem o confôrto terreno! ¡Em compensação, tereis o confôrto espiritual, que vos dará a prática duma boa acção!

Não crieis exigências de vestuário, nem de habitação, visto haver tantos infelizes que não têm uma telha para se abrigar, nem um trapo para vestir.

Meus irmãos espiritas: iniciai hoje mesmo um reinado espiritual, aliviando os que sofrem e purificando a vossa alma.

Vá! Mãos à obra e vereis que a vossa felicidade será maior do que a que tendes desfrutado até aqui. Conto com a vossa boa vontade.

Factos são factos...

pelo Dr. Alcides Gentil

Da notável exposição «A Mediunidade e a Lei» publicada nos jornais do Rio de Janeiro pelo Promotor de Justiça Dr. Alcides Gentil, agora em foco devido ao arquivamento de dois processos contra médiuns acusados de darem «passes» magnéticos em doentes que os procuravam, transcrevemos a seguir alguns parágrafos interessantes àcêrca dum caso passado com a mãe daquêle magistrado:

Vou oferecer ao meu prezado amigo desembargador J. A. Nogueira a narração de um facto de que fui causa e pelo qual se colhe esquisita interacção do pensamento espirita com o pensamento católico. Dêsse facto são testemunhas amigos de meus pais, afora a tradição que se conserva em minha família.

Adoeci gravemente aos 8 meses de idade. Minha mãe, após três dias e três noites de insana fadiga, num lugarejo paraense em que não havia médicos e tôda a gente consultava o «Tratado de Homeopatia», de Sabino, sentou-se próximo de minha cama e adormeceu encostada à parêde. Ia já pela madrugada, quando sentiu que a despertavam, ouvindo dizer-lhe que compulsasse a nota de tal página do referido *Tratado*. Levantou-se minha mãe com alvorôço e tratou de ler a página que lhe fôra indicada, sugerindo-lhe aí uma nota, cujo contexto nunca mais lhe esqueceu.

Aplicou o remédio que a nota aconselhava para a hipótese que, a seu juízo, lhe pareceu efectivamente a da minha enfermidade. E, como fervorosa católica que era, voltou-se para o padroeiro de Alenquer, fazendo-lhe a promessa de que eu me chamaria António, se a minha cura se operasse.

Ao fim de algumas horas de aplicação da droga, as melhoras principiaram e dentro de dois dias estava êste pobre diabo completamente restabelecido. É por isso que o meu diploma de bacharel reza que o meu nome se compõe de duas palavras iniciais, ao passo que no meu registo civil consta apenas de uma.

Mas — e aqui dou o meu enigna para ser decifrado — a tal nota que transmitiram à minha mãe em sonho, que ela comunicou, no dia seguinte, às visitas amigas e que reteve de cor na íntegra — essa nota, a que devo a minha existência, não está em página alguma do livro de Sabino. Dois exemplares da mesma edição que minha mãe possuía foram mais tarde revezadamente acompanhados, linha a linha, até por médicos da intimidade de meus pais e ninguém encontrou essa nota, nem a sua linguagem se lhes deparou, no corpo do livro...

O Espiritismo revelador da verdade

(No Amor, na Arte, na Ciência e na Filosofia)

por Haydi de Tebelen

IV

Na Ciência e na Filosofia

O maior e o mais nobre prazer que pode caber ao homem nêste mundo, é descobrir verdades novas, e, a seguir, desprender-se de velhos preconceitos.

Frederico, o Grande

À medida que a inteligência se desenvolve no homem, êste adquire conhecimentos que o surpreendem. A estas observações do homem primitivo chamou Platão — a ciência. Evoluíndo, a humanidade organizou a sua vida, estudou a natureza, do que resultou o *conhecimento reflectido*, ou a ciência.

Na grande antiguidade, os sábios eram iniciados que cultivavam a Aritmética, a Geometria, as Matemáticas e a Música. A Astrologia era a ciência experimental da época. Esta era relativa ao Cosmos ou Grande Mundo e ao Micrososmo ou Homem. Êstes sábios eram geralmente sacerdotes ou artistas; assim, a religião e a ciência estavam unidas à moral e ao direito político.

A natureza compõe-se duma série infinita de cadeias, e, para as estudar, foi necessário criar vários ramos, que se designaram por ciências positivas e filosóficas. Por elas, o fim a atingir é sempre o mesmo, porque a ciência, através das suas modalidades, mostra-nos a maneira como o homem descobre Deus em si.

Tudo que é maravilhoso nos vem do Eterno Criador e tudo que de elevado possuímos na nossa alma, dêle vem e para Êle volta. O estudo desta trajectória entra no domínio das ciências que alguns autores chamam — artificiais, abstractas, ou especulações filosóficas, mas que completam as chamadas ciências positivas. Estas estudam a natureza e os seus fenómenos. A Filosofia vai além do fenómeno; entra no supra-sensível ou metafísico.

A ciência pròpriamente dita estabelece factos, enuncia problemas. A Filosofia apresenta um conjunto de hipóteses destinadas a responder às preguntas das ciências e que não podem ser resolvidas por estas. Por êsse motivo, Platão chamou à Filosofia — a ciência do Invisível, porque ela se refere ao que não se pode observar materialmente. Em suma, a ciência positiva relaciona-se com a vida da matéria e a Filosofia com a vida do espírito. A primeira dá-nos o conhecimento do relativo; a segunda descobre-nos o subjectivo ou transcendental.

O homem de ciência estuda as leis reais da natureza; o filósofo tem a grande missão de preparar antecipadamente êsse estudo, e depois fazer a sua crítica.

A Ciência e a Filosofia estão intimamente ligadas; têm a mesma origem e fundem-se na mesma expressão do progresso da humanidade.

Alfred Weber dá-nos a Filosofia como sendo uma tentativa de explicação do universo. Ela é ao mesmo tempo o resumo de tôdas as ciências. A Filosofia é o esfôrço do espírito humano erguendo-se para explicar o mundo no seu conjunto, *o facto e o fenómeno universal*, o Sêr e o mistério que o envolve.

A Ciência e a Filosofia são o reflexo do progresso do homem, nas várias modalidades em que traduzem o seu desejo de conhecer o enigma da vida. O progresso afirma-se em transformações incessantes, mas tôdas essas inevitáveis mudanças são uma aplicação do divino influxo, que faz do homem um infatigável pesquisador da Verdade.

* * *

Nas escolas oficiais aprendemos que a religião é espontânea e a metafísica uma religião reflectida, ou seja a Filosofia da Natureza. Assim, a história da Filosofia é a história da consciência humana, visto que a Filosofia e a Ciência se concretizam através de séculos nas idades da humanidade. Com elas, tem seguido sempre o mais profundo problema que tem preocupado grande número de sábios: — a teoria da imortalidade da alma e da reencarnação.

Nêste sentido, os conhecimentos que primeiro possuimos vieram-nos do velho Egito, da mais remota antiguidade.

A origem dêste país perde-se na noite dos tempos, mas a sua civilização foi afamada em tôda a antiguidade. A notável civilização dêste povo extraordinário caracteriza-se pelo facto dela atingir um elevado grau de esplendor, numa época de quatro ou cinco mil anos antes da nossa era, quando a restante humanidade ainda não tinha

nascido para a História. A alta antiguidade da civilização do Egito, leva-nos a concluir que foi o têrmo de uma série de civilizações de que a História não conserva recordação.

Embora não apresente uma filosofia pròpriamente dita, é o Egito que mais se notabiliza pelas idéias espiritualistas, no seu grande culto pela imortalidade. A idéia predominante da religião egípcia, que deu a êsse país um estranho cunho de originalidade, é o princípio dominante do sublime culto da eternidade, concretizado no ideal da vida futura.

Partindo e seguindo o mesmo princípio encontra-se depois a Índia, berço da raça europeia. E no Livro dos Vedas, o mais antigo que se conhece, está expresso o mesmo culto. Continuando e modernizando essa antiqüíssima doutrina, 600 anos antes do Cristo, aparece o reformador e filósofo Siddartha, também chamado *Çakia-Muni* ou ainda Gautama ou Buda, o Sábio.

Buda, filho dum rei da Índia Central, abandona a vida principesca, para prègar as *quatro verdades*. Destas, a *primeira* encerra o princípio da transmigração das almas sob formas diferentes; explica a teoria da dor e as doze causas que produzem a vida.

A *segunda verdade* demonstra que o desejo é a causa da dor e apresenta uma bela filosofia explicativa dêste facto.

A *terceira verdade* explica como pelo desenvolvimento espiritual se pode obter a felicidade.

A *quarta verdade* sublime, é o método moral para atingir êsse aperfeiçoamento, e essa felicidade, a que os hindus chamam o *nirvana*.

Buda chama todos os homens para êsse nirvana, sem distinção de castas, nem de raças.

* * *

Facto curioso: na China e aproximadamente na mesma época, Confúcios e Mêncios, apresentam a sua filosofia, também baseada no verdadeiro princípio das coisas; a perfeição e uma moral em que todos os homens se devem igualmente amar.

Também 600 anos A. C., na Pérsia, surge Zoroastro, com a sua metafísica, com o culto da Verdade, apresentando o mundo feito de luz — luz visível e luz invisível.

Penetremos na Gália.

Os gauleses possuíam altas faculdades metafísicas, devidas à sua origem indo-europeia e ariana. Caracterizavam-se pelo seu grande amor à liberdade. Eram extraordinàriamente generosos e valentes, qualidades que lhes vinham da sua grande crença na imortalidade da alma. Os sábios da Gália, os filósofos chamados druídas, não constituiam uma casta, como noutros povos; eram escolhidos pelo seu saber e virtudes. Eram médicos, astrónomos, magos, metafísicos, moralistas e jurisconsultos.

— Ó Druídas que habitais os retiros sagrados dos bosques — escreve Lucano — só vós sabeis o que são os deuses e os poderes celestiais e o que vós ignorais todo o mundo ignora. Se devemos acreditar em vós — as sombras não vão procurar as moradas silenciosas do Érebo, nem os pálidos reinos de Deus no abismo. O mesmo espírito rege outros órgãos numa outra esfera. A morte é o meio duma longa vida.

A paixão do heroísmo, sinónimo de desprêzo pela morte, o grande amor pela liberdade e o culto da eternidade, dão a esta raça um cunho de originalidade e de grandeza.

Os gaulezes acreditavam firmemente na predestinação universal e que a salvação final e a verdadeira liberdade estava em Deus.

Nesta época tão afastada, possuía êste povo o mais alto significado das leis do homem e da Divindade.

* * *

— ¿Mas onde encontraram estes antigos povos tão doutos conhecimentos?

¿Onde buscaram tão sábias leis e tão elevados princípios filosóficos?

¿Em que fontes da ciência beberam Krisna, na Índia; Fo-Hi, na China; O Egito, com a lei de Isis cobrindo o esoterismo de Osiris, a ordem dos Abramidas, terminando no Israel de Moisés; a Grécia com os Trácidas de Orfeu, e finalmente o movimento do grande reformador Buda?

¿Como pôde o homem disperso em vários continentes e em estado da mais completa animalidade, evoluir até à civilização da Atlântida?

¿E instaurar depois os mistérios iónios de Sídon, de Tyro, de Éfeso, etc.?

É que o homem, no seu princípio racional de carne e ôsso, possui o princípio inteligível universal, que é diametralmente oposto às suas origens sensíveis individuais e genéricas. Êste princípio inteligente fez-lhe conhecer que existia a Essência e a Substância do Universo e a Essência e a Substância dos Sêres e das coisas terrestres.

Sôbre êstes dois princípios, Saint-Ives d'Alveydre escreveu: — 1.º Sôbre a Matéria:

— No estado actual dos nossos conhecimentos, todo o lado essencial e vivo do Universo e dos Sêres é absolutamente ignorado, ao passo que uma grande parte do que se refere à sua substância está estudado com tanta precisão que põe a nu, nos seus mais pequenos detalhes, as alavancas materiais do Cosmos, mas não a alma, nem o Espírito, que de cima a baixo o animam, o conservam, e o transformam sem cessar nêle mesmo, numa perpé-

tua acção múltipla quanto às formas, una quanto ao Princípio.

«Tudo quanto se tem dito sôbre êste assunto, a análise precede sempre a síntese na formação dos elementos intelectuais das Sociedades. A síntese só mais tarde se faz, quando se rasga o véu dos textos sagrados e mostra por completo o fim universal para onde a Providência velada, tanto tempo quanto foi necessário, conduziu os povos, esperando como supremo resultado da liberdade, o consentimento consciente, de tôda a sua inteligência.»

Quanto à *Essência e à Substância dos Sêres e Coisas Terrestres:*

— Depois de ter mostrado no Universo a proporção infinitamente pequena da substância ponderável em relação à Vida que enche o Espaço, eu posso fazer sentir sôbre a nossa própria terra o quão pouco fixos são todos os corpos, mesmo os de mais densa aparência, e ainda aqui se poderia antever o duplo aspecto da Ciência e da Verdade.

«O fôgo físico-químico e eléctrico transforma o estado sólido e coeso dos mais duros metais.

«O ouro em fusão emite vapores que coloram a prata; contudo, 24 horas depois da fusão num cadinho de grafite, o ouro não terá perdido nada do seu pêso.

«Mas se fizermos suportar milhares de graus ao calor físico ou seus equivalentes, vê-se que não há constituïção molecular que, submetida à fôrça da gravidade, não se reduza a átomos imponderáveis, não sòmente no ouro, na platina, no cromo, no rádio e no irídio, etc.

«Todas as rochas plutónicas foram primitivamente imponderáveis, depois gasosas, em seguida líquidas, antes de servirem de bases sólidas aos metais e aos terrenos neptunianos desde o cambrião até ao aluvião.

«Os corpos mais resistentes, os mais estáticos, são também, por assim dizer, os menos dinâmicos: um pouco de pó de fulminante, de fulmi-algodão, de dinamite, fazem saltar um bloco de basalto.

«O Sol, pelo sôpro radiante da sua luz, pela propulsão da sua energia biológica, atrai e faz girar todos os Planetas, vivifica e auxilia tudo que êles encerram, pesa relativamente menos que o fósforo.

«Os Seres Superiores que habitam o Astral Central do nosso Turbilhão, quási não têm pêso, mas possuem percepções intelectuais, anímicas, muito mais directas e poderosas, que as que nós possuímos nos nossos órgãos actuais.

«Dêstes dois princípios nasceu a Ciência Antiga, mãe dos filósofos gregos do IV e V séculos A. C.»

CORRIGENDA — No último artigo, pág. 88, onde se lê: H. Durville, no seu livro «l'Art et l'Hipnose», deve ler-se: «Emile Maguin, no seu livro «l'Art et l'Hipnose».

Sonho ou recordação

pelo Dr. Gustave Geley

A minha primeira infância foi obsediada por uma visão com todos os caracteres duma obsessão. Embora mais tarde atenuada, esta visão nunca se apagou no meu espírito e ainda tem para mim o *valor dum facto*. Antes de a descrever, devo dizer que está ligada a uma recordação, autêntica, das seis primeiras semanas da minha vida.

Nessa altura, meus pais viviam na cidade de Montceau-les-Mines, perto da linha férrea que passava diante da nossa casa e deixaram esta cidade para viver em Genebra, tinha eu então mês e meio.

Anos decorridos, quando eu passava em frente duma linha férrea, vinha-me sempre, irresistìvelmente à imaginação, a linha que passava junto à nossa casa de Montceau. Como é natural, contei esta recordação a meus pais e êles ficaram surpreendidos e confirmaram que, de facto, aquela nossa casa estava situada ao lado da linha férrea.

Quando, porém, lhes disse que a visão ligada a esta recordação era anterior à nossa estadia em Montceau, responderam-me, com tôdas as aparências de verdade, que era absurdo.

Contudo, para mim, a visão era clara e precisa e impunha-se-me ao espírito como recordação indiscutível e indubitável, ainda que eu fôsse incapaz de explicá-la e de compreendê-la.

Durante muito tempo, essa visão constituíu para mim um enigma em que eu pensava constantemente, até o dia em que comecei a estudar os fenómenos psíquicos. Vi então, imediatamente, que a visão era a lembrança do meu nascimento, lembrança que sempre me ficou gravada no espírito.

Conheço as objecções que se podem fazer à minha idéia, objecções de tôda a espécie e que eu também faço a mim próprio. O raciocínio lógico obriga, no entanto, a declarar que só se pode tratar dum sonho provocado por qualquer incidente esquecido.

Seja. Mas a minha impressão íntima, irresistível, é outra, absolutamente. Apesar de tudo, apesar de mim mesmo, creio na realidade duma recordação.

Dito isto, eis o facto:

1.º — Vejo-me claramente a preparar-me para uma grande viagem e rodeado de amigos que me dizem adeus. Não tenho a menor recordação do rosto dêles, nem da sua personalidade, nem dos *pensamentos que temos trocado. Todos nós estamos vestidos de branco e em plena luz.* (Os por-

PALAVRAS DE JESUS

por J. F.

«O que crê em mim não crê em mim, mas naquêle que me enviou, e o que me vê a mim vê aquêle que me enviou.

Eu, que sou a luz, vim ao mundo para que todo o que crê em mim não fique em trevas.

E, se alguém ouvir as minhas palavras e não as guardar, eu não o julgo, porque não vim a julgar o mundo, mas a salvá-lo.

O que me despreza e não recebe as minhas palavras tem quem o julgue: a palavra que eu tenho falado, essa o julgará no dia último.

Porque eu não falei de mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, é o mesmo que me prescreveu, pelo seu mandamento, o que eu devo dizer e o que eu devo falar, e eu sei que o seu mandamento é a vida eterna. Assim é que, o que eu digo, digo-o segundo mo disse o Pai».

* * *

«Eu dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei, para que vós também mutuamente vos ameis.

Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros».

* * *

«Em verdade, em verdade vos digo que aquêle que crê em mim, êsse fará também as obras que eu faço, e fará outras ainda maiores, porque eu vou para o Pai, e, tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, eu vo-lo farei, para que o Pai seja glorificado no Filho.

Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, essa vos farei.

Se me amais, guardai os meus mandamentos».

* * *

O que deixamos transcrito é o que nos narra S. João no seu Evangelho, respectivamente nos cap. 12 v. 44 a 50, cap. 13 v. 34 e 35 e cap. 14 v. 12 a 15.

Aquelas palavras pronunciou-as Jesus já nos últimos dias da sua prègação, depois de fazer a sua entrada em Jerusalém; e as que apontamos em segundo e terceiro lugar foram ditas por ocasião da última ceia que tivera com os seus discípulos.

Nas palavras que estão no princípio confirma Jesus, mais uma vez, que tôda a sua acção era ordenada e orientada por um Poder Supremo—Deus. Crer, pois, nas doutrinas de Jesus e nos altos fenómenos que Êle produziu, é crer naquêle Poder Supremo que tudo criou e tudo cria, e crer no grande Amor de Jesus dedicado a tôda a humanidade, é crer na Grande Fonte do Amor — Deus.

Ora o grande mandamento que Jesus nos deixou é que nos amemos uns aos outros, para assim agirmos de harmonia com as vibrações emanadas daquela Grande Fonte do Amor.

E, se vibrarmos em uníssono com aquelas vibrações, sentir-nos-emos envolvidos em ondas poderosas de Paz e Harmonia, que dão lugar aos profundos êxtases.

Mas que não avencemos de princípio tanto, em virtude das nosas fraquezas; mas, por tentativas constantes de perdoar aos que nos ofendem, caïremos num permanente sentir de benevolência e de tolerância, que criará em nós um estado permanente de bondade e amor por tudo o que existe, e em especial pelos nossos semelhantes.

Só assim mostraremos que somos discípulos de Jesus, e que o poderemos imitar em tudo, até nas obras tão maravilhosas que Êle fêz, como Êle mesmo o diz.

---

menores que sublinho gravaram-se indelevelmente na minha memória). Mas é preciso separarmo-nos. E todos êles se aproximam mais de mim e me rodeiam.

2.º — Acto contínuo, sinto-me cair num precipício escuro, negríssimo, como que arrastado por um turbilhão. Tôda a luz desapareceu. Sinto-me impulsionado, caio, rolo, irresistívelmennte e dolorosamente.

3.º — Depois, bruscamente, vejo luz, uma luz vaga, incerta, indistinta. Experimento uma impressão de abatimento, de pezar, de sofrimento. E logo esqueço por completo o que se segue. Esta terceira cena é muito curta e menos precisa do que as outras.

O triunfo dum médium londrino

Um redactor do «Psychic News» é curado pelo espirito dum médico, depois de consultar inutilmente os maiores especialistas inglêses

De «Psychic News» — Tradução de Ernesto de Macêdo

QUANDO *Psychic News* me enviou para investigar e relatar curas espirituais estava eu bem longe de pensar que ia empreender o trabalho mais importante de tôda a minha carreira jornalistica — e tive muitos casos sensacionais dentro e fora do país.

¡O que começou por uma simples historieta de jornal, a simples narração de um facto, tornou-se a breve trecho na história completa de um doente!

Lilley, em «transe», trata o doente, enquanto a enfermeira regista os comentários do Espirito do Dr. Letari

O centro de curas escolhido para a minha visita foi a casa de saúde agora fundada em Cheltenham por Artur Richards e W. H. Lilley, com o nome de «Home of Divinity» que já fundou grandes santuários de curas, em Leeds e Hull.

Tornei-me o seu doente n.º 3.

Fui por uma semana; estive lá quinze dias.

Apresentei-me em Tudor Lodge (Cheltenham), como jornalista curioso, e posso acrescentar também, como espirita perseverante.

Ainda 24 horas não eram passadas, estava eu já na sala de tratamentos. Depois de me despojarem das roupas e me deitarem, fiquei, dia a dia enrijando e melhorando depois de cada ofensiva levada a cabo contra as minhas diversas partes anatómicas.

Vou porém começar «pelo princípio», remontando assim a uma época muito afastada da minha inolvidável peregrinação a Cotswolds.

Durante 20 anos, o enfêrmo n.º 3 foi um homem muito doente. Desde então, encontrava-se atacado de uma rara incapacidade física, que nêle se manifestou em 1914. Depois, como veterano das Fôrças Expedicionárias Britânicas, encontrou-se com um par de metralhadoras alemãs em Chipilly-sur-Somme, em 9 de Agôsto de 1918, num contra-ataque do seu batalhão. Durante todo aquêle tempo, quási nunca as dores o deixaram. Gastou uma fortuna, antevendo o colapso da sua carreira. Entrava e saía continuamente do hospital. Atiravam com êle do Banco para a secção de osteopatia, dos aposentos de Harley Street para o maçagista, dêste para o dentista, passando pelo radiologista e indo até parar ao charlatão. Iria mesma a Colney Hatch, o que, provàvelmente, teria acontecido, se não se houvesse dirigido a Cheltenham.

A lista de drogas ingeridas é espantosa e os rôlos de raios X chegavam bem para forrar um aposento.

Os médicos chamados «especialistas», os cirurgiões, os psicanalistas, naturópatas, charlatães, semi-charlatães, etc., etc., ficavam desapontados. Sacavam sôbre o n.º 3, mas abanavam a cabeça

desconcertados. Já haviam experimentado quási tudo...

— Venha cá! — diziam. Vá ali. Faça esta operação. Faça aquela. Tire os dentes todos. Faça outra operação... Vá fazer outra... outra... Coma! Não coma! Beba! Não beba! Não se mexa! Faça exercício!

Enfim, tôda esta insensatez!...

Muitas vezes, o nosso doente ia deitar-se com a esperança de só acordar na Eternidade. Até à véspera da sua partida para esta reportagem, pensava assim e era a esperança que nutria.

Ali em Tudor Lodge, Lilley encontrou 94 sintomas no *reporter* sem que, entre os milhares de casos que têm passado pelas suas mãos, houvesse um só idêntico aos do n.º 3.

Completamente abatido, aniquilado, a vida para êste indivíduo era um suplício.

Mas eis que a esperança lhe estendeu os braços, logo que o Dr. Lejah Tari, ou Letari — como abreviadamente lhe chamam—foi tratar do doente. Letari, o «bem-amado», é o espírito-guia de W. H. Lilley. É um doutor hindu que «morreu» aos 25 anos de idade em Peshawar, no ano de 1914, à distância de um mês ou dois do nascimento de Lilley. Começou a controlar Lilley, quando êste tinha 10 anos, não o tendo deixado desde então.

Fala perfeitamente inglês e hindustânico através do seu médium e, segundo ouvi dizer, tem falado também alemão e chinês. Lilley desconhece estas três últimas línguas.

Com êle, aprendeu Lilley medicina, anatomia, ostecpatia, quiroprática, homeopatia, massagens manuais, electroterapia, cromoterapia, bio-química e outras maneiras de curar. Porém, apesar das brilhantes curas de Lilley, que são numerosissimas, o doutor não quere dá-lo por pronto como curador espiritual, antes de 1943! Lilley terá então 29 anos.

As nove línguas do guia

¿Que espécie de homem é êste, para ser isento incondicionalmente do serviço militar, afim de continuar no desempenho da sua missão de curador?...

É moreno, de estatura mediana, mas de belo físico.

Já parcialmente calvo, parece mais velho do que é.

Há quem diga que tem aspecto oriental, resultado dum contrôlo de 17 anos. Quando êle e Artur Richards foram pedir licença para a Casa de Saúde, preguntaram qual a nacionalidade de Lilley. Êste disse-lhes que era inglês, mas podia ter acrescentado que «falava» igualmente mais nove línguas! Disseram-me que *Ramesoye,* um espírito-Guia que acidentalmente nêle se incorpora, tem feito uso também do latim, grego, alemão e russo.

A comédia duma garrafa

Fora das muitas horas que consagra a curas—às vezes chega a casa depois da meia noite — Lilley leva a vida duma pessoa normal. Fuma, mas raro toca em alcool. Joga às cartas e gosta muito de cinema.

Tem extraordinàriamente desenvolvido o sentimento humorístico e ri com facilidade. Em certa ocasião, quando o doutor tratava do doente n.º 3, pôs no cobertor da cama uma garrafa que havia trazido de um dos gabinetes. Pouco depois Lilley saíu do transe, afim de preguntar o que estava a fazer ali aquela garrafa fora do seu lugar.

O Dr. estava a fazer uso dela — respondeu o doente.

Então, Lilley, imitando o cacarejar da galinha, replica:

— ¿Porque não põe êle as coisas novamente nos seus lugares?

Quási todos os dons espirituais de que faz uso pertencem a Lilley. O diagnóstico por audição basta para o considerarmos um médium extraordinário.

Um padre da Igreja de Inglaterra, cliente externo de Tudor Lodge (o seu bispo não tinha conhecimento disto), querendo experimentar Lilley, concentrou-se num certo número de amigos ausentes e Lilley imediatamente lhe deu o diagnóstico verbal, mas satisfatório, o que fêz sossegar aquêle curioso representante da ortodoxia!

No que diz respeito a diagnose, Lilley está apenas no começo.

Já contei as suas grandes aptidões nêste campo, que resultaram do treino espiritual em prática de curas materiais...

Dai resulta, como prova notável, a sua perícia em homeopatia.

Êste ramo da medicina requere tanto estudo, que poucos são os médicos que se dedicam a êle. Não tem, porém, segrêdos para Lilley.

Para encontrar o remédio homeopático destinado aos noventa e quatro sintomas do doente n.º 3, levou quatro horas (até às duas da manhã), examinando e tornando a examinar os diferentes sintomas a que deviam corresponder os vários produtos da sua avultada colecção. E o que é certo é que encontrou as reacções desejadas.

A média diária de trabalho dêste homem prodigioso deve ultrapassar as horas de trabalho de um operário nas fábricas de munições de guerra.

Uma fortuna recusada

Lilley disse ao *reporter* haverem-lhe feito uma proposta que, se a tivesse aceitado, o enriqueceria para sempre.

Um importante hospital londrino quis atraí-lo por meio duma oferta, pouco menos que pricipesca. Porém Lilley recusou terminantemente comerciar com os seus dotes. Êle vive e sustenta a espôsa e um filho, com uma quantia mais pequena do que aquela que auferem muitos trabalhadores de guerra.

Tanto o *reporter*, como o doente n.º 3, tiveram muitas ocasiões de ver Lilley entrar em *transe*.

Fica de pé, mãos cruzadas no peito, só se percebendo o rítmo quási imperceptível da sua respiração. Assim permanece cêrca de dois minutos; depois, aumenta de tom, que só acidentalmente se torna estertoroso.

As sobrancelhas levantam-se-lhe e a expressão toma uma nota oriental — está lá dentro o *doutor*.

Quando Lilley entra em transe, sentado, a sua atitude é diferente; cruza os pés na altura dos tornozêlos, à maneira Yoga.

Ali se encontram as duas personalidades, fortes, bem talhadas, amáveis, porém muito diferentes, que trabalham na reparação do corpo avariado do n:º 3. Umas vezes Lilley, outras o doutor, às pancadinhas vão trazendo aquêle corpo ao seu normal. Curam as lesões. Dão nova vida aos músculos inertes, sem acção. Corrigem os deslocamentos da espinha, naquêle estado há 20 anos, em metade do tempo reduzido a minutos.

Como foi feito isso? — É o que vamos saber em seguida.

Doutor que trata mil doentes

Cada doente tem duas garrafas de medicamentos: uma visível, outra invisível. E é aí que está o segrêdo da cura.

Sentado a cavaquear, Lilley, cuja fama e cujas curas se têm espalhado para além destas Ilhas, fêz aquela observação, como se se tratasse da coisa mais banal dêste mundo. Assim, pois, cada um dos mil doentes internos nos três sanatórios (notem bem — mil doentes!), tratados semanalmente na «House of Cheltenham» têm assistência espiritual e material.

Da mesma forma muitos dos milhares de doentes externos que estão sendo tratados por processos homeopáticos, vegetarianos e com remédios dispensados pelos santuários, recebem as respectivas garrafas invisíveis de medicamentos.

Em tôdas as minhas palestras com Lilley e com o seu espírito-Guia Dr. Lejan Tari («Letari»), como lhe chamam, nada me impressionou tanto, como aquela afirmação tão simples.

Uma espinha para consertar

Na semana passada deixámos o doente n.º 3 (em que me transformei, desde que ali se ofereceram para curar espiritualmente o vosso correspondente especial) jazendo numa marquêsa da sala de ostecpatia, em Tudor Lodge, Cheltenham, primeiro elo da cadeia de casas de saúde que vão ser providas do necessário material e abertas pela «House of Diviniy» da Grã-Bretanha.

A coluna vertebral do nosso doente assemelha-se à cumieira dum telhado, depois de desagregada no centro pela passagem dum carro de assalto; por isso, uma reparação se impõe urgentemente.

De facto, o nosso doente está por um fio, como diz Lilley com ar zombeteiro, para o amedrontar.

Está deitado de face para baixo, numa posição que lhe foi bastante familiar no passado, diz êle, com a diferença de que então se encontrava encafuado da melhor maneira no equipamento de guerra, para evitar a tempestade de ferro e fôgo que, partindo de vizinhanças ruïdosas, varria o seu caminho. Agora, porém, trata-se doutra ofensiva mais agradável.

O doente n.º 3 tem vaga impressão de que o tratamento vai ser bastante doloroso, mas isso pouco lhe importa, uma vez que seja atingido o que pretende: depois de 20 anos de sofrimento, está disposto a deixar fazer seja o que fôr, tanto mais sabendo que se encontra em boas mãos.

Os outros ocupantes da sala são Lilley e um asistente.

De repente, Lilley «sai» e o Dr. Letari substitui-o. Em seguida a um exame preliminar do doente, o Doutor prossegue nos seus importantes trabalhos da manhã.

Ta-ta-ta-ta — bate o Doutor com o nó dos dedos nas diversas partes da espinha que lhe merecem atenção.

Ra-ta-ta-ta-ta — mais rápido do que posso escrever; mais depressa do que podeis pronunciar.

Imaginem um tambor do exército a rufar 600 pancadas por minuto, 300 para cada baquêta, e terão uma idéia da rapidez incrível do trabalho executado pelo doutor.

Seiscentas pancadinhas por minuto; 60 por cada segundo; 9.000 por quarto de hora. — O Doutor é capaz de manter esta média indefinidamente. A velocidade de Lilley, fora de transe, é realmente «moderada»: 400 por minuto e que poderá manter durante 3 minutos — eu ia a dizer «só». Mas se julgam Lilley vagaroso,vão vê-lo trabalhar.

Esta operação é conhecida por tratamento de percussão e não se parece em nada com os tratamentos a que o doente se submeteu anteriormente. É um método para a criação de vibrações, quer para tôda a espinha, quer para um determinado ponto das vértebras, onde se encontram deslocações.

Segundo dizem, quinhentas vibrações por minuto trazem 20 milhões de vibrações à coluna vertebral.

Isto produz o efeito no estado geral, até que fiquem em vibração todos os órgãos humanos e um órgão doente estará mais abaixo ou acima do normal do que a verdadeira vibração.

É necessário, porém, criar no corpo uma vibração que reproduza em qualquer órgão certo estado de energia, capaz de criar uma acção fisiológica normal. As funções do órgão ficam efectivamente correctas.

A princípio, a causa de todo o mal fisiológico provém duma acção química anormal que produz propriedades tóxicas, congestionando, por sua vez, o sistema geral. É o que se pode chamar um círculo vicioso.

Em cada órgão do corpo: rim, fígado, baço, etc., as vibrações devidas à cura por percussão produzem uma côr. Por exemplo, o estado anormal do fígado produzirá o vermelho-escuro, enquanto uma vibração subnormal produzirá côr mais brilhante, talvez côr-de-rosa.

Estas côres fundem-se gradualmente, transformando-se naquilo a que se dá o nome de aura física, que, por sua vez, fornece as propriedades diagnósticas.

Vértebra reposta

Fiz o possível para dar claramente uma descrição do tratamento por percussão e o seu efeito no doente.

Tap-tap-rat-tat-tat! Apesar da rapidez atingida, o doente n.º 3 não sofreu dor alguma. Tem a espinha contundida, nem mais nem menos. O que realmente interessa é que em menos tempo do que aquêle que leva a ler êste artigo, três vértebras deslocadas foram postas nos seus lugares. E para isso nenhum outro meio foi empregado, além daquêle bater rítmico, parecido com o rufar do tambor.

O doente volta-se. Sem cura nem esperança de cura desde o dealbar de 1920, suportou a dura prova duma paralisia facial.

Estendei uma banda elástica, aplicai-a sôbre uma superfície de *caoutchouc* duro que represente a vossa própria face e tereis idéia duma enfermidade, felizmente rara.

Duas operações da maior importância feitas na sede do sistema nervoso — no pescoço — só trouxeram como legado um rosário de efeitos subseqüentes: a formação de lesões em todos os músculos faciais. O doutor, de pé, por detrás do doente, lança-se, com os dedos do médium, na tarefa de fazê-las desaparecer.

Até ali, nem um único dos inúmeros médicos que haviam sido consultados, se atreveram a tentar semelhante tarefa.

Cai a «Linha da Frente»

Iniciou-se o ataque frontal contra uma verdadeira fortaleza de órgãos doentes. A linha da frente sucumbe; os redutos — as restantes lesões juntamente com os músculos, que, desde há muito, estão adormecidos por falta de uso — serão assaltados outro dia. E também se atingirá a causa primária da própria paralisia — mais vértebras deslocadas, desta vez na base da coluna vertebral, e remoção dos músculos para o «último andar». Por hoje, já chega, pensam êles. Embora o doente não medisse o tempo — estava demasiadamente absorto na maravilha que se desenrolava nas suas costas e na sua frente — o tratamento durou, segundo supõe, meia hora.

Durante aquêle tempo, o doutor apenas teria pronunciado duas dúzias de palavras. E o que êle disse não passou de observações lacónicas respeitantes ao estado do enfêrmo. Ou com o seu doente, de modo que não se magoasse. Ou enérgicas, mas cortezes ordens à sua assistente:

«Diga-me se estou a magoá-lo». «A espinha ficará muito boa». (É verdadeiramente animador). «O pescoço, êsse está melhor». Isto, depois de haver tratado duma espessa e dolorosa massa de lesões acumuladas nos dois lados.

Agora, pede uma garrafa de linimento para esfregar... numa toalha que deve ser colocada nas costas do doente — «aqui mesmo».

Silenciosamente, a jovem enfermeira anda cá e lá, obedecendo ao Espírito-Guia. Ela (Miss M. Dry), trabalhou com o doutor, durante o ano de 1941, no santuário de Hull, agora bombardeado pelos aviões.

Ela gosta muito dêle, assim como todos nós.

Promessa de cura

Até agora, pode dizer-se que só houve trabalho. O doutor reserva para depois os seus principais comentários. Uma vez o tratamento concluído, passa em revista o estado geral do doente. Discorre àcêrca do que já está curado e do que ainda resta a fazer. Sente-se embaraçado para encontrar termos suficientemente simples, de modo que os leigos o possam compreender.

Depois diz ao seu doente que ficará completamente curado. Agora é que, pela primeira vez, êle se lhe dirige pela palavra «Sahib». No Oriente, quando fala com os terráqueos, emprega sempre o têrmo «Sahib», para designar «Mister» (senhor).

Quando se dirige às doentes, trata-as por «Memsahib».

O enfêrmo — ou *reporter?* — nota também que o doutor «come» o *r* de «spirit» e pronuncia «spwitz». Teremos, assim, «Spiwitualism».

FRATERNIDADE ESPIRITUAL

por J. Gonçalves Losa

IV

Procuremos cumprir escrupulosamente os nossos deveres

NÓS, os espiritualistas, temos de trabalhar perseverantemente para tornarmos o Mundo melhor. Certos como estamos, da existência das leis da Reencarnação e do Karma, devemos nesta existência criar a nossa felicidade nas existências futuras; o que nós somos hoje é o resultado do nosso procedimento passado, portanto, agora devemos fazer o mais possível para que no futuro possamos ser mais felizes e concorrermos para a felicidade alheia. Pensemos bem que andamos fazendo uma sementeira cujos frutos havemos de colhêr no futuro. Se queremos ser felizes procuremos espalhar a felicidade por tôda a parte; se queremos viver em paz não incitemos ninguém à guerra; se queremos ter a liberdade, deixemos que o nosso semelhante seja livre. Temos sempre ocasião para espalhar o bem, seja qual fôr a nossa posição social, seja qual fôr o lugar em que nos encontremos.

A mãe alimentando o seu filhinho, fruto do seu amor, encaminhando-o nos seus primeiros passos, acariciando-o constantemente durante a sua inocência e ministrando-lhe os primeiros ensinamentos de moral que êle jàmais esquecerá; o pai corrigindo os erros inocentes do seu inocente filho e dando-lhe o exemplo duma vida correcta; o filhinho enviando os seus sorrisos meigos e ingénuos aos seus pais; os irmãosinhos brincando alegremente uns com os outros e prestando-se mútuo auxílio, ensaiam todos os primeiros passos para a fraternidade.

O pastor apascentando o seu rebanho, guiando-o pelos melhores caminhos e defendendo-os dos perigos, presta inconscientemente a fraternidade, embora talvez egoisticamente para com êsses irmãos mais novos, e mais fraternalmente procede, quando carinhosamente os educa nos diferentes trabalhos.

O agricultor arroteando a terra, cultivando e regando as plantas e limpando-as das ervas daninhas, podando as árvores, enxertando-as e limpando-as, está praticando um acto fraternal, pois concorre para a evolução do reino vegetal e para a alimentação dos seres animais e dos homens.

O operário junto dos seus camaradas, pode, pelo seu conselho, pelo seu exemplo e pela irradiação dos seus pensamentos, concorrer extraordinàriamente para o bem comum.

O professor na escola, ao mesmo tempo que dá a instrução às crianças, pode, meigamente, preparar-lhes o carácter, preparando assim não só o seu futuro, mas concorrer também para o aperfeiçoamento das suas famílias e das pessoas da sua convivência.

O enfermeiro junto dos seus doentes e o sacerdote junto do moribundo, que grande alívio não podem prestar a êsses seres enfraquecidos pela doença e indecisos pelo futuro dos entes queridos que ficam e pela sua ignorância sôbre o que será dêles àlém da morte.

O director de uma prisão, oh! como poderia ser verdadeiramente santa a sua missão e como ela é na maior parte das vezes degradante! Os directores das prisões deviam ser psicólogos e educadores. Em geral o prisioneiro é uma vítima do ambiente que o cerca, dos pensamentos de revolta que existem em volta de si e de que êle, porque é fraco e ignorante, se não sabe defender. É um joguete no meio dos que o cercam e de que êles se servem para pôr em acção os seus maus instintos.

Em tais condições, o prisioneiro deveria ser tra-

O seu médium, porém, pronuncia a referida consoante com a necessária correcção.

As últimas palavras de *Letari* nunca variam. Acompanha-as um sorriso amigável e um breve aceno de cabeça:

— «Agora vou devolver o meu mediador».

Chama sempre a Lilley o seu «midiador».

Assim, o doutor *sai* e Lilley *volta*.

Ambos serão novamente apresentados aos leitores. Descreverei então a cura pela côr e direi como Tudor Lodge se tornou a primeira casa de saúde da «House of Divinity».

Direi também como o próprio Dr. Letari a «equipou».

tado com certos cuidados, afim de ser convenientemente corrigido, educado e regenerado.

Uma prisão devia converter-se em uma verdadeira escola que educasse todos os prisioneiros depois de seleccionados convenientemente.

¿Quando conseguiremos nós ver pôr em execução os verdadeiros princípios cristãos, em vez de nos servirmos do seu símbolo para escravizar o nosso semelhante?

¿Quando nos recordaremos daquela frase do Mestre dos Mestres, dirigindo-se aos acusadores de Madalena: «Aquêle que estiver isento de culpa, atire a primeira pedra?»

Quando nós sangramos com as dores alheias e nos regozijarmos com as suas alegrias, então a humanidade estará a caminho da felicidade.

É preciso que tenhamos o maior respeito por aquêles que partiram dêste mundo e que cumpramos o melhor possível a sua última vontade, quer se trate de pessoas de família, quer de pessoas que se tenham dedicado à associação ou ideal a que pertencemos ou representamos.

Pensemos que êsses seres que deixaram o mundo físico continuam a viver no plano Astral, junto de nós, embora os não vejamos, e que nunca esquecem as suas determinações nem se podem conformar com a falta de cumprimento das suas ordens dadas e, assim, êles serão uns permanentes revoltados e poderão concorrer para os nossos fracassos, para os nossos infortúnios e até para a desordem no nosso lar ou na associação a que se devotou antes da sua morte. Êles se constituïrão nossos inimigos invisíveis de quem dificilmente nos poderemos defender enquanto não dermos cumprimento integral aos nossos compromissos para com êles.

Portanto, quem trair. por qualquer meio, as determinações e os desejos justos e bem intencionados dêsses antepassados prejudica-se a si próprio porque cria um Karma que terá de ser esgotado em devido tempo. Prejudica êsses Seres porque os atrai ao plano físico em vez de subirem aos Planos Superiores a que tenham direito e incita-os à revolta levando-os por vezes a cometerem actos que nunca teriam cometido se não fôssemos injustos para com êles, e prejudica a família, a associação e até o ideal a que êles estiveram e nós estamos ligados.

Pelo contrário, se cumprirmos fielmente os seus últimos desejos e tomarmos boa conta da sua última vontade, podemos contar com o seu auxílio e com a sua amizade e, além disso, concorremos para a sua felicidade e a sua mais rápida ascensão ao mundo-céu a que êles têm direito. E, além disso, concorremos para a Paz e Harmonia, progresso e desenvolvimento da família, da associação ou do ideal que representamos.

Por conseguinte, para o sossêgo e felicidade daquêles que já deixaram êste mundo e têm direito a descansar no mundo-céu, para que a família, a associação ou a comunidade que representamos ou de que somos continuadores possa progredir, procuremos cumprir escrupulosamente os nossos deveres.

Tenhamos também a maior consideração e respeito por aquêles que empregaram os seus esforços por qualquer dos meios ao seu alcance para propagar e difundir por tôda a parte os ideais em que êles e nós comungamos. É natural que alguns dêles, devido a diversas circunstâncias, tenham errado e pensemos sempre que as suas intenções eram boas e que todos nós estamos sujeitos a errar.

Quando tivermos conhecimento de algum conflito ou a êle tenhamos a infelicidade de assistir, em vez de intervirmos directamente, o que muitas vezes pode concorrer para aumentar a confusão e estabelecer a desordem, concentremo-nos o melhor possível enviando ao local e ao grupo em questão fervorosos e sinceros pensamentos de paz e harmonia, afim de que todos se possam entender.

Enfim, o verdadeiro espiritualista deve procurar sempre empregar tôda a sua boa vontade e todos os esforços ao seu alcance para, silenciosamente, sem que ninguém o note, concorrer imparcialmente para a Paz e Harmonia Universal.

Três Amigos

Um homem tinha três amigos: o dinheiro, a mulher e as boas acções.

Estando próximo da morte, mandou chamar os três para lhes dar o último adeus.

— Adeus, amigo. Vou morrer.

O amigo respondeu-lhe:

— Adeus. Quando morreres, mandarei queimar um círio pelo repouso da tua alma.

O segundo veio e lhe disse:

— Adeus. Prometo acompanhar-te ao cemitério.

Finalmente, chegou o terceiro.

— Eu morro! — disse-lhe o moribundo — Adeus!

— Adeus, não! — respondeu-lhe êste — Não me separarei de ti. Se viveres, viverei; se morreres, acompanhar-te-ei.

O homem morreu. O dinheiro deu-lhe um círio, a mulher acompanhou-o ao cemitério; e as boas acções, que o acampanharam durante a vida, iluminaram-lhe a eternidade.

Vítor Hugo

Bibliografia

BREVE HISTÓRIA DOS «RAPS» *(Golpes mediúnicos)*, por *Ernesto Bozzano*. Edição e tradução do *Dr. Francisco Klörs Werneck*. Rio de Janeiro, 1941, 65 págs.

EM virtude da carência de transportes marítimos, só muito tarde nos chegou às mãos esta obrazinha, ilustrada com a fotografia dos precursores e dos maiores propagandistas da Verdade Espirita.

Respondendo a sugestão do Professor Charles Richet, no seu livro «La Grande Espérance», Ernesto Bozzano faz neste opúsculo a história dos «raps», isto é, das vibrações sonoras de carácter inteligente que se percebem, às vezes, em determinados lugares, com ou sem presença de médium.

Na verdade, ninguém mais abalisado para tratar do assunto, que se encontra dividido em «fenómenos de assombramento», «fenómenos telepáticos» e «fenómenos mediúnicos».

E depois de profunda análise dos mais probantes casos respigados na vasta bibliografia espirita e sàbiamente classificados, o grande mestre há pouco desencarnado, termina pondo em relêvo a importância da interpretação dos *golpes mediúnicos projectados a distância* que, em sua opinião, deveriam orientar as investigações psíquicas nos grupos experimentais.

UMA NOVA CIÊNCIA, por *M. E. Azambuja*. Distribuïção da Livraria da F. E. B. 1942. 76 pág.

TRATA-SE de opúsculo escrito por um médico e dirigido à classe médica brasileira, opúsculo que daria um belo livro, se o autor o quisesse desdobrar convenientemente, pois lhe sobra talento para semelhante emprêsa.

O Dr. Azambuja oferece a obra a todos aquêles que não estão dispostos a estratificar, amarrados a velhos preconceitos. Conta como se deixou impressionar pelos fenómenos metapsíquicos e como foi levado a ler as nossas obras basilares escritas por sábios de renome universal, renitentes ao estudo que mais tarde os havia de empolgar inteiramente. E põe tanto entusiasmo nas suas palavras, com tal sinceridade fala aos esculápios de Santa Cruz, que não duvidamos do êxito do seu livrinho. Há de ser lido e meditado e conseguirá adeptos, porque a sua linguagem é simples e lógica, como lógicos e simples são os seus argumentos.

Se pudermos, se o espaço no-lo consentir, publicaremos alguns extractos dêste interessante trabalho, que muito nos impressionou.

A PERSONALIDADE DE JESUS, por *Leopoldo Cirne*. Edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira. 1943. 109 pág.

ÊSTE livrinho contém uma série de artigos escritos há quarenta anos por Leopoldo Cirne àcêrca do corpo fluídico de Jesus. É, portanto, baseado nos «Quatro Evangelhos», de Roustaing, que tão grande celeuma estão causando no Brasil, a propósito da nova edição que a Federação Espirita Brasileira lançou há pouco no mercado.

Leopoldo Cirne, então presidente daquela colectividade, admite a origem extra-humana atribuída por alguns ao Nazareno e defende o seu ponto de vista com grande entusiasmo, através de bem urdida argumentação.

Amigos de «Estudos Psíquicos»

O apêlo que fizemos o ano passado e que repetimos na nova fase que há pouco iniciámos, está a produzir excelentes frutos. Estamos convencidos de que seremos auxiliados. Temos fé no futuro e não receamos as dificuldades, certos de que as venceremos, à medida que surgirem.

O amigos desta revista continuam vigilantes e fiéis à missão que voluntàriamente se impuseram.

O que é necessário é que outros venham engrossar a falange.

Dos amigos de «Estudos Psíquicos» abaixo mencionados, recebemos os seguintes donativos, que profundamente agradecemos:

De Fernando da Cruz Ferreira, do Porto, 1.º semestre de 1944.....	**300$00**
De Lindolfo B. Coelho, de Lisboa, cota de Janeiro de 1944.....	**5$00**
De José Augusto Gonçalves, de Lisboa, cota de Janeiro de 1944.....	**4$00**
De Haydi de Tebelen, cota de Janeiro de 1944.....	**2$00**
Total.....	**311$00**

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Sensacional intervenção cirúrgica

O facto que vamos transcrever foi contado em *A Nova Era*, de Franca, S. Paulo, pelo conhecido escritor Pedro de Camargo (Vinicius), que garante a autenticidade do fenómeno.

Segue a narração:

«O caso passou-se há pouco tempo na próspera cidade de Araçatuba.

«Yolanda Carduci, de conhecida família residente em Bebedouro, casou-se com um rapaz de Araçatuba, passando, então, a morar nesta cidade. Pouco tempo depois de casada, Yolanda apresentou-se com ataques, os quais se foram repetindo cada vez mais amiudados, a ponto de ter tido 9 e 10 por dia.

«Todo o tratamento médico a que se submeteu foi improfícuo. Em vista disso, cansada de sofrer, recorreu ao Espiritismo, não obstante ser católica e de família ultra-católica. Tratada convenientemente, pois o seu mal era todo de origem espiritual, Yolanda curou-se completamente.

«Em virtude do sucedido, Yolanda, que tem 18 anos de idade, começou a freqüentar o Grupo Espírita «Ramos da Videira», recentemente fundado em Araçatuba, e ali se lhe manifestou a faculdade de curar.

«A uma sessão de cura compareceu Maria Paulina, operária, portadora de um tumor no fígado, segundo diagnóstico do facultativo Dr. Raposa. Êste propôs operá-la na Santa Casa local, estabelecendo os seus honorários. Maria Paulina não anuíu à proposta, pois não dispunha de recursos para enfrentar as despesas da intervenção.

«Além do tumor no fígado, a doente não era menstruada e sofria de corrimento anal. Nêste caso, o Espírito da Dr.ª Anita Ribeiro, nome bastante conhecido em Rio Preto, onde residiu, prontificou-se a examinar a paciente, através da mediunidade de Yolanda. Após minucioso exame, a Dr.ª Anita disse que operaria Maria Paulina, no dia seguinte.

«À hora aprazada, pediu gaze, alcool, iodo, etc. Tomou providências antissépticas e fêz a operação: corte profundo, muito sangue, desinfecção, pontos (que se não viam) suturando o corte, esparadrapos, etc.

«Resultado: a enferma curou-se radicalmente do fígado, regulando-se também o fluxo menstrual e desaparecendo o corrimento anal!

«Durante a intervenção, a enfêrma conversou com a Dr.ª Anita; e, apesar de ter os olhos vendados, afirma ter visto e acompanhado, minuciosamente, a operação.

«Como é natural, o facto produziu grande sensação. E tomou ainda maior vulto, quando o Dr. Plácido, conhecido médico da localidade, fêz queixa à Polícia.

«O Promotor houve por bem abrir sindicância sôbre o ocorrido. Ouviu a médium, que, no momento, foi tomada pelo Espírito da Dr.ª Anita, dando ao Promotor tôdas as informações, com precisão e inteligência.

«O *Jornal de Araçatuba* noticiou o caso. Essa maravilhosa intervenção abalou a população de Araçatuba, que ainda permanece sob profunda emoção.

«Além da mediunidade curadora, Yolanda revela outras modalidades, inclusive a de vidência, ora em início. O seu desenvolvimento mediúnico é recente, dando a impressão de que êsse aparelho será um dos grandes médiuns desta Pátria do Evangelho e Coração do Mundo.

«Contra factos não valem argumentos. O caso em aprêço é positivo, categórico e notório, com enorme repercussão na zona onde se verificou.

«Que vejam os que tiverem olhos de ver, pois os tempos são chegados.»

Quanto à queixa apresentada pelo médico de Araçatuba, Dr. Plácido Rocha, não surtiu o efeito desejado, porque o presidente da Aliança Espirita «Varas da Videira», sr. Paulo Botelho de Camargo, assumiu na delegacia policial inteira responsabilidade dos factos. A sindicância ficou sem efeito. O Promotor Público da Comarca, Dr. Elias Escobar Júnior, foi pessoalmente à sede daquela agremiação, como amigo da família da médium, afim de se inteirar do assunto e procurar um entendimento entre o médico denunciante e os dirigentes da Aliança. Foi nesta altura que o Espírito da Dr.ª Anita Ribeiro informou o Promotor Público àcêrca da operação.

Eis mais um caso digno de registo que deve fazer pensar os incrédulos e levá-los a rectificar os seus juízos apriorísticos.

Um caso como há muitos...

O nosso prezado consócio Sousa do Prado, jornalista de boa estirpe e autor de «Padres, Médicos e Espiritistas», livro que obteve grande êxito pelo desassombro das opiniões emitidas, conta um caso no *Reformador* de Setembro de 1943, subordinado a esta epígrafe e que não resistimos à tentação de transcrever:

«Estava o Silva sentado à sua escrevaninha, escriturando o grande «Diário» que tinha aberto à sua frente, quando sua atenção foi distraída pelo modo aflitivo com que o Guerra respondia ao que lhe diziam pelo telefone.

«— Mas... ¿como fêz você isso?

«— ...

«— Como? Que diz você?

«— ...

«— ¿E o médico, que disse?

«— ...

«— Não escapa?

«— ...

«— Dois médicos?! Valha-me Deus!... Eu vou já para aí.

«E o Guerra, completamente transtornado, pousou o auscultador no respectivo gancho.

«— ¿Que foi, Guerra? — preguntou o Silva, muito interessado.

«— Imagine você: a minha sobrinhinha passava mal e minha irmã resolveu levá-la ao médico. Feito o devido exame, êste receitou-lhe umas gotas para tomar, de duas em duas horas, e outras para pingar no nariz, de manhã e à noite. Aviada a receita, minha irmã iniciou o tratamento. Infelizmente, a menina começou a piorar, de hora para hora, até que minha irmã, já assustada com o estado da filhinha, resolveu mandar chamar o mesmo médico, a quem antes a levara. Depois de demorado exame, disse êle que havia uma intoxicação muito grave e em estado adiantadíssimo; e, após ligeiro interrogatório, chegou à conclusão de que minha irmã trocara os medicamentos, dando internamente as gotas que devia pingar no nariz e vice-versa. Ora, como o medicamento de uso interno era tóxico, ela estivera a envenenar a filhinha, lentamente, de duas em duas horas, durante 48 horas seguidas. O médico propôs que se chamasse um colega, e os dois, em conferência, concluiram que a menina não tinha salvação possível.

«— ¡Não há mais nada a fazer! — concluíu o Guerra, com as lágrimas a rebentarem-lhe pelos olhos.

«— ¡Espera, filho, tem calma! — disse-lhe, confiadamente, o Silva, que era médium-receitista. *Enquanto há vida, há esperança!* E, quando Deus permite, só os absurdos são impossíveis. Se os médicos desenganaram, dessa forma, nada perderemos em tentar, por todos os meios ao nosso alcance, salvar a menina, desde que o possamos fazer sem risco de lhe aumentar os sofrimentos, e, até, pelo contrário, aliviando-lhos, mesmo quando não conseguíssemos salvá-la. ¿Queres que peça uma receita ao meu Guia?

«— Sem dúvida! — respondeu o Guerra —. Se você vê que inda pode fazer alguma coisa, ¿porque não tentar?...

«E o Silva, concentrando-se, pediu a assistência do seu Guia Espiritual e escreveu:

«Dissolva sabão em água e dê a beber, o mais depressa possível. Meia hora depois, dê *Nux vomica 5* e *Beladona 5*, alternadamente, de meia em meia hora, duas gotas para uma colher de sopa de água durante seis horas. Depois, dê de hora a hora».

«O Guerra tomou um *taxi*, correndo à farmácia em busca dos medicamentos, que, entretanto, o Silva mandou aviar, pelo telefone. E, chegado que foi a casa, medicou de acôrdo com as indicações que recebera, a doentinha, cujo estado era, realmente, gravíssimo.

«No dia seguinte, o médico, quando chegou, ficou surpeendido com o estado da enfêrma:

«— ¿Que deram a esta menina?

«— O que o doutor receitou.

«— Não pode ser! O medicamento que eu receitei destinava-se a minorar-lhe o sofrimento, mas não poderia salvar-lhe a vida. E a menina está salva! A desintoxicação desapareceu!...

«Não houve outra coisa a fazer, senão contar-lhe o que se passara. E êle, vendo a receita espirita, disse simplesmente, como quem está sonhando:

«— Água com sabão!...

«Quarenta e oito horas depois, a doentinha brincava, como se nada lhe tivesse acontecido»...

Sousa do Prado conclui, dizendo que nêste caso tudo é autêntico, incluíndo os nomes das personagens.

Médium que desaparece através do teto

A escritora inglesa Margery Lawrence publicou o seguinte artigo no *Psychic News* e que vamos transcrever, visto tratar-se de fenómeno raríssimo, embora não único nos anais das ciências psíquicas.

Foi a mais notável prova da passagem da matéria através da matéria que tenho testemunhado — a passagem do corpo vivo do médium Ronald Strong pelo teto do quarto das sessões.

O grupo era constituído por mim, pelos senhores W. M. Hill e Courtenay-Bromet, por minha irmã, pelas senhoras Phipps-Hornby e Garland Anderson e pela menina Elisabeth Stuart.

Segundo as instruções do Espírito-Guia, tínhamo-nos colocado em semi-círculo em frente do médium, que estava a desenvolver as suas faculdades de materialização.

O quarto era muito amplo e pertencia ao rés-do-chão do edifício. Tinha uma só janela ligada a pesado guarda-vento, contra o qual foi colocada a cadeira do médium. A única saída teria de fazer-se através da porta, que abria para dentro, para um semi-círculo de cadeiras destinadas aos assistentes.

Amontoadas de encontro à porta, havia também algumas cadeiras (o quarto é, geralmente, destinado a reüniões mais numerosas), de forma que ninguém poderia chegar até à porta, com a luz apagada, sem tropeçar em qualquer coisa.

O compartimento estava às escuras. Os assistentes tinham as mãos ligadas entre si, quando o médium caíu em transe. *Read Eagle* (Espírito-Guia) deu a sua comunicação, seguida de interessantes demonstrações de formas ectoplásmicas. No fim, porém, é que surgiu a demonstração principal.

Todos nós esperávamos pacientemente, de mãos dadas e cantando em uníssono, admirados de ter decorrido tanto tempo após a última materialização, representando a cabeça dum egípcio que me chamou pelo nome, dizendo ser o meu Guia.

Então, ouviu-se uma gargalhada distante, fora da sala, no patamar da escada que dá para a cave, ao mesmo tempo que uma lâmpada era estabelecida abruptamente, no exterior.

Eu exclamei:

— É a polícia. Naturalmente, deixámos uma luz acesa.

Nessa altura, decorria um alarme contra aviões.

Eu fiquei deveras alarmada. Julgava que o médium estava ainda em transe e sabia que abrindo inesperadamente a porta ou acendendo uma luz — o que podia dar-se fàcilmente, uma vez que a polícia tivesse entrado — Strong correria sério risco de ser prejudicado.

A gargalhada casquinou de novo, o que levou a senhora Anderson a dizer:

— ¡Mas é a voz de Ronald! ¡*Red Eagle* levou-o para fora do quarto!

E, precipitando-se para a escada, viu o médium no alto do patamar, muito confuso e declarando que havia despertado numa poltrona da sala de visitas do rés-do-chão, por cima do quarto das sessões.

Strong esteve ali sentado dois ou três minutos, muito admirado de tudo aquilo, quando ouviu cantar, lembrando-se então de que se tratava duma sessão de Espiritismo. E exclamou:

— Eu devia lá ter estado. Aqui, estava numa sala de visitas.

E mais admirado ficou ainda, quando voltou para a sua cadeira, na sala das sessões.

Em seguida, *Red Eagle* comunicou-se novamente, informando-nos de que provocara aquêle fenómeno, afim de nos provar a sem-razão dos homens, ao afirmarem a existência de «corpos» sólidos...

— Aqui — disse êle —, acabo de vos provar que, em virtude de leis mais altas do que aquelas que conheceis, levei o meu médium através do teto desta sala e coloquei-o no quarto imediatamente superior.

Quere dizer, *Red Eagle* desmaterializou o corpo do médium, fê-lo atravessar o teto sólido e rematerializou-o no quarto superior.

Esta notável experiência é, sem dúvida, uma das coisas mais extraordinárias que tenho visto no meu longo estudo àcêrca dos fenómenos psíquicos.

Para satisfazer os cépticos, tenho o prazer de acentuar que todos os assistentes estavam com as mãos ligadas, quando a voz do médium se ouviu do lado de fora.

Logo que a senhora Anderson abandonou o quarto e nós desligámos as mãos, vi então o que tinha acontecido.

Avaliei a distância entre a porta e as nossas cadeiras (a senhora Anderson tinha que mover a sua cadeira para chegar ao limiar da porta) e certifiquei-me por experiência própria de que ninguém teria podido abrir aquela porta, sem tropeçar na minha cadeira e na da senhora Anderson.

Note-se que a porta abria para dentro e era o único meio de entrada para o quarto.

Trata-se duma pequena casa de Chelsea, sem frestas nem alçapões. Conheço-a muito bem.

A cadeira, o guarda-vento e as cortinas da janela estavam tôdas no seu lugar.

E Margery Lawrence termina assim a sua narração:

— Custa-me a crer que se admita a hipótese de um rapaz novo poder afastar duma janela um guarda-vento de quatro metros, abrir a janela, subir, levantar-se, dirigir-se para a escada, tudo isto em completa, escuridão e na altura duma incursão aérea, sem qualquer ruído, nem deixar vestígios de semelhantes evoluções. Conforme sucedeu aos outros assistentes, eu senti-me tão profundamente impressionada com esta experiência, que me julguei no dever de a contar aos leitores.

A Confederação Espirita Argentina repudia o curandeirismo

Como dissemos no último número, a Confederação Espirita Argentina realizou um acto de repúdio do curandeirismo que pôs em relêvo a união dos confrades de Buenos Aires numa afirmação

pública de protesto contra os charlatães que vivem à custa do Espiritismo.

Segundo informa *Mundo Espirita,* do Rio de Janeiro, que extraíu de *La Idea* os dados para a sua grande reportagem, o caso resume-se no seguinte:

A polícia da capital argentina, lá porque fôra prêso um médium que explorava uma senhora e que fraudara para satisfação de seus baixos instintos, um médium, portanto, que não pode ser considerado espirita, que, felizmente, não estava filiado em qualquer sociedade espirita; a polícia, como íamos dizendo, resolveu adoptar medidas de ordem geral contra tôdas as associações espiritas.

Em face das intenções policiais, a Confederação Espirita Argentina pôs-se imediatamente em campo, dando o grito de alarme, organizando um acto de repúdio que constituíu um verdadeiro espectáculo de fôrça moral e de uniformidade ideológica, tendente a *separar o joio do trigo, mostrando que o Espiritismo não é curandeirismo, não é exploração, não é meio de vida.*

A assembleia realizou-se em 12 de Junho de 1943, na séde da Sociedade União e Benevolência. Os ânimos excitados vibraram intensamente na defesa do Ideal e conseguiram desagravar o Espiritismo.

La Idea noticiou que o falso «médium curador» recebera de uma senhora *quantia avultada para colocar uma coluna vertebral de ouro e platina, que daria à vítima extraordinária longevidade.*

Compreendemos e aplaudimos a prisão do falso médium, explorador da credulidade pública, tal como o compreenderam e aplaudiram os confrades argentinos, os quais, todavia, se apressaram a levantar a questão, primeiro perante a autoridade e depois perante a imprensa e o público em geral. Não! Era preciso demonstrar que o Espiritismo tem missão elevada, que é uma doutrina digna da consideração de todos e que, portanto, não poderia nem deveria ser responsável por charlatães que pretendem viver à sua custa.

«Puna-se o infractor — diz *Mundo Espirita* — em nome da lei, porque a sociedade precisa de defesa vigilante activa, enérgica, contra os exploradores da boa-fé, contra os profanadores da religião, contra, enfim, os sacrílegos de tôdas as crenças; mas não se embarace o funcionamento de um culto, não se cerceie a manifestação da consciência religiosa, porque a fé ou as convicções filosóficas de um grupo, de uma colectividade, não podem responder pelo que fazem certos indivíduos sem moral religiosa, sem escrúpulo pessoal».

Bem haja, pois a C. E. A. em ter definido a sua atitude, provando que o Espiritismo se não confunde com práticas de curandeirismo, de explorações que devem ser punidas com rigor, porque afectam muitas e muitas colectividades que fazem de seu trabalho um sacerdócio.

¿Que importa que os falsos médiuns se digam espiritas? Pelo fruto se conhece a árvore. É necessário que os actos estejam de harmonia com as palavras.

Quanto a nós, protestaremos altivamente, sempre que alguém pretenda misturar Espiritismo e curandeirismo, como também faz *Mundo Espirita.*

A Comissão que tomou medidas rápidas e enérgicas contra o estranho caso era composta pelos senhores Hugo L. Nale, Elias Toker, Felipe Avogrado, José Tejada, Humberto Mariotti e Santiago Bossero.

Depois de organizar o excelente programa do *acto de repúdio,* a Comissão avistou-se com as autoridades no sentido de que a sanção fôsse aplicada simplesmente aos que dela eram merecedores, visto não conceberem que instituïções dedicadas ao estudo e às práticas espiritas, com método racional, fôssem confundidas com trapaceiros vulgares.

A Comissão preparara os seguintes documentos: Livro de Actas e de Tesouraria da C. E. A. e da revista *La Idea,* seu órgão oficial; nomenclatura das sociedades confederadas, folhetos, livros, prospectos, carta dirigida em 1936 ao Chefe da Polícia de Buenos Aires, combatendo o curandeirismo e a adivinhação (e que serviu para suprimir os cartazes que apareciam diàriamente nas ruas), cartazes de propaganda, estampas, publicadas pela Confederação, dos grandes homens dedicados ao estudo do Espiritismo, 50 exemplares de diferentes números de *La Idea,* livros de congressos internos, livro do Congresso Internacional realizado em Barcelona, estatutos da C. E. A. e associações filiadas, vários livros de doutrina, etc.

Uma vez em presença do funcionário superior do Departamento Policial, exibiram tôda a documentação que levavam, mostrando em que consistia o Espiritismo, quais os propósitos que movem os seus verdadeiros adeptos e a obra espiritual e cultural das sociedades confederadas.

O representante do fiscal disse que a Polícia tinha o propósito firme de fechar tôdas as instituïções em que se realizassem práticas destinadas a explorar, fanatizar, ou sugestionar o público, realizar curandeirismo e actos similares; e que, quanto à orientação da Confederação Espirita Argentina e suas filiadas, evidenciada nos elementos que tinham à vista, podiam seguir tranqüilamente na sua obra, sempre dentro do estabelecido nos seus estatutos. Depois, recomendou aos dirigentes da C. E. A. que intensificassem o contrôlo interno das sociedades em todos os seus aspectos, para evitar a infiltração de elementos de moral duvidosa.

A acção da Confederação E. Argentina é digna dos maiores louvores, porque se não poupou a esfor-

Notas & Comentários

A redacção das leis...

O Dr. Alcides Gentil é um notável promotor de justiça que ultimamente se tem notabilizado nos tribunais brasileiros em processos movidos contra médiuns de boa-fé acusados de exercício ilegal da medicina, pelo facto de darem «passes magnéticos» a doentes que os procuram, nas agremiações espiritas onde trabalham. Ora, o arquivamento do processo instaurado contra aquela senhora que indicava *chá de abacate* para minorar as dores dum enfêrmo, levou alguns jornalistas a censurar o douto magistrado, que não se intimidou com os ataques. Assim, tendo entre mãos outro processo semelhante em que certa vítima fôra presa em flagrante por aplicar «passes magnéticos», não teve dúvidas em pedir que o mesmo fôsse também arquivado, pois, em sua opinião, o passe é um acto de fé que ninguém poderá livremente escarnecer, em face do art.º 208.º do Código Penal.

O meritíssimo juíz auditor Dr. S. Alves de Sousa concordou com a exposição do promotor, declarando que o decreto instituïdor do novo Código não só peca por obscuridade e fraca redacção, mas também por contrariar a simplicidade, quanto ao sentimento científico do objecto e do efeito jurídico da peça.

«— O art.º 294.º dêsse Código, prestando-se a várias interpretações sob o significado de curandeirismo — acrescenta — pode aplicar-se em dialética convincente a outros completamente diversos do que vulgarmente se chama *curandeirismo*.

«Há no ritual de certas religiões alguns gestos e palavras exigidos para determinados actos que, segundo o n.º 2 dêsse artigo, levaria o liturgista praticante à infracção da lei penal.

«No ritual de tôdas as religiões, repito, há essas práticas. É na oração e fórmula de exorcismo, é no baptismo, no matrimónio e até na morte. A imposição das mãos, por exemplo, é prática essencial em diversos actos litúrgicos nas várias religiões; e nem por isso êsses gestos simples e inofensivos à moralidade de costumes devem constituir transgressão da lei penal.

«Ora, o uso dêsses gestos ou palavras litúrgicas, sua aplicação em actos compreendidos nas fórmulas dedicadas à suavização da dor e dos sofrimentos humanos, não deve, por si só, constituir crime. O crime caracterizar-se-ia por outros elementos que, prejudicando a economia, a razão e o sentimento privados, reflectissem no interêsse social. Mas os actos praticados sob a invocação de fórmulas, sentimentos superiores, divindades ou seres benéficos, ou mesmo por conhecimentos científicos dentro das exigências dos bons costumes e da ordem pública, sejam ditados por C. P. Tielle, para quem o elemento religioso fundamental está nos espíritos; por J. G. Frazer («A Magia»); por W. Robertson Smith («O Tótem e a Aliança do Sangue»); por Guyau e Durkeim («O Instinto Sexual»); por H. Hubert («O Sagrado»); sejam as almas dos mortos, as divindades ou a própria fatalidade, êsses actos, cumpridos sob a égide da ética, não devem enquadrar-se nos dispositivos que o legislador perfilhou sob o nome de curandeirismo. A palavra está aí com perigosa amplitude e o texto da lei com redacção exagerada.

«As leis devem ser claras e previdentes para evitar contradições, ferir direitos e razões dessa natureza».

Se nas leis não deve haver palavras a mais, para fácil interpretação dos textos, o Código Penal Brasileiro deve ser *condenado* pela jurisprudência...

Em boa verdade, mais valeria condenar um Código que posterga o direito, do que um médium que alivia a dor alheia.

Notícia confirmada

Segundo lemos no *Revelador*, de S. Paulo, a Rádio-Piratininga está, como dissemos, reabilitada perante os tribunais, com tôdas as suas dívidas pagas e as contas em dia. Resta apenas que lhe seja restituído o alvará, mas isso mesmo está em vias

---

ços e sacrifícios, numa emergência difícil e quando as circunstâncias se erguiam, inopinadamente, contra a nossa doutrina.

O *acto de repúdio ao curandeirismo* ficará gravado em letras de ouro, nos anais do Espiritismo mundial. Graças a êle e à desassombrada atitude dos confrades acima citados, o Espiritismo deu um grande passo em frente na consideração social e das autoridades a quem compete velar pela segurança pública.

¡Castigue-se o impostor, o charlatão, o falso médium; mas não se tolha o movimento generoso e fraternal duma ideologia que procura congraçar os homens, afastando-os de lutas fratricídas, de sedições violentas e de tudo que possa contribuir para a desunião e mal-estar dos que têm direito a viver em paz, trabalhando e amando!...

Por êsse mundo...

Jacoby escreveu um estudo a respeito de Lenine. Eis como êle se refere ao célebre ditador vermelho:

«O ditador entrou no Kremlin, trabalha à secretária, recebe, dá ordens e até pronuncia discursos. Os médicos só lhe permitem cinco horas de trabalho por dia, com duas horas de repouso absoluto por semana. Mas êle recebe o secretário ou lê a correspondência, além do tempo autorizado.

«Em Novembro de 1922, teve que interromper o trabalho, retomando-o por algum tempo, com aspecto doentio. Depois, lia pouco, ditava durante meia hora por dia e recebia alguns amigos. A vontade impacientava-se-lhe; êle apressava-se, que se escrevesse, que executassem suas ordens e que viessem dizer imediatamente o resultado delas.

«Em Março, a paralisia empolga-o bruscamente. Mergulhado em imobilidade e silêncio, arqueja durante alguns meses. Só os olhos vivem naquele rosto de pedra. A 21 de Janeiro de 1924, morre, com 54 anos de idade.

«O médico que o autopsiou notou em suas *Memórias:* «O que me surpreende não é que o pensamento de Lenine pudesse trabalhar nêsse cérebro doente, mas que êle tenha podido viver com semelhante cérebro».

«Temos, pois, mais um indivíduo pensando com o cérebro desarranjado — *Dr. Felix Regnault.*

Da *Revue Moderne de Médicine et Chirurgie*

Três casos de reencarnação

Mueller, na *Zeischrift fuer Seelenleben,* examina a obra de G. W. Surya, «Modernos Rosa-Cruzes»,que contém três casos pormenorizados de reencarnação.

1.º — Pitágoras lembrava-se de suas quatro vidas anteriores. Por ocasião duma visita a Delfos, reconheceu o escudo que usara em Troia, na encarnação de Eufórbio. Como muitos ficassem incrédulos, mostrou velhas inscrições nas costas do escudo e que Menelau consagrara a Minerva, após a tomada da cidade.

2.º — Segundo o *Brooklin Eagle,* Mr. Forster d'Effingham perdeu sua filha Maria, de quinze anos. Depois, foi residir em Dakota, onde teve outra filha, chamada Helena. Anos mais tarde, volta à sua antiga cidade. Helena reconheceu a casa, a escola, até mesmo o lugar, no banco da escola, onde se sentara, quando era Maria.

— Eis o meu lugar, afirmou ela, sem hesitação.

3.º — O capitão de fragata Schwikert, chegando a Esmirna e dirigindo-se a Éfeso, verificou que conhecia tôda aquela região, apesar do relêvo acidentado do solo. E acabou por dispensar o guia, por inútil.

Mais tarde, tomou conhecimento na Índia com um brâmane que, por um processo mágico, lhe apresentou o panorama da sua última existência: participara da batalha de Éfeso, como oficial de cavalaria.

O autor do livro acrescentou que êle próprio, quando esteve em Viena, há cêrca de vinte anos, ouviu uma clarividente dizer-lhe no decorrer duma conversa, que o via em traje oriental e que êle devia ter sido um persa na sua última existência.

Decorridos dez anos, o autor entrou em correspondência com um velho astrólogo persa, a quem pediu um horóscopo.

— Meu filho — disse o ancião — eu não me lançaria a tão rude trabalho, se não visse que, em tua última existência, viveste na Pérsia, como Turkmene.

Do *Reformador,* do Rio de Janeiro

Aviso de morte

A senhora Cox, de Summer Hell, Escócia, escreveu a seguinte observação:

«Na noite de 21 de Agosto de certo ano, entre as 8 e as 9 horas, estava eu sentada no meu quarto de dormir, em casa de minha mãe, em Davenport.

Meu sobrinho, um menino de 7 anos, estava deitado no quarto contíguo. Fiquei muito surpreendida ao vê-lo entrar de repente, a correr para o meu quarto e gritando amedrontado:

«— Ó tia, acabo de ver meu pai a andar à volta da minha cama.

«Respondi-lhe:

«— Que tolice! Estavas a sonhar, com certeza.

«— Não, eu não estava a sonhar — respondeu êle.

---

de realizar-se. Não há dúvida alguma a tal respeito.

— Não nos assiste o direito — diz *O Revelador* — de recordar factos e querelas que deram motivo à cassação do prefixo e depois à falência da Estação. Deixamos êsse capítulo para mais tarde, pois a história é longa e triste por demais. O que nos anima agora é apenas a satisfação de adiantarmos aos leitores dêste mensário da União Federativa Espirita Paulista — única proprietária e fundadora da P. R. H. 3 — que a Rádio-Piratininga S. A. está reabilitada e a salvo da falência de que foi vítima. Tal facto, representa uma vitória extraordinária dos espiritas brasileiros.

As notícias que aqui demos estão, portanto, confirmadas. Só nos resta fazer os mais ardentes votos para que os *dez milhões de espiritas brasileiros* sejam em breve surpreendidos pelas emissões da potente estação paulista.

Noticiário

A imprensa espírita mundial continua a transcrever os nossos artigos. Entre as revistas brasileiras agora chegadas à nossa redacção, conta-se o *Reformador*, do Rio de Janeiro, que transcreveu o artigo do nosso colaborador Bernardo Correia de Almeida, intitulado «Kardec e Roustaing», e *O Revelador*, de S. Paulo, que transcreveu o artigo do Dr. A. D. Pratas, intitulado «As Escrituras Sagradas atestam a mediunidade e os fenómenos espiritas» e a nótula da nossa *Crónica Estrangeira*, intitulada «Tocante prova de sobrevivência», fornecida pelo médium inglês Joseph Benjamin.

Gratos pela transcrição.

Novas secções

Afim de variarmos o conteúdo de *Estudos Psíquicos*, abrimos hoje duas novas secções, intituladas: «Conte o seu caso... — Como se tornou espirita?» e «Meditações», esta última a cargo de um antigo e acérrimo propagandista do Espiritismo que, por motivos respeitáveis, encobre o nome sob as iniciais J. F.

A primeira secção é inaugurada pelo nosso colaborador F. Noronha, cuja actividade, ultimamente, tem sido espantosa.

A nossa revista continua, pois, a concitar a atenção dos adeptos, que lhe não regateiam o seu apôio.

«Vendo que não conseguia persuadi-lo, acomodei-o na minha cama e deitei-me, entre as dez e as onze horas.

«Uma hora depois, segundo creio, vi distintamente a figura de meu irmão, sentado numa cadeira; e o que mais particularmente me impressionou foi a palidez mortal do seu rosto (meu sobrinho estava nêsse momento adormecido).

«Fiquei tão assustada (eu sabia que meu irmão estava, então, em Hong-Kong), que cobri a cabeça com os lençóis. Pouco depois, ouvi claramente a sua voz chamar pelo meu nome, que foi três vezes reptido. Quando olhei, êle já tinha partido.

«No dia seguinte de manhã, contei tudo a minha mãe e a minha irmã e tomei nota.

«O correio que veio da China trouxe-nos a triste notícia da morte de meu irmão, ocorrida subitamente a 21 de Agosto daquêle ano, no pôrto de Hong-Kong, devida a insolação.

«Segundo informações complementares, a data da morte precedeu algumas horas a da aparição.

Da *Revista Internacional do Espiritismo*, de Matão.

Como temos dito, *Estudos Psíquicos* está à disposição daquêles que saibam escrever e possam expender ideias úteis, dignas de publicidade.

Auxílio aos necessitados

Com destino ao Cofre de Beneficência do Centro E. Luz e Amor, recebemos mais os seguintes donativos, que agradecemos:

Augusto C. Belas, de Lisboa	5$00
Uma amiga dos pobres	10$00
Total.....	15$00

Auxílio ao Centro

Do nosso confrade sr. António Joaquim Gomes, de Cabaços, recebemos a quantia de 10$00, que agradecemos.

Auxílio a «Estudos Psíquicos

De «Um admirador com poucos haveres», recebemos a quantia de 25$00, que agradecemos.

As nossas conferências

Como estava anunciado, o nosso confrade sr. Tenente João da Cruz, realizou a sua conferência, intitulada «O contrôlo espiritual entre os seres encarnados», que lhe deu ensejo para tecer um hino à Mulher e fazer publicamente a sua profissão de fé espirita.

Sendo a primeira vez que ocupa a tribuna do Centro, soube honrá-la com a sua palavra sincera e convincente.

Lamentamos que a falta de espaço nos iniba de maior referência ao trabalho dêste digno confrade.

Continui a estudar e a meditar, que a hora é de trabalho intenso e os homens de boa-vontade apontam-se a dedo, na turba-multa que nos rodeia.

Programa dos trabalhos do Centro em Março de 1944.

Dia 5, às 16 horas — Sessão experimental.
Dia 12, às 16 horas — Sessão experimental.
Dia 19, às 16 horas — Sessão experimental.
Dia 26, às 16 horas — Conferência pelo coronel Faure da Rosa, intitulada «Ocultismo e Espiritismo» — Entrada pública.

Nota — As sessões experimentais são exclusivas aos sócios do Centro.

Todos os artigos desta revista podem ser livremente transcritos, desde que se mencione a origem

Estudos Psíquicos

2.º volume correspondente ao 3.º e 4.º ano, impresso em papel especial, formando um grosso volume de cerca de 400 páginas, encadernado em optima percalina azul

(TIRAGEM REDUZIDA)

À venda nesta redacção ao preço de 70$00

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Espiritualista

	br.	enc
ALLAN KARDEC		
Obras Póstumas	15$00	21$00
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	3$50	
O Além e a Sobrevivência	3$50	
O Grande Enigma	10$00	
O Porquê da Vida	8$00	
Cristianismo e Espiritismo	16$00	22$00
Joana d'Arc Médium	16$00	22$00
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	17$00	23$00
ERNESTO BOZZANO		
Breve história dos «raps»	3$00	
Xenoglossia (Mediunidade Poliglota)	10$00	
DR. A. LÔBO VILELA		
Hipóteses Metapsíquicas	7$00	
O Problema da Sobrevivência	7$00	
O Destino Humano	14$00	

	br.	enc.
F. CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
Novas Mensagens	10$00	
O Consolador	10$00	
Cinqüenta Anos Depois (romance)	16$00	22$00
CAMILO FLAMMARION		
O Fim do Mundo	12$00	
As Casas mal assombradas	16$00	
ALMERINDO M. DE CASTRO		
O Martírio dos Suïcidas	9$00	
António de Pádua	10$00	16$00
ALEXANDRE DIAS		
A Fazenda Mal Assombrada	10$00	
Trajectória das Almas	8$00	

(Continuado da 3.ª página da capa)

	br.	enc.
LEOPOLDO MACHADO		
Pigmeus contra gigantes	10$00	
Doutrina inglória (O problema da natalidade à luz do Espiritismo)	10$00	
BITTENCOURT SAMPAIO		
De Jesus para as Crianças.	8$00	13$00
Jesus perante a Cristandade. . . .	12$00	17$00
JOSÉ SURINACH		
Spiritus Meledictus. (novela espirita de grande emoção)	8$00	12$00
OSVALDO MELO		
Epístolas aos Espiritas	7$50	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos.	10$00	16$60
OBRAS DIVERSAS		
Além (O) para todas as inteligências, por *J. L'Homme*	10$00	
Amor Imortal, por *J. A. Nogueira* .	12$00	
Amor, Vida e Evolução, por *Fernando da Cruz Ferreira*.	8$00	
Claustro (O), por *Manuel Arão* . .	14$00	20$00
De Maria para suas filhas.	3$00	
Espiritismo (O), à luz dos factos, pelo *Dr. Carlos Imbassaby* . . .	15$00	
Expiação, por *Areolino Gorjão* . .	10$00	
Evangelho das Crianças (3.º livro de leitura) por *António Lima*. .		7$00
Granja (A) do Silêncio, por *Paul Bodier*.	10$00	
A Grande Esperança, por *Charles Richet*.	15$00	
Metapsíquica (A) e o Espiritismo à luz dos factos, por *Faure da Rosa*	2$50	
Minas de Sincorá, por *Estrelita Junior*.	6$50	
No Limiar do Etéreo, por *J. Artur Findlay*	13$00	19$00
Nova (A) Luz, por *Georges Dejean*	12$00	18$00
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle*		10$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho por *João, o Evangelista*	12$00	
Pela Vitória do espirito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*.	35$00	
Psicologia Experimental, pelo *Dr. Paulo Gibier*.	3$00	
Roma e o Evangelho, por *José Amigó y Pellicer*	14$00	20$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio A. Valente*.	12$00	18$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	7$50	13$50

Nêstes preços não está incluído o porte do correio.

Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e Ilhas Adjacentes.

Para as Colónias e estrangeiro, a remessa é feita contra pagamento adiantado, por meio de vale postal.

AVISO AOS INCAUTOS

Não são espiritas os que exploram a credulidade das pessoas incultas ou fanáticas, exibindo falsas faculdades e recorrendo a artifícios de toda a espécie, para melhor iludir a boa-fé dos incautos.

Não são espiritas os que se entregam à adivinhação pela invocação dos espíritos, porque o Espiritismo não é arte divinatória e por isso os espíritos que se prestam a semelhante papel são, necessàriamente, inferiores (por mais pomposos nomes que apresentem) e o seu convívio só poderá ser prejudicial.

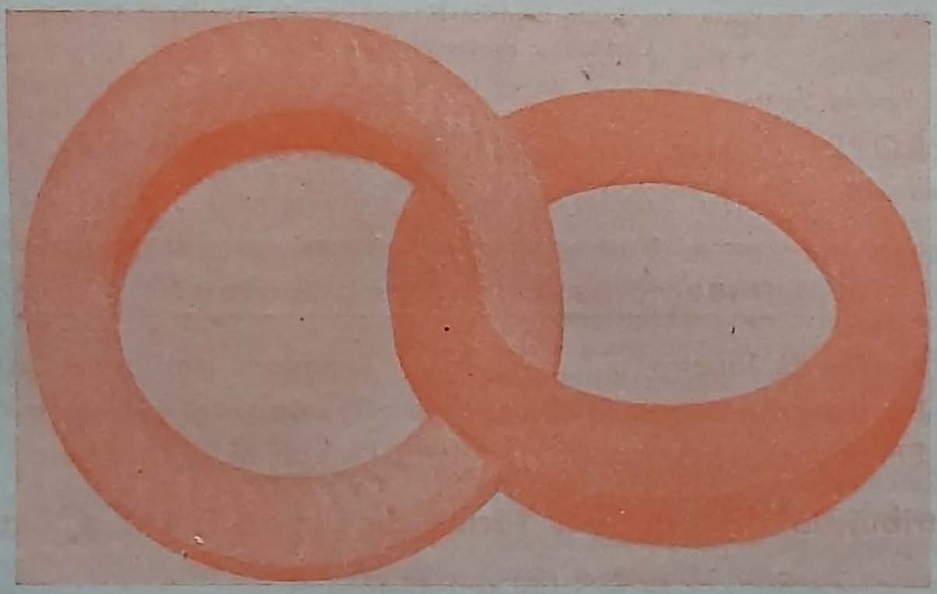
As casas das chamada *mulheres de virtude, cartomantes, bruxas* e de todos os que se dedicam a estas práticas supersticiosas são de infecção espiritual, onde os espíritos inferiores vivem permanentemente e fazem seu campo de manobras.

«Estudos Psíquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas e colónias

ANO V ABRIL DE 1944 N.º 6

Estudos Psiquicos

Mensário de Estudos Psiquicos e Neo-espiritualismo Experimental



Prova fotográfica impossivel de obter normalmente. Entrelaçamento de aneis de madeira diferente, obtido numa sessão de Margery Crandon

(Ver noticia na pág. 189)

CONTÉM: Videirinhos, **da redacção**; A Morte e os seus fantasmas — I — por **Isidoro Duarte Santos**; Filosofia Neo-Espiritualista; Dr. Gabriel Gobron; Resumo da Doutrina Espirita, pelo **Dr. Gustave Geley**; Meditações — Palavras de S. Paulo, por **J. F.**; Pascal Forthuny — pelo **Coronel Faure da Rosa**; Um alvitre interessante. Dramática conversão ao Espiritismo; Tive um sonho verídico, pelo **tenente farmacêutico Bartolomeu Bana Martins**; O Espiritualismo na antiguidade, por **Alvaro Ramos Pereira**; O Espiritismo Revelador da Verdade — V — por **Haydi de Tebelen**; O Culto da Morte, por **F. Noronha**; Bibliografia; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários, Noticiário

LEITOR AMIGO:

Escuta, por um momento. ¿Já pensaste alguma vez no mistério da vida, no porquê da tua existencia terrestre e no que te espera, ao abandonar o mundo físico? ¿Já pensaste?... ¿E não te sentiste atraído para a meditação cotidiana, para a decifração de tão grande enigma?

De-certo que já pensaste e meditaste e concluíste pela necessidade de aprofundar o assunto. Tens, agora, belo ensejo. Acompanha «Estudos Psíquicos» *na sua acção, torna-te seu amigo e colaborador, porque há muita maneira de auxiliar as obras úteis. Tudo que fizeres, redundará em teu próprio benefício.*

ESTUDOS PSÍQUICOS

Revista mensal

ORGÃO OFICIAL DO CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR

E PORTA-VOZ

do Centro Espirita Reflexos da Verdade, de Beja, do Centro Espirita Luz, de Coimbra, do Centro Espirita Luz e Verdade, de Matozinhos, do Centro Espirita Fé e Caridade, de Angra do Heroismo, do Centro Espírita de Santa Judite, do Pôrto, do Grupo Espirita Humildade, de Aveiro, e do Grupo Espirita Paz, Caridade e Protecção, de Faro.

Rua do Salitre, 149, 1.°, E. = = = = = = = = = = = = LISBOA

PROPRIEDADE DE ISIDORO DUARTE SANTOS

a quem deve ser dirigida tôda a correspondência

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores • Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

Redactores - correspondentes:

No **Rio de Janeiro** ... ... Almerindo Martins de Castro
Em **Uberaba** ... ... Dr. Inácio Ferreira
Em **Buenos Aires** ... ... Dr. Luiz M. di Cristóforo

Distribuïção gratuita aos sócios do Centro E. Luz e Amor

ASSINATURAS

PORTUGAL	*Continente e Ilhas (assinatura anual)*	*36$00*
	Colónias ... ... » »	*50$00*
ESTRANGEIRO	*Espanha* ... ... » »	*36$00*
	Brasil ... ... » »	*50$00*
	Outros países ... » »	*60$00*

Cobrança pelo correio — mais 1$60

Distribuidores exclusivos para Portugal, Ilhas e Colónias: **Editorial Organizações, Lda.**, Largo Trindade Coelho, 9, 2.° — Lisboa — Telefone 27507

• VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA •

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

ANO 5.º — LISBOA, ABRIL DE 1944 — N.º 6

Propriedade de Isidoro Duarte Santos	Direcção e Edição de Maria Gonçalves Duarte Santos	Redacção e Administração — Rua do Salitre, 149, 1.º — E.

Composto e impresso na Tipografia SILVAS Lda. — Rua de D. Pedro V, 120 — LISBOA

VIDEIRINHOS

Na vida das plantas há certos rebentos pomposos, que nascem e crescem exuberantemente, cerceando à árvore-mãe a seiva criadora, necessária à sua manutenção. Êsses rebentos parasitários têm o nome de «ladrões», na bôca do rural analfabeto. E raro é vê-los atingir altura de metro, tão certo o lavrador os condenar a poda cerce e oportuna. De contrário, o agro esterilizaria em parra, com prejuízo manifesto de todos nós, que não prescindimos de alimentação vegetal.

Pois no Espiritismo também há rebentos similares, que medram e proliferam nas agremiações, absorvendo ou neutralizando em benefício próprio muita energia sã que, bem dirigida e empregada, vitalizaria a comunidade, auxiliando-a no seu progresso. Aqui, mudam o nome e chamam-se videirinhos. No fundo, têm a mesma função dos «ladrões» vegetais.

Os videirinhos costumam entrar aparentemente contrariados, como quem foi importunado no seu trabalho e é solicitado para outra emprêsa qualquer. Apresentam-se, dizem três ou quatro palavras agridoces, assumem atitudes veneráveis e aguardam pacientemente a hora de entrar em acção, a tal acção que, parecendo de efeito colectivo, é, afinal, de efeito próprio.

O mínimo que exigem é lançar o seu programa, embora se trate de jôgo malabar. E fecham logo a questão:

—Ou me deixam trabalhar ou vou-me embora!

Em regra, há condescendência para êles. Pode ser que não sejam como tantos outros, que tiveram entradas de leão. Que diabo! Nem todo o mato é... orégão, como diz o povo.

Os videirinhos avançam, então, compassadamente, pasta sobraçada e ar conselheiral, direitos ao pôsto que escolheram.

A primeira coisa que fazem é arranjar cortezãos. Dêste modo, escolhem pessoas dóceis e menos inteligentes do que êles, pessoas que gostem de ouvir palrar, seja do que for. Agora, estão no seu ambiente. Crescem desaforadamente, chegando, até, a sobrepor-se aos dirigentes, com a vantagem da irresponsabilidade. Assim, vêem aumentar o número dos acólitos, o que os leva a pensar na candidatura, em próxima assembleia geral. Às vezes, — nem sempre — encontram o remédio justo, na poda cerce, aplicada a tempo, e surge o desmanchar da feira: os videirinhos desaparecem pelo buraco do ponto, deixando na ribalta a comparsaria inocente, que os adulara, julgando-os fadados para enormes alturas...

Depois, os do rancho são arrebatados à colectividade, vivem durante algum tempo indecisos e acabam por seguir os videirinhos, em direcção a novo agrupamento.

O objectivo desta fauna espúria é malbaratar o esfôrço sincero dos que trabalham para a Causa. Por isso, apontamos as suas manigâncias, prevenindo os dirigentes responsáveis contra a obra nefasta de tão indesejáveis elementos.

A MORTE E OS SEUS FANTASMAS

por Isidoro Duarte Santos

I

DE todos os problemas estudados pelo Espiritismo, o da morte é o mais empolgante e misterioso, cuja solução esgota o engenho dos sabios positivistas que em vão se esforçam por decifrar o grande enigma que os enfrenta. E não conseguem, porque se aferram ao dogma científico, fora do qual não sabem dar uso à inteligência. Ali chegaram e ali estratificaram sujeitos ao conservantismo que os aniquilará inteiramente. Estou, porém, convencido de que o seu modo de apreciar o fenómeno da morte deriva em parte do êrro clássico de separar o mensurável do imensurável, o quantitativo do qualitativo, como se estas duas circunstâncias não fôssem igualmente dignas de preocupar o género humano.

Para mim, a concepção espirita da morte é absolutamente racional. ¿Pois não seria absurdo que, ao cabo de uma única existência, mergulhássemos no caos, juntando-se o bem e o mal no mesmo conúbio, o mérito e o demérito no mesmo amálgama? ¿De que serviria então o trabalho, a honestidade, o sofrimento?...

Para lá da campa, a morte alarga os nossos horizontes, nos quais o poder de Deus se afirma exuberante, quer no movimento de um astro ou de um sistema planetário, quer na evolução sem fim do espírito liberto da matéria.

Morte é palavra vã, se atendermos a que a vida está em tôda a parte, no infinitamente grande e no infinitamente pequeno. Desde o mineral à planta, desde o infusório ao homem, a vida se revela de mil formas diferentes, tendendo para a síntese, para a sua fonte de origem.

Para os leigos que apenas apreciam o lado sentimental da morte, o trespasse representa impiedosa perda marcada pelo Destino que se compraz em refinar a dor dos que ficam amarrados ao tormento da saüdade inconsolável. Mal sabem êles que a centelha que animou o corpo inerte e frio continua a exercer a sua actividade noutro ambiente, subordinada às mesmas idéias e, possivelmente, aos mesmos sentimentos! ¡Mal sabem êles que a morte não é o fim de tudo, mas o traço de união entre duas vidas que, afinal, se interpenetram, ponte levadiça conducente a novas paragens! ¡Mal sabem êles que os mortos estão ausentes e que podemos comunicar com êles, compreender-lhes a ânsia de renovação, de aperfeiçoamento, e sentir-lhes o próprio influxo!... Mal sabem êles!...

A morte é viagem inevitável. Quem nasceu, morreu. E se não fôsse o esquecimento do passado com que nos brindaram ao nascer, poderíamos contemplar as nossas vidas anteriores, como num maravilhoso calidoscópio: aqui o operário, além o professor, o prelado, o intelectual, o vagabundo, o remador das galés..., tudo sombras da mesma árvore imortal, nascida e renascida em vários climas e condições.

Não se admirem de o mendigo orgulhoso ter sido banqueiro de antanho e de o surdo-mudo contemporâneo ter noutros tempos contribuído para o envilecimento da sociedade, mercê do emprêgo erróneo de sua antiga eloqüência. Não se admirem. Os corpos que se acotevelam nas artérias citadinas são envólucros novos de almas eternas que encheram a história de rasgos de abnegação, gestos patrióticos, sacrifícios, crueldades, vilanias, tudo isto agora mergulhado no esquecimento, separado da *consciência actual* por nervoeiro que só a morte dissipará, quando o ampulheta do tempo marcar a hora da partida...

As idéias preconcebidas e os falsos conceitos é que levaram às pavorosas representações da morte. E de tal maneira habituaram o vulgo a temé-la e a abominá-la, que o seu nome produz calafrios. Não há monstro mais horrendo, vampiro mais asqueroso, quando, no fim de contas, a morte desempenha função naturalíssima. ¿Para que carregam as tintas de seu cenário, gerando nas crianças terror instintivo? É por isso que a infância é polvilhada de fi-

guras simbólicas, devidas à literatura ilógica onde o maravilhoso impera.

É tempo de estudar o fenómeno da morte à luz de mais racional critério, reduzindo-o às suas verdadeiras proporções...

* * *

Não quero referir-me ao *processus* da morte em si, isto é, ao seu carácter fisiológico; apenas aludirei de passagem à forma como a morte se exerce no homem, rodeada de certos pormenores que lhe são peculiares e que Paul Bodier já um dia classificou da seguinte forma:

a) a idade do defunto;
b) a natureza do trespasse (enfermidade longa, curta ou acidente brusco;
c) o modo de destruïção do cadáver (enterramento ou incineração);
d) as crenças;
e) as últimas preocupações;
f) o estado evolutivo;
g) o apêgo, maior ou menor, à vida terrestre;
h) a natureza das aspirações habituais.

Na verdade, seria impossível estudar a morte no homem sem ponderar circunstâncias que modificam infinitamente as condições em que se dá o fenómeno. Se o indivíduo morre de velhice ou de longa doença em que o *processus* se realize lenta e progressivamente, sem alterações sensíveis, a morte não lhe provocará as mesmas emoções que num homem novo, em plena florescência. No primeiro caso, o *processus* começou antes da ruptura dos liames físicos. A velhice e a doença são, pois, condições propícias à crise da morte, porque o indivíduo se encontra preparado para o desenlace, o que não sucede com o adolescente que morre de súbito, sem tempo para meditações e reflexões.

O modo de destruïção do cadáver também é ponto a considerar, como em breve verificaremos.

Quanto às crenças, ninguém ignora que o espiritualista convencido da sobrevivência estará em melhores condições de encarar a morte, do que o materialista. Enquanto o primeiro enfrenta o problema com a possível calma, o segundo vacila e treme ante a dúvida cruel, à medida que se aproxima da hora psicológica.

As últimas preocupações também não podem deixar de influir. Uma disposição importante que se não tomou e que era de interêsse vital para o defunto, uma despedida que se não pôde fazer, família que se abandonou sem lhe garantir o futuro, mal-entendidos com pessoas de amizade que não houve tempo de resolver, enfim, tudo isto é susceptível de alterar o estado de alma, sobretudo quando há apêgo aos bens materiais ou se não pôde concluir certa obra de grande estima.

Sendo o organismo uma grande comunidade de elementos anatómicos, é necessário haver sistemas perfeitíssimos para assegurar a vida material de cada um, obedientes à lei de constituïção dos organismos, de que falava Claude Bernard. Na verdade, a morte celular aparece, quando os mecanismos que dirigem a carga e a descarga são atingidos gravemente. Se o coração, o pulmão, o rim e o fígado fôrem lesados por repercussões sucessivas, dar-se-á a fome, a asfixia e o envenenamento geral das células, que sobem a trinta triliões no corpo humano e são tôdas solidárias entre si. O mesmo sucederá, se fôrem abolidas as funções cerebrais. O homem perde a consciência de si próprio e a relação dos órgãos deixa de ser assegurada. Assim, a morte pelo cérebro suprime as manifestações superiores da vida, repercutindo-se, mais ou menos imediatamente, em tôda a parte do corpo. Portanto, a verdadeira morte geral só se verifica com a aniquilação do último elemento anatómico.

O que nos interessa é ver como se opera o desprendimento do espírito. Eis o que diz a tradição oculta:

«Quando soa a hora da morte, os átomos mais grosseiros que, no curso da última existência terrena, se mantiveram agrupados nas malhas da trama da vida, desprendem-se lentamente da matéria física, levando consigo o sôpro da vida.

«À medida que êste se retira, os membros esfriam e provocam o que se chama calafrio da morte. Enquanto todos os átomos do corpo físico se renovaram, muitas vezes, no curso da vida, o átomo permanente não se manteve estável, como se havia conservado através de todos os veiculos físicos de que o ser usou, em existências anteriores.

«Desde que a teia subtil da vida deixou os membros e os diversos órgãos do corpo e se reüniu em torno do átomo, — dizem os sábios ocultistas e os videntes — vê-se

brilhar em volta dêle a chama violeta dourada do sôpro da vida.

Depois, a chama eleva-se para a cabeça até o terceiro lóbulo cerebral, para dali galgar, lentamente, o ponto de junção das suturas parietais e occipitais. É durante a retirada da teia vital e enquanto ela se amontôa em tôrno do átomo, que os olhos se tornam vítreos.

«Começa, então, a efectuar-se o desprendimento dos veículos. O corpo etéreo (ou corpo vital) que, na realidade,ainda pertence ao mundo físico, retira-se pela cabeça e deixa o corpo inanimado, seguindo com êle o corpo astral e o corpo mental, em movimento espiralado e arrastando os átomos permanentes, não bem os próprios átomos, mas a energia de que eram o campo de acção.

«Depois dêsses elementos terem abandonado o cadáver, ainda se lhe conservam ligados por um cordão brilhante e argênteo, a que os ocultistas chamam *cordão de prata,* cuja forma, no ponto de ligação, é semelhante a dois 6, um direito, outro invertido, reünidos pelas extremidades dos seus anéis. Durante a vida, um dêles está ligado ao coração pelo átomo-germe. A ruptura dêste átomo é que origina a paragem daquêle órgão. O cordão, êsse, não se quebra, antes de o panorama da vida conservado no corpo vital (ou duplo etéreo) ter sido passado em revista.

«Abandonando o envólucro material, o desencarnado recobra grande liberdade espiritual e revê, no éter que lhe reflete o corpo vital, tôdas as imagens das cenas de sua existência finda que lhe ficaram gravadas na memória subconsciente.

«Essas imagens apresentam-se-lhe à consciência, como panorama que se desenrola em sentido inverso da sucessão real dos acontecimentos, isto é, vêm primeiro os factos que precederam imediatamente a morte, seguindo-se, com regularidade, os que remontam cada vez mais ao passado».

Na «Crise da Morte», de Ernesto Bozzano,há várias descrições do trespasse, algumas bem elucidativas e das quais damos leve extracto.

A primeira foi recebida mediunicamente pelo próprio Juíz Edmonds e encontra-se na sua obra «Letters and Tracts on Spiritualism». Êste magistrado era, ao mesmo tempo, médium escrevente, de encorporação e vidente. A descrição é dada pelo espírito do Juíz Peckam, que morrera acidentalmente e era grande amigo do médium. Apreciemos a sua narração:

«No momento da morte — diz êle—revi, como num panorama, os acontecimentos de tôda a minha existência. Tôdas as cenas, tôdas as acções que eu praticara passaram ante o meu olhar, como se se houvessem gravado na minha mentalidade em fórmulas luminosas. Nem um só dos meus amigos, desde a minha infância até à morte, faltou à chamada. Na ocasião em que mergulhei no mar, com minha mulher nos braços, apareceu-me meu pai e minha mãe e foi esta quem me tirou da água, mostrando uma energia, cuja natureza só agora compreendo. Não me lembro de ter sofrido. Quando imergi nas águas, não experimentei sensação alguma de mêdo, nem mesmo de frio ou de asfixia. Não me recordo de ter ouvido o barulho das ondas. Desprendi-me do corpo sem o perceber e, sempre abraçado a minha mulher, segui minha mãe, que viera para nos acolher e **guiar».**

E depois acrescenta:

«Quis informar-te de tudo isto, para que mandes uma palavra de consolação aos que julgam que os seus parentes e amigos que morreram comigo sofreram horríveis agonias, ao sentirem-se presos da morte. Não há palavras que descrevam a felicidade que experimentei, quando vieram ao meu encontro, ora uma, ora outra, das pessoas a quem mais amei na terra e que me acudiam, dando-me as boas-vindas».

Do mesmo livro de Bozzano, extraio parte de uma mensagem dada pelo espírito do irmão da senhora Hope Hunter e que a *Light* publicou em vários números. Diz assim:

«A crise da morte é fundamentalmente a mesma para todos; contudo, no caso de um soldado que morre de maneira quási fulminante, as coisas diferem um pouco. Quando chega o momento fatal, o «corpo etéreo» que penetra o «corpo carnal», começa gradualmente a libertar-se dêste último, à medida que a vitalidade o vai abandonando... ¿Quem não viu ainda uma borboleta emergir de sua crisálida? Pois bem. O processo é análogo... Desde que o «corpo etéreo» se liberta do «corpo carnal», outros espíritos intervêm para auxiliar o recém-desencarnado. Trata-se de um nascimento em tudo semelhante ao de uma criança no meio terrestre, não admirando que o espírito necessite de auxílio. Êle sen-

te-se aturdido, desorientado, e não podia ser de outro modo. Quási sempre julga que está a sonhar. Ora, o nosso primeiro esfôrço consiste em convencê-lo de que não está morto. Disto se encarregam, geralmente os seus parentes.»

Mais abaixo, refere-se assim à visão panorâmica:

«Vi passar diante de meus olhos todos os acontecimentos da minha vida em que tinha procedido mal. Êste fenómeno é muito notável na existência espiritual. É o prelúdio da sanção a que temos de nos submeter, relativamente às nossas faltas. A visão resenrola-se diante de nós ràpidamente, mas oprime-nos pelo seu volume e abala-nos pela sua intensidade. Quási sempre nos vemos tais quais fomos, do berço ao túmulo. Não me é possível dizer-te como isso se produz. A razão do facto reside numa circunstância natural da vida terrena, durante a qual tôda a acção que executamos, todo o pensamento que formulamos, quer para o bem, quer para o mal, fica registado indelèvelmente no éter vitalizado que impregna o nosso organismo. Trata-se, em suma, de um processo fotográfico. Com isso, imprimimos e fixamos vivrações no éter e começa desde o nosso nascimento».

O testemunho dos videntes concorda mais ou menos com Paul Bodier, havendo razão para crer que é dêste modo que se efectua o desprendimento. Os próprios espíritos que observaram o fenómeno são unânimes em corroborar aquela descrição e a visão panorâmica.

Mais ainda: todos êles declaram apresentar a forma humana, quando ingressam no mundo espiritual; ignorar, durante certo tempo, que estão mortos, isto é, desencarnados; terem recordado todos os acontecimentos da sua existência terrena, logo a seguir à crise pre-agónica; haverem passado quási todos pela fase do sono reparador. Além disso, dizem ter visto o cadáver no leito da morte, citando o fenómeno do corpo etéreo pairando sôbre o cadáver.

Os drs. Frederico Myers e Richard Hodgson, da Real Sociedade Inglesa, estudaram o caso do médico Wiltse, que descreveu a sua morte aparente, motivada por um ataque de catalepsia, e cujas declarações foram autenticadas num tabelião muito conhecido. Vejamos o que êle diz:

— Quatro horas estive sem pulsações — assim me disse o Dr. Raynes, que me assistiu. Em certo momento, julgaram-me môrto e os sinos da aldeia tocaram a finados. Creio que permaneci em absoluto estado de inconsciência. Quanto tempo, não sei. Um minuto ou um século, pareciam idênticos. Ao recuperar os sentidos, percebi que me encontrava no corpo, embora tivesse a impressão de que entre o corpo e o «eu» nada havia de comum.

«Com o interêsse de um médico profissional, esquadrinhei as maravilhas anatómicas do meu corpo, a cujos tecidos me achava agora inteiramente colado. Pareceu-me que o tecido cutâneo limitava o tecido anímico. Compreendi a minha situação e raciocinei com serenidade: «Estou morto, no sentido vulgar da palavra. Apesar disso, sinto-me melhor que nunca e vejo que vou separar-me do corpo.»

«Graças a uma fôrça aparentemente extrínseca, o meu «eu» sentia-se atraído e repelido, como os movimentos de um berço, dando origem ao rompimento gradual dos laços que o uniam ao corpo. Depois, cessaram os movimentos laterais e senti na planta dos pés, na extremidade dos dedos e nos calcanhares, uma espécie de rompimento de inúmeros fiozinhos. Comecei então a sentir-me atraído para a cabeça, como se eu fôsse uma corda elástica. Quando o «eu» chegou à altura dos quadris, pensei: «Agora já não há vida para baixo do fémur»; e ao chegar à cabeça, fiz esta reflexão: «Eis-me inteiro na cabeça; mais um pouco, e ver-me-ei completamente livre.»

«Em seguida, foi como se eu estivesse na periferia do cérebro e vazio por dentro. Sentia as membranas comprimidas em tôdas as direcções, como se me tivesse infiltrado pelas suturas do crânio e fôsse um corpo membranoso, cujas paredes se adelgaçassem para passar através de uma fenda. Eu era semelhante a uma espécie de medusa, quer na forma, quer na transparência...

«Ergui a cabeça e vi-me impelido para cima e de lá recalcado para baixo e comprimido dos lados, como a bôlha de sabão que pende da campânula. Finalmente, vi-me surgir do corpo e descer para o solo, onde me desenvolvi a pouco e pouco, até às proporções de um homem.

«Inteiramente desnudo, vi-me de côr azul e transparente. Afim de evitar os olhares das senhoras e de outras pessoas,

dirigi-me para a porta, que estava aberta; mas quando lá cheguei, encontrei-me vestido. Depois, voltei para trás e fiquei no grupo dos meus íntimos. Nêsse movimento dei com o cotovêlo esquerdo no braço de um homem que estava no limiar da porta. Com grande surpreza minha, passou o seu braço através do meu, sem resistência, enquanto as duas metades do meu braço se reüniam do outro lado, sem que eu desse por isso, como se fôssem aèriformes. Fitei o homem cara a cara, para ver se êle tinha percebido o contacto. Êle, porém, nada sentiu e olhava tristemente para o leito que eu acabava de abandonar. Lá estava o meu corpo, um pouco virado para a direita, com as pernas esticadas e os braços cruzados sôbre o peito. Impressionou-me a palidez do rosto. Não supunha que pudesse estar assim tão pálido.

«Em redor do meu cadáver, vi algumas pessoas sentadas e outras de pé e notei particularmente duas mulheres que choravam, ajoelhadas à minha esquerda. Soube logo que uma delas era minha mulher e a outra minha irmã, mas naquêle momento eu não concebia exactamente o que fôsse individualidade. Mulher, irmã e amigos, era tudo a mesma coisa para mim. Não me lembrava de que havia parentesco. Só podia discernir os sexos e nada mais.

«¡Como me sinto! — pensei —. Agora mesmo sofria horrivelmente. A mudança que tanto apavora e a que dão o nome de morte, veio libertar-me do sofrimento. A própria sensação de mudança também passou e agora sinto-me o homem que era dantes, vivendo e pensando, porém com mais lucidez e livre de morrer novamente... Percebi então que um tenuíssimo cordão semelhante a uma teia de aranha partia do meu occipício e ia ligar-se à base do pescoço do outro corpo...»

Os casos recordados, numerosos como são, nem representam, provavelmente, a décima parte dos que se poderiam mencionar numa busca mais geral. O seu número é muito importante e denota uma grande opressão; mas se houvesse apenas meia dúzia de casos genuínos, teriam sido bastantes para mostrar que, na idéia errónea que formamos do passado e do presente, uma nova verdade surge, movimentada, desejosa de vir à luz.

Maeterlinck

«Filosofia Neo-Espiritualista»

Subordinado ao título de «Filosofia Neo-espiritualista», recebemos uma obra inédita do nosso querido colaborador Ramos Pereira, que se encontra em serviço no Batalhão Expedicionário estacionado em Cabo Verde. Logo que terminemos a publicação do seu trabalho «O Espiritualismo na Antiguidade», iniciaremos a publicação regular da referida obra, cujo índice damos a seguir:

INTRODUÇÃO — I — Da necessidade de saber. Ciência e Filosofia. II — A Filosofia no século 20 e o Neo-espiritualismo. III — Objecto, divisões e métodos da Filosofia. — Bibliografia.

PSICOLOGIA — A) *Introdução:* 1 — objecto, método. Divisões. II — As faculdades; III — A consciência; IV — A atenção. — Bibliografia.

B) *Conhecimento:* I — A sensação; II — Teorias da percepção; III — As imagens; IV — Associação de imagens; V — A memória; VI — Imaginação Criadora; VII — A idéia; VIII — Os princípios. Juízo e raciocínio. — Bibliografia.

C) *Sensibilidade:* I — Sensação e sentimento; II — Prazer e dor; III — A comoção; IV — Tendência; V — Paixões. — Bibliografia.

D) *Actividade:* I — Instinto; II — Hábito e automatismo; III — Vontade. — Bibliografia.

E) *A Alma:* I — Fisiologia do sistema nervoso; II — Psicoses e personalidade humana; III — Paralelismo psicofisiológico e a alma. — Bibliografia

F) *Neo-psicologia experimental:* I — Magnetismo; II — Telepatia e alucinações; III — Psicometria; IV — Constituïção do homem; V — Energias psíquicas; VI — Fenómenos espiritas. — Bibliografia.

LÓGICA: I — A verdade; II — Crença e êrro. — Bibliografia.

MORAL: I — O dever; II — Responsabilidade. Sanção. — Bibliografia.

METAFÍSICA: I — Objecto. Método. Divisões.

PARTE I — Ontologia. PARTE II — Psicologia racional. PARTE III.I — Objecto e métodos; II — Primeiros planos; III — Planos superiores. — Bibliografia.

PARTE IV: *Cosmologia racional.* I — Natureza da matéria; II — Origem da matéria; III — Origem do Universo. — Bibliografia.

PARTE IV: *Teosofia racional.* I — Existência de Deus; II — Natureza e atributos; III — Síntese e Lei.

Como se vê, trata-se de estudo substancioso que muito brilho dará às páginas desta revista.

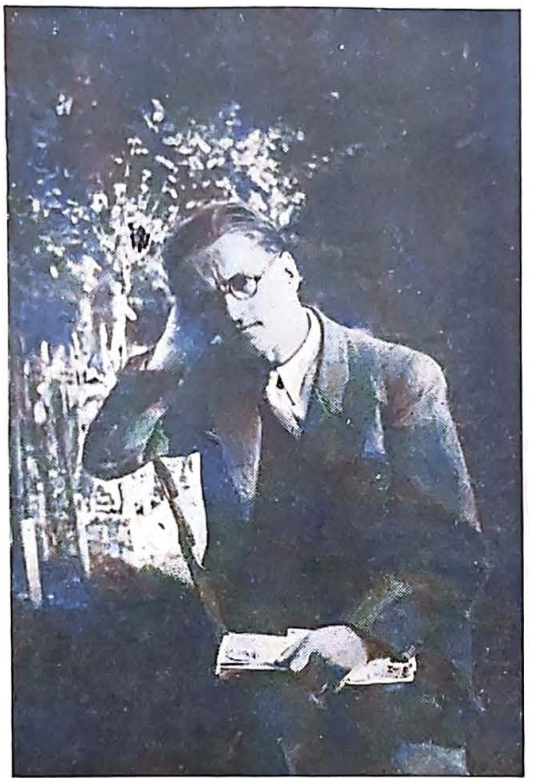
DR. GABRIEL GOBRON

Depois de ter estado num campo de refugiados, em França, faleceu nas Ardenas, donde era natural, o nosso redactor-correspondente Gabriel Gobron.

Soubemo-lo pela devolução do número 4 de Estudos Psíquicos, *que fôra endereçado para o* Centre d'accueil des refugiées de L'Absie, Deux-Sèvres e *os correios alemães remeteram para* Rethel, Ardennes, *onde êle residia, antes da guerra. Êste número regressou ao ponto de partida, com a nota:* Décédé *(falecido).*

Há muito tempo que as nossas relações estavam interrompidas. Em 26 de Julho de 1940, recebemos as últimas notícias dêle. Dizia que se encontrava no local acima citado e acrescentava:

«Rogo-lhe o favor de indicar o meu novo endereço aos meus correspondentes portugueses, brasileiros e estrangeiros, dizendo-lhes que é temporário. Só mais tarde saberei o meu endereço definitivo. Depois, lho comunicarei. Já nada possuo nêste mundo, além de três pequenas malas de mão, com as quais eu e minha mulher teremos de fugir de Rethel, frente à batalha terrível. Estou despojado de todos os bens terrestres, reduzido a uma vida pouco espiritual e reconfortante, como os que não têm a nossa luz interior e as nossas certezas. Atravessamos uma prova apocalíptica, na confusão extrema em que se encontra o mundo actual. Soubemos que a nossa casa se encontrava de pé, embora, infelizmente, saqueada. Não sei quando poderá reaparecer La Revue Spirite, *porque as coisas espirituais não têm agora ambiente nesta região. ¡Resta-nos a nossa alma e Deus!»*



GABRIEL GOBRON

Por aqui se pode calcular o estado de espírito de Gabriel Gobron, um dos espiritas mais desassombrados que ainda conhecemos.

Redactor de La Revue Spirite, *com a «Bibliografia» e a «Crónica Estrangeira» a seu cargo, colaborou em dezenas e dezenas de revistas e escreveu muitos livros, um dos quais foi distinguido pela Academia Francesa.*

Prometera-nos assídua colaboração e começou a cumprir a sua palavra; e se não fôsse a anormalidade motivada pela guerra, estamos convencidos de que teria sido um dos mais operosos colaboradores, não só em virtude da sua grande simpatia por Estudos Psíquicos, *como também pelo dinamismo e entusiasmo com que defendia o Espiritismo.*

Nêste ponto, era semelhante ao Dr. Rodrigo Sanz, outro redactor-correspondente que a morte levou, precisamente quando lançavamos o 1.º número desta revista.

Gabriel Gobron dominava inteiramente sete ou oito línguas, entre as quais o português, razão esta que o levava a interessar-se pelas revistas luso-brasileiras, onde os seus artigos apareciam regularmente.

Além disso, era redactor de La Revue Spirite Belge, *à qual dava o melhor do seu esfôrço bem ordenado.*

Enfim, Gabriel Gobron, romancista, historiador, crítico e poliglota de grande merecimento, abandonou as plagas terrestres e entrou no Além, afim de cumprir os desígnios de Deus.

Paz ao seu espírito, visto que só em paz conseguirá preencher a lacuna da sua vida cósmica, que talvez deixasse em aberto.

RESUMO DA DOUTRINA ESPIRITA(*)

(Espiritismo evolucionista)

Tradução de I. D. S.

pelo Dr. Gustave Geley

V

Condições para a produção dos fenómenos

Segunda categoria

NESTA segunda série, os fenómenos produzem-se a distância do médium e fora do seu contacto.

1.º — *Golpes dados a distância* — Nos móveis ou nas paredes, que subministram comunicações inteligentes.

2.º — *Movimento de objectos sem contacto — Levitação* — A mesa executa tôda a classe de movimentos, sem ser tocada por qualquer dos assistentes.

Alguns objectos são trasladados sem apôio visível, através da sala onde se realiza a sessão.

A mesa pode chegar a ser levantada completamente do solo.

O médium ou qualquer assistente pode chegar a ser levantado até o teto.

A êste fenómeno está unido a diminuïção ou o aumento de pêso (apreciável por meio de balança) dum móvel ou do médium.

Observemos, além disso, que às vezes os instrumentos de música situados na sala das experiências chegam a tocar sòzinhos, o mesmo sucedendo com lápis e canetas abandonados em qualquer mesa, que escrevem sem auxílio algum material.

A escrita directa apresenta interêsse absolutamente capital (1). Esta escrita obtém-se geralmente na escuridão e sem necessidade de qualquer lápis ou caneta, o que parece inacreditável.

O modo habitual de operar é o seguinte: o médium segura, na obscuridade (debaixo da mesa, por exemplo), uma pequena lousa, sôbre a qual foi colocado um lápis, e logo se ouve o ruído dêle a escrever na lousa. Pode chegar-se a obter êste fenómeno, lacrando duas lousas e selando-as, para maior segurança.

Ultimamente, tem-se chegado a obter mensagens por intermédio da máquina de escrever, sem operador ou mecânico visível (2).

3.º — *Aparições luminosas* — Na maioria dos casos, são aparições fosforescentes, em regra de pouca duração, visíveis através da sala onde se realiza a sessão.

4.º — *Traslados. Penetração da matéria* — Diversos objectos, tais como, flores e até seres vivos, são trazidos à sala da sessão, através das paredes, das portas e das janelas hermeticamente fechadas.

Podem ouvir-se sons musicais, sem instrumentos visíveis e perceber-se perfumes estranhos, sem que no aposento se derrame a menor gota de essência. A êste fenómeno está ligada a penetração da matéria sólida pela matéria sólida.

Como exemplo, temos a formação de nós numa corda ou numa corrente sem fim, observados pelo ilustre Zoellner.

Mais adiante veremos a explicação dêstes portentosos fenómenos, pelas materializações e desmaterializações.

5.º — *Materializações e desmaterializações* — Êste fenómeno é o mais importante de tôda a gama espirita e pode observar-se nos seres vivos ou nos objectos.

A desmaterialização é o fenómeno contrário. Consiste na desaparição passageira, total ou parcial, dum organismo ou dum objecto.

---

* Ver *Estudos Psíquicos*, de Novembro de 1943 a Março de 1944.

(1) Ver o interessante estudo «Faquirismo Ocidental», do Dr. Paulo Sibier.

(2) «Anais das Ciências Psíquicas», 1896.

Tratemos primeiro das materializações e desmaterializações de seres vivos.

O fenómeno apresenta vários graus, a saber:

A) No seu primeiro grau, a materialização com resplendor mais ou menos intenso, que faz lembrar uma forma orgânica definida.

B) No seu grau médio, a forma do objecto já é representada exactamente, mas é pouco fixa e só permite investigações muito rápidas. Desaparece num instante.

Ver-se-à, por exemplo, a mão que sai do gabinete escuro e vai tocar um dos assistentes à sessão, retirando-se imediatamente; ou então um fantasma através da sala, muito vagamente, para desaparecer em seguida.

Além disto, os assistentes poderão experimentar a sensação de certos contactos, sem ver a forma que os produz.

C) No seu grau superior, a materialização da cópia exacta, completa, dum membro ou do corpo inteiro do desencarnado.

Amiúde, os assistentes podem reconhecer no aparecido ou ser materializado um parente ou amigo morto. Não se trata de um fantasma: *é uma criatura viva, com corpo completo, com ossos, músculos, vísceras, coração que lateja, pulmões que respiram como os nossos, que fala, que se agita, que se move, que, numa palavra, em nada se diferencia de um ser vivo.*

O seu vestuário pode ser variável.

A sua existência é sempre efémera: ao cabo de alguns instantes, desaparece, do mesmo modo que se apresentou.

Entre o primeiro grau da materialização e a sua realização perfeita, há, bem entendido, algumas manifestações intermédias.

Êste misterioso fenómeno não pode ser explicado pela alucinação.

A forma material do fantasma do aparecido pode ser *fotografada* (e tem-no sido), como já se tem feito repetidas vezes.

O fantasma até pode deixar impressões tangíveis da sua misteriosa aparição, tais como, farinha, cinza de cigarro, etc., e pode ser pesado, medido, comparado, etc., etc.

Já se tem conseguido que, na sua desaparição, o fantasma abandone alguns objectos que lhe pertençam: madeixas de cabelo, retalhos de vestuário, etc. Mas é preciso que se saiba que todos êsses objectos se desmaterializam também, muito ràpidamente, desaparecendo, como o fantasma que os produziu (1).

O mesmo se dá com certos pormenores da *fotografia*, que torna impossível a fraude nas provas concludentes das aparições espiritas e têm enorme importância para o estudo desta ciência.

A maneira como se produzem as materializações apresenta considerações importantes (2).

a) A obscuridade é indispensável. Contudo, quando está completamente materializada, a fôrça pode suportar certa claridade, embora não resista à luz viva ou intensa, dissolvendo-se nestas condições de modo muito rápido. Em geral, o fenómeno produz-se no gabinete escuro, donde saem as aparições.

b) A forma materializada parece escapar-se do próprio corpo do médium, que lhe facilita os elementos, mas não pode afastar-se muito dêle, com o qual permanece unida por uma espécie de ligadura espiritual, fluídica, às vezes visível para os assistentes à sessão e que pode comparar-se, em sentido figurado, é claro, ao cordão umbilical que une o feto à mãe.

A aparição assemelha-se quási sempre, ao médium (3). Todavia, pode diferir

---

(1) Nas materializações de «Noiva», realizadas no Rio de Janeiro e narradas por Pedro Amar em *Mundo Espirita*, da mesma cidade, o espírito ofereceu madeixas do cabelo e retalhos do véu ao articulista, afirmando que não se desagregariam e se conservariam perenemente. «Já lá vão 46 dias — acrescenta P. Amar — e êsses objectos continuam em meu poder».

Como êste, há outros exemplos que invalidam a opinião de Gustave Geley. Emitida há mais de quarenta anos, não admira que haja de ser rectificada de acôrdo com os factos *(Nota do tradutor)*.

(2) Como se sabe, a chapa fotográfica pode ser impressionada por formas pouco materializadas, para que sejam perceptíveis à vista desarmada. Dêste modo se tem obtido grande número de fotografias de espíritos ou de desenhos feitos por êles, com auxílio de moléculas materiais fornecidas pelo médium. A fotografia do espírito ou desencarnado, pode obter-se em plena obscuridade, visto que a forma materializada emite certo resplendor. (Vejam-se os pormenores dêste maravilhoso fenómeno na interessante obra «Animismo e Espiritismo», do ilustre Aksakoff).

(3) A semelhança observa-se no conjunto e em todos os pormenores. Aksakoff cita o exemplo seguinte: em determinadas sessões empregava-se um médium de idade avançada e a materialização representava uma mulher jovem e bela. Mas a sua mão, ainda que tivesse o aspecto da mão de uma mulher jovem, apresentava, no dorso, os sinais característicos da idade.

muito dêle por caracteres importantes (sexo, estatura, côr dos cabelos, etc.). A semelhança com o médium, em todo o caso, impede de se reconhecer na aparição a pessoa defunta que se manifesta.

No fim da sessão, a forma do aparecido parece penetrar no corpo do médium e fundir-se nêle.

Se, durante a sessão, fizermos qualquer sinal no corpo do aparecido, com giz ou tinta, o mesmo sinal se encontrará depois no corpo do médium, embora em sítio diferente daquêle em que foi feito, no fantasma.

Igualmente, se se der um golpe na aparição, repercutirá imediatamente no corpo do médium. Finalmente — esta observação é muito importante — tôda a materialização é acompanhada de desmaterialização proporcional do médium (1).

O médium torna-se completamente invisível, quando a aparição está completamente materializada (2). Se pesarem ao mesmo tempo a aparição e o médium, ver-se-á que êste perde exactamente o pêso que aquela ganha. E depois da sessão o médium adquire o seu pêso normal, menos algumas centenas de gramas.

Dêstes factos se depreende claramente que as *moléculas materiais da aparição são fornecidas pelo médium.*

Não se pode negar que as condições necessárias para a eclosão dêste fenómeno verdadeiramente maravilhoso aumentam ainda mais a incredulidade dos cépticos e a crítica que nega a veracidade do facto. Essas condições são, por exemplo, a obscuridade; a necessidade de grande prudência para investigar e controlar as manifestações do próprio fenómeno e até para evitar que o médium possa ser ferido ou morto; a presença, no corpo dêste, de sinais existentes no corpo do fantasma; pouca freqüência da visualidade simultânea do médium e do aparecido, etc.

O certo é que o facto tem sido observado tantíssimas vezes, com tantíssimas precauções e provas irrefutáveis dignas de crédito, que *a sua realidade é indubitável.*

As materializações e desmaterializações de objectos observam-se com grande freqüência nas sessões espiritas (3). A penetração da matéria e os traslados de objectos ou corpos necessitam da desmaterialização, seguida de rematerialização.

Explicação dos factos

Agora, vamos tratar da interpretação dos fenómenos.

A teoria espirita atribui-os à acção dos desencarnados.

Estes últimos, para agir no campo material e comunicar connôsco terão de subtrair ao médium o fluido vital ou substância orgânica, sem a qual não podem manifestar-se.

E uma objecção surge imediatamente ao nosso pensamento: a doutrina espirita ensina que um ser encarnado exerce a sua acção no corpo, por intermédio do perispírito.

Donde se deduz que os desencarnados conservam o seu perispírito.

E agora, ¿como explicar que os desencarnados não possam agir *sôbre a matéria bruta,* por meio do seu perispírito, como os encarnados *sôbre a matéria* que forma o seu corpo?...

A resposta é muito simples.

É porque o perispírito só pode «apoderar-se» da matéria que esteja próxima da sua constituïção.

A fôrça perispirital, uma vez evolucionada, só pode agir *sôbre a matéria também evolucionada,* quere dizer, *sôbre a matéria organizada e animada.*

Por outras palavras: o espírito só pode manifestar-se no campo material por meio de um organismo vivo ou sôbre um organismo animado.

O espírito agirá sôbre um organismo vivo, sugestionando o médium no sentido de obedecer ao seu magnetizador desencarnado e falará, escreverá, agirá, etc., sob a influência e vontade daquêle.

E o espírito agirá através dum organismo animado, quer encarnando-se no todo ou em parte do corpo do médium, ou formando um organismo momentâneo, a expensas do organismo e do corpo daquêle.

Com estas noções, expostas com tôda a

---

(1) Veja-se a obra de Aksakoff: «Um caso de desmaterialização parcial do corpo de um médium».

(2) William Crookes viu a materialização de Katie King ao lado da médium Cook e notou, claramente, a diferença de ambas. *(Nota do tradutor).*

(3) Akakoff cita casos de materializações de plantas e crescimento rápido de vegetais obtido em sessões espiritas, que fazem lembrar os fenómenos atribuídos aos faquires. Estas materializações conseguem-se a expensas doutras plantas colocadas na sala e que perecem ràpidameste.

clareza, é fácil formar uma idéia, compreender e explicar os fenómenos.

Comecemos pelo mais importante: a materialização.

A materialização de um espírito compreende muitas fases, a saber:

a) Magnetização do médium e exteriorização mais ou menos completa, embora nunca total, do seu perispírito.

b) Domínio, obtido pelo desencarnado, das moléculas orgânicas que o médium exteriorizado abandonou.

c) Separação consecutiva do espírito materializado do corpo do médium, que então se encontra proporcionalmente desmaterializado.

A materialização de um espírito é, pois, uma verdadeira *reencarnação* que se opera num organismo constituído a expensas do organismo do médium.

Os fenómenos admitidos pelo Espiritismo, isto é, a materialização e a reencarnação, são absolutamente iguais e perfeitamente comparáveis.

Dêste modo, podemos definir a materialização, dizendo:

«É uma reencarnação anormal, relativa, rápida e momentânea».

E a reencarnação pode ser definida assim:

«Uma materialização normal, completa, lenta e durável».

Com efeito, as analogias abundam:

1.° — *Para a reencarnação,* a fôrça perispirital vai buscar os elementos essenciais do seu corpo ao germe orgânico fecundado; logo, por assimilação dos produtos de nutrição, dos elementos colhidos exteriormente, mas quási exclusivamente na *matéria suficientemente evolucionada* dos vegetais e dos minerais (os minerais, como é sabido, não são assimiláveis).

Para a reencarnação, as moléculas que o perispírito do desencarnado agrupa em seu redor são tomadas do próprio corpo do médium, ou, acessòriamente, dos assistentes à sessão, dos animais ou dos vegetais (1).

2.° — A aparição materializada está unida aos corpos do médium por uma espécie de ligadura fluídica, como o filho está unido à mãe pelo cordão umbilical, que lhe facilita os elementos necessários à vida.

3.° — O ser reencarnado é semelhante aos pais que lhe deram o corpo.

O espírito materializado parece-se com o médium, que lhe fornece os elementos materiais necessários à manifestação.

4.° — A reencarnação lança um véu de esquecimento sôbre o passado.

A materialização é acompanhada de obscurecimento considerável, duma espécie de perturbação ou desaparição da consciência e da memória. (Ver adiante).

Como se vê, existem muitas analogias entre a reencarnação e a materialização.

Mais ainda: uma e outra se completam e explicam mutuamente e fornecem, pela sua realidade, uma prova recíproca muito notável.

Continuemos agora a explicação dos factos.

A *desmaterialização* consiste na anulação relativa e parcial da fôrça perispirital que associa as moléculas componentes da fôrça perispirital superior do desencarnado.

As *aproximações* ou *traslados* consistem no transporte operado pelo desencarnado do objecto assim decomposto e sua reconstituïção completa, seja na sala onde se realiza a sessão de Espiritismo, seja em qualquer outro lugar por desmaterializações seguidas de reencarnações.

As *aparições luminosas* são materializações que não chegam a realizar-se; com efeito, o seu contacto dá a sensação do roçar de mãos ou dedos.

A escrita directa, as variações de pêso dum objecto, os movimentos sem contacto, os golpes vibrados a distância, são produzidos por órgãos cuja materialização não está suficientemente realizada, para que tais órgãos possam ser vistos à vista desarmada.

A gravitação completa é talvez facilitada por certo grau de desmaterialização do corpo ou do objecto levitado.

Os fenómenos da primeira categoria (isto é, na pessoa que serve de médium ou em contacto com êle), explicam-se desta forma simplicíssima.

A encarnação é a transfiguração operada pelo perispírito do desencarnado ao apoderar-se do corpo do médium, cujo perispírito esteja prèviamente exteriorizado.

Os fenómenos da mediunidade vocal, vi-

(1) Parece que seria possível obter certo grau de materialização, tomando simplesmente algumas partículas orgânicas vegetais e vapor de água. Assim se explicariam algumas aparições fantasmáticas sem médium. Mas, na realidade, isto é uma espécie de imperfeito simulacro do fenómeno.

PALAVRAS DE S. PAULO

por J. F.

«Se eu falar as linguas dos homens e dos anjos, e não tiver caridade, sou como o metal que sôa ou como o sino que tine.

«E se eu tiver o dom de profecia e conhecer todos os mistérios e quanto se pode saber, e se tiver tôda a fé até ao ponto de transportar montes, e não tiver caridade, não sou nada.

«E se eu distribuir todos os meus bens em sustento dos pobres, e se entregar o meu corpo para ser queimado, mas se, todavia, não tiver caridade, nada disto me aproveita.

«A caridade é paciente, é benigna. A caridade não é invejosa, não obra temerária nem precipitadamente, não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca os seus próprios interêsses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça mas folga com a verdade. Tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo sofre.

.....

«Agora pois permanecem a fé, a esperança e a caridade, que são três virdade».

Assim falou S. Paulo na sua primeira epístola aos coríntios em Cap. 13 v. 1 a 7 e 13.

Não conhecemos outras palavras com mais profundo sentido sôbre a Caridade do que essas acima transcritas.

Para S. Paulo esta virtude é a essência de todo o sentimento cristão, porque a Caridade, como o grande Apóstolo no-la faz deduzir daquelas palavras, é o Amor, que Jesus nos mandou dedicar ao próximo, expandindo-se em obras de socôrro e confôrto, espiritual e em atitudes de humildade e desinterêsse, de tolerância e de perdão.

A caridade é, pois, tôda a acção, ou seja a prática de tôdas as obras ditadas e inspiradas no sentimento da Bondade, sentimento que é Amor-Caridade, na rigorosa interpretação que damos àquelas palavras de S. Paulo.

Por isso, quem faz o bem por vaidade, quem presta um auxílio por interêsse, quem faz obras piedosas com o fito na recompensa divina, faz tudo isto sem caridade, porque não há, nestes casos, a Bondade a agir.

Mas quem tiver paciência para suportar as impertinências do próximo, quem não se ensoberbecer perante os que lhe devem obediência, quem procurar remediar injustiças, quem nunca suspeitar mal dos actos alheios, quem fôr tolerante e resignadamente sofrer as contrariedades que o assaltam e as ofensas que o ferem, mostra, evidentemente, com estas atitudes um grande fundo de Bondade, e por isso em todos aquêles casos brilha a verdadeira Caridade.

E assim se compreende que «fora da caridade não há salvação» para as almas, porque, quem não proceder como S. Paulo indica e aí resumidamente deixamos exemplificado, não pode ter, depois da vida terrena, o espírito livre da perturbação em que o lançam o remorso e as trevas resultantes da ignorância do seu estado, que são o verdadeiro inferno das almas.

---

sual, auditiva, intuitiva, da escrita automática, etc., são produzidos, quer por *encarnações parciais* do desencarnado, quer por simples *sugestão* dada ao médium em transe.

Finalmente, os movimentos da mesa com contacto explicam-se pela impulsão inconsciente do médium (às vezes sob a influência da sugestão dum desencarnado) ou dos próprios assistentes, ou ainda por materializações elementares; mais simplesmente, por influência de ordem magnética sôbre a mesa e proveniente das mãos dos mesmos assistentes. Talvez que, sob esta influência, a matéria vegetal que constitui a mesa seja momentâneamente assimilada pela acção do perispírito exteriorizado do médium.

PASCAL FORTHUNY

pelo Coronel Faure da Rosa

II

AS sessões que Pascal Forthuny efectuou no Instituto Metapsíquico Internacional de Paris, eram públicas. A assistência compunha-se, em grande parte, de amigos e pessoas de família de sócios do Instituto ou de assinantes da *Revue Metapsychique*, alguns dos quais se encontravam de passagem em Paris, na ocasião. Não se fazia contrôlo à entrada. Eram sessões de «porta aberta».

O Dr. Osty repetidas vezes procurava fazer compreender ao público que as sessões deviam ser consideradas mais um campo de estudo do que um espectáculo demonstrativo.

O número de assistentes variava de 40 a 200. Uma parte da assistência era quási permanente, quási sempre a mesma; a outra parte — aproximadamente cinqüenta por cento — era constituída por pessoas diferentes. Os melhores fenómenos produzidos por Forthuny referiram-se a pessoas que estavam de passagem em Paris e que pela primeira vez entraram no I. M. Internacional. Forthuny ignorava a existência destas criaturas, como elas — até àquêle momento — ignoravam a de Forthuny.

Forthuny só entrava na sala das sessões às 4 horas da tarde e imediatamente começava a trabalhar. Enquanto a sala se enchia, Forthuny conservava-se isolado, no andar de cima.

Uma vez diante do público, Forthuny percorre-o com um olhar circular. Intantes depois, os seus olhos fitam uma pessoa. Aproxima-se. Primeiro, diz uma inicial, que nada significa; em seguida um nome próprio, o nome dum lugar. «Henrique... ¿êste nome não lhe diz nada?» — «Henrique é o nome de meu irmão» — diz um dos assistentes».

Quási ao mesmo tempo, duas outras pessoas exclamam: «Eu chamo-me Henrique!»

— Vou começar pelo primeiro — repetia Forthuny — por aquêle senhor que diz ter um irmão chamado Henrique; depois me ocuparei dos outros senhores.

Nas primeiras sessões Forthuny acreditava-se inspirado pelos espíritos e dizia, «mostram-me», «dizem-me», atribuíndo assim a uma influência sôbre-humana os conhecimentos de que êle julgava incapaz o psiquismo do homem vivente na Terra.

Lógico com esta concepção, Forthuny procedia como se o espírito desencarnado — sabedor de tudo que respeita aos vivos — não pudesse encontrar vida individual inacessível ao seu conhecimento.

Pretendia conhecer tudo de todos.

É levar demasiadamente longe a concepção que quere admitir que todo o espírito desencarnado, mais ou menos evoluído, possui a omnisciência de Deus.

E como Forthuny falhasse diante duma e doutra pessoa — como não podia deixar de acontecer, porque tal omnisciência, repito, não existe nem pode existir senão em Deus — irritava-se e era cheio de frenesi que se esforçava por descobrir o que teimava em se manter oculto.

Afirma o Dr. Osty que fêz compreender a Forthuny que na metagnomia (conhecimento supranormal) de objectivo humano, a origem da inspiração está no psiquismo da pessoa em causa; que se trata duma colaboração intermental activa obedecendo a uma *física ainda desconhecida*, que tudo se passa como se tratasse de *detector* e *detectado* (prospector e prospectado), — necessidade de acôrdo vibratório; que para melhor rendimento da sua faculdade limitasse as suas experiências às pessoas em quem o fenómeno metagnómico se manifestasse em acto contínuo.

Esta hipótese metapsíquica pretende arredar a explicação espirita fundando-se na colaboração intermental activa que *obedece a uma física ainda desconhecida*. A hipótese espirita, evidentemente, não exclui a necessária *relação psíquica* das duas entidades, — o desencarnado e o médium que lhe serve de instrumento — sem a qual nenhuma revelação poderia fazer-se; e a acção *física ainda desconhecida* da hipótese metapsíquica, é o corpo físico do médium — da hipótese espirita — de que o desencarnado se utiliza.

* * *

Vou dar o extracto dos fenómenos que reputo dos mais interessantes desenrolados em algumas das sessões realizadas no Instituto Metapsíquico Internacional de Paris.

Na sessão de 2 de Dezembro de 1925, Forthuny aproxima-se dum dos assistentes e diz-lhe, à queima-roupa:

— O senhor deve rasgar a segunda metade dum trabalho do qual a primeira parte já lhe tinha parecido insuficiente.

«O verdadeiro perigo a recear, é avançar cada vez mais — apesar das aquisições quási positivas que mais o satisfazem que as especulações do passado. É avançar cada vez mais, dizia eu, para a psicologia da maior dúvida que poderia levá-lo, conseqüentemente, a reformar todos os sistemas em que o senhor se baseia e a renunciar inteiramente a tôdas as especulações do espírito».

O interpelado declara que, de facto, chegara a uma situação difícil; que aquilo que Forthuny lhe dissera se aplicava ao futuro e que era possível que viesse a acontecer. Realmente, fizera uma primeira parte que destruira e a outra que agora concluira talvez também a destruísse. Por outro lado, tinha-se empenhado em investigações psicológicas muito positivas, como êle Forthuny dissera, e, assim, chegara a uma vacuïdade que o conduzira à dúvida; mas agora, tendo transposto a dúvida, voltava a trabalhar no campo positivo.

Forthuny continuou:

— Tratava-se de arquivos religiosos, de explicação de textos bíblicos... ¿Não estudava êle Santo Agostinho? ¿Não se dava com dominicanos, com gente de sotaina? ¿Não teve um pugilato espiritual com um doutor da Igreja?

Tudo era exacto, confessou o interpelado.

— Um outro o preocupou — prossegue Forthuny —. Foi S. Paulo?

«Disseram-lhe assim: «O senhor quere fazer tocar um sino rachado e o sino caïrá a seus pés... Grande será o milagre se o sino o não esmagar».

Que lhe tinham dito uma coisa que se relacionava com o que Forthuny acabara de dizer,—declarou o cavalheiro visado; que êsse doutor da Igreja com quem tivera o pugilato espiritual era católico e êle espiritualista largo e não católico estreito. O doutor dissera-lhe: «Não será com o seu espiritualismo largo que o senhor resolverá o problema; o senhor tenta puxar um sino que pode cair-lhe na cabeça e matá-lo». Quanto a S. Paulo, que o lia muito, mas não fixava nomes de autores: era possível que tivesse utilizado alguma coisa de S. Paulo.

— Eis o que vejo, continuou Forthuny: apesar de afastado como está da sala do laboratório e da clínica, vejo-o aproximar-se de pessoas que vão ser operadas de doenças da cabeça e vejo-o trabalhar com clínicos.

O interpelado aceitou a vidência de Forthuny como premonição, embora o não fôsse completamente, porque êle ocupava-se de psicologia e esperava ir freqüentar um hospital onde se tratassem doenças da cabeça.

— O senhor há de ocupar-se das circunvoluções cerebrais — concluíu Forthuny; e de tôdas as coisas que biològicamente se relacionem com os seus estudos.

Sessão de 24 de Fevereiro de 1926 a que assistiram 90 pessoas.

Forthuny dá alguns passos na sala, no meio do público, pára diante duma dama que ali fôra pela primeira vez, e diz:

— ¿Se não sou indiscreto posso preguntar-lhe se, apenas *despida das faixas infantis*, como é costume dizer-se, sofreu uma grande exaltação de espírito?... Explico-me mal; não é uma doença a que eu me quero referir, mas a uma espécie de frenesi de ideal para servir a Humanidade. Se me permite, eu compará-la-ei — guardadas as devidas proporções — a Joana d'Arc. ¿Acredita que tem que cumpriu uma espécie de missão? ¿Não é verdade que se sente atacada por um delírio de generosidade para auxiliar um grande número de pessoas e particularmente algumas das quais a rodeavam e entre as quais encontrou a sua missão?»

A dama respondeu afirmativamente.

Depois da sessão, a Sr.ª Z... (inicial com que é designada a dama em questão), *contou ao Dr. Osty que era verdade ter ela sentido na mocidade um impulso de sacrifício e de dedicação que, então, tocava as raias do excesso. Essa espécie de «delírio de generosidade», como Forthuny lhe chamara, resolvera-a a ir para longe como irmã-missionária cuidar das criancinhas selvagens; tal resolução fôra, porém, alterada posteriormente e à última hora, por ter encontrado um outro objectivo de dedicação.*

Forthuny, prosseguindo na sua revelação, diz à Sr.ª Z:

— ¿Êsse sentimento não foi acompanhado dum sacrifício real, dum dos mais belos sa-

crifícios que se podem pedir ao coração feminino?

A dama respondeu afirmativamente.

— ¿Êsse sentimento de dedicação, ainda continua? — preguntou Forthuny.

— Moralmente, responde a Sr.ª Z...

— Sob formas evoluídas que o tempo modelou, prossegue Forthuny. Mas essa admirável chama, essa raríssima chama iluminará tôda a sua vida. ¿Não é verdade que tenho tôda a razão em pensar que no momento em que essa chama subiu às maiores alturas foi de grande utilidade? Por um lado, se permite que continuemos a falar em linguagem simbólica, essa chama destruíu o mal que teria causado estragos, e, por outro lado, iluminou duas almas que, sem a senhora, jàmais poderiam ver claro. ¿Não é isto verdade?

A Sr.ª Z... responde afirmativamente.

— Quem é Madalena? — interroga Forthuny.

A Sr.ª Z... em resposta diz que Madalena representava ligação com êsse idealismo, êsse espírito de sacrifício que sentia em si.

Nêste momento Forthuny volta-se para um cavalheiro assentado um pouco mais longe e diz-lhe: «¿O senhor está a falar espanhol, uma língua estrangeira?... ¿É português que fala? ¿É língua do Mediterrâneo?

O cavalheiro interpelado responde negativamente e Forthuny promete ir ter com êle mais tarde.

Voltando-se à Sr.ª Z..., Forthuny continua: «A letra R, minha senhora, é para si a inicial dum nome. Eu vou ajudá-la. Trata-se dum môrto, vai ver. Eu vejo-o; não queria abusar dêste símbolo, porque é uma prancha sôbre a qual se pode sempre caminhar com segurança. Contudo, eu vou dizer-lhe isto muito ràpidamente. ¿Conhece o final do *Crepúsculo dos Deuses* onde arde o corpo de Siegfried? Pois bem! naquêle que eu vejo morto, há qualquer coisa como que um heroísmo desconhecido da vida dêsse môrto».

Depois da Sr.ª Z... responder afirmativamente e ter declarado que o môrto referido por Forthuny fôra guerreiro, o clarividente continua:

— O nome de Siegfried acudiu-me como indicação primária para me denunciar o *guerreiro;* portanto, o meu símbolo corresponde à realidade. É muito curioso o paralelismo entre Siegfried e êsse homem. Vejo em volta dêle, da sua vida, tôda a casta de coisas muito wagnerianas, rivalidades de corações femininos que disputam o dêle; vejo-o com uma espécie de pureza de Parsifal manter um inalterável aprumo moral entre as donzelas-flores... Um belo carácter. Vejo nêle o «Sem-mêdo» de Siegfried e o cristal de Parsifal.

— Tudo isso corresponde exactamente à verdade, concluíu a dama.

Terminada a sessão, a S.ª Z... mostrou ao Dr. Osty o retrato do filho morto durante a Grande Guerra, belo rosto de jovem deus, e disse-lhe: «Meu filho, durante a guerra, foi um modesto oficial de artilharia do exército italiano. Tinha o sentimento do dever e do sacrifício elevado ao mais alto grau. Cavalheiresco e duma grande nobreza de carácter, a sua beleza física e a sua beleza moral, deixaram em mais dum coração feminino um ideal e uma puríssima recordação. Falando dêle, dizia uma donzela: «Êle tinha o que quer que fôsse de divino». Uma outra jovem senhora comparava-o a um moço deus romano. Outras mulheres, em plena juventude, achavam que havia no seu rosto uma irradiação sobrenatural. Meu filho passou intacto através de tôdas as homenagens femininas».

Forthuny procurou, em seguida, cinco filas adiante da cadeira da Sr.ª Z., o cavalheiro a quem preguntara — interrompendo a comunicação que estava fazendo à Sr.ª Z... como já referi — se estava falando espanhol, português ou outra língua estrangeira.

O cavalheiro interpelado respondera negativamente. Forthuny, agora, junto dêsse senhor, diz-lhe:

— Tem graça! Como me preocupa a idéia de que o senhor fala uma língua da bacia mediterrânica, mas não posso distinguir se fala inglês, grego ou outra língua. Tenho que escolher entre o espanhol, o português e o italiano para lhe falar de factos que os interessa a ambos (Forthuny dirigira-se igualmente ao vizinho do primeiro cavalheiro com quem conversara). Os senhores são bem solidários. Devo, porém advirtir um dos dois que se se imagina ligado a qualquer coisa aqui em Paris, está enganado. Eu vejo-o agarrado como que por mão violenta que o leva, que o faz viajar, de tôdas as maneiras, por todos os sítios, que não o deixa fixar residência, que o obriga constantemente a deslocar-se. ¿Que vida é essa? ¿Que profissão pode obrigar a semelhante existência? ¿Os senhores não tinham em Paris uma vida muito sedentária? Vejo-os, a ambos, partir de repente: tomam um combóio, um

Um alvitre interessante

CERTO confrade cujo nome não vem ao caso, escreve-nos extensa carta, acompanhada de fundos destinados a proporcionar assinaturas gratuitas a Salas de Leitura de várias associações e pedindo que aproveitemos o alvitre, chamando a atenção de todos os espiritas sinceros no sentido de financiarem outras assinaturas do mesmo género.

Já não é a primeira vez que recebemos sugestões nêste sentido, mas ainda nenhum correspondente aliara os actos às palavras, como agora sucedeu, e por isso nunca trouxemos o assunto a estas colunas.

Há, realmente, grande vantagem na prática desta idéia, visto que às salas de leitura das associações de classe aflui muita gente, em busca de conhecimentos e confôrto espiritual.

Sabemos de confrades que estão em condições de proporcionar assinaturas de Estudos Psíquicos *a pessoas ou colectividades, que muito viriam a beneficiar com a sua leitura. ¿Porque não empreendem essa obra de vulgarização, auxiliando, ao mesmo tempo, o esfôrço hercúleo desta revista?*

Vamos transcrever alguns parágrafos dessa carta oportuna, os quais talvez ecôem no espírito de alguns leitores:

«Os homens querem luz e verdade e só os ideais espiritualistas lhas podem dar. Temos, assim, o dever de procurar difundir por tôdas as formas êsses ideais.

«É pena que ao lado da Revista não haja um jornal quinzenal ou mesmo mensal com matérias mais acessíveis à maioria das pessoas e que fôsse largamente difundido por diversas agremiações do país, levando assim conhecimentos novos a milhares de pessoas, que automàticamente levariam outras pessoas ao conhecimento das idéias por que lutamos.

«Estou certo de que o dinamismo e o intenso desejo de servir o plano de evolução espiritual do homem levarão um dia o caro confrade a editar novamente um jornal no género do Mensageiro Espirita, *que destine parte da sua tiragem à distribuïção gratuita por aquelas instituïções e agremiações do país, em que tal difusão seja proveitosa.*

«Se conseguíssemos difundir assim a doutrina, tenho a impressão de que os espiritistas nasceriam em tôda a parte como cogumelos em tôrno dos núcleos orgânicos, que lhes fornecem alimento, pois tenho verificado em grande parte da nossa juventude e até em apreciável número de pessoas mais idosas um desejo indefinível de conhecer idéias que lhes rasguem novos horizontes.

«Num futuro próximo, logo que tenha possibilidades pecuniárias, tenciono pedir ao amigo que envie alguns livros às bibliotecas de certas agremiações. Começaremos por romances espiritualistas, afim de os levar à leitura da nossa filosofia. Se me puder ajudar com qualquer sugestão, muito prazer terei em estudá-la».

Aí ficam algumas idéias úteis à Causa Espirita. Aquêles que as puderem materializar, que o façam imediatamente, como nós temos feito, distribuindo milhares de exemplares por associações de classe, grémios, sindicatos e tôdas as autoridades do país. Mas as nossas possibilidades são diminutas visto que esta revista só consegue manter-se à custa de trabalho árduo e de auxílios que mãos amigas nos têm dispensado generosamente.

Se a união faz a fôrça, sejamos unidos, vibrando no mesmo objectivo a atingir, canalizando as energias para a divulgação da doutrina.

A época é propícia à difusão da Verdade Espirita, como há pouco declarou Adrian Conan Doyle. A guerra mundial alanceou muitas almas que procuram meios de consolação que as doutrinas materialistas não podem dar. Há milhões de famílias nestas circunstâncias. Portanto, seria conveniente meter ombros a esta emprêsa. Financiem assinaturas aquêles que as podem financiar, *certos de servirem ùtilmente a propaganda do Espiritismo!*

---

barco; vão assinar qualquer coisa, pegam num papel... Não sei o que é.

O cavalheiro primeiramente designado por Forthuny, declarou que era exacto o que Forthuny dissera àcêrca dos dois, dêle e do vizinho.

Depois da sessão, Poznansky, artista-pintor, declarou que o seu vizinho e amigo N... era italiano e que ambos êles tinham aquela vida de judeus errantes, indicada por Forthuny, andando um pouco por tôda a parte e sendo naturalmente obrigados a assinar os respectivos passaportes.

DRAMÁTICA CONVERSÃO AO ESPIRITISMO

O advogado brasileiro Joaquim Possidónio estudou biologia para contestar o Espiritismo. Diante de um fenómeno evidente, aceita a sobrevivência da alma e a comunicação dos Espíritos com o mundo físico

HÁ cêrca de dois anos, *A Noticia*, do Rio de Janeiro, publicou uma «entrevista» impressionante com o Dr. Joaquim Possidónio, advogado na mesma cidade, àcêrca do singular fenómeno ocorrido na sua residência e que deu origem ao suïcídio de sua espôsa Nadir Mafra, de 20 anos.

Segundo *Mundo Espirita*, que nos serve de elemento para a coordenação destas linhas, o Dr. Possidónio é homem culto, de convicções filosóficas bem fundamentadas. Positivista ardorosissimo, a sua cultura filosófica estava consolidada. A surpresa do fenómeno sucedido com a sua companheira, a quem votava profunda afeição, veio, porém, modificar a opinião do estudioso advogado, a respeito da alma e doutros problemas subjectivos.

Vamos transcrever a «entrevista»:

«Terça-feira, 9 de Julho (1941),—começa o Dr. Possidónio — lia eu os jornais vespertinos e Nadir repousava numa poltrona, quando, de repente, pronunciou as seguintes palavras, elevando o busto:

— Não, não quero suïcidar-me.

Dirigi-me a ela e interroguei-a. Voltando ao estado normal, preguntou-me porque não prosseguira eu na leitura dos jornais. Estranhei profundamente o facto, mas a noite decorreu tranqüila.

No dia seguinte, o fenómeno repetiu-se. Presumindo tratar-se de fenómenos espiritas, exprobei asperamente a personagem para que deixasse em paz a criatura. Ao sair daquêle entorpecimento, disse-me ela que sentia os pulsos, como se cortados à navalha.

Acautelando-me, coloquei a minha navalha de barba atrás duns volumes, na última prateleira da estante de livros. E para maior prudência, travei as portas corrediças. ¿Qual não foi, porém, a minha surpresa, quando ao voltar para o almôço, a nossa empregada me explicou que Nadir, actuada pelo mesmo fenómeno, se dirigira para a estante, monologando:

— Eu não sei onde está. Onde? Onde?

E forçando as portas, conseguiu abri-las.

A criada correu para ela, encontrando-lhe nas mãos um estôjo semelhante ao da navalha, que continha um compasso meu, também ali guardado.

Nesse mesmo dia, resolvi retirar a navalha para o escritório dum amigo.

Êsses fenómenos também se davam na minha ausência e na presença da empregada. E nós ambos, eu e a empregada, conseguiamos fazê-la voltar ao estado normal, por meio de rezas: o *Padre-Nosso*, a *Avé-Maria* e o *Credo*, que fui obrigado a recordar, pois nunca rezei, tendo aprendido aquelas orações na História Sacra, quando estudava latim.

E o narrador continua:

— Após o almôço, assisti ao seguinte monólogo:

— Não me leve, não! Eu não quero morrer. Ainda é tão cêdo! Eu tenho só vinte anos. Mais tarde eu vou... Sou tão feliz! Nada me falta... Tenho tudo.

Prosseguindo, estendeu os braços, exclamando:

— Eu tenho dois braços!

Nêsse momento, levantou-se e dirigiu-se para uma pequena área, tentando galgar um tanquezinho do aposento, como se quizesse projectar-se no espaço.

Eu, que a tudo assistia com a empregada, avancei para ela e sustive-a nos braços, gritando:

— Bandido! Larga esta menina! Ela precisa de viver!

Voltando ao estado normal, depois de pronunciarmos as rezas, ficava admirada da nossa presença ao seu lado, manifestando inteiro desconhecimento dos factos passados.

Outra vez, disse-me ela, actuada, que estava cansada de ter ido à Tijuca e ao cemi-

tério, acrescentando que fôra a pé, porque o trânsito estava interrompido.

Procurei um amigo entendido nestas coisas e contei-lhe o facto, muito em reserva, prontificando-se êle a prestar-me o auxílio conveniente. Combinámos levá-la à residência dêle, na noite de sexta-feira, dia 11 de Julho. À tardinha, em minha casa, convidei-a a sair. Embora com relutância, aquiesceu. Tomámos um taxi, ela, eu e a empregada, bem como uma nossa amiga, que seguia à frente, junto ao motorista. No meio do caminho, quando chegámos perto de S. Cristóvão, disse ela, sob a acção do fenómeno e completamente transfigurada:

— Vocês levam-me à casa dêsse senhor, mas eu não posso lá entrar.

Insisti na necessidade de lá ir e retrucou-me:

— Ela não entra, vocês matam minha filha.

Respondi-lhe com energia:

— Mas todos nós somos amigos de sua filha e queremos salvá-la. ¿Porque não a deixa você sossegada?

— Prometo deixá-la, se me levarem à Tijuca.

— Motorista — disse eu — siga para a Tijuca.

Acalmou-se um pouco. Então, preguntei-lhe:

— Mas a Tijuca é grande. Aonde vamos?

Respondeu: à rua tal, número tantos.

Deixo de relatar os factos que se desenrolaram, por me terem sido indicados nomes de pessoas e residências de que devo guardar segrêdo, não podendo divulgá-los em público, só os revelando a pessoas que me provarem ter absoluto interêsse científico de conhecer tais fenómenos e possuir incontestável idoneidade.

Nessa noite de sexta-feira voltámos para casa. Ela vinha completamente restabelecida, ignorando por completo os acontecimentos.

E o Dr. Possidónio continua a interessante narração dos factos:

Sábado à tarde, vendo que nada mais se apresentava de anormal, fui buscar a minha navalha de barba e pu-la cuidadosamente no bôlso interior do casaco, que dependurei no guarda-fato, fechando-o à chave, como habitualmente fazia.

Domingo à tarde, apresentou-se outra vez o fenómeno. Preguntei o que desejava e afastou-se delicadamente, cêrca de 50 centímetros, dizendo:

— ¿Porque guardou você a navalha no guarda-vestidos?

Respondi-lhe:

— Tenho receio de que a môça se suïcide... Não há mais perigo?

Não obtive resposta.

Reputo êsse facto importantíssimo, pois ninguém sabia, nem da anterior retirada da navalha da minha residência, nem tampouco da sua volta e do local onde eu a guardara.

Mudei de residência, indo para um aposento mais amplo, na esperança de que tais fenómenos acabassem.

«Eu não quero ir...»

Continuamos a ouvir o Dr. Possidónio, que nos conta:

— Domingo último, manifestou-se novamente o fenómeno; pouco depois, ela dizia que estava cega e que não queria ficar cega. Conduzi-a, então, para o seu quarto. Sentou-se no chão e começou a monologar:

— Eu não quero ir. Deixe-me viver mais um pouco... Depois, vou...

E após uma pausa, exclamou de repente:

— Juro que vou!

Voltando ao estado normal, preguntou-nos o que fazíamos todos ali de cócoras, a seu lado. Tentámos explicações. Geralmente, revoltava-se, quando eu me referia àquêles acontecimentos, razão porque nunca pude levá-la a nenhum centro espirita, nem consultei nenhum médico, temendo que me aconselhasse a interná-la numa Casa de Saúde, a mim, que considerava momentâneos tais fenómenos.

O suicídio

Segunda-feira de manhã, a nossa empregada telefonou-me, dizendo-me que a patrôa trouxera da rua um vidro de remédio e o ocultara no guarda-vestidos. Dirigi-me imediatamente para casa e insisti com ela para abrir o seu armário, o que não consegui, obtendo, depois de muitas súplicas, a explicação de que adquirira um antisséptico.

À noite, ao deitar-me, pedi-lhe a chave do guarda-vestidos, sob pena de eu e a criada permanecermos em vigília. Entregou-me então a chave, que guardei em lugar seguro.

Meia hora depois da meia noite, acordei, encontrando-a ao lado da cama, arquejante e a chamar por mim. Compreendi a situação.

Mas era tarde. Apesar de todos os socorros, morreu.

Conclusões a que chegou, depois do facto

Antes de deixar a nossa redacção, quisemos saber do Dr. Joaquim Possidónio quais as conclusões a que havia chegado.

— Então, doutor — avançámos esta pregunta para remate da importante «entrevista» — ¿o problema da alma não lhe causará daqui por diante dúvida alguma?

— Antes de tudo — respondeu prontamente o gentil «entrevistado» — antes de tudo e em virtude da minha formação filosófica, devo ser amigo da verdade.

Esta resposta categórica teve logo por complemento outra declaração concisa. E assim, justificando o princípio que lhe ensinou a amar a verdade, acima de tôdas as conveniências, o Dr. Possidónio afirmou textualmente:

— A alma existe e manifesta-se nas pessoas, independente da vontade delas.

Finalmente, no momento em que se despedia, concluiu desta maneira, corroborando as suas novas convicções:

— Posso fazer essa afirmação, porque conheço tôda a obra filosófica de Augusto Comte e os comentadores dos filósofos que o antecederam e lhe sucederam. Tenho estudos feitos sôbre a fisiologia cerebral e as funções do cérebro, bem como sôbre os fenómenos de alucinação, hipnotismo, histerismo, sono, sonho e sonambulismo. Conheço as experiências de Charcot no Salpetrière e da escola de Nancy; nenhum dêles equivale aos por mim observados em Nadir. Portanto, não é certeza, mas absoluta convicção que me leva a essa afirmativa pelos factos vividos na pessoa da minha companheira, que contava 20 anos de idade, transcorrendo a nossa vida tranqüila e feliz. Ela era, naquela idade, uma das môças que mais custosas jóias possuía e *toilettes* luxuosas. Entretanto, nada disso conseguiu prendê-la ao mundo.

E *Mundo Espirita* conclui:

— Aí têm os nossos leitores um facto perfeitamente confirmado e um testemunho espontâneo, mostrando à luz de tôdas as provas que os espíritos se comunicam com o mundo físico e, mais ainda, influenciam as pessoas, levando-as, conforme o seu grau de evolução, ao abismo, como no caso aqui relatado, e ao bom caminho, por meio de conselhos, intuições e outras formas de assistência.

Tive um sonho verídico

por Bartolomeu Bana Martins
Tenente farmacêutico

Estávamos em Aviz havia pouco tempo, quando um lavrador amigo nos ofereceu oito lindos peixes dum dos lagos das suas hortas. Encantado com tão belos exemplares, meti-os no único aquário que possuíamos, muito pequeno para os pobres animais que, uns após outros, foram sucumbindo, por falta de espaço ou por qualquer outro motivo que desconhecíamos.

Com tristeza íamos retirando os cadáveres para que não prejudicássem os sobreviventes, sempre na esperança de que o morticínio não fôsse até ao fim.

Certa manhã, ao despertar, recordava-me com bastante clareza de todos os pormenores dum sonho que tivera. Ainda na cama, descrevi-o a minha mulher: — tinha visto, com uma nitidez tão real como se estivesse acordado, sôbre a meza da casa de jantar, o nosso aquário de vidro, onde ainda nos restavam dois peixes, completamente diferentes um do outro. Um dêles, o que tinha uma faixa negra a todo o comprimento do lombo, estava morto. Tinha o dorso virado para baixo, o ventre prateado aflorando à superfície da água, o corpo inclinado cêrca de quarenta e cinco graus com parte da cabeça de fora e a cauda virada para o fundo. O outro peixe, mais claro, estava vivo, mas quási imóvel, como que invadido de melancolia ou debilitamento, talvez que as duas coisas.

Nenhum de nós deu importância ao sonho, pois ainda na véspera à noite tínhamos visto os dois peixes com bom aspecto, e o espaço vital de que agora dispunham parecia já ser suficiente para ambos.

Conversámos depois sôbre vários assuntos. Levantei-me, preparei-me para sair e, uma vez pronto, já sem me lembrar do sonho, passei pela casa de jantar e casualmente olhei para o aquário. Fiquei verdadeiramente surpreendido e, excitado, gritei pela minha mulher:

— «Gertrudes! Anda cá depressa! Anda cá ver!»...

E minha mulher pôde observar, admiradíssima, o que eu vira em sonho e lhe contara ainda não havia meia hora, pois, sem falhar qualquer minúcia, lá estava tudo o que eu lhe havia descrito.

Eu tenho amigos no mundo dos espíritos que são sombras dum país quimérico. Êles comungam em pensamentos que respondem aos meus.

Whittier

O Espiritualismo na antiguidade

por Alvaro Ramos Pereira

I

HÁ muitos milhares de anos, quando a Terra estremecia nos pródromos da maturidade física, quando animais monstruosos se degladiavam na luta pela vida, quando um mar embravecido rugia contra as rochas duras das falésias altaneiras, quando árvores enormes cobriam os continentes recém-chegados, o primeiro homem, pletórico de fôrça, soltava o seu grito de vitória que os ecos repetiam nos vales e nas grutas.

«Aparecendo numa época em que a temperatura era dôce, levava vida errante, descançando das fadigas, esperando e sofrendo a noite ao ar livre junto dos rios e correntes de água, inteiramente nu, vendo-se forçado a trepar às árvores com o fim de se defender com a sua prole do ataque de animais perigosos, como o urso, o lôbo, a hiena, etc., o *homem de Neanderthal* tinha uma organização acomodada a êste exercício, era um animal trepador, formando pela necessidade de viver em reünião e pelo instinto de sociabilidade, grupos ou pequenas famílias com quem se entendia numa linguagem articulada rudimentar, vivendo da caça e da pesca, perseguindo e matando com uma fôrça prodigiosa, fisionomia bestial e grosseira, os mamíferos gigantes, não tendo ainda lugar designado para a sepultura dos seus» [Pereira de Almeida].

Mas um dia houve em que do norte começaram a soprar ventos gélidos, em que as neves caíram abundantes, em que do cume elevado das montanhas escorreram lenta, mas firmemente, os glaciares. Acossado, refugiou-se nas grutas, cobriu-se de peles de animais, tornou-se um sedentário. Enérgico, corajoso. inteligente, digamos mesmo, o homem de *Cra-Magnon* lança um primeiro olhar à Natureza e nas longas noites de luar, aprende a pensar, como começara a copiar as cenas simples da sua vida na superfície dura das rochas. Êle conhece o fôgo, trabalha o silex, aprisiona talvez os primeiros animais para domesticar.

Pela vez primeira, talvez se começasse a sentir pequeno ante o dilatado horizonte, a fúria das águas, a algidez das neves, o fragor das tempestades. Êle, que destemidamente afrontava o urso ou o auvoch, tremia ante o desencadear das fôrças naturais.

¿A que atribuir tais fenómenos? O homem tinha de o explicar ou viveria sempre infeliz. E assim foi surgindo a primeira religião, produto do meio e das aspirações confusas das almas primitivas, uma religião natural, uma religião que era uma mitologia. Os homens (¿aras de sacrifício ou túmulos?) são a afirmação do nascer do espiritualismo humano. Se os selvagens actuais fôrem considerados como os restos de raças pre-históricas, nós veremos a marcha progressiva dêsse espiritualismo. Em todos êles se notam as mitologias naturais de que a totémica é uma máscara e a helénica a forma mais pura. Alguns museus guardam a recordação de que num passado longínquo até êles desceu um ser maravilhoso, cheio de sabedoria e bondade que lhes ensinou um mundo de coisas úteis, que os auxiliou em períodos angustiosos. A lenda apoderou-se, no correr das gerações, dêsses seres, elevou-os, divinificou-os, aparecendo hoje quási como meras fantasias de mentes tacanhas.

A princípio, a imagem não existia e só mais tarde ela surgiu como o resultado das necessidade de adorar a representação palpável do ente invisível. Eis a origem do tótem.

Assim, entre os tupis, indígenas do Brasil, não se conheciam ídolos. Reconheciam um Ser superior, Tupã, que se revelava no raio e no trovão, que estava bem acima dos génios bons ou maus das florestas e dos rios. É interessante notar como os tupis julgavam que êsses génios podiam tomar formas de animais. ¿Não será isto um vislumbre de metempsicose? Considerando-se descendente de Tupã, imaginava-se combatido por Anhanga, o fantasma que habitava as trevas, cujas obras eram as doenças e as misérias humanas. «A essa reli-

gião simples e sem aparato, como devia ser uma religião das florestas, professada por povos caçadores e guerreiros, coroava a crença profunda e inalterável da imortalidade da alma, revelada pela veneração às cinzas dos mortos e pelas cerimónias de inumação» (José de Alencar). E tinham mesmo como possível a comunicação entre êste e o mundo onde viviam os guerreiros mortos em combate; o medianeiro era o gainumbi, o colibri (cf. Santa Rita Durão in «Caramuru»).

Entre os indígenas de Timor verificamos, em rudimento, aquilo que deparávamos nas regiões mais perfeitas: — a par dum totemismo, duma mitologia, uma crença superior. «O tótem é uma classe de objectos materiais que o selvagem olha com respeito supersticioso, crendo que existe entre êle e cada membro desta classe uma relação íntima e muito especial. As relações entre um homem e o seu tótem tem um carácter de utilidade recíproca» (J. G. Frazer). O timor chama-lhe faluno ou lólic e o seu número e variedade são surpreendentes: — objectos (espadas, azagaias, rodelas de ouro), animais, (jacarés, enguias, cobras negras), plantas, rochas, fontes, etc. São como que os anjos tutelares do timor e êste, preocupado com o que se passa à flor da terra, não edificou uma mitologia nem uma metafísica. Êle sabe que acima de tudo está Uru-Uato (ou Marómac), está Deus, mas não o invoca, não o nomeia, porque... teme. Abaixo d'Êle vem apenas Lela-Dara, a estrêla de alva, e Lequi Luro, a mais viva de Orion, mas «o conceito que fazem dessas divindades, os atributos e a missão que lhes conferem, continua a ser um mistério que nenhum timorense, por mais civilizado e cristão que se julgue, se atreverá a violar» (A. Pinto Correia).

Os falunos e as almas dos mortos são o que mais lhes interessa. Quando desencarnam, as almas boas vão para os lugares sagrados de afabuhobere, ou Dacibuináa ou Uásica, onde alguns julgam, por vezes, ouvir o sussurro das suas palavras; os maus passam a viver nos corpos dos porcos bravos ou dos veados. Temem êsses fantasmas pelo seu poder e quando imaginam ter ofendido a sua memória, recorrem ao «liürai mossa», o curandeiro inspirado. Êle interpreta os sonhos, adivinha, nas entranhas dos animais lê a causa das doenças, cura com remédios estranhos, é um vidente; no fundo, um nevrópata. Herdou os conhecimentos e a neurose dos seus maiores; é, digamos, o yoghi dos timores. Com um cerimonial estranho, numa excitação nervosa terrível, o «liürai» invoca os espíritos, quando a sua ciência já não resolve as causas duma doença. Depois, de olhos esbugalhados, suado, tremendo de febre, o «liürai» coloca as mãos no enfêrmo, ordenando: — «Sissiri, hau étemi!» (Doente, ergue-te!). E muitos se levantam e... se curam.

Embora, ocidentalmente, juguemos isto simples farsa, encenação de charlatães, ¿porque não ver sob o véu um pouco de verdade? Despojemos tudo isto da crendice, do fanatismo, da fantasia que aquelas mentes tacanhas bordaram, e fica-nos... a crença em Deus, na imortalidade da alma, na metempsicose e nas comunicações com o além-túmulo. E os timores não conhecem a ciência, a filosofia, nem as polémicas árduas em que se debatem os metafísicos.

¿Não será isto os restos do primeiro cintilar da Luz que atravessou os séculos? ¿Que caminho seguiu Ela até se erguer num jacto fulgurante no país de Khemi, no estreito vale do Nilo, no misterioso Egito? É bem possível que a sua origem fôsse a Atlântida, o continente afundado em eras recuadíssimas (cf. Lépplongeon, H. Saville, Roisel, d'Arbois de Jubainville), que a «raça vermelha» se tivesse deslocado para oriente, para o Nilo e numa outra corrente ocidental, para o Yucatan, dando nascimento às civilizações afins dos egípcios e dos maiatos. É possível, é viável, mas nem assim estaria resolvido o problema. ¿Como nasceu a Luz na Atlântida? Mistério insondável e de que só uma poderosa fantasia poderá formular uma imagem, uma hipótese.

A luz surdiu em Khemi; eis um facto. E enquanto o povo se curvava ante as imagens dos deuses, numa religião idólatra, os sacerdotes, os hierofantes, no silêncio inviolável do templo, aprofundavam os mistérios da natureza humana a par duma religião popular, de tendência monoteísta, um pouco totémica, com uma mitologia complicada, antropomorfa, com uma crença na imortalidade e um culto dos mortos; uma metafísica profunda, uma ciência oculta, estudada e transmitida aos adeptos após provas extenuantes. «O culto popular de Isis e Osiris não era mais que uma miragem brilhante oferecida à multidão. Sob

O Espiritismo revelador da verdade

(No Amor, na Arte, na Ciência e na Filosofia)

por Haydi de Tebelen

V

NO decorrer dos séculos, ao lado da ciência, evoluem as idéias de bondade e caridade, das quais nasceram escolas filosóficas notáveis.

Nos Hebreus a metafísica caracteriza-se não pelo princípio da substância universal, mas individual; o indivíduo é um poder livre criado por Deus, que lhe concede o livre-arbítrio.

O sábio e antiquíssimo preceito — «Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti» — torna-se um dos pilares sôbre o qual assenta a escola dos hebreus que tanta luz derrama no mundo, com as da Judeia, pela voz dum dos seus mais notáveis moralistas como Hilel — o Antigo.

Criaram as seitas dos Essénios e Teurapeutas donde saíram muitos sábios, e onde a nossa doutrina era também praticada.

— Na Iónia, os filósofos procuravam o princípio das cousas determinadas ou finitas. O célebre Thalés, fundando a sua escola em Mileto, foi o primeiro a estabelecer o princípio da substância universal — a água e o ar. Foi esta a primeira escola naturalista, 600 anos antes da era vulgar.

Seguem-se outros filósofos entre os quais Heráclito, que apresentou um dos maiores sistemas de metafísica (800 anos A. C.) que subsiste ainda hoje. Depois do estudo da matéria, Heráclito deu-nos uma filosofia baseada nestes dois pontos capitais para a futura filosofia: a instabilidade eterna, e a estabilidade desta instabilidade.

Surge depois o grande Sócrates e a escola idealista de Pitágoras. Em seguida *Platão* funda a sua escola espiritualista baseada nestes três princípios:

1.º — A alma, princípio do pensamento, é imortal na sua razão.

2.º — A alma, princípio de movimento, é imortal na sua actividade.

3.º — A alma, princípio da virtude, é imortal na sua sensibilidade.

Depois Aristóteles afirma os princípios da existência como matéria-forma, suas causas eficientes e causas finais, estabelecendo que Deus era o primeiro motor.

Aristóteles fundou a sua escola em Atenas no ano de 334 A. C.

As obras dêste sábio são uma verdadeira enciclopédia do século IV antes da nossa era. Escreveu sôbre a matemática, a lógica, a poesia, a psicologia e as ciências naturais em que foi verdadeiramente superior. Aristóteles foi o iniciador da anatomia e física comparadas.

Segundo Platão é o universo que constitui o sêr; Aristóteles afirma que o verdadeiro sêr não é nada universal.

Na douta Alexandria disputaram-se duas esco-

---

a pompa dos espectáculos e das cerimónias públicas, escondia-se o verdadeiro ensino, dado nos pequenos e grandes mistérios» (L. Dinis). A grande base eram os ensinos de Hermes de que os 42 livros sagrados dos egípcios, citados por Clemente de Alexandria, não eram senão uma parte. (Cf. Blavatsky in «The Secret Doctrine»).

A imortalidade da alma e a reencarnação eram pontos indebatidos da metafísica hermética: — «Eu sou a tua mão invisível, eu sou a tua alma divina e êste é o livro da tua vida. Êle encerra as páginas cheias das tuas existências passadas e as páginas brancas das tuas vidas futuras».

O grande Mistério era a visão de Hermes: — na inteligência divina, no seu pensamento tudo se contem em potência, nada há que nêle não esteja; o cativeiro na carne e a redenção no espírito são os dois polos da vida humana. Com a encarnação, esquecidos da sua origem celeste, as almas «precipitam-se como uma chuva de fôgo, com estremecimentos de voluptuosidade, através das regiões do Sofrimento, do Amor e da Morte». Os maus encadeiam-se aos mundos de matéria no ciclo das encarnações. Os bons, libertos por uma vida pura e virtuosa, sobem, irradiando a luz que provém do revérbero do foco divino no espêlho das suas almas (cf. «Pimander» o mais autêntico dos livros de Hermes Trimegista).

las, dizendo ambas ser verdadeira a sua filosofia e a sua ciência.

A escola alexandrina (árabes e judeus) afirma o princípio de Deus supremo; a escola grega recusa receber de Deus o que convém seja pertença exclusiva do homem como ser inteligente.

Contudo, se, para Alexandria, Deus é a relatividade absoluta, Atenas encima o templo de Delfos com a célebre legenda: — «Conhece-te a ti mesmo» — Conhecer-se a si próprio equivale a encontrar Deus em si.

* * *

A filosofia espirita, tão velha como a humanidade, com ela evolui através de muitos filósofos, nas numerosas escolas das várias raças, como temos visto, nêste pequeno estudo.

É assim que, desde milhares de séculos o homem vem lutando em busca da Verdade Eterna.

Depois de Buda, Confúcio, Krisna, Zoroastro, Orfeu, Hermes Trimegista, aparece o iluminado Jesus de Nazaré, trazendo a nova filosofia que liga o Oriente ao Ocidente.

Nesta época o mundo debate-se numa luta tremenda na ânsia de conhecer a verdadeira essência de Deus, o valor do homem como ser pensante, e as leis da natureza.

Jesus de Nazaré ensina a doutrina do *amor de Deus, e do amor de Deus por todos os homens.* Assim iniciou a filosofia cristã dentro da qual está o neo-espiritualismo.

Êste princípio sublime explicou à humanidade: Deus como Bem Supremo; Deus como razão Suprema, e *Deus Espírito Supremo.*

Jesus foi o maior filósofo e o mais perfeito reformador que até hoje apareceu na terra. Por isso a sua santa doutrina começa apenas a ser compreendida e praticada decorridos vinte séculos.

A grandeza desta filosofia — que muito tempo depois do Mestre Divino ficou conhecida por cristianismo — só agora é sentida e desejada pela humanidade, para a qual, à semelhança do Mestre, nós trabalhamos, para que ela seja aceite por todos os homens.

Jesus não deixou obras escritas, mas a sua palavra, reflexo divino, preparou-nos filósofos, discípulos e continuadores dos seus admiráveis ensinamentos, que chegaram até nós; através da Bíblia, de Platão, de Porfírio, de Filon, de Jâmblico, de Justino e Tertuliano; de Clemente de Alexandria, de Orígenes, Gregório de Nizâncio, Atanásio, Dionísio Aeropagita, S.to Anselmo, S.to Agostinho e outros.

Entretanto os ensinamentos da Índia, Pérsia e Egito continuam secretos e sòmente acessíveis aos raros escolhidos.

Atenas aceita finalmente a teoria de Proclus sôbre a divindade, isto é, Deus omnipotente, expressão da filosofia cristã.

* * *

Após a queda do império romano a ciência no início da Idade-Média é cultivada e divulgada no ocidente pelos árabes e pelos judeus. Mas na Idade-Média cristã a ciência e a religião entram em luta. Os sacerdotes até aqui, são os únicos detentores da ciência, e opõem-se à expansão desta no domínio da filosofia. A cisão dá-se fatalmente provocada pela evolução, e principalmente porque os árabes, tendo traduzido para o grego as obras de Aristóteles, fizeram conhecer aos povos ocidentais a sua teoria realista — a unidade do pensamento com o ser. Encontrou ela grandes adeptos como S.to Anselmo, S.to Agostinho, já citados, e Abeillard, o que o leva a afirmar que: — *o universo não existe antes nem depois das cousas, mas nas próprias cousas ou sêres.*

As obras de Aristóteles e Abeillard foram condenadas pela igreja e perseguidos os discípulos dêste arrojado filósofo.

Esta época caracteriza-se pela falta de método e de ciência.

Oriente e Ocidente, dois aspectos da Idade Média.

Mohamed o Profeta, funda o Islam que floresce no maior esplendor pelo cuidado que lhe mereceram a arte e a ciência, o que levou êste grande reformador a dizer que: — «A tinta do erudito tem mais valor do que o sangue dos mártires».

A influência árabe foi notável nesta época de obscurantismo, e a civilização cristã muito deve aos muçulmanos, porque aonde conquistavam fundavam escolas que ficaram célebres como as do Cairo, Bagdad, Bassaurá, Bucará, Kufá, Córdova, Granada, Toledo, Valência, Múrcia, Almeria, Karuão, Fez, etc.

Árabes notáveis aos quais se juntaram os Judeus-Letrados, iluminaram a sua época, com o seu saber divulgando a ciência dos grandes mestres antigos.

Entre a escolástica muçulmana do nono e décimo séculos, contavam-se El-Kendi, El-Farabi, El-Gazali, Ibn-Sina, Ibn-Badja, Ibn-Tofail, Ibn-Roschd, etc.; e nos sábios judeus: Ibn-Gebirol, Maimonide, Lévi-ben-Gerson, de Bagnol, Moisés-ben-Josué de Marbonne, e muitos outros.

As universidades árabes atingiram o apogeu da época, devido à filosofia muçulmana em especial e aos princípios de Aristóteles.

Alunos inteligentes dos Gregos, dos Sírios, Persas, Índios e Egípcios, os árabes traduziram e adoptaram as ciências já esquecidas, dêstes povos.

A Andaluzia torna-se um grande centro universitário, em cujas fontes vem beber a Europa cristã. Os grandes mestres muçulmanos ensinam tôdas as ciências conhecidas da época, traduzem os velhos livros sagrados dos hindus, e inventam.

Salomon Siczu disse: «Os Muçulmanos inventam. ¿E que não inventam êles?

«Continuam o estudo das matemáticas dos Hindus e dos Gregos; descobrem as equações do segundo grau, depois o quadrático, o teorema do binómio; aplicam em trigonometria o seno e o coseno; descobrem ou inventam a trigonometria esférica; fabricam o primeiro telescópio; estudam as estrêlas, com um ou dois graus de diferença, calculam as dimensões da terra pelas medidas tomadas nas margens do Mar Vermelho. ¿Que são pois êsses que crescem no Islam? Fundam uma nova arquitectura, descobrem uma nova música, ensinam a agricultura científica, elevam o seu país ao mais alto grau de cultura».

Concretizando o pensamento filosófico muçulmano, ficaram célebres as palavras do califa Ali, o Bem-Amado, acêrca da ciência: — «A luz do coração é a sua essência; a Verdade o seu principal objecto; a Inspiração, é o seu guia; Deuns é o seu Inspirador, e as palavras do homem, o seu instrumento».

A Europa continua mergulhada nas trevas a que a condenam os perseguidores dos filósofos revolucionários que ousam apresentar novos princípios. As principais fontes da ciência encontram-se cristalizadas nos Hermetistas. Até aqui Ciência e Filosofia têm caminhado juntas; mas a pouco e pouco a evolução dêstes dois ramos do saber humano levam-nos a distinguirem-se cada vez mais uma da outra. Êste facto acentua-se profundamente na transição do último período da Idade-Média para a Renascença, em que se fundam na Alemanha algumas escolas filosóficas. A mais notável é dirigida pelo cardeal Nicolau de Cuss (1401-1464), precursor de Copérnico, que apresenta um novo sistema astronómico.

A queda do império bizantino leva para Itália sábios e artistas gregos.

Cosme de Médicis, animador das letras, das artes e das ciências, funda uma escola platónica onde o conde Sic de Mirandola, combina Platão com Moisés e com a Kabala, convencido que a ciência antiga era a fonte de tôda a ciência.

Desta «mistura» filosófica resultou continuarem-se as clássicas idéias neo-pitagóricas e alexandrinas, precursoras do neo-espiritualismo.

Está indicada a brilhante Renascença que leva a humanidade a caminhar de surprêsa em surprêsa iluminada pelos génios que nela resplandecem, como uma graça do Criador. Êste espaço de tempo que decorre entre o último período da Idade Média e o advento da Idade Moderna, foi marcado por reencarnações e génios que floresceram na antiguidade. É assim que aparecem: Gutemberg, o maravilhoso inventor e grande benemérito da humanidade que imprime o primeiro livro em 1454; Bartolomeu Dias, abrindo também novos horizontes à civilização dobra o Cabo das Tormentas em 1487; Vasco da Gama, rasga o caminho marítimo para a Índia em 1497; Pedro Álvares Cabral descobre o Brasil em 1500; e na mesma época, outro discípulo da célebre escola náutica portuguesa, Cristóvão Colombo descobre a América Central. Fernão de Magalhães, em 1520, revoluciona a ciência de então, provando com a sua viagem de circumnavegação, que a terra é redonda, contràriamente ao que nessa época se afirmava. Lutero no campo espiritual com a Reforma, trouxe o livre-pensamento, ou seja a emancipação da consciência, também em 1520.

No fulgor da ciência desta época, destaca-se outro iniciado, que sendo grande artista não é menos grande sábio, Leonardo de Vinci. Igualmente continuador da obra dos grandes mestres alexandrinos incitava ao amor da ciência, e à observação da natureza dizendo: — «A experiência é a única intérprete da natureza, é preciso consultá-la sempre, e variá-la de mil maneiras até que se tenham tirado dela as leis naturais; sòmente ela nos pode dar essas leis». E, juntando o conselho ao exemplo não só nas suas obras de arte mas também na ciência, faz avançar a física geral, a mecânica, a óptica, e cria a hidráulica.

A Medicina

O desgraçado que vai a uma consulta não deve sair dela munido simplesmente de designação mórbida, de fórmula química ou de regime de chapa. O verdadeiro papel do médico consiste em esclarecê-lo àcêrca das causas iniciais das imperfeições da saúde, em corrigir as violações das leis da vida sã que cometeu, em restabelecê-lo em suas tendências de temperamento e em instituir o seu tratamento segundo as aptidões viscerais e as características humorais individuais.

A medicina não pode, pois, limitar-se à tarefa de colocar etiquetas mórbidas e ao ofício de distribuïdor automático de medicamentos, visto ser a arte difícil de educar e de curar os indivíduos. É a ciência da saúde e a religião da sabedoria.

Dr. Paulo Carton

O CULTO DA MORTE

por F. Noronha

ESTAMPA-SE, em Lisboa, uma publicação mensal, ainda no primeiro ano e volume primeiro — *Alimento Espiritual* — que, em seu n.º 10, correspondente a Outubro último, insere, sob o título — *Devemos chorar os mortos?* —, um artigo, firmado por A. Grancha, de que, com a devida vénia, transcrevo as seguintes passagens: «Nada há nas Sagradas Escrituras que possa servir-nos de exemplo a prolongar indefinidamente a nossa tristeza lacrimosa pelos que foram chamados a contas e, muito principalmente, por aquêles de quem estamos convencidos terem sido *chamados a viver com Cristo, o que é muito melhor.*

«Enquanto choramos os nossos mortos, comprometemos as nossas fôrças, que tanta falta nos fazem no serviço do Senhor. Os mortos não necessitam de lágrimas nem de louvores. Louvores, só a Deus pertencem; de lágrimas, só os vivos precisam.

Belo é êste epitáfio que existe num dos túmulos das Catacumbas de Roma:

> «...Nêste lugar deito os meus ossos; deixai as vossas lágrimas, caro marido e filhos, *e crêde que é proïbido chorar por uma que vive em Deus...*».

Acompanha o aludido artigo êste acrescento:

«*N. da Redacção:* — Também não encontramos no Canon inspirado das Sagradas Escrituras apôio às orações pelos mortos. Quanto à invocação dos espíritos dos que partiram desta vida, a Palavra de Deus é bem clara quando em Deuteronómio (XVIII:9-14) e Isaías (VIII:19 e 20) apresenta essa prática pagã como um grande pecado e uma abominação aos olhos do Senhor.»

Impõe-se-me esclarecer, que *Alimento Espiritual* é labor do ilustrado e honesto sr. José Ilídio Freire, um dos Pastores nacionais da Igreja Evangélica, pessoa que discute e sabe discutir com aprumo e delicadeza, alheiando-se em absoluto de ambiguïdades ofensivas ou mordentes.

Reflectindo sôbre o texto do artigo, de que omiti, por extensa, uma parte (*II Samuel XII: 15-22*), relativa à «criança que a mulher de Urias dera a David, e adoeceu gravemente», reconheci-me de acôrdo, quanto aos mortos, corpos frageis, ambulância efêmera da energia imaterial, até que a chama da vida se extingue e o cadáver, paralisado o organismo, se restitui ao útero comum, a terra-mãi, laboratório natural, que tudo muda e tudo transforma sem perda alguma.

Não ignoro que no através das idades e por entre as civilizações sobressaem, quer envolvendo testemunho de sensibilidade, quer ostentações vaidosas, vestígios tumulares incontáveis, demonstrando como evidência o culto da morte desde as épocas primitivas mais remotas.

Visitaram os ancestros, em séculos pretéritos, os seus falecidos para lhes levarem alimentos, na crença de que êles continuavam, numa existência sepulcral, a experimentar as mesmas sensações de fome e de sêde.

Nós, não lhes levamos alimentos, mas derramamos as nossas lágrimas à beira dos seus covais e jazidas, espargindo naquêles e nestas as gentis flores da natureza, a que juntamos o fundo preito da nossa pungente saüdade.

Pensando, porém, a valer, é indubitável que concluímos por confessar a nós próprios, que andamos completamente errados nêste capítulo, pois que o sêr, de amor, de simpatia, de gratidão que nos prende e atrai na vida, nada tem com o farrapo mortal que a decomposição dispersa e entra no vai-vem químico da retorta dos mundos.

Não é a estética fisionómica, o lume do olhar, o assetinado e aveludado da epiderme, a doçura e encanto da voz o que define o homem; não, não é o seu físico, renovado constantemente, desde o segrêdo da maternidade até à hora do coveiro. Tudo isto é modalidade móbil e de tal arte combinada, que é executora e transmissora do que se não vê; impalpável, imponderável, hóspede do corpo, meramente.

Escapa à lente e ao bisturi do anfiteatro anatómico, como a sombra perpassando de leve sôbre a água, a quem o quisesse apanhar ou deter. Mas, é menos que sombra na essência, é fôrça trina, de capacidade imensurável que, um dia, se evola dos liames dum organismo para o Além, imortal, no seio infinito.

Chorar quem morre, ajoelhar nas campas, recolher a cinza dos que se foram é, assim, visivelmente, um contra-senso.

Devo advertir que esta minha afirmação é sincera, não me movendo o mínimo intuito de depreciamento ou de censura.

Eu próprio, em momentos lúgubres ou lutuosos, me confundo, pranteando o defunto sem pensar no que dêle não morreu: a alma, a espiritualidade, o que perdura em três raízes gloriosas: pensamento, sentimento e vontade!

Compreendo que decorrerão séculos sem se desentranhar de todo êste viciado argumento de culto, que, de facto, carece de razão e de fundamento.

Por agora, pretendê-lo desarreigar seria remar contra a maré.

Foi só com o tempo e com muito siso experimental, incluíndo mesmo cominações codificadas, que se foi expungindo a antropofagia, certamente banida, nêste quási termo de meio século vigésimo, da face da terra.

¡Nem já consta que em lances terríveis de náufragos famintos, no reduto extremo de jangadas, que o mar tantíssimas vezes engole, se abata e mate, mediante sortes, o companheiro, cuja carne mitigará os desesperados!

* * *

Recordar os entes queridos ou seja o espírito que amámos na vida é consolarmo--nos, suavizando a dor moral e aliviando--nos de pêso acabrunhador.

¿E recordando-os, não os evocamos implìcitamente?

¿De evocar, «fazer aparecer, chamar para fora», vai grande distância a invocar, «chamar em auxílio, implorar, suplicar»; pondo de parte o sentido de conjuro, exorcismo, etc., condenável?

¿Não invocam os templos católicos, os espíritos dos seus santificados?

A letra, felizmente, não é a lei do mundo, nem a suma inteligência, soberana dominadora, se preocupa de *missangas* caleidoscópicas.

Alam-se os viventes, de conformidade com os seus legítimos objectivos, como a andorinha na factura dos seus ninhos.

E é espontâneo o desabafo anímico, implorando os que partiram, como a alegria do prisioneiro amante da liberdade ao ver-se desafrontado de grilhões e obstáculos.

A História exibe, com freqüência, espectáculos desprimorosos e quadros de horror, em cenários lamacentos. ¿Em tais casos, a bondade ingénita será abominável, procurando refúgio e guarida no invocar de espíritos queridos?!

Não devemos tomar e supor na letra o que ela não contém e seria absurdo atribuir à Quem inspirou, ao seu Enviado, aquela sentença, que diz: «o que de vós não tiver culpas atire a primeira pedra».

Nas sessões espiritas verificam-se fenómenos de espírito, sob a invocação do Sêr dos sêres.

¿Por outro lado, alguém, com sólida ilustração do pretérito, ignora que o instrumento de contacto falado e escrito entre os povos foi o parabolismo enlaçado à simbologia?

¿Como ficou legada às gerações humanas a civilização egípcia e onde reside a sapientíssima filosofia do Judeu, que dizia: «se alguém vos ferir em uma das faces, oferecei-lhe a outra; orai pelos vossos inimigos»?

A blasfêmia e a infamação, o atentado voluntário, a consumação do crime e o cinismo, representam e constituem abominações da espécie e jàmais motivo sério de apanágio ou título convencional de nobreza hereditária.

São chaga purulenta altamente infectante da saúde normal e equilíbrio sociais, em grau idêntico ao conseqüente das ambições desordenadas e dos egoísmos cegos, não tergiversando perante as mais hediondas torpezas.

«Os extremos tocam-se, brada-nos a sabedoria das nações, e desenha-se-nos a realidade dêsse grito com a evidência da verdade no desenroladouro torrencial dos acontecimentos.

«Nem tanto ao mar, nem tanto à terra», outro brado é de conselho cauto e acessível. *No meio consiste a virtude.*

¿Não será virtude, possuídos de saüdade, invocar o espírito do ente paterno, da mãe dedicada, dos filhos precocemente arrebatados, dos amigos verdadeiros?

Oh! ¡Nas tribulações da existência terrena, nêste solo sempre resvaladio e cheio de espinhos e ciladas a cada passo, num amargor de predomínio de aflições e inquietações intermináveis quanto é de bonança, de acalmia, de agradecimento ao Nume Eterno, êste ascenso espiritual de nós mesmos para o Empírico!...

Êste ascenso do ser vivo no sorvedouro mortuário dos corpos, que é a Terra, minúscula morada perdida na imensidade do Espaço, é antes bênção do Incriado à mísera criatura, do que abominação terrorificante.

Os factos registam-se com pormenores de autenticidade plenissima, demonstrando que não é sonhada ou imaginária a outiva no Além, e não baldo o apêlo, não vã a invocação.

Não morre ou se apaga o espírito. Vive na eternidade, centelha participante de ungimento divinal e da presença etérea, ao depurar-se absolutamente no crisol do arrependimento, se prevaricou.

Somos nós, pois, jornadeando e rastejando em nosso vale de angústias, que devemos chorar-nos, carpindo mágoas.

Ao espírito liberto da matéria, do lôdo impurificável, cabe de razão o orar de nosso afecto e não prantos que lhe não importam ou interessam.

Não é a letra que aqui regula, mas espírito e verdade.

Não há duas verdades absolutas. Há uma só verdade: o Infinito e o verbo do seu Messias, de Êle intérprete sublime.

Fiz caminho até aqui, acomodando-me estritamente ao meu rótulo: — *O culto da morte* —, não compadecido, nestas colunas, com divagações e estilos mais ou menos rectóricos, em que fizesse figurar o humano, a quem foi consagrado o túmulo famoso que os antigos classificaram como uma das sete (para êles) maravilhas do mundo e é relembrado agora, ainda, com designação derivada do nome do seu celebrado habitador, em obra artística funerária contemporânea: *mausoleu* e, em que, outrossim, falasse, ajudado de erudição alheia, das imponentes lousas faraónicas, diante das quais um césar côrso clamou aos seus soldados: «do alto daquelas pirâmides quarenta séculos vos contemplam»; se isto praticasse, colocar-me-ia fora da índole de *Estudos Psíquicos* e em oriente que conta centenares porventura de publicações de especialidade, devidas a penas de precioso material.

Poderia também não olvidar tempos próximos, descrevendo, por exemplo, o emocionante Campo Santo da italiana Génova.

Talvez me deleitasse tal emprêsa literária, mas não corresponderia em meu âmago ao fim que me propus, determinado pelo artigo de que transcrevi algumas passagens.

Alimento Espiritual, apresenta-se, na doutrina evangélica, crèdora de conceito, e que a barca de Pedro sacode de seu bordo.

O Espiritismo respeita as igrejas no que as informa de elevação e de sinceridade e tôdas as crenças ou religiões não furtivas e coerentes.

Êle não é uma religião, é uma ciência, é exame e experimentação, em que não só se repelem seivas ruíns e propósitos perturbadores, mas também se não foge a relações de presença com tôdas as individualidades de carácter digno e de cotação científica evidenciada.

Usa de processos e expedientes a descoberto, nunca afirmando por afirmar e sim com comprovação de factos e testemunhos, acima de laivos ou suspeições de má fé.

Sai à estacada o espirita, se o insultam como tal. Jámais, todavia, no mesmo tom, inútil e contraproducente por desabrido e provocador.

Da discussão brota luz, quando conduzida com a civilidade própria de gente educada e dentro do assunto de que se trata.

Contràriamente, descamba em doestos, em dissertações exóticas e enfadonhas mesmo, num embrulhamento descabeçado e irrisório ou funesto. É supressão de luz e tempo desaproveitado.

Tive ensejo de verificá-lo pessoalmente, presidindo um dia a uma sessão não espirita, mas cooperativista. Pouco faltou para que pusesse o chapéu na cabeça e me retirasse. Enfim, o bom-senso mostrou-se, não ficando em zero o motivo que a fizera convocar.

Devo fazer alto. Desviei-me deveras. Continuar ou prosseguir seria cair na facécia, do *onde digo que digo, digo que não digo* e quebrar o acatamento de obrigação justificada a *Estudos Psíquicos* e de consideração dos seus leitores.

Da sua benevolência espero a absolvição, e da sua lúcida direcção de antemão tenho a certeza de estar ilibado.

Eis a justiça dos vivos que avaliam o trabalho improbo e uma nota de bem proceder em honra dos do Além.

Bibliografia

DO CALVÁRIO AO APOCALIPSE, ditado pelo Espírito de *Bittencourt Sampaio* e recebido pelo médium *Frederico Pereira da Silva Júnior*. 2.ª edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira. 1943. 306 pág.

O Espírito de Bittencourt Sampaio deu-nos três obras inestimáveis, de estilo fluente e cheias de admiração pelo Mestre Jesus de Nazareth: «Jesus perante a Cristandade», «De Jesus para as crianças» e «Do Calvário ao Apocalipse». Tôdas elas têm corrido mundo e trazido algumas ovelhas ao aprisco. Esta última, porém, apresenta feição diferente. Nela se apreciam as altas qualidades do seu autor ao apresentar-nos certos quadros dos «Actos dos Apóstolos» e do «Apocalipse», cheios de vigor e de beleza cristã.

Êste livro coloca a figura de Jesus no lugar que lhe compete e dá combate aos erros e às inovações que imprimiram carácter especial à doutrina que o Cristo nos legou. Está, portanto, escrita com desassombro e deixa entrever, aqui e ali, o génio poético do autor da «Divina Epopeia».

O facto de lermos a obra em 2.ª edição, prova que encerra boa e salutar doutrina. Na verdade, o ambiente mundial carece de modificação no sentido de espiritualizar a pobre humanidade saturada de ambição e egoísmo; e nada poderá transformar a ordem existente sem o auxílio dos Evangelhos, explicados racionalmente, sem a ganga prejudicial que lhes tem emprestado o fanatismo.

Assim, verifica-se que a Federação Espirita Brasileira continua a desenvolver bem ordenada actividade, dentro dos princípios que lhe traçaram seus espíritos tutelares. Pode haver quem discorde dum ou outro ponto da sua acção doutrinária; todavia, estamos convencidos da sinceridade com que procura movimentar a propaganda.

RENÚNCIA, romance de *Emmanuel*, recebido pelo médium *Francisco Cândido Xavier*. Edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira. 1943, 421 pág.

De tôdas as obras recebidas pelo médium Francisco Cândido Xavier e ditadas pelo Espírito de *Emmanuel*, esta é a mais empolgante, a que mais prende o leitor, a que mais impressiona pelos formosos exemplos de beleza moral que se colhem nas suas 420 páginas de estilo cintilante, capazes, só por si, de fazer a reputação de um autor.

Lêmo-la dum fôlego, cheios de admiração e de entusiasmo, vivendo intensamente as cenas descritas com vigor e sentindo quási o arfar ansioso ou o resfolegar das personagens. Estamos, portanto, em frente de duas grandes almas: a do autor, que já nos deu sete obras magníficas, e a do seu veículo providencial, que continua afanosamente a receber interessantes e utilíssimas mensagens.

Sôbre as paixões que se desenrolam em contínuo vaivém, obedientes a sinistros desígnios, paira o anjo do bem de Alcíone, esparzindo flores de bondade e de renúncia, harmonizando todos os que vivem na sua órbita e que um vislumbre de antipatia separa, por aversão instintiva ou requinte de ódio sopesado.

Esquece as suas legítimas aspirações, para se entregar inteiramente à salvação dos outros. Humilda-se, em sublime atitude, aceitando voluntàriamente os golpes adversos, como se fôssem dádivas celestes indispensáveis à sua evolução. Tudo suporta, tudo sofre, pensando no Cristo Redentor, que não deixará de a proteger, de lhe suavizar o grande drama. E através de páginas sucessivas e comoventes, de exaltação aos preceitos evangélicos; de quadros da vida humana cheios de verdade e espiritualidade; de lutas intestinas que enlouquecem e devoram, uma figura emerge, silenciosa e resignada, estátua de sofrimento que fere as cordas mais íntimas do coração humano e que se refugia na oração, quando tudo parece abandoná-la.

Alcíone — a linda flor de Sírius — termina os seus dias num cárce do Santo Ofício, transformada em Irmã do Carmelo e vitimada por doença que não perdoa.

Renúncia é, pois, um belo romance que vem enriquecer a bibliografia espirita. Só lamentamos não o poder facilitar ao público, em virtude da dificuldade dos transportes marítimos.

As faculdades de Dickens

Charles Dickens *possuía interessantes faculdades mediúnicas. Curou psiquicamente o seu amigo John Leech duma grave doença. Tinha avisos premonitórios de visitas de amigos e, numa carta ao seu biógrafo, descreve uma aparição que teve do espírito de Mary Hogarth, a cuja vida esteve profundamente ligado.*

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

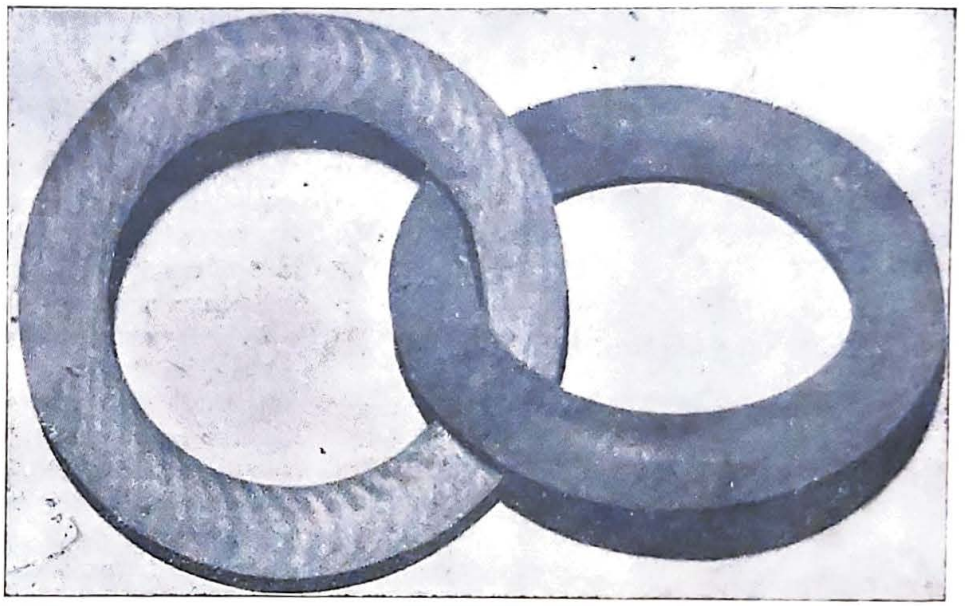
Margery — A oitava maravilha do mundo

A-propósito das faculdades psíquicas da grande médium Margery Crandon, há pouco desencarnada, Hannen Swaffer publicou um artigo muito interessante, após a visita por êle feita ao grupo espirita de Boston, onde ela trabalhava.

Eis o que escreve aquêle pioneiro espirita inglês, segundo nos conta o *Psychic News* de 10 de Janeiro de 1942, em artigo intitulado: «O maior documento psíquico destruído — ¿Haverá uma *lei de nulidade* em acção?»:

«Deixou de existir o maior documento psíquico conhecido. A prova foi destruída.

«Há dois anos, quando visitei os esposos Crandon, em Boston, o presidente da American Society for Psychical Research, sr. William H. Button, mostrou-me dois grandes anéis de madeira absolutamente entrelaçados.



Prova fotográfica impossivel de obter normalmente. Entrelaçamento de aneis de madeira diferente, obtido numa sessão de Margery Crandon

«Walter, irmão falecido de Margery, que é o Espírito-guia do Grupo, enfiou os dois anéis entre si a pedido de Button, dando-lhe assim uma autêntica prova supranormal.

«Depois, contou-me o caso, em segrêdo, visto que as suas investigações ainda não estavam concluídas.

«— Eu não devia dizer anéis — declarou Button — embora me pudesse referir à matéria em geral.

«— Chame-lhes anéis — disse-me Margery, por ocasião da minha última visita — ¿Não seria assim que lhes chamaria qualquer pessoa?...

«¡E quando nos preparávamos para analisar o precioso documento, verificámos que estava desfeito!

«Há mais de dois anos, Button pediu a Walter certo testemunho que, uma vez obtido, seria considerado prova científica da fôrça espiritual. Se Walter conseguisse enfiar dois anéis através da matéria um do outro, então, era impossível pensar em ilusionismo.

«Arranjaram-se dois anéis de madeira compacta e Walter enfiou-os em poucos minutos, na sala da sessão.

Oliver Lodge, ao saber da experiência, sugeriu outra particularidade ainda mais convincente, isto é, dois anéis de madeira diferente, um branco e outro de mogno.

«Vieram os anéis e ambos foram enfiados por Walter. Havia, pois, dois pares de anéis, obtidos um a seguir ao outro.

«Contudo, pareceu-me que, à excepção dos anéis de côr diferente que há dois anos vi numa caixa envidraçada, todos êles foram desenfiados tão misteriosamente, como haviam sido enfiados.

«Walter divertia-se com êles, pois às vezes os próprios assistentes viam os anéis com bocados arrancados, dir-se-ia que tinham sido desfeitos à dentada. Depois, tornavam a vê-los integralmente reconstruídos.

«Algumas semanas mais tarde, quando visitei Crandon, Button dirigiu-se todo satisfeito à caixa onde guardara o precioso documento, o «maior documento psíquico da história», como êle lhe chamava, e exclamou, desapontado:

«Oh, irrisão! ¡Um dos anéis está partido!... ¿Porque será que as provas duradoiras, que poderiam convencer o mundo da verdade da sobrevivência, são suprimidas?

«— Creio que há uma lei de nulidade. Walter

Margery e seu marido, o Dr. Crandon

provou-nos mais do que uma vez que é possível êste testemunho final, mas que depois sobrevém sempre alguma coisa que o destrói. Isto faz-me admirar.

«Button mostrou-me então uma série de *apports* obtidos na sala das sessões. Eram espécimes de cristais de rocha, alguns dos quais pesavam quilogramas.

«Contou-me também que estava sentado um dia com Margery na sala dum combóio, quando lhe pegou nas mãos e pediu um *apport* a Walter. Acto contínuo, um grande cristal de rocha caíu sôbre a mesa que estava ao lado dêles.

«Ora, se Walter pode fazer isto — acrescentou Button — também poderia obter em Boston um exemplar do *Times*, publicado em Londres. Tôda a gente ficaria satisfeita com semelhante prova.

«Depois, quando preguntei a Walter se poderia fazer isso, respondeu que não lhe era permitido.

«Expliquei a Button o que tenho dito a muitas pessoas, isto é, que vejo no mundo uma lei que obriga a humanidade a progredir em tôdas as direcções — isto aplica-se às coisas materiais, físicas, políticas e espirituais — e compele-a a isso em tôda a parte.

«É uma espécie de panaceia para tôdas as perturbações do mundo — disse eu — e que, só por si e uma vez aplicada, redundaria em calamidade universal, da mesma forma que a revelação repentina da verdade perturbaria e causaria talvez a revolução e o caos».

Verdadeira prova da sobrevivência

O facto que vamos narrar é semelhante ao que publicámos no n.º 22 desta revista e no qual o reverendo Arthur Ford desempenhou tão grande papel. Extraímo-lo também do *Psychic News*, de Londres, que tantas provas tem inserido nas suas colunas.

Na verdade e segundo as palavras do articulista, quando um «môrto» volta e repete, através dum médium, certas palavras combinadas com qualquer amigo, antes de desencarnar, dá, sem dúvida, uma prova excelente.

O caso passou-se com a senhora J. Newland, residente na Bushamead Avenue, Bedford. Esta senhora não sabia mesmo se o comunicante já tinha desencarnado, visto que, oficialmente, fôra dado como desaparecido.

A história começa na Índia. Há anos, fizera a seguinte combinação com um jovem céptico: O primeiro que falecer esforçar-se-à por voltar e repetir uma palavra cujo significado só seja conhecido por ambos.

Ora, há poucas semanas, a senhora Newland teve uma sessão particular com o médium Joseph Benjamin, muito conhecido na parte oriental de Londres, mas que ela nunca tinha visto. O seu amigo desaparecera em Burma, no dia 8 de Março de 1941.

O guia de Joseph Benjamin, disse, então, à senhora, que estava ali o espírito dum jovem militar, que deu o nome de Duncan. E acrescentou que ela tinha no bôlso duas coisas que lhe pertenciam. Esta afirmação era absolutamente verdadeira.

Tratava-se duma carta do seu amigo, acompanhada da fotografia. A carta entregou-a ao médium em transe; a fotografia colocou-a no seio com o rosto para baixo, de modo que não pudesse ser vista por êle.

A primeira tentativa de Duncan foi controlar o médium. A princípio, aquêle estava perturbado, em

Notas & Comentários

Mensagem teosófica

Como temos dito, Espiritismo e Teosofia devem manter relações fraternais, visto que difundem idéias semelhantes e se baseiam na generosidade e tolerância que devemos ter para com os outros. Assm, é-nos grato acusar a recepção da *Mensagem* que a Loja S. Paulo da Sociedade Teosófica, de S. Paulo, nos acaba de enviar e cujos termos contrastam com os ataques que outros teósofos têm dirigido ao Espiritismo.

Diz a *Mensagem:*

Prezadíssimos companheiros de ideal:

Cordiais saüdações. Com o propósito de intensificarmos cada vez mais as relações fraternais que devem unir os homens numa só família em todo o mundo, nós, da Sociedade Teosófica, que também trabalhamos pela aceitação geral dos princípios da *Imortalidade da alma,* da *Lei de Causa e Efeito* (Karma), da *Reencarnação* e da *Evolução,* queremos permutar idéias com os nobres companheiros, como, outrossim, notícias de factos e experiências comprobatórias das verdades mencionadas.

Nossa correspondência mensal destina-se, não só a promover êsse intercâmbio de ensinamentos filosóficos com demonstrações científicas de benefício comum, mas, principalmente, a realizar uma aproximação espiritual maior entre nós, trabalhadores da mesma Causa, que é a da *cooperação,* do auxílio recíproco, ao invés de competição, e da elevação dos conhecimentos humanos de coisas transcendentais, tanto pela palavra, como pelos exemplos.

Assim, pois, entre outras verdades fundamentais de todos os tempos, as seguintes constituïrão os assuntos de nossas cartas: *Karma* (Lei de Causalidade), *Reencarnação, Vida depois da morte, Planos da Natureza, Graus de Evolução,* etc., etc. Tratando-se de assuntos do mais alto interêsse, conviria que aproveitássemos tanto quanto possível os escritos permutados, quer lendo-os nos Centros Espiritas e nas Lojas, comentando-os amplamente, quer também, se possível, distribuíndo cópias aos interessados.

É óbvio que na troca de correspondência entre nós, prezadíssimos companheiros de Ideal, haverá vantagens mútuas, pelo que estamos certos de que recebereis com simpatia o nosso esfôrço de aproximação prática e efectiva, cuja finalidade, repetimo-lo, é unirmo-nos todos para melhor colaborarmos com os Irmãos Maiores da humanidade, dirigentes da Evolução, na obra de estabelecerem o *Amor* e a *Sabedoria* entre os homens.

Com os nossos mais sinceros agradecimentos e a expressão fraterna da nossa amizade, desejamos-vos a Felicidade que só o Entendimento pode proporcionar — *Paz a todos os Seres!*

Esta é a boa doutrina. Espiritas e teósofos têm conveniência em manter a mais estreita convivência espiritual e desfazer os mal-entendidos que às vezes surgem, em virtude da inadvertência de certos elementos perturbadores.

Aos amigos de S. Paulo que tão sinceramente nos dirigem palavras de vida, apresentamos os nossos agradecimentos.

Ainda o folheto do padre Cabrita

Acêrca dos comentários que aqui fizemos ao *folheto do padre Cabrita,* recebemos extensa carta dum correspondente, lamentando as nossas referências jocosas ao trabalho do ilustrado reverendo. Não há que estranhar, visto que só tínhamos dois caminhos a escolher: ou silenciar ou sorrir. Optámos pelo último, no intuito de desopilar o fígado, porquanto, o folheto, como então dissemos, se baseava, única e exclusivamente, na obra dos nossos detractores. Nestas condições, nada mais podíamos

---

virtude da sua agitação; mas depois tornou-se mais calmo e discutiu com a senhora Newland as suas conversações na Índia, quando costumavam falar àcêrca da vida futura.

O espírito comunicante reconhece que ouvia aquela senhora para lhe agradar, mas sempre pensou que era uma série de disparates.

Então, a senhora Newland preguntou-lhe se poderia transmitir as palavras combinadas e a entidade respondeu que ia experimentar.

— São duas curtas palavras — disse êle.

E escreveu-as num bloco de papel de carta:

Jumbo Dwip. E depois acrescentou: *Índia Jumbo Dwip* eram as palavras combinadas.

Para demonstrar que a sua memória funcionava admiràvelmente, Duncan lembrou à senhora Newland que as palavras se referiam a um lugar na Índia, onde tentara uma terrível experiência.

A seguir, escreveu na sua caligrafia antiga: *Minha espôsa Beryl. Diga-lhe que a amo.*

Noticiário

Jornais e Revistas

Continuam a verificar-se as condições a que nos temos tantas vezes referido. Por êsse facto, os jornais e revistas estrangeiros chegam tarde e sem regularidade, dificultando a nossa missão informadora.

Das publicações portuguesas, recebemos e agradecemos: *Luz e Caridade, Além, A Rosa Cruz, O Comércio de Leixões, Região de Leiria, Jornal de Albergaria, Trás-os-Montes, O Globo, Via Latina* e *Vida Mundial.*

Centro Espirita de Matozinhos

Acompanhado de amável carta do seu presidente, recebemos o «Relatório e Contas» da Direcção do *Centro Espirita Luz e Verdade,* de Matozinhos, cuja acção tem influído progressivamente no aumento dos seus associados e no alargamento das suas instalações, agora adequadas a maiores empreendimentos.

Dêsse relatório se verifica o esfôrço bem ordenado dos Directores de Trabalhos, que têm procurado manter a doutrinação, à custa de grandes sacrifícios.

Em assembléia geral de 1 de Março, foram escolhidos os seguintes confrades para reger os destinos do Centro:

ASSEMBLÉIA GERAL

Presidente — Melchior Silva.
Secretários — António M. Gonçalves e Daniel Guimarães.

DIRECÇÃO

Presidente — João Gesta
Secretário — Rafael Matos
Tesoureiro — Artur Pereira Júnior
Vogal — Luiz Carlos Machado.

Ao Centro e seus operosos dirigentes, apresentamos os protestos nossa solidariedade.

As nossas conferências

Por se encontrar convalescente dum ataque de gripe sofrido há pouco, não realizou êste mês a sua anunciada conferência o nosso assíduo colaborador e grande amigo sr. coronel Faure da Rosa, tão apreciado e estimado por todos os nossos consócios.

Lamentamos sinceramente o facto e fazemos votos para que êle volte prestes ao convívio dos que lealmente o têm acompanhado.

A sua conferência, intitulada «Ocultismo e Espiritismo», fica adiada para o dia 30 de Abril, como se vê no programa dos trabalhos do Centro.

Auxíllo aos necessitados

Amaral, de Lisboa	15$00
Maria Ferreira, de Safara	20$00
	35$00

Auxílio a «Estudos Psíquicos»

De D. Maria dos Milagres Carvalho, de Lisboa, recebemos a importância de 50$00, que agradecemos.

Programa dos trabalhos do Centro em Abril de 1944.

Dia 2, às 16 horas — Sessão experimental.
Dia 9 — Não há trabalhos no Centro.
Dia 16, às 16 horas — Sessão experimental.
Dia 23, às 16 horas — Sessão experimental.
Dia 30, às 16 horas — Conferência pelo coronel Faure da Rosa, intitulada «Ocultismo e Espiritismo», sendo a entrada pública.

NOTA — As sessões experimentais são exclusivas aos sócios do Centro.

LEDE E DIVULGAI «ESTUDOS PSIQUICOS»

---

fazer. Aquêles que acharam bom o arrazoado do crítico da *Fôlha de Domingo,* podem continuar a pensar e a sentir como até aqui, mas reconhecendo aos outros o direito de pensar de maneira diferente.

Quanto às fontes que impugnam muitas afirmações do folheto, basta citar «O Espiritismo à luz dos factos», do Dr. Carlos Imbassahy, onde o leitor encontrará 364 citações de famosos escritores e experimentadores, além dum grande capítulo àcêrca de fraudes, atribuídas aos principais médiuns.

Como temos referido várias vezes, a fraude não destrói de modo algum a autenticidade dos factos espiritas, de vez que tôda a medalha tem o seu reverso. Podia o sr. padre Cabrita enfileirar dezenas e dezenas de fraudes, que não invalidariam uma experiência bem controlada.

E por aqui nos ficamos, que *time is money...*

Estudos Psíquicos

2.° volume correspondente ao 3.° e 4.° ano, impresso em papel especial, formando um grosso volume de cerca de 400 páginas, encadernado em optima percalina azul

(TIRAGEM REDUZIDA)

À venda nesta redacção ao preço de 70$00

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Espiritualista

	br.	enc
ALLAN KARDEC		
Obras Póstumas	15$00	21$00
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	3$50	
O Além e a Sobrevivência	3$50	
O Grande Enigma	10$00	
O Porquê da Vida	8$00	
Cristianismo e Espiritismo	16$00	22$00
Joana d'Arc Médium	16$00	22$00
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	17$00	23$00
ERNESTO BOZZANO		
Breve história dos Grupos	3$00	
Evangelorsia (Medianidade Poliglota)	10$00	
DR. A. LOBO VILELA		
Histórias Metapsíquicas	7$00	
O Problema da Sobrevivência	7$00	
O Espírito Humano	14$00	

	br.	enc.
F. CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
Novas Mensagens	10$00	
CAMILO FLAMMARION		
O Fim do Mundo	12$00	
ALMERINDO M. DE CASTRO		
O Martírio dos Suïcidas	9$00	
António de Pádua	10$00	16$00
ALEXANDRE DIAS		
A Fazenda Mal Assombrada	10$00	
Trajectória das Almas	8$00	

(Continuado da 3.ª página da capa)

	br.	enc.
LEOPOLDO MACHADO		
Pigmeus contra gigantes	10$00	
Doutrina inglória (O problema da natalidade à luz do Espiritismo)	10$00	
BITTENCOURT SAMPAIO		
De Jesus para as Crianças	8$00	13$00
Jesus perante a Cristandade	12$00	17$00
JOSÉ SURINACH		
Spiritus Meledictus. (novela espirita de grande emoção)	8$00	12$00
OSVALDO MELO		
Epístolas aos Espiritas	7$50	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos	10$00	16$60
OBRAS DIVERSAS		
Além (O) para todas as inteligências, por *J. L'Homme*	10$00	
Amor Imortal, por *J. A. Nogueira*	12$00	
Amor, Vida e Evolução, por *Fernando da Cruz Ferreira*	8$00	
Claustro (O), por *Manuel Arão*	14$00	20$00
De Maria para suas filhas	3$00	
Espiritismo (O), à luz dos factos, pelo *Dr. Carlos Imbassaby*	15$00	
Expiação, por *Areolino Gorjão*	10$00	
Evangelho das Crianças (3.º livro de leitura) por *António Lima*		7$00
Granja (A) do Silêncio, por *Paul Bodier*	10$00	
A Grande Esperança, por *Charles Richet*	15$00	
Herculanum (romance mediúnico) pelo *conde Rochester*	18$00	
Metapsíquica (A) e o Espiritismo à luz dos factos, por *Faure da Rosa*	2$50	
Minas de Sincorá, por *Estrelita Junior*	6$50	
No Limiar do Etéreo, por *J. Artur Findlay*	13$00	19$00
Nova (A) Luz, por *Georges Dejean*	12$00	18$00
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle*		10$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho por *João, o Evangelista*	12$00	
Pela Vitória do espirito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Psicologia Experimental, pelo *Dr. Paulo Gibier*	3$00	
Roma e o Evangelho, por *José Amigó y Pellicer*	14$00	20$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio A. Valente*	12$00	18$00

Nêstes preços não está incluído o porte do correio.

Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e Ilhas Adjacentes.

Para as Colónias e estrangeiro, a remessa é feita contra pagamento adiantado, por meio de vale postal.

AVISO AOS INCAUTOS

Não são espiritas os que exploram a credulidade das pessoas incultas ou fanáticas, exibindo falsas faculdades e recorrendo a artifícios de toda a espécie, para melhor iludir a boa-fé dos incautos.

Não são espiritas os que se entregam à adivinhação pela invocação dos espíritos, porque o Espiritismo não é arte divinatória e por isso os espíritos que se prestam a semelhante papel são, necessàriamente, inferiores (por mais pomposos nomes que apresentem) e o seu convívio só poderá ser prejudicial.

As casas das chamada *mulheres de virtude, cartomantes, bruxas* e de todos os que se dedicam a estas práticas supersticiosas são de infecção espiritual, onde os espíritos inferiores vivem permanentemente e fazem seu campo de manobras.

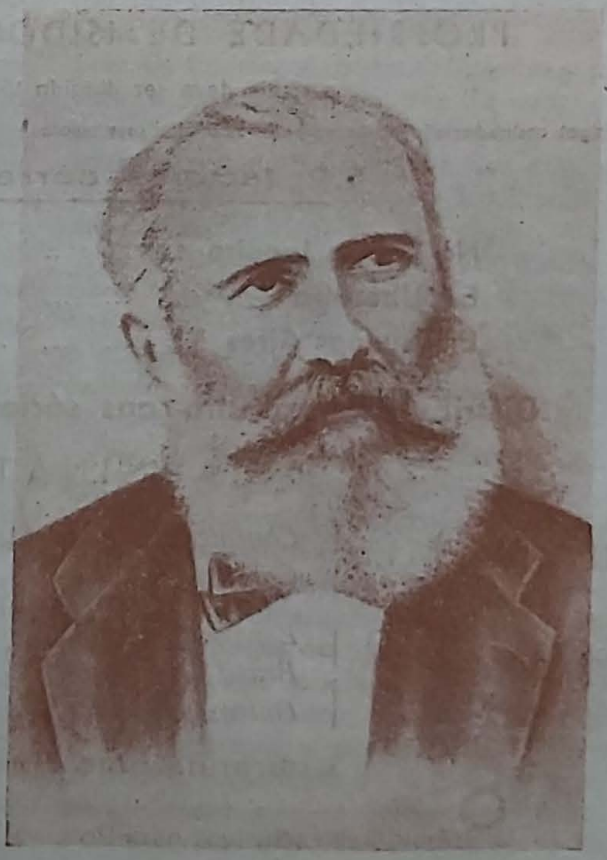
«Estudos Psíquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas e colónias

ANO V MAIO DE 1944 N.º 7

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONTÉM: Cooperação, da redacção; A morte e os seus fantasmas — II — por **Isidoro Duarte Santos**; Pascal Forthuny — III — pelo **Coronel Faure da Rosa**; O Espiritismo e a Guerra, por **F. Noronha**; Génios precoces; O Espiritismo revelador da Verdade — VI — por **Haydi de Tebelen**; Dr. Bezerra de Menezes; O Espiritualismo na Antiguidade — II — por **Alvaro Ramos Pereira**; «Estudos Psíquicos» e os leitores; Sessão espirita emocionante, por **Maurice Barbanell**; Para a frente, por **João Barbosa Gesta**; O «Preto no Branco» e a ironia do Dr. Ramada Curto, por **Torcato Cardoso Ferreira**; Conte o seu caso... Como se tornou espirita?, pelo **Dr. Martins Baptista**; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.



DR. BEZERRA DE MENESES,
GRANDE VULTO DO ESPIRITISMO BRASILEIRO

LEITOR AMIGO:

Escuta; por um momento. ¿Já pensaste alguma vez no mistério da vida, no porquê da tua existência terrestre e no que te espera, ao abandonar o mundo físico? ¿Já pensaste?... ¿E não te sentiste atraído para a meditação cotidiana, para a decifração de tão grande enigma?

De-certo que já pensaste e meditaste e concluiste pela necessidade de aprofundar o assunto. Tens, agora, belo ensejo. Acompanha «Estudos Psíquicos» *na sua acção, torna-te seu amigo e colaborador, porque há muita maneira de auxiliar as obras úteis. Tudo que fizeres, redundará em teu próprio benefício.*

ESTUDOS PSÍQUICOS

Revista mensal

ORGÃO OFICIAL DO CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR

E PORTA-VOZ

do Centro Espirita Reflexos da Verdade, de Beja, do Centro Espirita Luz, de Coimbra, do Centro Espirita Luz e Verdade, de Matozinhos, do Centro Espirita Fé e Caridade, de Angra do Heroismo, do Centro Espírita de Santa Judite, do Pôrto, do Grupo Espirita Humildade, de Aveiro, e do Grupo Espirita Paz, Caridade e Protecção, de Faro.

Rua do Salitre, 149, 1.º, E. = = = = = = = = = = = = LISBOA

PROPRIEDADE DE ISIDORO DUARTE SANTOS

a quem deve ser dirigida tôda a correspondência

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores • Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

Redactores - correspondentes:

No **Rio de Janeiro** ... ... Almerindo Martins de Castro
Em **Uberaba** ... ... Dr. Inácio Ferreira
Em **Buenos Aires** ... ... Dr. Luiz M. di Cristóforo

Distribuïção gratuita aos sócios do Centro E. Luz e Amor

ASSINATURAS

PORTUGAL	*Continente e Ilhas (assinatura anual)*	*36$00*
	Colónias ... ... » »	*50$00*
ESTRANGEIRO	*Espanha* ... ... » »	*36$00*
	Brasil ... ... » »	*50$00*
	Outros países ... » »	*60$00*

Cobrança pelo correio — mais 1$60

Distribuidores exclusivos para Portugal, Ilhas e Colónias: **Editorial Organizações, Lda.**, Largo Trindade Coelho, 9, 2.º — Lisboa — Telefone 27507

• VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA •

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

ANO 5.º | LISBOA, MAIO DE 1944 | N.º 7

Propriedade de Isidoro Duarte Santos | Direcção e Edição de Maria Gonçalves Duarte Santos | Redacção e Administração — Rua do Salitre, 149, 1.º—E.

Composto e impresso na Tipografia SILVAS Lda. — Rua de D. Pedro V, 120 — LISBOA

COOPERAÇÃO

Não há ideal que triunfe sem espírito de cooperação. Pode haver entusiasmo nas acções de quem trabalha, tendo em mira avançar um pouco nas sendas luminosas que conduzem a vida melhor e mais perfeita. Pode haver calor nas palavras, firmeza nos desígnios, decisão nos gestos. Tudo isso, que é muito, pouco vem a ser, em relação ao que se torna necessário alcançar, conjugando esforços para fins determinados e úteis ao maior número.

Para bem servir, forçoso é cooperar. Em Espiritismo. coopera-se falando, escrevendo, procurando adeptos, angariando donativos para a obra comum. O campo é vastíssimo. A seara é imensa.

O que falta é trabalhadores de boa vontade, que se disponham ao pagamento do tributo.

Num mundo em guerra, mais se faz sentir ainda a doutrinação elevada que fortalece o ânimo e orienta o espírito. Mas, para tal conseguir, é necessário união de vistas e concorrência de fôrças. É necessário cooperação.

Sabemos que há muitos espiritas afastados do nosso movimento: uns, porque têm agravos dos homens; outros, porque descrêem da doutrina, dizendo que é cêdo para a disseminar.

Nem uns, nem outros têm razão. A doutrina não tem culpa dos erros de quem a serve. Se há agravos, o dever de todos é reconciliarem-se, antes que o agravo aumente e cave mais fundo o abismo entre êles.

Quem se afastar do Espiritismo, lá porque sofreu desilusões ou não foi compreendido, comete um êrro que é preciso emendar. Acima de tudo está a Causa, com suas legendas salvadoras, apontando novos caminhos ao mundo em desordem. A doutrina é boa. Os homens é que a deturpam, conspurcam e envilecem. Em vez de cooperarem, desagregam. E quando surge a confusão (que bem pode ter sido por êles originada), abandonam o pôsto que escolheram, deixando de cooperar.

Às vezes, afastam-se de tal modo, que caem em campos opostos. Há espiritas que deixaram de auxiliar a nossa propaganda e são generosos para outros credos espiritualistas. Apesar de tudo, dizem-se adeptos do Espiritismo...

Não compreendemos semelhante atitude. Sabendo que as nossas agremiações necessitam de recursos pecuniários para se manter e que as nossas publicações estão nas mesmas circunstâncias, passam adiante, insensíveis, invulneráveis, e vão ajudar, por snobismo, credos ou entidades que, em boa verdade, os não solicitam.

É dever de todos cooperar, para que a obra se expanda e rejuvenesça. Auxiliemos as nossas colectividades e as suas publicações. Doutro modo, não seremos espiritas. Doutro modo, contribuïremos para o enfraquecimento da Causa e daremos glórias aos nossas adversários, que espreitam todos os momentos de nos atacarem e destruirem.

A MORTE E OS SEUS FANTASMAS

por Isidoro Duarte Santos

II

DESCULPEM esta pequena divagação preliminar. O meu intuito, como disse, não é estudar o fenómeno em si, mas encará-lo e deduzir dêle as possíveis conseqüências. E elas são tantas e tão variadas, exercem tamanha acção na vida moral do homem, que, falando-se de Espiritismo, seria natural expor aqui êste magno problema.

¿Qual será o homem que, ao cair da noite, não cogite no que o espera depois da morte? Creio que não haverá um só que escape a tais cogitações, até mesmo os *espíritos fortes* que não admitem a vida espiritual.

Não há dúvida de que é um grande problema. E se pensarmos bem, a morte é mensageira de vida, visto que, sem ela, não poderíamos pensar na libertação das almas. O espírito, abandonando a roupagem da carne, prepara-se para nova vida. O seu estado fluídico, isto é, quintessenciado, dar-lhe-á elementos de transporte vertiginoso e de se comunicar pelo pensamento com os habitantes do Astral e da Terra, que deixou. Poderá então consolar os que ficaram em mísero pranto, ignorantes da vida espiritual.

Devemos, pois, aguardar a morte serenamente, de espírito calmo; de contrário, teremos de lutar muito, antes da libertação.

A morte não é conclusão definitiva. Pelo contrário. No caminho a percorrer, é escala de regresso à unidade. Do ponto de vista material, é transformação pura e simples. «Nada se cria, nade se perde, tudo se transforma», — dizia Lavoisier, eminente químico francês que expirou na guilhotina. Mas a morte corporal é a ressurreição do espírito, que volta ao seu país natal, à sua morada etérea. Da mesma forma, o nascimento físico é uma espécie de morte temporária do princípio anímico, que tem de baixar, novamente, à matéria.

Eis como um elevado mensageiro se referiu ao assunto, através da escrita mecânica:

«Acredita no que te digo: a morte mais violenta em nada se iguala ao horrendo sacrifício do nascimento. Supõe as tuas carnes trituradas por mós de moínhos prontas a não deixar sua roda viva, durante sete ou nove meses de laboração. Supõe-te com um laço tremendo e indissolúvel, terrìvelmente ligado à mó, que, lenta e gradualmente, te vai atraíndo e esmagando, até o momento final: e de, absolutamente triturado, sêres lançado com alguns vislumbres de consciência, na alcôfa do nascimento.

«Uma vez aí, terás de continuar a moldar o corpo, para que o espírito, com auxílio do próprio instrumento construído, possa tirar as experiências que lhe sejam necessárias. E se a tragédia foi enorme, durante o período da gestação, maiores, incomparàvelmente maiores são os tormentos dos primeiros anos de infância, pois vives ao mesmo tempo em dois mundos distintos. Só ao cabo de grandes trabalhos e sofrimentos inimagináveis, o homem toma completa posse do corpo físico, que o há de subjugar muitas vezes, em luta titânica, afastando-o do recto caminho da vida. É a luta do Espírito com a Matéria, luta formidável e heróica!»

Assim como nascemos e conservamos vagamente lembrança de estádios longínquos do espírito, assim também permaneceremos, durante períodos variáveis, após a morte, e só muito mais tarde alguns começam a distinguir as formas que os rodeiam, verificando jubilosamente a presença de amigos que lhes fôram caros e que os guiarão nos mistérios da vida espiritual.

No livro de Morgan, «From Mater to Spirit», a personalidade mediúnica do Dr. Horace Abraham Ackley conta o seguinte:

«Tinha ouvido dizer aos espiritas que os espíritos desencarnados eram acolhidos no

mundo espiritual pelos seus parentes ou pelos seus Espíritos-Guias. Não vendo ninguém perto de mim, concluí que os espiritas se haviam enganado. Mas, apenas êste pensamento me atravessou o espírito, vi dois espíritos que me eram desconhecidos e para os quais me senti atraído, por um sentimento de afinidade. Soube que tinham sido homens instruídos e inteligentes, mas que, como eu, não haviam cogitado de desenvolver em si os princípios elevados da espiritualidade. Chamaram-me pelo meu nome, embora eu o não tivesse pronunciado, e acolheram-me com familiaridade tão benévola, que me senti agradavelmente reconfortado.»

A primeira impressão é quási sempre de surprêsa, como se vê no seguinte passo, extraído do livro do médium Ernesto H. Pekham, intitulado «A Heretic in Heaven», em que o espírito comunicante havia pertencido ao mesmo grupo experimental:

«A maior surprêsa que espera um vivo na crise da morte, está no facto dêle *despertar* e se reconhecer *môrto*. Quando procuram fazer-nos compreender que estamos mortos, somos infalivelmente levados a responder: «É impossível! ¿Porque me havia de considerar morto, se me sinto mais vivo do que dantes?» Efectivamente, não nos sentimos transformados. Tudo o que contribui para formar a existência da nossa individualidade permanece inalterado. Ao mesmo tempo, o ambiente em que entramos parece-nos absolutamente familiar.»

Da mesma opinião é o espírito daquela mãe que se comunicou por intermédio da filha e cujas elucidações fazem objecto do livro «Messages from the Unseen»:

«Coisa singular! — diz ela. Embora à minha chegada ao mundo espiritual tudo me tenha parecido maravilhoso, experimentei logo a sensação de me encontrar num meio que me era familiar; ou, mais precisamente, de me encontrar outra vez num meio que não era novo para mim. Exprimi esta impressão aos meus companheiros, que me informaram de que eu recuperaria gradualmente a lembrança de acontecimentos pessoais que se estendem muito para além da minha última existência terrestre, abrangendo recordações de um tempo em que vivi no mundo espiritual, que é a nossa verdadeira morada.»

Os túmulos nada significam. Os túmulos encerram pó. As almas, essas, buscam sempre formas cada vez mais puras. São crisálidas que se transmutam em lindas borboletas.

— A morte — diz Léon Denis — é a grande reveladora. Nas horas de provação, quando as sombras nos rodeiam, preguntamos algumas vezes: Porque nasci eu? ¿Porque não fiquei mergulhado lá na profunda escuridão da noite, onde não se sente, onde não se sofre, onde se dorme o eterno sono? E nessas horas de dúvida, de aflição e de angústia, certa voz nos dizia: Sofre, para te engrandeceres, para te depurares. Fica sabendo que o teu destino é grande. Esta terra fria não é o teu sepulcro. Pertences aos séculos futuros, como aos passados, e na hora actual preparas a tua elevação. A voz que assim vos fala é a voz dos mortos, é a voz das almas amadas que nos precederam na mansão da verdadeira vida. Comunicam-se connôsco e dizem: «Basta de dúvidas inúteis. Trabalhai e amai. Um dia, preenchida a vossa tarefa, a morte vos reünirá.»

A firmeza de Sócrates ante os juízes que o condenaram à morte e as palavras que pronunciou após a leitura da sentença são padrões que atestam a verdade da sobrevivência.

«— Antes de mais — exclamou êle, dirigindo-se aos julgadores — a natureza já me tinha condenado. Tenho esperança de que lucrarei com a condenação à morte, porque, de duas, uma: ou tudo acaba com a morte, ou com ela começa outra vida. Se tudo acaba, ¡há de ser tão agradável descansar de todo, sem sonhos, dos numerosos trabalhos da vida!... Se há outra existência, ¡que inefável prazer não terei em me encontrar com os antigos sábios, reünindo-me a outras tantas vítimas de julgamentos iníquos e, uma vez livre das vossas mãos, comparecer ante aquêles que, com melhor direito, se chamariam juízes!... Por isso, não me fica no espírito o mínimo ressentimento, nem de vós, nem de meus acusadores, embora a sua intenção fôsse fazer-me mal. É tempo de nos separarmos; eu, para morrer; vós, para viver. ¿De quem será o melhor quinhão? Só Deus o sabe...»

Aquêles que os materialistas julgam mortos, estão junto dêles, acompanhando suas alegrias e suas dores. Os mortos não estão no cemitério, onde indevidamente são procurados. Assim, dizia o Espírito de Raymond a seu pai, Oliver Lodge:

— Eu nunca estive na sepultura. Portanto, não me procureis no cemitério.

O corpo baixou à campa, mas o espírito evolou-se, de regresso à pátria donde veio.

Esta idéia da morte é lógica, racional e consoladora. A morte já não é o mistério insondável de antanho. É a transição natural, o veículo que nos conduz à verdadeira vida. É o limite de cada jornada, na peregrinação do espírito pela amplidão dos mundos. Recordar e caminhar são duas importantes facetas da vida do homem.

A morte é o reverso do nascimento. Ninguém lhe poderá escapar, porque é necessário que a vida se renove constantemente.

Se a morte não existisse... ¿Já pensaram no que seria de nós, imunizados contra a morte, embora sujeitos à acção do tempo?... Os sêres ir-se-iam aglomerando, a ponto de não caberem no glôbo que habitamos. E depois seria a luta pavorosa entre dois factores inconciliáveis: a impossibilidade e a necessidade.

A propósito, vou lembrar a história da *tia Miséria*, essa miséria tão espalhada no mundo e que o Dr. Agostinho de Campos contou uma vez ao microfone da Emissora Nacional. Não deixa de ter a sua moralidade e adapta-se muito bem ao assunto.

A Tia Miséria era uma velhota que possuía um cãozinho e um quintalote, onde uma pereira era todos os dias assaltada pelos garotos. Certa noite, entrou-lhe em casa um santo mandado por Deus-Padre. A velha agasalhou-o e cumulou-o de atenções. À partida, o santo disse à sua benfeitora que pedisse o que quizesse, que lhe seria concedido. A Tia Miséria, muito lisongeada, respondeu que só desejava uma coisa: que quem subisse à sua pereira, não pudesse descer, sem que ela o permitisse.

Os garotos estavam em maré de pouca sorte. Subiam, colhiam a fruta, mas não podiam descer, senão às ordens da proprietária.

Um dia, apareceu por lá a Morte.

— Venho buscar-te — disse ela. — É chegada a tua hora.

— Espera um pouco — respondeu a velha. — Enquanto me preparo, faz-me o favor de ir à pereira colher-me as peras que lá restam, para comermos pelo caminho.

A Morte foi, mas não pôde descer da árvore, por mais que esperneasse.

— Deixa-te estar, que estás bem! — disse a Tia Miséria.

E fechou-lhe a porta na cara.

Mas, depois, a Morte começou a fazer falta. Ninguém mais podia morrer. Os doentes agonizavam e assim continuavam, sem que os médicos soubessem por quê. Ao fim de alguns anos, havia casas com seis e sete moribundos crónicos, com menos juízo do que crianças e os hospitais tiveram de ser ampliados, onde enfermeiros moços assistiam a bisavós e trisavós.

Estabeleceu-se confusão enorme, a começar no govêrno dos povos, porque os reis e os ministros, velhos, caquéticos, tarocos, idiotas, enfim, já não atinavam com o que faziam.

Veio a fome. A terra já não chegava para tanta gente que pedia caldos de galinha. Até que apareceu um médico inteligentíssimo, a quem nem a morte escapava, sobretudo quando esta andava à sôlta e foi dar com ela encavalitada na pereira. Procurou a Tia Miséria e explicou-lhe que ela era a culpada de todos os males existentes e que o impediam a êle, médico, de mandar alguém para o outro mundo.

A Tia Miséria estava surda e cega. Habituada às enfermidades e privações, não sentira muito os inconvenientes da imortalidade. Ignorava que o mundo sofresse tanto por sua causa.

— Bem — exclamou a Tia Miséria —; eu solto a Morte, mas com a condição de que ela não venha buscar-me, nem ao meu cão, senão depois de eu a chamar três vezes.

A Morte aceitou o contrato e desceu da pereira. E nunca se viu igual festa no mundo, apesar do trabalho que houve a princípio, com tanta gente a querer morrer ao mesmo tempo e a Morte sem ter mãos a medir. Trabalhou afanosamente meses a fio, e a sua maior distracção era gozar a alegria dos enterros, com grandes acompanhamentos de vivos a cantar e a dançar.

Quanto à Tia Miséria, como ainda não chamou a Morte, continua a viver e viverá sempre, enquanto houver mundo.

«— E isto deve estar certo — diz o Dr. Agostinho de Campos, — porque uns têm a vocação da miséria, que preferem ao trabalho, e outros não se dão ao trabalho de acabar com a miséria.»

Ora, aqui têm o panorama curioso do mundo, se a morte deixasse, por algum tempo, de exercer as suas funções...

Como se vê, a morte é motivo de evolução universal. Sem morte, não poderia existir a vida. A principiar na célula mais simples, a morte aparece sempre, para iniciar qualquer regeneração, qualquer manifestação de vida nova.

* * *

A eternidade do espírito está experimentalmente reconhecida. Não devemos, pois, julgar irreparável a desencarnação dos entes queridos. Se nos fôsse concedida a clarividência, viríamos os que partiram, tal como vemos a matéria que nos cerca. Por isso eu insisto nêste ponto: não devemos rodear a morte de tétricos cenários, que alimentam o êrro e a superstição.

Os mortos seguem do Alto os progressos da ciência e assistem às invenções do génio humano. Acompanham o movimento cósmico até ao momento da reencarnação. Cooperam no nosso desenvolvimento, dando impulso às artes, às ciências e às indústrias, na mais estreita comunhão com os encarnados.

A vida e a morte têm a sua imagem na vigília e no sono, o qual é motivado pelo esgotamento das fôrças vitais, cessando logo que o potencial das reservas nativas atinja o limite desejado. Da mesma forma, o repouso que separa duas vidas restaura energias que serão utilizadas no futuro.

— «O sono — declara a autora das mensagens coligidas sob o título de «A Nova Luz» — o sono é um período de repouso entre a noite e a alvorada; a morte é um estágio entre duas vidas. Entretanto, quando ela sôbre ti descer (dirige-se a seu filho Jorge Déjean, que recebeu a obra), verás novamente, após uma fase mais ou menos dilatada de perturbações, as tuas existências anteriores, do mesmo modo que, ao acordar cada manhã, podes rever a tua vida presente, remontando até aos primeiros anos».

Como já dissemos, o desprendimento mais ou menos rápido e suave é relativo ao grau de espiritualidade que se atingiu. Aquêles que se familirizaram com o sofrimento e buscaram na prática da virtude o caminho para a sua evolução, estão melhor preparados para a grande viagem. O contrário sucede aos insensatos que só procuram os gozos materiais, que envenenam o corpo e obscurecem o espírito.

Preparemo-nos, apetrechemos-nos para a morte, não deixando de observar os mais insignificantes pormenores e tentando obter a satisfação — como dizia Séneca — de ver morrer os nossos vícios primeiro do que nós. Se assim fizermos, se encararmos sèriamente o problema, atravessaremos a morte em transição suave, sem necessidade do sono reparador, a que são submetidos aquêles que estavam apegados aos bens terrestres ou que desencarnaram convencidos de que a morte era, na realidade, um sono de que se não despertava, como se depreende da seguinte comunicação publicada em 1925 na *Light*, pág. 234:

— Alguns espíritos, que prevêem a morte eminente, caem no sono, logo que desencarnam, principalmente se tinham a convicção de que a morte era o aniquilamento. O período de sono reparador adapta-se então imediatamente às suas convicções ideológicas. Êsses não precisam de explicações ou de socôrro, até o fim do repouso, que se prolonga às vezes muito, quando se trata de indivíduos que não acreditavam na existência da alma.

Vejamos agora o que êle diz um pouco mais abaixo:

— Os que desencarnam com a convicção da existência duma vida de além-túmulo, não necessitam de dormir, a menos que cheguem ao mundo espiritual esgotados por longa enfermidade ou deprimidos por fortes tribulações. Na prática, poucos há que não necessitem de um período mais ou menos longo de sono. Êste período depende da forma como o espírito consegue adaptar-se às suas novas condições.

* * *

As doutrinas materialistas, quanto ao problema da morte, são um pouco semelhantes às de certas religiões. Umas e outras prejudicam o censo moral dos povos. As materialistas, por equipararem o cadáver do homem ao do animal, sempre dentro das leis fisiológicas. É um corpo organizado — dizem êles — da mesma estrutura atómica do cão, do cavalo ou do cevado. E com estas palavras julgam

ter formado luminoso conceito da finalidade da vida, no que esta possui de mais nobre e mais transcendente. Certas religiões também prejudicam, rodeando a morte de cenários medonhos, de rituais apavorantes que deixam na memória traços indeléveis. O dobrar clangoroso dos sinos, o tinir das campainhas, o cantochão plangente e arrastado, tochas e lanternas empunhadas por acompanhantes envolvidos em roupões que parecem balandraus de estamenha, depois a descida à cova, ainda ao som de cantochão, tudo isto é fazer da morte um espantalho, quando, afinal, é um fenómeno naturalíssimo.

¿Para que serve tamanho aparato?...

Acompanhe-se o cadáver com respeito e enviem-se pensamentos carinhosos e elevados ao espírito que o animou. Esta é a melhor atitude a tomar por aquêles que eram sinceros amigos do defunto.

Se o corpo tem de baixar à terra, ao laboratório da Natureza, onde se transformaram tôdas as formas materiais que revestimos em vidas passadas, ¿que importa o ritual da cerimónia, contanto que decorra com o máximo respeito? Todos sabemos que nos acompanhamentos de enterros e na velatura dos cadáveres se fala de tudo, menos do acto que se realiza. Uns fumam ou bebem café, outros discutem os acontecimentos; êste conta histórias, aquêle diz mal do vizinho, aqueloutro impinge anedotas para esquecer a sensaboria a que não conseguiu escapar. E afinal o que o defunto agradecia eram preces recolhidas e sinceras que o auxiliassem a vencer a dor da separação.

¡Quantas vezes, porém a cerimónia do acompanhamento não será conspurcada por idéias frívolas e quantas vezes também a hipocrisia de alguns não servirá de tortura ao espírito que acaba de desencarnar!

Fernando de Lacerda obteve uma comunicação de Silva Pinto, em que êste declarava, compungido, àcêrca dos falsos amigos que acompanharam o seu corpo à sepultura:

—Deixaram-me arrastar a uma longa agonia, sem um gesto de auxílio. Sabiam-me a braços com uma doença impiedosa e com miséria acabrunhadora e não tiveram um movimento de solidariedade, de piedade sequer para êste velho lutador, êste desgraçado enfêrmo que consumira a vida inteira lutando a favor dos fracos e contra os preconceitos. Então, insultavam-me, deprimiam-me. Eu era devasso, era azêdo, era orgulhoso, como diziam em acto de desculpa para a sua crueza; ¡e só agora se mostravam compungidos, só agora me encontravam merecimento e grandeza! ¿Para quem estarão a representar, os sevandijas?

«Lá iam alguns no meu entêrro. ¡Era coisa de ver a compunção e a compostura solene em que se davam ares! Mas não iam penitenciar-se do mal que me fizeram, nem da covardia de me deixar morrer à míngua e isolado como um cão rabuje. Não! Iam mas era ver se eu ficava bem enterrado, não fôsse o diabo que eu pudesse voltar ainda!... Iam como aquêle genro que, tendo-se dado tôda a vida mal com a sogra, lhe acompanhava o entêrro chorando desabaladamente e que, em resposta a alguém que lhe preguntou porque chorava tanto, disse que era de pena... por ela não ter morrido há mais tempo.

«Alguns — continua Silva Pinto — ao lerem isto, devem sentir vertigens na alma torva, não de vergonha, que é coisa que não conhecem, mas de raiva, por verem que ainda os posso apreciar. Mas agora não me enganam. Vejo-os bem. ¡Que ridícula comédia desfrutamos com a nossa morte, se temos logo a lucidez necessária para vermos o desenrolar da hiprocrisia que os velhacos põem em jôgo, à volta do nosso cadáver!... ¡Como há lágrimas mentidas, pragas em tom de oração. insultos murmurados dolentemente! Como há fundas alegrias dissimuladas em tristezas!... ¡E nós a vermos tudo, sem lhes podermos dar dois pontapés!...»

Sócrates disse aos seus amigos, quando lhe preguntaram como queria ser enterrado:

— Seja como quiserdes, se vos puderdes apoderar de mim.

O PROGRESSO

O Progresso não cessa de agir. É como o sol — trabalha nos dois hemisférios, fecundando e purificando a Terra, Assim também é o Progresso: depura e aperfeiçoa as almas na sua incessante evolução.

Trabalhai, ajudando o Progresso e com êle ascendereis mais depressa.

VICTOR HUGO

PASCAL FORTHUNY

pelo Coronel Faure da Rosa

III

SESSÃO de 10 de Março de 1926 a que assistiram cêrca de 130 pessoas.

Forthuny entra na sala, dá alguns passos e pára diante duma senhora, assentada na segunda fila e que pela primeira vez assistia àquele género de sessões. Forthuny fita-a uns dez segundos, depois do que lhe diz:

— Peço licença para lhe preguntar, minha senhora, se não conserva em sua casa, com um cuidado especial, um exemplar da edição de luxo do *Lírio do Vale*, de Balzac. ¿Não lhe falaram da Sr.ª do Morsauf, personagem dêsse romance?

Que era verdade, respondeu a dama.

— Não há muito tempo, chamaram-lhe «S.ª de Morsauf» e «Lírio do Vale», e, não sei porque, a leitura dêsse livro causou-lhe uma impressão considerável... Isto não é mais que o ponto de partida. Dizem-me, com a discrição que pode impor-se e constranger-me, talvez, a velar um pouco o meu discurso, que conhece na vida uma S.ª Morsauf.

— Sim, tudo isso é exacto, confirma a dama.

— Entre a existência dessa pessoa e a personagem do romance, a Sr.ª Morsauf — que aliás não era completamente idêntica — V. Ex.ª notou paralelismos muito curiosos, semelhanças de situações que não só se aplicavam à dama de Morsauf e à dama de quem lhe falo nêste momento, mas também às personagens da sua convivência, quer no livro quer na vida. Essa pessoa ainda existe. Há na senhora uma grande confiança, muito mais que uma esperança, confiança em que a dama de Morsauf actual virá a desmentir a conclusão que Balzac deu ao seu romance; isto quere dizer que, se há semelhança muito curiosamente justa entre uma e outra, entre a ficção e a vida, há diferença desde a página 242 do romance e desde um certo número de anos na vida desta dama, diferença muito apreciável entre o romance e a vida real. ¿É isto exacto?

Que não lhe era possível controlar o que dizia respeito ao momento do desvio, desde a página referida, — respondeu a dama.

— É um pouco subtil, continuou Forthuny. Talvez não valha a pena fazer um inquérito. Entretanto, deixe-me dizer-lhe, minha senhora, que a dama de quem se trata não terminará a sua vida como a Sr.ª de Morsauf terminou a sua aventura. Há uma diferença muito profunda, e se quiser distrair-se com o inquérito, verá que desde a página 242, da edição de luxo, o romance acaba curiosamente. É um inquérito raro, subtil, delicado. ¿Quere encarregar-se de o fazer, minha senhora?

Resposta afirmativa da dama.

— Procure desde a página 242 do seu livro e verá que a partir dêsse momento a pessoa em questão deixa de se assemelhar à Sr.ª de Morsauf.

Expliquemos o seguimento desta extraordinária revelação.

A Sr.ª X..., a senhora interpelada, no dia da sessão não possuía a *edição de luxo do Lírio do Vale*, pelo que não podia ter tido o cuidado especial a que aludira Forthuny; mas a leitura dêsse romance impressionara-a tão intensamente que a sua memória recordava os principais episódios.

Uma vez em casa, procurou no exemplar que tinha a página 242; como, porêm, a edição era de grande formato, tal página não existia. Entretanto, estranhou que as fôlhas do livro só estivessem abertas parcialmente; esta circunstância deu-lhe a convicção de que não fôra aquêle o exemplar que tinha lido.

Mas, como a Sr.ª X... quisesse assegurar-se do que representava a página 242 numa edição de luxo, foi ao editor Conard onde comprou o primeiro exemplar que lhe apresentaram como edição de luxo. O exemplar adquirido pertencia à edição revista por Bouteron e Lognon com ilustrações de Carlos Huard.

Lida a página 242, a Sr.ª X... ficou estupefacta de ali encontrar o desvio que ocor-

rera na vida da heroína do romance de Balzac, o qual correspondia exactamente àquêle por que a sua amiga tinha passado.

Recordemos o drama afectivo da Sr.ª de Morsauf, heroína do romance de Balzac — *Lírio do Vale*. Esta mulher vivia tranqüilamente, no vale do Indro, (rio da França, afluente do Loire) entre o marido e os seus dois filhos. Era uma alma recta e de tal maneira arreigada a princípios morais que o seu procedimento foi sempre imaculado.

Era virtuosa por constituïção: um lírio. Aconteceu que um rapaz de 20 anos, Félix de Vaudenesse, se tornou familiar da casa. Entre êle e ela nasceu, e com rapidez se desenvolveu, irresistìvelmente, um amor profundo. Viveram lado a lado, sabendo bem quanto se amavam e bem certos que jàmais seriam um do outro. O seu amor platónico foi sempre intenso. A Sr.ª de Morsauf afagava o projecto de casar o rapaz com a filha mais velha. Mas, um dia, soube que uma outra mulher, a marqueza Dudley, momentos antes, deixara o marido e os dois filhos para ir viver com Félix de Vaudenesse. Foi êste o instante dramàticamente crítico da existência da Sr.ª de Morsauf. A página 242 da edição Conard resume, em poucas linhas, que vou transcrever, a perturbação violenta duma alma até ali tranqüila, pura e segura de si mesma:

«Ao ouvir aquela notícia, a Sr.ª de Morsauf recolheu bruscamente a casa. Félix de Vaudenesse encontrou-a estendida sôbre o canapé, como se ela tivesse sido fulminada pela voz que aterrou S. Paulo.

«— ¿Que tem? — preguntou-lhe Félix.

«— Eu já não sei o que é a virtude — respondeu ela; e não tenho a consciência da minha!

«Ambos ficaram petrificados ao ouvir o som daquelas palavras como se pode escutar o som da pedra atirada a um abismo.

«— Se eu me enganei na minha vida — continuou a Sr.ª de Morsauf — ela, a marqueza Dudley, tem razão!

«A partir dêsse dia em que o ciclone sentimental lhe devastou a alma, a Sr.ª de Morsauf estiolou-se lentamente e, por fim, morreu.»

Como a Sr.ª de Morsauf, a amiga da Sr.ª X... viveu com o marido e os dois filhos uma vida sossegada. Um dia, um homem môço apareceu em sua casa: chamava-se Félix, também; a mesma idade e o mesmo nome que o herói de Balzac. Amaram-se com um amor todo sentimento. Esta amiga da Sr.ª X... tinha exactamente o carácter da Sr.ª de Morsauf e teve a coragem de conseguir que o seu apaixonado se casasse. Na época em que se realizou a sessão de Forthuny, o estado de alma desta senhora era precisamente o que a página 242 do romance indicava à Sr.ª de Morsauf. Reflectindo nas conseqüências cruéis derivadas dos seus princípios morais, começava a lamentar ter sacrificado o amor ao dever. Mas a amiga da Sr.ª X... estava firmemente resolvida a não se deixar submergir no mar de fel dos seus pezares.

O Dr. Osty qualifica esta comunicação de Pascal Forthuny como uma verdadeira maravilha do conhecimento supranormal.

* * *

Um dos motivos da diminuïção do trabalho metagnómico é a *multiplicidade da assistência*, e a variedade, certamente. A emoção criada pelo receio de insucesso diante de muitos espectadores ajunta-se ao número de influências psíquicas, que, ao mesmo tempo, actuava no psiquismo do médium.

Aquêles que têm prática de experiências mediúnicas sabem que, umas vezes, basta a presença de algumas criaturas humanas, geralmente, para esterilizar a faculdade mediúnica. Outras vezes, a presença de algumas pessoas particularmente «favoráveis», é quanto basta para que uma ou outra sessão seja muito boa.

Muitas vezes, a primeira sessão é a mais produtora de indicações em quantidade e qualidade.

Além desta causa (a da assistência), que influi na produção dos fenómenos, outras há, como a disposição corporal e moral do médium no momento da produção: há dias, e há momentos em cada dia, mais ou menos favoráveis, mais ou menos esterilizantes.

¿De que causas provêm essas flutuações incessantes? É tão difícil dizê-lo, mais difícil até, como dizer qual é a causa das flutuações da nossa memória, da nossa atenção, da nossa vontade, da nossa inteligência.

A depressão física que, em regra, contribui para a diminuïção da produção, em certos casos, como o de Pascal Forthuny na sessão de 24 de Fevereiro de 1926, favorece-a em quantidade e, sobretudo, em qualidade.

Forthuny no seu trabalho em público passa do normal ao paranormal sem artifício e sem modificações de aspecto.

Quando se sente em condições de operar na pessoa diante da qual pára, nota-se-lhe

modificação no ritmo respiratório, que perde a sua regularidade tornando-se, uma vezes, entrecortado por pausas e outras vezes acelerado.

Nas sessões privadas, Forthuny abandona-se às influências que o tomam. Tem a impressão do vácuo cerebral, duma espécie de desmaterialização do pensamento e sente-se leve. O seu cérebro parece pensar sem nenhum esfôrço, como se fôsse movido por uma fôrça estranha. Às vezes, o eclipse do consciente é tão forte que nenhuma recordação lhe fica do que se passa. Nunca se deixa cair em transe completo senão diante de pessoas cujo juízo a seu respeito lhe é indiferente. Diante de pessoas de algum valor intelectual, reage e consegue impedir o transe. O mesmo se dá sempre que trabalha em público: luta permanentemente contra a tendência natural para o transe profundo, não querendo mostrar que é médium. Logo que sente a actuação, retesa-se, procurando dar-se a aparência de conferência. É claro que esta preocupação constante de que resulta um esfôrço mental e fisiológico excessivo, necessàriamente há de ocasionar fadiga e uma diminuïção considerável do rendimento da faculdade.

De 12 de Maio de 1925 a 21 de Abril de 1926 Forthuny realizou 15 sessões no I. M. I. de Paris, às quais assistiram 1.500 pessoas, número global. Destas 1.500 pessoas, 136 foram objecto de experiências.

O número de fracassos completos foi de 18 %. É preciso atender a que muitas pessoas, em público, negam indicações verdadeiras concernentes à sua vida íntima que a todo o custo querem ocultar.

Por exemplo: na sessão de 12 de Maio de 1925, Forthuny dirige-se a um grupo de pessoas que ocupava um canto da sala e diz-lhes, de chofre: «Ocorre-me um Henrique, um Henrique que foi político. Ficou paralítico dum lado. A voz foi-se-lhe extinguindo à medida que se aproximava do fim da vida. Agora está morto. ¿Ninguém se diz do conhecimento dêste Henrique? André... ¿que quere dizer êste nome André?»

Esta última indicação dizia respeito a uma senhora das relações do Dr. Osty, assentada a um canto da sala. Incomodada com a orientação que o nome André dava às percepções de Forthuny, não respondeu nada. Mas o pintor André D... que ali estava, como ninguém se desse por achado para o Henrique nem para o André, disse: «André, isso pode ser comigo.» Forthuny aproximou-se dêle e forneceu-lhe informações exactas e precisas àcêrca da sua personalidade íntima.

Feito isto, voltou-se para outro lado da sala, gritando: «Henrique, Henrique!... estou obsecado pela idéia desta personagem morta. ¿Ninguém a conheceu?»

Neste momento Forthuny passava por diante dum Sr. L. G... que, a gracejar, lhe disse que um tal Henrique desempenhara um papel na sua vida, mas não estava morto. Pois, imediatamente, Forthuny declara que aquêle Henrique era equitador, que na mocidade viajara em África, etc., e tudo isto era verdade.

Êste exemplo, protótipo de numerosos factos análogos, permite-nos compreender a razão por que o trabalho mediúnico em público é necessàriamente de produção fragmentária. O comportamento dos assistentes e a multiplicidade de influências psíquicas detêm a cada instante, a manifestação dos fenómenos respeitantes a um determinado indivíduo. São pequenos farrapos da vida que são revelados, às vezes de grande interêsse, mas muitas vezes de importância mínima.

Não há lógica nesta pesca mediúnica, entregue como está às inter-acções, interferências, atribuïções, paragens resultantes dos alvejados que não querem confessar, etc...

De tudo se encontra nestes retalhos da produção supranormal: indicações sintéticas, minuciosidades, nomes de pessoas e de cidades exactos ou ligeiramente deformados, iniciais de nomes ligados a um acontecimento exactamente assinalado, datas, idades, pedaços de conversações, etc.

Pretendem os matapsiquistas, e, à frente dêles o Dr. Osty, que estes e outros factos supranormais são exclusivamente devidos ao animismo dos médiuns. O professor Bozzano, porém, entende e explica que, tanto as manifestações supranormais produzidas por Pascal Forthuny, como quaisquer outras, podem ser de natureza «anímica» ou de natureza «espirita», segundo as circunstâncias, o que permite êste aforismo: «O animismo é o necessário complemento do Espiritismo; e a tal ponto que, sem animismo, ao Espiritismo faltaria fundamento.» Ora, conformemente a êste aforismo, se admitirmos, mesmo a título de concessão teórica, que uma secção de fenómenos é de origem espirita, seria legítimo dizer que dêles se deduz que aquilo que pode realizar um espírito desencarnado, também pode realizá-lo embora com menos perfeição — um espírito encarnado que esteja em condições transitó-

rias de enfraquecimento vital, tais como os estados de sono fisiológico, de sono sonâmbúlico, de sono mediúnico, de êstase, de síncope, de narcose, de coma. E isto confirma, em suma, que as hipóteses do animismo e do Espiritismo, longe de se neutralizarem mutuamente, completam-se uma à outra, e, por conseqüência, ambos são indispensáveis à interpretação global dos fenómenos metapsíquicos.

«Sob outro ponto de vista, é de notar que, do domínio metapsíquico, relativamente à realidade indubitável dos fenómenos anímicos, se deveria inferir que a produção dêsses fenómenos subentende na subconsciência humana faculdades psíquicas prodigiosas, independentes da lei de evolução biológica e capazes de penetrar o passado, o presente e o futuro. Isto leva, lògicamente, a supor, no homem, a existência dum espírito sobrevivente ao falecimento do corpo. Essas faculdades representariam os sentidos espirituais anteriormente existentes, no estado latente, nos recônditos da subconsciência humana, à espera de emergirem e funcionarem num meio apropriado após a crise da morte, como os sentidos terrestres existem, antecipadamente formados, no estado latente, no embrião, à espera de emergirem e funcionarem no meio terrestre, após a crise do nascimento.

«Por outras palavras: Assim como o embrião humano, destinado a viver e a funcionar no meio terrestre, chega a êsse meio provido de sentidos apropriados e antecipadamente constituídos, assim deve ser o espírito desencarnado quando chega ao meio espiritual. Não é possível que os sentidos espirituais sejam criados do nada no momento da morte. Daqui se deve concluir que, se o espírito sobrevive, êle deve possuir sentidos, antecipadamente formados, no estado latente, prontos para despertarem na nova fase da existência. Se assim não fôsse, o espírito não sobreviviria à morte do corpo. Donde resulta que são, justamente, os fenómenos anímicos que fornecem ao homem a prova solene da sua imortalidade.

«Importa ainda observar que, embora os corifêus do materialismo se esforcem por incluir tôda a fenomenologia metapsíquica no círculo estreito do animismo, dando-se a ilusão de, assim, obstruirem o caminho aos defensores da hipótese espirita, êles, na realidade, prestam-lhe assinalado serviço, visto que contribuem para reforçar a prova completamente indispensável da demonstração científica da existência e da sobrevivência do espírito humano. E se assim é, se o animismo prova a sobrevivência, já não é possível contestar a validade das comunicações mediúnicas dos defuntos recorrendo à hipótese absurda de se atribuir tôda a fenomenologia metapsíquica ao animismo, inclusive os casos de identificação pessoal em que se obtêm informações ignoradas do consulente e do médium, ou em que se desenrolam conversações em línguas ignoradas do médium, e onde, muitas vezes, se falam línguas desconhecidas de todos os assistentes.

«Notemos que a absurda hipótese em questão, não pode ser sustentada senão com a condição de se ignorarem os casos de «aparições de defuntos no leito de morte», e os outros casos completamente de «aparições de defuntos pouco tempo após o falecimento, bem como uma multidão diferente de manifestações espontâneas de defuntos; casos e manifestações que, *nada tendo de comum com as faculdades subconscientes*, não poderiam ser atribuídas ao animismo. Esta última circunstância reveste uma importância teórica enorme, porque ela neutraliza e destrói definitivamente a hipótese gratuíta, mas irrefutável (porque é impossível demonstrá-la), da «omnisciência subconsciente», ao passo que a circunstância em questão *assegura de tôdas as maneiras o triunfo invencível do Espiritismo*».

Palavras aos amigos

Desde que comecei a escrever, perdi tempo a defender-me de todos e a romper todos os quadros que se formam, reformam e deformam ao meu redor. Não me coloqueis sôbre pedestal algum. Não façais de mim chefe de grupo. Sou homem livre — apenas isso —, homem que não proclama a sua superioridade moral e intelectual e que, tampouco, aspira a missões, mas só quere conservar o direito de ser mutável, de ser débil ou forte, de acôrdo com as circunstâncias, sem ocultar tudo isso. Livre, livre e sincero. Esta é tôda a minha divisa. Quando ouço falar de algum agrupamento em tôrno de mim, penso nas palavras do venerando Tolstoi:

— Caros amigos: não dirijais vossos olhares para mim, mas sim para Deus, que se encontra além, no fundo do horizonte. Cada homem deve ir até Êle. Seguindo cada qual o seu caminho, encontrar-nos-emos Nêle. Mas, se marcharmos todos juntos, como rebanho, estorvar-nos-emos uns aos outros.

ROMAIN ROLLAND

O Espiritismo e a guerra

por F. Noronha

ASSIM como a tuberculose, o alcoolismo e a sífilis constituem os três maiores flagelos da humanidade, assim também a guerra constitui o flagêlo máximo da Civilização, verdadeiro monstro gotejando sangue, apavorantemente horrendo.

Definiu-a em frase indelével um português que foi padre e missionário, epistológrafo invulgar e diplomata de envergadura: António Vieira.

A luta, infelizmente, revela-se em tôdas as idades e o sangue derramado com violência até se nos manifesta nas páginas da mesma obra que descreve e pormenoriza a situação paradisíaca.

De facto, o *Pentateuto,* ou os cinco livros que abrem a *Bíblia,* fala de Abel, assassinado por seu irmão Caim, e de guerras exterminadoras.

Seja qual haja sido a origem do bípede racional, o cibo e o cio hão de ter produzido os seus naturais efeitos de deslocamentos e pesquisas, quando a sensação da fome e o impulso genésico o forçaram a tanto.

Nêste sentido, sobressai na vida da Roma primitiva uma das ocorrências mais interessantes da História Geral: o rapto das Sabinas, as quais, por seu turno, logram conciliar o ânimo irritado dos seus ascendentes com as pessoas dos raptores, já delas estremecidos.

Intervenções, porém, desta natureza raream no testemunho dos séculos e nos anais de todos os povos.

Contendas e beligerâncias frementes a cada passo, os prisioneiros passados ao fio de espada e até os haveres dos vencidos, inamovíveis como edifícios de habitação e terrenos de semeadura e pastagem, incendiados e talados.

Assomam e conjugam-se nêste espectáculo a Antiguidade clássica, sem embargo da Grécia ter alcançado a magia arrebatadora do Belo e a Itália dos romanos a lição indelével do Direito.

«A morte, o sangue, as discórdias, a espada, as opressões, a fome, as ruínas, eis o quadro quási permanente da história» — diz Louis Veuillot no seu livro «La Guerre et L'Homme de Guerre» (Paris, 1855), logo às primeiras linhas do cap. 1.º e domonstra-o com a exuberância de algarismos nas 37 págs. que o mesmo capítulo abrange, fechando-o por êste categórico teor: «et pendant que j'écris, le monde entier prête l'oreille au canon de Sébastopol, qui empêche d'entendre les fusillades de Madrid et du Caucase.»

O saüdoso escritor D. António da Costa («O Cristianismo e o Progresso» — Lisboa, 1868), citando Paul Leroy Beaulieu, em nota ao cap. 10.º do seu livro, diz, concluíndo a pag. 174, quanto a perdas de vidas: «Assim as guerras, só em catorze anos do século dezanove, devoraram perto de *um milhão e oitocentos mil homens,* às famílias, à humanidade, à riqueza das nações e à civilização do género humano!»

¿Quantos pontos de admiração traçaria no papel o ilustre escritor, se tivesse de referir-se, na sua castiça prosa, à estatística de mortos nos quatro anos do que chamamos Grande Guerra?!

¡Não menos de dez milhões, por certo a perder de vista perante a hecatômbica sangria, desde Setembro de 1939!

A precedente iniciara-se em Agôsto de 1914, tivera alto pelo armistício de 11 de Novembro de 1918 e êste confirmação pelo Tratado de Paz, firmado em Versailles aos 28 de Junho de 1919.

Na capa do exemplar do aludido instrumento, versão portuguesa, de que sou possuïdor, escrevi as seguintes palavras:

— Platonismo, que o amanhã desmentirá por certo!

Lamento que não me tivesse enganado.

Numa conjuntura de pacificação, M. Félix Germain, depois de Magenta e Solferino, elaborara e dera à estampa um livrinho subordinado a êste título significativo: «¿Le Congrés Est-ce La Vraie Paix? (Paris, 1859).

Corria ainda o século dezanove. O nosso não vai em meio, por enquanto.

«Estudar os motivos da guerra, diz César Pôrto» (¿«A Guerra não findará? — A guerra e a Sua Extinção Evolutiva», pág. 45 — Lisboa, 1902) e como êles, espontâneamente, se vão sem cessar eliminando, é indicar até certo ponto os meios artificiais de que podemos servir-nos para apressar a era da paz.»

¡Anelos adoráveis de boas almas! ¿Essa era vingará de vez algum dia?!...

«Triste condição a nossa! A indignação é grande, digo com César do Inso («Guerra à Guerra», pág. 6 — «Conferências» — Lisboa, 1904), a reprovação é geral, quando um bandido assassina um inocente; a indignação é nula, a reprovação é contrária, quando milhares de inocentes são assassinados numa batalha!»

Disse um espirita («O Suïcídio — Suas causas e seus efeitos», pág. 5 — Rio de Janeiro, 1924): «O germe do bem reside em tôdas as criaturas; depende delas o seu desenvolvimento.»

É uma afirmação fundamentada, mas irreal, pràticamente, pela falta de orientação educativa com capacidade de regeneração de indivíduos e de colectividades.

Semelhante falta sepulta o homem num completo embrutecimento de materialismo e faz transparecer a fera, onde só devia irromper fraternidade.

É esta o farol-guiador do Espiritismo, o santo e senha dos seus cenáculos, a razão de contacto de tôda a sua grei e, concomitantemente, o argumento felicíssimo do seu esfôrço solidário.

A guerra não sorri à sua ideologia prestimosa, nem procede em aspecto algum com a miragem espiritual que o acompanha.

Êle quere o estado de paz, repugna-lhe a agitação de hostilidades, a perversão de imortais princípios, o indecôro de contradições, a falência de carácter e o naufrágio de institutos destinados ao bem comum.

¿Poderá, por qualquer lado, ser visto como elemento favorável à fôrça bruta desencadeada?

De sua psique eleva-se a prece, a oração de alma ao Nume Providente, convicta de que do Alto, espargida como bênção de misericórdia por cima de raivosos brigando, caïrá o orgulho de arco-íris e a unção de justiça, sem sancionamento desproporcionado.

O Espiritismo toma a peito a causa dos ofendidos, mas não couraçado e contundente, apelando para os que se partiram destas moradas vacilantes e coexistem no Além, desvestidos de armaduras.

Disse Vítor Hugo, salvo êrro, que Waterloo foi Deus passando; a guerra é o homem amaldiçoando, é um tremedal bojudo, uma cratera de imensas dimensões em que o ódio prepondera, as rivalidades destronam-se e destroncam-se e multidões ou massas de irresponsáveis são abatidas sem recurso.

O espirita, apóstolo de fraternidade e testemunho solidário, figura no holocausto e no brazido, súbdito disciplinado das leis do seu país, quando estas o chamam às fileiras e o encorporam nas unidades combatentes.

O cidadão obedece como lhe cumpre; o ente racional, de espírito e verdade, essencialmente sensível e amplexivo, permanece em recôndito na resignação de lealdade, não pondo em dúvida a balança do Justo, nem desesperando dos atributos da Divindade.

Não lhe falece o ardente desejo de paz, nem se lhe entenebrece o raciocínio de melhores dias para o advento de normas sociais equitativas e de salubérrimo entendimento de povos e nações.

Êle vê claramente no amanhã da História a supremacia da bondade em estatuto perdurável.

Não nega nem renega o livre-arbítrio, sem o qual ficaria sem nexo e sem sentido o vocabulo mérito e outrossim o seu contrário.

Em seus centros e em suas sessões, em seus contactos que penetram os umbrais de transição, quando o habitáculo corpóreo é restituído à mãe natureza, ergue o ânimo à Serenidade absoluta e confirma-se na aura do seu sentimento.

É assim um elemento vivíssimo de pacificação humana, de harmonia social, de conformidade no pensamento!

O remorso não lhe pesa, a inveja não o mortifica e até os próprios planos inferiores ou atrasados não o assustam.

Roga para êles a complacência eterna, e ampara-os, propelindo-os para a libertação pelo arrependimento, que é o salvatério providencial do espírito em provação e a ridente aurora de renôvo consciente.

Para que êste abarque a população in-

teira do terráqueo planeta, será bastante o autêntico sacerdócio emancipador do do Espiritismo, lustrando a ciência de fenomenologia experimental, sem quebrantamentos, sempre inglórios e recuantes.

Entre Espiritismo e Guerra existe um vácuo impreenchível, uma barreira de absoluta incompatibilidade.

Onde a Paz, o Amor, a Caridade, a Concórdia constituem égide, brazão e finalidade, onde Jesus e os Evangelhos são Mestre venerando e código fundamental de civilização, aquela não se comporta e apenas é lamentada.

Entretanto, contém-se o Espiritismo no positivo dos factos ocorrentes e verifica por entre as idades e através dos povos o caso de instinto de conservação em que o indivíduo mata para não ser morto, ou justa e natural defesa e o de agressão brutal por invasão subitânea, ferindo a autonomia e independência duma nacionalidade.

É ainda a justa e natural defesa da atacada que prevalece por legítimo direito, reagindo contra a atacante.

Hostilidades desta natureza são forçadas pela urgência inequívoca das circunstâncias e também pelo mesmo estímulo poderoso do instinto de conservação.

¡Tristes e terríveis casos, que denunciam a bêsta apocalíptica do vidente de Patmos maculando a espécie humana em furor de paixões ferinas e de cobiças insaciáveis!

É a liberdade sem escrúpulos e o crime aclamado sem pudor, sendo certo que, na própria justa e natural defesa, perante os puros conceitos da razão, o sensato respeito da vida alheia e a lógica apreciativa da integérrima consciência, na própria justa e natural defesa se restringe e há que restringir o limite ao exacto rigor de proporção.

O excesso é delinqüência punível, e no caso de morte é assassino o que se defende matando e homicídio o seu feito injustificado.

¿Em que parcela regional do glôbo habitado o sol da terra ilumina dominante a grafia do *Decálogo* que diz: «Não matarás», e os vivos provocadores interpretando-a à letra numa correlação de continuidade?

¡A esta hora do século vinte, estaria certo que assim fôsse em todos os cenários e para todos os actores!

Génios precoces

DO CALENDÁRIO HISTÓRICO DA EMISSORA NACIONAL, DE 6 DE MARÇO DE 1944:

Artur Napoleão dos Santos, distinto pianista e e compositor português, filho de pai italiano, nasceu no Pôrto a 6 de Março de 1843; deu o seu primeiro concêrto de piano no Teatro de São João, do Pôrto, contando apenas 7 anos de idade. O seu talento precoce fêz a admiração do público, que o aclamou entusàsticamente. Êsse extraordinário êxito foi cantado, em odes, por alguns poetas da época, e os periódicos encheram colunas a seu respeito, profetizando-lhe o mais brilhante futuro. De facto, não se enganaram. Seguindo pouco depois para Londres, acompanhado pelo pai (seu guia espiritual), estudou ali com o eminente professor Sir John Ella, ao tempo director do Music-Hall-Union, realizando um concêrto perante a raínha Vitória, que, no final, o beijou comovida pela maravilhosa interpretação que o artista, com tão verdes anos, dava às obras dos grandes mestres.

Instalado em seguida em Paris, aí recebeu novas lições do grande Henri Herz, percorrendo mais tarde as grandes capitais da Europa, como São Petersburgo, Varsóvia, Berlim, Viena, etc.

Conseguiu ser sempre aclamado por um público escolhido, vendo as suas altas qualidades de interpretação assinaladas com entusiasmo, pela crítica mais exigente. Em 1855 (contando, portanto, 12 anos de idade), passou ao Brasil, onde os seus concêrtos se tornaram alvo de tôdas as atenções, empreendendo, seguidamente uma digressão pelos Estados Unidos da América. Em 1868, fixou residência no Rio de Janeiro, onde abriu um grande estabelecimento de músicas, que fàcilmente prosperou. Saüdoso da Pátria, e em plena posse das suas grandes faculdades, reapareceu em Lisboa e Pôrto, em 1889, onde o êxito dos seus concêrtos foi, então, sem precedentes. Morreu a 12 de Maio de 1926.

DO «PROBLEMA DO SER E DO DESTINO», DE LÉON DENIS:

William Hamilton estudava o hebraico aos três anos de idade, e aos 7 possuía mais extensos conhecimentos do que a maior parte dos candidatos à agregação. Dizia um dos seus parentes: «Estou vendo-o ainda responder a uma pregunta de matemática, e afastar-se em seguida correndo aos pulinhos e puxando o carrinho com que andava a brincar. Aos 13 anos de idade, conhecia doze línguas; aos 18 pasmava tôda a gente da vizinhança, a tal ponto que um astrónomo irlandês dizia dêle: Eu não digo que êle será, mas sim que já é o primeiro matemático do seu tempo.

O Espiritismo revelador da verdade

(No Amor, na Arte, na Ciência e na Filosofia)

por Haydi de Tebelen

VI

O autor da «Gioconda» foi um dos génios mais privilegiados pelo Criador, pois também foi escultor, arquitecto, matemático e astrónomo, prevendo a lei da gravitação universal, um século antes de Kepler, e dois antes de Newton; foi o médico anatomista que anteviu a circulação do sangue um século antes de Harvey; o grande estudioso dos vôos dos pássaros, teórico que permitiu mais tarde as descobertas dos submarinos, dos helicópteres, e dos paraquedas.

Depois do médico Paracelço e do grande matemático Cardan, Corpénico em 1543 apresenta o seu «Tratado sôbre as revoluções dos mundos celestes» — dando-nos o verdadeiro sistema do mundo, para o que se utilizou nos seus estudos das obras platónicas e da escola de Samos.

André Vesálio publica em 1543 o seu famoso tratado de anatomia: «De corporis humani fabrica», primeiro no género; «livro mestre» que abriu à medicina novos horizontes.

Depois da revolução religiosa feita por Lutero, a Idade Moderna abre o ciclo das invenções científicas, que ocasionam uma reforma filosófica de alta importância.

Esta nova concepção do Cosmos é iniciada por um grande espírito que já brilhara em Alexandria, e que nesta reencarnação, em 1548, recebe o nome de Giordano Bruno.

Ainda jovem, Bruno entra para a ordem dos dominicanos e estuda sob a direcção do cardeal Nicolau de Cuss, já citado. Mas o seu entusiástico amor pela natureza em breve o leva a repudiar a vida monástica e o catolicismo. O seu espírito irrequieto leva-o a percorrer as principais capitais da Europa. Giordano Bruno é o primeiro metafísico do século XVI, e como tal prova pelos seus estudos que: — as esferas de Aristóteles e a divisão do mundo — como então se fazia — era pura imaginação; que o espaço é infinito; que as estrelas são sóis, que a terra é apenas um planeta, e que Deus não é o criador nem o primeiro motor, como até ali se ensinara mas sim a Alma Universal.

Bruno, profundo conhecedor da ciência antiga, apresenta cada ser como uma unidade activa que se desenvolve à imagem do próprio Deus. Cada sêr é uma mónada, a mónada das mónadas que é Deus.

A idéia dominante da filosofia de Bruno é o Infinito. Tôda a ambição dêste sábio era mostrar o infinito em tôdas as coisas, no número dos sêres e dos mundos, na duração dêstes sêres e dêstes mundos, na extensão que êles preenchiam e nos progressos que êles realizavam, e fazia cair tôdas as barreiras da natureza finita como então se ensinava.

Após a morte de Giordano Bruno, Kepler, em 1609, publica a «Nova Astronomia», apresentando três leis de movimento de planetas que contêm em germe a gravitação universal.

Galileu na mesma época vulgariza e demonstra com rigor o sistema de Copérnico.

Como Bruno, Galileu é um espírito eminentemente positivo, vindo à terra também para iluminar o mundo com o facho da ciência trazido com o seu génio.

Aplica com rigor todos os métodos científicos conhecidos; introduz as matemáticas na física; descobre a lei da gravidade e o isolacionismo das oscilações do pêndulo, o termómetro; inventa um segundo telescópio, e publica os seus estudos sôbre os astros, e as maravilhas do céu.

Galileu, demonstrando o sistema de Copérnico e vulgarizando a nova astronomia contraria os preceitos bíblicos de que o mundo é finito e a terra o seu centro. Êste facto originou a natural evolução que juntamente com tôdas as descobertas provocou a independência da filosofia que caracteriza a idade moderna.

A humanidade desta época aceita o princípio filosófico de Deus Uno, trazido principalmente por Leonardo da Vinci, Giordano Bruno e Galileu, todos iniciados nos ensinamentos ocultos dos orientais. Através dêstes modernos apóstolos da ciência antiga prepassa o Neo-espiritualismo que vamos encontrar em França no século XVII, em Descartes, émulo de Galileu.

Descartes é o moderno inventor da observação interior, ou método psicológico, que êle nos apresenta com a sua teoria da dúvida, da certeza, do

AS ÚLTIMAS RECOMENDAÇÕES DE JESUS

por J. F.

Então Jesus disse a seus discípulos: Assentai-vos aqui enquanto eu oro.

E levou consigo a Pedro, a Tiago e a João, e começou a ter pavor e a angustiar-se em extremo.

Então lhes disse: A minha alma se acha numa tristeza mortal. Detende-vos aqui e vigiai.

E tendo-se adiantado alguns passos, prostrou-se em terra e orava que, se era possível, passasse dêle aquela hora.

E disse: Pai, tôdas as coisas te são possíveis; trespassa de mim êste cálice. Porém não se faça o que eu quero, senão o que tu queres.

Depois veio e achou-os dormindo.

Então disse a Pedro: Simão, dormes? ¿Não pudeste vigiar uma hora? Vigiai e orai, para que não entreis em tentação. O espírito na verdade está pronto, mas a carne é fraca.

* * *

O que aí fica transcrito passou-se pouco antes de Jesus ser preso e levado à presença dos que o condenaram. É conforme o relato de S. Marcos no cap. 14 v. 32 a 38 do seu Evangelho.

Por aquelas palavras de Jesus se faz uma pálida idéia de quanto era grande a sua amargura, não pelo mêdo da morte, porque sabia bem para onde ia, e muito menos por ter horror à dor e ao sofrimento do corpo, porque tinha poder bastante para os dominar, mas por antever, com compaixão, o doloroso arrependimento que sentiria pela vil acção que ia praticar o discípulo traidor — Judas Iscariotes—ao entregá-lo aos soldados que O levaram prêso, e ao mesmo tempo por antever a ingratidão, tanto daquêle discípulo, como de tantos que, pelos séculos fora, O têm negado, a começar por Pedro que, não querendo comprometer-se, negou por três vezes que tivesse convivido com Jesus.

Para evitar estes actos de fraqueza moral e de falta de fé, bem como actos de prevaricação, o Cristo aconselhou estes dois remédios bem simples: vigiar e orar.

Vigiar, quere dizer: consultar com freqüência a consciência e procurar guiar-se pela voz dela, e orar é pedir fôrças ao poder divino para resistir às sugestões dos maus, visíveis e invisíveis, que são as tentações que nos espreitam a cada passo.

Mas quem mentalmente estiver sempre alerta, e a cada momento consultar o seu íntimo, terá sempre a ouvi-lo o seu espírito guia que além de dar intuições sôbre o que melhor convém, ajuda a congregar fôrças para que se afastem influências nefastas, emitidas por aquêles que se comprazem em sujeitar a tentações os desprevenidos, isto é, os que não vigiarem e orarem, conforme Jesus recomendara.

---

método e da vontade; as relações da alma com Deus e de Deus com o Universo.

Descartes foi, não só filósofo, mas também um sábio anatomista e fisiologista, tanto quanto era possível sê-lo na sua época, 1650.

Para Descartes, o homem é o conjunto de alma e corpo. A alma tira as idéias sensíveis do seu próprio fundo, na ocasião das sensações correspondentes; o corpo, por sua vez, é um autómato que se move no momento das vontades da alma. O corpo, como a alma, tem o seu destino; o corpo está submetido à necessidade, enquanto a alma tem o livre-arbítrio; não duvida que é a alma que move o corpo, e que êste não tem acção sôbre a alma e considera estes dois elementos como uma só coisa.

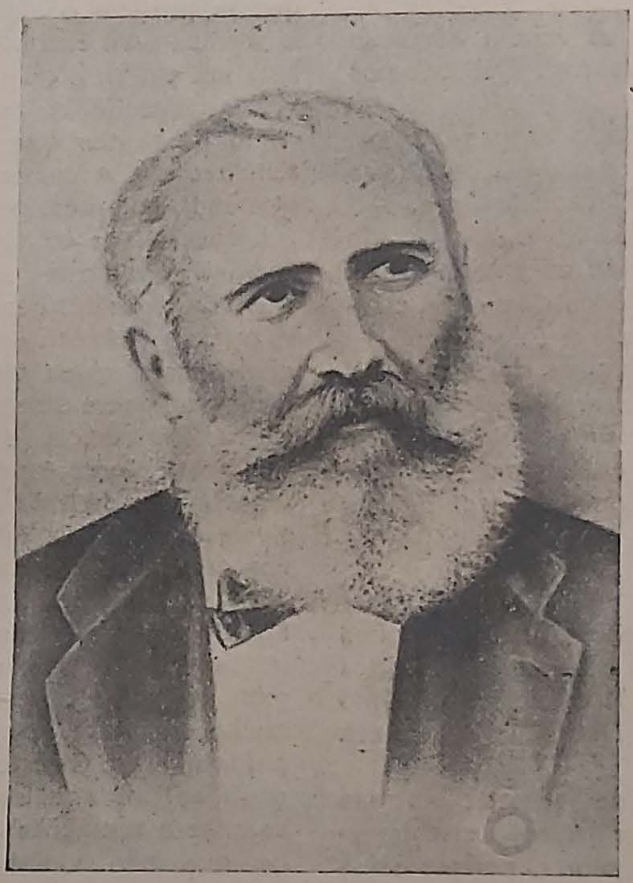
Pascal segue a ciência de Descartes, e reünindo-a aos conhecimentos orientais apresenta a sua doutrina da caridade, do amor e da predestinação, ou seja a teoria do Karma. Foi também um precursor do Neo-espiritualismo.

Espinoza, Leibniz, Kant, na filosofia, fazem caminhar o mundo; Pascal e Leibniz descobrem o cálculo diferencial; Cuvier funda a anatomia comparada; Harvey (1619) descobre a circulação do sangue; Papin e Franklin descobrem o vapor da água condensada e o raio celeste.

DR. BEZERRA DE MENEZES

Em 11 de Abril de 1900, deixou a Terra o doutor Bezerra de Meneses, médico ilustre e um dos maiores paladinos do Espiritismo, a quem se deve a unificação de esforços para impulsionar a Federação Espirita Brasileira, então prêsa das maiores intrigas.

Antes de entrar no Espiritismo, exerceu altos cargos sociais e políticos e foi jornalista de grande combatividade. Desempenhou as funções de Deputado Geral e de presidente da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, onde realizou obra de vulto, traduzida em reformas sociais que provocaram extraordinária homenagem levada a efeito pelo comércio da capital. Depois, a loucura de seu filho chamou-lhe a atenção para os estudos psíquicos e espiritas, que nunca tinha profundado. Foi um grande e sincero adepto da nossa doutrina, numa altura em que os espiritas eram apontados a dedo, como seres anormais e segregados do convívio das pessoas equilibradas... Tornou-se então o «Kardec brasileiro», trocando a Côrte pelo convívio com os humildes, doutrinando e curando, pondo em acção o saber do médico e as faculdades mediúnicas que possuía em elevado grau, repartindo seus recursos com os necessitados, espalhando por tôda a parte o pão da alma e o pão do corpo.



DR. BEZERRA DE MENESES

Assim, não admira que a sua desencarnação mergulhasse no esquecimento, porque os humildes raramente são lembrados no calendário histórico das sociedades materialistas. O médico cearense, o político, o administrador honesto e sabedor que tantos benefícios havia proporcionado aos seus contemporâneos, desaparecera da cena planetária, qual sombra que se esfuma e deixa nos espectadores a impressão de miragem instantânea.

Só os espiritas o lembraram, lhe prestaram homenagem através do grande e vasto Brasil, onde muitos centros usam o seu nome querido e honrado.

No jornal **O País**, sob o pseudónimo de «Max», manteve êle uma secção doutrinária durante alguns anos e por vezes enfrentou adversários de respeito, como o conhecido padre Sena Freitas, então domiciliado no Brasil, e sempre conseguiu manter o equilíbrio do apóstolo e a bondade e generosidade do justo e do santo. Mais tarde, os seus amigos perpetuaram-lhe a memória mandando coligir em três volumes grande parte dêsses artigos, com o título de «Estudos Filosóficos». Além disso, escreveu também «A loucura sob novo prisma», livro motivado pela obsessão do filho e que ainda hoje, decorridos mais de quarenta anos, serve de edificação aos estudiosos, espiritas ou profanos. A sua cultura médica foi posta ao serviço de um estudo novo, as perturbações psíquicas, assunto fartamente discutido em todos os sectores da actividade mental, e verificamos que os argumentos por por êle aduzidos estão de pé, como na pri-

O Espiritualismo na antiguidade

por Alvaro Ramos Pereira

II

SEGUINDO Estrabão e Diodoro de Sicília somos levados a crer que a doutrina hermética praticava o magnetismo com o sono sonambúlico, a sugestão e a clarividência, alcançou os mais altos cumes da magia branca e, talvez, das comunicações com o Além.

O iniciado recebia estes conhecimentos no estado de letargia sob a forma duma sugestão post-hipnótica, guiada pela vontade enérgica dos mestres, a sua alma galgava a barreira e nos planos superiores «via» as supremas fontes da vida, deliciava-se nas belezas inenarráveis dos mundos espirituais.

E dêsse passado de Beleza, na silenciosa necrópole do Gizerh, a Esfinge continua a mirar, serenamente, o horizonte, e sorri quando nêle vê rebrilhar as faúlhas dum novo facho.

E quando o ocidental a contempla, ela sorri ainda como a dizer: — olha-me bem e tenta descortinar o teu destino, pobre cego que vegetas e não vives; eu sou o símbolo da própria vida. Do molhe portentoso da matéria animal evola-se um rosto estranho e belo, o rosto da alma cujos olhos sabem perscrutar na face da terra e na limpidez dos céus onde está a Verdade.

Perto do país da Esfinge, pastoreando os seus rebanhos nas montanhas e nos vales, um povo semita, o hebraico, levado por Moisés, «o tipo hercúleo do legista teocrático, o perfil mais violento e hierático que os tempos históricos lograram delinear no firmamento constelado das tradições humanas», vai prosseguir o rasto da ciência hermética, do ocultismo, a par duma religião popular, mais pura, duma moral férrea, dum misticismo fanático. Moisés ou Osarsiph deve ter sido um iniciado do templo de Osiris (cf. «Histoire de la Magie» de Elifas Levi), em que a voz do sangue pôde mais que os juramentos sagrados. À frente do seu povo, o taumaturgo dirigiu-se para Madian onde pontificava Yetro, como depositário dum vetusto culto monoteísta. Aí, Moisés «modelou a dentro da sua consciência iluminada o seu vasto plano de acção».

E da meditação saíu o «Sefes Bercshit» que traduzido em fenício no tempo de Salomão e em aramen-caldaico por Esra constituíu as primeiras páginas da Bíblia. Deus paira sôbre tudo, é o centro da vida dos ben-Israel. O homem sofre até que compreende Deus; o amor a Êle trás em reciprocidade a Justiça e com esta o fim da Dor que bem pode ser a Glória do céu. O bem e o mal não afectam Deus, mas Êste consente-os como provas; o pensamento de Deus só é justificável perante Deus. Moisés, Job, Salomão, David e os profetas almejam elevar a grande massa popular aos pés de Jehová. É o ensino escrito como base de vida e conduta, um texto para meditação.

Mas ao lado dêste, está o ensino tridicional, a Kabalah. Segundo Myers, esta provém de fontes arianas que da Ásia central,

---

meira hora em que os lançou à publicidade.

Bezerra de Meneses trocou o fastígio das hierarquias pela modéstia do cidadão útil à colectividade. Hoje, é o companheiro espiritual de muitos milhões de espiritas brasileiros, que nêle encontram amparo e refrigério para a dor humana.

Ao lembrar o nome venerável do velho **Max, Estudos Psíquicos** cumpre dever sagrado, não só por escrever palavras de justiça a respeito de quem tanto pugnou pela Causa, como também por arrancar ao esquecimento uma figura gloriosa que se deu em holocausto ao bem da Humanidade.

através da Pérsia e da Índia, vieram à Caldéia. E lembremos que foi de Ur e de Haram que o caldeu Abraham conduziu os seus para a Palestina (cf. «Qabbalah», de Myers). Moisés teria pois com o seu iniciatismo hermético avivado a tradição cabalista. Conhecem-se hoje algumas obras dêsse secretismo hebreu: — «Mishna», de Juda (190), o «Zohar», de Simeon-ben-Jokhai, o «Tahmud», de Yohhanan, o «Ghemara», de Rab Asschi e R. Abina, o «Bahur», o «Sepher Sephirot», etc.

Êsse secretismo existiu no período de formação do mosaísmo, como o provou plenamente o judeu Drach (cf. «Harmonie de l'Église et de la Synagogue»). Moisés visou assim não só conservar a tradição, como preservar e alentar o monoteísmo popular. A iniciação oral com os seus graus (tanaítas, genaristas e gaonina) segue assim o caminho da tradição e da... Luz. Avolumada pelas infiltrações habilónicas e zendo-persas com os cativeiros e as invasões, dispersa a raça com as conquistas de Tito, a Kabalah mergulharia no império romano para ir ressurgir mais tarde na noite milenária do medievalismo.

Mais longe, mais para o Oriente ainda, alcançando uma antiguidade prodigiosa, os princípios eternos forjam religiões e baseiam sistemas filosóficos, absorvem tôda a vida dum povo. Descendo das alturas do Paraíso, através dos vales fundos dos Himalaias para a planície úbere do Indo-Ganges, veio o ária, marcando um rasto de que disse Michelet: — «a cada passo um cântico»! Uns cânticos que são os hinos maravilhosos dos Wedas que «igualam em grandeza, em elevação moral tudo o que o sentimento poético engendrou de mais belo na continuação dos tempos». O fôgo, cujas labaredas rubras ascendiam aos céus juntas às preces, eram o grande rito do culto védico. E invocavam a essência dêsse fôgo, Agni, que purifica e acalenta: — «É uma parte do homem, é ela, ó Agni, que é preciso aquecer com teus raios, enchamear com teus fogos. — Donde nasceu a alma? Umas vêm até nós e afastam-se; outras voltam e tornam a voltar». É a afirmação simples da imortalidade e da reencarnação.

Na calma dos bosques e das montanhas, nas margens dos rios, os rishis, os ascetas, concentravam-se em profundas meditações, procurando a chave do destino dos homens e dos mundos e a conquista da natureza. E descobrem fôrças poderosas, capazes de dominar a matéria e elevar as almas. «Desta confraria de solitários saíu o pensamento criador, o primeiro impulso que fez do Bramanismo a mais colossal das trocracias». O «Bhagavadgita», «a peça mais filosófica que nos legou a antiguidade», encerra um resumo daquêles pensamentos. O corpo é o envólucro da alma, uma coisa finita, enquanto que esta é «invisível, imponderável e eterna». «A sorte da alma depois da morte constitui o mistério dos renascimentos» que são a conseqüência das obras praticadas nas vidas anteriores.» «Para atingir a perfeição, é preciso conquistar a ciência da Unidade que está acima da sabedoria; é preciso elevar-se ao Ser Divino que está acima da alma e da inteligência». Cada um traz em si êsse Ser e quando o homem tomou conhecimento dêle, libertou-se do Karma, da lei da reencarnação que é a da perfectibilidade.

...«a doutrina secreta estava fundada. Apesar das alterações sucessivas que teria de sofrer, ficou como fonte da vida onde, na sombra e no silêncio, irão beber todos os grandes pensadores da Antiguidade» (L. Denis).

Quási no limiar da nossa era, em 643 A. C., nascia Sidartha Gautama Çakya Muni, o Buddha. Êle não anunciou uma crença nova, mas uma nova expressão da mesma crença e que a poeira dos séculos tinha desfeiteado. A origem da queda, diz êle, está no desejo, na paixão. Logo, o homem deve dominá-los, e para isso necessita conhecer, pois na ignorância é prêsa fácil do mundo de matéria; precisa conhecer a ciência completa da natureza, fazer o estudo da alma e procurar os princípios das coisas. Isto é, os objectos do estudo são a ciência, a psicologia e a metafísica, digamos em termos modernos.

A Lei da Evolução Contínua mostra a uniformidade da natureza a que não escapam as próprias almas que tendem, após aperfeiçoamento, a regressar ao Grande Todo, ao atman Universal donde sairam. A ciência e o amor são os factores da perfeição, mas um não dispensa o outro. É preciso amar, como é preciso saber. E nêste Amor, Buddha abraça o Universo, bem longe do egoísmo bramânico e perto do altruísmo cristão.

À medida que sobe, a alma vai-se purificando, libertando-se dos princípios de desejos, até atingir o estado de Nirvana. Mas ainda que aí se identifique com o Pensa-

mento e com a Luz, a alma não perde a individualidade.

O presente é a continuação do passado e mais um passo para o futuro. Passado, presente e futuro são o Karma anímico. Mas não basta evitar o pecado pelo receio do castigo; é preciso praticar a virtude pelo dever e só assim a alma se sublima, só assim se cumprem os ditames da lei do Karma. (cf. moral cristã e «Metafísica dos costumes» de Kant).

A evolução enlaça numa cadeia tôdas as formas naturais, desde a matéria inorgânica à alma humana, passando pelas plantas e pelos animais. Tudo é Vida e como vida tudo evolui, porque vida é energia e esta é a fôrça contida na vontade divina. (cf. «Vida» de A. Auvard).

Com a expansão e a luta contra o bramanismo, a doutrina do iluminado hindu sofreu atropelos, fazendo-lhe perder no seu aspecto exterior, exotérico, parte da sua beleza empolgante. Mas o «solitário dos Çakyas» previra isso e deixara a maior transcendência do seu ensino para aquêles que, pela sua moralidade e inteligência, poderiam ser iniciados, fundando assim duas correntes: — uma, a exotérica, cheia de amor, de paz, de caridade, guia das almas imperfeitas do vulgo; outra, esotérica, transcendente, herdeira e continuadora da tradição védica e do ocultismo bramânico. Foi esta que pelo secretismo iniciático pôde passar incólume as convulsões dos séculos até aos tempos presentes.

No Industão, a filosofia caminhou lado a lado com o misticismo e a ciência, com o ocultismo e a liturgia. Como disse Adeodato Barreto: — «não houve na índia uma filosofia independente da inquietação religiosa». «Tal como nas grandes sínteses platónica, neoplatónica, estoica, cartesiana, espinoziana e kantista, o problema central para a filosofia hindu era o problema do ser que se reduzia em última análise ao problema de Deus». A darçana Sankhia de Kapila (4.000 A. C.) com a sua teoria das duas essências faz lembrar o evoluísmo de Auvard. A Yoga de Patanjali visa o ascetismo, o êxtase, como a forma de numa vida a alma atingir as esferas superiores do psiquismo: — «o homem que, pela análise da sua própria inteligência, se encontra frente a frente com alguma coisa impecável, natural e eternamente pura e perfeita, finda a sua miséria, finda a sua desgraça» (Swâmi Vivekânanda). O sistema Nyaya é, digamos, o aristotelismo hindu; a veisherschika de Kanava lembra o atomismo de Demócrito. A escola vedanta de Viasa, com a Yoga e a sankhia, forma a fulcro filosófico do ocultismo hindu. A mimangsa de Jaïmini é um misticismo metafísico.

«Estudos Psíquicos» e os leitores

«Quero felicitá-lo pelo seu esfôrço e pela sua tenacidade, que conseguiram fazer da revista «Estudos Psíquicos» o que ela é, presentemente: a melhor do mundo, no dizer do semanário brasileiro «Mundo Espirita».

«Esta circunstância e o facto de a ter tornado mensal, o que a habilita a maior contacto com o público, são a melhor afirmação do seu amor à causa espirita. Bem haja!»

Ricardo Lino Correia
de V. R. de Santo António

* * *

«Tenho recebido «Estudos Psíquicos». *Honram a causa e a Nação, como expoente da cultura em nível elevado.*

«A vocês muito devemos todos, como espiritas e como portugueses. ¡Que Deus vos ampare sempre e à nossa terra de milagre!»

José de Sousa Figueira
de Faro

* * *

«Agradeço-lhe o me haver inscrito como assinante da sua bela, moral e científica revista Estudos Psíquicos.

«Continue na sua senda para a verdade, esclarecendo o mundo que tão materializado está, supondo que a vida é só material e, portanto, «comamos, bebamos, dando expansão à matéria, porque amanhã morremos e vamos gozados»...

José Manuel Miranda
de Cabo Verde

Sessão espirita emocionante

Traduzido do «Psychic News»
por Sebastião Elviro Martins

por Maurice Barbanell
Director do «Psychic News»

NUMA casa, em Surrey, realizou-se a mais dramática sessão espirita da guerra. Lord Dowding, que, como Comandante da Aviação de Caça, ganhou a Batalha da Inglaterra, tinha sido chamado por quatro dos seus antigos subordinados «mortos», que formaram um grupo no Além.

Agradeceram-lhe a sua actuação na imprensa como denodado defensor da Sobrevivência, que lhe poderia comprometer a sua reputação perante o público inglês. Saüdaram-no com deferência respeitosa e chamaram-lhe «Chefe», após inúmeras provas da sua existência espiritual.

Um dos aviadores «mortos», Stevens, por alcunha «Ôlho de gato», conhecia-o pessoalmente, assim como os restantes.

O médium foi Estelle Roberts, cuja diversidade de faculdades psíquicas é maior do que a de qualquer médium do mundo.

Para provar a sobrevivência, a sua mediunidade de voz directa não tem paralelo na história de um século de Espiritismo. Durante hora e meia, 16 pessoas assistiram a uma maravilhosa sessão numa sala mergulhada na escuridão, na qual se via apenas a corneta acústica fosforescente, através da qual os heróis «mortos» desta guerra reapareceram como personagens principais dum drama mais vivo, real e dinâmico do que qualquer outro similar apresentado até agora no palco ou na tela.

Todos os espíritos comunicantes foram chefiados por *Red Cloud*, guia do médium, perito na demonstração da prova de sobrevivência do homem.

Um convite espiritual

Convém acentuar as características desta sessão excepcional. Trata-se dum verdadeiro grupo familiar. Nenhum dos visitantes foi onerado com qualquer quantia. Todos foram convidados pelos habitantes do mundo espiritual.

Êste grupo deve a sua fundação a quatro rapazes, dois da Marinha e dois da R. A. F., os quais, depois de terem provado a sua sobrevivência, estão a demonstrar a outros rapazes que o amor e a vida são mais fortes que a morte.

Um dêles pertencente à D. F. C., terminou a sua vida terrena num bombardeiro, sôbre a cidade de Hamburgo. Outro despenhou-se no Canal da Mancha e o seu corpo foi dar à nossa costa um mês mais tarde. O terceiro foi morto num *destroyer*, ao largo de Creta, atacado por um bombardeiro mergulhante. O quarto findou a sua existência física num submarino perto de Malta.

Quando estes e outros rapazes falavam com vozes vibrantes, o que para mim constituiu a mais surpreendente sessão de voz directa, a que até hoje assisti, pediram para serem apresentados a Lord Dowding.

O sinal V da corneta acústica

Misturaram-se lágrimas com sorrisos. Até os mais empedernidos se teriam comovido com esta reünião dos vivos e vulgarmente chamados «mortos». O bom humor daquêles poucos a quem tantos devem tanto era comunicativo e aliciante, depois de terem enfrentado a morte com um sorriso nos lábios.

Apesar da minha longa experiência de sessões de voz directa — lembrando-me das que Estelle deu há 11 anos — sinto sempre uma viva emoção, quando a corneta acústica pricipia a elevar-se.

Antes dela se elevar, os rapazes indicaram a sua presença fazendo-a vibrar o sinal *V* do alfabeto Morse. O primeiro espírito a manifestar-se foi uma rapariga que eu ouvi falar nas primeiras sessões realizadas em casa de Estelle, não se esquecendo de fazer notar, com humor, que o princípio de «as senhoras primeiro» ainda era regra respeitada no seu mundo.

Depois, para mostrar que a morte não transforma os sêres humanos em santos beatificados, afirmou:

— Meu irmão Clive disse que se *Red Cloud* não o deixasse falar, lhe daria um pontapé!

Clive Wilson, um dos quatro organizadores do grupo, apresentou-se à assistência com um «Allô» ciciado. Interrogado pelos pais, «como estás?», respondeu:

— Muito bem. ¿Julgam que não progrido?»

Depois de algumas mensagens pessoais, referentes às pessoas da sua família, disse:

— Apresentem-me ao Chefe, por favor.

Queria êle dizer, a Lord Dowding:

— Sou aviador. Voei em reconhecimento... o meu corpo foi dar à costa... mas sinto-me bem vivo.

A sua alcunha

Exprimiu a sua gratidão por Dowding se consagrar à análise das imagens espirituais, muito úteis e apreciadas pelas famílias dos desencarnados.

— É admirável pensar, — disse Dowding — que podemos ajudar-vos e aos que deixastes cá.

Clive saüdou carinhosamente sua irmã e quando lhe pediram para dizer a alcunha, pela qual era conhecido pelos rapazes no Além, respondeu sem hesitar:

— *Pés de combóio.*

Seguiu-se um episódio muito vulgar. Ouvimos duas vozes de espíritos a arguïr quem falaria primeiro! O vencedor revelou-se como «David White», e cumprimentou:

— Allô, minha mãe! Pode ouvir-me?

Apesar da sua voz ser audível, ansiava por saber:

— Faço-me compreender?

Saüdou afectuosamente os membros da sua família, um por um, deu notícias dum dêles, informando que estava bem, e acrescentou:

— Nunca me lamento de me afundar naquêle submarino. Posso fazer aqui trabalho melhor. O pai está comigo.

Quando, após a sessão, falei com a mãe de David White, — já mais serena pela satisfação de comunicar com os seus — disse-me que o marido falecera alguns meses antes de seu filho.

— Oh!, é tão bom falar! — exclamou David.

— Podeis todos ouvir-nos? — preguntámos nós.

— Sim.

E certamente ficou satisfeito pelo êxito do seu esfôrço.

— Todos nós aqui julgamos que desempenhámos bem a nossa tarefa, — continuou êle.

Apesar de ter servido num submarino e não na R. A. F., disse que gostaria de saüdar Dowding «e um outro Chefe a quem somos devedores de outra façanha» — Hannem Swaffer.

— Encontrei um companheiro vosso, — disse David, — um jornalista ainda não há muito vindo para cá.

Êste, — disse *Red Cloud*, intervindo — era A. B. Austin, correspondente de guerra do *Daily Herald*, morto na Itália.

— Dê-lhe lembranças minhas, — disse Dowding — Pertenceu ao meu Estado Maior no Comando de Caça e era um belo oficial.

Numa voz suave, *Red Cloud* rectificou o princípio da sobrevivência: «Êle *é* um belo oficial».

Houve uma pausa e depois, com o usual «continuem!», sinal de que outro comunicante estava pronto, *Red Cloud* deu lugar a um espírito, que começou:

— O meu nome é Jenkins. Terminei a existência terrestre no barco voador (flying boat).

Porque se despenhou o aparêlho

Não devo revelar o nome, porque a entidade comunicante falou de assuntos que ainda não foram tornados públicos. Foi esta a primeira comunicação recebida do Além, por seu pai. O leitor pode calcular a alegria dêste, quando ouviu a voz de seu filho tratar de problemas que há muito tempo preocupavam o seu espírito torturado.

Havia uma tragédia e um mistério — e ambos terminaram ao cabo duma conversação de alguns minutos. Por fim, pediu ao pai que não inquirisse mais nada, porque os funcionários do Ministério do Ar o tinham informado convenientemente. Portanto, nada aconselhava que, por agora, se prosseguisse no inquérito sôbre os motivos do desastre que o vitimara.

— O aparêlho estava velho — disse o espírito. Disse-lho antes de partir. Não censure ninguém. Nós tínhamos de utilizar todos os aviões..... Encontraram-se alguns bocados do meu casaco de serviço.

— Tenho um bocado dêle em casa — respondeu seu pai.

— Sim, — disse-lhe o filho risonho. — É dos fundilhos.

— Conservá-lo-ei tôda a minha vida — concluíu o pai com orgulho.

— Tente fazer compreender à mãe que não estou morto — sugeriu o rapaz. — Não foi minha a culpa do avião se ter despenhado no solo. Consegui voar nêle 40 horas... depois fêz-se em pedaços. O pai já falou com uma pessoa que voou naquêle aparêlho antes de mim.

— É verdade, — exclamou o pai — ¿mas será porventura, aceitável, a teoria dêle?

«Não se aflija»

— Perfeitamente — replicou prontamente filho.

Em seguida, seguiram-se estas palavras:

— Pai, não olhe para o passado, mas sim para o futuro. Há milhares de espíritos como eu e todos nós temos mães; contudo, estamos todos vivos! Estarei bem, enquanto vos não afligirdes com a minha situação actual.

Depois de receber um conselho de natureza íntima — o pai tinha ficado embaraçado quanto ao destino a dar ao dinheiro do filho — aquêle preguntou:

— ¿Devemos mudar de casa ou ficar?

— Fiquem por minha causa. É a minha casa, — foi a resposta imediata.

E a despedir-se:

— Traga a mãe na próxima sessão, terminando assim êste episódio dramático.

— O seu rapaz agora é feliz, — interveio *Red Cloud*. A mudança desgostá-lo-ia.

E o guia explicou a filosofia do mundo espiritual, dizendo que, enquanto muitos homens cometiam erros onde não há a preocupação de os censurar, no Além, sofremos as suas conseqüências.

Confesso que os meus olhos se umedeceram durante o vivo diálogo travado entre o pai e o filho.

Mas o drama continuou:

— O meu nome é Haeth... «Morri» num *destroyer* em Creta, mas estou bem.

Dirigindo-se a sua mãe, informou-a de que estivera na Palestina para ver seu irmão Will (Guilherme).

— Viste a avó? — preguntou a mãe.

— Não, — respondeu Arthur. — Tenho andado com os rapazes.

E exibiu uma atitude típica para com seu irmão. Quando a mãe disse que êste filho não aceitava o Espiritismo, Arthur obtemperou:

— Que louco é êle! Diga-lhe que estou a desempenhar um grande papel. Nunca morri. Não tenho aspecto de homem morto.

Aqui, sua mãe disse que êle parecia muito bem com o uniforme.

— Ainda pareço bem com êle, — insistiu Arthur.

Um piloto famoso

Quando Arthur se despediu, *Red Cloud* declarou que o espírito comunicante necessitaria da nossa ajuda — um aviso de que esta seria a primeira tentativa para falar em *voz directa*.

Através da corneta acústica, ouvimos:

— Allô! Já estou na terra? Quero falar a minha mulher... Dick Stevens... que está sentada ao pé do meu Chefe.

A entidade comunicante era Stevens, conhecido por «Ôlho de gato», o famoso piloto de caça da Batalha da Inglaterra, que se dirigia a sua mulher, sentada ao lado de Dowding.

— Lembra-se de mim? — disse Stevens ao seu antigo Comandante.

— Perfeitamente, — respondeu Dowding.

Falaram àcêrca dum outro piloto afamado, a quem Dowding está tentando converter ao Espiritismo.

Stevens comunicou a sua espôsa que a filha dêles estava com êle. E acrescentou:

— Não quero que penses no passado, mas sim no futuro, quando estivermos de novo juntos.

«Isto é maravilhoso»

Quando sua espôsa mencionou John, Stevens demonstrou imediatamente saber a quem ela se referia, dizendo:

— O meu filho. ¡Mas não o deixes escrever em tôda a parte!

Depois, Dick confirmou que era êsse o hábito do filho.

Stevens ficou radiante pela sua habilidade em falar por *voz directa*.

— Isto é maravilhoso! — declarou êle.

Seguiram-se mensagenss de carácter íntimo, de marido para mulher. O aviador «morto» pediu à espôsa que não se apoquentasse com a situação da filha dêles, no mundo espiritual.

Depois, descreveu como se despenhou em terra, quando «o inimigo me atingiu». Voltou ao assunto da filha, sossegando a espôsa:

— Beijarei Frances por ti. Deus te abençôe. ...Passearei ao teu lado.

E retirou-se com um «Adeus, senhor», a Lord Dowding.

—Aquêle é um dos autênticos heróis da Batalha da Grã-Bretanha — comentou *Red Cloud*. — Que belo carácter! E que personalidade!... Continua!

— Bem, bem, bem, —ouvíamos nós através da corneta acústica. — Pai, êste é Wynne (não sei se é assim que se pronuncia).

Quem falava tinha grande experiência de sessões desta natureza e orgulhava-se da sua perícia, porque elevava mais a corneta do que os espíritos anteriores, exclamando:

— Consigo elevá-la mais alto do que os outros rapazes.

Surprêsa do outro mundo

— Tenho uma surprêsa para si — disse êle a seu pai, chamado Menfield, que eu conheci há anos. — Palavra! sou capaz de lha dar — disse o rapaz, elevando outra vez a corneta acústica. Tenho aqui um visitante para si, — disse êle outra vez ao pai, acicatando-lhe a curiosidade. — Podia apresentar-me. Eu também sou aviador.

Quando o pai começou a explicar que devia tra-

tar-se do navegador morto na incursão aérea a Bremen, o rapaz interrompeu-o, acrescentando:

— Basta! nós aqui aprendemos a esquecer-nos um pouco a nós próprios.

Veio depois a surprêsa, uma voz anunciando-se por si mesma como «Harold», seguida pela informação de que era comandante do avião. Podia dizer-se que, pela maneira de falar, era ainda um espírito inexperiente. Contudo, era franco nos seus comentários pessoais àcêrca das tendências e costumes dos seus antigos subordinados.

— ¿Tom é tão obstinado como dantes? — preguntou. — É tão teimoso, que nem me quererá ouvir...

Seguiram-se algumas palavras de Lattie, falecida cunhada de Swaffer, que já se comunicou freqüentes vezes.

Depois, houve um novo episódio dramático. Uma voz suave começou a dizer:

— Isto é um paraíso. Desencarnei há muitos anos..... na outra guerra... Sou um homem vulgar. Na última guerra dei tudo o que possuía.

«É o meu irmão!»

— Trabalhamos e esforçamo-nos para a construção dum mundo melhor. Colaboramos convôsco. Perseverai e continuai a lutar, empunhando a bandeira desfraldada. É uma grande tarefa que vós vos impusestes... ...Gostaria que meu irmão soubesse que é Cláudio...

— É o meu irmão! — exclamou um dos presentes, surpreendido —. Encontraste Billy?

— Sim — respondeu Cláudio. — E o meu outro irmão. Isto é uma surprêsa para ti. Mas não posso ficar aqui mais tempo. Sou um soldado da Grande Guerra. Nós e os rapazes da guerra actual estamos ligados por uma mútua compreensão e fraternidade de ideais.

— Isto é simplesmente admirável! — disse o irmão encarnado. — Nunca julguei isto possível. Meu irmão desencarnou em 1918.

— V. tem outro irmão, Dickie, — acrescentou *Red Cloud*.

— Sim — disse o assistente —; viveu apenas algumas horas.

Dali a pouco, falou Billy Castello, o último dos quatro que organizou a sessão espirita — «morto» numa incursão aérea a Hamburgo.

— Fui eu que trouxe Cláudio — esclareceu.

Quando seu pai lhe preguntou o que havia de fazer ao automóvel de corridas, pareceu ficar indiferente.

— Ofereça-o — limitou-se a dizer.

Billy explicou depois que, para não fatigar o médium, não podia permanecer ali mais tempo. Preguntado se tinha alguma mensagem especial, enviou beijos através da corneta.

— Apresente-me ao Chefe — pediu êle ao pai.

Dowding pediu-lhe então que colaborasse com êle, no sentido de responder a centenas de cartas de viúvas da guerra — quando se notava a falta de médiuns. Precisamente por êsse motivo, os quatro fundaram o grupo, — respondeu Billy.

— Comunicai-lhes as vossas experiências — acrescentou êle —. E muito obrigado, senhor marechal, por tudo o que estais fazendo.

As palavras de despedida a seu pai, foram a repetição da sua antiga divisa: «Conservai a bandeira desfraldada».

Red Cloud interveio logo:

— Continuai mais uma vez.

— Allô!, — proferiu uma voz —. Aqui é Harold.

— E aqui é Lindsay — respondeu o seu amigo, um oficial sentado na minha frente, que reconheceu a voz da entidade comunicante.

«Há muito tempo que nós lemos os mesmos livros — continuou a voz. Pus Marx de parte. Esta é a verdadeira filosofia da vida... estive muito perto de ti...

«Depois do desastre que me vitimou, é que compreendi o que era uma autêntica fraude. A morte não é o fim. ...Recebeste a minha carta... Nunca a terminei... Sabia que os meus dias estavam contados.

«Abuso do alcool»

— Como sucedeu *isso?* — preguntou-lhe o amigo.

— Eu tinha entrado na bebida — respondeu o espírito.

Voltando-se para Dowding, disse o aviador «morto»:

— Fui um daquêles loucos que julgavam que a morte era o fim de tudo. ¿Porque não nos ensinaram isto? A ignorância desta realidade foi a causa de muitos de nós nos termos inclinado para as idéias comunistas.

Em seguida, dirigiu-se a Mr. Swaffer:

— Obrigado, Mr. Swaffer. Os rapazes estão-lhe muito gratos pelo que tem feito por êles. De muitas formas V. tentou abrir-lhes os olhos. Continui a sua cruzada.

Harold foi o último herói a falar. O seu amigo oficial contou-me depois que êles conversavam freqüentemente até altas horas da noite, àcêrca da filosofia de Nietzesche e Schopenhauer e de como a vida lhes parecia lúgubre e inglória.

Sinto-me incompetente para descrever o realismo dramático que esta sessão de voz directa nos revelou.

PARA A FRENTE

por João Barbosa Gesta

NÃO fôra a necessidade de empreender propaganda forte e segura da Verdade Espirita, de acôrdo com o expresso em artigo inserto num dos números desta revista, sob o título «A Razão e a Fé», não me propunha enfileirar no exército combativo, que, sem a menor sombra de dúvida, em nosso meio ainda se encontra em organização.

Creio, julgo mesmo muitíssimo bem, que, para se construir, é necessário demolir, tanto mais que, em matéria de Espiritismo, o que se apresenta a nossos olhos, na sua maioria, pouco ou nada nos honra.

O espírita, na minha opinião, deve ter por lêma um único fim: propaganda activa em prol da verdade, aniquilamento desassombrado da mentira, quer dentro, quer fora do campo de actividades comerciais ou intelectuais, isto é, públicas ou particulares.

É bem notória a fraqueza moral que se desvenda em grande parte do campo espirita, talvez na sua maior parte.

Indivíduos há que, dizendo-se espiritas de alma e coração, não exteriorizam as suas convicções, antes as ocultam, quer nos seus actos, quer nas suas palavras. ¡Quantos e quantos indivíduos encontramos nós, militando em credos religiosos e que, desfrutando uma boa situação na sociedade (comerciantes, capitalistas, altos funcionários, etc., etc.), ocupando altos cargos, enfim, figuras de relêvo, que apenas aproveitam os fenómenos espiritas que possam trazer vantagens aos seus interêsses e satisfação de seus desejos!

A propaganda levada a efeito por estes crentes, só põe em perigo a causa que julgam defender, ridicularizando-a.

O Espiritismo é uma doutrina de bom combate, pois nenhuma outra é capaz de nos apresentar à luz do dia factos reais, concretos; tão reais e tão concretos se obtém êstes fenómenos, que se não podem negar.

Os titulares do Espiritismo que desta forma se apresentam, ocultam delituosamente a sua crença, evitam a sua expansão, receando asim perder o seu *negociozinho*.

É preciso, penso eu, combater êsses elementos de infiltração, afastando-os do caminho por que enveredaram, apenas para serem favorecidos nos seus interêsses caseiros. Em geral, a sua infiltração é bem delineada e de execução rápida.

O que lhes vou contar é exemplo frisante dêstes pseudo-irmãos:

Passou-se êste caso no Brasil, como se poderia ter passado na China ou na Sicília.

Um comerciante estabelecido com uma alfaiataria sentia a miséria bater-lhe à porta, em virtude de não ter fregueses, pois os poucos que existiam, por motivos que só êles sabiam, haviam desertado.

Queixou-se o pobre do alfaiate a um amigo, que o aconselhou a entrar para a maçonaria, porque esta tinha por norma auxiliar os seus irmãos. Assim foi. Meteu os empenhos precisos, carta vai, ofício vem, e a Loja maçónica marcou-lhe então a noite em que o novo adepto se deveria apresentar. Sujeito ao ritual da Loja, viu-se o pobre contra 12 vultos negros, pois assim se apresentavam os componentes do júri que o iria submeter às provas. O alfaiate pensou: Alto! Nestes 12 irmãos, devo conseguir, pelo menos, uns 5 ou 6 fregueses... Satisfeitas que fôram tôdas as provas, os vultos negros retiraram os capuzes...

¡Qual não é o espanto do infeliz, ao verificar que todos êles eram seus colegas alfaiates e tinham ali ingressado pelo mesmo motivo!...

Para se lutar, é preciso às vezes destruir; mas, para destruir, é necessário muito esfôrço e persistência, muita moral e muita fé, afim de enfrentar os embates que se fôrem encontrando na reconstrução da sua obra.

A maior luta vai exercer-se na propaganda difundida pelos homens de valor que actualmente se encontram recolhidos na sua modéstia, por não verem na frente elementos que os secundem.

Mãos à obra, pois!

Fevereiro de 1944.

O «Preto no Branco» e a ironia do Dr. Ramada Curto

por Torcato Cardoso Ferreira

No *Diário de Lisboa* de seis do corrente, escreveu o Sr. Dr. Ramada Curto uma crónica humorística intitulada *O Prêto no Branco*. Entendeu sua Ex.ª, a pretexto de apresentar as vantagens duma crença, tomar por tema da sua ironia uma história burlesca em que o Espiritismo é metido a ridículo e apresentado sob aspectos que estão muito longe da sua verdadeira índole.

Ao fazermos estes despretenciosos reparos não nos move o intuito de convencer ou entrar em polémica com o autor do referido artigo, mas simplesmente demonstrar que nem todos os médius são intrujões.

Tem o Espiritismo, entre outras, três categorias de adversários: os que atribuem a causa dos fenómenos a obra de Satanás; os que atribuem os fenómenos a fôrças ocultas, misteriosas e pouco conhecidas e pretendem explicá-los por meios naturais; e aquêles, para quem todos os fenómenos são pura e simplesmente mistificações ou refinadas intrujices. A esta última categoria pertence o autor da crónica do *Diário de Lisboa*.

Causa-nos pena que uma pessoa culta e ilustrada como sua Ex.ª escreva isto (atribuíndo-o a uma conversação com uma seu amigo): «Aqui há muitos anos, eu conheci em Lisboa um colega seu que acreditava nos espíritos, nas sessões de espiritismo, nas comunicações com o Além, por intermédio das mesas-de-pé-de-galo, da escrita invertida e dos intrujões de um e outro sexo a que, segundo creio, chamam médiuns».

¿Então todos os médiuns de um e outro sexo são intrujões? A própria razão responde negativamente. Não podemos acreditar que, por exemplo, na classe a que sua Ex.ª pertence, só pelo facto de que possa haver um ou outro colega seu pouco sério e falho de escrúpulos, todos sejam assim. Em tôdas as coisas e em tôdas as classes, há bom e mau. É natural e humano.

Lamentamos que o autor de *O Prêto no Branco* desconheça as experiências de Aksakof, William Crookes, (o sábio a quem se deve a descoberta da matéria radiante), do professor Richet, da Academia de Ciências da França, as de Harri Price no Instituto Nacional de Investigações Psíquicas de Londres e as do Dr. Osty no Instituto Metapsíquico Internacional de Paris, com o médium Rudi Schneider, sessões onde o contrôlo era rigorosíssimo, com o emprêgo de uma aparelhagem emitindo radiações infra-vermelhas e ultra-violetas, o que permite fotografar automàticamente e em plena obscuridade os movimentos do médium e dos assistentes na altura de se produzirem os fenómenos. Os fenómenos obtidos em tais condições de contrôlo eliminam tôda a hipótese de fraude. E é bom que se saiba que nós, os espiritas, também confessamos que a fraude é possível e que há médiuns que fraudam; mas êsses, nós os desmascaramos. Assim limitar-nos-emos a repetir as palavras do sábio William Crookes:

— O valor teórico de cem experiências negativas fica literalmente anulado por uma só experiência positiva bem observada.

Sua Ex.ª só faz alusão no seu artigo à escória do Espiritismo, quando se refere «às sessões em casa do sr. Meireles, que cheirava a incenso, logo à entrada, etc.». Deploro ter que desfazer o equívoco, mas por amor da verdade devo esclarecer que nas sessões onde se pratica o Espiritismo se não queima incenso, nem quaisquer outras drogas, e onde isso pode acontecer é nas chamadas casas de virtude, onde campeiam as bruxas e cartomantes, contra as quais nós pomos o público de atalaia, conforme consta do «Aviso aos incautos» publicado nalgumas revistas da especialidade e que diz assim:

«Não são espiritas os que exploram a credulidade das pessoas incultas ou fanáticas, exibindo falsas faculdades e recorrendo a artifícios de tôda a espécie, para melhor iludir a boa-fé dos incautos. Não são espiritas os que se entregam à adivinhação pela invocação dos espíritos, porque o Espiritismo não é arte divinatória, etc. As casas das chamadas mulheres de virtude, cartomantes, bruxas e de todos os que se dedicam a estas práticas supersticiosas, são de infecção espiritual, onde os espíritos inferiores vivem permanentemente e fazem seu campo de manobras».

Sôbre êste ponto, cremos não ser preciso mais.

Quanto ao juízo feito do dr. Medeiros, apresentado como «uma pessoa culta, inteligente, simpá-

CONTE O SEU CASO...

COMO SE TORNOU ESPIRITA?

Tem a palavra o engenheiro-agrónomo Dr. Martins Baptista

De como pelo Espiritismo se caminha para o Cristo, com a convicção palpável de revelações extraordinárias,

eis o tema do seu depoimento

O Espiritismo, em Cristo, traduz-se em refrigério das almas anti-dogmáticas, ansiosas pela luz brilhante da verdade.

M. M. B.

AINDA estudante no Instituto Superior de Agronomia, assisti, nas férias, a umas diversões com a tradicional mesa-de-pé-de-galo, entre rapazes e raparigas meus companheiros de brincadeira, que se divertiam tão sòmente

Restou-me na memória o acêrto com que a mesa respondia a certas preguntas, e especialmente o facto de eu ter escondido várias vezes um objecto num quarto escuro, onde a mesa sempre o descobria. Lembro-me ainda (¡e já lá vão tantos anos!) de que um dos esconderijos ficava a certa altura da parede e onde a mesa não poderia ir. Pois, mesmo assim, chegada ao sítio, inclinava-se com grande esfôrço, tentando subir a parede.

Mais tarde, em Lisboa, falei nêsses fenómenos a uns companheiros de casa, também estudantes, e resolvemos instruir-nos na maneira de invocar os espíritos. Fizeram-se várias experiências com resultados curiosíssimos; porém, no final destas sessões experimentais, éramos aconselhados por meio da mesa a participar de um certo grupo espirita que se organizara em Lisboa. Tratámos de indagar quem era o seu director, concluindo-se que, afinal, não havia seriedade em tôdas aquelas manifestações, cujo objectivo era, pura e simplesmente, o de nos levar a fazer parte de uma seita de natureza secreta.

Nesta convicção, resolvemos abandonar a idéia, pois as sessões experimentais passavam a não dar nada. Fiquei até na certeza de se tratar de qualquer fenómeno à margem da ciência, mas manejado por simples mortais ou orientado pelo demónio.

Entrado na vida prática, atirou-me o destino para as colónias, onde segui carreira.

Em certa altura, tive por companheiro de casa um modesto funcionário, mas uma jóia de rapaz. Um dia, falou-me entusiasmado duma série de casos espiritas muito curiosos passados com êle e com um casal amigo. Limitei-me a referir-lhe as impressões atrás expostas e não liguei grande importância ao assunto. Porém, êsse companheiro disse-me mais tarde que o seu amigo era médium escrevente e que andavam a trabalhar numa obra ditada por um escritor francês, morto poucos anos antes.

As sessões eram feitas com o casal; mas, por causa dos filhitos, passaram a realizar-se numa sala da nossa casa. Entrei e saí muitas vezes sem querer ter grande cuidado em os não perturbar.

Nessa altura, dedicava-me especialmente à montagem de uma serração e respectiva central eléctrica para a accionar. Ao reali-

---

tica, etc.» e que êle era sinceramente crente naquilo tudo», diremos que «naquilo tudo» está incluída a história burlesca do sr. Abreu.

Assim, o dr. Medeiros é apresentado (apesar de inteligente e culto) como o protótipo do espirita. Nêste ponto, também Sua Ex.ª se engana, porquanto o Espiritismo (que não é simplesmente religião, pois tem que ser encarado sôbre o seu tríplice aspecto: religioso, filosófico e científico), não é dogmátimo e, como tal, os seus adeptos não abdicam do mais nobre dom que o homem possui: a razão. Por êste motivo, só acreditamos naquilo que é razoável e coerente. O resto é lancado ao vento.

n.º 7, Mai 44

zarem-se as experiências com o dínamo, verificou-se que êste não gerava corrente. Fizeram-se tôdas as provas que os meus modestos conhecimentos sugeriram, mas sem obter o mínimo resultado.

E, num vaivém extenuante de longas caminhadas através das florestas, não se conseguiu remediar, nem descobrir razão da avaria, só restando a solução de enviar a máquina para a origem.

Quási desanimado e após uma caminhada de 200 quilómetros, encontrei em casa os meus dois laboriosos espiritas, a voltas com a sua obra. Após ligeira interrupção de cumprimentos e troca de impressões aborrecidas, lembrei-me de repente:

— ¿E se vocês invocassem um espírito que em vida tivesse sido engenheiro-electricista da A S E A (marca do dínamo), para se lhe preguntar se êle sabe o que tem o dínamo?!

Condescenderam, e, passado pouco tempo, apareceu um espírito que se prontificou a prestar todos os esclarecimentos.

É preciso saber-se que estes dois amigos nada percebiam de electricidade. O único que tinha alguns conhecimentos era eu e não estava no grupo de influência.

Fiz as seguintes preguntas, mais ou menos:

— O dínamo está bom?

— Sim, está — foi a resposta.

— ¿Podes dizer o que tem?

— Sim. As ligações da excitação estão erradas.

— Mas eu fi-las pelo esquema da fábrica...

— Mas não reparaste que o dínamo está a trabalhar com a marcha invertida. Encomendaram o dínamo para marcha em sentido inverso e mandaram-no com sentido directo. Podes ver isso na armadura, junto ao colector, onde existe uma seta com o sentido natural da marcha.

— Experimentei tantas ligações de excitação, que, certamente, já deveria ter acertado...

— Ainda não fizeste o que deves fazer, para que o dínamo gere corrente com a marcha invertida.

Depois disso, desenhei as ligações do reóstato e do dínamo, esboçando o que devia fazer, segundo o que me fôra indicado.

— ¿E agora vai gerar corrente? — preguntei.

— Sim.

No dia seguinte, fiz as ligações e, com grande espanto meu e de todos, o dínamo gerou corrente, acendendo luzes, etc. ¡E lá estava a seta, conforme a indicação do espírito!...

Depois disso, já lá vão longos e estirados anos de trabalhos e de estudos profissionais e teosóficos; e hoje sinto que o mundo se transformou, no meu conceito.

Iluminou-se a prisão escura de um passado indeciso; e, na minha alma embotada, materializada e quási desiludida, entrou a luz fulgente, acalentadora e esperançosa de um porvir além-túmulo, o que para mim traduz, com relêvo, a razão de ser dêste mundo de dor, de miséria e de tantas outras provações.

Lisboa, 18 de Março de 1944.

Amigos de «Estudos Psíquicos»

A boa orientação e as boas obras encontram sempre quem as auxilie. É o que tem sucedido nesta cruzada de propaganda, procurando fazer o máximo, com o mínimo de elementos, dentro do equilíbrio exigido pelas circunstâncias anormais que atravessamos.

Não há razões para desanimar. Graças a Deus e aos Espíritos tutelares desta modesta obra, os amigos cumprem, quer enviando donativos, quer angariando assinantes.

«Estudos Psíquicos, não se exime, pois, às responsabilidades duma grande revista doutrinária, criada para servir o Espiritismo evolucionista e veïcular tôdas as idéias e alvitres tendentes à consolidação e expansão da Doutrina.

Hoje, temos o prazer de registar os seguintes donativos, que muito agradecemos:

De «Um Amigo», ano de 1944	500$00
De F. M. G., do Rio de Janeiro	300$00
De José A. Gonçalves, de Lisboa, cota de Fevereiro	4$00
De «Uma Camponesa», de Lisboa, ano de 1944	25$00
Total	829$00

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

¿Existe uma vida após a morte?

O Primeiro de Janeiro publicou o mês passado o seguinte telegrama de Londres, o qual foi transcrito por *Vida Mundial* e vamos arquivar nestas colunas:

Especial para *O Primeiro de Janeiro* — Londres, Fevereiro — Segundo nos foi revelado hoje numa *entrevista* exclusiva concedida pelo espirita Adrian Conan Doyle, filho do conhecido criador de «Sherlock Holmes», os cientistas espiritas estão a procurar a forma de demonstrar ao mundo que a alma continua a viver, depois da morte do corpo.

— Estou convencido — disse Conan Doyle — de que não vem longe o dia em que a ciência, que tantas vezes fêz ridicularizar os espiritas no passado, provará de forma clara e irrefutável que existe uma vida após a morte.

«Quando êsse dia chegar, as comunicações com o Além serão aceites como um facto científico. Utilizando o gigantesco progresso realizado no domínio da electricidade, como no da televisão e em inúmeros aparelhos secretos, estou convencido — disse o nosso *entrevistado* — de que será provável num futuro muito próximo, não sòmente a sobrevivência da alma, mas também a forma prática de podermos comunicar com o espírito dum determinado sêr que viveu na Terra».

Conan Doyle revelou-nos que comunica freqüentemente com seu pai e sua mãe, por meio de médiuns que actuam simplesmente como os telefones, estabelecendo ligação entre os vivos e aquêles que partiram para o Além.

Ao sugerir que o Espiritismo deve ser modernizado e denominado «Sobrevivência», Conan Doyle declarou-nos estar convencido de que o emprêgo dos médiuns na forma actual estava bastante antiquado. Quando conseguirmos penetrar no mistério do que agora conhecemos insuficientemente, ou das vibrações identificadas, tal como podemos contemplar a vida da água através do microscópio, então os médiuns *de hoje* serão uma coisa do passado.

A uma pregunta sôbre se admitia o fenómeno que se alega verificar nas sessões espiritas e que se diz ser virtualmente imaginário, Doyle respondeu-nos enfaticamente:

— Não! Meu pai disse-vos que o criador de Sherlock Holmes era demasiado sagaz para aceitar histórias não controladas das reivindicações dos médiuns ou dos que assim se cognominavam. Meu pai disse-me, a mim e a meu irmão, que não queria que em circunstância alguma aceitássemos o Espiritismo, lá porque êle o tinha aceitado. Pelo contrário, insistia connôsco para que investigássemos pessoalmente, como êle fizera, de forma que ficássemos satisfeitos e convencidos com as nossas pesquisas.

Procedendo assim — continua — eu estou pronto a dizer que visitei vários médiuns, se bem que preferisse sempre os que não eram pagos. Entretanto, isto não deve ser interpretado como condenação lançada aos numerosos e muito honestos médiuns existentes no país. Devemos compreender que o nosso conhecimento do Espiritismo se acha ainda na infância. Os investigadores honestos reconhecem, com efeito, haver ainda muita coisa que carece de explicação.

Conan Doyle disse-nos, finalmente, que a guerra tinha, naturalmente, feito aumentar o número de pessoas interessadas em comunicar com os entes queridos que tinham partido para o Além e que hoje existem inúmeros investigadores, homens e mulheres, que desejam saber a verdade àcêrca da sobrevivência humana. — *Henri Tosti Russell.*

Apesar do mutismo sistemático da grande imprensa, o Espiritismo alarga cada vez mais a sua esfera de acção, sobretudo nas classes cultas, alheias a prejuízos morais. A atitude do *Primeiro de Janeiro,* que é, sem favor, um dos maiores cotidianos portugueses, seria exemplo a seguir, se razões ocultas não houvesse que impedissem a vulgarização, quer dos factos, quer dos trabalhos dos investigadores.

Mas, assim mesmo, a luz espancará as trevas, enquanto o homem fôr solicitado pelo estudo dos grandes problemas do destino.

Diagnóstico por meio da clarividência

O Dr. Eugéne Osty foi um dos primeiros médicos que tratou dêste assunto, no seu livro intitulado: «O diagnóstico das doenças feito por sensitivos dotados de conhecimentos paranormais».

Eis um facto interessante narrado por aquêle conhecido metapsiquista:

«Em Agosto de 1920, chamaram-me com urgência para acudir à senhora A. C., vagamente fatigada há dias e que acabava de sair em estado de impressionante fraqueza. Encontrei-a em estado de colapso, pulso pequeno a 120, temperatura 36, tendência sincopal, incapaz de levantar a cabeça do travesseiro.

«Tem 38 anos. Fala com dificuldade e a família não pode dar qualquer informação útil. A exploração metódica do corpo não permite se encontre o quer que seja de anormal. Uma enérgica medicação tónica melhora o estado do doente. No dia seguinte, as melhoras confirmam-se. No outro dia, 17 de Agosto, pelas cinco horas, nova chamada urgente. A doente estava muito pior.

«A família julga a morte iminente. À minha chegada, ausência de pulso, ruídos cardíacos fracos, pouco perceptíveis e precipitados, estado quási sincopal, a doente não pode falar, mal pode esboçar um gesto...

«Apreensivo, retomei o meu carro, onde me esperava a menina de Berly, que eu trouxera depois duma sessão muito fatigante, afim de repousar ao ar livre.

«Ao sentar-me, exclamou:

«— Inquieta-vos muito essa doente... Tem o sangue infectado. Em breve descobrireis a causa e a normalizareis. Arranjai uma escrita do seu punho, para fazermos uma sessão em seu benefício.

«No dia 18 de Agosto, a senhora A. C. está melhor, se bem que ainda muito fatigada. Peço aos que a assistem que lhe tomem a temperatura de hora a hora, se possível, até à minha próxima visita.

«Na noite dêsse dia, pelas 21 horas, pus nas mãos da menina de Berly uma fôlha de papel com três linhas escritas pela senhora A. C. Embora eu esperasse longa descrição do estado da enfêrma, apenas me fornecem as frases abaixo mencionadas, confirmação das palavras que espontaneamente me dirigira na véspera.

«— ¡Que fraqueza a dessa criatura!... ¡Está quási a morrer de fraqueza! ¡É um corpo débil que não reage contra a doença! Tem o sistema nervoso relaxado. É um corpo infectado. Ides saber brevemente do que se trata. Vão julgá-la quási morta, mas vós tocareis a causa do mal e curá-la-eis de improviso.

«Na manhã de 19 de Agosto, estava eu à cabeceira da enfêrma. Sob a influência dos tónicos, o seu estado geral parecia satisfatório e desde a véspera que a temperatura era normal. Novo e mais fácil exame apenas revelou uma área esplénica (do baço) mate, levemente mais dilatada do que a normal. Deixei a doente e a família tranquilizadas. (Até aqui, tudo ao contrário do que dissera a clarividente).

«Mas, no mesmo dia, às 6 da tarde, outra chamada urgente. Chamamento desesperado... Encontro a doente mais desfalecida do que nunca. Pulso imperceptível, suores profusos, nem uma palavra, um farrapo humano, um corpo donde a vida se retirava. Faço à pressa o necessário para arrancá-la dêsse desmoronamento. Em seguida, interrogo os assistentes e examino as temperaturas tiradas: ao meio dia, 36°; às 13 horas 40°,5; depois, temperatura oscilante em tôrno de 40° até às 17 horas. Depois dêste momento é que sobreveio bruscamente o colapso.

«A partir dessa altura, tudo se esclareceu e prescrevo logo um tratamento adequado. Nenhum acesso se produziu e, portanto, nenhum alarme.

«O estado de saúde da senhora A. C. permaneceu muito bom durante alguns anos. Depois, perdi-a de vista».

Êste caso de diagnóstico foi extraído, como dissemos, da obra do Dr. Osty, o qual se deu ao trabalho de relatar vinte e tantos, todos de grande importância para esclarecimento da questão.

O Espiritismo na América do Norte

Segundo o *Psychic Observer*, que temos sôbre a mesa, acaba de formar-se em Nova York uma nova sociedade espirita que tem como figura principal o conhecido médium inglês John Myers, cujos trabalhos de fotografia concitaram justamente a atenção dos investigadores anglo-americanos e correm mundo em livros memoráveis, subscritos por consagrados autores.

Psychists Incorporated, que podemos traduzir por *Liga dos Psiquistas*, conta já cêrca de 400 sócios fundadores, entre os quais grande número de individualidades eminentes em todos os ramos da actividade humana. Além disso, dispõe de amplas instalações (313 W. 57th Street) com salão de conferências, livraria, salas de leitura, quartos para sessões experimentais e trabalhos de meditação em conjunto.

Um dos seus principais objectivos é servir-se largamente da imprensa e da rádio, no intuito de conseguir o maior número possível de adeptos.

A *Liga dos Psiquistas* não deseja repetir as experiências de outras sociedades similares, nem moldar a sua acção pela acção dos centros espiritas.

O seu programa é quási igual ao da *Sociedade Inglêsa de Investigações Psíquicas*. Adoptará medidas de educação e propaganda, tendentes a combater o preconceito que tantas vezes tem prejudicado a expansão da doutrina. Para isso está solidamente financiada e atrás da sua Directoria encontra-se o médium John Myers, há pouco ali chegado de Inglaterra.

Como médium *não profissional* dotado das mais variadas faculdades, entendeu que devia trabalhar

pelo bem da humanidade, sem qualquer interêsse monetário. Dêste modo, conseguiu reünir à sua volta um grupo de amigos, os quais realizaram a primeira sessão preparatória no dia 20 de Setembro de 1943, sob a presidência de George Gordon Battle.

Ali se encontravam também o Dr. Nandor Fodor, antigo director da *Light* e autor da «Enciclopédia das Ciências Psíquicas»; Eduard Bodin, técnico da rádio e autor de muitos livros de estudos psíquicos; Gertude Ogden Tubby, antiga assistente do Dr. Hislop e secretária da Sociedade Americana de Investigações Psíquicas, bem como o célebre médium Reverendo Arthur Ford, a quem nos referimos há tempos, a-propósito da cifra que o prestidigitador Houdini combinara com a espôsa para a sua identificação, quando desencarnasse. Arthur Ford encarregou-se de desenvolver os médiuns da Liga e das conferências a realizar àcêrca da filosofia espirita.

A inauguração oficial realizou-se em princípios de Novembro último, sob a presidência do Dr. Gordon Battle, que expôs os fins da Sociedade: «interessar todos os que sèriamente estão ligados à idéia da *sobrevivência*, pois o nosso objectivo mais elevado, é trabalhar de modo que mantenhamos esta sociedade num verdadeiro plano de nobreza e dignidade».

Falaram também Lawrence Parish e John Myers. Êste último disse que a *Liga dos Psiquistas* foi organizada para investigar e demonstrar a realidade dos fenómenos psíquicos, visto que o homem sobrevive, pois podemos comunicar com os que partiram para uma vida mais elevada.

— Falei muitas vezes com minha mãe — acrescentou. — ¡Falei com ela, vi-a e fotografei-a! ¡Posso assegurar-vos que ela não veio em forma de Satanás, embora muitas pessoas afirmem que só os espíritos maus se comunicam!

À nova Sociedade, enviamos as nossas cordiais saüdações.

Movimento espirita mundial

Eis como na Argentina se aprecia o actual movimento espirita mundial, através do Boletim n.º 3 da Comissão Organizadora do Primeiro Congresso Espirita Pan-Americano (Suplemento de *La Idea):*

Consciente da função espiritual que o Espiritismo é suscptível de realizar na sociedade humana, as várias organizações espiritas do Continente desenvolvem continuamente um trabalho de difusão e prática da nossa doutrina, baseadas nos princípios filosóficos, científicos e morais que mantêm.

Na Argentina, o movimento espirita alastra cada vez mais na massa social e aumenta sempre o número de sociedades aderentes à Confederação Espirita Argentina; ao mesmo tempo aumenta a organização de entidades federadas e não federadas.

No Brasil, multiplicam-se as agremiações espiritas, bem como também os centros de carácter científico e educativo. A Sociedade Brasileira de Estudos Psíquicos, a Sociedade de Medicina e Espiritismo e outras de não menor importância, além da criação de hospitais, como o Hospital de Clínicas «Allan Kardec», o Hospital «Pedro de Alcântara», asilos, escolas, etc., são nova prova de abnegação e sacrifício levado a efeito pelo movimento espirita brasileiro para encaminhar o Espiritismo pelas sendas do amor e da cultura.

A propaganda em favor da unificação do movimento também não é descuidada; assim, uma das mais importanntes organizações — a Liga Espirita do Brasil — iniciou êste ano nova campanha pró-União do Espiritismo Brasileiro.

Na Venezuela, Chile, Uruguay, Honduras, São Salvador, o Espiritismo é divulgado por pequenos grupos, que, no entanto, procuram realizar o maior número de obras, na medida das suas fôrças e possibilidades.

O México, Pôrto Rico e Cuba têm organizações federativas e grandes núcleos espiritas, respeitados pelos profanos e pelas autoridades nacionais dos respectivos países.

Em 1943 fundou-se em Pôrto Rico uma Editorial Espirita e em Cuba projecta-se a construção dum asilo e de um hospital espiritas; publicam-se diversas revistas e realizam-se assembléias, congressos, etc.

Em Nova York é grande a acção do movimento em língua castelhana, com a sua pequena revista *Voz del Espiritismo.*

Na Inglaterra, embora êste país tome parte importante na contenda mundial, as organizações espiritas continuam a trabalhar. A Spiritualist National Union, em carta dirigida à Comissão Organizadora, felicita-a pelo seu trabalho e promete enviar algumas obras ao Congresso Pan-Americano, de cuja preparação se encarregou o sr. Mc Indoe.

Quanto ao Espiritismo europeu, nada há de concreto, excepto Portugal, onde o Espiritismo conta com a importante revista *Estudos Psíquicos*, sob a direcção de Isidoro Duarte Santos, que continua nos seus trabalhos de estudo, experimentação e divulgação.

Na India, a Indian Spiritualist Society, que publica um boletim, sob a direcção do sr. V. D. Rishi, com sede em Bombaim, e a Bhatpara Spiritualist Society, realizam interessante obra de divulgação e experimentação.

Temos de lamentar êste ano três desencarnações, por se tratar de homens que eram autênticos valores no movimento espirita internacional.

Primeiro, foi a do companheiro cubano Paz Ba-

Notas & Comentários

«O Preto no Branco...»

O Dr. Ramada Curto, causídico e dramaturgo, animador de tertúlias e autor de algumas obras polvilhadas de ironia, escritas ao sabor de inspiração momentânea, deu-se há pouco ao labor inglório de ridicularizar o Espiritismo, inventando um «crente» à sua moda, na pessoa dum doutor Medeiros que, se não existisse... Deu-se ao labor citado num diálogo inserto no *Diário de Lisboa*, em secção ali mantida sob a rubrica «O Prêto no Branco», de sua responsabilidade e amanho literário.

Desta vez, dissertou àcêrca da «Vantagem das crenças», talvez com o fim de *épater* aquêles que alguma coisa sabem das faculdades mediúnicas do ilustre advogado e que não deixam de fazer comentários à atitude dualística do homem e do autor.

A crónica em questão é cheia de vacuïdade e lugares comuns, destinada a certos bípedes «fin de siècle», amadores do grotesco e que vivem em bexigas enfunadas, julgando que, para além do esferóide, nada mais existe que prenda a atenção duma homem de cem quilos. A essas mentalidades acéfalas, ninguém poderia arengar melhor do que o autor de «Madame Solange, Vidente» com seus paradoxos e malabarismos dispostos em rosário e oferecidos em série aos filhos-famílias da geração que passa.

Nada mais fêz Ramada Curto e ainda bem que se limitou à facécia equilibrista para *matar tempo* e preencher espaço, já que nada de melhor havia para dar ao leitor da gazeta.

Enfim, quer digam bem, quer digam mal, o que é preciso é chamar o nome à coisa. E embora o Espiritismo não careça de recomendação para se impor aos estudiosos, aceita de bom grado tudo o que fizerem para o tornar conhecido. Continui, pois, Ramada Curto a fabricar *doutores Medeiros* e a desopilar o fígado aos bípedes «fin de siècle» que atravancam as ruas em hora de movimento e de trabalho. Mais vale rir a bandeiras despregadas, do que falar «nestas coisas que impressionam»...

Dr. Guillon Ribeiro

Pela *Revista Internacional do Espiritismo*, de Matão, soubemos da desencarnação do Dr. Olímpio Guillon Ribeiro, presidente da Federação Espirita Brasileira, escritor e tradutor de grande envergadura, a quem o Espiritismo deve notáveis serviços. No dia 26 de Outubro de 1943, cêrca das 14,30, abandonou a Terra um dos maiores vultos do movimento espirita mundial. A notícia correu velozmente por todos os Estados do Brasil, onde o Dr. Guillon Ribeiro tinha inúmeros admiradores.

Nasceu em S. Domingos do Maranhão, aos 17 dias de Janeiro de 1875, desencarnando, portanto, com 68 anos de idade. Era engenheiro civil e director aposentado da Secretaria do Senado Federal.

Deixou cinco filhos, um dos quais exerce clínica na Federação E. Brasileira. Há cêrca de vinte anos que fazia parte da direcção desta sociedade e há dez que ascendera à presidência, como sucessor de Leopoldo Cirne, também há pouco desencarnado.

Dirigiu o grupo «Ismael» e coligiu três volumes, que relatam estas sessões, desde 1939 até 1943.

O seu estilo era inconfundível, vasado em puro vernáculo.

Ao enterramento assistiram a Directoria da Federação, representantes de muitas agremiações espiritas e muitíssimos amigos. A prece de despedida foi proferida por Wantuil de Freitas.

Enfim, Guillon Ribeiro, além de notável pioneiro da Causa, era o maior animador da Federação Espirita Brasileira, à qual consagrou quási metade da existência terrena, desdobrando-se em actividade utilíssima, a todos inspirando estima e simpatia.

Traduziu grande número de obras espiritas, en-

---

zulto, em Março de 1943 A sua acção tenaz escudava-se num conceito filosófico que demonstrara as raízes americanas do Espiritismo.

Depois, a de Ernesto Bozzano, uma das figuras mais extraordinárias do Espiritismo mundial. Foi um grande expositor da nossa Doutrina e o primeiro crítico e analista dos fenómenos da mediunidade. Desencarnou em Génova, em Julho de 1943.

Finalmente, a de Guillon Ribeiro, presidente da Federação Espirita Brasileira e director do *Reformador*, seu órgão oficial. Desencarnou em Novembro *(aliás, em Outubro)* do mesmo ano. Foi um homem de estudo e de trabalho, cuja vida pode apontar-se como exemplo de sacrifício e amor ao Espiritismo.

Eis, em linhas gerais, as notas mais importantes do Espiritismo na actualidade, embora muito mais houvesse que dizer. O Espiritismo expande-se dia a dia e a sua fôrça moralizadora e o seu conteúdo de amor e paz servirão de farol à humanidade. É, pois, dever dos espiritas divulgá-lo e revivê-lo em tôda a sua integridade.

Noticiário

Amável referência

Região de Leiria teve a amabilidade de se referir à nossa revista em termos que muito nos honram. Eis as suas palavras desataviadas e sinceras:

Estudos Psíquicos — Temos recebido regularmente êste mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental, justamente considerado entre as melhores publicações mundiais da especialidade. Publica bons artigos doutrinários e científicos e narra factos comprovativos das manifestações que alicerçam e consolidam o Espiritismo. Recomendável a quem queira ter olhos para ver e ouvidos para ouvir. Redacção e Administração — Rua do Salitre, 149, 1.º — Lisboa. Assinatura mensal: 36$00.

Agradecemos à *Região de Leiria* as referências que se dignou fazer e que nos servirão de incentivo em novos empreendimentos.

Federação Espirita Brasileira

No dia 7 de Novembro último e em virtude de ter desencarnado o Dr. Guillon Ribeiro, procedeu-se à eleição do novo presidente da Federação Espirita Brasileira, sendo eleito e empossado no cargo o sr. A. Wantuil de Freitas, que exercia as funções de gerente do *Reformador*.

O presidente eleito é figura de projecção nos meios científicos e literários, jornalista e membro da Associação Brasileira da Imprensa e possuïdor de grande energia e combatividade. Por ocasião do ataque cerrado movido ao Espiritismo, há cêrca de três anos, no Rio de Janeiro, Wantull de Freitas enfrentou as imprecações de muitos médicos que, em reünião conjunta, numa associação a que êle pertencia, devido ao seu diploma de farmacêutico, pretendiam impor-se ao legislador, afim de colocar o Espiritismo fora da lei. Wantuil de Freitas foi eloqüente e demonstrou qualidades que muito o recomendam para o desempenho de tão espinhosa missão.

Ao novo timoneiro da Federação amiga, as nossas calorosas felicitações, com votos de saúde e prosperidade.

---

tres elas, as de Allan Kardec, algumas de Bozzano, de Léon Denis etc., bem como «A Grande Síntese», de Pietro Ubaldi, e «Os Quatro Evangelhos», de Roustaing.

A sua extraordinária actividade e o elevado bom-senso de que era dotado impuseram-no até aos próprios adversários.

Inteligente, arguto e ponderado, nunca o vimos usar de violência nos seus artigos judiciosos, reveladores duma alma eleita cheia de predicados nobilitantes.

Assim, não admira que seja difícil substituí-lo. Assim, não admira que tenha deixado em aberto uma lacuna que muito custará a preencher.

Estudos Psíquicos lamenta a perda dêste nobre confrade e apresenta os seus protestos de solidariedade à Federação Espirita Brasileira.

Sociedade de Naturologia

Em Assembléia geral conjunta, a Sociedade Portuguesa de Naturologia e a Sociedade Naturista Portuguesa resolveram fundir-se, desta forma pondo termo a antigas divergências.

Fica prevalecendo o nome daquela, para cuja sede — Rua de Luz Soriano, 27, 2.º — passaram os haveres da antiga, constantes de mobiliário, arquivo, biblioteca com mais de 400 volumes, secção campeste e marítima, etc., o que virá contribuir para o progresso do Movimento Naturista em Portugal.

Voto de sentimento

A Direcção do Centro E. Luz e Amor, em sua sessão de 19 de Abril, resolveu exarar na Acta um voto de sentimento pela desencarnação do Dr. Guillon Ribeiro, presidente da Federação Espirita Brasileira.

Auxilio aos necessitados

De F. M. G., do Rio de Janeiro, 1.500$00

Auxílio ao Centro

De F. M. G., do Rio de Janeiro, 500$00.

Programa dos trabalhos do Centro, em Maio de 1944.

Dia 7, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 14, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 21, às 16 horas — Conferência pelo tenente João da Cruz, intitulada «O Egoismo».

Dia 28, às 16 horas — Sessão experimental.

Nota — As sessões experimentais são exclusivas aos sócios do Centro.

Devido à falta de espaço, tivemos de retirar mais de dez páginas de composição, entre elas, «Resumo da Doutrina Espirita», «Abcedário dos Médiuns», Preceitos a observar nas sessões às escuras», «Os primeiros discípulos e a pesca maravilhosa», «Bibliografia», «Por êsse mundo», etc., etc., esperando normalizar brevemente a situação.

Estudos Psíquicos

2.° volume correspondente ao 3.° e 4.° ano, impresso em papel especial, formando um grosso volume de cerca de 400 páginas, encadernado em optima percalina azul

(TIRAGEM REDUZIDA)

À venda nesta redacção ao preço de 70$00

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Espiritualista

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
Obras Póstumas	15$00	21$00
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	3$50	
O Além e a Sobrevivência	3$50	
O Grande Enigma	10$00	
O Porquê da Vida	8$00	
Cristianismo e Espiritismo	16$00	22$00
Joana d'Arc Médium	16$00	22$00
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	17$00	23$00
ERNESTO BOZZANO		
Breve história dos «raps»	3$00	
Xenoglossia (Mediunidade Poliglota)	10$00	
DR. A. LÔBO VILELA		
Hipóteses Metapsíquicas	7$00	
O Problema da Sobrevivência . . .	7$00	
O Destino Humano.	14$00	

	br.	enc.
F. CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
Novas Mensagens	10$00	
CAMILO FLAMMARION		
O Fim do Mundo.	12$00	
ALMERINDO M. DE CASTRO		
O Martírio dos Suicidas	9$00	
António de Pádua	10$00	16$00
ALEXANDRE DIAS		
A Fazenda Mal Assombrada	10$00	
Trajectória das Almas.	8$00	

(Continuado da 3.ª página da capa)

	br.	enc.
LEOPOLDO MACHADO		
Pigmeus contra gigantes	10$00	
Doutrina inglória (O problema da natalidade à luz do Espiritismo)	10$00	
BITTENCOURT SAMPAIO		
De Jesus para as Crianças.	8$00	13$00
Jesus perante a Cristandade. . . .	12$00	17$00
JOSÉ SURINACH		
Spíritus Meledictus. (novela espirita de grande emoção)	8$00	12$00
OSVALDO MELO		
Epístolas aos Espiritas	7$50	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos.	10$00	16$60
OBRAS DIVERSAS		
Além (O) para todas as inteligências, por *J. L'Homme*	10$00	
Amor Imortal, por *J. A. Nogueira* .	12$00	
Amor, Vida e Evolução, por *Fernando da Cruz Ferreira*.	8$00	
Claustro (O), por *Manuel Arão* . .	14$00	20$00
De Maria para suas filhas.	3$00	
Espiritismo (O), à luz dos factos, pelo *Dr. Carlos Imbassaby* . . .	15$00	
Expiação, por *Areolino Gorjão* . .	10$00	
Evangelho das Crianças (3.º livro de leitura) por *António Lima*. .		7$00
Granja (A) do Silêncio, por *Paul Bodier*.	10$00	
A Grande Esperança, por *Charles Richet*.	15$00	
Herculanum (romance mediúnico) pelo *conde Rochester*.	18$00	
Metapsíquica (A) e o Espiritismo à luz dos factos, por *Faure da Rosa*	2$50	
Minas de Sincorá, por *Estrelita Junior*.	6$50	
No Limiar do Etéreo, por *J. Artur Findlay*	13$00	19$00
Nova (A) Luz, por *Georges Dejean*	12$00	18$00
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle*		10$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho por *João, o Evangelista* . . .	12$00	
Pela Vitória do espirito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*.	35$00	
Psicologia Experimental, pelo *Dr. Paulo Gibier*.	3$00	
Roma e o Evangelho, por *José Amigó y Pellicer*	14$00	20$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio A. Valente*.	12$00	18$00

Nêstes preços não está incluído o porte do correio.

Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e Ilhas Adjacentes.

Para as Colónias e estrangeiro, a remessa é feita contra pagamento adiantado, por meio de vale postal.

AVISO AOS INCAUTOS

Não são espiritas os que exploram a credulidade das pessoas incultas ou fanáticas, exibindo falsas faculdades e recorrendo a artifícios de toda a espécie, para melhor iludir a boa-fé dos incautos.

Não são espiritas os que se entregam à adivinhação pela invocação dos espíritos, porque o Espiritismo não é arte divinatória e por isso os espíritos que se prestam a semelhante papel são, necessàriamente, inferiores (por mais pomposos nomes que apresentem) e o seu convívio só poderá ser prejudicial.

As casas das chamada *mulheres de virtude, cartomantes, bruxas* e de todos os que se dedicam a estas práticas supersticiosas são de infecção espiritual, onde os espíritos inferiores vivem permanentemente e fazem seu campo de manobras.

«Estudos Psíquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas e colónias

ANO V JUNHO DE 1944 N.º 8

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONTÉM: A Idéia de Pátria, **da redacção;** A morte e os seus fantasmas — III — por **Isidoro Duarte Santos;** Moral, — I — pelo **Coronel Faure da Rosa;** Resumo da Doutrina Espírita — VI — pelo **Dr. Gustave Geley;** O Espiritismo revelador da Verdade — VII — por **Haydi de Tebelen;** Como orientar a propaganda espírita, pelo **Dr. Fred Wachsmann;** O Espiritualismo na Antiguidade — III — por **Álvaro Ramos Pereira;** Eusápia Paladino e as fraudes mediúnicas, pelo **Dr. Odilon Negrão;** Touradas, por **F. Noronha;** Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos;** Bibliografia; Noticiário.

A médium Eusápia Paladino, que converteu ao Espiritismo o grande criminologista Lombroso

LEITOR AMIGO:

Escuta, por um momento. ¿Já pensaste alguma vez no mistério da vida, no porquê da tua existência terrestre e no que te espera, ao abandonar o mundo físico? ¿Já pensaste?... ¿E não te sentiste atraído para a meditação cotidiana, para a decifração de tão grande enigma?

De-certo que já pensaste e meditaste e concluiste pela necessidade de aprofundar o assunto. Tens, agora, belo ensejo. Acompanha «Estudos Psíquicos» *na sua acção, torna-te seu amigo e colaborador, porque há muita maneira de auxiliar as obras úteis. Tudo que fizeres, redundará em teu próprio benefício.*

ESTUDOS PSÍQUICOS

Revista mensal

ORGÃO OFICIAL DO CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR

E PORTA-VOZ

do Centro Espirita Reflexos da Verdade, de Beja, do Centro Espirita Luz, de Coimbra, do Centro Espirita Luz e Verdade, de Matozinhos, do Centro Espirita Fé e Caridade, de Angra do Heroismo, do Centro Espírita de Santa Judite, do Pôrto, do Grupo Espirita Humildade, de Aveiro, do Grupo Espirita Paz, Caridade e Protecção, de Faro e do Grupo Espirita Perseverança e Fé, de Maiorga

Rua do Salitre, 149, 1.º, E. = = = = = = = = = = = LISBOA

PROPRIEDADE DE ISIDORO DUARTE SANTOS

a quem deve ser dirigida tôda a correspondência

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores • Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

Redactores-correspondentes:

No **Rio de Janeiro**	Almerindo Martins de Castro
Em **Uberaba**	Dr. Inácio Ferreira
Em **Buenos Aires**	Dr. Luiz M. di Cristóforo

Distribuição gratuita aos sócios do Centro E. Luz e Amor

ASSINATURAS

PORTUGAL	*Continente e Ilhas (assinatura anual)*	*36$00*
	Colónias ... ... » »	*50$00*
ESTRANGEIRO	*Espanha* ... ... » »	*36$00*
	Brasil ... ... » »	*50$00*
	Outros países ... » »	*60$00*

Cobrança pelo correio — mais 1$60

Distribuidores exclusivos para Portugal, Ilhas e Colónias: **Editorial Organizações, Lda.**, Largo Trindade Coelho, 9, 2.º — Lisboa — Telefone 27507

• VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA •

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

ANO 5.º | LISBOA, JUNHO DE 1944 | N.º 8

Propriedade de Isidoro Duarte Santos	Direcção e Edição de Maria Gonçalves Duarte Santos	Redacção e Administração — Rua do Salitre, 149, 1.º—E.

Composto e impresso na Tipografia SILVAS Lda. — Rua de D. Pedro V, 120 — LISBOA

A IDÉIA DE PÁTRIA

De vez em quando, surge uma ou outra voz a afirmar princípios infundados que podem conduzir a soluções extremas, incompatíveis em tudo com as doutrinas que prègamos. Entre êsses princípios, conta-se a idéia de pátria, tão abastardada nos modernos tempos, por virtude de credos espúrios e anti-humanos que oferecem eldorados miraculosos, capazes de transformar subitamente os alicerces de tôda a sociedade.

Ora, quem não tem amor à pátria, à terra que o viu nascer e onde gozou e sofreu, não tem amor à família. Está, portanto, em oposição aos desígnios da natureza humana, que oferece ambiente próprio a cada raça, a cada povo, a cada nação.

Assim, não vemos motivo algum para que se amesquinhe idéia tão elevada. A organização social baseia-se em factores materiais e morais que resistem a todos os embates, por mais violentos que sejam. Por isso é que os conquistadores judiciosos respeitaram quási sempre os usos e costumes dos vencidos, certos de que tentar destruir aquêles factores era trabalhar em pura perda.

Se é vulgar dizer-se que a convivência gera a amizade; se cada indivíduo sente especial atracção para o lar em que nasceu, a rua em que mora, a escola em que aprende, a oficina em que trabalha; e se tudo isto radica nas almas afecto indestrutível que abarca todos estes elementos de felicidade, ¿com que pretexto se espalham idéias erróneas e prejudiciais, contrárias ao Espiritismo que se diz servir com dedicação e sacrifício?

O sentimento de fraternidade que essas vozes apregoam é fictício e perigoso, em virtude da sugestão que infunde e que pode contaminar criaturas de boa-fé, desprevenidas e imprudentes. Contudo, talvez não fôsse mau averiguar se tais arautos são fraternais para com os seus familiares, os seus camaradas de labor e aquêles que os procuram em atitude implorativa. Saberíamos então que espécie de autoridade haveria nas suas afirmações.

Querer afastar do homem a idéia de pátria, a pretexto de que todos somos irmãos, é um absurdo. Teríamos de abolir, primeiro, a família e os amigos prediletos.

As fronteiras não são obstáculo às relações espirituais e culturais de todos os homens, assim como as paredes do lar não impedem que tenhamos relações de estima com tôdas as pessoas que nos são afins. O amor da pátria não obscurece os sentimentos humanistas e o desejo de fraternizar.

Se não fôssem os nossos defeitos, se não fôsse o orgulho e a vaidade, a ausência de espiritualidade e o materialismo grosseiro que invade o mundo, todos os homens poderiam viver em paz e em paz cumpririam o grande Mandamento, mesmo por cima das fronteiras, dos mares e dos desertos. Veríamos abolidas as lutas de classe, de raças e de povos e outras coisas filhas da nossa imperfeição.

¡Se a liberdade e o direito à vida são coisas respeitáveis, deixe-se viver o homem segundo as leis morais, obediente às injunções da Natureza!

A MORTE E OS SEUS FANTASMAS

por Isidoro Duarte Santos

III

A dúvida àcêrca do destino do môrto — inferno, paraíso ou purgatório — é causa de muitas apreensões por parte das famílias, que ficam perturbadas, a seguir àquelas inhumações aparatosas.

O Espiritismo veio acabar com semelhantes fantasmas e reduzir o acontecimento às suas verdadeiras proporções. Já não há mais morte, no sentido que dão à palavra. Essa transição que nos conduz a novo mundo, nada destrói do nosso *eu*, pois continuaremos a amar, a trabalhar e a progredir, conforme o esfôrço que estivermos dispostos a fazer. Continuaremos a falar com os nossos parentes e amigo, através dos médiuns, êsses maravilhosos instrumentos que são traços de união entre os dois mundos.

É certo que a separação produz em nós uma dor profunda. Todavia, é conveniente evitar os prantos exagerados que nenhum alívio dão ao defunto. As lágrimas violentas e os gritos desesperados produzem efeito contraproducente no desencarnado, que, em vez de seguir a sua trajectória, fica chumbado ao sítio em que se encontram os inconsoláveis amigos terrenos e sem fôrças para reagir.

Desta opinião são quási todos os espiritos. Eis o que um disse a tal respeito e cujo relato veio publicado na *Light* de 1927, à paginas 230:

— «Desejo que saibam isto: as crises excessivas de dor junto dos leitos mortuários constituem imensa barreira entre os vivos que delas se deixam tomar e o espírito do defunto por quem êles choram. Trata-se de barreira real e intransponível, que nos não permite entrar em comunicação com os que desesperam com a nossa morte. Mais ainda: as exageradas crises de dor retêm os espíritos desencarnados presos ao meio terrestre, retardando-lhes a entrada no mundo espiritual».

Na realidade, deveríamos chorar, se qualquer dêles não soubesse cumprir o seu dever moral, porque, então, amargo destino os esperaria na erraticidade. Quanto ao resto, é bom que fiquemos tranqüilos, porque haverá mais um nascimento no Além, que será festejado condignamente.

Razão teve Léon Denis em dizer que «os mortos são os vivos do céu». São os vivos do céu, levados caridosamente pela morte, que tão abominada tem sido sempre, talvez em virtude do instinto da conservação, sem o qual não teríamos a garantia de concluir tarefas que nos foram propostas ou que nós mesmos nos propusemos.

A morte, por si própria, é indolor. Declaram-no os espíritos que se tem ocupado do assunto e os médicos que tratam e velam enfermos *in articulo mortis*. O Dr. James F. Goalhart acudia de propósito à cabeceira dos moribundos, quando fazia serviço no Guy's Hospital e chegou à conclusão de que a morte nada tem de horrível para quem vai morrer, pois o véu que separa os dois mundos é uma pequena nuvem que se atravessa inconscientemente. Assim parece, visto quási todos os que reviveram após o afogamento dizerem não haver experimentado sofrimento algum, após a luta inicial.

O escritor Grant Allen declarou que o conhecimento que teve da sensação da morte era a causa da sua total indiferença física por ela.

Morre-se, como se nasce, com pequena diferença. Mergulha-se em perturbação geral e aquela agitação em que se debatem certas criaturas provém muitas vezes do seu apêgo aos gozos da Terra e do temor que as domina àcêrca do desconhecido. Mas se o homem estiver preparado, se tiver cuidado da bagagem que o há-de acompanhar através do novo ciclo evolutivo, não receará o nevoeiro da morte. Saberá ou terá a intuição de que a bruma se esbaterá com grande rapidez e prestes será recebido por amigos e protectores que o iniciarão na rota que o espera. Êste instante não deixará de ser decisivo e fará nascer no moribundo um estado moral

salutar que muito contribuïrá para que entre lucidamente na vida do espaço.

* * *

É inteiramente impossível estudar o problema da morte num simples e breve arrazoado. Por isso, resumirei certos pormenores e deixarei de me referir a outros. Quero, porém, aludir à morte prematura e à morte violenta e por suïcídio, que tamanha impressão causam em quem as presenceia.

Quando a vida se extingue subitamente, é que deve ter chegado o seu termo estabelecido, conclusão de vida anterior que se interrompera, mercê de circunstâncias da responsabilidade do espírito. Por outras palavras: Em determinada existência, o homem desperdiçou a energia vital que devera empregar em coisas úteis e não conseguiu realizar a obra que projectara, ao voltar de novo a êste mundo.

O suïcídio é o pior género de morte que se pode imaginar, por ser fértil em conseqüências de tôda a natureza. O sofrimento que aguarda estes infelizes não se pode descrever. Julgam-se vivos como nós e sentem incessantemente o martírio do seu acto desesperado. Muitos pedem que os acabem de matar, visto não poderem suportar dores tão horríveis. E só ao cabo de muito tempo compreendem o êrro que praticaram e choram de arrependimento.

Eu possuo comunicações de um suïcida que dizia sentir as ferroadas dos vermes e pedia-me que lhe desse uma espingarda, afim de pôr termo ao sofrimento que o enlouquecia. Embora estranhasse o ambiente que o cercava, não tinha consciência da morte que sobreviera, havia meses.

Compreende-se, pois, que a comoção seja enorme. O seu corpo fluídico sente-se abalado e êste estado psíquico transmitir-se-á sem dúvida ao organismo que o espera em nova encarnação. Tal género de morte produz violentas repercussões no estado vibratório do criminoso, afectando-o em vidas futuras.

São curiosas as declarações de alguns suïcidas, recebidas por Fernando de Lacerda, entre elas as de Camilo, Antero e Júlio Cesar Machado. Todos êles são unânimes no arrependimento. Julgando ter fechado o livro da vida, eis que a vida continua, em condições mais difíceis e penosas. O esquecimento que procuram é coisa vã. A consciência mede o pêso do crime e levanta-se como juíz implacável.

¡Há lá prova mais cruciante e mais terrível do que esta!...

* * *

Dissemos que o modo de destruïção do corpo era ponto a considerar. Com efeito, a cremação influi imenso no trespasse, como se conclui de numerosos testemunhos, quer de investigadores, quer de espíritos que se ocuparam do assunto.

Enquanto se realiza o *processus* da morte, isto é, enquanto se não dá a *morte geral*, o espírito continua ligado ao corpo somático. A incineração demasiado prematura exercerá, pois, acção deplorável na alma do defunto, produzindo-lhe as mais violentas comoções.

Vejamos como Charles Lancelin encarou o problema, quando um redactor da *Psychica* lhe preguntou, em 1923, se a incineração prejudicava o desprendimento do espírito.

«Sendo o espírito absolutamente imaterial, nenhuma dor experimenta com a incineração; mas, para o intermediário plástico, a incineração é horrivelmente dolorosa. No primeiro momento, a morte do corpo físico nem é total, nem absoluta. Apenas um órgão essencial deixou de funcionar e fêz cessar a vida geral; os outros aparelhos e órgãos, porém, continuam a viver, individualmente; as células conservam a sua vitalidade peculiar e só morrem, umas após outras. Creio, mesmo, que o duplo etéreo, em relações íntimas e constantes com tôdas as partes ainda vivas no cadáver, só ao sexto dia depois da morte oficial começa a enfraquecer, para se dissolver no ambiente decorridos muitos meses, quando tôdas as células estiverem mortas. A cremação, aniquilando o organismo, subtrai quási instantaneamente ao duplo etéreo o seu ponto de apôio, obrigando-o a dissolução rápida e violenta.

«Quanto ao corpo astral, detentor da sensibilidade, a questão é muito simples e evidente, pois sofre tão atrozmente, como sofreria se o seu organismo fôsse queimado, quando inteiramente vivo. A sua sensibilidade é dupla, em parte astral, e, em parte, física; mas é evidente que, ligado como se acha ao duplo etéreo, não pode ter enfraquecido essa sensibilidade

inferior, senão quando o duplo se dissolve; e essa perda de sensibilidade só é completa depois do mesmo duplo se dissolver totalmente no ambiente. Assim, no momento da cremação, a sensibilidade material do corpo astral ainda subsiste quási tôda e nenhuma dor lhe é poupada, das que o fôgo ocasiona. O seu suplício é, pois, integral e, por conseguinte, horrível.»

Embora eu não partilhe inteiramente, a opinião dêste grande investigador e ocultista, não posso deixar de reconhecer a sua autoridade no assunto. Deve ter-se aproximado da realidade, nas suas palavras judiciosas.

É claro que há espíritos, cuja desencarnação se faz rapidamente, como devia ser em todos os casos, e para quem a incineração não representa o mínimo sofrimento. Êsses, porém, são raríssimos e melhor será, portanto, evitá-la, ou, pelo menos, retardá-la.

A êste respeito, lembro-me de uma comunicação recebida em 1926 na Sociedade Allan Kardec, de Rochefort-sur-mer, àcêrca da incineração de Gabriel Delanne, autor de interessantes obras espiritas. Dizia assim:

«Em geral, quando a desmaterialização é lenta, dolorosa, a incineração constitui sofrimento para o espírito; mas para seres como Flammarion e Delanne, nenhum sofrimento daí pode resultar, pelo que respondo assim à vossa pregunta: o espírito de Delanne nenhuma dor experimentou, durante a incineração do seu corpo. São, porém, em fraco número as mortes suaves, como as dêsses Mestres. Na maioria dos casos, o espírito ainda conserva, depois de desencarnar, certas ligações com o corpo, mais ou menos profundas, conforme a sua evolução. O facto de haver rutura do fluido vital, por efeito da morte, nem sempre é prova de que a alma se haja desligado do corpo e desferido vôo para outras paragens. Se sente pezar profundo de deixar a Terra e aquêles que ama, é atraído pelo envólucro material. Ainda que não sinta pena de morrer, a alma pode ficar ligada ao seu corpo físico, mesmo após a desencarnação.»

A cremação dos cadáveres não deve ser aconselhada, sobretudo nas condições em que costuma fazer-se na quási totalidade das regiões, onde semelhante prática vai criando adeptos. Se, por uma lado, é higiénica, por outro, é anti-natural. Só construíndo frigoríficos adequados, onde os cadáveres pudessem aguardar o termo do «processus».

* * *

Cabem aqui algumas palavras àcêrca de casos de morte aparente, estudados por médicos, fisiologistas e professores de grande nomeada, tais como Galvano, Agabiti, Winslow, Durande, Pinceau, Lenormand, Hartmann, Icard e Richet.

Na verdade, a situação de um enterrado vivo é qualquer coisa de pavoroso que excede tôdas as torturas que se podem imaginar. A êste respeito, escreve o Dr. Francesco Zingaropoli, director do *Mondo Occulto:*

— «É de horrorizar a simples lembrança de que os gemidos lancinantes de pesoas queridas não cheguem fora da sepultura, quando despertam no trevor do féretro. Cumpridas as formalidades legais, os familiares voltam para casa cheios de dor, enquanto no cemitério longínquo se debate ainda o parente vivo, suplicando em vão um auxílio que não chegará, porque o infeliz foi abandonado e fechado no buraco insaciável do túmulo!...

O Dr. Severino Icard, de Marselha, escreveu muitos volumes àcêrca da morte aparente e, em sua opinião, o diagnóstico baseia-se nas seguintes características, próximas ou remotas: imobilidade do corpo, flacidez dos membros, perda do conhecimento e insensibilidade. A prova é feita com picadas de agulha, enrubescimento, estimulantes vários, aplicação de fôgo ou de cautério, excitação do ouvido, do olfato, da vista e do estômago. O Dr. Laborne também indica como sinal imediato a falta de união dos maxilares, o suor frio da pele, as pontas dos pés voltadas para fora, a flexão do polegar no côncavo da mão, a imobilidade da pupila sob influência de dupla pressão, o pêso e o comprimento do corpo, etc. Tudo isto, porém, é sujeito a falhas, visto que os hipnóticos, no estado cataleptico, apresentam os mesmos sintomas e são insensíveis à acção do fôgo, como se provou na clínica do Dr. Domenico Tieri, com a sonâmbula Pina Vandi. Uma vez em catalepsia, foi submetida a forte corrente eléctrica, sem o mínimo resultado: o seu corpo era perfeito isolador.

Lignières publicou um livro intitulado

«Ne pas être enterré vivant», em que declara que a putrefacção não é indício seguro de morte, visto haver enfermidades que produzem exalações fétidas, muito antes do enfermo ter expirado. Por isso, o melhor indício aparece, quando a decomposição pútrida se espalha por todo o corpo.

O Dr. Hartmann vai ainda mais longe, na sua obra «Enterrado Vivo». Depois de estudar minuciosamente todos os sinais da morte, afirmando que só a decomposição dos órgãos vitais é indício aproximado, termina com estas palavras:

— Não há meios seguros. É *preciso matar*.

Em seguida, indica a forma de prevenir os êrros dos enterrados prematuros:

1.º — Entêrro sem caixão, para que o *letárgico* sufoque, antes de despertar.

2.º — Meter o corpo num recipiente, em que o ar respirável seja substituído por qualquer gás deletério.

3.º — A cremação do cadáver, pois o *letárgico* não teria tempo de voltar a si.

Êste assunto é duma altíssima importância e merece ser ponderado pelas autoridades competentes responsáveis pela saúde pública. Assim o compreendeu um membro do Conselho Comunal de Nápoles, sr. Giuseppe Semola, que chamou a atenção dos seus colegas para a gravidade do problema. No parlamento italiano alguém se lembrou de propor a construção de câmaras mortuárias especiais destinadas a *letárgicos* e *cataléptícos*, mas não se chegou a conclusões positivas.

O conde polaco Miguel de Karnice-Karniki, gentilhomem da côrte russa, fêz em 1890 uma visita de inspecção às oficinas de Lenoff e viu muitas pessoas dirigirem-se para certo local, onde alguns trabalhadores levantavam um ataúde que foi logo destampado pelos coveiros. Estes, ao proceder ao enterramento, tinham ouvido gemidos, logo às primeiras pás de terra lançadas na cova. A enterrada viva era uma rapariga de 18 anos e apareceu com os olhos fechados e aflita.

Karnice conta também que, nos seus tempos de criança, era costume colocar as caixas mortuárias nos catafalcos das igrejas, onde se conservavam abertas durante algum tempo. Uma criada de sua tia que habitava em Viena foi lá colocada e recuperou os sentidos três dias depois de lhe terem passado a certidão de óbito. Levantou-se, olhou em volta e muitos dos presentes fugiram aterrados, enquanto outros lhe prestavam auxílio. Esta senhora ainda viveu perto de 20 anos.

Êste e outros casos levaram Karnice a inventar um curioso aparêlho destinado a garantir a salvação dos enterrados vivos. Um tubo penetrava no caixão, na altura do peito do cadáver. Dentro do tubo havia uma peça de aço que terminava em esfera e que ficava a cinco centímetros do peito. O outro extremo do tubo ficava lá fora, a cêrca de um metro de altura e terminava numa caixa especial. Ao menor movimento, a esfera fazia saltar um maquinismo de mola que abria uma caixinha que introduzia luz e ar na sepultura, dando, ao mesmo tempo, sinal de alarme, por meio de um disco que se erguia e fazia tocar uma campainha, com movimento de relógio. Assim, os guardas podiam ràpidamente libertar o prisioneiro.

Karnice percorreu a Europa a fazer demonstrações do aparêlho e alguns municípios chegaram a utilizá-lo nos cemitérios.

* * *

Para terminar esta parte, vou descrever como se comporta o espírito, durante operações cirúrgicas, em que é necessário anestesiar o corpo.

Logo que o éter começa a fazer efeito, o espírito é expulso e paira acima do corpo físico; e muitas vezes se dá a rutura completa, ou seja a morte, em virtude dos operadores desconhecerem os fenómenos psíquicos e não saberem atraí-los para o corpo.

A propósito e para comprovar o que afirmamos. lembram-me as notabilíssimas experiências do Dr. R. A. Walters, director do Instituto Bernard Johnston, dos Estados Unidos, segundo as quais um corpo material semelhante ao corpo físico, se desprende dêste e pode ser fotografado. Portanto, a morte só deve ter acção sôbre a parte física do organismo.

O médico americano Rillet Brisbane Hout, que era também óptimo clarividente, pôde observar os movimentos do espírito durante a agonia e depois da morte, em moribundos que tratou. E tão perfeitas eram as descrições feitas, que resolveu cultivar as suas faculdades.

Como já dissemos, a rutura do chamado «cordão de prata», que liga o corpo ao es-

pírito, é que marca o momento exacto da morte, que não se caracteriza pela cessação dos movimentos, visto as células continuarem a viver certo tempo, como se tem verificado nos cadáveres, cujos cabelos ainda crescem, durante algumas horas depois da morte.

Vejamos o que êle observou em três intervenções cirúrgicas realizadas em Chicago e que descreveu numa revista científica da especialidade:

1.ª — O médico aproximou-se de uma senhora que ia ser anestesiada. No momento da aplicação do éter e durante a operação, viu a formação do espírito acima da enferma, onde permaneceu horizontalmente, enquanto os cirurgiões trabalhavam. Estava unido ao corpo material por intermédio de um fiozito análogo ao cordão umbilical. O corpo astral tinha a fisionomia de pessoa adormecida e parecia insensível às incisões feitas pelos médicos. Por fim, o corpo fluídico desapareceu no corpo físico e a senhora recuperou os sentidos.

2.ª — Uma senhora era submetida à operação dos vasos biliares. Embora o corpo astral também flutuasse horizontalmente, parecia ter consciência do que se passava, chegando mesmo a ajustar-se ao corpo físico, na observação dos trabalhos operatórios e acenando em sinal de aprovação.

O Dr. Brisbane viu junto do operador algumas entidades etéreas que seguiam atentamente os trabalhos em curso. Finalmente, o espírito entrou no corpo e a senhora voltou a si.

3.ª — Esta foi a mais interessante de tôdas. Um rapaz ia ser operado de apendicite. Feitos os preparatórios habituais, perdeu os sentidos, mas o seu espírito continuou àlerta; e em vez de ficar horizontal, tomou a posição vertical e começou a passear na sala de operações e a observar atentamente os trabalhos da operação. Depois, continuou a passear, até que desapareceu completamente, quando o enfêrmo despertou.

* * *

— ¿Sabeis o que é a alma? — disse o padre António Vieira — Olhai para um corpo sem ela.

E o Dr. Lôbo Vilela acrescenta no seu livro «O Problema da Sobrevivência»:

— «Basta observar um cadáver, para se reconhecer, sem esfôrço, que falta nêle um princípio superior que, se fôsse função da matéria, não deixaria de revelar-se, dum momento para o outro, pelo menos enquanto o corpo não se decompusesse inteiramente».

O mesmo autor pregunta, em certa altura da obra citada:

— ¿Quem há no mundo que não se tenha debruçado sôbre um túmulo? Uma estranha metamorfose se produziu. Daquêles que amámos, resta apenas um corpo inanimado; e a centelha divina que nêles brilhava, a luz sublime que parecia inextinguível, apagou-se ao rijo sôpro do desconhecido. A noite do mistério, descendo, abriu o seu manto de trevas.

E mais abaixo exclama:

«Debalde se procura a paz no esquecimento: todos os pequenos nadas que constituem a vida servem para evocar a lembrança daquêles que cruzaram, no mundo, o nosso caminho e fizeram vibrar as cordas mais íntimas e delicadas do nosso coração, para depois se sumirem nas profundezas da morte. Esquecer!... ¿Mas como, se a memória regista, com caracteres indeléveis, tódas as impressões que nos atingem, ainda as mais insignificantes, e o coração não saberia, mesmo, calar o eco das vozes que uma vez produziu? ¡Esquecer, ludibriar a dor, sepultar no próprio peito as recordações que, por serem mais queridas, são mais dolorosas! ¿Mas quem poderá apagar da memória as imagens que nela se gravaram e ressurgem sempre, como fantasmas lívidos, alucinados, que a vida seduz e constantemente despertam da morte aparente que as embala?...»

Sim — dizemos nós — não se trata de esquecer o que há de mais querido no nosso coração, mas de tranformar a paixão em serenidade. Essa consegue-se pela prece sincera, que é sempre de efeito salutar, como o autor afirma, quando escreve:

«A oração pelos mortos é uma forma sublime de entrar em comunicação com êles, atraíndo-os para junto de nós, confiando-lhes os nossos segredos mais íntimos, esperanças, aspirações e sonhos, sentindo a sua presença invisível, que a saüdosa ausência da forma não consegue impedir. E aquêles a quem rezamos recebem o influxo confortador da nossa prece como uma suave carícia, mais dôce que a

voz dum beijo, mais leve que um sorriso, mais pura que um lamento. São braços invisíveis que os abraçam, lábios silenciosos que os beijam, perfumes que os fortalecem, bênçãos que os iluminam!»

E Camilo Flammarion dizia:

— «Ninguém tem o direito de afirmar que os mortos não voltam! Os seus fantasmas mostram-se, manifestam-se. Vêem-se de frente, de perfil, obliquamente, reflectidos nos espelhos, em plena correspondência com as leis da perspectiva. Podemos mesmo pensar que alguns dispõem de certa materialidade, como o duplo dos vivos que têm sido fotografados. Há nêles qualquer coisa de semelhante a uma presença real.»

Resta-nos agora fazer um apêlo aos descrentes e àquêles que perderam a fé, deixando-se empolgar pela dúvida. A êsses, direi:

¡Recobrai o alento que vos ficou na luta, o entusiasmo que se evolou e a esperança que nunca deve abandonar o homem prudente!

— «O que se percebe na agonia, — disse Vítor Hugo — assemelha-se ao que se avista num relâmpago: tudo, e em seguida, nada. Vê-se e logo se deixa de ver. Depois da morte, reabrir-se-ão os olhos e o que foi relâmpago tornar-se-á sol.»

Alegrai-vos, pois, ó vós que chorais o passamento doutros irmãos, que partem, sujeitos a leis imanentes! ¡Alegrai-vos, que ainda há mais mundo! Alegrai-vos, porque a morte que vos habituastes a olhar como fantasma de horror, é um mensageiro e um guia.

¿Então, julgáveis que era só nascer, viver, crescer aconchegado ao úbere materno e atravessar a existência sem outro fim que não fôsse baixar ao seio fecundo da Natureza, para o sono eterno do não ser, para o *nada*, em torno do qual gravitam avejões refractários à luz, miasmas que não conhecem outro ambiente, além da sepultura?

¿Nunca assististes ao agonizar dos moribundos? Uns, mantêm-se calmos e serenos; outros, empalidecem de mêdo e agarram-se, como náufragos, às velhas tábuas da vida. Têm receio de abandonar o sepulcro da carne e abrir as asas, projectando-se no grande oceano fluidico... E sofrem e debatem-se estertorosamente em indizível covardia, êles, que tantas vezes zombaram da morte!...

¿Porque choram, então? ¿Porque gritam, porque impetram um socôrro que só Deus pode mandar?

É que seus olhares lobrigaram alguma coisa de espantoso que lhes fêz recordar um passado, que desfila em prodigiosa carreira. Viram uma ponta da eternidade dessa eternidade que êles quiseram não existisse, porque os subjuga aos próprios crimes e ao juízo da consciência!

¡Podeis estar certos de que os mortos vivem! ¡A sua individualidade não se dissolveu para sempre!

Nós é que estamos na morte. Temos olhos e não vemos, ouvidos e não ouvimos. Chumbados à crosta de um mundo inferior, olhamos o sol através de vidros foscos, dentro dos quais observamos tudo.

Vinde! A vossa incredulidade não é labéu. Incrédulo já eu fui também. Errei ceguinho e abandonado e ensangüentei os pés nos abrolhos do caminho. Que cegueira a minha!... Sentia em mim uma centelha viva e teimava em crer na morte! E assim andei... até que um dia vi, estudei e acreditei.

¡Que dia aquêle meu Deus!... Que aleluía, que apoteose!... Rejuvenesci. O enorme paredão erguido pela morte era leve gaze que me deixava ver alguma coisa...

E fiel às vozes interiores que me impulsionam, repito a mensagem que nos transmitiram os amigos invisíveis. Repetirei e não cessarei de gritar bem alto, a plenos pulmões, esta verdade que Léon Denis também gritou num dos seus mais belos livros:

— ¡Que importam as sombras que se fôram! Nada perece. Os seres transformam-se, esclarecem-se, sôbre os degraus que conduzem, de esfera em esfera, de sol em sol, até Deus! ¡Espírito imorredoiro, lembra-te disto: «A morte não existe! Os mortos são os vivos do céu!»

FIM

Teófilo Gautier, escrevendo a respeito do grande escritor francês Honoré Balzac, *dizia:*

— *A sua actividade é dum extático, dum sonâmbulo que dormisse de olhos abertos. Perdido numa espécie de sono profundo, não ouve, nem responde ao que se lhe pregunta.*

MORAL

pelo Coronel Faure da Rosa

I

O filósofo materialista e ateu do XVIII século, Paul Thiery Holbach (barão de Holbach), afirma no seu livro *Moral Universal,* «que os homens não têm, geralmente, nem vergonha, nem remorsos, nem arrependimento de acções que vêem autorizadas pelo exemplo, toleradas ou permitidas pelas leis, praticadas pelo maior número».

Quási um século depois, Escande de Messières, também outro materialista não menos ateu, cita a transcrita sentença do barão para asseverar que nada há mais artificial que o sentimento do pudor.

O Coronel Albert de Rochas demonstrou em várias experiências, com vários médiuns, que o instinto do pudor sexual não existe no género humano feminino até aos quatro anos de idade. Aos nove anos já êsse instinto tem despertado. (1)

Escande de Messières aduz: (2) «Os costumes e, por conseqüência, as regras dos costumes — a Moral — resultam não só das noções adquiridas por hereditariedade, mas também do estado social, do grau de civilização, do exemplo e, particularmente, da Educação». Por «educação» — diz êle — deve entender-se a acção de desenvolver as qualidades físicas, intelectuais e morais, adquiridas hereditàriamente.

Segundo Gustave Le Bon — igualmente materialista e ateu — a educação é a arte de fazer passar o consciente para o inconsciente, e isto pela simples repetição duma afirmação, depois dum acto, a ponto de se desenvolver pelo hábito uma espécie de automatismo instintivo, de actos reflexos, nos quais não intervém nem a reflexão nem o raciocínio.

Para Messières, as noções do bem e do mal derivam da recordação das sanções agradáveis ou desagradáveis experimentadas na ocasião do cometimento de actos reputados bons ou maus. Alude às condições do homem primitivo que obedecia às ordens dos chefes e dos sacerdotes, não porque êle aprovasse essas ordens, mas porque sabia quanto era perigoso desacatá-las.

Depois, à medida que a civilização se acentuou, uma outra influência moral se fêz sentir: a aprovação ou reprovação dos contemporâneos, a chamada *opinião pública,* a qual, segundo o parecer dum antigo jornalista, não passa da «opinião que se publica». Na nossa índia exprime-se êsse receio da «opinião pública» com esta frase: «gente há-de falar». Para a grande maioria, é só o falatório que assusta; o resto nada vale.

Teòricamente, diz Messières, os criminosos e os delinqüentes deviam diminuir, à medida que a civilização se desenvolve e que a longa hereditariedade da repressão educativa tende a criar o automatismo psíquico da moral.

A análise da vida leva-nos a verificar que não é assim: ou seja porque os estigmas hereditários benéficos não se transmitam, ou seja porque a influência do meio social vá, às vezes, de encontro à moral admitida.

O exemplo é um dos factores mais importantes da influência social. O exemplo tem uma influência preponderante na psicologia das colectividades e na das multidões. É o exemplo que, em grande parte, cria a opinião pública: e tanto maiores probabilidades tem de exercer a sua influência, quanto mais de cima vier: de ascendentes, de chefes, do escol social, do governante ou de quem de qualquer forma seja o detentor do poder, embora tal poder se baseie, apenas, na riqueza material.

A falta de directrizes morais, como o alcoolismo do pai; o desregramento da mãe, dos irmãos ou das irmãs; as ciladas

(1) *As Vidas Sucessivas,* por A. de Rochas.
(2) *Da Psicologia do Criminoso,* por Escande de Messières.

resultantes da promiscuïdade de vida no casebre que habitam; o espectáculo ou a freqüentação da rua, tudo isso é, muitas vezes, a origem da delinqüência das crianças e dos adolescentes, a origem de caminhos transviados e até de crimes de adultos.

B. Russel, no seu livro «Young-Goal--Birds», aponta o papel pernicioso que o meio social desempenha nos crimes da adolescência. O autor pesquisa a influência do meio social na evolução criminal e conclui que, desde a infância, a maior parte dos jovens criminosos não receberam educação moral e que o espectáculo que, em casa, tinham diante dos olhos, era o alcoolismo e a depravação.

A guerra de 1914 a 1918 desempenhou — como há-de desempenhar a de agora — um papel nefasto em muitas famílias, retendo o pai longe do lar durante anos sucessivos. A mãe, privada dos conselhos e da autoridade do chefe de família, preocupada, também, com as necessidades materiais da vida cotidiana, nem sempre pôde ou soube vigiar devidamente a educação dos filhos.

Assim desprendidos de tôda a tutela, não trabalhavam para aprender uma profissão ou alcançar uma situação que, pelo menos, os alimentasse. Como, porém, a sua sêde de bem-estar e de prazer era grande e os escrúpulos não os embaraçavam, trataram de arranjar dinheiro de qualquer maneira, porque sabiam que com dinheiro se adquiriam os regalos apetecidos.

Era o camponês que vinha para a cidade sob pretexto de qualquer aprendizagem e que depressa se fartava do esfôrço empregado e da sujeição a um patrão. Primeiramente, vivia de trabalhos mal definidos, depois acamaradava com alguns meliantes e ia engrossar o número de rufiões ou de vigaristas.

Era o filho-família — como vulgarmente se diz — que não tendo sabido conquistar lugar digno do dos pais, que não tendo podido encontrar a rica herdeira ou filha de industrial que lhe daria riqueza e situação, se entregava durante o dia a transacções vagas, e, à noite, aceitava remuneração de serviços prestados a damas sorvadas, mas luzentes de pedrarias caras.

A instrução recebida nas escolas, mesmo que estivesse suficientemente distribuída, não substituía, ainda hoje, a educação da família.

O homem que sabe ler não está isento de perigos: pelo contrário, fica mais exposto que o analfabeto porque com mais facilidade se deixa arrastar pelas paixões.

Já Herbert Spencer dizia que «a instrução não torna o homem nem mais moral nem mais feliz. A instrução não lhe muda o instinto e as paixões hereditárias, e, quando é mal dirigida (e, sobretudo, mal digerida) é mais nociva que útil. A instrução, para ser moralmente eficaz, precisa de ser acompanhada de educação apropriada a cada temperamento.

Dizia Bertillon: «Não é de esperar que a difusão da instrução — pelo menos como vem sendo aplicada — detenha a desmoralização... A proporção das fraudes, das burlas praticadas por pessoas instruídas, longe de diminuir, vai aumentando comparativamente às outras».

Escande de Messières conta que nas crónicas do crime, de Paris, figurava, em 1928, um antigo aluno do liceu, laureado num concurso, que veio a ser alferes de artilharia durante a guerra de 1914-1918. Por actos de valor mereceu repetidas citações especiais dos seus camaradas. Pois êste oficial roubava automóveis e, depois de os mandar pintar de cor diferente, vendia-os a um negociante seu cúmplice. Um licenciado em ciências e em letras, admitido à Politécnica de Paris, era chefe duma quadrilha que furtava livros das livrarias do Bairro Latino. Os membros desta quadrilha pertenciam todos a famílias honestas, como o próprio chefe, e eram igualmente estudantes. Na residência do chefe descobriram-se cêrca de 25 mil francos de obras raras que os componentes da quadrilha procuravam vender.

Isto mais uma vez demonstra a importância da educação.

«Uma moral que discute — dizia Gusteve Le Bon — é uma pobre moral que desfalece ao sôpro do interêsse... Não é o raciocínio que leva o homem a expor a vida heroicamente ou a dedicar-se a causas de abnegação: grande número de vezes fá-lo contra as sugestões do próprio raciocínio».

* * *

Os materialistas só cuidam de explicar a moral estática. Mas a moral como a reli-

gião — escreve Bergson (3) — tem duas origens: uma moral estática ou natural, proveniente do instinto de conservação do agrupamento e uma moral dinâmica, a dos heróis (no sentido mais elevado do termo). A moral dinâmica age e transforma pouco a pouco a religião estática. É esta transformação, lei da evolução, que os materialistas arredam do seu estudo.

Bergson refuta a tese que não vê no misticismo mais que uma manifestação de fraqueza psíquica. «Não devemos admirar-nos — conclui êle — de o misticismo, algumas vezes, ser acompanhado de perturbações nervosas; também essas perturbações se nos deparam em outras formas do génio, assinaladamente nos músicos. Em ambos os casos são simples acidentes que tanto pertencem à mística, uns, como à música, outros».

É certo que a moralidade da humanidade ainda hoje é precária. Duas fôrças principais a conduzem: o interêsse e o mêdo. São quási sempre estas duas alavancas que governam os seus actos... Mas, no dia em que a prova da sobrevivência e das suas sanções se fizer, irrefragàvelmente, os apetites terrestres da humanidade tornar-se-ão menos ferozes.

¡Tanto dinheiro estragado em obras de corrupção e de morte! ¡Quanto não é para desejar que uma parte dêsse dinheiro, pelo menos, seja consagrada à redenção da humanidade pela conquista do espírito!

«O passado mostra-nos o predomínio das classes educadas — as classes dirigentes — sôbre o povo reduzido ao estado de miséria (4). Hoje são as classes operárias que querem tomar o ascendente e dirigir por sua vez a sociedade. Mas o despotismo de baixo não é melhor que o despotismo de cima; é pior, porque se mostra mais brutal e mais cego. Desde a guerra de 1914-1918 o nível intelectual e moral baixou. As paixões desencadearam-se, o apetite e a cobiça tornaram-se mais ásperos, mais ardentes. É que os melhores foram-se; arrastados pela sua dedicação, pelo espírito de sacrifício correram para a morte como para uma festa, enquanto os outros, mais prudentes, menos desinteressados, souberam acautelar a vida. Aquêles, que se ofereceram em holocausto para a salvação dos outros, pairam, em multidão, por cima de nós (5), onde assimilam novas fôrças e novas luzes. Bem depressa voltarão ao seio desta humanidade que tanto necessita do seu concurso para a obra da sua evolução... «A grande lei da evolução, que rege todos os sêres, deve, também, servir de base a tôda a organização social. Cada um tem direito a uma situação em relação com as suas aptidões e as suas qualidades morais. As doutrinas do passado não nos trouxeram senão obscuridade, incerteza; o Espiritismo projecta uma viva claridade no caminho a percorrer; o encadeamento das nossas vidas sucessivas mostra-nos que a ordem, a justiça e a harmonia reinam no universo.

«Para pôr um freio às paixões violentas, às cobiças furiosas, a todos os baixos instintos que entravam o progresso social, não basta dirigirmo-nos à inteligência e à razão dos homens; é preciso, sobretudo, falar-lhes ao coração, ensinar-lhes a conhecer o fim real da vida, as suas seqüencias e conseqüências, as responsabilidades, as sanções. Enquanto o homem ignorar o valor dos actos que pratica e a repercussão no seu destino, não haverá melhoramento duradouro na sorte da humanidade. O problema social é, sobretudo, um problema moral. O homem será desgraçado por tanto tempo quanto fôr mau...

« A lei da reparação impõe-se a todos, não sob a forma dum inferno ridículo, mas por existências terrestres que podemos observar em volta de nós, existências de labor, de sofrimentos, de provações com as quais se resgata um passado culpado e se conquista um futuro melhor. Cada um dos nossos actos recai em nós mesmos...

«Os espiritas sabem que a obra divina representa o trabalho dentro da justiça, da sabedoria e da beleza. Tudo age, progride e se eleva, desde o átomo até Deus. As leis da evolução são soberanas, mas no nosso planeta tal evolução só pode ser lenta e graduada.

«A noção do direito e do dever liga-se à lei sublime que determina que todo o indivíduo ocupe na ordem social o lugar correspondente ao seu grau de evolução».

(3) *As duas origens da Moral e da Religião.*
(4) *Socialismo e Espiritismo*, de Léon Denis.
(5) *Sir* Conan Doyle, o grande escritor inglês, enviou a Léon Denis uma fotografia tirada em 11 de Novembro de 1923, em Londres, no cenotáfio do soldado desconhecido, durante o minuto de silêncio e de concentração. Vê-se nessa fotografia uma multidão de cabeças de homens novos, entre as quais, o eminente escritor afirma ter reconhecido a do seu seu filho morto no *front*.

RESUMO DA DOUTRINA ESPIRITA (*)

(Espiritismo evolucionista)

Tradução de I. D. S.

pelo Dr. Gustave Geley

VI

Do conteúdo intelectual das comunicações

NESTA análise dos fenómenos espiritas, falta-nos agora tratar dum ponto importante: o conteúdo intelectual das comunicações.

As manifestações de ordem intelectual podem ser consideradas sob dois pontos de vista:

1.° — Da sua origem.

2.° — Do seu valor.

1.° — Origem das comunicações

Há na maioria das comunicações um certo número de caracteres que nos ministram preciosas indicações àcêrca dêste importantíssimo ponto do Espiritismo.

Êsses caracteres são os seguintes:

a) As personalidades comunicantes manifestam-se *quási sempre* como *espíritos* dos *mortos*. E afirmam categoricamente que são desencarnados que conservaram o seu *eu* consciente.

b) Tôda a personalidade que se manifesta, psiquicamente ou fisicamente, fá-lo sempre de maneira idêntica.

Os diversos elementos da sua personalidade são absolutamente os mesmos, qualquer que seja o modo de comunicar com ela ou o médium empregado.

A personalidade dos chamados espíritos é tão fixa e permanente como a dos vivos.

c) Na maioria dos casos, esta personalidade recorda e concorda exactamente com a do defunto, de que ela diz ser o espírito desencarnado.

A personalidade manifestada, isto é, a encarnação do espírito apresenta, em absoluto, as qualidades e os caracteres próprios do môrto, tais como a sua linguagem, os seus conhecimentos, o seu timbre de voz, a sua caligrafia, etc., etc. Numa palavra, todos os elementos que pertenciam ao vivo e que — coisa digna de notar — *podem ser totalmente ignorados pelo médium.*

d) Nas suas manifestações, o *espírito* mostra-se tal como era nos *últimos* tempos da sua existência terrestre.

Um velho ou um menino mortos, por exemplo, mostram-se nas condições físicas e psíquicas próprias da sua idade.

Contudo, esta lei tem numerosas excepções.

e) *A característica do defunto está às vezes modificada* na comunicação do espírito. Essa modificação pode atingir tal grau, que permita reconhecer a impostura do comunicante, ao pretender apresentar-se como determinada entidade encarnada (2).

Outras vezes, a característica do defunto manifesta-se por um misto curioso de elementos originais, evidentemente tomados do médium e dos assistentes, em proporções muito variáveis.

Noutros casos e apesar da melhor boa-vontade, só se encontra na comunicação o reflexo do pensamento e dos conhecimentos dos evocados. (Estes casos são muito raros, apesar de tudo o que, em contrário, tenham dito os adversários do Espiritismo).

Finalmente, embora a personalidade comunicante faça lembrar com suficiente exactidão a do defunto que diz ser, pode mostrar-se superior ou inferior ao que era na vida terrestre.

f) As provas de identidade mais completas são dadas, a-miúde, pelos Espíritos desconhecidos do médium e dos assistentes e comprovadas, depois, como perfeitamente exactas.

---

* Ver *Estudos Psíquicos* de Novembro de 1943 a Maio de 1944.

(2) É inútil insistir aqui nas clássicas imposturas dos que pretendem obter comunicações ridículas firmadas por grandes homens.

Não é fácil atribuir ao médium, nem a forma, nem o conteúdo das comunicações.

2.º — Valor das comunicações

O valor intelectual das comunicações é muito variável.

É sabido que as comunicações podem ser verdadeiras ou falsificadas; todavia, num ou noutro caso, o seu conteúdo é trivial ou sem grande importância.

O mais interessante é que as comunicações nos permitam provar a identidade dos comunicantes e nos tragam a satisfação que no nosso espírito produz o conhecimento da verdade.

Ora bem; não devemos pedir informações difíceis, nem conselhos, nem predições do futuro, ou, se o fizermos, devemos sempre empregar muita reserva e prudência.

Às vezes, as comunicações são triviais e até grosseiras e injuriosas, ou então obscuras ou incoerentes.

É preciso reconhecer o carácter insignificante ou de relativa inferioridade do conteúdo intelectual dum grande número de comunicações, que chamam a atenção dos experimentadores noviços, inclinados a tomar os espíritos dos *mortos* como verdadeiros semi-deuses, sobretudo quando se trata de seus amigos e parentes.

Mas — digamo-lo — também às vezes se obtêm comunicações muito elevadas, reveladoras de conhecimentos e inteligência muito superiores aos do médium e dos assistentes à sessão. Nestes casos, podem dar-nos preciosas e inesperadas informações, conselhos úteis e até magníficas predições do futuro.

Essas comunicações elevadas é que têm servido de base à Doutrina Espirita.

As manifestações intelectuais superiores são, em geral, ministradas espontâneamente e raras vezes depois dum certo número de sessões.

Nunca tratam de assuntos materiais, mas de Filosofia, Moral, etc., dando conselhos aos indivíduos e ensinamentos de grande valor para o progresso da humanidade.

Vejamos agora a explicação que o Espiritismo dá àcêrca do conteúdo espiritual das comunicações, isto é, dos fenómenos.

A característica habitual das comunicações, suas qualidades e defeitos explicam-se fàcilmente, se considerarmos os seguintes pontos de vista, conformes à doutrina desta ciência:

1.º — A situação dos desencarnados.

2.º — As condições das suas relações connôsco.

Do ponto de vista da situação exacta dos desencarnados, não devemos esquecer que os mortos devem desfrutar uma ou outra situação, quer dizer, de bem-aventurados ou de condenados, conforme o que sustentam tôdas as religiões.

Se não houvesse transformação radical e insensível depois da morte, não existiríamos como sêres conscientes do que nos espera na outra vida, qualquer que seja a doutrina que professemos.

Segundo a doutrina evolucionista, os desencarnados não são, em realidade, muito diferentes do que eram na última encarnação.

Isto é verdadeiro, principalmente para os espíritos de ordem média, que são os mais numerosos.

Os espíritos atrasados ou vulgares, pelo contrário, uma vez no estado de desencarnados, não são superiores ao que eram na última existência, porque ao perder os sentidos materiais sofrem um verdadeiro obscurecimento psíquico que pode conduzir, embora momentâneamente, à semi-consciência.

Só os espíritos elevados gozam de consciência e conhecimento muito superiores, síntese dos progressos adquiridos em diferentes encarnações; e depois da morte são infinitamente mais elevados, seja qual fôr o estado de reencarnação que tenham tido anteriormente.

O facto é que estes espíritos verdadeiramente superiores estão muito afastados da humanidade terrestre, na qual jàmais voltarão a encarnar ou a viver, e com grande dificuldade podem colocar-se em relação connôsco.

Quanto ao segundo ponto de vista, só tivemos ocasião de ver um desencarnado que não podia manifestar-se no campo material, a menos que agisse *sôbre um organismo vivo ou por meio de um organismo vivo.*

No primeiro caso (sugestão sôbre o médium), a capacidade psíquica do espírito estaria forçosamente limitada, em proporção considerável, pela capacidade psíquica do médium.

No segundo caso, o espírito, ao sofrer

uma espécie de reencarnação relativa, estaria submetido às conseqüências fatais, embora atenuadas, de reencarnação normal, quer dizer, o obscurecimento da consciência, o olvido do passado, as modificações do «eu», em virtude das novas condições orgânicas, etc., etc. E o desencarnado não pode entrar de novo no campo material, pela reencarnação ou por uma comunicação momentânea connôsco, sem se sujeitar mais ou menos às leis do esquecimento, que se exercem da mesma forma, tanto relativamente a um instante, como a um século.

Depois dêste exame da situação dos desencarnados e do mecanismo das suas manifestações, compreende-se que as comunicações recebidas não poderiam ser diferentes do que são, em realidade.

A freqüência das comunicações inferiores ou pouco elevadas é uma coisa inevitável, ou porque a maioria dos espíritos que desejam ou podem pôr-se em relação connôsco não estão muito acima do nível médio da humanidade, ou porque as leis que regem estas comunicações levam os espíritos a manifestar-se de modo vulgar; o que não oferece dúvidas é a dificuldade de comunicar com qualquer espírito verdadeiramente superior.

Devido a isto é que não podemos obter informações precisas àcêrca da vida espiritual. Pela mesma razão, a maioria dos desencarnados nos parecem completamente idênticos ao que foram durante a vida terrestre.

Por outro lado, os desencarnados mostram-se tal como eram nos últimos anos da sua vida material, precisamente porque a *reencarnação relativa* que a comunicação exige tende, naturalmente, a exercer-se no modêlo orgânico mais recentemente revestido pelo desencarnado (3).

A mistura, durante as comunicações, de elementos originais e de elementos tomados de outros seres, nada tem de estranho.

Da mesma forma que a criança tem sempre qualquer traço moral dos pais, que lhe dão o seu corpo, o Espírito terá sempre alguma coisa do espírito e do moral do médium, que, na realidade, é que permite a manifestação.

Além disso e em conseqüência do obscurecimento da sua própria consciência e da diminuïção do seu livre-arbítrio, o comunicador, isto é, o médium, sofrerá facilmente as sugestões mais ou menos voluntárias dos assistentes e reflectirá a-miúde os seus próprios pensamentos.

Em resumo: tôdas as objecções, observações e desculpas, erguidas de modo tão ligeiro e pouco científico contra o Espiritismo e os que nêles acreditamos do fundo de alma, objecções e desculpas semelhantes às do conteúdo espiritual das comunicações, das obscuridades, vulgaridades, mentiras, contradições, etc., que as comunicações às vezes encerram, tôdas essas objecções, repetimos, nem são fundamentadas, nem são racionais.

Pelo contrário, os mesmos caracteres das comunicações, muito diferentes do que se pôde calcular *a priori*, no princípio do movimento espirita, caracteres em completo antagonismo com as idéias que geralmente se formavam e mantinham a respeito do Além, segundo o espiritualismo religioso, constituem uma prova bem palpável a favor da doutrina que tão perfeitamente os soube verificar e explicar.

Terminaremos êste capítulo por uma observação importante e de acôrdo com a interpretação dada ao conteúdo intelectual das manifestações espiritas.

O valor das comunicações, do ponto de vista intelectual, está na razão inversa do seu valor físico. Por isso é que as materializações completas de um espírito são sempre acompanhadas de obscurecimento considerável da sua consciência. Só ao cabo de muitas sessões e depois de sofrer numerosas e contínuas materializações, o espírito consegue habituar a inteligência a funcionar num organismo que não é seu, conservando, mais tarde, maior ou menor lembrança do seu estado real. Ao contrário, as manifestações elevadas são, na maioria dos cásos, subministradas pelo médium vocal ou pela escrita automática.

O mais provável é que o desencarnado se manifeste melhor e mais conforme as suas faculdades superiores, agindo directamente sôbre o médium.

De resto, os fenómenos físicos do Espiritismo não apresentam carácter elevado e por isso são aproveitados apenas como *provas irrefutáveis* de sua existência real e como demonstrações práticas que apoiam suas declarações ou demonstrações teóricas.

---

(3) Parece que alguns espíritos têm a faculdade de manifestar-se com o carácter de qualquer das personalidades encarnadas sucessivamente; mas, nêste caso, só se nos apresentarão de cada vez com os caracteres duma única encarnação.

O Espiritismo revelador da verdade

(No Amor, na Arte, na Ciência e na Filosofia)

por Haydi de Tebelen

VII

A Idade Contemporânea marca no Ocidente o advento, do Neo-Espiritualismo à luz do dia.

A primeira metade do século XIX caracteriza-se pela vaga de materialismo proveniente da escola inglêsa, para a qual muito contribuíu Darwin.

Grandes inventores facilitaram o progresso da ciência da actual civilização. Watt, Fulton, Stephensen, Volta, Ampere e Faraday, descobrem a pilha eléctrica, a corrente de indução e o electro-magnetismo, que na segunda metade dêsse século tão úteis recursos proporcionou aos sábios que se dedicaram ao estudo do psiquismo.

No segundo período do século XIX produz-se um notável movimento filosófico e científico.

Em França a filosofia procura uma conciliação entre o materialismo e o idealismo.

Pretendia-se soldar as ciências morais às ciências naturais. Desta luta saíu vitorioso o idealismo ou Espiritismo, porque o Alto fêz-se representar na terra pela alma esclarecida e privilegiada de Allan Kardec, que iniciou êsse movimento que logo se estendeu por todo o mundo. Êste grande continuador dos ensinamentos de Jesus, foi escritor e cientista profundo, e a obra colossal que legou à humanidade, coloca-o aos olhos do mundo como o maior discípulo do Mestre Nazareno.

Allan Kardec acendeu o mais belo facho de luz, e constituíu o mais sublime monumento espiritual do século XIX.

Êste movimento foi uma verdadeira revolução filosófica e matapsíquica continuada pelos discípulos e partidários de Allan Kardec.

Na Inglaterra, em 1870, o sábio William Crookes inicia o Espiritismo científico, realizando as célebres experiências com os famosos médiuns Dunglas Home e Florence Cook.

Sendo a intuição a inteligência da alma e a psicologia o estudo do espírito, que não podia ser feito senão duma maneira filosófica, a psicologia passou a ser a parte central da filosofia, Esta relação deve-se aos esforços da Stuart Mill, Spencer, Bain, Bruley, Lewes Ward na Inglaterra, Wundt na Alemanha, Taine e Ribot em França.

Depois de Kardec e de Crookes, William James filósofo não menos célebre, em 1890, com os seus «Principios de Psicologia» concilia o método experimental com as tendências espiritualistas.

Desta bela trindade nasceu o Neo-Espiritualismo ao qual tantos nomes ilustres poderíamos juntar, pioneiros dedicados do bem da humanidade. Cito-os numa modesta e sincera homenagem pelo muito que lhe deve o **género humano:**

Dr. Aksakof, Coronel A. de Rochas, P. Gibier, Wallace, Oliver Lodge, Dr. Lombroso, Camilo Flamarion, Zoellner, Léon Denis, Bozzano, Gabriel Delanne e tantos outros.

* * *

A Inspiração, essa sublime mediunidade, torna fecundos os génios que devem fazer caminhar o Progresso.

O avanço da ciência permite no século XX reabilitar os alquimistas e filósofos medievais, flagelados pelo sarcasmo por terem proclamado a unidade da matéria ou — pedra filosofal. As modernas descobertas científicas provaram o valor dessas afirmações.

A seguir a vítima das sátiras da crítica ignorante, é o hipnotismo, o que levou o sábio Dr. Charles Richet a escrever: «Durante muito tempo de 1790 a 1875, o sonambulismo e o magnetismo animal passavam por ciências ocultas e quási que era interdito aos sábios não só acreditarem em tais coisas, mas também ocuparem-se delas. Era um domínio maldito, uma terra infame».

Depois coube a vez ao Espiritismo de ser assim anatematizado.

Mas a ciência progredindo permitiu a Daguerre descobrir a fotografia, em 1830; William Crookes descobre a matéria radiante; Claude Bernard e Pasteur revolucionam a biologia e a medicina; Becquerel e os esposos Curie descobrem o rádio; Gramme facilita a Edison o fonógrafo, e a lâmpada de incandescência; os irmãos Lumiere inventam o cinema; d'Arsonval, as correntes de alta freqüência na terapêutica, Hertz, as ondas hertzianas, o que faclita a Marconi a descoberta da telegrafia sem fios; Clement Adler indica a Santos Dumont a direcção dos balões, por sua vez leva os irmãos Wright à descoberta dos aeroplanos. Roentgen descobre os raios X, e facilita aos cientistas a aplicação dos raios infra-vermelhos e ultra-violetas.

Gago Coutinho inventa o sextante com horizonte artificial; Dr. Charles Richet, a anafilaxia, e a ciência progredindo sempre permite hoje pesar-se a nossa alma, e medir as radiações dos nossos corpos.

Apoiando-se sempre na ciência, o Espiritismo continuam registando e estudando fenómenos.

Mas estamos ainda muito longe de conhecer os mistérios do Grande Mundo, e neste sentido faço minhas as interessantes afirmações do ilustre espírita e sábio Dr. Charles Richet, escritas no seu livro «A Porta do Mistério»:

«Vivemos numa época em que o oculto se tornou científico, o sobrenatural natural, e em que o mistério do Além surge nos laboratórios.

«¿Podemos nós ter a pretensão de limitar a ciência, isto é, o conhecimento do mundo, às noções ínfimas e informes que laboriosa e penosamente conquistámos e consignámos nos nossos livros?

«Confessemo-lo com plena humildade: não sabemos nada.

«A nossa existência, guiada certamente por fôrças desconhecidas, decorre em trevas profundas.

«Estonteados, ignorando tudo do Universo, possuímos sôbre as coisas presentes apenas concepções vagas, quási infantis. É triste, mas é verdade.»

Falando da alma outro professor e também sábio, o Dr. Charles Henry, disse:

«A essa incógnita chamarei as «ressonâncias biológicas», que nunca morrem porque são demasiado subtis, para as atingir o «processus» físico-químico da morte. ¿Que lhes sucede porém, quando o corpo morre? Abandonam-no mas não desaparecem. Vão procurar outro invólucro onde possam gozar o equilíbrio duma estabilidade, duma harmonia provisória.»

Referindo-se à maravilhosa união da ciência com o espiritualismo, sôbre o materialismo, o sábio Einstein disse:

«Um contemporâneo de então dissera que naquela época materialista, os únicos profundamente religiosos eram os homens de ciência. Eu sustento que o sentimento religioso cósmico é o mais forte e mais nobre incitamento à investigação científica. Todos os sábios têm um sentir especial sôbre a religião, contribuíndo para isso a ordem maravilhosa e sublime que se revela tanto na natureza como no mundo do pensamento, e perante a qual os nossos mesquinhos desejos e intentos nada valem.

«O sábio vê na *nossa existência uma espécie de prisão*, e precisa experimentar a sensação do universo como um simples todo de estupenda significação.

«O homem de ciência vive absorvido na causalidade universal. Para êle, o futuro é, e a todos os respeitos, tão necessário e determinado como o passado. Os seus sentimentos religiosos concentram-se numa fascinação absorvente pela harmonia das leis da natureza, que revela uma inteligência de tamanha magnitude que, comparados a ela, todo o saber e actividade humana não passam absolutamente dum pálido reflexo seu. Êste sentimento é o guia primacial na vida científica e prevaleceu indubitàvelmente nos génios religiosos de tôdas as idades.»

«Quanto à filosofia do moderno Espiritismo, ela gira em volta da ciência-religião, como a descreveu Bhagavam Das.

«A harmonia que há-de existir entre as religiões e entre estas e a ciência marcará o começo duma nova e benéfica era na vida da humanidade — era que será guiada por uma ciência-religiosa. Já hoje se reconhece que não há várias ciências, mas uma só, e não tardará muito a reconhecer-se com o auxílio dessa Ciência una, que há também uma só religião e que, tanto Ciência como Religião são apenas dois aspectos diferentes do mesmo e portentoso corpo da Verdade.»

É sôbre esta verdade que repousa a doutrina espirita.

A ciência cumprirá a sua nobre e sagrada missão quando fôr *una* com o Espiritismo, quando êste fôr oficialmente reconhecido — o que tenho esperança será num futuro próximo, na era do triunfo do Espírito sôbre a Matéria.

Os conflitos de ordem social, económica e religiosa serão resolvidos pela futura ciência, de acôrdo com a moderna filosofia, quando elas forem postas ao verdadeiro serviço da humanidade.

Nesta rápida viagem que acabámos de fazer através das idades e actividades do género humano verificámos que o Espiritismo é tão velho como o mundo.

O Espiritismo tem sido cultivado por sacerdotes, profetas, artistas e sábios de todos os tempos. E êle veio até nós para nos ensinar a bem compreender, para bem cumprir o sublime princípio de Jesus — princípio pelo qual, sòmente, a humanidade poderá encontrar a Redenção:

— Ama Deus em tôdas as coisas, e o próximo como a ti mesmo,

Eis a Verdade!

FIM

Tudo está muito bem para vocês que, provàvelmente, nunca viram qualquer manifestação espiritual conversar, como vós o fazeis. Mas, se tivésseis visto o que eu tenho testemunhado, teríeis de-certo, opinião diferente.

Thackeray

COMO ORIENTAR A PROPAGANDA ESPIRITA

pelo Dr. Fred Wachsmann

NÃO haverá médiuns em Portugal? ¿Não se poderá apresentar trabalho digno de aprêço?

Em nosso entender, há muitos médiuns no país. Claro, que não falamos dos médiuns que fraudam para explorar a boa-fé dos incautos e desacreditar o Espiritismo. Há bastantes sensitivos que proporcionam admiráveis fenómenos sem os poder explicar, não porque lhes falte erudição ou desconheçam que possa haver almas do outro mundo, mas porque têm mêdo. Mêdo dos espíritos, mêdo de si próprios, mêdo das pessoas com quem convivem e pelas quais são apelidados de malucos e ameaçados com terríveis penas espirituais.

Antes de mais nada, o espirita deve, pois, combater o mêdo, que é sintoma de debilidade mental.

Afinal, mêdo de quê? ¿Das almas desencarnadas que vêm comunicar connôsco? Mas nós estamos constantemente cercados delas. A própria Igreja fala dum anjo protector, isto é, dum Espírito-guia que nos acompanha sempre. Ora, se conpreendêssemos que é natural estarmos rodeados de Espíritos, como de radiações de tôda a espécie, tão invisíveis como êles, acabaria imediatamente o horror às fôrças desconhecidas.

Não há só sobrenatural, no sentido popular do têrmo. O sobrenatural só pode conceber-se relativamente ao que *excede os limites da nossa compreensão.*

Tudo no mundo é natural, visto que tudo pertence à Natureza. Eis porque os espiritas não devem crer no milagre.

Os prodígios realizados por Jesus-Cristo não foram milagres. Grande médium que era — o maior dos que ainda desceram à Terra— estava preparado para tudo o que o vulgo dêsse tempo não entendia, mas que os espiritas de hoje e até mesmo os metapsiquistas-animistas tão fàcilmente explicam. Da mesma forma não são milagres os fenómenos maravilhosos atribuídos a Moisés e a todos os santos canonizados. Tudo é real; e o que agora no-lo não parece, amanhã dará testemunho de verdade.

Depois de combater o mêdo pela simples lógica, começa então o estudo.

Ouve-se muitas vezes:

— Mostrem-me factos! ¡Deixem-me assistir a uma única sessão! Se vir, creio!

Não é assim, amigos. Quem quiser fazer experiências de física ou química, necessita de estudo prévio. Quem quiser ver sem perceber, nada verá, finalmente. Na sessão experimental, prejudicará os trabalhos e a si próprio, visto que pode sair perturbado, atribuíndo ao Espiritismo alguns transtornos mentais fortuitos devidos à sua falta de estudo e poder crítico e de natural disposição para anormalidades.

Louco só ficará quem já fôr algo louco. O Espíritismo não conduz à loucura. O Espiritismo cura a loucura. Lembramos o Sanatório Espirita de Uberaba, no Estado de Minas Gerais, em que se curam muitas obsessões, possessões e até a loucura orgânica, simplesmente pela utilização de médiuns videntes e de incorporação. De resto, quási todos os loucos são materialistas, inclusive Augusto Comte e Nietzsche.

A falta de conhecimento prévio prejudica as sessões, porque, mesmo dado o caso de os fenómenos não aparecerem, os fluidos contrários de inimigos, incrédulos ou pessoas duvidosas, enfraquecem as vibrações delicadas do médium e opõem-se às manifestações dos Espíritos.

O primeiro dever do estudante, depois de conhecer a filosofia espirita, é preocupar-se com os fenómenos anímicos, afim de os poder distinguir bem dos fenómenos espiritas. Dêste modo, terá elementos para responder aos metapsiquistas e ganhará objectividade para apreciar a seriedade dum sensitivo que fraude inconscientemente ou que exteriorize as suas próprias alucinações, ou, ainda, para duvidar de si mesmo, ao pôr-se em contacto com almas desencarnadas que conhecem a vida.

Tôdas ou quási tôdas as manifestações espiritas, tais como, *raps,* bilocações, materializações, manifestações tangíveis, mensagens mediúnicas, etc., podem ser também atribuídas ao animismo, que é como quem diz às fôrças vibratórias e à energia dos assistentes ou do meio ambiente. Mas, como diz Bozzano, o Animismo prova o Espiritismo. Se a própria Igreja admite todos os fenómenos es-

piritas (ver «O Mundo Invisível», do Cardeal Lépicier), embora explicando-os à sua moda, e reconhece a possibilidade dos desdobramentos e das levitações, não há razão para que as almas não possam fazer o mesmo após a morte do envólucro material.

Depois do animismo, devem estudar-se os vários corpos sintéticos da alma, correspondentes aos planos cósmicos, a finalidade da evolução, a desagregação da personalidade e as condições do experimentalismo espirita. Só então se deverá assistir a uma sessão, sem correr o risco de sair desiludido. E quem nunca viu coisa alguma, nem por isso será menos crente, se confiar nas observações bem controladas dos mestres e na lógica da teoria e beleza da filosofia espirita.

Só assim o espirita convicto poderá começar a fazer adeptos e a procurar intencionalmente pessoas que lamentam a perda de entes queridos, as quais são mais fàcilmente sugestionáveis por idéias novas que talvez lhes deixem entrever o contacto directo com os extintos; contudo, é necessário chamar a atenção para o perigo de evocar os desencarnados conhecidos.

É preciso ensinar também que os finados não se devem procurar nas campas e dizer que as crises de chôro os prejudicam, não esquecendo que o luto é um costume sem base lógica, visto a morte representar um nascimento no mundo astral.

Naturalmente, o propagadista do Espiritismo lutará contra mil e um preconceitos da educação dogmática e só com grande coragem vencerá as dúvidas dos que procuram nova luz. Não se pode ser espirita de mixelânea, isto é, seguir, por um lado, as cerimónias católicas ou protestantes, e, por outro, as práticas espiritas, pois embora tôdas as religiões sejam boas e seja muito pior não ter nenhuma, para o espirita só pode haver uma religião racional, que é o Espiritismo, ao mesmo tempo religião e filosofia.

Cada um de nós precisa de saber as diferenças fundamentais entre o Espiritismo e as religiões e compreender que não há anjos nem demónios, mas tão sòmente espíritos mais elevados ou mais atrasados. Devemos crer na imortalidade da alma, como ensinam as religiões, mas não esquecendo a possibilidade da comunicação dos espiritos com o plano terrestre.

Somos cristãos, sem dúvida, mas distanciamo-nos do Catolicismo e do Protestantismo. Portanto, o espirita não deve rezar segundo os rituais das igrejas, mas sim em sua casa, no campo ou na praia, onde, enfim, possa estabelecer a ligação com os espíritos superiores. Da mesma forma, o espirita se distancia dos teósofos, que não admitem as práticas intencionais das sessões práticas.

Assim como não devemos assistir a sessões antes de estudar, também não é natural que a elas levemos os nossos amigos, antes de haverem feito a necessária aprendizagem.

A fraude é o alvo preferido dos anti-espiritas. Por isso, o Espiritismo só lucrará desmascarando os médiuns que fraudam conscientemente. De resto, as fraudes provam a existência de faculdades que se pretendem negar e existem em tôdas as profissões. Ninguém as pode evitar. ¿Mas quem irá, afinal, desvalorizar uma profissão, só porque um dos seus membros frauda?...

Há sempre adversários que ficam com a última palavra. Não se pode discutir com pessoas obstinadas, com pessoas aferradas a fórmulas escolásticas. Nêste caso, é melhor calarmo-nos. Exponhamos a nossa teoria e recomendemos o seu estudo. Mas não desçamos a combater. Não discutamos!

Quem quiser aceitar, aceite. Respeitemos o livre-arbítrio dos outros. Ninguém pode fugir à evolução.

A hora soará. O mundo pertencerá ao Espiritismo.

A gimnástica do sorriso

Certo médico especialista de doenças nervosas, vendo que não obtinha bom resultado com os seus remédios, lembrou-se de curar os doentes obrigando-os a rir, com ou sem vontade.

Aos padecentes de melancolia receitou:

— Levantem os cantos da bôca!

E esta receita operou milagrosamente. Os doentes, levantando os cantos da bôca, viram-se obrigados a sorrir, por mais deprimidos que se sentissem.

E o doutor insistia:

— Sorriam e continuem a sorrir! ¡Não deixem de sorrir! Esforcem-se por levantar os cantos da bôca, sem reparar no seu humor, e verão que o sentem. Depois, baixem os cantos da bôca e observem a impressão. Depressa notarão a grande diferença.

Os doentes que o médico detinha várias vezes no seu consultório até aprenderem a sorrir, melhoraram. E os sentimentos assim dependeram da gimnástica do sorriso.

Orison Sweet Marden

O Espiritualismo na antiguidade

por Álvaro Ramos Pereira

III

E depois da índia e do Egito veio o génio grego que «soube traduzir em linguagem clara as belezas obscuras da sabedoria oriental». São os pensadores, são os filósofos que dão a forma a êsse conhecimento, que o exploram com os argumentos da razão, indo procurar as bases nas celebrações de Delfos, de Eleusis ou do Olimpo onde os grandes iniciados estudaram os mistérios. Estes foram a base recôndita da filosofia grega donde saíu o cartesianismo e todo o pensamento clássico; nêles «explicava-se duma forma vivida e vívida a teogonia envolvida adrede nos ouropeis da mitologia.» (J. Antunes). Conforme os locais, assim variavam os nomes dos mistérios, como diz C. W. Leadbeater (cf. in «Echappées sur l'Occultisme»): — em Creta os de Zeus, na Argólida os de Hera, em Atenas os de Minerva, na Arcádia os de Arthemis, em Egina os de Hecate, na Frígia os de Rea. Completando, C. Lancelin, na «Sorcellerie des Campagnes», aponta-os espalhados por todo o mundo antigo, na índia, no Irão, no Tibete, na Caldeia, na Síria, na Arábia, no Egito, na Etiópia, na Trácia, na Grécia, na Etrúria, na Occitânia, na Ibéria e na Gália.

Mas quanto à ciência, os mistérios eram menores e maiores. Nos primeiros, o iniciado aprofundava a fenomenologia do astral e, como derivada, a sistematização científica desvendava o reflexo kármico da acção terrena e daqui a estrutura do destino. Nos segundos, apenas participavam os «teúrgos, os magistas, os hierofantes, os raros Iniciados completos»; o problema era a génese integral do homem e do cosmos, tendente à visão do dinamismo-causa. Diehl, Foucar e Ed. Schuré reconstituiram todo o cerimonial mágico dos mistérios e não admira que Gomez Carrillo (cf. «Grécia Heróica e Sagrada») diga ante os restos da Telesterion: — «ante as minas só fica uma recordação perplexa, uma interrogação administrativa, um vago e confuso rumor de preces».

Dêles, dos mistérios, diz Platão, o iniciado, no «Fédon»:

— ¡Só aperfeiçoando-se constantemente nos mistérios, o homem se torna normalmente perfeito»! Píndaro (in «Fragmentos») exclama: — «o iniciado conhece o fim da existência e o começo de outra vida». Cícero elogia-os no «De Legibus».

E mais: — «Ao ser iniciado, o espanto chega ao paroxismo e o corpo encamarinha-se de suor frio. Em seguida uma luz maravilhosa ilumina os lugares puros e as pradarias enchem-se de danças e de cantos» (Plutarco).

— «Três vezes felizes os mortais que depois de terem assistido aos mistérios irão ao reino de Hades» (Sófocles).

— «A nossa alma devia ser no momento da morte como nos mistérios» (Porfírio).

— «As coisas do Além são iguais às que vemos nos mistérios» (Luciano).

¿Não é isto a demonstração cabal de que no ensino oculto se dessedentaram os cérebros mais poderosos da antiguidade clássica que ali foram ganhar forma para os seus pensamentos? Desde Pitágoras a Aristóteles, passando por Platão e Sócrates, nós desvendamos o ensino tradito por detrás da filosofia pura.

Sem dúvida, porém, a figura mais excelsa do ocultismo helénico foi Pitágoras de Samos (séc. VI A. C.) que Jâmblico afirma ter sido iniciado em Biblos e em Tiro, nos templos do Egito e da Caldeia. Dotado duma grande elevação espiritual, recordava-se das suas existências anteriores que Heráclides do Pento narra nos seus romances «Abaris» e «Empetódimos). A sua escola filosófica é iniciática e ascética (como ressalta dos preceitos, dos «acusmatas»: — abstinência, meditar e mortificação levavam os pitagóricos do grau de «akoustikoï» ao de «physikoï», passando pelo de «mathematikoï».

Para Pitágoras, o homem vulgar apenas conhece êste mundo, «porque há entre êle e as coisas uma harmonia, uma relação, um princípio comum e êste princípio é-lhe dado pelo Um que lhe fornece com a sua essência a medida da inteligibilidade» (unidade natural e paralelismo psico-fisiológico). Ora a alma é também um mundo e para Deus descer até êle é preciso realizar a unidade na harmonia (absorção em Deus). Se o visível explica o invisível, se Deus anima tudo, são paralelas a evolução material do mundo e a espiritual das almas (unidade da lei).

Com uma subtileza extraordinária, fala num fuido imponderável de que a alma se serve para tecer o seu perespírito, o seu corpo astral (cf. Myers, Ochorowicz, Iodko, etc.). Êste marca um traço entre a matéria e a alma e nêle se gravam as imagens e os pensamentos (cf. Rochas, Baraduc, etc.). Com êste ambiente metaetérico, explica a sugestão, a telepatia, o magnetismo, etc. (cf. Dal Pezzo). Êste «véu misterioso de Isis», êste «manto de Cibele» era o veículo» das comunicações com o Além.

Pitágoras fêz (digamos) a filosofia dos mistérios. Alomeon, um discípulo, explana a imortalidade da alma com a individualidade. Para êle, a «alma não morre e tem a faculdade de passar dum corpo a outro, mais ou menos perfeito que o primeiro. Estas novas encarnações parecem ser comandadas pelo grau de perfeição por ela atingido. As sucessivas reaparições da mesma alma são separadas por longos períodos durante os quais sofre provações que se destinam a purificá-la» (A. Rivaud).

Paralelamente à escola de Pitágoras, desenvolveu-se o orfismo com a qual se mesclou mais tarde. Crêem que a vida terrena é uma prova, que a alma está encerrada no corpo e que só renasce para a glória eterna no após-morte.

Sôbre ambas as idéias, pitagóricas e órficas, se baseia mais tarde Empédocles de Agrigento (séc. V A. C.). Com frases calorosas descreve as suas múltiplas reencarnações. Sôbre o estranho poder de a alma perceber num momento e por vezes a distância tudo o que existe, dá uma teoria que «os modernos, a despeito das suas pretensões, mal conseguiram ultrapassar».

Sócrates, que teve «a consciência da sua dupla natureza», sentia-se inspirado por um génio familiar, freqüentou e discutiu nas salas dos templos eléusicos (cf. René Millet in «Socrate et la Pensée Moderne»). Platão era um iniciado puro. Aristóteles teve a intuição da pluralidade dos mundos habitados. Epicuro fala em seres superiores aos homens, de corpo subtil, vivendo nos espaços interplanetários, desprendidos das paixões.

Esta grande corrente de pensamento atravessa e ilumina o mundo romano com o neo-platonismo alexandrino, funde-se no cristianismo e atravessa a noite escura da Meia Idade. Qual corrente, engrossa à medida que se despenha, cavando um leito mais fundo, formando riachos, lagos, correntes subterrâneas. Não morre, antes rejuvenesce a cada movimento de idéia. Diremos com Rivaud: — «enquanto houver filósofos e sábios no Ocidente, serão sempre obrigados a referir-se às obras gregas e a meditar as lições que delas derivam».

* * *

Fixando estes leves quadros, recordando tôda a história da antiguidade, aparece-nos a Luz em tôda a sua pujança e beleza, quer no fôgo latente da ciência oculta, quer na claridade ofuscante dos sistemas filosóficos. Julgamos mesmo vislumbrar os grandes focos donde dimanou e o rasto brilhante que foi deixando em tôda a Terra como um guia para o vindoiro.

Em vez de um, supomos ser dupla a origem do ocultismo, tanto quanto a hipótese se pode aproximar da historicidade lógica: — um centro no continente atlântico, na região onde pontificou a raça vermelha; um outro no imenso planalto do Panin, nó básico dos povos arianos.

Da Atlântida, os sacerdotes teriam atingido Khemi, o Egito, para Oriente, levando após si famílias da sua raça que iriam subjugar os autótones negros, fundando um império cujos pródromos se perdem nos mais fantásticos câmputos; outros teriam caminhado para o Ocidente, para o México, originando a civilização dos Mayas e talvez as dos azteques e incas. Do Egito, a Luz mergulhou nos plainos altaneiros da Etiópia, do Sudão e da Arábia. Em sentido contrário, da Ásia, veio a migração semita que se alastrou pela Mesopotâmia, pela Síria, pela Arábia, atingindo o próprio Egito, trazendo a centelha ka-

balista que se mesclou com o hermetismo, no iniciatismo hebraico.

Mais vasto ainda é o reflexo produzido pelo foco ariano. Num caudal imenso alaga o Hindustão e o Dekkan, passa à Indo-China e alcança talvez a Insulíndia, atinge os planaltos do Afganistão e do Turkestão; alimentando-se na meditação ascética e nas palavras do Buddha, vai reflectir-se no lamaísmo tibetano, nos conventos búdicos do Império Chinês e no ascetismo arménio, baseia religiões, seitas, filosofias. Um outro veio ilumina o Irão, erguendo o culto de Agni, o credo de Mithra e o pensamento de Zarathrusta e mesclando-se na magia professada nos *zigurat* caldaicos.

Um ramo mais audaz atravessa tôda a Europa para levantar a beleza inenarrável do druïdismo celta. Mais perto, ficou o reflexo grego que absorveu numa policromia fantástica a tradição rácica ariana e as influências egípcias e semitas. ¿Qual, se não êste, estava marcado para emanar a Luz do passado para o futuro?

Os romanos não fizeram mais que receber, cristalizando, a herança grega. A invasão dos bárbaros lançou depois a Europa no turbilhão das guerras. A Luz perdeu a princípio a fôrça do brilho sob os véus da intolerância, do crime e da rapina. Mas as renascenças árabe e carolíngia, desenvolviam o calor sob as cinzas, enquanto os concílios, antagònicamente, ossificavam no dogma a mobilidade do pensamento cristão. Aqui e além vislumbramos os reflexos dêsse fôgo na Kabalan, na alquimia, nos cátaros, nos albigenses, nos templários, nos rosacruzes, etc.

O século XVI parecia que iria completar esta seqüência com a revivescência do classicismo, mas esta onda foi uma miragem fagueira. O Renascimento com a liberdade de pensamento conquistada pela Reforma, causou a eclusão do cientismo que, mais do que o unilateralismo católico, afastou as classes pensadoras da metafísica pura.

Contudo, em pleno séc. XIX, quando a Ciência e a Filosofia, cada uma por seu lado, descarregava os derradeiros golpes nas ruínas do outrora esplendoroso edifício da Religião, dá-se o fenómeno mais estranho e mais supreendente da História do Pensamento Humano: — o Renascimento ocultista.

É um desabrochar incompreensível das doutrinas neo-espiritualistas, herdeiras do passado fascinante da Antiguidade: — a doutrina de Swendenborg, a teosofia de Blavatsky, Beasant e Leadbeater, o espiritismo de Kardec e Denis, o magnetismo de Rochas e Richet, o evoluísmo de Auvard, o hipnotismo de Braid e Charcot, o kabalismo, o ocultismo de Elifas Levi, a neopsicologia, a Christian Science de Eddy, a Christology de Sabin, a doutrina de Jacobe, o antonismo, etc.

¿Porque jamais se apagou êsse facho acendido desde que o homem é homem? Porque resistiu e resiste à ignorância, à prepotência dogmática, à perseguição sectária? Porque vai êle agora reünindo no mesmo plano as locubrações da filosofia, as descobertas da ciência e os tesouros da fé religiosa?

Porque êsse facho tem a sua raíz na alma imortal, alimenta-se das aspirações superiores do pensamento, fortifica-se no poder da razão e no calor da sensibilidade.

Porque o homem se preocupou sempre com a origem das coisas, com os efeitos e suas causas.

Porque responde, em absoluto, à eterna inquietação do espírito.

¡Porque o homem tinha de encontrar Deus no caminho que trilha!

FIM

O ESPIRITISMO

O Espiritismo é questão intelectual científica; portanto, não o confundais com a pobre e humilhante idéia de seita religiosa, em detrimento de seus grandes princípios de solidariedade e redenção humana. Tratemos todos de estudá-lo bem e acreditá-lo de novo, demonstrando ao mundo social, ao mundo das ciências e das letras os seus valores e vantagens pcsitivas para o futuro bem-estar do homem, da mulher e da criança, em comparação com o estreito e mesquinho que as religiões prometem ao mundo, oferecendo o céu sem garantia, nem a mínima comparação. Esta tarefa requere, todavia, o concurso desinteressado de homens íntegros, de vontade forte, sem doblez, de honradez intelectual e com dignidade para defendê-lo e propagá-lo e dizer sem mêdo que são espiritas de actos e de palavras, em qualquer parte onde estejam.

(De *La Nueva Educacion*)

Eusápia Paladino e as fraudes mediunicas

De «O Revelador» de S. Paulo

pelo Dr. Odillon Negrão

EM palestras e pela imprensa, temos dito e repetido, inúmeras vezes, que o insucesso de muitos trabalhos psíquicos reside, quási sempre, na falta de critério e de conhecimento dos investigadores apressados. Sempre afirmámos que médium não é cobaia, ou melhor, que os méduns não podem, nem devem ser tratados com a mesma insensibilidade pretenciosa que costumamos usar, quando nos acercamos de um aparêlho mecânico. O médium é uma criatura, às vezes antena, outras, sismógrafo, e seria estupidez de nossa parte se quiséssemos obrigá-los a contrôlos vexatórios e deprimentes para a própria dignidade humana. Experimentador inteligente é aquêle que se adapta aos processos dos fenómenos mediúnicos e não o que deseja que êsses processos se enquadrem à sua vontade e despotismo.

Muitas vezes são os próprios experimentadores os culpados das fraudes em que incidem certos médius. — Aparece um sensitivo de fenómenos físicos, por exemplo — hoje tão em voga por tôda a parte — e dá-se o alarme! O grupo no qual surgiu o médium é afinizado e possui todos os requisitos morais necessários para a manifestação das ectoplasmias. Os dirigentes do grémio, no entanto, desejosos — talvez tangidos pela vaidade — de que tôda a gente, (principalmente os que êles julgam ser *homens de ciência*), possa assistir e se deslumbrar diante de tantas e tamanhas maravilhas, abrem as portas das sessões a tôda a sorte de curiosos e negativistas. Desarmoniza-se, desde logo, o sincronismo do ambiente puro e humilde. E os médiuns, ignorantes, ingénuos, quási sempre desconhecedores da causa das fôrças que possuem, vendo dificuldades na produção dos fenómenos por parte dos espíritos — que se sentem sem elementos no meio de uma assistência perturbada e perturbadora — enchem-se de amor-próprio e, no intuito inocente de não decepcionarem, com uma sessão negativa, a «douta confraria», perdem tôda a noção de compostura e de escrúpulos e mistificam, fraudam, produzindo êles próprios os fenómenos esperados.

Compreendemos que essas verdades são duras de mais e podem ofender os brios de muitos investigadores, principalmente dos que procuram ver, nos fenómenos espiritas,

EUSÁPIA PALADINO

meras correlações, apenas, com os factos normais da natureza, pouco se preocupando com o lado moral que êsses fenómenos apresentam. Mas, as verdades, apesar de ferirem, devem ser ditas e proclamadas. Convém notar ainda que o cepticismo de tais investigadores é absoluto e caprichoso. Êles nos fazem lembrar essas crianças afoitas e curiosas que, diante de uma máquina fotográfica, interessam-se mais pelo estouro do magnésio do que pròpriamente pela fotografia que a máquina

regista e revela. Os fenómenos físicos do Espiritismo são como o estrondo e a luz do magnésio. Têm, por isso, uma função certa, definida e necessária. Mas, como o magnésio existe para que se possa, em plena obscuridade, gravar no negativo fotográfico as imagens desejadas, assim também existem os fenómenos físicos do Espiritismo, para que por êles, por meio dêles e com êles, possam os homens gravar no seu entendimento e na sua inteligência, as imagens e as verdades que êsses fenómenos sugerem e apontam. ¿E quais são essas verdades? — Essas verdades são aquelas, simples e indestrutíveis, que o Cristo de Deus, no seu Evangelho de luz e de misericórdia, ensinou à humanidade! O fenómeno espirita, portanto, não tem existência em si. E se vale alguma coisa, vale porque nos desvenda um mundo novo, um plano de vida mais perfeito e porque nos mostra, dentro da sã moral de todos os credos do universo, que Deus é a Suprema Bondade e a Suprema Justiça, pois que nos dá o ensejo de construirmos, com nossas próprias mãos e o nosso próprio esfôrço, o monumento de Perfeição que todos almejamos!

Se o Espiritismo permanecesse, tão sòmente, nos quadros dos fenómenos mediúnicos, de há muito que estaria reduzido a simples instrumento produtor de «milagres» e de asombros; de há muito que estaria condenado a ser «bicho-papão» de néscios e de pusilânimes, semeando pavores e correrias no meio de uma humanidade martirizada. Mas a verdade é que o fenómeno espirita tem outra função, intuitos e desígnios mais elevados, mais idealísticos e espirituais, porque divinos. O fenómeno espirita é a chave que nos abre as portas da imortalidade, é o guia que nos encaminha aos umbrais do mistério da vida e da morte, é a luz que clareia as trevas da ignorância humana e que nela nos faz ver, no relâmpago de magnésio que produz, o lado moral de uma religião consoladora, a única capaz de levar o homem à compreensão de seu próprio destino e à percepção de Deus!

* * *

Dentre os grandes médiuns que surgiram no mundo para esclarecer a consciência dos homens e provar-nos que o Espiritismo, além de ciência é também religião e filosofia, destaca-se a figura humilde de Eusápia Paladino, que foi a primeira sensitiva utilizada nos fenómenos físicos por parte dos homens eruditos. As principais manifestações de Ensápia Paladino foram o movimento de objectos sem contacto, a levitação de mesas, a levitação da própria médium, a aparição de rostos e de mãos materializados, a de luzes ectoplasmáticas e a execução de trechos musicais, com vários instrumentos, sem nenhum contacto humano. Pela primeira vez, dentro do Espiritismo, com Eusápia Paladino, todos os fenómenos mediúnicos foram objecto de prolongadas investigações. Escusado será dizer que todos os seus experimentadores mostravam-se, a princípio, céptico s e descrentes. Podemos afirmar que nenhum médium do mundo foi mais rígidamente tratado. E, como ela logrou convencer a imensa maioria dos sábios que a estudaram, podemos dizer que sua mediunidade foi realmente excepcional.

Aquela mulher iletrada de Nápoles é, também, outro exemplo de que são os sêres humildes os chamados para desfazer os sofismas do sábios.

Eusápia Paladino foi estudada pelas grandes celebridades do fim do século 19 e princípio do 20, dentre as quais destacamos: — prof. Chiaia, Lombroso, Schiaparelli, Gerosa, Ermácora, Aksakof, Du Prel, Carlos Richet, Oliver Lodge, Ricardo Hoodgson, De Rochas, Gabriel Delanne, Bozzano, Ochorowicz, Bottazzi, Morselli, Flammarion e mais uma dezena de figuras da *élite* da Europa e da América do Norte.

Dêsses sábios, muitos se convenceram das verdades espiritas; outros, porém, conservaram-se no terreno da dúvida e da negação sistemática.

Pedimos licença, agora, para reproduzir, como dados ilustrativos do tema que estudamos, algumas opiniões sôbre a Paladino. Lombroso, depois da sessões de Eusápia, escreveu: «Sinto-me confundido e penalizado por ter combatido tantas vezes a possibilidade dos factos chamados espiritas». O prof. Chiaia, em carta ao célebre criminologista citado, dá a seguinte e pitoresca descrição dos fenómenos obtidos com a médium napolitana: «Trata-se de uma mulher quási inválida, que pertence à classe mais humilde da sociedade. Tem cerca de 30 anos e é muito ignorante; seu aspecto nada tem de fascinador, nem parece dotada do poder que os criminólogos modernos chamam irresistível. Porém, quando assim o deseja, tanto de dia como de noite, pode cativar e prender um auditório uma ou duas horas com os mais surpreendentes fenómenos. Atada a uma cadeira, ou com as mãos fortemente seguras por um dos assis-

tentes, atrai a si os móveis que a rodeiam, levanta-os, mantem-nos suspensos no ar e faz que êles voltem aos seus lugares com movimentos ondulatórios, como se as coisas obedecessem à sua vontade. Aumenta e diminui o pêso dos objectos a seu gôsto; produz ruídos nas paredes e no chão, com cadência e ritmo subtis. Respondendo às preguntas dos espectadores, vêem-se, às vezes, eflúvios de electricidade que surgem de seu corpo e a envolvem de todo, assim como aos observadores de tão maravilhosas cenas. Escreve ou desenha, num papel que coloqueis em vossas próprias mãos, tudo quanto desejais: — números, figuras, frases inteiras, com a simples imposição das mãos. Se colocardes em qualquer lugar da habitação uma vasilha contendo cêra ou parafina líquidas, ao cabo de poucos momentos notareis nela a impressão de mãos ou a imagem de um rôsto, tanto de frente como de perfil. E essa mulher eleva-se no ar, apesar de tôdas as ligaduras com que seja atada. Repousa no espaço como em um leito, contra tôdas as leis da gravidade; toca instrumentos musicais: — órgãos, tambores, campainhas — sem que suas mãos pousem nêles, como se fôssem accionados pela vontade de gnômos invisíveis. Às vezes, essa mulher aumenta de estatura, chegando a crescer mais de 4 polegadas!»

Como referência às sessões celebradas com Eusápia em casa do prof. Richet, no ano de 1894, Oliver Lodge disse, em comunicação dirigida à Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres: — «Como queiram que se julguem os factos, sou obrigado a admiti-los. Não há na minha mente espaço para dúvidas. Tôda pessoa isenta de prejuízos, que os presencie, chegará à mesma conclusão, isto é, que certas coisas que até agora pareciam impossíveis, podem ocorrer... O resultado de minhas experiências convenceu-me de que certos fenómenos que passavam por anormais, pertencem à ordem natural e, como corolário disso, que tais fenómenos devem ser investigados pelas pessoas e pelas sociedades interressadas no progresso da ciência.»

Apesar de tantas provas irrecusáveis que essa pobre mulher napolitana deu ao mundo, provas que desconcertaram a ciência ortodoxa, Eusápia Paladino — talvez por isso mesmo — foi acusada de fraude. Muitos consideraram até que a mediúnidade de Eusápia era tão sòmente fruto de suas trapaças, conscientes ou inconscientes. E, como é mais fácil negar os fenómenos do que explicá-los, essa cómoda atitude dos negadores quási se fêz escola e se transformou em dogma dentro do materialismo intransigente e das religiões interessadas em combater — por instinto de conservação — as verdades do Espiritismo.

Já nos referimos sôbre a delicadeza do desenvolvimento mediúnico. Convém recordar, agora, como esclarecimento, as próprias palavras de Eusápia sôbre as mistificações

Levantamento duma mesa numa sessão em casa de Mr. Blech, em 1899, na presença de Camille Flammarion, que tem o rôsto encoberto com o braço.

de que foi acusada. Disse ela a um jornalista norte-americano que a entrevistou: — «Muitas vezes me preguntaram porque fraudo. Há pessoas que, ao sentar-se em tôrno da mesa das sessões, aguardam sempre mistificações e, no fim de contas, só desejam mistificações. Eu encontro-me em transe e, como nada ocorre, os assistentes mostram-se impacientes, pensando em fraudes, nada mais que em fraudes, com todo o cérebro concentrado nessa idéia fixa. Eu, é claro, respondo automàticamente, mas nem sempre. Os impacientes esperam que se realize o que desejam e, como nada acontece, ficam decepcionados.»

Se compreendermos que o médium é um aparêlho sensibilíssimo, às vezes antena, outras, sismógrafo, como já afirmámos, chegaremos à conclusão de que uma vibração desonesta — tangida num mesmo sentido e para um mesmo fim — poderá, sem dúvida, obrigar o médium a fraudar, a trapacear, mesmo inconscientemente. ¿Mas essa, pre-

guntamos, deverá ser a atitude de sábios que se dizem investigadores?

A verdade, porém, é que Eusápia Paladino, algumas vezes, quando a sua mediúnidade se encontrava em declínio, levada, talvez, por aquêle amor-próprio a que nos referimos, por aquêle desejo inocente de não decepcionar, com uma sessão negativa, a «doutra confraria» dos experimentadores, fraudou conscientemente!

* * *

Pedimos licença, agora, para abrir um parêntesis no rumo e no encadeamento dêste nosso artigo. Há cêrca de um ano, em nossos trabalhos de «voz directa», obtivemos breve comunicação de Eusápia Paladino. A sua presença em nossas sessões encheu-nos de grande alegria, como é fácil imaginar-se. Depois dessa época, Eusápia, com maior ou menor freqüência, tem vindo visitar-nos. As suas primeiras comunicações, no entanto, resumiram-se a saüdações rápidas e breves palavras de encorajamento, tôdas elas incitando-nos a prosseguir em nossas experiências. Ultimamente, porém, o Espírito daquela que foi aqui na Terra uma das maiores médiuns que já surgiram nêste plano, tem-se demorado mais. Tanto assim que em sua penúltima comunicação, Eusápia nos prometeu trazer novas orientações, de modo a tornar menos difícil a obtenção dos fenómenos da «voz directa».. Exultámos, como era natural. Muitas semanas se passaram depois dessa promessa e Eusápia não aparecia para nos trazer as instruções prometidas. Em nosso trabalho de 25 de Junho de 1940, porém, tivemos, de novo, a satisfação de ouvi-la. O dia 25 de Junho foi terça-feira, véspera, portanto, da nossa costumada palestra, na Rádio Piratininga, feita em 26 daquele mês. E foi justamente naquela palestra que abordámos o têma do desenvolvimento mediúnico, avançando, não sabemos se novo, mas em todo caso um pensamento justo, sôbre êsse delicadíssimo e sério problema psíquico. Costumávamos escrever os nossos trabalhos radiofónicos nas vésperas de dizê-los. No dia 25, portanto, a palestra que deveríamos pronunciar na 4.ª-feira, estava escrita e composta.

Voltemos, agora, à comunicação de Eusápia Paladino. A Entidade, depois de saüdar-nos, disse-nos que os nossos trabalhos iam muito bem e que deixava para próximo futuro as instruções prometidas. A sua voz era forte e clara. Falou-nos em português, mas a sua pronúncia denunciava um marcante sotaque napolitano. Às vezes, no entanto, mormente quando se dirigia ao dr. Castilho (um dos assistentes), Eusápia dizia palavras e frases inteiras no idioma peninsular. Em certo momento, aproveitando-nos de uma parada em sua comunicação, ousámos interrogá-la:

— Poderá dizer-nos se existe alguma fôrça que obrigue certos médiuns ao uso da fraude?

— Não, respondeu Eusápia prontamente.

— ¿Porque fraudou, então, a irmã em algumas experiências realizadas aqui na Terra?

A nossa pregunta, dura e ríspida, não na desconcertou. Eusápia conservou a mesma calma de início. Parecia até que já estava esperando a nossa pregunta. E calmamente respondeu-nos:

— Fraudei pelos mesmos motivos que o irmão apontou na palestra que fará amanhã, justamente na parte em que se refere às fraudes mediúnicas e à atitude dos investigadores.

— Então... adiantámos emocionado.

— Sim, eu estava ao seu lado quando escreveu a palestra. E pode sempre contar com meu auxílio.

Vibrando de contentamento e de felicidade, dessa felicidade que os materialistas não compreendem, dissemos-lhe:

— Eusápia, esta prova que v. acaba de nos dar é profundamente convincente e comprobatória. Muito obrigado.

Em tôda a nossa vida de pesquisador de fenómenos espiritas, raras vezes temos tido a oportunidade de verificar factos mais interessantes do que êsse. A comunicação de Eusápia veio demonstrar que os Espíritos podem estar sempre ao nosso lado, observando o que fazemos, auxiliando-nos e orientando os nossos trabalhos comuns e normais. Diante da nossa alegria, despedindo-se, a Paladino acrescentou:

— Parto satisfeita por ter deixado uma pequena impressão em vossos corações. Boa noite.

Essa impressão magnífica que Eusápia Paladino deixou em nosso coração, impressão de alto espírito de auto-crítica, de tolerância, de humildade e de perfeita caridade cristã, é dessas que nos tocam a alma para purificá-la e para nos provar que o Espiritismo, racionalista com é, veio ao mundo tangido pela Verdade, para iluminar, com

TOURADAS

por F. Noronha

¿QUE motivo coloca o espirita em antagonismo irredutível com êste espectáculo?

Evidentemente, não lhe está a carácter nem cabe em sua índole presenceá-lo.

Razões óbvias são sua determinante.

A ciência psíquica e os seus cultores elevam-se a concepções que edificam e melhoram e comprazem-se com flores de alma e sorrisos de bondade.

¿O que são as touradas?

Uma arena precedida daqueloutra, em que houve exibição de gladiadores em disputa sanguinolenta e cristãos lançados às feras famintas, para gâudio e recreio do povo-rei, ébrio de carniçaria.

Na sua sucedânea, que se diz expoente artístico de magna civilização, profissionais e amadores, com Arte e sem Arte, enterram ferros nas carnes de animal prestante, atingindo a assistência variegada o rubro do delírio no aplauso aos habilidosos e despejando remoques e insultos sôbre os incapacitados ou ineptos lidadores.

Ocorre-me a palavra dum representante do povo, em França, que devo transcrever *ipsis verbis:* «les oisifs, remarquez-le bien, font toujours quelque chose: mais ce qu'ils font, et c'est à quoi vous les reconnaitrez, est toujours inutile ou nuisible. En Chine ils s'enivrent d'opium; en Turquie, de tabac; à Madrid, ils assistent à des combats de toureaux; à Londres, à des combats de coqs.» (in *Etudes de Morale,* par Auguste Callet, pag. 141, último período e seg. — Paris, 1851).

Na Roma do império, Tito apresentara cinco mil feras em espectáculo ao povo; dez mil gladiadores em tempo de Trajano se esquartejaram na arena, e a eiva do anfiteatro, assim se chamava, resistiu ao advento do Cristianismo, sobrevivendo à queda do poderio cesárico, não só na Itália, onde teve similares, mas em dezenas de cidades de outras regiões, inclusive do Oriente.

A arena tornara-se ou convertera-se numa genuína «instituïção social», como a classificou D. António da Costa (*Três Mundos,* pag. 151 — Lisboa, 1877).

¿Quem sabe para onde se encaminharia a actual concorrência às praças de touros, aliás ao que parece em decadência, se ressurgissem do pretérito para o presente os anfiteatros com tôdas as suas características de matança?!

Assistindo ao que estamos presenceando, um tanto ao largo, convenço-me de que haveriam público entusiasmado.

Felizmente, não é estéril de almas sãs a atmosfera portuguesa.

O Diário da Assembleia Nacional Constituínte, relativo à 45.ª Sessão, de 11 de Agôsto de 1911, insere o brilhante e humaníssimo projecto de lei de abolição das tou-

---

as luzes de seus ensinamentos e com a pureza divina de seus propósitos, essa negra, opaca e quási impenetrável estupidez humana.

¿E quem poderá furtar-se a essa luz, se ela vibra do Alto? ¿Quem conseguirá evitar seus raios resplandescentes, se ela dardeja tôdas as criaturas? ¿Quem será capaz de fugir-lhe aos bens que ela propicia, se essa luz atinge todos os corações?

Homens de boa vontade! ¡Deixai que o Espírito de Deus vos penetre! Ouvi os conselhos e os avisos salutares daquêles que vos foram caros e já não existem nos planos de miséria em que todos vivemos! ¡Concentremos os nossos melhores pensamentos no Evangelho do Cristo e conquistemos, com a nossa fé, o nosso amor a todos os homens, a nossa espiritualidade universalista, a paz de espírito de que todos carecemos! Batamo-nos por essa paz! ¡Lutemos para que ela faça morada em nossas pobres almas torturadas, porque aquêles que porfiam em Deus e por Deus, verão um dia, no fragor e nas ruínas das batalhas do espírito, o monumento imperecível do Bem que espalharam na Terra!

radas, da autoria do saüdoso deputado Fernão Bôto Machado, lido nela e admitido.

Estas palavras de verdade inconcussa o iniciam: «As corridas de touros, mesmo embolados, tais como se fazem entre nós, representam — não é possível negá-lo — uma sobrevivência bárbara dos costumes selvagens de outras eras, e já hoje se não admitem nas nações mais progressivas e civilizadas. Êsse cruel e perigoso desporto só é defendido, nos nossos dias, ou por interêsses de exploração ou por *aficionados del redondel,* mas sem fundamentos que o justifiquem e sem sequer razões que o desculpem.»

A estas palavras preclaras e abertamente acessíveis, segue-se o respectivo desenvolvimento, em que o assunto é encarado e analisado sob todos os aspectos, atentando em tôdas as objecções formuláveis e pleno de argumentação demonstrativa, a que não faltam citações formais.

¿Onde pára semelhante projecto?

Quando se pretendeu, a pretexto do espectáculo não fenecer e ser reanimado, introduzir-lhe a acção dos espadas a valer, foi elaborado um criterioso relatório, a lume (Lisboa, 1933) com êste título incisivo: *A momentosa questão dos «touros de morte» em Portugal.*

São seus conspícuos signatários os cidadãos Júlio Eduardo dos Santos, Alfredo Vidigal das Neves e Castro e Rodrigo Guerra Álvares Cabral.

É seu epílogo esta letra eloqüente e oportuna:

«Que se mantenha íntegra a doutrina do decreto n.º 15.355, que proïbiu em todo o território da República as corridas à espanhola — é o que a dignidade nacional exige, enquanto não surge, como há perto de um século pedia José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, uma lei de bronze, que declare o divertimento dos touros impolítico, imoral, impossível!».

Nesta altura, compete-me, ou antes obriga-me, uma explicação aos leitores:

Corre impresso um livro de que é autor o crítico tauromáquico José Pedro do Carmo, quási idólatra do toureio, intitulado *Touros,* edição da Livraria Popular de Francisco Franco — Lisboa, 1927, cujo prefácio pertence à minha pena.

Outrossim, colaborei numa homenagem ao que foi grande aficionado à festa brava, o vilafranquense Joaquim Pedro Monteiro, por ocasião de 1.º centenário do seu nascimento, ocorrido em 28 de Agôsto de 1938, não só elaborando artigos, estampados em jornais, mas produzindo uma mensagem relativa e até usando da palavra em sessão solene realizada num dos corredores da Praça do Campo Pequeno, de que êle foi potente animador, desde antes da construção e dos primeiros empresários, no qual então se descerrou e inaugurou o seu busto de mármore, lá colocado.

¿Isto briga porventura como o texto que agora firmo nestas colunas de *Estudos Psíquicos?*

No aludido prefácio declarei, de entrada, não ser apologista das touradas (pags. 7, linha última e 8, linha 1.ª) e acrescentei (pags. 8, *in fine* e 9): De facto, porém, não me creio em contradição comigo próprio, ao tracejar as presentes linhas com destino a um livro de toureio, em que serão integradas de abertura com indubitável permanência. Venho aqui, meramente, com o aparo com que escrevo e o conceito não mentido. Aludo a um homem e ao produto escrito do seu pensar em relação a touradas, touros e a artistas tauromáquicos.

Nêstes precisos termos, permaneci em meu juízo desafecto às corridas de touros, ocupando-me do autor como homem e como publicista que admiro e a quem consagro amizade.

Quanto a Joaquim Pedro Monteiro que me afagou, criança, em sua própria terra, está nêste período que transcrevo de pag. 136, do livro *In Memoriam* (Lisboa, «Imprensa Beleza», 1939), o esclarecedor argumento da minha colaboração: Tôda a biografia dêste homem, que a entranha maternal depôs no limiar da existência, há exactamente cem anos, se encerra em duas palavras: Trabalho e Verdade.

Não rompo nem quebro portanto a lógica da coerência, e, se era ontem absolutamente nada na *aficion,* hoje, através do indicado prefácio e da citada colaboração, comungo ainda com Bôto Machado e com os relatores do documento a que atrás fiz referência e tenho o humano prazer de, nêste momento, afirmar com justiça, encontrar-se o Espiritismo, nêste capítulo, como em todos os capítulos de género idêntico, na aspiração sentimental «evolutiva» e não em desejo de espectáculos violentos que a Arte não altera, perigosos para os olhos da gente menor e dos demais instintos e não prestimosos, ética e pedagogicamente, para o triunfo mental dos ideais de Justiça e para o aprumo nobilitante de indivíduos e de multidões, suscep-

tíveis ou não de se corrigirem e abraçarem, se de pecha ruim.

Honra seja aos espiritas, cujos centros de efectiva demonstração solidária de fraternidade congruente de si repelem tudo aquilo que se desvia do mandato de Jesus e propende para eliminar da alma humana o imponderável germe de ascese que a faz libertar-se de laços impuros e alar-se à Fonte Etérea de tôdas as sublimidades.

Condenando o «redondel» e tôdas as suas inerências, não procede o espirita por pieguice, por espírito de contradição ou para conquistar caprichosa singularidade. Procede com a mesma fé no progresso moral da humanidade com que, confirmada e garantida da honestidade mediúnica, se afervora na arraigada crença de comunicações autênticas por parte dos desencarnados, abstraíndo mesmo de materializações comprovadas, que só ousam negar e pôr em dúvida os sistematicamente contundentes ou completamente desclassificados.

Na tourada, nem o que se admite e louva como galharda valentia e gentileza de heroísmo é conforme à imparcial verdade.

¿Como definiríamos nós os abnegados assombros que obedecem livremente a uma divisa solucionante, — Vida por Vida?

Estes sim, volvem-se discípulos daquêle que recomendava a oração até pelos nossos próprios inimigos.

E os bombeiros expõem as vidas pela vida alheia, sem inquirição de casta alguma e sem distinção de personalidades.

Êles, sim, são galhardos, valentes, heróicos de gentileza indómita, com interêsse em acudir e salvar.

Os centros espiritas também acodem ao próximo na esfera do psiquismo, curando-o, se enfêrmo, valendo-lhe, se mísero e extenuado, acompanhando-o e acalentando-o na provação penosa, se desvanecido, e talvez abeirando-se do suïcídio.

Ainda um acréscimo, como nota não facciosa de invento *ad hoc,* mas muito verdadeira e de insofismável deprimência.

Nas corridas de touros, quer por parte do público na generalidade, quer em especial na *aficion,* é patente um contraste, supinamente irrisório e ridiculizante.

Vou corrobará-lo mediante exemplificação deveras a pêlo.

Tenho um amigo, de minha particular estima, já na conta de 75 anos concluídos, que desde muito novo manifestou queda para os circos taurinos, chegando a ser capinha e a meter farpas com sabor de *diestro,* não perdendo esperas e não faltando a férras, sempre, até hoje, assíduo ao espectáculo.

¡Pois, êste meu amigo revolta-se e insurge-se contra os carroceiros que maltratam os animais que arrancam os seus veículos ou carregam estes em demasia, os carreiros que não se fartam de espicaçar as pacientes vítimas cornudas que sob a canga fazem rodar os seus pesados carros de transporte, os brutamontes que afagam os tristes e impagáveis jumentos que os ajudam com arrôcho sem cessar em riste!

E, instalado como freqüentador de local certo nas praças regorgitantes de assistência, faz côro com esta nos efusivos aplausos e retumbantes saüdações aos que cravam mais ferros, rasgando e ensangüentando a martirizada rês, que ela alcunha de matreira, sorna e espantalho, se, já corrida e experimentada, foge ao ferro penetrante e procura colher ou alcançar o arteiro agressor.

¿Dariam os espectadores que assim se retratam os seus corpos ao manifesto de punhais assassinos e regosijar-se-iam com massacrados por pancadas agressivas?

Também clamam freneticamente por pégas-á unha, de frente e de costas, indiferentes perante a iminência de ferimentos, de morte possível e de contusões e estragos interiores crónicos na pessoa dos forcados.

Aquêle meu amigo, possuïdor de dois caninos de pouco vulto que amima e acarinha com solicitude paternal, se lhes suspeita doença logo acode ao veterinário.

Não censuro o afecto aos cães, milhares de vezes suplantadores do animal humano, ¿mas pregunto se é justo ou razoável converter o boi bravo em pregadeira de alfinetes que provocam rugidos, sendo impelido para a arena ao ser aberta a porta do curro pela aguda extremidade metálica da vara do campino, enterrada de rompante?

Tudo converge em desabono das touradas, detestàvelmente inúteis, como antigüalhas de origem desumana e tigrina e perniciosas como exibicionismo funesto e péssimo estímulo de mocidade analfabeta e deseducada.

Uma frase de Milton :

Milhões de seres espirituais passam em regiões desconhecidas, quando estamos acordados ou quando dormimos.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

A mediunidade de Carlos Mirabelli

O médium brasileiro Carlos Mirabelli teve uma época de grande actividade, durante a qual obteve os mais extraordinários fenómenos que podemos imaginar. O seu nome foi discutidíssimo na imprensa espirita e profana, chegando alguns a acusá-lo de fraude. Não duvidamos das suas faculdades psíquicas, do seu alto poder mediúnico, mas também não temos argumentos para afirmar que êle se não deixasse dominar alguma vez por qualquer sentimento que o levasse a afastar-se do seu dever. Mas êste facto, se chegou a verificar-se, não destrói um só dos fenómenos verídicos que êle tivesse provocado. Tôdas os pessoas sensatas o comprendem fàcilmente.

O que a seguir publicamos foi-nos enviado pelo nosso colaborador Dr. Sebastião E. Martins, que o traduziu do *Psychic News*. Ali se deparam fenómenos curiosíssimos. Alguns dêles parecerão inverosímeis, tal é a forma como são apresentados. Enfim, o relato foi dado à publicidade num jornal criterioso e digno do maior crédito. Ei-lo:

No *New York Spiritualist Leader* foram descritos fenómenos psíquicos extraordinários demonstrados por Carlos Mirabelli, de S. Paulo, Brasil, considerado o «maior médium conhecido». A descrição deve-se a Ed. Thurber, agente comercial norte-americano, que há pouco assistiu a uma sessão em que cinco testemunhas oculares atestaram os magníficos resultados obtidos.

Thurber acentua que havia luz suficiente para se ver que a sala das sessões que êle examinou estava isenta de qualquer coisa que pudesse dar origem a fraudes.

Cada assistente foi convidado a levar uma garrafa de água distilada, que foi posta em cima da mesa. Depois, o médium pediu ao espírito de seu pai que demonstrasse a sua presença derrubando a garrafa de Thurber sem a partir. Êste facto deu-se. A experiência repetiu-se com a garrafa levada por outro circunstante.

Depois êle sentou-se sòzinho com o médium. De repente viram-se brilhantes fachos luminosos e um crucifixo, que foi derrubado violentamente dum guarda-fato, perto do qual Thurber estava sentado, caíu aos seus pés. Chamou-se a atenção da assistência para o facto do crucifixo estar no chão e de Thurber não ficar hipnotizado.

Em seguida uma estátua de gêsso colocada sôbre um piano foi atirada ao chão sem se partir e sem tocar no piano na sua trajectória — uma impossibilidade física.

Apagaram-se as luzes; e a estátua, que tinha sido colocada de novo em cima do piano, foi envolvida numa luz fosforescente flutuante. A estátua moveu-se dum lado para outro e êsse movimento podia distinguir-se, assim como ouvir-se o seu ruído. Elevou-se lentamente ao ar e caíu no chão intacta. De novo se fêz notar à assistência o facto da estátua ter ficado inteira.

Os registos dos fenómenos psíquicos obtidos por êste médium de 54 anos, são considerados como os mais extraordinários até agora tornados públicos. Mirabelli, atraíu a atenção pública quando, em 1929, um jornal espiritista alemão descreveu algumas sessões confirmadas num livro editado no Brasil.

Estas sessões foram tão notáveis que o jornal julgava tratar-se duma mistificação. Êste submeteu ao consul brasileiro em Munich o relato que tinha recebido.

O Consul respondeu que 14 das testemunhas citadas no livro eram pessoas das suas relações, dignas do melhor crédito. As outras eram cientistas, cujas reputações eram inatacáveis.

Então os jornais brasileiros começaram a publicar relatos da mediunidade de Mirabelli. Descreviam como êle tinha sido transportado em dois minutos à distância de 55 milhas. Referiram-se ao facto do seu corpo ter sido levitado durante dois minutos numa rua, à altura de quási dois metros. Mencionaram ainda como a sua mediunidade conseguiu fazer com que uma caveira se dirigisse para um boticário.

Na presença de muitos cientistas, uma mão invisível voltou as fôlhas dum livro. Num banquete, os copos e as garrafas tocaram uma marcha militar sem contacto humano. Na casa dum professor labaredas foram provocadas e apagadas sob a influên-

cia do médium. Um taco de bilhar bateu nas bolas sem ninguém o impelir.

Havia tantos argumentos a favor das suas estupendas faculdades mediúnicas, que por fim se resolveu constituir um Conselho de Arbitragem para as investigar.

Faziam parte do Conselho o Presidente da República, membros do Instituto de Tecnologia e 18 outras pessoas de grande reputação.

Depois de fazerem inquéritos e ouvirem os depoïmentos das testemunhas, o Conselho chegou à conclusão de que a maior parte dos fenómenos ocorreram à luz do dia, espontâneamente, e em lugares públicos; que não podiam ser explicados por trapaça e que as declarações de pessoas eminentes, cuja integridade de carácter era bem notória, não podiam suscitar dúvidas.

Quando se fundou uma academia para estudo das ciências psíquicas, Mirabelli ofereceu-se para as experiências de escrita automática, transe e fenómenos físicos. Um relato publicado sete anos mais tarde descrevia 392 sessões, realizadas, quer em plena luz do dia, quer numa sala iluminada por uma potente lâmpada eléctrica, freqüentadas por 555 pessoas.

Algumas das escritas automáticas eram atribuídas a celebridades «falecidas». Uma delas escreveu uma dissertação de nove páginas sôbre a independência da Checoslováquia. Diz-se que Flammarion escreveu um ensaio de 14 páginas, obtido em 19 minutos, tratando de astronomia. Uma outra produção desta espécie, compreendendo cinco páginas em japonês, foi obtida em 12 minutos. A estes manuscritos seguiram-se outros em hebraico e sírio.

Porém, o que mais atraíu a atenção foi a mediunidade de materialização. As figuras eram completas e foram fotografadas e examinadas por médicos que, algumas vezes, estudaram durante 15 minutos estes seres humanos recentemente constituídos, com perfeita estrutura anatómica.

Uma vez, quando se procedia a um rigoroso exame, a figura materializada começou a dissolver-se dos pés para cima, deixando o busto e os braços a flutuar no espaço. Um médico, assistindo à sessão, exclamou: *mas isto é demais!* Avançou para a figura deliquescente e agarrou com as mãos metade do corpo; mas em seguida ficou inconsciente. Quando voltou ao estado normal, declarou que os seus dedos tinham comprimido uma massa de substância esponjosa.

Entre os exemplos mais surpreendentes de materialização foi o aparecimento em plena luz do dia, durante 36 minutos, duma filhinha dum médico. O seu pulso era normal; pai e filha foram fotografados juntos.

Numa sessão, Mirabelli anunciou que podia ver o espírito do bispo José de Camargo Barros, que tinha «falecido» num naufrágio. O médium caíu em transe e sôbre a assistência formou-se imediatamente uma espécie de nevoeiro resplandescente. Em seguida êste desvaneceu-se, para dar lugar à aparição do bispo materializado com as suas vestes e insígnias sacerdotais, o qual pronunciou o seu próprio nome. Um médico examinou-o durante um minuto e notou-lhe tôdas as características dum ser humano: respiração, dentes, saliva, palpitação do coração, intestinos, unhas e olhos, sem encontrar nada fora do seu lugar. Após êste exame, o resto da assistência convenceu-se da realidade da materialização.

Noutra sessão, Mirabelli, amarrado e metido num saco selado, desapareceu da sala e foi encontrado noutra, ainda em transe. Todos os selos das portas e janelas lacradas, como os do próprio médium, estavam intactos.

Uma vez, quando 14 investigadores estavam presentes, os seus braços desmaterializaram-se. A fotografia dêste fenómeno mostra apenas uma ligeira sombra visível.

Em 1936, um sacerdote católico, o padre José Maria de Castro, no «Vanitas», jornal brasileiro muito conhecido, rendeu homenagem a Mirabelli.

«— Êle disse-me tantas coisas àcêrca do meu passado remontando aos meus parentes e antepassados, e àcêrca do meu presente — escreve o padre — que eu fiquei convencido de que estava em frente dum homem extraordinário, um homem de Deus, fazendo-me lembrar os Santos da Igreja».

«O Espiritismo será a religião de amanhã», — diz Monteiro Lobato

É sabido que o grande escritor brasileiro Monteiro Lobato se converteu há tempos ao Espiritismo e que traduziu algumas obras editadas pela *Biblioteca de Estudos Psíquicos*, de S. Paulo, entre elas, «Rumo às Estrêlas» (Towards The Stars), de H. Denis Bradley, a quem algumas vezes nos temos referido nestas colunas.

O seu livro «Na Antevéspera» dá-nos a conhecer o conceito em que êle tem a nossa doutrina. Vejamos:

«Ninguém de boa-fé, nem sequer a ciência positiva, nega as manifestações daquilo a que Crookes chama «fôrça psíquica». E como tudo leva a crer que essa fôrça cresce na humanidade e cada dia que passa mais amplia as suas manifestações, o homem volta-se para ela e inconscientemente a vai ordenando em religião.

«Surgem «verdades», cristalizam-se dogmas, uma

moral viva e praticante se vai codificando, enquanto cresce prodigiosamente o número dos adeptos. Inutilmente a religião velha guerreia a nova e de todos os seus baluartes lhe despeja em cima obuses anatematizantes. Inutilmente a ciência positiva, cansada de negar os fenómenos, resolve estudá-los, declarando de antemão que nada há de sobrenatural nêste psiquismo.

«A religião nova, em estado cósmico, segue o seu curso, indiferente à negação e à análise. Já tem fanáticos e terá mártires, se a antagonista conseguir reacender suas fogueiras depuradoras.

«Depois do espantoso abalo mental que sofreu o mundo com a guerra e por influxo da formidável injecção de espíritos frescos com que a hecatombe enriqueceu o intermundo astral, o Espiritismo ganhou um avanço enorme.

«Reflexo disso temos na imprensa. Todos os jornais abrem secções permanentes às coisas do Espiritismo, ao lado das secções consagradas à religião velha.

«E os que o não fizeram ainda, fá-lo-ão àmanhã, por injunções de **clientela.**

«Editores surgem, especializados em livros espiritas e prosperam grandemente, num país de editores falidos ou queixosos. Grandes nomes nas letras e nas ciências passam com estrondo para os novos arraiais. O Espiritismo já não é um riacho. Tem tudo da onda que rola.

«Para os sectários da religião anciã é isso um mal horrível. Para o filósofo, não é bem, nem mal. É apenas um facto. É um facto muito lógico do espírito humano.

«¿Que é que determina o surto duma religião? A aflição humana. A pobre humanidade sofredora — e sofre 99 % da humanidade — para alívio dos seus males apela para o céu. As formas dêsse apêlo chamam-se religiões e perduram enquanto funcionam como bálsamo minorador da humana angústia.

«Quando deixam de o fazer, os sofredores cheios de inquietação agitam-se em procura de uma forma nova. E esta mata aquela.

«Estamos em pleno período de entrechoque de suas formas de apêlo ao incognoscível. ¿Quanto tempo durará êle? Cem, duzentos anos? O futuro o dirá. O presente só diz que a luta está travada.

«¿E que diz o passado, por meio de suas férreas lições? Diz que sempre vence a forma que «promete mais». Ora, uma nos deu a imortalidade da alma, com o inferno para a oposição. A outra dá-nos o paraíso perto de nós; deixa-nos as almas dos entes queridos ao alcance do nosso espírito; podemos ouvi-las em certos casos. ¿Não é isso o «mais» que vai decidir da vitória? Foi muito sabermos que as almas dos mortos não acabavam com o corpo; mas é muitíssimo tê-las à mão, consultáveis e manejáveis.

«O homem não se conforma com a morte. Teima em não morrer. Aferra-se a todos os meios de sobrevivência, inclusive a imortalidade académica. Mas já se não contenta com a imortalidade dogmática, sem prova provada.

«O Espiritismo será a religião de àmanhã, porque «prova» a sobrevivência».

Isto proclama Monteiro Lobato, com sua autoridade de pensador e estudioso dos fenómenos reais que modificam, de vez enquando, as sociedades organizadas. Estamos convencidos de que o Espiritismo exercerá grande influência no futuro da humanidade; e em virtude do seu carácter experimental, levará os sábios a estudá-lo.

Bibliografia

DEUS PARA AS CRIATURAS, comunicações mediúnicas recebidas por *Helena Moreira Valente*, com apresentação do Prof. Djalma Montenegro Farias. 1.º volume, Editora Espirita do Nordeste Brasileiro. Recife. Pernambuco. 1943. 384 pag.

Há tempos que *A Verdade*, de Pernambuco, anunciava a fundação da Editora Espirita do Nordeste Brasileiro. E fazia-o com interêsse e afinco, como quem tem a convicção plena de que tal emprêsa seria um facto dentro em breve. Efectivamente, assim foi; e só temos que dar graças a Deus por mais um semeador ter empunhado a charrua, disposto a desbravar a terra adusta e a fertilizá-la por todos os meios.

A primeira planta nascida é um interessante livro de comunicações mediúnicas, recebidas pela senhora Helena Moreira Valente em pequeno grupo familiar e apresentado pelo professor muito nosso conhecido Djalma Montenegro Farias, grande animador da editora e do Espiritismo pernambucano.

Trata-se de mais de noventa mensagens, tôdas elas cheias de ensinamentos elevados. As de Gabriel, principalmente, não vasadas em estilo terso e rescendem aromas de bondade. Foram as que mais nos impressionaram.

Nesta hora de incertezas materiais e espirituais, faz bem a leitura dêste género de livros.

Cada mensagem é uma lição discreta e suave, que se aprende sem esfôrço e que deixa o nosso espírito mergulhado em ondas de harmonia.

Que a nova editora prossiga no seu trabalho de divulgação espirita, são os nossos votos.

Noticiário

Jornais e Revistas

Visitaram-nos os seguintes jornais e revistas, com os quais mantemos amável permuta:

Luz e Caridade, Além, A Rosacruz, Osiris, Região de Leiria, O Comércio de Leixões, Jornal de Albergaria, Traz-os-Montes, O Globo, Via Latina e *Vida Mundial*.

Também recebemos, embora com grande atraso, os seguintes órgãos espiritas brasileiros: *Reformador, Mundo Espirita, Revista Internacional do Espiritismo* e *A Verdade*.

Participação

O 1.º secretário do Centro Espirita Estrêla do Bem, de Manaus, teve a gentileza de nos enviar os nomes que constituem os Corpos Gerentes que dirigirão os destinos daquela colectividade, durante o exercício de 1943 a 1944. São os seguintes: *Conselho Deliberativo* — Carlos Garrido Teixeira, Filobaldo Garrido Teixeira, Márcio Neri Pucú e Judite Teles de Sousa. *Conselho Executivo* — Artur da Trindade, António Monteiro da Costa, Aloísio Severo Peixôto, Gertrudes Guerra, João Fernandes de Brito e Elisabete de Freitas Magalhães. *Conselho Fiscal* — Clarisse Peixôto de França, António de Oliveira Monarte e Esmeraldino Castro e Costa. *Suplente* — Marieta S. Trindade, Cândida Cruz, Amélia Aio, Leonilia M. Soares, Francisca Teles de Meneses e Sandoval Ferreira Gomes.

A todos, apresentamos os nossos cumprimentos com votos de luz espiritual.

As nossas conferências

Conforme anunciáramos, o nosso colaborador sr. coronel Faure da Rosa realizou no dia 30 de Abril a sua conferência, intitulada «Ocultismo e Espiritismo».

Trabalho a todos os títulos interessante, nêle sintetizou a evolução das idéias no sentido de desvendar o mistério da Esfinge, sempre interrogativo e enigmático. A sua resenha histórica demandou longo e aturado esfôrço de pesquisa, que êle soube realizar com proficiência.

Ouvido atentamente, durante quási duas horas, por assistência numerosa, o conferente viu rematado o magnífico trabalho por uma extraordinária ovação.

No final, o presidente da Direcção do Centro agradeceu ao sr. coronel o prestante concurso que nos tem dado há tantos anos e, fazendo votos pela sua preciosa saúde e atendendo a que esta conferência fechava, no corrente ano, a série das que realizou com grande brilho e competência, pediu a todos uma aclamação de pé, para o querido colaborador.

Todos se ergueram e lhe tributaram a sua simpatia, numa prolongada salva de palmas, que êle agradeceu comovidamente.

«Estudos Psíquicos»

Quando empreendemos a publicação mensal desta revista, fizemo-lo sob justificada reserva, receosos de qualquer natural fracasso, atendendo, não só à crise geral que nos assoberba, como também ao ambiente que foi criado ao Espiritismo, mercê de circunstâncias conhecidas e às quais não desejamos referir-nos nêste momento. Demos o passo e ficámos na espectativa, a ver como reagiam assinantes e leitores, de quem dependia, afinal, o bom êxito da tentativa.

Hoje, podemos dizer que mais uma vez estávamos no bom caminho e mais uma vez a nossa resolução valorizou o movimento espirita em que voluntàriamente nos integrámos. A revista mensal caíu muito bem no ânimo de todos. Os sócios do Centro E. Luz e Amor aumentaram de bom grado as cotizações para terem direito a receber os doze números anuais e os assinantes souberam corresponder também ao que dêles era exigido.

A venda avulso intensificou-se e estendeu-se ao Brasil a pedido do nosso representante no Rio de Janeiro. Temos esperança de que *Estudos Psíquicos* firmará cada vez mais a sua posição, dentro da boa propaganda e como órgão independente que é e continuará a ser, enquanto existir.

Dissemos há tempos que tínhamos um objectivo em vista, embora de realização a longo praso. Êsse objectivo era torná-la quinzenal, com o mesmo número de páginas. É tarefa hercúlea e arrojada, bem o sabemos; mas o homem tenaz e persistente vence todos os obstáculos, quando sabe querer e tem uma divisa branca a norteá-lo.

O nosso dever é progredir sempre. Quem estratifica, quem cristaliza e deixa tolher os movimentos, dá impressão de morte próxima. E nós quere-

mos viver, queremos intensificar a propaganda — nos interessa.

De bimestral que era, *Estudos Psíquicos* passou a mensal, aumentando levemente o formato e mantendo as mesmas secções que tinha. Agora, é lícito preguntar:

— ¿Quando poderá ser quinzenal, sem alterar em nada o seu formato e o seu número de páginas?

Esperemos.

A Biblioteca Médica do Exército Norte-Americano, de Washington, acaba de nos escrever atenciosa carta, solicitando a permuta de *Estudos Psíquicos*, afim de incluir na *Current List of Medical Literature* (Registo de Literatura Médica) os títulos dos artigos originais aqui publicados.

Escusado será dizer quanto nos desvanece êste pedido da importante biblioteca norte-americana, cujo registo semanal de Literatura Médica incluïrá o nome desta revista, que assim irá ganhando maior expansão e notoriedade.

Ao sr. L. K. Falk, os nossos agradecimentos pela amável carta que nos enviou.

Conferência em Matozinhos

O nosso confrade sr. João Barbosa Gesta, presidente da Direcção do Centro Espirita Luz e Verdade, de Matozinhos, realizou no dia 4 de Maio, no Grupo «Os Modestos», daquela localidade, uma conferência subordinada ao título «Espiritismo Ciência», perante numerosos assistentes, na maioria incrédulos e católicos.

A propaganda vai alargando cada vez mais o seu âmbito. O que é necessário é trabalhadores diligentes que se disponham a agir por todos os meios ao seu alcance.

Presidiu o sr. Silvério Magalhães, do Grupo «Os Modestos», secretariado por José Maria Epifânio, presidente do Centro Espirita de Santa Judite, por Luiz C. Machado, do Centro Espirita Luz e Verdade, Manuel Silva pela Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, e António Sousa Carvalho.

Legado Firmino da Assunção Teixeira

Tendo a Federação Espirita Portuguesa convidado os centros espiritas legalmente constituídos a habilitarem-se, no prazo de 45 dias, à fracção do legado de Firmino da Assunção Teixeira, que êste ano vai ser distribuída, informamos os nossos estimados consócios de que o Centro Espiritualista Luz e Amor vai concorrer ao rateio, como centro legalmente constituído que sempre foi.

Os que nos deixam

Por notícias recebidas nesta redacção, soubemos terem desencarnado dois prestantes consócios e amigos do Centro. São êles João Francisco de Ávila, de Angra do Heroísmo, e Rosa da Conceição Lourenço, de Moita dos Ferreiros.

Que os espíritos dêstes amigos encontrem no Além o amparo de que carecem.

Grupo «Reper-Siam»

Êste grupo, que funcionava no Centro tôdas as sextas-feiras às 21,30, passa a trabalhar provisòriamente às quartas-feiras, à mesma hora, em virtude de impedimento do seu director.

Auxílio aos necessitados

Destinado aos necessitados protegidos por êste Centro, recebemos o seguinte donativo, que agradecemos:

C. S., de Lisboa ..... 10$00

Auxílio a «Estudos Psíquicos»

Recebemos e agradecemos os seguintes donativos, destinados a *Estudos Psíquicos:*

D. Beatriz de Sousa Amaral, de Lisboa...	10$00
Torcato Cardoso Ferreira, de Almeirim.....	20$00
Total.....	30$00

Programa dos trabalhos do Centro no mês de Junho de 1944.

Dia 2, às 16 horas — Sessão experimental.
Dia 9, às 16 horas — Sessão experimental.
Dia 16, às 16 horas — Conferência pelo capitão José Gonçalves Losa, intitulada «A Morte», sendo a entrada pública.
Dia 23, às 16 horas — Sessão experimental.
Dia 30, às 16 horas — Sessão experimental.

Por absoluta falta de espaço, retirámos muitos artigos já compostos, entre êles, a secção de *Notas & Comentários* e artigos de Sousa Couto, Henrique Magalhães, António Pinto de Sousa, Manuel Joaquim Diogo, etc., os quais saïrão no próximo número.

Estudos Psíquicos

2.° volume correspondente ao 3.° e 4.° ano, impresso em papel especial, formando um grosso volume de cerca de 400 páginas, encadernado em optima percalina azul

(TIRAGEM REDUZIDA)

À venda nesta redacção ao preço de 70$00

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Espiritualista

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
Obras Póstumas	15$00	21$00
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	3$50	
O Além e a Sobrevivência	3$50	
O Grande Enigma	10$00	
O Porquê da Vida	8$00	
Cristianismo e Espiritismo	16$00	22$00
Joana d'Arc Médium	16$00	22$00
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	17$00	23$00
ERNESTO BOZZANO		
Breve história dos «raps»	3$00	
Xenoglossia (Mediunidade Poliglota)	10$00	
DR. A. LÔBO VILELA		
Hipóteses Metapsíquicas	7$00	
O Problema da Sobrevivência	7$00	
O Destino Humano	14$00	

	br.	enc.
F. CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
Novas Mensagens	10$00	
CAMILO FLAMMARION		
O Fim do Mundo	12$00	
ALMERINDO M. DE CASTRO		
O Martírio dos Suicidas	9$00	
António de Pádua	10$00	16$00
ALEXANDRE DIAS		
A Fazenda Mal Assombrada	10$00	
Trajectória das Almas	8$00	

(Continuado da 3.ª página da capa)

	br.	enc.
LEOPOLDO MACHADO		
Pigmeus contra gigantes	10$00	
Doutrina inglória (O problema da natalidade à luz do Espiritismo)	10$00	
BITTENCOURT SAMPAIO		
De Jesus para as Crianças	8$00	13$00
Jesus perante a Cristandade	12$00	17$00
JOSÉ SURINACH		
Spiritus Meledictus. (novela espirita de grande emoção)	8$00	12$00
OSVALDO MELO		
Epístolas aos Espiritas	7$50	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos	10$00	16$60
OBRAS DIVERSAS		
Além (O) para todas as inteligências, por *J. L'Homme*	10$00	
Amor Imortal, por *J. A. Nogueira*	12$00	
Amor, Vida e Evolução, por *Fernando da Cruz Ferreira*	8$00	
Claustro (O), por *Manuel Arão*	14$00	20$00
De Maria para suas filhas	3$00	
Espiritismo (O), à luz dos factos, pelo *Dr. Carlos Imbassaby*	15$00	
Expiação, por *Areolino Gorjão*	10$00	
Evangelho das Crianças (3.º livro de leitura) por *António Lima*		7$00
Granja (A) do Silêncio, por *Paul Bodier*	10$00	
A Grande Esperança, por *Charles Richet*	15$00	
Herculanum (romance mediúnico) pelo *conde Rochester*	18$00	
Metapsíquica (A) e o Espiritismo à luz dos factos, por *Faure da Rosa*	2$50	
Minas de Sincorá, por *Estrelita Junior*	6$50	
No Limiar do Etéreo, por *J. Artur Findlay*	13$00	19$00
Nova (A) Luz, por *Georges Dejean*	12$00	18$00
Nova (A) Revelação, por *A. Conan Doyle*		10$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho por *João, o Evangelista*	12$00	
Pela Vitória do espirito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Psicologia Experimental, pelo *Dr. Paulo Gibier*	3$00	
Roma e o Evangelho, por *José Amigó y Pellicer*	14$00	20$00
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio A. Valente*	12$00	18$00

Nêstes preços não está incluído o porte do correio.

Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e Ilhas Adjacentes.

Para as Colónias e estrangeiro, a remessa é feita contra pagamento adiantado, por meio de vale postal.

AVISO AOS INCAUTOS

Não são espiritas os que exploram a credulidade das pessoas incultas ou fanáticas, exibindo falsas faculdades e recorrendo a artifícios de toda a espécie, para melhor iludir a boa-fé dos incautos.

Não são espiritas os que se entregam à adivinhação pela invocação dos espíritos, porque o Espiritismo não é arte divinatória e por isso os espíritos que se prestam a semelhante papel são, necessàriamente, inferiores (por mais pomposos nomes que apresentem) e o seu convívio só poderá ser prejudicial.

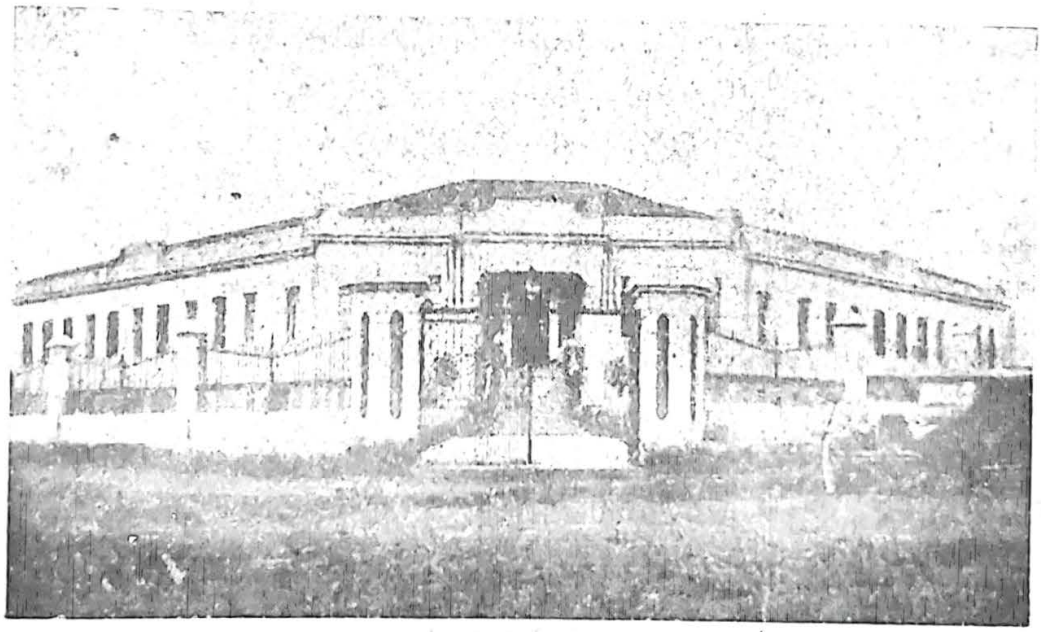
As casas das chamada *mulheres de virtude, cartomantes, bruxas* e de todos os que se dedicam a estas práticas supersticiosas são de infecção espiritual, onde os espíritos inferiores vivem permanentemente e fazem seu campo de manobras.

«Estudos Psíquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas e colónias e no Brasil

ANO V AGOSTO DE 1944 N.º 10

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental



Sanatório Espirita de Uberaba

(Vêr pág 304).

CONTÉM: Expectativa, **da redacção;** O Suïcídio, por **F. Noronha;** A função reguladora dos contrastes; Oração do Crente, por **Ramos Pereira;** Ilusionismo e Espiritismo, pelo **Coronel Faure da Rosa;** Os primeiros discípulos e a pesca maravilhosa, por **Henrique Magalhães;** Resumo da Doutrina Espirita — VIII — pelo **Dr. Gustave Geley;** Conan Doyle; O Sanatório Espirita de Uberaba; Amigos de «Estudos Psíquicos»; Filosofia Neo-espiritualista, por **Ramos Pereira;** Conte o seu caso... Como se tornou espirita?, depoimento do **Dr. Gilberto Marques;** Palavras amigas, de **Reper-Siam;** Bibliografia; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos;** Notas & Comentários; Facciosismo, por **Emmanuel;** Noticiário.

LEITOR AMIGO:

Escuta, por um momento. ¿Já pensaste alguma vez no mistério da vida, no porquê da tua existência terrestre e no que te espera, ao abandonar o mundo físico? ¿Já pensaste?... ¿E não te sentiste atraído para a meditação cotidiana, para a decifração de tão grande enigma?

De-certo que já pensaste e meditaste e concluíste pela necessidade de aprofundar o assunto. Tens, agora, belo ensejo. Acompanha «Estudos Psíquicos» *na sua acção, torna-te seu amigo e colaborador, porque há muita maneira de auxiliar as obras úteis. Tudo que fizeres, redundará em teu próprio benefício.*

ESTUDOS PSÍQUICOS

Revista mensal

ORGÃO OFICIAL DO CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR

E PORTA-VOZ

do Centro Espirita Reflexos da Verdade, de Beja, do Centro Espirita Luz, de Coimbra, do Centro Espirita Luz e Verdade, de Matozinhos, do Centro Espirita Fé e Caridade, de Angra do Heroismo, do Centro Espírita de Santa Judite, do Pôrto, do Grupo Espirita Humildade, de Aveiro, do Grupo Espirita Paz, Caridade e Protecção, de Faro, e do Grupo Espirita Perseverança e Fé, de Maiorga

Rua do Salitre, 149, 1.º, E. = = = = = = = = = = = = LISBOA

PROPRIEDADE DE ISIDORO DUARTE SANTOS

a quem deve ser dirigida tôda a correspondência

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores • Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

Redactores - correspondentes:

No **Rio de Janeiro**	Almerindo Martins de Castro
Em **Uberaba**	Dr. Inácio Ferreira
Em **Buenos Aires**	Dr. Luiz M. di Cristóforo

Distribuïção gratuita aos sócios do Centro E. Luz e Amor

ASSINATURAS

Portugal e Espanha (série de 12 números)	*36$00*
« « « « « 6 «	*18$00*
Colónias e Brasil (série de 12 números)	*50$00*
« « « « « 6 «	*25$00*
Outros países (série de 12 números)	*60$00*
« « « « 6 «	*30$00*

Cobrança pelo correio — mais 1$60

Distribuidores exclusivos para Portugal, Ilhas e Colónias: **Editorial Organizações, Lda.**, Largo Trindade Coelho, 9, 2.º — Lisboa — Telefone 27507

• VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA •

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

ANO 5.º — LISBOA, AGOSTO DE 1944 — N.º 10

Propriedade de Isidoro Duarte Santos	Direcção e Edição de Maria Gonçalves Duarte Santos	Redacção e Administração Rua do Salitre, 149, 1.º—E.

Composto e impresso na Tipografia SILVAS Lda. — Rua de D. Pedro V, 120 — LISBOA

EXPECTATIVA

Perante o derruir dum mundo velho que tentou em vão dirigir a humanidade no sentido material das coisas, a nossa atitude é de expectativa. Não de expectativa estática, de tal maneira impregnada de abulia, que seja incapaz da menor volição. O homem que se limite a assistir de palanque ao maior conflito da História, sem esboçar um gesto, sem definir os seus princípios, comete êrro grave. Em todos os tempos e conjunturas devemos afirmar a personalidade, demonstrar a nossa presença moral e mental. Sobretudo, impõe-se-nos a defesa das convicções, seja qual fôr o resultado da luta.

Há quem diga que o espiritualismo vive alheio aos problemas económicos, como se a vida se resumisse em mera contemplação. O espiritualismo e, mais notadamente, o Espiritismo, é doutrina que procura integrar o indivíduo no seu meio ambiente e fornecer-lhe dados que o levem a pôr em prática verdadeiras concepções de progresso. Por isso, não é indiferente que o novo mundo a surgir seja isto ou aquilo. Se assim fôsse, a nossa espectativa não passaria de fatalismo incongruente.

Sem nos imiscuirmos directamente na contenda, devemos preparar-nos para lugar ao sol, quando as fôrças materiais e espirituais tiverem de exercer em comum as suas naturais prerrogativas. E sem convicções fortes e arraigadas, ninguém trabalhará com fé e entusiasmo, estugando o passo em direcção aos objectivos.

Desta verdade resulta corolário demasiado lógico, para que necessite de grande esfôrço de compreensão. Noutros termos: o facto de o mundo ir sofrer enorme transformação, depois de abalado em seus fundamentos, implica da nossa parte maior coesão e aprumo, maior firmeza e persistência na propaganda dos postulados espiritas, visto que a sociedade de àmanhã não deixará de ponderar o que tivermos feito para o equilíbrio geral e reconhecerá a vantagem de congregar todos os valores morais para a efectivação da era que se anuncia.

Já pela doutrina que nos irmana, já pelas convicções que firmámos ao meditar nos largos horizontes que o Espiritismo abre aos seus adeptos, a nossa posição nunca deixaria de oferecer motivos de interêsse moral e espiritual, nem de suscitar a atenção dos responsáveis pela orientação da humanidade.

Afirmemos, pois, as nossas convicções espiritas, no período de expectativa que nos aguarda e não tenhamos receio de apodos ou vitupérios. Na própria atitude encontraremos o segrêdo do triunfo que buscamos.

Ser espirita já não é sinónimo de louco ou mentacapto e os adversários que nos espreitam contam com a nossa fôrça, sabem de antemão que, para nos vencer, — se vencerem — terão de esgotar os últimos cartuchos.

A nossa expectativa será dinâmica e previdente. O que vier, encontrar-nos-á serenos e tranqüilos, dispostos à defesa do reduto, com ânimo, nobreza e lealdade.

O SUÏCÍDIO

por F. Noronha

UM clínico, em seu tempo, de merecido renome J. P. Fabret (*De L'Hypochondrie et du Suicide* — Paris, 1822) iniciou, nêstes termos, o texto do seu compendioso livro: «O que finge encarar a morte sem horror, mente: todo o homem a teme, diz J. J. Rousseau; é a precípua lei dos seres sensíveis, sem a qual tôda a espécie mortal depressa ficaria extinta. — Tal é, com efeito, a disposição permanente do homem; debalde a desgraça o acabrunharia: se, dominado pelo desespêro implora a morte em altos gritos, logo que lhe pressente o fantasma hediondo, arredando-se com espanto, roga a continuïdade da sua existência».

Consagra o experimentado clínico ao assunto 358 páginas não pobres de observações e conclusões documentadas, ainda hoje dignas de leitura.

Êle estuda as causas do suïcídio, a localização e terapêutica respectivas, os meios de deter-lhe a acção contagiosa e de contrariar-lhe o incremento.

«Que faz quem se suïcida? — leio no livro *O Suïcídio — Suas Causas e Seus Efeitos* (ed. 3.ª), pág. 41 — Rio de Janeiro, 1924, e, imediatamente, esta resposta: «Foge. O que é quem foge? Um covarde».

Êste livro, de distribuïção gratuíta, insere na primeira linha da sua capa frontispicial esta expressiva dedicatória: «Aos desgostosos da vida» e, no lacónico intróito, a seguinte assinatura: «Fred Figner».

O instinto de conservação revela-se em tôda a animalidade e tem sucedido, na classificação como superior, pessoas lançarem-se à água com fim sinistro e reagirem ao seu contacto, desistindo logo da idéia.

Pelo menos, uma vez, em plena travessia do rio Tejo, presenceei um caso desta categoria.

O frio do líquido causara arripios ao débil de raciocínio e produzira pronto efeito desejado por quantos indivíduos assistiram à cena, transformada felizmente em gargalhada ruïdosa.

Eu inclino-me ao convencimento de que o suïcídio e a sua tentativa derivam de um estado de excitação ou perturbação anormal.

Até agora, não tive notícia de quaisquer dêstes actos lamentáveis que não fôssem mais ou menos precedidos de semelhante estado patológico.

Não recuso aceitar a afirmação, entretanto, de excepções averiguadas, pois que, se o fizera, sujeitar-me-ia, com razão, a autorizada mordacidade.

Admitindo, porém, a possibilidade de um indivíduo, são de espírito e em saúde, sem golpes de surpreza em sua carreira normal, decidir pôr termo à vida e realizá-lo a sangue frio, como quem vai dar um passeio higienico ou visitar um amigo muito íntimo, nego que isto seja ou possa ser freqüente.

Rarissimamente haverá ocorrido e ocorrerá caso de tal natureza, tanto falido de seguro argumento.

Quando eu fui aluno de filosofia de preparatório, o meu há muito adormecido professor e benévolo amigo sustentava que o suïcídio acusava sempre ou um estado patológico encaminhando a êsse desenlace ou uma impressão e precipitação de momento.

Fêz favor, há decorridos alguns anos, de honrar-me com a sua apreciável amizade, um cavalheiro de esmerada educação e modelar carácter, verdadeiro admirador e cultor das ciências, de que deixou testemunho em duas publicações do seu punho, viajado na Europa, na América latina e no Egito, que falecendo-lhe uma antiga e honesta serviçal, sua governante e agravando-se-lhe uma doença de bexiga, maduramente assentou em liquidar-se e, alfim, depois de escrever uma carta, de molde a não haver dúvidas sôbre a sua resolução, alta hora de uma noite, numa escada interior de não muitos degraus, enforcou-se em corda que prendera numa trave e foi encontrado assim suspenso, firmando os pés em um dos degraus.

De modo algum, nos dias anteriores, fizera conceber às pessoas do seu trato e de suas relações próximas a sombra sequer de uma suspeita do que lhe ia na alma.

¿De facto, não houvera um grave desequilíbrio, uma veemente e funesta perturbação, propelindo o meu inolvidável amigo a tão violento e extremo desertar?

Êle não negava no Universo uma energia suprema, mas estava distante de ser deísta na mais bela interpretação do vocábulo.

Aliás, esta circunstância nada me esclarece, certo, como é, terem-se suïcidado, através dos tempos, fervorosos crentes e não poucos sacerdotes da igreja católica.

Afigura-se-me, sob todos os aspectos, confesso-o, sinceramente, que não há hipótese de suïcídio em que não caiba, em maior ou menor grau, motivo ou causa impelindo para tanto.

Vou exemplificar o fundamento do meu dito relativo a pessoas muito religiosas suïcidando-se ou tentando-o.

Limito-me apenas a três, uma das quais vizinha de fanatismo, que conheci perfeitamente e com quem mantive relações.

Na vila de Odemira, entre 1868 e 72, um industrial de fábrica de cortiça, benquisto e embranquecido pela neve da idade, quis despedir-se da vida, disparando na boca um dos canos de espingarda caçadeira, por êle colocada de forma que, ligado o gatilho por guita grossa ao pé direito, foi com êste que o puxou, permanecendo porém ileso e disposto a renovar o acto com a bala do outro cano; mas a detonação causara alarme e acorrendo gente foi desarmado e estorvado no intento.

Mais de uma dúzia de anos após, um padre quarentão, cheio de vivacidade, coadjutor numa das freguesias de Lisboa, sem inquietações económicas pelo dia de amanhã, gozando de estima pública, por sua lhaneza e porte correcto, desfechou um revólver na cabeça, tombando para sempre.

Não há muito, uma senhora viúva, já fora dos verdores da mocidade, com fartura de meios, não me constando que fôsse portadora de malignidade crónica, de sofrimento físico doloroso, despenhou-se de uma janela de varanda, do último andar de prédio alto, em que residia, estatelando-se-lhe o corpo na rua, em completo despedaçamento.

¿Toldar-lhes-ia o siso misterioso motor fúnebre?

A esta pregunta não respondem ecos de entendimentos, sepultos no silêncio da desencarnação.

Evidentemente, são de lamentar estas soluções de continuïdade no precário fio da existência, postas em prática pelos próprios indivíduos que elas anulam.

No nosso país manifestaram-se por vezes genuínas epidemias ou febris recrudescências e exacerbamentos dêste morbo lastimoso, cabendo à imprensa noticiosa responsabilidades flagrantes, pela insensata pormenorização de relatos a tal respeito, chegando ao cúmulo de ocuparem colunas inteiras de jornais.

Tudo isto era lido com avidez de sugestão pelo incauto povo, bem como a não menos insensata e porventura mais desastrosa narrativa de todos os crimes perpetrados.

«Asneira puxa asneira» — grita-nos a sabedoria das nações, e tanto o facto é exacto que, adoptando a mesma imprensa muitíssima parcimónia e mesmo banimento em tal secção deletéria, os suïcídios rarearam.

Não há coonestação possível, abstraindo da idéia de loucura, para o suïcida, assassino de si mesmo.

Se se trata de enfêrmo cruentamente atacado e cônscio de incurabilidade, verifica-se a ausência de resignação, edificantíssima para os vivos sãos, assistindo-lhe.

Se se trata de autores de atentados, de entes encanecidos no crime, de prisioneiros expiando culpas comprovadas, é uma deserção gravosa, pois que, quem teve ou tem fibras para o mal deve agüentar-lhe as conseqüências.

Esta é a lei do seu ao seu dono.

E em boa lógica, é estupendamente irrisório abandonar o conhecimento pelo ignoto, o que indica estupidez por parte dos que assim procedem.

À luz do critério espiritista, o abandono brutal da vida, provação depuradora, aquilatante de mérito e de demérito, só possibilizados pela concessão de livre-arbítrio à criatura galardoada com faculdades psíquicas transcendentes e conciência, pelo incriado e misericordioso ordenador do existente, êsse abandono é um recuo de aperfeiçoamento ético e uma revolta, uma desobediência, uma ingratidão manifesta para com o Pai excelso e Julgador infalível no Além da eternidade.

Militam no activo dos Centros espiritas, quer por eficiência benemerente e caridosa,

quer por comunicações com larga publicidade, reconsiderações numerosas que fizeram volver a estado normal muitos desiludidos nas estradas abrolhosas da existência.

Se nos importa sofrer com paciência as fraquezas do próximo, na mesma linha de idêntica validade nos importa sofrer as nossas próprias.

Não procedem duas medidas de essência única, tal como não há ser sem ser e matéria sem modalidade.

A esquivança pela morte voluntária não é, em sentido algum, uma válvula libertadora, mas um episódio de contraste entre a desesperança de momento e as legítimas glórias auroriais nos seios ubérrimos da infinitude.

No evitar dêste contraste não esfria nem embota o esfôrço amorável do Espiritismo, «evoluíndo» com consciência e ciência para o Alto providente na perpetuïdade redentora.

«A alma, — li algures — bem como o Árabe, deixa a tenda no deserto e sobe, em vôo aberto, da borda da campa ao céu».

¿Ser-lhe-ia livre a ascese, se prêsa à terra por um elo de fraqueza ou covardia?

¿Não lhe seria sombra insidiosa, incomportável de presença na mística serenidade do Empíreo?

Envolver-se-ia em novas provações de remorso e arrependimento, no vai-vém misérrimo da tragi-comédia terrestre.

E decorreriam séculos, milénios mesmo, antes que lhe despontasse estrêla fagueira prenúncio de reabilitação, nos infindos horizontes da espiritualidade.

Não é sem interêsse para o homem, para a espécie, meditar e edificar-se nêste plano de esfera conceituosa, que não é mera ideologia passageira mas puro acêrto matemático indestrutível.

O suïcídio ainda também como tranqüilizadora solvência de ocorrências individuais maldosas ou pérfidas e de positivas delinqüências aterradoras, não passa de subterfúgio boçal que o destino desengana.

Aquêle Judas do ósculo de trinta dinheiros, recebidos em troca da traição de discípulo entregando o Mestre, aquêle Judas que repêso, castigando-se por suas mãos na figueira em que se enforca,aspira a ilibação plena do seu acto, permanece anátema indelével e asquerosa repulsa dos humanos, no trânsito das gerações e na vertiginosa corrente dos séculos.

¿E perante a Justiça do Além; perante o Escrutinador sem émulo; a omnisciência divinal; a visão imediata do ontem, do presente e do porvir. o *Fiat Lux* inenarrável que o Messias, o Mestre vendido talvez levantasse no *Consumatum est* do Calvário?

Não tenho o arrôjo de formular uma deriva à fieira interrogativa precedente.

Não digo assim quanto à maneira racional de se opor ajustada barreira ou dique oportuno à doentia pestilência social que denominamos suïcídio.

Semelhante oposição define-se e traduz-se numa obra solidária de virtude inultrapassável.

Consiste no aprumo espiritual das gentes e no insuflamento genérico da consciência de responsabilidades, dentro de normas preclaras em que a eqüidade sobressaia e o exemplo de consonância inequívoca não seja simples figura de retórica ou tema favorito de loquela propositada.

Nesta obra labuta prestantíssimo, com resultados vicejantes o Espiritismo fraternal, flor de lôto purificante e agir abnegado, não falacioso nem estéril.

¡É uma cruzada de equilíbrio, de compreensão de direitos e de deveres, que não arrasta aos desvairos, aos becos, aos desvãos, ao abismo!.

¡Pelo contrário, espevita os débeis, apazigua os insofridos, esclarece os cépticos, ilumina os negativistas com a concepção da Divindade!

A tempestade actual não é intérmina.

Os casos de suïcídio nela supuram; mas quando surgir a bonança e triunfar a orientação de bom-senso, êsses casos deixarão de avultar a chaga de desigualdades sociais, por escasseantes em número e vencidos por terapêutica do espírito.

Concluíndo, quero citar a simulação de suïcídio por parte de ardilosos que recorrem a êsse truque para conseguirem fins interesseiros inconfessáveis e complacências que de outro modo não alcançariam.

Há de tudo nêste mundo sublunar e atrasado...

Nenhum facto histórico, quer profano, quer religioso, foi melhor estabelecido do que certos fenómenos espiritas, de modo que é preciso aceitá-los ou lançar ao fôgo todos os livros de história.

William Crookes

A FUNÇÃO REGULADORA DOS CONTRASTES

Tradução de I. D. S.

(Dos «Diálogos», de Platão)

— É opinião muito antiga — disse Sócrates — que as almas que deixam êste mundo vão aos infernos e que dêles voltam e tornam à vida, depois de haverem passado pela morte. Se assim é e os homens depois da morte volvem à vida, segue-se, necessàriamente, que as almas estão nos infernos (1) durante êste intervalo, pois não voltariam ao mundo, se lá não estivessem. Se vemos claramente que os vivos não nascem dos mortos, é prova suficiente de que elas existem; aliás, teríamos de buscar outras provas. Mas, para nos assegurarmos desta verdade, devemos examiná-la com relação aos animais, às plantas e a tudo que nasce: assim se verá que tôdas as coisas nascem da mesma maneira, isto é, de seus contrários, quando têm contrários. Por exemplo: o belo é contrário do feio, o justo, do injusto, e assim sucessivamente. Vejamos, pois, se há necessidade absoluta de que as coisas tenham contrário. Ora, quando uma coisa chega a ser maior, é necessário que, antes, tenha sido mais pequena, para crescer em seguida.

— Sem dúvida — respondeu Cebes.

— E quando chega a ser mais pequena, é preciso que tenha sido maior, para depois diminuir. Assim, o mais forte nasce do mais fraco e o mais rápido do mais lento. Pois bem; quando uma coisa chega a ser pior, ¿ não é porque era melhor? ¿ E quando chega a ser justa, não é porque era injusta ? Portanto, Cebes, está provado que tôdas as coisas provêem de seus contrários.

— É verdade, Sócrates.

— ¿ Mas não haverá sempre entre os contrários certo meio, duas transições dêste àquêle e depois daquêle a êste ? Entre uma coisa maior e outra menor, o meio é o aumento e a diminuïção. A um chamamos aumentar e a outro diminuir. O mesmo sucede com aquilo a que chamamos mistura, separação, aquecimento, esfriamento e demais coisas, até ao infinito. E embora às vezes não tenhamos tempo para exprimir tôdas estas espécies de trocas, sabemos por experiência que é de absoluta necessidade que as coisas nasçam umas das outras e que passem dumas a outras, por um meio.

— É inegável.

— ¿ E que a vida não tem contrário, como a vigília e o sono ? — prosseguiu Sócrates —. Qual é êsse contrário?

— A morte.

— Sendo estas duas coisas contrárias, ¿ não nascerão uma da outra ? E entre estas duas contrárias ¿ não há duas transições ?

— Porque não?

— Para mim te direi que a combinação das duas contrárias de que acabo de falar é o passo recíproco de uma à outra. Tu me explicarás a outra combinação. Digo, pois, àcêrca do sono e da vigília, que esta nasce daquêle e da vigília o sono, que a transição da vigília ao sono é o adormecer e a do sono à vigília é o despertar. Não é isto claro?

— Muito claro.

— ¿ Não dizes que a morte é o contrário da vida e que nascem uma da outra? ¿ Que nasce, pois, da vida ?

— A morte.

— ¿ E que nasce da morte?

— A vida.

— ¿ É então da morte — prossegue Sócrates — que nasce tudo o que vive e tem vida?

— Isso me parece.

— Por conseguinte, as nossas almas estão nos infernos, depois da morte. Mas um dos meios dêstes dois contrários é perceptível. Nós não sabemos o que é morrer.

— Evidentemente.

— ¿ Reconheceremos à morte a virtude de produzir o seu contrário ou diremos que, por êste lado, a natureza é falha ? ¿ Não é necessário que morrer tenha o seu contrário ?

— É necessário.

— ¿E qual é êsse contrário?

— Tornar a viver.

— Tornar a viver. Se há volta da morte à vida — continuou Sócrates — é dar essa volta. Por isso convimos em que os vivos não nascem menos dos mortos, que os mortos dos vivos, prova incontestável de que as almas dos mortos existem nalguma parte, donde tornam a voltar à vida.

— Parece-me — explicou Cebes — que é conseqüência necessária dos pricípios acordados.

— E parece-me, Cebes, que o não acordámos sem razão. Se todos estes contrários não se engendrassem recíprocamente, girando por assim dizer em círculo e não houvesse mais que uma produção directa

---

(1) Lugares inferiores.

ORAÇÃO DO CRENTE

por RAMOS PEREIRA

Misero farrapo, alma pecadora, eu olho à minha volta e só a Ti vejo, Senhor;
contemplo-Te no infinito dos Céus, na multidão dos Sóis e das Terras;
na majestade perturbadora do Tempo e na complexidade do Espaço;
na Beleza de Tudo que é a Tua Obra;
na própria consciência de minha alma, eu Te contemplo e adoro, ó Ser Absoluto!

Eu sinto o momento em que de Ti saiu o Verbo,
em que o Verbo se fêz em Energia e Pensamento,
em que a Energia causou a Matéria e os Mundos,
e com o Pensamento a Vida multímoda!
Eu sinto a onda do Teu Pensamento atravessar o Espaço,
reverberando na alma dos Eleitos e aclarando a dos decaídos.
Eu sinto e vejo uma Corrente de Vida saír da Matéria e por degraus penosos ir subindo até Ti,
com os olhos postos na Essência Espiritual Mais Bela que de Ti Saiu: — o Cristo da Terra.
Sim, Eu sinto e vejo, agora, aquilo que no passado me parecia utópico.

Eu sei, Senhor, que Tu És a Justiça, mas que também És a Bondade.
Eu sei que Tu Sabes perdoar e não condenar eternamente.
Eu sei... embora muitas vezes eu não saiba articular as hosanas que a minha alma canta.
Ouve, Senhor os gritos; Vê Senhor as lágrimas e o sangue que na Terra correm.
Baixa, ó Deus, sôbre esta Humanidade louca, um olhar de Misericórdia
e desperta no homem o Ideal do Cristo.
Senhor, Piedade! Perdoa aos homens as suas loucuras pelas dôres e pelas lágrimas das Mães;
levanta a humanidade, como um dia Teu Filho fêz a Maria Madalena!
Perdão, Senhor, perdão para Tudo que na Terra é a negação de Ti Próprio: — Injustiça, Crime, Guerra, Intolerância, Devassidão, Escravatura, Desigualdade, Ódio,
porque Tu, Senhor, És a Justiça... a Paz... a Tolerância... a Virtude... a Liberdade... a Igualdade... o AMOR!...

de um ao outro contrário, sem qualquer volta, do último ao primeiro contrário que o tivesse precedido, bem vês que tôdas as coisas teriam o mesmo aspecto, seriam da mesma maneira e cessariam por fim, de nascer.

— Como dizes, Sócrates ?

— Não é muito difícil de compreender. Se apenas houvesse o sono sem despertar produzido por êle, suceder-nos-ia como a Endimião: estaríamos submersos no sono. Se tudo estivesse misturado, sem que esta mistura produzisse separação, veríamos imediatamente o que ensinava Anaxágoras: «tôdas as coisas seriam ao mesmo tempo». Do mesmo modo, querido Cebes, se tudo o que recebeu vida chegasse a morrer, e uma vez morto permanecesse no mesmo estado sem voltar à vida, ¿ não se acabaria tudo, nada mais havendo que vivesse ? ¿ Pois das coisas mortas não nascem as vivas? ¿ E se as coisas vivas morrem, não é absolutamente inevitável que tôdas as coisas sejam, por fim, absorvidas pela morte?

— É inevitável, Sócrates. O que acabas de dizer parece-me incontestável.

— Também me parece, Cebes, que nada pode opôr-se a esta verdade e que não nos enganámos, ao admiti-la. É certo, pois, que há um regresso à vida, que os vivos nascem dos mortos, que as almas dos mortos existem, que as almas justas estão melhor e as injustas pior.

ILUSIONISMO E ESPIRITISMO

pelo Coronel Faure da Rosa

O hebdomadário inglês *Pearson's Weekly* de 4 de Janeiro de 1936 publicou um artigo em que se lê o seguinte repto, em grossos caracteres: «Eu desafio os espiritistas. — Deixem-me assistir a uma sessão... Deixem-me ver os espíritos trabalhar e eu publicamente me retratarei do que tenha dito contra o Espiritismo, — diz o célebre ilusionista Jasper Maskelyne».

Queixa-se o reptador de que já o avô e o pai — também prestidigitadores — tinham feito o mesmo desafio... com o mesmo resultado nulo, e pregunta porquê.

É de presumir que a pregunta — pelo visto há três gerações repetida — continui sem resposta. ¡Sabe-se lá porquê!

Maskelyne nota que é freqüente, duas ou três semanas depois do falecimento de alguma celebridade, aparecerem mensagens que os grupos espiritas atribuem ao desencarnado. Efectivamente, o reparo parece cabido: raras vezes os médiuns nos dão comunicações dos humildes, dos miseráveis. Entretanto, talvez estes últimos tivessem e tenham mais ensinamentos a dar-nos do que aquêles que foram grandes homens e potentados na Terra.

Conta Maskelyne, actual representante de três gerações de ilusionistas, que o distinto sacerdote Archdeacon Colley pretendia ter visto um espírito em Bloomsbury e que o mesmo sacerdote oferecera mil libras a seu avô se êle fôsse capaz de reproduzir fenómeno idêntico. O neto afirma que o avô conseguira reproduzi-lo e, por isso, reclamara as mil libras. Mas, como o sacerdote não estivesse de acôrdo, o caso fôra levado ao tribunal que, por fim, julgou improcedente a reclamação do avô Maskelyne, não obstante — diz o neto — a imprensa e o público dessa época, terem dado razão ao avô. É que nem sempre a «voz do povo é a voz de Deus».

Mais adiante, escreve: «Quando meu avô estava prestes a morrer, chamou meu pai para junto a si. «Eu quero dar ao Espiritismo uma prova da minha sinceridade — disse o moribundo ao filho. — Quando estiver do «outro lado», eu hei-de procurar comunicar contigo. Deita-te na minha cama uns poucos de dias depois da minha morte; rodeia-te das coisas de meu uso e vê se consegues obter uma mensagem».

Durante uma semana, assegura Maskelyne neto, estivera o pai, J. Nevil Maskelyne, deitado na cama e nada conseguira que se parecesse com uma mensagem. Ao que julgo, isto vem a pêlo para demonstrar a impossibilidade de comunicação dos vivos com os desencarnados. Se assim é, o argumento tem pouca consistência. ¡Sabe-se lá porque foi que o sr. Maskelyne não pôde comunicar com o pai!

O que era e é preciso, é que o Sr. Maskelyne filho prove que ainda ninguém conseguiu tal comunicação, ou, então, que alguém lhe prove tê-la já conseguido...

William James, filósofo americano, no discurso que, em 1894, proferiu na Sociedade de Investigações Psíquicas, de Londres, em resposta à negação dogmática dos sábios, teve estas frases que ficaram célebres: «*Se quiserdes revogar a lei de que todos os corvos são pretos, não precisais demonstrar que não há corvos; basta provar que existe um corvo branco. O meu único corvo branco é a Sr.ª Piper*»...

À semelhança de James, vou mostrar alguns dos «corvos brancos» que conheço.

Frederico Myers, autor do livro *Human Personality and its Survival of bodily Death* fizera um pacto com William James: o primeiro dêles que partisse para o Além deveria enviar ao outro uma mensagem, mal deixasse êste mundo. Em 1901, em Roma, aconteceu que Myers, um dia, adoeceu gravemente do coração. O médico Axel Munthe, (1) chamado para conferenciar com o assistente, e que era amigo de Myers, declarou-lhe que êle morreria naquêle mesmo dia.

— Sinto-me feliz, retorquiu Myers. Estou preparado, sem nenhum receio. Vou, enfim, saber. Diga a James, diga-lhe...

William James, estava tão acabrunhado pela dor que não teve coragem de entrar no quarto do doente: deixara-se cair numa cadeira junto da porta aberta, com um livrete

(1) *O Livro de San Michele*, de Axel Munthe, tradução de Jaime Cortesão.

de notas sôbre os joelhos e de pena na mão prestes a escrever a mensagem com a sua habitual e metódica precisão.

O Dr. Axel Munthe debruçou-se sôbre o moribundo e preguntou-lhe se sofria.

— Não, murmurou Myers; sinto-me muito abatido e muito feliz.

O Dr. Munthe diz que foram estas as suas últimas palavras, e acrescenta:

«Quando saí, James continuava na cadeira, com o rosto entre as mãos e o caderno aberto sôbre os joelhos. A página estava em branco.

Em Janeiro de 1931 foi entregue ao Dr. Osty (1) um grande sobrescrito em que estavam escritas estas palavras: «Em caso de morte, deve esta carta ser entregue ao Dr. Osty. R. Santoliquido» (O Professor Santoliquido, conselheiro de Estado de Itália, foi, até 1928, Presidente do Conselho de Administração do Instituto Metapsíquico). Êste primeiro sobrescrito continha um outro no qual o Dr. Geley escrevera: «*dossier*» *organizado pelo Dr. Geley; para abrir só depois da minha morte e no caso de manifestação da minha parte.*

O Dr. Osty, a título de experiência, no n.º 1 da *Revue Metapsychique* de 1933, pedia aos médiuns:

1.º — Que dessem a conhecer o conteúdo da carta;

2.º — Que realizassem o que nessa carta lhes fôsse pedido.

O Dr. Gustave Geley morreu, dum desastre de avião, em 1924.

Nenhuma comunicação até Junho de 1934 foi recebida que satisfizesse o pedido do Dr. Osty.

Admitamos que um médium qualquer tivesse podido ler o que continha a carta em causa. ¿Não apareceriam cientistas insatisfeitos que dissessem que o médium podia ter ido ler à «memória cósmica»?

Para os adeptos, esta «memória cósmica», é uma registadora universal onde tôdas as vibrações estão gravadas indelèvelmente... e, assim, *tudo* seria explicável quanto a recordações; mas o problema subsistiria quanto às acções inteligentes executadas no momento em que se fala, quer de realizações imediatas quer futuras.

¿E porque não admitir, também, a possibilidade das vibrações do pensamento de Geley, ao escrever a carta, terem sido recebidas e arrecadadas no famoso subconsciente dum vidente na Terra que com êle estivesse em «relação psíquica», e onde o médium, depois fôsse ler?

«*A dúvida fecunda* — escreve Bozzano — *mas orientada cientificamente para a solução espiritualista do grande mistério,* parece o estado psicológico mais apropriado ao progresso material e moral das gerações actuais».

«A certeza não depende da vontade de cada um. Quando se vêem, mesmo com deslumbrante nitidez, factos estranhos, inabituais, apesar da dúvida que nos invade, no próprio momento em que o facto se verifica, nós ficamos convencidos e sòlidamente convencidos; mas, bem depressa tal solidez diminui. Ao cabo de algumas horas, de algumas semanas, e, com muito mais razão, de alguns anos, a certeza do facto observado — se é único e inverosímil — acaba por se evaporar. E é pena...» (2).

A certeza adquirida a que falte o apôio da fé, vacila como edifício assente em frágil alicerce, e vem a cair na dúvida, que, quando não é fecunda, gera a descrença.

Frederico Myers, quási no próprio instante da sua partida para o Além, dizia ao médico e amigo Dr. Axel Munthe, contente, feliz: «Vou, enfim, saber... Diga a James...», esperando poder comunicar com... êle, imediatamente, conforme o pacto estabelecido entre ambos.

A promessa não se cumpriu... Porquê?...

¿Que capacidade de execução podem ter no Além as promessas feitas na Terra?

Só o Dr.Gustave Geley sabia o que escrevera num papel e deixara encerrado dentro dum sobrescrito lacrado, o qual deveria ser aberto sòmente se se desse qualquer manifestação *post mortem* do seu autor. Como até 1931 nenhuma manifestação do espírito desencarnado se produzisse, o Dr. Osty resolveu fazer uma experiência com os médiuns espiritas. Nenhum médium revelou o que continha a carta lacrada do Dr. Geley... ¿Porquê?

¿Não se têm produzido fenómenos, senão de identidade perfeita, pelo menos semelhante?

Oliver Lodge, reitor da Universidade de Birmingham, fêz a seguinte afirmação em 22 de Novembro de 1914 (3): «Eu tenho conversado com defuntos meus amigos, exactamente como o posso fazer com qualquer pes-

(1) *Revue Metapsychique,* n.º 1, de 1933, e n.º 6, de 1934.

(2) *La Grande Espérance,* por Charles Richet.

(3) *Annales des Sciences Psychiques,* de Janeiro de 1916.

soa. Êsses amigos, como homens de ciência que eram, forneceram-me a prova da sua identidade, a prova de que eram realmente êles e não uma personificação ou outra coisa qualquer emanante de mim mesmo».

No se livro *Raimundo ou a Vida e a Morte,* o mesmo sábio, Oliver Lodge, relata manifestações do filho Raimundo depois de ter morrido no «front» francês, em 16 de Setembro de 1915, na colina de Hoodge, onde fôra atingido por estilhaços de obus.

Jorge Pelham, amigo do Dr. Hodgson, prometera em vida que depois do seu falecimento enviaria comunicações do Além, utilizando a faculdade mediúnica da Sr.ª Piper. Depois da desencarnação. Pelham incorpora na Sr.ª Piper e reconhece, um a um, trinta dos seus amigos, com os quais falou como o teria feito na vida terrestre. Com o Dr. Hodgson discutiu filosofia durante anos. O Professor Dr. Charles Richet, confirma que Jorge Pelham reapareceu psicològicamente todo inteiro e se referiu ao que viu, disse, fêz e ouviu durante a sua vida terrestre.

Staiton Moses, sacerdote duma rara penetração de espírito e duma lealdade absoluta, em sessão mediúnica na biblioteca do Dr. Speer, pediu ao espírito que, por seu intermédio, comunicava psicogràficamente, que lêsse o último parágrafo da página 94 do penúltimo livro da segunda prateleira de tal estante e afirmou: «Eu não sei de que livro se trata e até ignoro o título do livro». Minutos depois, o espírito comunicante ditou o seguinte parágrafo: «Provarei com uma resumida referência histórica que o papado é uma novidade, que, gradualmente, se elevou e engrandeceu desde os tempos primitivos do Cristianismo puro, não só desde o tempo dos apóstolos, mas, até, desde a lamentável união da Igreja e do Estado por Constantino».

O livro em questão era uma obra excêntrica que tinha por título — *Roger's Antipopo — priestian,* frase seguida de outros nomes ainda mais arrevezados. Verificou-se que o trecho lido estava certo, excepto quanto à palavra *narrativa* que substituira a palavra «account». Staiton Moses preguntou como encontrara êle frase tão apropriada, ao que o espírito respondeu que por mera coincidência; que a palavra fôra mudada por engano e que se apercebera disso, mas não a quisera corrigir... Em seguida declarou que ia ler mais uma vez: que escrevesse êle, Staiton Moses, o que lhe fôsse ditado e depois daria as indicações precisas para se encontrar o livro respectivo... E ditou assim: «Pope foi o último grande escritor desta escola de poesia, a poesia da inteligência, ou antes, da inteligência combinada com a imaginação...»

Dirigindo-se a Staiton Moses, disse: «Vá buscar o décimo primeiro livro à mesma prateleira da mesma estante». Tirado o livro viu-se que o título era *Poesia, Romance e Retórica.* Aberto o livro na página indicada pela inteligência comunicante, ali se encontrava o trecho ditado. Staiton Moses assegura que nunca vira aquêle livro e não podia ter a menor idéia do que nêle se continha.

¿Porque não poderão, então, os médiuns de agora ler o que contém a carta do Dr. Geley?

¿Porque não comunicou Myers com James?

¿Porque não comunicou Maskelyne pai, com o filho?

«Quando um químico ou um fisiologista faz uma experiência, — escreve Richet — se tôdas as condições de realização estiverem bem determinadas, essa experiência terá bom êxito. Mas não acontece o mesmo com a experimentação da faculdade mediúnica. «Os mais poderosos médiuns que em dez experiências tenham produzido resultados admiráveis, podem falhar, completamente, na undécima, na duodécima e na décima terceira, não obstante tôdas as condições de experimentação terem sido aparentemente idênticas».

¡Se pudéssemos falar com os viventes do Além, por meio do aparelho mediúnico, como falamos com os viventes da Terra por meio do aparelho telefónico!...

O valor teórico de cem experiências *negativas* fica literalmente anulado por uma só experiência positiva bem observada — afirmou William Crookes.

E Bergson era da mesma opinião: «Em certos casos, a prova estatística nada significa: uma única experiência perfeita é bastante». Howard Thurston, um dos mais célebres médiuns dos Estados Unidos, confessou publicamente a sua fé no Espiritismo. Will Goldson, do *Magian's Club,* afirma ter conversado, muitas vezes, com a irmã falecida.

Harry Prince, prestidigitador convertido ao Espirtismo, assegura que há prestidigitadores que são médiuns sem o saberem, como Houdini e Howard Thurston declararam que era o seu caso. Stuart Cumberland, ledor do pensamento, confessou que, durante as suas representações, sentia-se invadido por um poder que não sabia explicar.

Os «corvos brancos», afinal, abundam; e bastava um só para a demonstração.

Os Primeiros discípulos e a pesca maravilhosa

por Henrique Magalhães

Entrando num dos barcos que era o de Simão, pediu-lhe que o afastasse um pouco da terra, e, assentando-se, ensinava do barco à multidão. Quando acabou de falar, disse a Simão: Faze-te ao mar alto e lança as rêdes para pescar.

Respondendo, Simão disse-lhe: Mestre, havendo trabalhado tôda a noite, nada apanhamos; mas, sôbre a tua palavra lançarei a rêde. E fazendo assim, colheram uma grande quantidade de peixes, e rompia-se-lhes a rêde. E fizeram sinal aos outros companheiros que estavam no outro barco, para que os fôssem ajudar. E foram e encheram os barcos, de maneira tal, que quási iam a pique.

Vendo isto Simão Pedro, prostrou-se aos pés de Jesus, dizendo: Senhor, ausenta-te de mim, que sou homem pecador. Pois que o espanto se apoderava dêle e de todos os que com êle estavam, por causa da pesca de peixe que haviam feito.

TEMOS assistido a palestras em que alguns confrades afirmam nada adiantarem os fenómenos espiritas. Em sua opinião, sòmente a conversão pelo Evangelho é que toca os corações. Somos, ao contrário, de opinião de que todos os factores servem para despertar as almas adormecidas. Se é certo que alguns só se deixam abalar com o Evangelho, não menos certo é que outros só se deixam tocar pelos fenómenos. O estudo dos fenómenos os levarão depois ao estudo do Evangelho. O fenómeno, nêsses casos, serve de veículo.

Kardec, Richet, Crookes, Lodge e tantos outros esteios do Espiritismo converteram-se pelo fenómeno. Não devemos, pois, condenar êste processo de conversão; devemos estimulá-lo, visto haver muitas criaturas, principalmente cientistas, que só se transformarão à vista do fenómeno.

Mundo Espirita tem-nos dado informações deta-
os materialistas.
lhadas àcêrca do desenvolvimento dêste fenómeno, ali para os lados da Gávea.

Foi uma notícia alviçareira. Oxalá os confrades que estão à frente dêsse empreendimento continuem a desenvolver a sua célula de trabalho, expandindo, se possível, os fenómenos em tôdas as suas fases e manifestações. Podemos dizer que é trabalho de sapadores, bastante útil, principalmente para

O momento é de acção geral. Não são sòmente os simples que devem ser chamados, mas, sim, tôdas as criaturas de Deus. Objectarão que muitos assistem ao fenómeno não lhe dando a devida importância, esquecendo-se, por fim, do facto. Temos de convir que é verdade, mas não menor verdade é que outros assombrados ficam com as observações feitas, procurando no estudo a causa da manifestação do fenómeno, e êste estudo os leva ao Evangelho e à crença em Deus.

Como vimos acima, o próprio Jesus usou do fenómeno para despertar alguns dos seus discípulos. E afinal o Evangelho é farto nestes assuntos. Se estudarmos com atenção, lá encontraremos muitos factos desta natureza. Por exemplo, encontramos isto na ressurreição de Lázaro:

— Disse Jesus: Tirai a pedra.

Marta, irmã do defunto, disse-lhe: Senhor, já cheira mal, porque é de quatro dias. Disse-lhe Jesus: ¿Não te hei dito que, se creres, verás a glória de Deus?

Tiraram pois, a pedra. Jesus, levantando os olhos para o Céu, disse: Pai, graças te dou, por me haveres ouvido. Eu bem sei que sempre me ouves, mas eu disse isto por causa da multidão que está em redor, *para que creiam que tu me enviaste*. E tendo dito isto clamou em alta voz: Lázaro, sai para fora. E o defunto saiu, tendo os pés e as mãos ligados com faixas, e o seu rosto envolvido num lenço. Disse-lhes Jesus: desligai-o e deixai-o ir.

Devemos raciocionar êste detalhe: — «Pai, graças te dou por me haveres ouvido. Eu bem sei que sempre me ouves, mas eu disse isto por causa da multidão que está em redor, para que creiam que TU ME ENVIASTE». É claro que Êle refere-se à manifestação do fenómeno. Por causa dêste fenómeno, — dizem os Evangelhos, — muitos dos judeus que estavam no local, vendo o que Jesus fêz, creram Nêle. — Assim, pelo processo do fenómeno, levou Êle muitas criaturas a crerem na sua doutrina de amor. Sirva-nos de modêlo em tôdas as nossas acções e trabalhos, o Divino Pastor. Saibamos aproveitar as suas lições, aplicando-as aos nossos irmãos. Cada cabeça, cada sentença. A êste toque-se-lhe o coração com o Evangelho. Àquêle outro despertem-se-lhe as fôrças adormecidas, com o fenómeno. Assim, chamar-se-ão todos ao cumprimento do dever, embora para isso se tenham de seguir diferentes caminhos, porém, todos nos levarão ao aprisco do Senhor, nas suas várias modalidades.

RESUMO DA DOUTRINA ESPIRITA (*)

(Espiritismo evolucionista)

Tradução de I. D. S.

pelo Dr. Gustave Geley

VIII

Provas indirectas

Acôrdo da Doutrina Espirita com as ciências — Acôrdo com as ciências naturais — O transformismo — Acôrdo com a Astronomia — Acôrdo com a Física e a Química — Acôrdo com a Fisiologia — Uma página de Claude Bernard — Acôrdo com a Psicologia teórica e experimental — Acôrdo com o hipnotismo — Os desdobramentos da personalidade — O sonambulismo — A clarividência — A leitura do pensamento — A telepatia — A possibilidade do esquecimento momentâneo — Acôrdo com a Patologia — Acôrdo com a Filosofia — União do Espiritismo e do Materialismo — Espírito, fôrça e matéria, são fases da unidade criadora. Involução e evolução — Os sistemas filosóficos que mais se aproximam do Espiritismo — O Monismo.

O Espiritismo encontra uma prova indirecta de apôio no acôrdo possível e fácil desta crença com tôdas as ciências e na explicação simples que dá de muitos factos que permanecem obscuros no domínio das mesmas.

Com as ciências naturais, o acôrdo é absoluto.

O transformismo, em abono do qual se acumulam diàriamente mais provas e que vai deixando de ter adversários entre os homens verdadeiramente cultos e inteligentes, dá à teoria da evolução anímica, inseparável da evolução orgânica, uma semelhança indiscutível.

E mais: impõe aos espiritualistas a aceitação da seguinte evolução da alma: *A natureza nunca dá saltos, quer no campo físico, quer no campo moral.*

Pelo contrário, apresenta-nos, em todos os casos e em todos os aspectos, o exemplo e o espectáculo de transições insensíveis, desde as formas inferiores da vida e da inteligência, às formas superiores e elevadas.

De modo que é preciso insistir sempre nêste ponto:

A doutrina da evolução anímica *suprime tôdas as objecções aparentes feitas ao Espiritismo pelos grandes descobrimentos das ciências naturais,* isto é, a objecção baseada na estreita correlação que existe entre o desenvolvimento dos centros nervosos e a extensão da consciência, bem como a objecção baseada na impossibilidade de conceber o espírito e a matéria, como coisas isoladas e distintas.

Por outro lado, a noção de evolução psíquica explica muito bem a conservação dos progressos orgânicos que a selecção natural nos impedia de conhecer suficientemente.

Completado assim, o transformismo constitui magnífica síntese que pode abarcar todos os nossos conhecimentos e que liga o passado ao presente, condensando tôdas as nossas aspirações futuras.

E, singular coïncidência: o Transformismo e o Espiritismo apareceram quási na mesma época.

Doutrinas aparentemente contraditórias, a primeira foi admitida com entusiasmo pelos materialistas, julgando que apoiavam as suas idéias em base científica; em compensação, o Espiritismo foi acolhido como vaga esperança pelos espiritualistas que já sentiam vacilar as suas velhas crenças.

Contudo, ambas as doutrinas parece conciliarem-se na hora actual, precisamente a expensas do materialismo pessimista e do espiritualismo religioso.

Ao ensinar que a evolução se não exerce exclusivamente no nosso globo, mas que se verifica também numa série incontável de mundos, o Espiritismo está de acôrdo com a Astronomia, que nos prova a insignificância do nosso planeta no Universo e nos apresenta, além disso, a hipótese interessantíssima da probabilidade de que

(*) Ver *Estudos Psíquicos* de Novembro de 1943 a Julho de 1944.

outros mundos estejam igualmente habitados como a Terra (1).

De acôrdo também com os preceitos da Física e da Química, a doutrina espirita faz-nos entrever a unidade de matéria e a unidade de fôrças.

O grande descobrimento da matéria radiante permite, aliás, a compreensão fácil da constituïção do corpo astral.

Finalmente, os nossos conhecimentos àcêrca da constituïção molecular dos corpos permitem-nos não considerar como absurdos, improváveis ou impossíveis, os fenómenos de materialização e desmaterialização.

Já indicámos o apôio que os ensinamentos dos espíritos encontram no domínio da Fisiologia.

A noção da fôrça perispirital explica claramente o agrupamento na fôrça orgânica de número infinto de moléculas que constituem o nosso corpo e as relações do físico com o moral.

Doutro ponto de vista, a doutrina permite compreender as diferenças capitais que separam o *funcionamento do pensamento no organismo* das verdadeiras *funções orgânicas*.

Mas a teoria do perispírito é que se adapta admiràvelmente às demonstrações feitas pela Fisiologia.

Escutemos o que diz Claude Bernard a respeito da formação orgânica (2):

«Na evolução do embrião, vemos primeiramente aparecer um simples esbôço do ser, antes de qualquer outra organização. Os contornos do corpo e dos órgãos vêem-se a princípio simplesmente esboçados, começando por ligeiríssima estrutura orgânica provisória, que servirá de ponto de apôio aos aparelhos funcionais do feto. Nenhum tecido se distingue fàcilmente. Tôda a massa do futuro ser é constituída exclusivamente por células plasmáticas e embrionárias. Mas nêste bosquejo do futuro ser já está traçado o *plano ideal* dum organismo ainda invisível para nós, plano que designou de antemão um lugar para cada elemento, cada propriedade e cada órgão. Ali, onde devem ir aparecendo sucessivamente vasos sanguíneos, nervos, músculos, ossos, etc., as células embrionárias transformam-se paulatinamente em glóbulos vermelhos, em tecidos arteriais, venosos, musculares, nervosos e ósseos».

E noutra parte continua a dizer o ilustre Claude Bernard:

«O que é simplesmente do domínio da vida e que nem pertence à Química, nem à Física, nem a qualquer outra ciência, é a *idéia directriz* desta acção vital maravilhosa. Em todo germe vivente há uma idéia directriz que se desenvolve e manifesta pela organização. E durante tôda a sua vida, o ser permanecerá sob a influência dessa *fôrça vital criadora*... Outrotanto pode dizer-se da consciência que o ser vivo conserva, ao reconstituir as partes viventes desorganizadas pelo exercício, ou destruídas pelos acidentes ou pelas enfermidades».

Se pasarmos ao campo da Psicologia, o Espiritismo constitui um guia esplêndido, em presença das dificuldades de tôda a espécie que ela nos apresenta.

A noção das existências sucessivas ajuda a compreender as desigualdades consideráveis que se observam nas consciências humanas; desigualdade de inteligência, de sensibilidade moral ou afectiva, que nem os esforços individuais, nem a influência tão poderosa do meio ambiente, nem a hereditariedade bastam para explicar.

As diferenças entre a hereditariedade física e a psíquica são tão grandes, que só encontram interpretação possível na hipótese das vidas anteriores do ser humano.

¿Como explicar doutra maneira a distância física e moral que às vezes separa dois irmãos nascidos de mesmos pais e criados no mesmo ambiente e nas mesmas condições?... ¿Como compreender a diferença entre a capacidade (às vezes total num sentido ou noutro) ou incapacidade física ou moral dum filho e as de seus pais?... (3)

A reencarnação explica também o fenómeno dos meninos-prodígios, como Pascal e Mozart, e permite tornar mais fàcilmente inteligível a complexidade do *eu* pensante — a síntese psíquica.

---

(1) A persistência da vida intelectual, da consciência e da memória, associam-se maravilhosamente com a realidade esplêndida das regiões ultra-terrestres... Cada estrêla lança com sua luz um raio de esperança em mil corações. (Flammarion — «As terras do céu».

(2) Claude Bernard: «Introdução à Medicina Experimental» (citação tirada da obra do sr. Delanne, «A Evolução Anímica»).

(3) Quanto mais adiantado é o espírito — diz Chaigneau — mais pessoal é o seu carácter e mais independentemente se manifesta das condições de hereditariedade.

Todavia, no campo da psicologia experimental é onde encontramos maior número de provas favoráveis à doutrina espirita.

Os fenómenos do hipnotismo, do sonambulismo e do desdobramento da personalidade; a telepatia, as manifestações elevadas da subconsciência, etc., ainda não estão suficientemente explicados pela ciência. Nada mais estranho, por exemplo, do que a dificuldade de interpretação, pelo materialismo, dos desdobramentos da personalidade e dos fenómenos que lhe são afins.

Assim, se se realizar a observação do doutor Azam em Félida, ver-se-á o autor invocar sucessivamente o funcionamento autónomo dos glóbulos cerebrais, o que, aliás, só se aplica às personalidades múltiplas; o sonambulismo total; o simples fenómeno de vasodilatação ou de vasocontracção na circulação do cérebro; e, por último, teremos de gritar com o ilustre Doutor Azam (1):

— ¡Não se dissiparam as nossas dúvidas! ¡Não se dissiparam as dificuldades! ¡Êste campo de investigações dá com um homem em doido!

Quanto às experiências do hipnotismo superior, devemos dizer que são menos penetráveis à fisiologia materialista, porque esta só emite hipóteses sôbre hipóteses, sem nos propor ou oferecer a mínima prova.

Se, pelo contrário, admitirmos a teoria espirita, tudo se esclarece e ilumina.

A hipnose é apenas a causa que separa o princípio psíquico do corpo (2).

No começo da *exteriorização*, desaparece a sensibilidade da pele e das mucosas, não se sente fadiga muscular e o indivíduo pode suportar durante muito tempo as mais fastidiosas posições do corpo (3).

Ao mesmo tempo, a sensibilidade localiza-se fora do corpo, a pequena distância e em linhas de exteriorização muito fixas e regulares (De Rochas).

O *sentido único* aparece de modo evidente; e, por meio dêle, o hipnotizado se comunica com o mundo exterior. Vê, ouve e percebe, não pelos sentidos corporais e ordinários, mas pelo sentido único que, nêsse momento, está espalhado por todo o corpo, sôbre todos os pontos da epiderme. Daqui, essas manifestações bizarras dos sentidos dos hipnóticos, que todos êles têm comprovado e que em vão alguns pretendem explicar por simples hiperestesia individual.

M. de Rochas conseguiu estudar o desdobramento do indíviduo nos estádios profundos da hipnose e descreve a formação, à direita e à esquerda dêle, de um fantasma duplo, que depressa se condensa num fantasma único.

Os fenómenos de ordem intelectual explicam-se claramente por esta exteriorização. A princípio, obscurecimento e turbação da consciência normal e da inteligência, que se separa do seu instrumento cerebral, donde nasce a *fadiga da sugestão*.

«Já não há cérebro nem pensamento para a percepção ou para o pensamento, mas a percepção e o pensamento podem ser exercidos por todo o organismo do indivíduo. Nêste estado e graças ao éter ambiente, cujas vibrações se exercem em uníssono no seu éter anímico exteriorizado, o indivíduo pode dar relação duma série de factos passados, presentes, e até me atreveria a dizer também futuros» (Dr. Gibier: «Análise das Coisas»).

Assim se explica a vista a distância e a leitura do pensamento.

Durante esta separação momentânea e relativa do organismo, a personalidade normal desaparece; as recordações reaparecem em tropel e a subconsciência tem importância capital.

O valor da subconsciência tem que explicar-se pelo grande número das existências vividas.

As faculdades superiores, isto é, a própria clarividência, explicar-se-ão pela superioridade do *eu real* exteriorizado sôbre a personalidade normal que constitui a sua união com o corpo actual.

Quanto à comprovação das personalidades múltiplas no mesmo indivíduo, quer nos estádios hipnóticos, quer na vida ordinária, principalmente tratando-se de pessoas predispostas, ela nada tem de estranho, segundo a doutrina das vidas anteriores (4).

---

(1) Azam: «Hipnotismo e Dupla Consciência».

(2) Ver as obras: «Análise das Coisas», do Dr. Gibier, e «Exteriorização da Sensibilidade» e «Estudo àcêrca dos Fantasmas dos Vivos», de M. de Rochas. («Anais das Ciências Psíquicas», 1895).

(3) O que não quere dizer que os músculos não sofram fadiga, do mesmo modo que a anestesia clorofórmica suprime a dor, não impedindo, contudo, as conseqüências da operação.

(4) É preciso distinguir estas personalidades inegáveis, verdadeiras, espontâneas e originais, das personalidades falsas e fictícias que se provocam

A telepatia, de que tantos e tantos exemplos se têm apresentado até agora (1), pode ter uma destas três origens:

1.ª Acção de pensamento a pensamento, ou clarividência.

2.ª Vista a distância, durante o sonho, por êxodo ou translação do corpo astral.

3.ª Acção anímica ou espirita.

Nêste último caso, o perispírito, depois do abandono absoluto ou relativo do corpo, poderia arrastar consigo algumas moléculas materiais, afim de influenciar uma ou mais pessoas, a quem o desencarnado tivesse exteriorizado desejos de se manifestar ou aparecer.

Esta explicação é tanto mais verosímil, quanto é certo que, a-miúde, o fenómeno telepático se produz após morte violenta ou por acidente. A vítima, depois de abandonar prematuramente um organismo que as enfermidades não haviam podido esgotar por completo, pode conservar, embora por instantes, alguns elementos materiais do seu antigo organismo.

Se o Espiritismo nos dá a chave de muitos fenómenos de psicologia experimental ou teórica, em compensação, esta última ciência explica-nos certas dificuldades de compreensão que ainda se encontram na teoria espirita.

Há semelhança entre determinados factos espiritas e hipnóticos, como, por exemplo, o transe, a sugestão, o automatismo, etc., etc. E às vezes não há apenas semelhança, mas verdadeira assimilação duns e doutros factos, visto que o efeito produzido é o mesmo, quer a causa da influência obedeça a magnetizador terrestre ou a magnetizador desencarnado.

Os estudos da Psicologia provam-nos também a possibilidade da perda momentânea da memória do passado, que nos impede de recordar as encarnações precedentes.

Os esquecimentos aparentes são constantes no decorrer da nossa vida normal (2). E ao despertar também não é freqüente recordar o objecto dos nossos sonhos.

Por outro lado, ao longo da nossa vida só nos lembramos dos acontecimentos mais importantes. A maioria dos factos ou os eventos que nos têm impressionado os sentidos desaparecem-nos paulatinamente da memória; mas, na realidade, mantêm-se integralmente e podem reaparecer, quando dadas circunstâncias (por exemplo, a expectativa de perigo iminente que ponha em perigo a existência) nos excitam as faculdades conscientes.

Notamos ainda o *esquecimento completo dos factos verificados durante o sono hipnótico,* que provam claramente a imperfeita união entre a alma e o corpo.

A alma, ao entrar de novo no corpo, perde a lembrança dos factos verificados, da mesma forma que perde tôda a lembrança do passado, quando toma conta de novo corpo.

Insistimos, sobretudo, nas observações relativas a *personalidades sucessivas exercidas no mesmo indivíduo,* que se manifestam em períodos sucessivos de duração variável e que de tal maneira se *ignoram recìprocamente,* que o indivíduo, permanecendo num dêsses estádios, nada sabe do que fêz em qualquer dos anteriores. Além disso, apresenta várias consciências e não tem noção da sua situação real e verdadeira.

Ninguém deve, portanto, admirar-se de que, ao apoderarmo-nos de novo organismo, esqueçamos o passado que vivemos anteriormente.

No entanto, vamos demonstrar que tal esquecimento é verdadeiramente necessário para nós, pois nos permite não só o livre desenvolvimento noutros meios, como também a execução de trabalhos diferentes dos que antes havíamos realizado. Êste esquecimento também nos permite não ser molestados nem solicitados por recordações penosas, comparações deprimentes, amizades e rancores passados. E para evitarmos a tendência para trabalhos rotineiros e para as mesmas ocupações, é indispensável abandonar hábitos adquiridos e favorecer a nossa evolução.

A própria Patologia utilizará as noções do Espiritismo.

Não é possível prever tôdas as conseqüências desta formosa doutrina, sobretudo no campo da terapêutica; mas podemos vaticinar que o Espiritismo dissipará, com o tempo, muitas obscuridades patogénicas.

---

nos indivíduos hipnotizados (experiências de Richet) e que respondem geralmente a um tipo comum e bem conhecido: o tipo do bispo, do actor, do guarda de segurança pública, etc.

(1) Ver «Alucinações Telepáticas», de Gurney, Myers e Podmore, extraídas dos «Phantasms if the Living», por L. Mariller e

(2) Veja-se o notável estudo de P. Janet: «O Automatismo Psicológico», sobretudo o capítulo *O esquecimento e as diversas existências psicológicas.*

Na patologia nervosa, por exemplo, certos factos de possessão, de alucinação, certos fenómenos de neuroses diversas, até alguns casos de loucura, talvez recebam do Espiritismo — e não tardará muito—interpretação racional e aceitável.

O histerismo poderia explicar-se fàcilmente através do estudo científico do perispírito.

Os fenómenos de carácter caprichoso ligados à sensibilidade, a faculdade motriz ou as faculdades intelectuais dos histéricos poderiam explicar-se por funcionamento defeituoso da fôrça perispirital, pela incompleta união entre a alma e o corpo.

Segundo esta hipótese, os neurópatas inferiores, os histéricos vulgares, seriam individualidades ligadas a corpos demasiado perfeitos para elas e de que se serviriam mal, quere dizer, semelhantemente a qualquer máquina demasiadamente boa para mecânicos rudimentares.

Os neurópatas superiores, pelo contrário, teriam organismos demasiado grosseiros para êles. Nêste caso, a máquina não corresponderia à perfeição e à ciência do mecânico que a conduz.

Pensem o que quiserem desta hipótese. Não poderão negar que é menos estranha do que a dos degenerados superiores.

Enfim, para completar o perfeito acôrdo da doutrina espirita com as diversas manifestações da actividade intelectual do homem, façamos incursão no campo da Filosofia, onde poderemos observar coisas interessantíssimas.

Por agora, a noção de perispírito suprime a grave objecção feita em todos os tempos ao Espiritualismo, relativamente à dificuldade de conceber a própria alma, sem forma alguma definida.

Logo, o Espiritismo oferece campo de reconhecimento ao Materialismo e ao Espiritismo.

Desde o momento em que a teoria espirita diz que *espírito, fôrça e matéria* andam sempre unidos e são inseparáveis, e que, isolados, não podem ter vida própria, a doutrina espirita pode ser imediatamente admitida *pelos que fazem da inteligência produto da evolução avançada da matéria e pelos outros que sustentam que a matéria é, pura e simplesmente, a manifestação do Espírito* (1).

(1) A fôrça, quer numa, quer noutra hipótese, constitui o princípio intermediário.

Conan Doyle

No dia 7 de Julho passado decorreu mais um aniversário da desencarnação do grande espirita Arthur Conan Doyle, famoso escritor inglês popularizado em todo o mundo, devido às novelas policiais de *Sherlock-Holmes,* que fizeram as delícias de duas gerações de adolescentes.

Se hoje vivesse na Terra, teria 87 anos de idade. Romancista, crítico literário e médico pela Universidade de Edimburgo, teve a coragem de enfileirar nas hostes espiritas e de proclamar alto e bom som as consolações recebidas.

Realizou inúmeras conferências em Inglaterra, Estados Unidos da América e nos Domínios Inglêses, chegando a falar em reüniões de 5.000 pessoas que o escutavam entusiasmadas.

Quando pertenceu à Câmara dos Comuns, envidou esforços no sentido de modificar a célebre *lei da vagabundagem, que tantos* malefícios tem causado a médiuns honestos.

Escreveu «A Nova Revelação», «No Limiar do Desconhecido». «Peregrinações dum Espiritista», «A Mensagem Vital» e a Fotografia Espirita Corroborada pela Evidência», além de muitos artigos doutrinários. O primeiro dêstes livros contém a sua profissão de fé.

Ao eminente pioneiro, a quem a seu tempo prestaremos a devida homenagem, os nossos pensamentos de admiração e saüdade.

A PALAVRA «IMPOSSÍVEL»

A palavra «impossível» que hoje nos disparam quando falamos em experiências espiritas, mostra apenas que as leis conhecidas não bastam para explicá-las. Tai experiências dependem, portanto, de leis que ainda ignoramos. Mas como nada há de impossível fora das matemáticas puras, a palavra «impossível» não existe para o fisiologista, que tudo faz depender exclusivamente da experiência.

O fisiologista só pode criticar os métodos de investigação. Logo que verifique um facto, já não tem o direito de usar da crítica; pelo contrário, terá de confessar que está diante duma lei nova, que deu origem a um fenómeno real, possível.

Carl Du Prel

O Sanatório Espirita de Uberaba

A loucura é um dos maiores flagelos da humanidade. Depois de arrancar a personalidade e reduzir o enfêrmo a mísero farrapo, atira-o para sequestro indeterminado e sujeita-o às maiores torturas e vexames que se podem imaginar. Tôdas as ilusões acalentadas, todo o saber adquirido, todos os sentimentos apurados em anos e anos de educação, tudo se perdeu num instante, tudo ruíu subitâneamente, como se fria pedra tumular caísse sôbre o homem, que até ali sonhara mundos de ventura. Desde então, só a vida vegetativa continua a exercer-se com regularidade. Segregado da sociedade, o louco é pêso morto que as leis mandam vigiar, até que a morte lhe venha escrever o epílogo.

Dr. Inácio Ferreira, médico psiquiatra, Director do Sanatório Espirita de Uberaba

Pensem nisto aquêles que têm famíliá sujeita a doença tão degradante.

O Espiritismo, embora combatido pelo sectarismo de católicos, protestantes e pseudo-sábios, tem possibilidades incalculáveis de combate à terrível doença.

Uma das melhores realizações que justifica plenamente a nossa afirmação é o Sanatório Espirita de Uberaba, no Estado brasileiro de Minas Gerais, à frente do qual se encontra, desde 1934, o nosso redactor-correspondente doutor Inácio Ferreira, eminente psiquiatra que tanta propaganda tem feito das excelências da doutrina espirita, multiplicando a sua actividade, não só para aliviar uma legião de emparedados, como para impor o nosso Ideal entre os intelectuais profanos.

O Sanatório Espirita de Uberaba é um exemplo vivo do que poderíamos fazer, se os poderes constituídos encarassem integralmente o grave problema da loucura e se dispusessem a resolvê-lo, aproveitando tôdas as dedicações e boas vontades.

Em Maio de 1940, escrevia o Dr. Inácio Ferreira:

«O Sanatório Espirita de Uberaba, fundado pelos espiritas, afim de curar os *casos de obsessão,* que se tornam cada vez mais comuns e tendem a aumentar na fase transitória por que passa a Humanidade, tem sido campo fertilíssimo para estudos comparativos no terreno psiquiátrico.

«Êle representa para os espiritas um padrão de orgulho — atestado do esfôrço, boa vontade e compreensão da verdadeira finalidade da criatura humana — amparo e irmanização — amparo que atenua as provas a que todos estão sujeitos; irmanização que trará para a humanidade um pouco dêsse bem-estar e dessa tranqüilidade que ela ainda está bem longe de compreender.

«Prédio construído para a cura de *obsediados,* sem o confôrto e luxo requerido pela vista material, sem aparelhagens que atingem importâncias incalculáveis, vai, todavia, cumprindo a sua finalidade de amparo ao espírito, que ali encontra o bálsamo do conhecimento e do perdão,

«O nosso esfôrço tem sido grande no sentido de conhecer as estatísticas dos hospitais do mundo, mas tem sido improfícuo ante as barreiras antepostas — não sabemos se pelo

orgulho dos homens, se por finalidade oculta e sábia. O certo é que o estudo comparativo que desejamos fazer para demonstrar aos homens de ciência o valor e a finalidade do Espiritismo, como poderosa terapêutica contra os males humanos, tem sido adiado constantemente. Êle será feito um dia e os resultados obtidos confundirão a ciência oficial, despertando a sua atenção e para êle desviando os seus cuidados.

«Pela terceira vez publicamos os dados do Sanatório; hoje, os referentes ao ano de 1939. Pelos resultados obtidos, pode avaliar-se a farta messe de benefícios que irradiou durante êsse ano, livrando de seus tormentos e de suas dores tantas criaturas encarnadas e desencarnadas.

«Os números falam por si e *podemos adiantar que não existe no mundo inteiro uma casa no género* — com a falta de material que se faz sentir — *capaz de apresentar semelhante percentagem*... (o grifo é nosso).

«Exagêro? Não; pois, não obstante ignorarmos as estatísticas dos hospitais congéneres, podemos avaliá-las através dos compêndios dos mestres, embora escudados no confôrto e nos meios que lhes oferecem os recursos financeiros — laboratórios de análise e pesquisa para perfeita orientação; enfermeiros e auxiliares especializados; medicamentos à vontade; luxo e confôrto que não deixam de influir no psiquismo; colegas especializados, cujo conhecimento e prática permitem opiniões abalisadas; aparelhagem eléctrica e hidroterápica, que constitui auxílio valioso — tudo concorrendo para facilitar o trabalho, para ajudar a terapêutica...

«Quanto a nós, materialmente falando, não dispomos de exames de laboratórios; recorremos, em 95 % dos casos, às amostras caridosamente oferecidas pelos laboratórios; somos só, obrigado ainda a trabalho de consultório, na luta pelo pão de cada dia; não temos enfermeiros especializados; não dispomos de qualquer aparêlho e não temos um colega sequer que nos ampare com sua prática e conhecimento, embora não lhes falte boa vontade...

«Sim, materialmente falando, pois que, no sentido espiritual, temos o auxílio de inúmeros médicos desencarnados, cuja competência e conhecimento sobreleva em muito o conhecimento e a competência das maiores sumidades encarnadas... ¡Além disso, contamos com o maior e mais rico laboratório do mundo — o *Laboratório do Infinito* — onde o homem, com boa vontade e com sêde de conhecimentos, encontra todos os aparelhos e medicamentos necessários para a sua luta contra a dor e o sofrimento!

«A êles, os nossos agradecimentos e homenagens de simples auxiliar e intermediário.»

O que acabamos de transcrever é justa lamentação de obreiro desinteressado que procura honrar a sua elevada missão de médico de corpo e alma. ¿Do que não seria capaz êste homem, se lhe facilitassem o trabalho, se lhe franqueassem os laboratórios, se lhe fornecessem os elementos indispensáveis para melhor aproveitamento das suas faculdades?

¡Infelizmente, tudo lhe falta; e, para completar o quadro de isolamento a que o votaram, até as estatísticas lhe têm sida negadas, para que o seu triunfo não ressalte da análise comparativa!...

* * *

O Sanatório Espirita de Uberaba, construído em 1934, tem 17 quartos para homens, 17 quartos para mulheres, 10 isolamentos para doentes furiosos e importou em 500 contos de réis. O belo edifício está situado no Bairro dos Estados Unidos e ocupa todo o quarteirão entre as ruas de Osvaldo Cruz, de Francisco Araújo, de José Pereira e do Marquês do Paraná. Pertence ao Centro Espirita de Uberaba, instituïção de caridade com personalidade jurídica, cujo fim se resume na propaganda da doutrina espirita, na prática da caridade material e moral e no congraçamento da família espirita para a realização da paz universal. «Res non verba» (factos e não palavras), eis a divisa pura e simples, que tem sido observada pelos seus operosos dirigentes, entre êles, Henrique Cartejon, Francisco Mori e Joaquim Telesfaro de Oliveira, pertençentes à diretoria que meteu ombros à construção.

Já por lá passaram mais de dois mil doentes, mil e duzentos dos quais sairam completamente normalizados. E o mais interessante é que, até à data (que nós saibamos), não teve o mais pequeno auxílio federal ou estadual. Só a Prefeitura de Uberaba o auxilia com 8 contos de reis anuais. Apesar disso, quatro quintos dos doentes são tratados gratuitamente.

A título de curiosidade e para reforçar a frase do Dr. Inácio Ferreira, em que afirma *não haver outra casa do género que apresente semelhante percentagem de curas*, va-

mos publicar um pequeno resumo do movimento do Sanatório, desde a sua fundação até 1939:

Ano	HOMENS					MULHERES					TOTAL GERAL				
	Entrados	Curados	Retirados	Transferidos	Falecidos	Entrados	Curados	Retirados	Transferidos	Falecidos	Entrados	Curados	Retirados	Transferidos	Falecidos
1934.	48	18	8	1	3	48	22	5	1	2	96	40	13	2	5
1935.	47	22	13	7	5	45	21	14	7	3	92	43	27	14	8
1936.	47	21	17	1	3	43	21	15	8	5	90	42	32	9	8
1937.	63	26	23	11	3	52	25	19	5	3	115	51	42	16	6
1938.	67	34	24	12	2	66	37	23	9	0	133	71	47	21	2
1939.	75	35	27	7	2	66	30	22	11	0	141	65	49	18	2
Total	347	156	112	39	18	320	156	98	41	13	667	312	210	78	31

Resumo do movimento geral durante 6 anos de funcionamento do Sanatório Espirita de Uberaba

Como se vê, os números são duma eloqüência extraordinária. Nestes seis anos de trabalho contínuo, entraram 667 doentes e houve 312 curas, ou seja cêrca de 50 %. E — caso curioso! — segundo declaração do próprio director do Sanatório, ¡quatro quintos foram conseguidos pelos espiritas e um quinto por êle! E tudo isto sem aparelhagem, repetimos, sem salas de operações, sem laboratórios, sem salões de fisioterapia, nem aparelhos de electricidade.

Mais ainda: 90 % daquêles doentes (cêrca de 600) foram internados gratuitamente.

Coïncidência interessante: nêste período de tempo, o número de homens curados foi igual ao número de mulheres.

* * *

Para desfazer a lenda de que o Espiritismo é *fábrica de loucos,* o Dr. Inácio Ferreira, ao referir-se à estatística de 1938 do Sanatório, escrevia:

«Dêsses 526 doentes entrados, nos cinco anos de funcionamento de 1934 a 1938, tivemos 15 espiritas internados, uns 20 indiferentes, 8 protestantes... e o resto 484 católicos, tanto que temos em arquivo os seguintes patuás: 54 estampas de santos diversos; 8 imagens de santos; 26 crucifixos de vários tamanhos; 22 bentinhos (ainda não abertos); 2 fitas de irmandades católicas; 83 verónicas de tamanhos diversos; 28 terços; 1 apostolado da oração; Patente de Admissão (obra pontifícia da propagação da fé no Brasil); 1 diploma (!) da Confraria do Santíssimo Rosário de Goiania; 1 Aviso-Canonizações; 1 circular pedindo prendas para leilão; 1 estatuto do Colégio de D. Bôsco; 7 catecismos; 3 Gonifés; Livros, revistas e jornais católicos, bem como grande número de orações copiadas a lápis e a tinta. Estes objectos foram encontrados em poder dos doentes internados e constituem prova flagrante de que nem sempre são os espiritas que ficam loucos, porquanto o Espiritismo não aceita, nem manda usar estas coisas, motivo porque não podiam ser espiritas aquêles que as trouxeram.»

Na estatística que apresentou, relativa a 1940, o Dr. Inácio Ferreira teve em vista mostrar o movimento de enfermos obsediados e suas respectivas religiões.

— À observação e critério de cada um — diz êle — deixamos o necessário julgamento, afiançando a todos que as documentações estão no arquivo do Sanatório, onde os patuás do catolicismo continuam a enriquecer a nossa colecção.

«Mais um ano de intensa luta compensada pela satisfação e alegria de vermos mais 80 enfermos devolvidos ao lar e à sociedade, para onde voltaram, levando a felicidade a um e a cooperação do trabalho a outra. Foram 80 criaturas que, graças ao Espiritismo, puderam retomar a marcha da vida, integrando-se na falange dos que trabalham e produzem, cooperando na grandeza da pátria e contribuíndo, com seus casos de cura, para maior respeito e elevação da ciência brasileira, que se engrandece pelo próprio esfôrço e pela própria capacidade.»

Acentua também a enorme proporção de obsediados: ¡Entre 135 enfermos, havia 42 casos de obsessão!...

Eis o quadro das doenças distribuídas pelos enfermos nêsse ano:

Psicoses infecciosas, 2 homens e 7 mulheres; *psicoses auto-tóxicas,* 4 homens e 9 mulheres; *psicoses heterotóxicas,* 1 homem; *esquizofrenias,* 2 homens e 4 mulheres; *parafrenias e delírios crónicos,* 1 mulher; *paranóia,* 1 mulher: *psicoses maníaco-depressivas,* 1 homem e 2 mulheres; *psicoses de decadência,* 4 homens e 9 mulheres; *psicoses por afecções cerebrais,* 1 homem e 1 mulher; *neuro-sífilis,* 12 homens; *sífilis cerebral,* 5 mulheres; *paralisia geral,* 6 homens e 1 mulher; *epilepsias,* 7 homens e 7 mulheres; *psiconeuroses,* 2 mulheres; *personalidades psicopáticas, 4* mulheres; *olegofrenias,* 2 homens; *obsessão,* 24 homens e 18 mulheres; *neuro-sífilis,* 12 homens e 5 mulheres.

¡No capítulo *obsessão,* as curas atingiram 100 %!

* * *

Antes de terminar, queremos transcrever a exposição do Dr. Inácio Ferreira àcêrca da maneira como iniciou os seus trabalhos psiquiátricos no Sanatório Espirita de Uberaba e que se encontra a páginas 167 do seu livro «Espiritismo e Medicina». São bem dignas de arquivo essas palavras, pelo que representam de sinceridade e dignidade.

Diz êle:

«Há cinco anos que trabalhamos num hospital de loucos.

«Só conhecíamos a loucura estudada pela medicina oficial e estranhávamos bastante, quando, no próprio hospital, nos diziam:

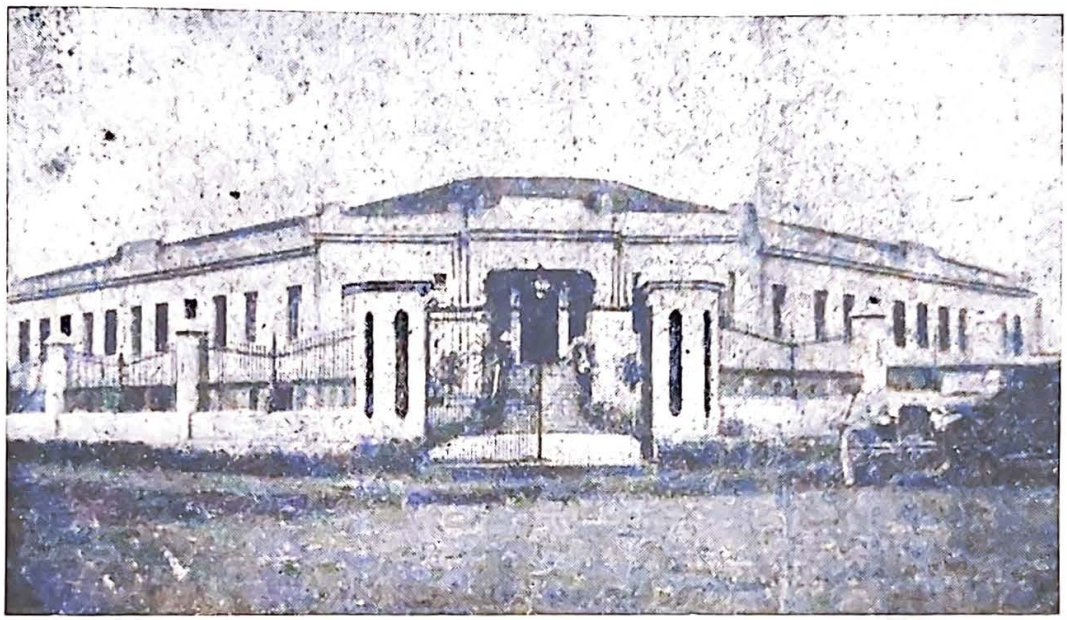
«— *Êsse não é louco, — é obsediado...*

«Eram doentes furiosos, que viviam quási sempre amarrados de pés e mãos, gritando e debatendo-se dia e noite.

«Tomavam a seu cargo êsses doentes, que eram, geralmente, os que saravam mais depressa.

«Tudo isso despertou a nossa atenção.

«Pusemos de lado alguns manuais científicos e estudámos com atenção, mesmo de ânimo prevenido, compêndios espiritas.



Sanatório Espirita de Uberaba

«Tudo que nêles aprendemos teòricamente procurámos pô-lo em prática, organizando sessões e trabalhando com médiuns que nos mereciam a máxima confiança, pois eram pessoas demasiadamente conhecidas, com passado limpo e que se elevavam por si mesmas perante a sociedade, pelas palavras e pelas acções praticadas.

«À medida que trabalhávamos nêsse meio, ainda mais crescia a nossa admiração, pois cada sessão representava para nós um passo a mais para o conhecimento de coisas que jamais haviam passado pela nossa imaginação, sempre ávida de conhecimentos, na carreira que tínhamos abraçado. Cada trabalho e cada sucesso dêle resultante mais ainda aumentava a nossa admiração, o nosso conhecimento e o nosso orgulho por ficarmos senhor de provas tão robustas e de meios tão eficientes para lenir as dores morais e físicas das famílias e dos enfermos que nos eram confiados.

«E assim prosseguimos até hoje, convicto dessa verdade tão sublime, orgulhoso pelo

auxílio, embora pequeno, do nosso esfôrço e do nosso pergaminho, de encontro ao qual se batem, improfícuos, os assaltos da inveja, os aleives dos perseguidores e as calúnias, vitupérios e inexactidões dos dogmatismos...

«¡Experimentem também, colegas amigos! A nossa missão na Terra é lenir a dor dos desgraçados, enxugar as lágrimas dos infelizes e consolar os que gemem e soluçam».

Êste cientista é, sobretudo, homem honrado que não hesita em sobrepor a verdade aos seus pergaminhos académicos, ao contrário da quási totalidade dos seus colegas, que se aferram ao preconceito, visto ser ali que melhor defendem os seus interêsses particulares. Felizmente, o bom-senso vai tomando as consciências e há médicos que reconhecem publicamente a leviandade de seus juízos precipitados, como sucedeu ao Prof. Doutor Osório César, do corpo médico do Hospital de Juquerí, o qual, após observações e experiências mediúnicas no seu gabinete de trabalho, em S. Paulo, veio rectificar os erros e julgamentos irreflectidos, que expusera dois anos antes, no seu livro «Espiritismo e Misticismo»...

O Sanatório Espirita de Uberaba, fundado e mantido por espiritas, dirigido por um doutor em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e que ao Espiritismo se converteu, mercê de factos que lhe abriram os olhos à luz da Verdade Inofuscável; o Sanatório Espirita de Uberaba, dizíamos, é a prova mais evidente de que o Espiritismo, longe de *fabricar loucos,* como afirmam indivíduos insensatos, *cura os loucos*, restituíndo o homem à sua verdadeira função social, demonstrando assim a enorme vantagem de ser estudado pelos cientistas.

Há cêrca de um ano, o *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro comentou o relatório oficial dum médico psiquiatra incumbido pelo Ministério da Educação de percorrer as zonas de Minas Gerais e Goiás. A referida autoridade, segundo refere *Mundo Espirita,* não deixou de citar o Sanatório de Uberaba, ressaltando a circunstância de se achar um médico à sua frente. Embora discordasse dos meios ali usados, não encontrou motivos para negar o que viu documentado, motivo porque nenhuma referência desabonadora exarou àcêrca do Sanatório.

Não admira que o ilustre relator discorde do tratamento de obsessão realizado nalguns centros espiritas; mas o que todos sabem é que muitas curas ali se têm conseguido.

¡Quantos prodígios não se obteriam, se a nobre Medicina aceitasse o concurso leal do Espiritismo, esquecendo velhos preconceitos que inúmeros prejuízos têm causado e abrindo rumos novos à Ciência e ao bem-estar da Humanidade Sofredora!...

I. D. S.

Amigos de «Estudos Psíquicos»

Continuam a afluir os donativos dêste Núcleo, em boa hora criado para auxiliar a manutenção da revista. Há, todavia, necessidade de intensa propaganda e por isso bom seria que novos Amigos viessem juntar-se aos que voluntàriamente se têm mantido no seu pôsto.

Uma revista sem publicidade paga e que vive exclusivamente de assinaturas só poderia ter desafôgo com grande número de assinantes. Então, sim. Então, faríamos muito maior distribuïção gratuíta a sociedades culturais e de recreio, a salas de leitura, a consultórios, etc., e melhoraríamos o aspecto gráfico, não só empregando melhor papel, como também ilustrando o texto com mais gravuras.

O livro «Considerações sôbre os Ensinamentos de Jesus», de Vinicius, que Fernando da Cruz Ferreira editou, dêle oferecendo 65 exemplares a «Estudos Psíquicos» para custear a remessa gratuita de exemplares da revista ao pessoal dos liceus e demais casas de ensino de Lisboa, começou a ser adquirido por assinantes e sócios do Centro E. Luz e Amor.

É preciso que o comprem. O seu custo é de 7$00, fora o porte do correio, que é de 1$00. Os assinantes da província ou de qualquer outra parte, basta enviarem 8$00 em estampilhas de $50, para lhes ser imediatamente remetido, sob registo.

Dos Amigos de «Estudos Psíquicos» abaixo indicados, recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

Francisco Elias de Carvalho Simão, de Ovar, ano de 1944	80$00
Lindolfo Bardanca Coelho, de Lisboa, cotas de Fevereiro a Junho	25$00
José Augusto Gonçalves, de Lisboa, cotas de Abril a Junho	15$00
Haidy de Tebelen, de Lisboa, cotas de Março a Junho	8$00
Total	128$00

FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA

por Ramos Pereira

PSICOLOGIA
A) Introdução

I — Objecto. Método. Divisões

O conceito da Psicologia tem evoluído lentamente, ainda que, em essência, ela permanecesse como a ciência da alma e dos seus fenómenos.

A escolástica definiu-a: — «Quoad rem, Psychologia definitur: scientia quae ultimas causas operationum et naturae hominis investigat. Quoad nomen, Psychologia definitur. scientia de anima. Brevius, Psychologia est scientia metaphysica de homine.» (Barbedette, in «Philosophia scholastica»).

Tuilius, in «De Legibus» (I, 32) determinava assim o seu objecto: — «Qui se ipse norit, primum aliquid senti et se habere divinum, ingeniumque in se suum, sicut simulacrum aliquod, dedicatum putabit, tantoque munere deorum semper dignum aliquid et faciet et sentiet.»

Hoje, porém, com o seu progresso, o conceito modificou-se um tanto, aumentando mesmo a dificuldade de o marcar pelas relações constantes que mantém com outras ciências.

De facto, considerar a Psicologia como a ciência da alma, é considerar, *a priori*, a existência do princípio espiritual, antes mesmo de o estudar. Muitos preferem, por isso, defini-la como a ciência do espírito, o que não basta, pois vai imprecisar os limites do campo, porquanto, por exemplo, a lógica é também uma ciência do espírito. Outros, vendo estas objecções, alvitraram o têrmo «ciência da consciência».

Realmente, nós temos um conhecimento imediato e positivo da nossa consciência e apenas conhecemos a dos outros por dedução do seu comportamento; ora, a Psicologia pretende exactamente determinar leis gerais.

Mas se observarmos que o psicólogo estuda a sua própria consciência e o comportamento dos seres, é fácil definir o campo da Psicologia: — a ciência do comportamento — o que é voltar um tanto à concepção de Aristóteles.

¿Será isto refutar, de princípio, a existência da alma? De modo algum. É antes seguir o método *a posteriori*, remontar dos efeitos às causas, pelo comportamento demandar o princípio.

¿Mas, assim, não passam a coexistir os campos da fisiologia e da psicologia? Reparemos que coexistência não significa identificação. Enquanto a Fisiologia investiga o *processus* da função orgânica, a Psicologia estuda a actividade do organismo como um todo, como comportamento.

¿Deve-se, contudo, parar no estudo do comportamento, isto é, fazer apenas a análise do paralelismo psico-fisiológico, presente em qualquer fenómeno? Não. A necessidade de saber obriga-nos a pedir mais, a investigar se atrás do comportamento há algum princípio orientador. A análise dêste princípio — a alma — entra necessàriamente no campo da ciência, rasgando-o ainda mais. Isto é, esgotada a Psicologia como ciência do comportamento, entramos na Psicologia como ciência da alma.

Como a explicação do comportamento importa sempre a descrição da consciência, esta entra também no objecto da Psicologia. «A ciência do comportamento não pode limitar-se simplesmente a descrever a consciência, tão exacta e exaustivamente quanto possível, nem a estabelecer, como regras empíricas, a concorrência de certos processos conscientes com certas formas da acção ou comportamento; mas deve procurar também explicar os processos da consciência e os modos reünidos do comportamento como o resultado de certas condições constantes que consideramos juntamente com a constituïção do espírito. «(Cf. MacDougal, in «Psicologia»). Logo, poderemos definir a Psicologia como a ciência do espírito e êste como o somatório do condicionalismo constante da actividade deliberada, antes de o considerar como sinónimo de dois grandes ramos na Psicologia:

Daqui poderemos concluir a existência do conceito clássico de alma.

(*) Ver *Estudos Psíquicos* de Julho passado.

1.º — Psicologia, como ciência do comportamento.
2.º — Psicologia, como ciência da alma.

O primeiro cinde-se em:

a) Psicologia do adulto normal.
b) Psicologia infantil.
c) Psicologia patológica.
d) Psicologia individual.
e) Psicologia social.
f) Psicologia dos animais.

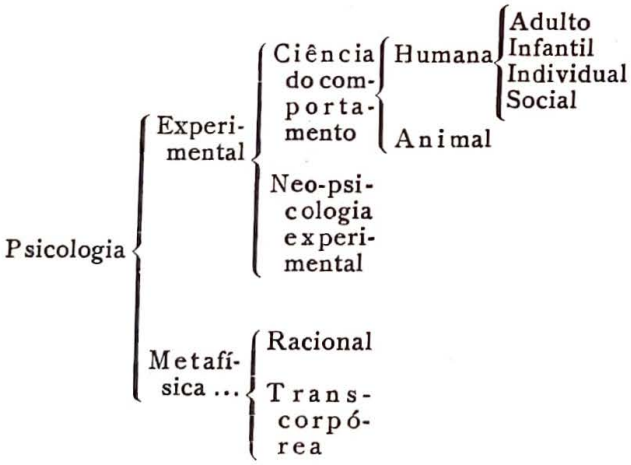
No segundo, consideramos as subdivisões seguintes:

a) Psicologia racional.
b) Psicologia transcorpórea ou Metapsíquica.

Ambas, pelo seu carácter, fazem parte da Metafísica, a primeira desvendando as características da alma, a segunda procurando o «modus operandi» da alma no estado livre.

Ao primeiro ramo, ligamos nós ainda a Neo-psicologia experimental, cujo objecto são os poderes ocultos do homem.

Todavia, nós estudaremos apenas a Psicologia do adulto, socorrendo-nos, para melhor compreensão, das restantes divisões.



Em cada um dêstes ramos usam-se três métodos principais:

1.º — Introspecção.
2.º — Extrospecção.
3.º — Análise dos objectos criados pela actividade mental e corporal.

Quando possível, estes métodos devem combinar-se e aliar-se à experimentação, pois que na essência não passam de aspectos da observação.

A experimentação é, na realidade, possível no campo da Psicologia e nós veremos que foi ela a origem da Neo-psicologia experimental e ainda hoje o seu grande instrumento de estudo, bem como na psicologia infantil anormal e dos animais. Daqui ressalta agora melhor o valor dêstes ramos para o conhecimento da psicologia normal adulta, que é o grande fim da Psicologia como ciência do comportamento.

Além dêstes, muitos outros ramos se têm desenvolvido no solo fertilíssimo desta ciência, visando o conhecimento integral do homem: — a Psicofísica que, pela experiência, tenta determinar as relações quantitativas entre as sensações e os excitantes (Cf. trabalhos de Fechner e Weber); a Psicofisiologia, procurando as relações entre o fenómeno psíquico e o *complexus* neuro-muscular (Wundt, Helmholtz, Charcot), etc.

Para melhor compreendermos a contribuïção da psicologia infantil, anormal, etc., como fontes de correcção e desenvolvimento dos dados dos métodos clássicos de intro e extrospecção, passemos em revista aqueloutros autênticos métodos de investigação.

O estudo do comportamento animal pode considerar-se como principiando em Aristóteles. A teoria dos animais-máquinas de Descartes e a teoria do instinto vieram deter-lhe a marcha. No século XIX, porém, Lamarck e Charles Darwin, na ciência, e Herbert Spencer, na filosofia, causaram a reviviscência do estudo, pela colocação do homem na escala evolutiva animal. Até agora, a psicologia animal já alcançou resultados apreciáveis:

1.º — Aclarou a natureza da actividade deliberada e mostrou a sua existência no mundo animal.
2.º — Revelou as bases da natureza humana;
3.º — Dispôs com simplicidade os modos de actividade animal que formaram o *substractum* da humana.
4.º — Delineou a largos traços o curso evolutivo do espírito humano.
5.º — Demonstrou a falsidade da teoria dos motivos humanos ou hedonismo psicológico.
6.º — Comprovou que, no início, o espírito humano não é uma tábua rasa, mas que traz já uma estrutura pouco desenvolvida, formada de tendências inatas.
7.º — Pela modificação e adaptação do instinto, mostrou que o comportamento

inteligente engloba modos espontâneos de comportamento.

Em resumo: estabeleceu os tópicos principais da psicogénese, como a biologia já fizera para a organogénese. Lembrando que o indivíduo, no seu desenvolvimento, reproduz a evolução da espécie, vemos imediatamente que a psicologia infantil completa a animal.

A psicologia individual «aproxima-se da arte, pois que a biografia, o romance e o drama estão em estreita relação com o retratar das particularidades intelectuais e morais do indivíduo.» (Cf. Mac Dougal, in op. cit.). Depois, se atentarmos na enorme influência que sôbre o indivíduo exerce a sociedade, vislumbraremos também o valor da psicologia social.

E, por fim, a psicopatologia ou psicologia dos anormais. Dela disse Claude Bernard: — «Les lois de la maladie sont les mêmes que celles de la santé, et il n'y a pas dans celle-là que l'éxagération ou la diminuition de certains phénomènes qui se trouvaient déjà dans celle-ci. Si l'on connaissait bien les maladies mentales, il ne serait pas difficile d'étudier la psychologie normale.»

Das doenças mentais, interessam as de carácter não lesional, representando atrofias ou hipertrofias do funcionamento psíquico normal. Auguste Comte («Cours de Philosophie Positive», cap. III) vislumbrou a importância dêste estudo.

Além da observação, emprega-se na psicopatologia o método de interpelação, que consiste em intercalar um fenómeno numa escala de que é conhecida a lei de variação, permitindo discernir, mais perfeitamente, os cambiantes. Dum modo geral, a psicologia pugna por aplicar o método das variações concomitantes de Stuart Mill, como fulcro do raciocínio indutivo.

Posto isto, e como englobaremos os resultados dêstes ramos na psicologia normal, o esquema das divisões que atrás fizemos, modifica-se:

- Psicologia
  - Experimental
    - Ciência do comportamento
    - Neo-psicologia experimental
  - Metafísica....
    - Racional
    - Transcorpórea ou Metapsíquica

Será êste o plano do nosso trabalho.

II — As faculdades

Observando e comparando entre si os fenómenos ditos psicológicos, constatamos que muitos revelam características comuns. Se os formos agrupando, acabamos por encontrar três categorias irredutíveis, pois que os seus elementos, além de se revestirem de caracteres antagónicos, podem formar-se independentemente; quando surgem em correlação, raro variam paralelamente, podendo mesmo fazê-lo em razão inversa.

São as categorias clássicas, são as formas de comportamento:

a) Cognitivos
b) Afectivos
c) Volitivos

Mas se o indivíduo pensa, sente ou quere, é porque «pode» pensar, sentir ou querer, é porque nasce já com essa disposição. Se sofro, para o meu sofrimento concorre, não apenas a causa, mas ainda a minha capacidade de sofrer; não há dor que possa ferir um insensível, se acaso tal ser existe.

Isto é, por detrás e anterior ao fenómeno, há a potência de que aquêle é acto. Logo as categorias pressupõem, necessàriamente, três potências, três faculdades — inteligência, sensibilidade e vontade.

A faculdade é, pois, a potência do comportamento, o poder do indivíduo agir, positiva ou negativamente, produzir actos ou sofrer modificações.

Disto, podemos logo compreender a falsidade da definição que alguns dão das faculdades: — «simples factos generalizados, rótulos cómodos para a classificação dos factos psicológicos, sem nenhum valor objectivo.»

A faculdade é, afinal, aquilo que dura no comportamento, pois que o fenómeno é um mero acidente. Portanto, elas são formas dum princípio único de actividade, pois as categorias não passam duma análise mental do comportamento.

«Tout l'homme est nécessaire à l'homme, et dans chaque action de l'homme, l'homme tout entier se retrouve. Donnez-moi l'intelligence sans la volonté libre, vous faites de moi la plus misérable des créatures, Prométhée enchaîné sur son rocher. Donnez-moi la sensibilité sans l'intelligence, je ne suis plus qu'une chose frivole et légère, jouet de tous les orages, qui me laisse em-

CONTE O SEU CASO...

COMO SE TORNOU ESPIRITA?

O Dr. Gilberto Marques recorda a sua conversão ao Espiritismo

COMO me tornei espirita? Já, por mais de uma vez, tive oportunidade de o dizer, mas não quero faltar à chamada que me foi feita por «Estudos Psíquicos». Eis a história:

Desde criança que senti uma irresistível atracção para tudo o que representasse mistério, e assim, antes mesmo de atingir a idade de 10 anos, assistia, com minha mãe, a sessões de Espiritismo, feitas em casa de família amiga, com o auxílio da vulgaríssima mesa-de-pé-de-galo. Evocava o espírito de Hilário e a mesa prontamente respondia às nossas preguntas, batendo uma ou duas pancadas, conforme a resposta fôsse «sim» ou «não». Quando entoávamos o «Fado Hilário», a mesa movimentava-se com grande fôrça, obrigando-nos a levantar e a segui-la à volta da sala.

Estas sessões eram feitas por pessoas inexperientes, simplesmente por terem ouvido falar delas a um indivíduo recentemente chegado do Brasil, e afirmavam, creio que por informação dêsse mesmo indivíduo, que havia livros que ensinavam a evocar os espíritos por meio de certas *rezas*.

O mistério do Espiritismo, ou, melhor direi, dos *espíritos*, atraía-me, como o imã atrai o ferro. Dispus-me, por isso, a conhecer as tais *rezas* e procurei nas livrarias de Lisboa qualquer livro que *ensinasse a evocar os espíritos*. Pobre de mim! Fui recebido em tôda a parte por risos irónicos dos livreiros, que me olhavam com ar de môfa. Êste acolhimento foi desanimador. Mas as sessões ainda se fizeram por algum tempo, como mera distracção; e recordo-me muito bem, que até a classificação do meu exame de instrução primária, me foi antecipadamente revelada, com absoluta exactidão.

Entrei nos estudos secundários, mas o meu interêsse pelo *Além* misterioso e intrigante não me abandonava. Por isso, enveredei pelo estudo comparado das religiões. A alma, a vida futura, a morte, o mundo invisível, tudo isso eu queria saber o que era. Comprei livros de cultura popular, que ao tempo se publicavam em Portugal, e, caso curioso, o estudo comparado das religiões, tal como eu o podia fazer, muito superficialmente, tornou-me materialista, quási ateu. Mas o meu espírito não estava satisfeito. Lutava desesperadamente, na ânsia de saber, de conhecer o que nos estudos oficiais não se aprendia, porque não o ensinavam: o mistério da morte, o conhecimento do *desconhecido*... êsse mistério que me escapava sempre, que fugia diante de mim e atrás do qual eu corria cegamente.

Para me treinar no francês, meu pai comprava-me jornais e revistas francesas. Um dia, lendo os anúncios, fiz uma descoberta que me entusiasmou: era o anúncio de um curso de hipnotismo. Foi, sem que eu o suspeitasse, o *fio de Ariadna*, que me conduziria ao «País da Luz». Prontamente adquiri o curso, com o auxílio da minha bondosa mãe. A minha ânsia pelo conhecimento do mundo invisível intensificou-se ainda mais com o estudo do dito curso.

Voltei ao estado primitivo, isto é, voltei a ser espiritualista — verdadeiramente, nunca fui *ateu* — e entreguei-me à prática do hipnotismo com um entusiasmo indescritível.

Escusado será dizer que, depois dêste curso, eram outros cursos e livros de hipnotismo, magnetismo, etc., que as revistas francesas anunciavam e eu adquiria, lia, estudava, meditava e, — o que é mais importante ainda — praticava os seus ensinamentos.

Tornei-me magnetizador devotado. Tôdas as noites reünia em minha casa um grande número de pessoas amigas e fazia sessões de hipno-magnetismo, tendo à minha disposição duas sonâmbulas clarividentes e numerosos *sujets*. Não me limitava ao experimentalismo; praticava a psicoterapia, com resul-

---

porter sans savoir où, sans savoir pourquoi. Enfin, unissez en moi l'intelligence et la liberté sans la passion, j'aurais à la foi le pouvoir d'agir et la conception de l'acte qu'il faudrait faire et, cependant, je resterais indifférent et desouvré, comme si entre cette volonté dont je dispose et cette intélligence que je subis, il y avait un abîme. (J. Simon, in «Le devoir»).

N.º 10, Agosto 44

tados verdadeiramente maravilhosos. Por êsse tempo, havia completado o curso por correspondência de psicoterapia do *New York Institute of Science*.

Estava eu já próximo do final dos meus estudos superiores oficiais, e no auge da minha intensiva prática hipnoterápica, quando um dos meus *sujets* me pôs em comunicação com um grupo espírita, constituído por meia dúzia de rapazes estudantes. Fui convidado a fazer parte do grupo. Aceitei o convite; mas iniciar-me nos trabalhos dum grupo espirita, sem saber sequer o ABC do Espiritismo, não se coadunava com o meu temperamento, com a minha maneira de pensar. Conhecia o hipno-magnetismo, teórica e pràticamente em todos os seus pormenores, mas desconhecia o que eu já antevia ser uma grande ciência, um mundo novo de conhecimentos, que era preciso devassar.

De novo recorri aos anúncios das revistas francesas, e passado algum tempo apareceu um anúncio dos livros de Allan Kardec. Êste nome despertou-me suspeitas, habituados como estávamos ao uso e abuso de nomes exóticos por indvíduos que se reclamavam possuïdores de faculdades transcendentais.

Certifiquei-me, porém, de que se tratava de obras sérias, e que o *Livre des Esprits*, era a base de todo o Espiritismo. Não esperei mais e, duma assentada, mandei vir de Paris *Le Livre des Esprits*, *Le Livre des Mediuns* e *La Genèse*, de Allan Kardec. Queria saber tudo, saber o mais possível. Recordo-me muito bem, como se fôsse há pouco tempo. Foi nas férias da Páscoa de 1910 — li *Le Livre des Esprits* durante as férias.

Li-o com atenção, com extraordinário encanto. Quando terminei a leitura, estava outro: um véu que ocultava o Mundo Invisível tinha-se desfeito, e ao mesmo tempo que uma sensação de júbilo e de indizível satisfação deleitava a minha alma, dizia para mim mesmo:

— Afinal, todos êstes sublimes conhecimentos, que são para mim uma completa e maravilhosa revelação, parece que já os conhecia sem que dêles me recordasse.!

O meu espírito liberto dêsse *véu oculto*, inundara-se de luz vivíssima, de luz esplendorosa, da qual se desprendiam harmonias indefiníveis. E uma nova vida começou para mim. ¡E desde então, primeiro pelo estudo, depois pela prédica e, finalmente, pela prática, nunca mais abandonei a transcendente doutrina, que eu tomo como a expressão lídima da Verdade!...

Palavras amigas

de Reper-Siam

Meus queridos amigos:

Grandes coisas estão para acontecer e vós tendes de permanecer no vosso pôsto, firmes como rocha, serenos como os heróis das batalhas espirituais.

Os heróis não são os que tudo vencem. Heróis são os que na desgraça, rodeados de dificuldades, conseguem manter os seus ideais, os seus princípios.

Os verdadeiros heróis são os que do mundo e dos homens só colhem agruras, trabalhos e ataques, mas que combatem pelos únicos valores morais que conseguem flutuar sempre e marcar nas horas decisivas da história da Humanidade.

O período em que viveis é calamitoso, revolucionário; é o desabar de princípios seculares e materialistas e o alvorecer de princípios justos e espirituais.

Os que só defendem o progresso material serão vencidos. Não obstante o poderio e a riqueza, a era do espírito triunfará.

¿Terá heróis e mártires? Sem dúvida; mas só vence quem combate por objectivos bons e justos, mesmo que deixe pelos abrolhos pedaços do corpo e energias da alma.

As religiões materializadas hão-de ceder o passo.

É a luta pelo melhor.

O Espiritismo tem o seu lugar marcado.

O Espiritismo é uma doutrina altamente espiritual. Por isso, triunfará.

Sejam ou não covardes os seus arautos, deixem-se ou não assimilar e entenebrecer por fôrças ocultas e degradantes, os luzeiros aparecerão, prontos a robustecer, a prestigiar a nossa doutrina de paz, de amor e progresso humano.

Amigos, estais, no bom caminho. O Espiritismo — eis o alvo. Sabeis, pois, o rumo a seguir.

Não se serve a dois senhores.

O Cristo, — eis a luz.

O Espiritismo, — eis a doutrina da Verdade.

Trabalhai e vencereis.

Bibliografia

O PROBLEMA DA FILOSOFIA PORTUGUESA, por *Álvaro Ribeiro*. Editorial Inquérito. Lisboa. 1943. 75 pág.

O ensaio que o Dr. Álvaro Ribeiro apresenta nêste caderno cultural da «Inquérito» tende à acriação duma Faculdade de Filosofia à altura dos modernos conhecimentos, através de processos ainda não experimentados, mas de bom-senso e lógica irrefutáveis. Cremos que ainda ninguém em Portugal enunciou o problema com tamanha clareza, extensão e profundidade. O autor começa por analisar a filosofia moderna, afim de entrar na questão, estimulando a criação duma filosofia portuguesa, em vez de explorarmos sitemas estrangeiros, como se tem feito até aqui. Critica o existente, mas apresenta soluções práticas; faz justiça às intenções de Leonardo Coimbra, reivindica para a Faculdade de Filosofia o primeiro lugar nas universidades; preconisa a *Faculdade Integral* autónoma, para que o aluno não tenha de sair dela, durante o período da sua formatura; dá regras de trabalho, tendentes à unidade cultural que só pode estabelecer-se mediante a relação do pensamento com a realidade absoluta; indica métodos para a escôlha de professores, dizendo que os de filosofia deverão atingir a máxima competência em Lógica e em Metafísica; estabelece tipos de ensino; dá novas modalidades de biblioteca...

E quando trata do Laboratório... chega ao ponto para nós mais importante dêste ensaio modelar.

— «O ensino laboratorial ministrado dentro da Faculdade de Filosofia — diz êle — tem por fim directo a leitura penetrante (e não o resumo, a tradução ou o comentário) do imenso livro da Natura; aceitará, por isso, das *nobres ciências ocultas* (o grifo é nosso) tudo quanto persista actual e vivo, combatendo assim a superstição, ingénua quando individual, maliciosa quando organizada em sociedades particulares; receberá das ciências experimentais os métodos modernos, que subordinará, porém, a um fim transcendente».

Bastaria êste passo da obra, para que a lêssemos com interêsse e simpatia. O Dr. Álvaro Ribeiro não teme as ciências ocultas; pelo contrário, deseja colaborar com elas, aproveitando o que têm de bom, susceptível de promover o avanço da Filosofia, imitando nêste ponto alguns países que já estabeleceram cadeiras de psiquismo e Espiritismo científico em certas universidades.

Mas afirmar isto em Portugal é ousadia marcante, digna de ostracismo... literário.

Leiam êste ensaio tôdas as pessoas sensatas que apreciam as idéias e a boa leitura, sobretudo aquelas que se interessam pelos problemas filosóficos, e verão que têm diante de si um homem que sabe escrever e pensar como poucos — o Dr. Álvaro Ribeiro.

CONSIDERAÇÕES SÔBRE A DOUTRINA DE JESUS, por *Vinicius*. Edição de Fernando da Cruz Ferreira. 1.º volume. 1943.

ÊSTE livro foi extraído por Fernando da Cruz Ferreira da vasta obra de Pedro de Camargo (Vinicius) e adaptado ao ambiente português. Quem conhecer *Vinicius*, o grande propagandista brasileiro que tão sàbiamente tem interpretado os Evangelhos à luz do Espiritismo, pode calcular o que seja esta obra cheia de encanto, filosofia e moralidade, em que a figura do Cristo resplandece e vibra, palpitante de seiva espiritual. A doutrina de Jesus abandona o véu da letra bíblica, para se apresentar pura e simples aos olhos do leitor que não abra o livro com idéia preconcebida.

É um presente oferecido à humanidade que resiste à corrupção do século e anseia por novos horizontes em que a fé se dilate e fortaleça, à humanidade que não contribuiu para o conflito que ensangüenta o mundo mergulhado em trevas, mas que sofre pela desgraça de seus irmãos arrastados pela torrente.

O produto de cada volume (8$00, franco de porte) destina-o o editor à compra de exemplares de *Estudos Psíquicos*, que serão enviados a professores dos liceus de Lisboa e de outros estabelecimentos de ensino.

Os pedidos podem ser feitos a esta redacção.

Recebemos «Guia do Alfaiate», por A. Mendes Baptista, «Teatro Espiritualista» (2.ª série), por Leopoldo Machado, «Cartilha da Natureza» e «Nosso Lar», trabalhos mediúnicos de Francisco Cândido Xavier.

NOTA — *Nesta secção far-se-á análise de tôdas as obras de que nos forem enviados dois exemplares.*

Devido à falta de espaço, ficaram retirados os seguintes artigos: «Os factos entre nós», «Meditações», «O meu cão viu um fantasma», «Abecedário de médius», etc.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Outro «milagre» do médium Frank Leah

Já temos publicado factos interessantes de que Frank Leah é protagonista. Aproveitando as suas faculdades artísticas e de vidência, muitas conversões tem operado, principalmente nos meios londrinos. Os leitores devem recordar-se do médium e dos desenhos que dêle temos publicado.

Psychic News é o veículo normal dos seus fenómenos. Quando se refere a Frank Leah, fá-lo sempre com entusiasmo e dando o maior relêvo ao acontecimento.

Eis como certa mulher obteve uma prova espiritual à porta do artista, segundo relata aquêle semanário, no seu número de 7 de Agôsto de 1943:

«— Frank Leah tirou um sobrescrito do bôlso e fêz o esbôço da cabeça de meu marido, enquanto estivemos parados à sua porta»—é assim que a sr.ª J. D. Ellis, de Gloucester Mansions, Gloucester Road, Bristol, começa a descrever uma experiência psíquica que se prolongou por dois anos e meio.

Depois da morte do marido, vitimado em Janeiro de 1941 por infecção pulmonar, a sr.ª Ellis interessou-se pelo Espiritismo e chegou a receber algumas mensagens atribuídas ao «falecido» e transmitidas por médiuns diferentes, às quais não ligou importância. Um dia, porém, leu no *Psychic News* que Frank Leah desenhava retratos de pessoas «mortas» e resolveu ir a Londres. Uma vez ali, dirigiu-se à casa do médium-artista, sem qualquer aviso prévio. Tocou a campainha. O próprio médium veio abrir-lhe a porta. Estava cansado, sobrecarregado com muitos pedidos de sessões e por isso respondeu que talvez não pudesse atender mais ninguém.

A sr.ª Ellis ficou desapontada. Resolvera ficar poucos dias em Londres e agora tinha grande vontade de tentar a experiência.

Frank Leah disse-lhe que lamentava o caso, mas que teria muito prazer em lhe ser agradável. Entretanto, intuído por um Espírito, tirou um sobrescrito do bôlso e começou a desenhar os contornos da cabeça de um homem.

— Eu conheço essa pessoa! — exclamou a sr.ª Jessie Ellis.

Leah descreveu então a entidade da sua visão e cujo esbôço desenhara. Disse que tinha sido um «homem perfeito», mas que se não livrara da doença dos pulmões e do coração.

Tudo era exacto. Por fim, o artista convidou a sr.ª Ellis a entrar e desenhou o mesmo retrato em ponto grande, dando mais pormenores da entidade, enquanto desenhava. E pediu à sua interlocutora que voltasse no dia seguinte.

Quando voltou, a sr.ª Ellis ouviu novos esclarecimentos e notou que alguns traços do retrato estavam ligeiramente modificados e corrigidos. Mas reconhecera-o imediatamente.

Leah sugeriu-lhe a conveniência de voltar mais uma vez no mesmo dia, afim de concluir o trabalho. No outro dia de manhã, a sr.ª Ellis levou consigo a prova mais evidente da sobrevivência do espírito de seu marido e considera-a como objecto raríssimo e de muitíssima estimação.

E o *Psychic News* observa:

«Quando ela nos mostrou o desenho, juntamente com a fotografia do marido, notámos logo a absoluta semelhança dos dois exemplares e pedimos-lhe o quadro feito pelo médium, com destino à ilustração dêste artigo. Pois a sr.ª Ellis mostrou-se pouco inclinada a cedê-lo, receando possível extravio. Se tal acontecesse, nunca perdoaria a si própria tal facto. Mas nós tranqüilizámo-la e a sr.ª Ellis declarou que desejava tornar público êste facto para edificação da maneira como ela ingressara no Espiritismo.

«A título de informação — acrescenta o articulista — diremos que tôdas as vezes que publicamos algum relato desta natureza, Frank Leah recebe um dilúvio de correspondência e intermináveis chamadas telefónicas, além de visitas individuais, tudo ansioso por desenhos de espíritos de pessoas de família ou de amigos. Infelizmente, êle não pode atender todos os pedidos. Tem mais de cem indivíduos, cada um à espera da sua sessão. Por isso, há muito tempo que não consegue umas férias mais que merecidas...».

Federação Espirita Brasileira

A Federação Espirita Brasileira é uma velha agremiação com tantos serviços prestados à Causa, que não podemos deixar de resumir aqui a sua

acção meritória e ininterrupta, durante 60 longos e estirados anos, baseados no *Reformador* de Fevereiro do corrente ano e agora chegado às nossas mãos.

Fundada em 5 de Janeiro de 1884, a Federação Espirita Brasileira conta 60 anos de existência, sempre presidida por brasileiros natos. Foram êles: Raimundo Ewerton Quadros, marechal do exército; Dr. Dias da Cruz, médico; Dr. Adolfo Bezerra de Meneses, médico e presidente da Câmara Municipal do então Município Neutro; Leopoldo Cirne, contabilista; Dr. Aristides Spínola, advogado e deputado pela Baía; Manuel Quintão, contabilista; Luiz Barreto Alves Ferreira, capitão-tenente de marinha; Francisco Vieira Paim Pamplona, almirante; Dr. Luiz Olímpio Guillon Ribeiro, engenheiro civil e director aposentado da Secretaria do Senado Federal; A. Wantuil de Freitas, farmacêutico e jornalista.

A 7 de Maio de 1934, pelo decreto 4.765 do Interventor do Distrito Federal, Dr. Pedro Ernesto, foi reconhecida de utilidade pública municipal.

Os seus fins são o cultivo e a propaganda do Espiritismo-cristão e a prática da caridade material e moral, segundo os Evangelhos à luz do Espiritismo.

Além de manter um órgão mensal exclusivamente doutrinário — *Reformador* —, registado no Departamento de Imprensa e Propaganda, com 10.000 exemplares de tiragem, realiza às terças e sextas-feiras, das 19,30 às 21,00 horas, conferências ou palestras doutrinárias sôbre temas à livre escôlha dos oradores, os quais são, no entanto, obrigados a cingir-se à doutrina.

Mantém também um Departamento de Assistência para diversos fins, predominando em larga escala os socorros pecuniários, conselhos ou esclarecimentos reconfortantes e remédios gratuitos para debelar várias doenças.

Pelo Natal, distribui todos os anos farnéis de 10 a 12 quilogramas a cêrca de 2.500 pessoas e mais de 1.000 roupinhas para crianças.

Tem também um Ambulatório Médico-cirúrgico, que funciona três vezes por semana, sob a direcção dum médico alópata e outras vezes dum homeópata, atendendo, um e outro, anualmente, cêrca de 12.000 doentes.

Além disso, dispõe de farmácia homeopática que fornece gratuitamente os seus medicamentos a todos os necessitados que os solicitem.

Filiadas na Federação, ou adesas, obedecendo à sua orientação doutrinária e métodos de trabalho, há perto de 200 associações espiritas, sendo 23 do Distrito Federal e as restantes dos diversos Estados. Entre elas, contam-se 12 Federações Estaduais que, ao mesmo tempo, são centros doutras tantas organizações federativas.

Naquelas Federações estão filiadas perto de 200 entidades, ascendendo assim a quási 400 o número de agremiações, directa e indirectamente adesas à Federação Espirita Brasileira, o que, aliás, representa elevadíssimo número, visto que as exigências que a Federação faz às Sociedades que se apresentam como candidatas, impedem que êsse número seja mais elevado.

A Federação mantém ainda um Departamento de Assistência judiciária, onde dois advogados atendem solícita e indistintamente aquêles que careçam de recursos para a defesa de seus interêsses particulares.

Todos os serviços que acabamos de enumerar são absolutamente gratuitos, sem exclusão de crenças, côr, raças, nacionalidade ou posição social.

Além de tudo isto, que é mais do que suficiente para impor uma colectividade, possui uma biblioteca franqueada diàriamente ao público, com mais de 8.000 volumes de obras literárias, doutrinárias, científicas, etc.

Entre as suas emprêsas de maior vulto, está a Livraria Editora, com oficinas tipográficas e de encadernação. Em nosso entender, é a principal alavanca da propaganda espirita, visto que as contínuas edições e reedições de obras que lança no mercado têm chamado a atenção do público, levando-o a interessar-se pela Doutrina.

Finalmente, a Federação Espirita Brasileira auxilia, com subvenções, 19 estabelecimentos de instrução primária e profissional do Rio de Janeiro e de diversos Estados da União Brasileira, além de contribuir eventualmente para diversas casas de caridade do norte e sul do grande e vasto país.

Ligados a esta Federação por laços fraternais que se fortalecem dia a dia, temos o maior prazer em fazer-lhe esta merecida referência, assegurando-lhe e desejando-lhe ainda mais e melhores frutos, já que a sua fôrça e o seu prestígio se reflectirão directamente na Causa que defendemos.

Para ela e, em especial, para o seu digno Presidente A. Wantuil de Freitas, vão as nossas saüdações amigas.

Que a Casa de Ismael alargue os horizontes da sua obra social e doutrinária, estendendo as suas edições a obras clássicas de Metapsíquica e Espiritismo, que muitos desejariam ler em vernáculo.

O Espiritismo cura um mudo

Do livro de Osvaldo Melo, intitulado «Sobrevicia e Comunicação dos Espíritos», editado em 1936 pela Livraria da Federação Espirita Brasileira, extraímos um caso interessante de mediunidade curadora, nada menos que a cura de um indivíduo que estivera mudo mais de 16 anos e que, ao cabo de duas sessões, recuperou a fala.

O caso passou-se em 1935 no Centro Espirita Humildade e Fé, de Passa-Vinte, na Palhoça, Florianópolis, sob a direcção do médium António Melo, irmão do autor do livro e por intermédio do qual se têm operado numerosas curas. Centenas e centenas de doentes o procuram, vindos de tôdas as cidades do Brasil. Até da Europa lhe chegam cartas a pedir consultas. Muitas dezenas de herniosos se encontram completamente sãos e doentes desenganados por muitos médicos têm sarado, mercê das faculdades dêste médium.

O autor conta um caso de cianose de nascença (doença azul) tratada pelo Astral com êxito completo, quando a criança tinha apenas alguns meses de idade. Trata-se dum filho de Osvaldo Melo que está hoje completamente restabelecido, sendo o mais forte e saüdável dos seis irmãos. Já foi acometido de febre paratifóide e nenhum indício da terrível doença se manifestou.

Mas vamos ao facto, que apaixonou muito tempo a opinião pública. Havia perto de 18 anos que o sr. Francisco da Cunha Silveira Filho, empregado das Casas Pernambucanas, em Blumenau, saíndo à rua para comprar um jornal, foi acomentido de doença súbita que lhe fêz perder a consciência durante dois dias, tendo sido grande o esfôrço dos médicos para salvá-lo. Ao voltar a si, o enfêrmo perdera a voz, ficara completamente mudo.

Vários médicos de Blumenau o trataram e por último o Dr. Pape, sem obterem a mais ligeira melhora. Estes facultativos desiludiram-no de recuperar a voz, até que, ouvindo falar das grandes curas obtidas pelo Espiritismo, foi à Palhoça, afim de se tratar com o médium citado. Após a primeira sessão, começou a falar, embora com dificuldade e em voz baixa. Depois da segunda, ficou radicalmente curado. A notícia chegou célere a Florianópolis e *O Estado* mandou um redactor àquela localidade, afim de apurar tôda a verdade. Eis o que disse o referido jornal, que é independente e alheio a credos religiosos:

«Correndo aqui a notícia de que no Centro Espirita Humildade e Fé, de Passa-Vinte, na Palhoça, sob a direcção do médium António Melo, se curara um mudo que havia 16 anos não falava, dirigimo-nos àquela cidade, ao hotel do sr. João Schoffer e preguntámos se não estava ali hospedado um cavalheiro que viera de Blumenau e que se havia curado da mudez de que sofria.

«Atendidos, fomos levados à presença do sr. Francisco da Cunha Silveira Filho, que nos disse o seguinte:

«— Cheguei aqui há 18 anos completamente mudo. Como vê, estou perfeitamente curado. Sou filho do coronel Francisco da Cunha Silveira, já falecido, e emudeci no dia 3 de Novembro de 1916, às 15 horas. Era caixeiro das «Casas Pernambucanas», da cidade de Blumenau, de que eram gerentes os srs. Francisco Mass e Frederico Rabe. Estava a falar com o sr. Ricardo Schoffer, o qual me pediu que lhe comprasse o jornal que um garôto andava a vender na rua. Quando entreguei o jornal ao sr. Schoffer, perdi a consciência e assim fiquei durante dois dias, vindo depois a saber que vários médicos me haviam tratado. Quando recuperei os sentidos, estava completamente mudo.

«Os tratamentos foram infrutíferos. Em 1920, fui sorteado para o serviço militar e declarado incapaz, por ser mudo. Em 1926, fui exonerado do cargo de contador do Juízo, em Blumenau, por não poder ter entendimentos com as partes, visto ser mudo — o que me haviam tolerado até então, por influências de amigos. Há cêrca dum mês, soube que o médium sr. António Melo estava em Blumenau. Valendo-me da interferência dos srs. Dr. Amadeu Luíz, Juíz de Direito, e Alfredo Campos, serventuário da justiça, pedi que solicitassem àquêle médium um serviço em meu favor.

«Vim então para aqui, afim de me submeter ao tratamento no Centro Espirita Humildade e Fé e desde a primeira sessão tive a legítima alegria de falar, embora com dificuldade e em voz baixa. Da segunda sessão em diante, comecei a falar com a clareza e desembaraço com que o sr. me ouve...»

«A espôsa do ex-mudo, D. Luíza Silveira, pede-lhe que fale mais alto, para que víssemos que tinha a voz perfeita. E o sr. Cunha Filho pôs-se a falar com voz mais forte, quási em tom de declamação.

«A sr.ª D. Luíza Silveira está contentíssima. Não cessa de dar graças a Deus e de encomiar a acção benéfica do Espiritismo. Casada com o sr. Francisco Cunha Silveira Filho há dez anos, nunca lhe ouvira a voz. O seu matrimónio realizara-se no dia 23 de Junho de 1923, sendo já mudo o noivo.

«Preguntado se entre pessoas conhecidas suas e nossas havia alguém que o tivesse visto mudo, o sr. Silveira Filho respondeu que sim, por exemplo, o sr. desembargador Pedro Silva, Felício dos Santos, Cid Gonzaga, Tomé Braga, Dr. Joaquim Breves Filho, tabeliães Roberto Baier e Oto Abry, prefeito António Cândido de Figueiredo, etc., etc.

«Regozijando-se com a cura da mudez do sr. Silveira Filho, as famílias hospedadas no Hotel Schoffer jogaram o *vispora* e deram ao ex-mudo o encargo de «cantar» os dados, missão esta de que se desempenhou admiràvelmente...

«Um amigo nosso, sabedor do que se propalava àcêrca da cura do ex-mudo, telegrafou para Blumenau ao Juíz de Direito Dr. Amadeu Luiz, preguntando-lhe se conhecia, como mudo, o indivíduo que agora estava curado. A resposta foi esta:

«— Francisco Cunha Silveira Filho reside aqui e está mudo há cêrca de catorze anos.

«Esta manhã fomos visitados pelo ex-mudo, que

Notas & Comentários

Um alvitre

Na «Crónica Estrangeira» dêste número fazemos o resumo da vida associativa da Federação Espirita Brasileira, durante 60 anos de existência ao serviço do nosso ideal. Ali se vê que uma das suas mais notáveis actividades reside precisamente na Livraria Editora, que há muito tempo trabalha com afinco na difusão do livro espirita.

Com efeito, a ela se deve o conhecimento da obra de Allan Kardec, Léon Dènis, Gabriel Delanne, Ernesto Bozzano, Flammarion, etc., cuja repercussão no mundo luso-brasileiro tem sido digna de louvor.

Há, porém, um reparo a fazer; e nêste pequeno comentário não há o mínimo vislumbre de censura, visto que sabemos apreciar o esfôrço da Federação no sentido de se tornar cada vez mais útil à Causa.

Ora, a Livraria tem reeditado muitas e muitas obras dos principais autores espiritas franceses e italianos, mas ainda pouco de novo deu a conhecer nos domínios da Metapsíquica e do Espiritismo Científico dos últimos vinte anos. Há pontos obscuros que aquêles autores deixaram sem explicação e que seria necessário esclarecer quanto antes. Os nomes citados foram grandes para a sua época, mas hoje exige-se mais alguma coisa. O Espiritismo tem evolucionado extraordinàriamente na Inglaterra e na América do Norte e nós pouco ou nada sabemos disso. Gustave Geley também deixou apreciáveis obras e a Federação nunca editou nenhuma delas, o que é para lamentar.

Nêste ponto, a Espanha e a Argentina caminham à frente dos países de língua portuguesa.

¿Porque não se abalança a Federação Espirita Brasileira à edição de obras novas, em vez de reeditar as antigas? Se pudéssemos e se tivéssemos público para tal, já nos tínhamos lançado nessa emprêsa. Estamos convictos de que a Federação amiga, que muito e muito prezamos, veria compensados os seus esforços, se pusesse em prática o nosso alvitre.

Transcrições

Nas revistas e jornais brasileiros chegados com grande atraso a esta redacção, deparamos com a transcrição de dois trabalhos publicados em *Estudos Psíquicos*. «As Energias Psíquicas», de Alvaro Ramos Pereira, e o grande relato que fizemos àcêrca das mensagens espiritas de Lord Dowding, marechal de Inglaterra. O primeiro foi transcrito pela *Revista Espirita do Brasil* e o segundo por *Mundo Espirita*, que acompanhou o nosso trabalho, fazendo justiça a *Estudos Psíquicos*.

Eis as palavras que antecedem a transcrição íntegra do relato.

«Embora não constitua novidade para os estudiosos do Espiritismo a transmissão de mensagens do

---

nos narrou episódios da sua doença. Aludindo ao seu casamento, disse:

«— Tenho até nêsse particular um testemunho da minha mudez: o actual bispo de Lages, D. Daniel Hostim, que era então vigário de Blumenau e foi quem celebrou o meu casamento.»

Pouco depois, *O Estado* publicava as seguintes notas:

«O sr. Francisco da Cunha Filho, que se curou da mudez de que há 16 anos sofria, depois de tratado no Centro Espirita Humildade e Fé, de Passa-Vinte, na Palhoça, recebeu do sr. Dr. Amadeu Luiz o seguinte telegrama: «Parabens pela graça que Deus lhe concedeu, fazendo-lhe voltar a voz perdida há 16 anos».

«Esteve hoje em nossa redacção o sr. Francisco Mass, negociante em Blumenau e que, tendo lido no *Estado* a notícia da cura da mudez do sr. Francisco da Cunha Silveira Filho, feita pelo Espiritismo, procurou-o para certificar-se do facto. Satisfeito com o que observara, veio à nossa redacção confirmar que o ex-mudo era seu empregado, quando sofreu o ataque de que resultou a mudez, de que se acha radicalmente curado».

Há a notar a ombridade do Dr. Amadeu Luíz, o qual, sendo católico praticante, não se esquivou ao reconhecimento da verdade. Houve também em Joinville um médico que escreveu àcêrca desta cura, dizendo que não era de espantar... O que é certo é que o homenzinho esteve mudo todo aquêle tempo, sem que aparecesse quem o normalizasse. O que a medicina não realizou em mais de 16 anos, realizou o Espiritismo em duas simples sessões de desobsessão, porque o doente era, sem dúvida, obsediado por qualquer Espírito que talvez ignorasse a situação em que se encontrava.

Além, principalmente na Inglaterra, onde se têm verificado muitos fenómenos importantes, onde o Espiritismo científico tem sido estudado por homens eminentes e de projecção mundial, como Crookes, Lodge, Doyle e outros, não deixa de ser bastante significativa, conforme brilhante reportagem de *Estudos Psíquicos*, de Portugal, de Dezembro de 1943, a conversão de Lord Dowding, Marechal do Ar do Império Britânico.

«É um facto a mais, bem documentado, para demonstrar aos materialistas que existe vida, vida real, fora da matéria. Trata-se duma conversão consciente, à luz de provas concretas, incontestáveis. Os depoïmentos publicados em *Estudos Psíquicos*, conceituada e severa revista portuguesa, merecem todo o crédito, já pelas circunstâncias em que se realizaram as manifestações, já por se tratar de um homem de responsabilidade como «Sir» Hugh Dowding, cuja qualidade de Marechal do Ar de Inglaterra põe ainda em maior relêvo a sua conversão ao Espiritismo.

«Para maior divulgação, transcrevemos abaixo a matéria que, sob o título «A Marcha do Espiritismo», publicou *Estudos Psíquicos*, cujos comentários, dada a autoridade dessa grande revista, são dignos de crédito em qualquer parte.»

À *Revista Espirita do Brasil* e especialmente a *Mundo Espirita*, pela justiça que nos acaba de fazer, ao transcrever na íntegra, com a fotografia, o relato que fizemos da conversão do Marechal Dowding ao Espiritismo, os nossos melhores agradecimentos.

Uma boa notícia

Segundo informa a *Revista Espirita do Brasil*, o Centro Espirita «Amor e Fraternidade», da cidade de Catalão, Estado de Goiás, requereu ao Prefeito Municipal isenção de imposto predial, visto tratar-se de instituïção de carácter religioso. (No Brasil, o Espiritismo adoptou a feição religiosa, para gozar de certas preferências e imunidades extensivas às várias religiões que ali praticam seus cultos).

O requerimento foi deferido, atendendo também à idoneidade dos directores do Centro e à beneficência por êle exercida.

Esta resolução apoiou-se na resolução da Comissão de Estudos dos Negócios Estaduais que, no dizer de *O Globo* de 8-1-944, ao examinar o processo referente a isenção de impostos de licença para a localização de templos evangélicos, requerida pela Confederação Evangélica Brasileira ao prefeito do Distrito Federal, opinou no sentido de se responder ao prefeito que os prédios utilizados para o culto de qualquer religião ou seita religiosa estão isentos de impostos, à excepção das taxas remuneratórias, uma vez que, dado o seu carácter de contra-prestação, a elas estão sujeitos até os poderes públicos.

De hoje em diante, serão isentos de contribuïção os prédios onde estiverem instalados os centros espiritas brasileiros.

Facciosismo

«Mas se tendes amarga inveja e sentimento faccioso, em vosso coração, não vos glorieis, nem mintais contra a verdade» — Tiago: 3 — 14.

Tôda escola religiosa apresenta valores inconfundíveis ao homem de boa vontade. Não obstante os abusos do sacerdócio, a exploração inferior do elemento humano, as fantasias do culto exterior, o coração sincero pode beneficiar-se, amplamente, iluminando-se para o encontro da Consciência Divina em si mesmo.

Mas, em tôda escola religiosa, pròpriamente humana, há que evitar um perigo — o sentimento faccioso que adia, indefinidamente, as mais sublimes realizações espirituais.

Católicos, protestantes, espiritistas, todos êles se movimentam, ameaçados pelo monstro da separação, como se o pensamento religioso traduzisse fermento da discórdia.

Infelizmente, é muito grande o número de orientadores encarnados, que se deixam dominar por suas garras perturbadoras. Obstáculos vigorosos impedem a visão da maioria.

Todos querem que Deus lhes pertença, mas não cogitam de pertencer a Deus.

Que todo aprendiz de Cristo esteja preparado a resistir ao mal; entretanto, é imprescindível que compreenda a paternidade divina como herança sagrada de tôdas as criaturas, reconhecendo que, na Casa do Pai, a única diferença entre os homens é a que se mede pelo esfôrço nobre de cada um.

Emmanuel

(Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier).

Noticiário

«Current List of Medical Literature»

Visitou-nos pela primeira vez a «*Current List of Medical Literature* (Registo Semanal de Literatura Médica), de Washington, que havia solicitado a permuta de *Estudos Psíquicos,* em carta firmada pelo sr. L. K. Falk.

Temos aqui o n.º 15 e o n.º 16 do sexto volume, cuja matéria se estende a 50 assuntos diferentes, desde a Anatomia à Zoologia, passando pela Neurologia, Psiquiatria, Psicologia e Higiene Mental.

Á *Current List of Medical Literature* as nossas saüdações.

«Fé»

Recebemos o primeiro n.º de *Fé,* jornalzinho de 3 páginas dactilografadas em forma de epístola e que se apresenta como órgão da *Fraternidade Esotérica,* núcleo ocultista há pouco reconstituído.

A *Fraternidade Esotérica* é um grupo «de preparação espiritual que não faz questão de escola para atingir os altos objectivos de discernimento e de fraternidade universal a que se propõe, como se lê no artigo de apresentação.

«O Globo»

Completamente remodelado, quer nas secções, quer no aspecto gráfico, acabamos de receber o n.º 27 de *O Globo,* quinzenário de estudos, crítica e vulgarização cultural, orientado pela discutida figura de Adolfo Casais Monteiro, tradutor do livro de Carrel «O Homem, êsse Desconhecido» e um dos modernos críticos portugueses de maior projecção nos meios culturais.

Ao *Globo,* que tem a redacção e administração na Rua Luz Soriano, 27, 2.º, Lisboa, apresentamos os nossos cumprimentos, com votos de longa vida e contínuo progresso.

Os que nos deixam

No dia 8 de Julho abandonou a Terra o nosso confrade e amigo Rufino Augusto Lopes Bragança, vogal da Direcção do Centro Espiritualista Luz e Amor, ao qual serviu com lealdade, dentro das suas possibililades que, ùltimamente, devido ao seu estado de doença, se tornavam cada vez mais precárias. O seu organismo estava velho e cansado e não conseguiu reagir às arremetidas da doença. Era alferes reformado do exército colonial, onde militou mais de 30 anos.

Que o seu espírito encontre no Além o amparo espiritual de que necessita.

À Ex.ma Sr.a D. Margarida Lopes Bragança, viúva daquêle confrade e amigo, apresentamos os protestos da nossa solidariedade.

Férias do Centro

O Centro entrou em férias no dia 1 de Agôsto corrente, as quais se prolongarão até o dia 8 de Outubro, data em que inauguraremos o novo ano espirita. Continuará, porém, aberto às 2.as, 4.as e 6.as feiras, das 14 às 16 horas para expediente e atender quaisquer interessados.

As nossas conferências

O nosso estimado colaborador F. Noronha realizou em 16 de Julho nêste Centro, não a sua anunciada conferência, mas outra intitulada «Milagres» e que deixou nos ouvintes a melhor impressão. A outra, intitulada «A Minha Identificação Espitista», não chegou às nossas mãos, em virtude de esquecimento do intermediário escolhido para êsse fim.

F. Noronha esteve à altura dos seus méritos reais, que são muitos. Provou à saciedade que o «milagre» fêz a sua época e que a ciência se encarregou de descobrir a razão de certos mistérios da Natureza que, durante séculos, permaneceram esfíngicos, erguidos como pontos de interrogação perante a maioria da humanidade.

Presidiu o nosso confrade e velho amigo sr. major Eurico de Castro Zuzarte, que, em palavras espontâneas e fluentes, agradeceu ao conferente o trabalho que apresentou. Em seguida, expôs a maneira como tem trabalhado no Espiritismo, desde o 1.º Congresso, dispondo-se a continuar nêse labor muito grato ao seu coração e à sua inteligência.

Finalmente, o presidente da Direcção congratulou-se com a forma como decorreram os trabalhos do ano espírita que agora terminou, visto que o Centro ia entrar em férias no dia 1 de Agôsto, e salientou o facto dêste ciclo de conferêncis ter sido aberto pelo nosso velho amigo sr. coronel Faure da Rosa, um dos melhores colaboradores de *Estudos Psíquicos,* e fechado por outro eminente colaborador, o sr. F. Noronha, ambos já de idade provecta, mas que têm provado exuberantemente que o espírito não envelhece, tantas e tão belas obras têm produzido e produzirão ainda, para edificação dos novos.

Agradeceu a presença doutros elementos, entre os quais o sr. capitão Losa e Amadeu Alves Dinis e terminou por desejar a todos muita saúde e paz espiritual. Assim terminou o 5.º ciclo de conferências do Centro Espiritualista Luz e Amor, no ano de 1944.

Auxílio ao Centro

Dos confrades abaixo mencionados, recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

António Joaquim Gomes, de Cabaços.....	75$00
Francisco Elias de Carvalho Simão, de Ovar	20$00
Total.....	95$00

Estudos Psíquicos

2.° volume correspondente ao 3.° e 4.° ano, impresso em papel especial, formando um grosso volume de cerca de 400 páginas, encadernado em optima percalina azul

(TIRAGEM REDUZIDA)

À venda nesta redacção ao preço de 70$00

«Considerações sôbre os Ensinamentos de Jesus»

Quereis auxiliar a propaganda?

Adquiri imediatamente êste livro, que Fernando da Cruz Ferreira extraiu das obras do escritor brasileiro VINICIUS e acaba de editar, com prévia autorização, para alterar, resumir ou adaptar o que julgasse conveniente à difusão da Doutrina.

O preço de cada exemplar é de 7$00 escudos, destinados exclusivamente a custear a remessa gratuita de exemplares de «Estudos Psiquicos» a professores, pessoal dos liceus e casas de ensino de Lisboa.

¡Auxiliai a propaganda, adquirindo o livro!

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Espiritualista

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
Obras Póstumas	15$00	21$00
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	3$50	
O Além e a Sobrevivência	3$50	
O Grande Enigma	10$00	
O Porquê da Vida	8$00	
Joana d'Arc Médium	16$00	22$00
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	17$00	23$00
DR. A. LÔBO VILELA		
Hipóteses Metapsíquicas	7$00	
O Problema da Sobrevivência	7$00	
O Destino Humano	14$00	
LEOPOLDO MACHADO		
Pigmeus contra gigantes	10$00	
Doutrina inglória (O problema da natalidade à luz do Espiritismo)	10$00	
BITTENCOURT SAMPAIO		
De Jesus para as Crianças	8$00	13$00
Jesus perante a Cristandade	12$00	17$00
OSVALDO MELO		
Epístolas aos Espiritas	7$50	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos	10$00	16$60
OBRAS DIVERSAS		
Além (O) para todas as inteligências, por *J. L'Homme*	10$00	
Amor, Vida e Evolução, por *Fernando da Cruz Ferreira*	8$00	
António de Pádua, por *Almerindo Martins de Castro*	10$00	
Breve História dos «raps», por *Ernesto Bozzano*	3$00	
De Maria para suas filhas	3$00	
Fim (O) do Mundo, por *Camilo Flammarion*	12$00	
Evangelho das Crianças (3.º livro de leitura) por *António Lima*		7$00
Granja (A) do Silêncio, por *Paul Bodier*	10$00	
Metapsíquica (A) e o Espiritismo à luz dos factos, por *Faure da Rosa*	2$50	
Minas de Sincorá, por *Estrelita Junior*	6$50	
No Limiar do Etéreo, por *J. Artur Findlay*	13$00	19$00
Nova (A) Luz, por *Georges Dejean*	12$00	18$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho por *João, o Evangelista*	12$00	
Novas Mensagens do médium F. Cândido Xavier	10$00	
Pela Vitória do espirito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Psicologia Experimental, pelo *Dr. Paulo Gibier*	3$00	

Nêstes preços não está incluído o porte do correio.

Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e Ilhas Adjacentes.

Para as Colónias e estrangeiro, a remessa é feita contra pagamento adiantado, por meio de vale postal.

AVISO AOS INCAUTOS

Não são espiritas os que exploram a credulidade das pessoas incultas ou fanáticas, exibindo falsas faculdades e recorrendo a artifícios de toda a espécie, para melhor iludir a boa-fé dos incautos.

Não são espiritas os que se entregam à adivinhação pela invocação dos espíritos, porque o Espiritismo não é arte divinatória e por isso os espíritos que se prestam a semelhante papel são, necessàriamente, inferiores (por mais pomposos nomes que apresentem) e o seu convívio só poderá ser prejudicial.

As casas das chamada *mulheres de virtude, cartomantes, bruxas* e de todos os que se dedicam a estas práticas supersticiosas são de infecção espiritual, onde os espíritos inferiores vivem permanentemente e fazem seu campo de manobras.

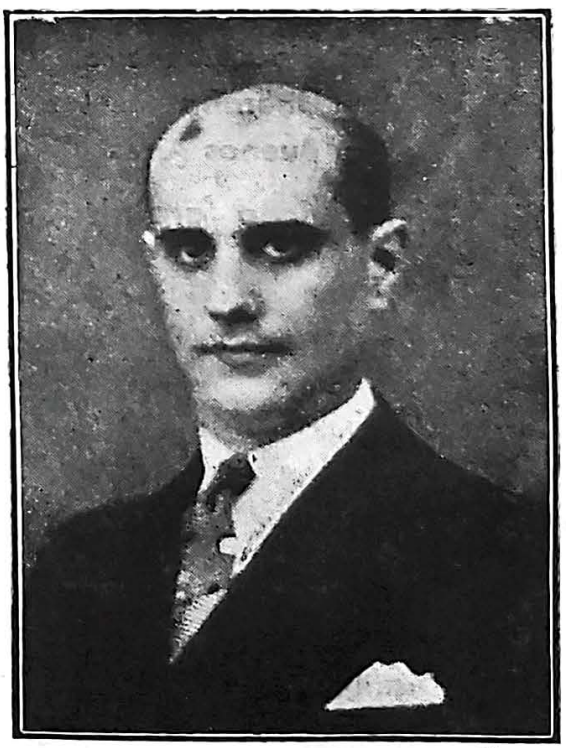
«Estudos Psíquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas e colónias e no Brasil

ANO V SETEMBRO DE 1944 N.º 11

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONTÉM : Dificuldades, **da redacção;** Filosofia Neo-Espiritualista, por **Ramos Pereira;** Cultura — I — pelo **Coronel Faure da Rosa;** Transposição de Umbrais, pelo **Dr. Leal de Sousa;** No mundo das sensações; Conte o seu caso ... Como se tornou espirita? — **Depoimento do Dr. A. Lôbo Vilela;** Resumo da Doutrina Espirita — IX — pelo **Dr. Gustave Geley;** Alma e sensação, por **Deolindo Amorim;** Credo Espirita, por **Ramos Pereira;** Notícias do Brasil; Abecedário dos Médiuns, de Manuel Quintão; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Duarte Santos;** Notas e Comentários; Noticiário.



DR. A. LOBO VILELA

(Ver pag. 334)

LEITOR AMIGO:

Escuta, por um momento. ¿Já pensaste alguma vez no mistério da vida, no porquê da tua existência terrestre e no que te espera, ao abandonar o mundo físico? ¿Já pensaste?... ¿E não te sentiste atraído para a meditação cotidiana, para a decifração de tão grande enigma?

De-certo que já pensaste e meditaste e concluíste pela necessidade de aprofundar o assunto. Tens, agora, belo ensejo. Acompanha «Estudos Psíquicos» *na sua acção, torna-te seu amigo e colaborador, porque há muita maneira de auxiliar as obras úteis. Tudo que fizeres, redundará em teu próprio benefício.*

ESTUDOS PSÍQUICOS

Revista mensal

ORGÃO OFICIAL DO CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR

E PORTA-VOZ

do Centro Espirita Reflexos da Verdade, de Beja, do Centro Espirita Luz, de Coimbra, do Centro Espirita Luz e Verdade, de Matozinhos, do Centro Espirita Fé e Caridade, de Angra do Heroismo, do Centro Espírita de Santa Judite, do Pôrto, do Grupo Espirita Humildade, de Aveiro, do Grupo Espirita Paz, Caridade e Protecção, de Faro, e do Grupo Espirita Perseverança e Fé, de Maiorga

Rua do Salitre, 149, 1.º, E. = = = = = = = = = = = = LISBOA

PROPRIEDADE DE ISIDORO DUARTE SANTOS

a quem deve ser dirigida tôda a correspondência

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores • Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

Redactores - correspondentes:

No Rio de Janeiro	Almerindo Martins de Castro
Em Uberaba	Dr. Inácio Ferreira
Em Buenos Aires	Dr. Luiz M. di Cristóforo

Distribuïção gratuita aos sócios do Centro E. Luz e Amor

ASSINATURAS

Portugal e Espanha (série de 12 números)	*36$00*
« « « « « 6 «	*18$00*
Colónias e Brasil (série de 12 números)	*50$00*
« « « « « 6 «	*25$00*
Outros países (série de 12 números)	*60$00*
« « « « 6 «	*30$00*

Cobrança pelo correio — mais 1$60

Distribuidores exclusivos para Portugal, Ilhas e Colónias: **Editorial Organizações, Lda.**, Largo Trindade Coelho, 9, 2.º — Lisboa — Telefone 27507

• VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA •

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

ANO 5.º | LISBOA, SETEMBRO DE 1944 | N.º 11

Propriedade de Isidoro Duarte Santos | Direcção e Edição de Maria Gonçalves Duarte Santos | Redacção e Administração — Rua do Salitre, 149, 1.º—E.

Composto e impresso na Tipografia SILVAS Lda. — Rua de D. Pedro V, 120 — LISBOA

DIFICULDADES

O homem põe e Deus dispõe. Quando se deseja materializar uma idéia, há sempre obstáculos a vencer. Por vezes, as dificuldades excedem as possibilidades e o remédio é esperar que se modifiquem as circunstâncias. Na altura própria, depois da preparação do terreno, lança-se outra vez a semente. E assim vamos treinando as energias criadoras e renovadoras e alimentando novos projectos, que se esboçam à medida que avançamos. Então, o plano de ontem surge modificado, com alterações que melhor o adaptam à época decorrente. O que se perdeu em oportunidade, ganhou-se em perfeição e tudo é compensado e melhorado.

«Estudos Psíquicos» acaba de sofrer novo aumento de despesa gráfica. Mais 25 por cento, além dos 50 que já sofrera nos últimos dois anos.

Com semelhante situação, não há projectos que triunfem. O dia de àmanhã é sempre duvidoso...

O homem põe e Deus dispõe. O homem é a alavanca, é a acção em movimento, em contínuo progresso. Deus, neste caso, é a circunstância, a particularidade ligada aos acontecimentos e que, na mór parte das vezes, não foi prevista a tempo de evitar contrariedades ou dissabores.

O nosso projecto de revista quinzenal terá de aguardar tempos mais propícios, em que a estabilidade económica tranqüilize o mundo em chamas revoltas.

Entretanto, como dizemos acima, vamos treinando as energias criadoras e renovadoras. Vamos tirando da experiência a porção de coragem que ensina a vencer, certos de que o nosso dia chegará, acolhedor e favorável. O ambiente será outro e a ferramenta melhor. Os meios também evolucionarão em justa medida.

Quatro anos aparecemos bimestralmente, sem uma falha, não obstante os sacrifícios pessoais a que nos expusemos. O quinto ano registou um grande melhoramento. Duplicámos o ritmo da nossa marcha, arejámos mais estas páginas, a que demos maior formato, e tudo se dispunha para novo impulso, para nova cadência. Eis senão quando, a dificuldade se ergue invencível e tudo volta ao estado precedente.

Mas nem tudo ruíu, como parece. A idéia está de pé e será realizada quando a hora soar, quando o trabalho do homem seja garantia de segurança e de permanência.

Não desejamos aumentar mais o preço da revista. Quando formos obrigados a rever o assunto, em virtude das dificuldades que se erguerem de novo, tomaremos a única resolução que poderá ser tomada.

Até lá, seria bom que se aumentasse o número dos assinantes e reforçasse o Núcleo de Amigos de «Estudos Psíquicos», para atenuar as dificuldades que já rolam sôbre nós, como avalanche.

Aquêles que o puderem fazer, contribuïrão para uma obra útil e para a manutenção duma sentinela vigilante que cumpre rigorosamente o seu dever.

¡Unamo-nos e seremos fortes; unamo-nos e venceremos muitas dificuldades que, nêste momento, parecem insuperáveis!

FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA (*)

por Ramos Pereira

PSICOLOGIA

A) Introdução

III — A Consciência

MAS o indivíduo não tem apenas a capacidade do comportamento, as faculdades que lhe permitem pensar, sentir ou querer. Êle conhece em si as acções e as modificações, o próprio comportamento; e, isso, porque «pode conhecer».

O ser sente, porque pode sentir; além disso, êle sabe que sente. O fenómeno psicológico é concomitante com o conhecimento que o ser toma dêle. É velho o postulado: — «sofrer e saber que se sofre é imediato».

Mas êste poder não é uma qualidade do fenómeno, não é só o que Kant e Leibniz disseram: — «a apercepção da multiplicidade na unidade».

«La conscience est surtout un devenir, quelque chose qui dure. Les états de conscience sont des moments de cette durée si rapidement qu'ils se transforment les uns dans les autres; par conséquent, ils ne sont pas absolument isolables les uns des autres et ne peuvent pas étre donnés en toute rigueur simultanément.» (Cf. A. Rey, in «Psychologie»).

A consciência não é, assim, a medida qualitativa do comportamento, e isso porque os fenómenos do comportamento trazem em si a característica da inteligibilidade: — o fenómeno consciente é a consciência do fenómeno.

Embora aprenda melhor a mudança de estado pela fôrça do contraste e quási se insensibilize à continuïdade dum estado, ela percebe o próprio fenómeno em si, contràriamente à opinião de Hobbes, Bain, Herbert Spencer e Th. Ribot, ou ser-lhe-ia impossível perceber a mudança. A êste poder reservam o nome de «consciência reflexa», porque nela o ser percebe o seu próprio comportamento. Para a característica que acompanha o fenómeno e sem a qual êste não seria apreendido, reservamos a designação de «senso intimo» ou consciência espontânea. Se esta dura tanto como o fenómeno, aquela permanece, como faculdade que é.

Logo, a consciência espontânea é um s i m p l e s epifenómeno (convindo com Maudsley e Ribot), mas a reflexa é um poder do indivíduo.

Analisemos agora a natureza dêste poder.

Leibniz, Schopenhauer, Hamilton e Taine consideravam a consciência como o somatório de elementos insconscientes e, para o comprovarem, acumularam os mais engenhosos exemplos: a associação de idéias, a imaginação, etc., são produtos de trabalhos insconscientes; a dor continuada acaba por não ser sentida; etc.

Com efeito, há estados muito fracos, mas daí a supô-los inconscientes é um grande passo.

Ainda que assim fôsse, ¿como se produziria a integração? O extenso não é o somatório de inextensos; a unidade não se produz pela adição de zeros.

Doutra parte, o associacionismo seguiu um processo semelhante, à base de elementos conscientes, liberando-se assim da ilogicidade dos anteriores. Caíu, porém, no êrro duma integração quantitativa, pois é irracional supor um sofrimento como divisível em extensão.

Ora, nós vemos que os dados da consciência são fundamentalmente qualitativos e, se bem que os fenómenos conscientes sejam susceptíveis duma gradação em intensidade, esta não é mais que um «simil» de quantidade no campo da qualidade.

Quando analisamos um estado psíquico, notamos a existência dum numero reduzido de fenómenos capitais a que se prendem outros, menos importantes, mais fracos, que ligam aquêles numa cadeia única. Mas se todos êles são apreendidos pela consciência, esta é contínua (corrente da consciência de William James).

De facto, o próprio estado é a resultante

(*) Ver *Estudos Psíquicos* de Julho e Agosto p. p.

daquêles fenómenos transitivos, daquela «franja» dos fenómenos capitais. ¿Como se explicaria, sem isto, a memória ou a associação de idéias?

Esta é a consciência clara.

Contudo, momentos há em que parece continuar num caminho mais profundo e inapercebido. Suponhamos que li uma obra versando um tema e defendendo uma tese que, no momento, era oposta às minhas convicções. Abandono o livro, «esqueço» o assunto e... um dia venho a reparar que, insensìvelmente, sem perceber como, defendo os mesmos princípios daquela tese.

É um caso vulgar da consciência individual... Parece que as idéias do autor fizeram um trabalho subterrâneo, minando o edifício das convicções.

Tal é a corrente da chamada «subconsciência»; no fundo, uma actividade psicológica, consciente nos seus extremos e reflexos e inconsciente no seu caminho. A consciência está nela adormecida e não ausente. ¿Como e porquê se dará êsse afundamento temporário?

«Si nous prenons un homme adulte, sain, d'intelligence moyenne, le mécanisme ordinaire de sa vie mentale consiste en un va-et-vient perpétuel d'évenements intérieures, en un défilé de sensations, de sentiments, d'idées, d'images qui s'associent ou se repoussent suivant certaines lois à proprement parler, ce n'est pas comme on l'a dit souvent, une chaîne, une série, mais plutôt une irradiation en plusieurs sens et dans plusieurs couches, un agrégat mobile qui se fait, se défait et se réfait incessament. «(Cf. Th. Ribot, in «Psychologie de l'attention», pag. 5). A atenção é a paragem momentânea nêsse desfile contínuo.

IV — A Atenção

A atenção é uma função geral do comportamento. Nela, o indivíduo detém o desfilar da cavalgada da consciência, para se concentrar num fenómeno. É, pois, a concentração das faculdades num objecto.

Quando êsse objecto é externo, a atenção diz-se externa ou «observação»; quando interno, diz-se interna ou reflexão. Por vezes, é a própria fôrça da sensação provocada pelo objecto que desperta as faculdades (atenção passiva); outras, provém duma reacção voluntária do indivíduo (atenção activa).

A primeira forma é susceptível de gradações: — preocupação, estupefacção, obsessão e fascinação.

Sob êste aspecto passivo, o ser como que se isola do meio e a causa é sempre uma sensação que se consegue sobrelevar às outras, concomitantes na corrente da consciência. Mas essa causa não é única, um objecto que nos provoca profunda sensação num dado momento, pode passar-nos despercebido noutro instante. Logo, não são só as qualidades do objecto que são causa, mas também a sua harmonia com o estado de alma anterior. O estado como que predispõe. Eis porque lhe chamei forma pura, pois que na voluntária é independente do estado, visto que o ser se obriga a inclinar-se para o objecto.

Na sua seqüência normal, a consciência não cai de chofre na atenção. Há, por assim dizer, um ponto morto, após o qual a linha de concentração sobe gradualmente ao ponto máximo.

¿Porque se dá êsse ponto morto? Porque simultâneamente à sensação 1 se dão muitas outras, menos intensas e duradoiras, mas que neutralizam, a princípio, a sensação 1. Com o cansaço, a consciência vai-se abrindo para novas sensações, cujo aglomerado acaba por vencer a sensação 1. Assim se explica o ascender e descer gradual.

Na estupefacção, não há concentração das faculdades, mas antes inércia. É uma verdadeira desecarga psicológica com concomitantes fisiológicos: — os olhos, os lábios e os maxilares entreabrem-se numa expressão característica; a respiração atenua-se tanto, que parece parar; etc.

Que fica? Apenas a imagem dumas coisa indefinida que não seremos capazes de descrever; a recordação de algo que nos deu um prazer ou uma dor demasiado intensa; a sensação de cansaço.

O êxtase é, a meu ver, uma hiper-estupefacção que pressupõe sempre sensibilidade extrema e concentração em que entra bastante actividade.

A preocupação é uma forma prolongada da atenção espontânea. Os «éclats» são contínuos, suscitados por pequenos nadas. A causa é a harmonia do estado de consciência com o objecto; quando o estado cessa, cessa implìcitamente a preocupação. Outras sensações auxiliam o prolongamento da primeira. Uma preocupação muito continuada pode conduzir à monomania e

mesmo à loucura; mas ainda que não chegue a tal, as conseqüências são sempre profundas e graves. Bela Mittlermann e Harold G. Wolff provaram que esta hipertensão causa uma hipersecreção gástrica; os músculos do duodeno e do estômago, bem como os vasos sangüíneos, tendem a uma contracção anormal. A resistência ao poder dissolvente do suco gástrico diminui, originando-se, com facilidade, uma ulceração péptica.

Walter C. Alvarez, da Clínica Mayo, diz: — «Se o paciente conserva o espírito atribulado e não modifica o seu temperamento, a operação, é, provàvelmente, inútil». A conservação do estado suscita sempre os mesmos efeitos e o aparecimento duma nova úlcera... que depois se julga ser a mesma. ¿Não é lógica a terapêutica mental? Sem dúvida, pois que, cessando as causas, hão-de cessar os efeitos.

Com facilidade, um ser fraco pode da preocupação vulgar evoluir para a obsessão. Nesta, em vez de «éclats» sucessivos, a imagem está sempre viva.

A fascinação resulta da estupefacção. Após o deslumbramento, sente-se o indivíduo prêso às sensações experimentadas, e quere de novo fruí-las, fruí-las sempre. E, assim, persegue o objecto tenazmente, como na obsessão. Afasta-se, porém, desta forma, porque, enquanto na obcessão há a idéia de que somos perseguidos, na fascinação há a consciência de que perseguimos aquilo que julgamos superior a tudo o mais, até a nós próprios.

A atenção, quer activa quer passiva, é analítica, exclusiva e absorvente; mas se na primeira se mescla uma aplicação voluntária ao objecto e rejeição positiva das impressões circunstantes, na segunda há ainda necessidade.

Leis fisiológicas e psicológicas regem o fenómeno. Embora gerais, não têm, porém, o rigor das leis naturais, principalmente as fisiológicas. São mais enunciados de fenómenos correlativos do que leis:

Fenómenos motores: — os músculos relaxam-se, o corpo imobiliza-se; os superciliares e os orbiculares contraem-se; a bôca entreabre-se.

Fenómenos vaso-motores: — o sangue aflui aos centros nervosos, fugindo da periferia; a insuficiência respiratória causa excesso de carbo-hemoglobina que, ao fim dum tempo mais ou menos longo, se traduz por cansaço, fundas inspirações, contracções dos músculos, vista enevoada, constantes aberturas dos maxilares (reacção do organismo).

Fenómenos térmicos: — a temperatura cerebral aumenta; as extremidades dos membros arrefecem.

Fenómenos respiratórios: — as inspirações são curtas e espaçadas; de vez em quando, uma inspiração funda, como reacção do organismo à deficiência de oxigénio.

Desintegração de substâncias orgânicas: — a maior actividade cerebral traz desfosforação progressiva das células nervosas e daqui o cansaço e, por vezes, o enfraquecimento. Os produtos da desintegração são eliminados principalmente pelo aparêlho urinário: — urina escura e turva.

Em essência, as leis psicológicas reduzem-se à lei da concentração, que poderemos enunciar: — a atenção, como concentração das faculdades num objecto, reduz o campo de consciência.

Daqui derivam, como corolários, as seguintes leis:

1.ª — Na atenção passiva, a intensidade da excitação e a redução do campo da consciência estão em razão directa;

2.ª — Na atenção activa, a intensidade do desejo e a redução do campo da consciência estão em razão directa;

3.ª — A percepção dos pormenores e a sensação afectiva estão em razão directa com a intensidade da atenção;

4.ª — A expectativa aumenta o poder da atenção;

5.ª — A atenção activa continuada está sujeita a rítmo ondulatório.

Fizemos, pois, sôbre a natureza da atenção, uma teoria psicológica em que, se não esquecemos o concomitante fisiológico, demos-lhe, no entanto, um complemento necessário.

Condillac e Taine pretenderam provar que a atenção é apenas uma sensação predominante (teoria fisiológica). Th Ribot, seguindo Maudley, foi mais longe: — «la conscience est un résultat, non la cause de l'excitation. Dans la réflexion, il ne s'agit pas, comme on l'admet habituellement, de diriger la conscience ou l'attention sur l'idée mais de donner à l'idée une intensité suffisante pour qu'elle s'impose à la conscience.» (Cf. op. cit.). Mas não fêz mais que torcer a característica do fenómeno para a adaptar à sua teoria.

De tudo o que dissemos, ressalta a idéia

CULTURA

pelo coronel Faure da Rosa

I

O homem e a mulher que entram na vida devem cuidar da sua cultura intelectual e do desenvolvimento das suas faculdades morais. Se aprender fôsse ùnicamente recordar, jamais poderíamos aumentar os nossos conhecimentos: seria a estagnação perpétua.

O progresso individual depende do esfôrço de cada um, como o progresso colectivo depende do esfôrço de todos.

É na idade adulta que a educação moral se torna mais necesária e é, também, nessa época da vida que mais se acentua a sua eficácia. A vida — então, pricipalmente — é um mentor duríssimo se não deligenciarmos frustrar-lhe as arremetidas, reformando o nosso íntimo, tornando-nos cada vez melhores sem esperarmos as suas advertências severas ou os seus castigos.

O que mais importa é cada um procurar saber quais os defeitos ou vícios a extirpar ou a evitar e quais as qualidades e virtudes a robustecer ou a conquistar. Francklin, o inventor do pára-raios, depois de ter feito o inventário da sua alma, estabeleceu um sistema de contabilidade por *deve* e *haver*, onde registava o que lhe faltava e o que tinha em demasia, valores positivos e valores negativos, como uma conta-corrente meticulosamente cuidada.

«Desde o instante em que a nossa vontade chegou a ter consciência própria — escreve Paul Doumer em *O Livro do meu Filho* — e nos é dado aprender sem outro mestre além da razão, o trabalho torna-se frutuoso como jamais o fôra. Dos conhecimentos adquiridos assim, é que nós somos verdadeiramente senhores. Penetramos, então, no âmago daquilo que apenas levemente tocámos primeiro; compreendemos o que antes nos contentáramos em reter de memória. Onde não víramos senão palavras, descobrimos pensamentos, onde nos quedámos à superfície, mergulhamos no fundo das questões».

De tôdas as vantagens que o século em que vivemos nos proporciona, talvez nenhuma outra iguale a da facilidade relativa que hoje temos em adquirir livros. Os livros são verdadeiros amigos de tôdas as idades e de todos os países; podemos tê-los permanentemente ao nosso serviço ou despedi-los quando nos apetecer, quando nos não agradarem. Nunca são importunos e respondem às nossas preguntas quando os sabemos interrogar e compreender. Uns narram acontecimentos de outrora; outros revelam segredos da natureza. Estes ensinam a viver; aquêles a morrer. Uns, pelo seu encanto, afastam as nossas inquietações, alegram-nos; outros fortalecem-nos a alma, dão-nos a importante lição

(*) Palestra proferida na Federação Espirita Portuguesa, no dia 29 de Julho, na abertura da exposição do livro espirita, organizada pela Comissão de Solidariedade da mesma Federação.

---

de que a atenção activa não se pode fazer no vácuo da consciência, não substituíndo a passiva, antes a provocando, guiando e intensificando.

A atenção activa é a grande forma de responder à necessidade inata de conhecer. Sem ela, o homem não atingiria o conhecimento científico e menos ainda o filosófico. É uma condição da memória e da imaginação, e uma «espécie de prece natural pela qual conseguimos que a razão nos ilumine» (Malebranche), «é a atenção que torna os homens graves, sérios, prudentes, capazes dos maiores trabalhos e das mais altas especulações.» (Bossuet).

BIBLIOGRAFIA

ABEL REY — Psychologie
AUGUSTE COMTE — Cours de Philosophie positive.
BARBEDETTE — Philosophia scholastica.
J. SIMON — Le Devoir
ROBINET — Filosofia Positiva
TH. RIBOT — Psychologie de l'attention
W. F. BARRETT — Psychical Researches.
WILLIAM JAMES — Principles of Psychology.
WILLIAM MACDOUGAL — Psicologia.

de moderarmos os desejos e ensinam-nos a não contar senão connosco, ensinam-nos a caminhar sem o apoio de outrem. Em resumo, os livros rasgam as várias avenidas de tôdas as artes e de tôdas as ciências. Em troca de tantos serviços, êles — os livros — pedem sòmente que lhes demos local apropriado a um canto da nossa habitação, por mais modesta que ela seja.

Cícero dizia que uma casa sem livros era o mesmo que um corpo sem alma. Àquêle que aprecia um bom livro jamais faltará um amigo fiel, um conselheiro sabedor, um companheiro alegre, um consolador eficaz. Quem lê, quem estuda o que lê, quem pensa no que leu, pode divertir-se inocentemente, recrear-se numa alegria sã, seja qual fôr o tempo que faça e qualquer que seja a situação em que se encontre.

O poeta inglês Southey expressava-se dêste modo referindo-se a autores desencarnados, habitantes do Além:

Passo os meus dias entre os mortos.
Em redor de mim, vejo
Por tôda a parte onde os meus olhos poisam.
As grandes almas dos tempos antigos.
São os livros êsses amigos sempre fiéis,
Com os quais converso todos os dias.

Imaginem V. Ex.as que a nossa comesinha capacidade de humanos permitia — sem a intervenção mediúnica — que acudissem ao nosso chamamento as maiores e mais sábias personalidades de homens que jamais tenham existido na Terra e que com êles podíamos conversar sôbre os assuntos de que êles esmeradamente trataram... ¡Que portentosa vantagem tal acontecimento representaria! ¡Que incomensurável superioridade a dêsse prazer espiritual!... Pois bem! Numa biblioteca bem provida, nós possuímos, de facto, êsse poder. É-nos fácil aí interrogar Xenofonte e César acêrca das suas campanhas e dos seus desígnios políticos; fazer reviver a oratória privilegiada de Demóstenes e de Cícero; juntar-nos aos auditores de Sócrates e de Platão, e seguirmos as demonstrações de Euclides e de Newton. Podemos extasiar-nos com a leitura de páginas e páginas do português castiço de Camilo Castelo Branco e Ricardo Jorge; podemos apreciar a ironia fina de Eça de Queiroz, o estro de Camões, Lopes Vieira, João de Deus, Gomes Leal, Junqueiro, António Nobre e... quantos, quantos mais!...

Os livros são um guia para a juventude e uma distracção para a maturidade. Conseguem fazer-nos suportar a solidão e impedem-nos de sentir a carga de nós mesmos; ajudam-nos a esquecer a dureza dos homens e das coisas; acalmam-nos as paixões e o desassossêgo, adormecem-nos os desgostos. Quando estamos cançados de aturar os viventes na Terra, podemos recorrer aos chamados «mortos» que não têm nem acrimónia, nem orgulho ou opiniões preconcebidas nas suas conversações.

Uma anedota engraçada mostra bem o prazer que se pode auferir dum livro, embora êle seja de segunda ordem.

Em certa aldeia de Inglaterra existia um ferreiro que adquirira a novela intitulada «*Pamela ou a Virtude recompensada*». O ferreiro tinha o hábito de a ler em voz alta a uma assistência numerosa e atenta durante as noites de verão. O livro era um tanto comprido, mas os assistentes tinham a coragem de ouvir a novela de cabo a rabo. No final, quando chega a feliz mudança de sorte que proporciona a reünião do herói e da heroína e lhes atribui a maior ventura, a assistência, no auge do regosijo, solta gritos de aclamação e, tendo-se apoderado das chaves da igreja, faz tocar os sinos.

Na opinião do historiador escocês Carlyle, uma selecta colecção de livros é uma verdadeira universidade.

Há um provérbio árabe que diz: «Um único dia do homem culto vale a vida inteira do ignorante»; e um outro provérbio, que reflecte mais o espírito dos Califas que o dos sultões, afirma: «A tinta da ciência é mais preciosa que o sangue dos mártires».

Há cem anos os livros não só eram muito mais caros, mas também muito menos agradáveis que os de agora.

O amor da leitura é mais precioso que todos os tesouros da Índia, — escreveu o historiador Gibbons.

A História transforma um homem môço num velho sem rugas nem cabelos brancos; quere dizer, dá-lhe a experiência que só se adquire com a idade sem nenhuma das enfermidades, sem nenhum dos inconvenientes da velhice.

Numa longa viagem em caminho de ferro convém levar uns três livros de género diferente, um dos quais seja alegre afim de que, quando um dêles fatigue, se possa recorrer a outro, leve, simples, que não obrigue a meditação profunda.

Dum modo geral, pode afirmar-se que é bom estudar um assunto a fundo, mas não é menos bom estudar um pouco de cada

assunto, sem nos esquecermos, contudo, que pouco ou nada aproveitamos dos livros que nos não agradam. Lêem-se as palavras sem se fixarem as idéias que exprimem.

Uma biblioteca escolhida e bem fornecida não contém apenas inumeráveis riquezas em espaço restrito, mas permite-nos, também, que viajemos por tôdas as partes do mundo e nos familiarizemos com os mais notáveis representantes das ciências, das artes e das letras.

O crítico inglês Ruskin, sociólogo e escritor, ocupando-se da arte no campo restrito da pintura, diz que «a verdadeira arte não consiste sòmente em transformar ou aperfeiçoar a natureza, mas também em procurar, através dela, «as coisas que são boas, as coisas que são puras» e, com amor, dar-lhes realce com tudo o que o pintor possua de poder ou de sedução para os fazer compreender aos outros. O amor da beleza expresso pelo pintor, eis o que faz a grandeza da arte com a condição de que êsse amor não sacrifique a menor parcela da verdade».

E Ruskin acrescenta:

A arte é, sem contradita, um dos elementos mais puros e mais elevados da felicidade humana. Ela forma o espírito por meio da vista e a vista por meio do espírito. A arte dá colorido à vida como o sol o dá às flores».

Não foi apenas no Oriente que as grandes obras devidas, na realidade, ao estudo e ao trabalho, foram atribuídas à magia. A arte deve criar tanto como copiar. Ao ideal sem realidade falta vida, mas à realidade sem ideal falta beleza.

Na realidade, a arte — escreve Goethe — chama-se *arte* precisamente porque não é a natureza.

Uma anedota: Certo fidalgo que tinha grande desejo de ver o modêlo de que se servia o famoso pintor italiano, Guido Beni para pintar as suas deslumbrantes figuras de mulheres, pediu-lhe que lhe satisfizesse o desejo. «Meu caro conde — respondeu o pintor — o belo e puro ideal deve estar no espírito; pouco importa o modêlo de que se disponha».

Muito se tem escrito sôbre os méritos da pintura, da escultura, da arquitectura, da música, da poesia, do romance, da novela, do conto.

A sr.ª de Staël definia a arquitectura «uma múmia gelada»; para ela uma catedral era «o pensamento em pedra».

Outro escritor dizia que os poetas pintam com palavras e que os artistas da arquitectura falam pelas suas obras.

ENGULHOS DE SÁBIO...

Edison foi sempre um céptico declarado àcêrca de coisas sobrenaturais, mas um dia confessou ter presenciado um facto inexplicável. Para submeter à prova as pretensas faculdades de clarividência dum tal Bert Reese, realizou a seguinte experiência: colocou Reese num gabinete do seu laboratório, sob a vigilância de um dos seus ajudantes. Em seguida, entrou noutro gabinete, cerrou a porta e escreveu numa tira de papel:

— ¿Haverá coisa melhor do que o hidróxido de níquel para as as batarias eléctricas alcalinas?

Dobrou o papel, guardou-o no bôlso e voltou ao gabinete onde estava Reese. Mal êste o viu, exclamou para o inventor:

— Não há nada melhor do que o hidróxido de níquel para as batarias eléctricas alcalinas.

Edison repeliu a idéia de coïncidência. Não havia razões para admitir fraude alguma. E durante o resto da existência nunca foi capaz de explicar o episódio...

(De La Nacion, *de Buenos Aires)*

ANIMISMO E ESPIRITISMO

O paralelismo constante entre os sonâmbulos e os fantasmas, demonstra que é trabalho perdido estudar o Espiritismo isoladamente, como se faz quási sempre. O Espiritismo, só por si, não nos pode dar a solução definitiva da vida no Além. O seu estudo isolado pode até dar-nos uma falsa concepção do estado *post-mortem*, se não nos convencermos de que os espíritos manifestantes se acham num lugar estranho, em que, pela sua natureza, só podem mover-se e comunicar-se mercê de condições especiais e restritas e que a sua verdadeira vida no Além deve ser completamente difrente da nossa. A mesma reserva devemos adoptar, quanto às potências ocultas dos vivos; essas potências também não podem bastar para nos informar a respeito da vida no Além.

Só conjugando as duas séries de fenómenos é que êles se completam e esclarecem mutuamente.

CARL DU PREL

Transposição de Umbrais

pelo Dr. Leal de Sousa

GRANDES homens da ciência contestam e negam as verdades espiritas.

Poderemos avaliar a importância dessas contestações ou negativas, pelas contradições dos negadores entre si, que uns aos outros se combatem êles, provando-se os erros de cada qual.

Enquanto os negativistas contendem ou discordam, outros grandes nomes da ciência, celebrizados, alguns, por descobertas notáveis, chegam, através de severas pesquisas, no rigor dos laboratórios experimentais, ao conhecimento e reconhecimento de verdades que os alistam entre os adeptos do Espiritismo.

A teoria não produz o facto, e a transcendência imponderável da mais complexa teoria jamais destruïrá o facto mais simples.

O Espiritismo é o facto criando a teoria.

Na esfera positiva dos factos, as minhas observações datam de longos anos.

Em 1911, Alcides Maia, membro da Academia de Letras, e, mais tarde, em duas legislaturas, deputado federal pelo Rio Grande do Sul, alegando necessitar, numa crise de alma, da constante assistência moral de um amigo, pediu-me para mudar-me da rua Senador Vergueiro para a casa de pensão existente, naquêle tempo, na rua Buarque de Macedo, n.º 52, onde êle residia.

Era natural que o atendesse. Instalei-me em um segundo andar, dividido em quatro quartos, habitados, o da frente, amplíssimo, por Alcides; o segundo, por Ezequiel Ubatuba, que mo cedeu, transferindo-se para o último, nos fundos, e o terceiro pelo sr. Francisco Marcondes, então presidente da Assembléia do Estado do Rio e depois deputado federal.

No próprio dia da minha instalação, às dez horas da noite, estando eu no quarto, com a porta semi-cerrada, ouvi que batiam, e convidei: «Entre». Soaram nítidos passos, da porta ao lugar em que me achava; mas, não vendo entrar alguém, supus, despreocupando-me, que as passadas fôssem no aposento contíguo. Fechei a porta do corredor, mas, na que comunicava o meu com o quarto do deputado Marcondes, retumbaram violentas pancadas, enquanto a mesa de cabeceira oscilava, inclinando-se.

Tão desprevenido estava eu, que atribuí absurdamente essa inclinação aos golpes que imaginava dados sôbre a outra face da porta, no quarto de Marcondes. Saí para falar ao incómodo vizinho, mas não o encontrando, pensei que, depois de bater, o barulhento havia saído.

Deitei-me, e logo, inexplicàvelmente, levantando-se comigo, a cama ergueu-se do solo. Saltei ao chão, e êsse leito, que era de ferro, desceu docemente, assentando os seus pés nas tábuas, sem barulho.

Não perdi a calma. Deitei-me pela segunda vez, e, pela segunda vez, suspendeu-se a cama, pairando.

Sem receio algum dos Espíritos e sem penpensar nêles, passei para a alcôva de Alcides, e, contando-lhe o ocorrido, disse-lhe julgar-me em estado de grave desequilíbrio nervoso, e pedi-lhe para assistir-me, com a sua companhia, até a manhã seguinte, em que eu iria consultar um especialista em moléstias nervosas.

Disse-me, então, o meu excelente amigo, que, sendo aquêles fenómenos constantes naquêles quatro quartos, fôra buscar-me, como pessoa de sua confiança, para ver se eu, sem ser avisado, também os constatava, pois êle, positivista, estava em dúvida sôbre a realidade de tal inverosimilhança.

No dia imediato, Ubatuba, cujo sono fôra perturbado por anomalias semelhantes, abandonou a casa, ocupando o quarto por êle deixado um inglês que fôra procurar cómodos na pensão, e que se despediu pela manhã dizendo que por aquêle quarto passavam luzes que o aborreciam.

Fui, então, para êsse compartimento, e tendo Marcondes emigrado para uma fazenda, ficámos, ùnicamente, no segundo andar, separados por dois aposentos, eu e Alcides.

Uma noite, talvez às 9 horas, estando eu deitado, a ler, e, portanto, com a luz acesa, senti, nos pés, uma sensação de frio, e, para

agasalhá-los, desviando os olhos do livro, que era «Mlle. Joffre», vi, com estranheza, uma coluna de luar leitoso a alvejar sôbre a cama.

E êsse luar, condensando-se, gelatinoso, aos poucos, parecia desenhar-se em forma de figura humana. Não sabendo como proceder, deixei a cama e o quarto.

Os fenómenos começavam a ocorrer, de ordinário, às duas horas da tarde, prolongando-se, às vezes, até alta madrugada.

Iam pessoas estranhas à casa para verificá-los, mas ninguém os explicava.

Uma tarde, às 4 horas, na presença de um pastor protestante, tomávamos mate chimarrão, à moda gaúcha, no quarto da frente, Alcides, Ubatuba e eu, quando, de súbito, um pesado sofá em que se assentava Alcides, numa ascenção vagarosa, sem que mãos visíveis o levantassem, ergueu-se e pairou no ar, à altura dos nossos peitos. Alcides saltou ao chão, e como o sofá permanecesse no ar, discutimos o caso.

— É o efeito de um abalo sísmico, disse o pastor.

— Não pode ser, — objectou o positivista, — um tremor de terra sacudiria os outros móveis e abalaria as paredes.

E o sofá, descendo lentamente, pousou no sólo sem ruído.

Então, o protestante opinou:

— Meus amigos, só há uma explicação para o caso: Êste sofá não se levantou. Nós tivemos um momento de alucinação.

E durante vinte e seis dias esperámos, Alcides e eu, que o mistério se desvendasse, espontâneamente, ermando, depois, o campo das investigações, porque as vigílias da noite prejudicavam a nossa actividade diurna.

Deserto o segundo andar, cessaram os fenómenos; porém, meses mais tarde, habitando-o outros inquilinos, uma noite, justamente quando para lá voltára Alcides, sairam os novos moradores a fugir, em trajes menores, gritando que estavam a sacudir e a quebrar os móveis.

E assim principiaram, sem que eu as procurasse, as minhas observações no mundo dos Espíritos.

* * *

Em 1915, em Junho, nesta capital, pereceu, atigido por uma bala, o poeta Aníbal Teófilo.

Por êsse tempo, eu e Goulart de Andrade, Martins Fontes, Heitor Lima, Alexandre Lamberti Guimarães e, não raro, Gregório da Fonseca e Luíz Murat, costumávamos jantar diàriamente em companhia de Olavo Bilac, em qualquer dos restaurantes da cidade, e, uma ou duas vezes por semana, em casa de Alexandre, cunhado do poeta.

Estávamos numa quadra radiosa de ventura pessoal e evidência literária.

Nada deixava entrever o próximo desaparecimento trágico de um dos nossos companheiros dilectos, e, inexplicàvelmente, alguns dias antes da morte de Aníbal, tornou-se pesado e sombrio, enchendo-se de preságios o nosso ambiente.

Os nossos jantares, que o talento e o sonho matizavam de alegria e de brilho, ficaram, num repente, fúnebres, e as nossas palestras, sempre fulgentes e alacres, tornando-se lúgubres, arrancaram, certa vez, à observação merencórea de Bilac, esta reflexão augural:

— Parece que a morte paira sôbre nós.

Certa manhã, Aníbal, que não tinha crença religiosa alguma, surgiu em minha casa para dizer-me que, sentindo-se gravemente enfêrmo e esperando morrer em breve, ia constituir-me em depositário de suas vontades extremas.

Ouvi-o e, de acôrdo com Alcides Maia, fiz examiná-lo, contrariando-o, pelo médico de sua família, dr. Hernani Lopes, que, poucos dias depois confirmado pela autópsia policial, declarou ser perfeito o estado de seu vigoroso organismo.

Nas antevésperas do dia fatal, se me é permitida a expressão, jantávamos em casa de Alexandre Lamberti Guimarães e, de pronto, encruzando os talheres, a face ensombrada, Olavo Bilac declarou sentir-se indisposto, pediu que não nos inquietássemos com a sua indisposição, e recomendou que não lhe fizessemos preguntas.

Ao fim do jantar, chamando Alexandre e outros dos seus amigos, disse-lhes o poeta:

— Eu vi, repentinamente, naquêle canto, o Aníbal cair ensanguentado.

E, aflito, enquanto Aníbal, na sala próxima, conversava com uma senhora, Bilac afirmava:

— Vejo-o, de novo, naquêle canto, caído e ensangüentado.

E dois ou três dias depois dessa extraordinária visão, Aníbal, ensangüentado, caía no saguão do *Jornal do Comércio*.

A explicação de sua visita, quando foi constituir-me em depositário de suas vontades extremas, tivemo-la, após o seu trespasse, em carta endereçada a uma pessoa residente em S. Paulo e hoje guardado, o documento, por Gregório da Fonseca.

Nessa missiva, descrevia êle um sonho que tivera.

Era noite cerrada, de espêssa treva. Caminhando ao longo da muralha do cais da Glória, Aníbal ouviu um barulho de remos batendo na água, e, parando, viu encostar-se ao paredão um bote negro, de onde saltaram marinheiros vestidos de negro, que o cercaram.

— Tens medo? — preguntou-lhe um dêles.

— Não! — respondeu-lhe Aníbal.

— Vem connôsco.

Embarcando no bote funéreo, Aníbal, com os marinheiros enlutados, atravessou, sôbre as águas cheias de sombras, o silêncio escuro da noite, e longe, no meio da Guanabara trevosa, passou-se para um navio inteiramente negro, a cujo lado, junto à escada, encostara o bote. Ao percorrer o interior dêsse navio funerário, Aníbal verificou, com surpresa, que os seus camarotes e beliches eram túmulos com epitáfios, e lendo, numa lápide, o nome de seu pai, abriu-a. Apareceu-lhe, então, a amada figura paterna, que lhe disse:

— Meu filho, está próxima, muito próxima, a tua última hora. Fiz quanto me foi possível para salvar-te, mas nada consegui. Vai, e prepara-te para morrer.

Disse e desapareceu. Aníbal, afastando-se dêsse camarote, ou sarcófago, regressou, no mesmo bote, à terra, onde o deixaram os marinheiros misteriosos. Então despertou.

As manifestações do Espírito de Aníbal têm sido, aquelas que eu conheço, de uma semelhança que lhes assegura a autenticidade.

Ouvi-o eu, certa noite, em sonho, sem vê-lo, dizer-me que estava no escuro, sentindo-se devorado pelos vermes.

Em estado de vigília, e ignorando o que comigo ocorrera, o Sr. João Fontoura recebeu, psicogràficamente, uma comunicação em que Aníbal lhe descrevia, nos mesmos termos, a sua situação no Espaço, e, há dois meses, manifestando-se em uma sessão particular, entre pessoas que desconheciam aquelas anteriores demonstrações, que datam de alguns anos, o seu Espírito, ou êle próprio, já em condições de felicidade, descrevendo o período imediato à sua passagem para a outra margem da vida, recordava que «estivera no escuro, sentindo-se devorar pelos vermes».

* * *

Pertencem ao domínio público os resultados das observações por mim feitas no decorrer de um inquérito realizado com intuitos meramente jornalísticos.

Encerrando-o, na imprensa, continuei, paciente, os meus estudos e pesquisas, e, com tão benigna protecção das potências espirituais, que tive tôdas as provas desejáveis da imortalidade da alma, da realidade de suas comunicações, de sua sabedoria e poder: — diagnósticos exactos, curas instantâneas, visões a distância, transporte de objectos e materializações de Espíritos.

Ombro a ombro com Coelho Neto, consultando-nos sôbre o que os dois testemunhávamos, vi repetir-se, muitas vezes em poucas horas, o transcendente fenómeno da materialização.

Plenamente materializados, Espíritos, indentificados pelos circunstantes, tocaram as nossas mãos, ofertaram-nos flores, produziram luzes para que lhes examinássemos a carnação, os tecidos das roupagens, a maneira de andar.

Seria eu indigno dêsses incomparáveis favores, se, para alardear enganosa superioridade intelectual, recusasse aceitar os resultados e as conseqüências das minhas próprias investigações.

Aceito-as, sob a invocação protectora dos mestres e dos guias desencarnados, levando, agradecido e súplice, o coração a Deus.

¡Deus, princípio sem origem e fim sem acabamento, envolve na tua luz os Espíritos dos nossos mortos, os Espíritos de todos os mortos; acrisola e embalsama os nossos sentimentos, enlaçando-nos, pelo amor, aos nossos irmãos dispersos nos teus sistemas de mundos; alivia e consola, na Terra e no Espaço, os enfermos e os desgraçados; orienta os desorientados e conserva a alegria dos felizes; faz dos nossos lares, de todos os lares, em todos os orbes, templos de harmonia, para que possamos adorar-te sem lágrimas na face, e, condoído das nossas misérias, levantando-nos em nossas quedas, acolhe, Pai Magnânimo, a insignificância dos nossos tributos, na humildade de nossas preces!

(Excerto duma conferência realizada na Federação Espirita Brasileira).

Por absoluta falta de espaço, ficaram alguns artigos retirados, entre os quais «A Pena de Morte», de F. Noronha, «Os Factos entre nós» e «Meditações», do que pedimos desculpa.

No Mundo das Sensações

Cega, surda e muda, fala, ouve e vê...

Fomos visitar Marta Heurtin, no Instituto de Poitiers, onde se encontra com muitas outras companheiras de infortúnio.

A irmã Saint-Louis, que nos acompanhava, levou-nos a uma sala, em que se nos deparou um espectáculo impressionante e comovedor.

Seis cegas-surdas-mudas trabalhavam em malhas, outras dormiam ou estavam lá imóveis, sem nenhuma expressão, sem nenhuma atitude.

Entre elas, Marta Heurtin era a única que nunca vira, ouvira ou falara, desde o nascimento...

Filha de modestos operários, tendo já tido uma irmã que, como ela, fôra destinada ao silêncio e à escuridão, e que foi também educada no centenário convento de Larnay, Marta para ali entrou aos 8 anos. Conta agora 33.

Assim como a irmã Margarite se dedicou a Marie Heurtin, a ponto de conseguir os princípios de conversação ùnicamente táctil, assim hoje a irmã Saint-Louis se dedicou a Marta.

Marie realizou um verdadeiro milagre, fruto de paciência e completa dedicação da irmã Marguerite, como na América do Norte Hélen Keller suscitou a admiração de todos pelos livros e poemas que escreveu, sem nunca ter visto nem ouvido.

Marie faleceu. Presentemente, Marta é talvez caso único na Europa, pois nela se encontram reünidos os três males.

Conversação interessante

O aspecto de Marta Heurtin é simples e comum. Suas faces coradas fazem-lhe sobressair os olhos, que são verdes e de surpreendente agilidade. O sorriso é fácil. Não sendo bonita, é, pelo menos, agradável.

Uma voz rouca, sem modulação, esquisita, e que ela nunca ouviu, nos dirigiu a custo, um «Bom dia... Bom dia...».

Ninguém, na sala, parecia aperceber-se dessa voz esquisita que se confundia com o barulho do vento e da chuva na vidraça. A irmã Saint-Louis prontificou-se a estabelecer uma conversa, traduzindo-nos pacientemente o sentido.

Tomando as mãos de Marta entre as suas, tocando-as de diversas maneiras com gestos rápidos, Marta compreende correntemente e vai-lhe respondendo, escrevendo na lousa ou falando, embora penosamente.

Disse-nos o nome, a idade, a estação em que estávamos, o dia, e que aprendera as letras do alfabeto nos lábios da irmã Saint-Louis. Escreve à máquina e lê pelo método de Braille ou de Ballu. Conversa com as companheiras e às vezes tôdas discutem longamente.

Preguntas e respostas

— Porque está aqui? — preguntámos à nossa estranha interlocutora.

— Porque sou cega, surda e muda. O bom Deus que fêz tudo, quis assim.

— Tem parentes?

— Tenho. São velhos. Vou visitá-los nas férias e quero-lhes muito bem. Tenho também sobrinhos. São bébés.

— ¿ Sabe como se vive fora do convento? ¿ Como vivem as outras môças?

— Sim, li nos livros que ficam com os pais ou se casam. Mas comigo não é possível.

— Isso causa-lhe pena?

— Não. Aqui, sou feliz com as irmãs e com as minhas companheiras. Amo-as tôdas.

— ¿Em que se ocupa durante o dia?

— Levanto-me às seis horas, trabalho, passeio, leio e tenho ainda o ofício e as orações.

— Segue os ofícios?

—Sim. Uma irmã explica-me as passagens e eu sigo a missa sòzinha.

— ¿ Que leitura lhe agrada mais?

— Leio a «História Sagrada». Sei muitos trechos de cór. Gosto também dos livros de viagens e nêste momento leio o de um menino que procura seu pai através dos mares. Ainda não o encontrou, mas tenho a certeza de que o encontrará.

— ¿ Como se distrai?

— As boas irmãs proporcionam-me festas em que recitamos e representamos.

— ¿ Tem recordações da infância?

— Não. Não me lembro de nada.

— ¿ Lembra-se de alguma coisa?

— Lembro-me sòmente de que aprendi a custo, mas que uma vez fiquei triste e outra vez alegre. Sofri muito quando minha irmã Marie morreu. Estávamos ambas doentes e dormíamos na mesma cama. Um dia toquei-lhe no corpo e senti que estava frio. Disseram-me então que ela iria dormir debaixo da terra e que sua alma fôra para o céu, onde vivia e onde a verei mais tarde, com Deus. Falo-lhe todos os dias nas minhas orações. Há três anos que vou a Lourdes, mas não tenho pedido a graça de curar-me.

Contou-nos ainda que a sua linguagem e a sua compreensão estavam nas suas mãos. Julgava-se feliz e se o bom Deus o quisesse assim continuaria até o fim da vida, pois sabia que morreria como todos os homens, mas que iria viver depois completamente feliz, se suportasse com resignação esta vida.

A conversa cansou-a naturalmente. Com um gesto nervoso, retomou a malha e recomeçou a trabalhar activamente.

Retirámo-nos, levando na alma uma impressão incompreensível mas profundamente consoladora para os miseráveis...

Explicou-nos depois a irmã Saint-Louis que essa jovem simples e educada era, quando entrou, um conjunto de nervos e de gritos. Quando se lhe tocava, atirava-se ao chão. Só quando começou a compreender o que era um *sinal,* é que se pôde principiar a trabalhar.

Possuía uma faquinha de que gostava muito. A irmã tirou-lha. E um dia, devolvendo-a, fêz-lhe um sinal na palma da mão. Repetiu-o vinte vezes. Certo dia, para pedir a faca, Marta fêz o mesmo sinal. Foi o primeiro passo. Tinha compreendido.

Ensinaram-lhe então todos os sinais dactilógicos, as palavras, as sílabas, as letras. Revelou inteligência e mostrou prazer no estudo.

A morte, Deus e os milagres

No fim de dois anos, já possuía um vocabulário suficiente, mas faltavam as palavras abstratas. Como iniciava a sua instrução religiosa, a questão tornava-se difícil a tôda a hora. Fizeram-lhe então conceber a alma na diferença entre as coisas que tocamos: a morte, tocando cadáveres; a velhice, tocando faces enrugadas.

Para lhe apresentar Deus, levaram-na ao jardim e fizeram-lhe tocar sucessivamente a terra, as plantas, as flores, sentir o sol, e depois preguntaram-lhe quem tinha feito tudo aquilo e a ela e a todos.

Em seguida compreendeu os milagres. E tudo lhe pareceu milagroso. O mar, a água, muita água, o céu e o espaço em que ela se move.

Deram-lhe também, o melhor possível, a idéia do universo. Hoje, vive e a ama a Deus e às irmãs, ao mundo, e agradece ao Criador a cruz que lhe destinou. Que exigir mais?

Ela conseguiu, melhor talvez do que muitos outros, aliás favorecidos pela natureza, ver o seu lugar no mundo e ocupá-lo com a sua simples filosofia.

(Do *Diário da Noite,* do Rio de Janeiro)

Singulares sensações de uma cega de nascença

Roma, Março de 1943 — Por tôda a Itália causou o mais vivo dos interêsses a notícia recentemente publicada em vários jornais, duma rapariga, cega de nascença, e como tal educada, que, ao chegar à idade de 18 anos, recuperou, de repente, a vista.

Relatou ela, desta maneira, os momentos primeiros da sua nova condição:

Estava sentada em frente do seu aparêlho de rádio. E teve, de súbito, uma impressão estranha. Pareceu-lhe que, do cérebro, se lhe havia desprendido uma faísca eléctrica. Depois, começou a notar gradações diferentes de sombras — ou de luz — mas sem perceber que êsses reparos lhe eram transmitidos ao cérebro pelos olhos. E só entendeu exactamente a essência verdadeira do fenómeno de que era a feliz protagonista quando, em certo momento, os fechou e retombou na obscuridade.

O primeiro corpo que lhe forneceu a sensação da vista foi a sua própria mão, aparecendo-lhe mais ou menos clara, segundo a aproximava ou afastava dos olhos.

Não é fácil, e até muito difícil é, descrever com precisão as impressões inéditas desta criatura, que, depois de ter justamente alcançado o seu pleno desenvolvimento físico e intelectual, teve a sorte de ser de chofre lançada no mundo da luz e das côres. Nem mesmo ela, quando as narra, as sabe comunicar, pois não pode encontrar, como se compreende, as palavras correspondentes capazes de bem as definir.

As leis da perspectiva

Mas, desde logo — isso o diz, e isso bem se adivinha — completamente novas e incom-

preensíveis se lhe mostraram as leis da perspectiva.

— Segundo a minha percepção nos tempos da cegueira — explicou ela, entre outras coisas — a mesa, posta a meio da casa de jantar, estava no mesmo plano vertical (e não horizontal, como agora) do da parede dessa casa, onde havia um relógio. Portanto, a mesa, depois de a ver, ainda foi para mim, durante algum tempo, uma espécie de relógio maior pendurado na mesma parede. Coisas parecidas e errradas me aconteciam, quando considerava as dimensões, a diferentes distâncias, dos objectos que principiava a ver. Assim, por exemplo, durante dias e dias, não conseguia compreender como uma árvore vista ao longe, da janela do meu quarto, e tão pequena como a planta do vaso pôsto nessa mesma janela, era, vista de perto, muito e muito maior.

Claro que só ao cabo de largo tempo a rapariga conseguiu decifrar, e aprender, as ralações exactas existentes entre o mundo visual e o mundo real. Pois tinha enraïzado na mente idéias falsas das perspectivas e distâncias e a tal ponto que, ao princípio de haver adquirido a vista, quando caminhava algumas dezenas de metros, ficava alagada em suor, como anteriormente, quando percorria quilómetros. E prova de que assim era lha dava o facto de, cerrando novamente os olhos e guiando-se novamente pelo tacto, as caminhadas lhe pareceram menos longas e menos fatigantes.

A consistência material

— Outro mistério, para mim indecifrável — informou também — era o da consistência material, que eu atribuia aos raios de luz passando através das frinchas de portas ou janelas. Assim, a réstea de sol que, de manhã, sendo qualquer coisa como uma «tábua branca» — e tanto, que a rodeava, ou lhe passava por debaixo, com jeito, no receio de ir esbarrar com ela e magoar-me. E foram, pouco a pouco, as minhas mãos, ainda, que me revelaram, atravessando a luz, sem choque doloroso, êsse outro êrro meu. Uma impressão de grande terror me causou o meu cão, ao vê-lo, embora muito lhe quisesse. É que o animal era todo preto, e eu pensei, como dantes era tudo negro para mim, que voltava a perder a vista, a cegar outra vez. E também desatei a chorar, pela mesma razão, quando me vi a um espêlho, e notei que tinha os cabelos e os olhos (os olhos sobretudo) pretos.

E mais disse, por exemplo, imaginar as árvores, nos seus tempos de cega, como redondas e com formas humanas e de braços (as ramadas) sempre erguidos no ar. E depois... revelaram-se-lhe em formas espectaculares e fantásticas! As casas, também, monstruosas as viu, na realidade, pois antes de ver, em matérias de construções, não iam seus conhecimentos além de forma e tamanho das escadas e dos muros que apalpava e — pensava — não deviam exceder, na altura, alguns palmos para cima da sua cabeça.

Os homens e o mar

Um dos episódios mais interessantes de suas narrativas é, sem dúvida, o que lhe sucedeu ao ver pela primeira vez um homem. Riu-se dêle, perdidamente, pois muito ridículo o achou, vendo que tinha as pernas cobertas com tubos de pano (as calças) em vez de, como ela e as suas companheiras, mulheres, já vistas nessa altura, andar revestido duma saia harmoniosa.

E o mar? O mar embravecido?! Outra impressão física muito curiosa êsse espectáculo lhe produziu. E, com certeza, as senhoras e os senhores não atinam com o que, nessa ocasião, lhe aconteceu. Pois... enjoou terrìvelmente, como se, em vez de estar a olhá-lo, da praia firme em que se encontrava, andasse embarcada e sôbre aquelas águas revoltas, aos baldões.

Finalmente, outro caso muito notável com ela se deu: — Ao haver recebido tôdas as inúmeras impressões que a vista lhe trouxera e ao saber explicá-las bem, quis visitar um Instituto de Cegos. E ali se deixou ficar vários dias, descrevendo às suas antigas companheiras de infortúnio o mundo tal como era —tão diferente do que se lhe afigurava. Mas, ao cabo de uma semana, veio-se embora, desistindo. É que se convenceu em absoluto da ineficácia das suas explicações. — *Enrico Tedeschi.*

(Do *Diário de Notícias*, de Lisboa)

No dia 8 de Outubro, às 16 horas, serão inaugurados os trabalhos do Centro Espiritualista Luz e Amor, com uma palestra do sr. coronel Faure da Rosa, sendo a entrada pública.

COMO SE TORNOU ESPIRITA?

O depoïmento que se segue é do nosso colaborador Dr. A. Lôbo Vilela, publicado no *Além* de Maio-Junho e cujas provas nos foram enviadas pelo autor, com destino a *Estudos Psíquicos*. O Dr. Lôbo Vilela foi o iniciador dêstes inquéritos na extinta *Revista de Espiritismo*, que dirigiu durante alguns anos.

Dr. A. Lôbo Vilela

EMBORA a minha conversão ao Espiritismo não tenha grande interesse, acho que êstes depoïmentos sempre merecem atenção e fornecem ensinamentos. Por isso coordenei as breves notas que se seguem.

Meus pais eram religiosos sem afectação e educaram-me segundo os princípios duma austera moral, mais laica do que religiosa. Da Igreja católica o único sacramento que recebi foi o baptismo. Fora isso, nunca fui católico praticante. A minha educação científica afastou-me cada vez mais daquêle vago sentimento religioso que o ambiente familiar criou em mim, mas não o extinguiu por completo. Efectivamente, em certos momentos de efusão espiritual, êle emergia das profundezas do inconsciente e transbordava na consciência sob a forma duma ansiedade metafísica, duma angústia transcendente.

Nos verdes anos da minha meninice a vida dos trabalhadores rurais, que eu conhecia de perto, suscitou-me algumas reflexões pessimistas, mas fugazes. Houve, porém, um facto que deixou profunda marca no meu espírito, e provocou mais sérias reflexões. Tinha meu avô materno um feitor, homem já velho, de figura respeitável, com as suíças e o cabelo de neve — o Sr. Miguel — que aos domingos vinha à Vila prestar contas dos serviços a seu cargo e receber ordens. Apresentava-se impecavelmente barbeado no queixo e nos lábios, com o seu fato de saragoça côr de pinhão, as calças muito justas, prêsas por uma faixa vermelha, a jaqueta com alamares, a camisa engomada e alvíssima, com a sua abotoadura de oiro antigo, botas de atanado e chapéu de aba larga. Eu gostava de ir para o pátio, de manhãzinha, esperar os carros que vinham da herdade, muitas léguas distante, carregados de cereais, de legumes, com cestas de ovos e de queijos, e criação. E lá vinha também o Sr. Miguel.

Logo que me via, o bom velhote descobria-se respeitosamente e informava-se da minha saúde e da dos meus, de chapéu na mão, à espera que o mandasse cobrir. Mas eu ficava envegonhado com as suas manifestações de respeito e sentia-me tão minguado perante êle que nunca tive coragem de lhe mandar pôr o chapéu, para não dar mostras duma superioridade que a mim próprio não reconhecia. Não sei como êle interpretaria a minha atitude, mas o certo é que por várias vezes se debateu no meu espírito infantil uma luta entre o desejo de o ver cobrir a cabeça encanecida que o sol prateava e o pudor de lhe mandar pôr o chapéu. Como êle não se cobria na minha presença e eu não queria usar do privilégio que me era atribuído, afastava-me, fingindo não notar que êle estava descoberto e como que absorvido na brincadeira, para pôr têrmo a uma situação

nº 11, Out/44

que me era penosa. Assim surgiu no meu espírito, torturante, o problema das desigualdades sociais. Por mais duma vez preguntei a mim mesmo por que razão um homem tão bondoso e respeitável como o Sr. Miguel se descobria diante dum fedelho como eu, a quem um acaso de nascimento colocara numa injustificada proeminência.

Na escola primária, senti de novo a angústia dêste problema, no convívio com os meus colegas pobres. Mais tarde, o problema do mal suscitou-me as mesmas dúvidas que atormentaram S.to Agostinho, mas nenhuma voz me bradou o «*tolle, lege*», que me apontasse uma solução satisfatória. A contradição entre a existência do mal e a existência de Deus parecia-me insolúvel, sem a negação de um dos têrmos. Não podendo negar a existência do mal, impunha-se-me, lògicamente, a negação de Deus. Entrei então numa fase de pessimismo, pois a negação de Deus representava, para mim, a ruína de tôda a esperança. Na ânsia de encontrar solução para os problemas que me torturavam, explorei todos os caminhos que a filosofia aponta; e as minhas leituras foram o mais variadas possível. O *Fédone* de Platão, as *Confissões* de S.to Agostinho, as *Meditações Metafísicas* de Descartes, a *Crítica da Razão Pura* de Kant, a *Ética* de Espinoza, o *Discurso sôbre a origem da desigualdade* de Rousseau, a *Filosofia Positiva* de Comte, a *Origem das Espécies* de Darwin e outras obras (de Le Dantec, Haeckel, etc.) que li nêsse período, em vez de esclarecerem e orientarem o meu espírito, dilaceraram-no e perturbaram-no mais. Não pode dizer-se que fôsse completamente ateu, mas também não era crente: era talvez agnóstico, um céptico que acreditava ainda num condicionalismo transcendente, numa vaga redenção humana. Mas a vida embotou-me a sensibilidade e endureceu-me o coração; caí num estado de indiferentismo quási total. Descrente da filosofia, refugiei-me na literatura.

Por volta de 1921, freqüentava a Universidade de Coimbra. A tertúlia de que eu fazia parte costumava reünir-se nos aposentos do Francisco Peres Vaz, que constavam de um quarto e uma sala acolhedora com as suas belas revistas, portuguesas, espanholas (*Blanco y Negro* e *La Esfera*), francesas e inglesas, que o Peres Vaz assinava. Era ali que passávamos muitos serões em amena cavaqueira, discutindo, por vezes, os mais variados problemas. Uma vez falou-se de Espiritismo. Eu só tinha ouvido falar de movimentos das mesas-de-pé-de-galo como brincadeiras de salão e sempre fui indiferente às lendas populares relativas a almas do outro mundo. Limitei-me, pois, a ouvir o que os meus amigos diziam a êsse respeito, a princípio com certa indiferença, mas por fim com curiosidade. As vulgares objecções da fraude, do magnetismo, dos movimentos musculares inconscientes e imperceptíveis, do subconsciente, da telepatia, vieram à baila, mas a curiosidade venceu todos os argumentos negativos e resolvemos fazer uma experiência no dia seguinte, porque não tínhamos ali nenhuma mesa-de-pé-de-galo. Um dos meus amigos ficou encarregado de arranjar a mesa e, no dia seguinte, depois de jantar, a tertúlia reüniu com excepcional concorrência. A minha ansiedade pelos resultados da experiência aumentou um pouco, mas foi atenuada pela convicção dum fracasso, pois nenhum de nós conhecia suficientemente as condições de produção dos fenómenos e, portanto, era provável o insucesso. De qualquer modo, eu estava muito longe de imaginar as formidáveis conseqüências, teóricas e práticas, de tais fenómenos. O meu único objectivo era verificar a realidade dum facto cuja significação me parecia muito restrita.

O Carlos Madeira Nobre Gomes, então estudante de medicina, que já tinha assistido a experiências com a mesa, deu-nos as instruções preliminares e iniciou-nos no simbolismo das pancadas vibradas pelos pés da mesa.

Em suma, a experiência começou; e, ao cabo de alguns minutos de imposição das mãos sôbre o tampo da mesa, esta começou a oscilar, primeiro muito levemente e depois com mais fôrça, inclinando-se muito para cima duma cadeira sôbre a qual estava enrolada uma capa de estudante. ¿Porque se movia a mesa? A hipótese da fraude consciente e propositada estava inteiramente posta de parte, porque todos nós tínhamos o mesmo desejo de investigação séria e tomámos um compromisso formal de não fraudar, por brincadeira, claro está.

O fenómeno observado por Galvani, que levou Volta a descobrir que o contacto de dois metais diferentes produzia uma dife-

rença de potencial e explicava os movimentos da rã de Gavani, foi o paradigma da nossa explicação dos movimentos da mesa. Assim o aspecto físico do fenómeno ficava cabalmente explicado. A hipótese de movimentos musculares inconscientes e imperceptíveis era também legítima. Todavia, os movimentos da mesa pareciam obedecer a uma *intenção* qualquer.

— ¿Porque é que a mesa se inclina tanto para cima daquela cadeira? — inquiriu um dos presentes.

¡E foi a mesa que se encarregou da resposta:

— É porque, com imensa saüdade, me recordo da minha querida Academia. — *Daniel de Matos.*

O professor Dr. Daniel de Matos, por quem tôda a Academia coimbrã tinha a mais profunda veneração, havia falecido pouco antes e nenhum de nós teria a audácia de recorrer ao seu nome para uma brincadeira de mau gôsto. Dêste modo, a explicação do fenómeno complicava-se, porque o próprio fenómeno era mais complexo do que supunhamos. O fenómeno físico era, por assim dizer, a expressão material dum fenómeno psíquico. Recorremos então à hipótese do subconsciente: seríamos nós que fornecíamos o conteúdo psicológico do fenómeno. Mas, sendo o subconsciente, por natureza, inacessível à nossa análise consciente, qualquer explicação em que êle intervenha equivale a substituir um mistério por outro mistério. Porisso esta explicação pareceu-me demasiado obscura e incompreensível. A hipótese telepática dificilmente se poderia aplicar também a êste caso, mas, em compensação, tinha foros de teoria científica, ao passo que a intervenção dos espíritos, embora não fôsse lògicamente impossível, apresentava um certo cunho de explicação primitiva e rudimentar. Por outro lado, o espírito humano não se resigna a ignorar o *porquê* das coisas e prefere uma solução ilusória ou falsa a nenhuma. Triunfou, pois, a hipótese telepática.

Estávamos nós de volta da mesa quando apareceu o Silvino da Cunha, também estudante de medicina, pendurado no seu inseparável cachimbo e com a capa enrolada ao pescoço. Vendo-nos com ares misteriosos, debruçados sôbre o infinito, invectivou-nos amigàvelmente e rematou declarando:

— Isso tudo é uma intrujice. Eu só acredito que sejam espíritos se me disserem quantos irmãos tenho.

Todos nós sabíamos que êle só tinha uma irmã; e seria bem fácil ao nosso subsconsciente actuar por movimentos musculares imperceptíveis ou por telepatia, de modo que a mesa vibrasse uma pancada solene e categórica. Porém, com grande surprêsa nossa, produziram-se muitíssimas pancadas. ¿Seria algum espírito brincalhão? Houve quem advogasse tal hipótese; mas a mesa serenou quando lhe preguntaram se queria dizer alguma coisa e respondeu com uma pancada bem nítida: — sim! Em seguida, ditou:

— São dois filhos legítimos e dois naturais.

A estupefacção foi geral e o próprio Silvino, com ar solene, tirou o cachimbo da bôca e ficou pensativo. O agente produtor do fenómeno patenteava assim a sua completa autonomia intelectual e uma vontade independente da nossa. Vivamente interessado, o Silvino preguntou onde residiam os irmãos naturais, e a mesa respondeu:

— Cha...

Concluímos que seria Chaves, por ser a terra do Silvino; mas a mesa mais uma vez mostrou a sua completa autonomia protestando enèrgicamente contra a nossa interpretação; e concluíu o nome da terra:

— ...cim.

¡Chacim! Nenhum de nós conhecia qualquer povoação com êste nome. Procurámos mais elementos, que a mesa solìcitamente nos forneceu:

— Concelho de Macêdo de Cavaleiros.

Os rapazes do Norte sabiam que existia um concelho com êste nome; mas não conseguimos certificar-nos se, no referido concelho, havia alguma povoação chamada Chacim. Pouco me importava, porém, a autenticidade da informação. Os fenómenos produzidos tinham sido suficientemente claros para me convencerem da sua origem supranormal; era evidente a manifestação dum psiquismo que não podia identificar-se com o nosso, por mais recursos que atribuíssemos ao subconsciente.

Estes factos impressionaram-me bastante e levaram-me a ler, com particular interêsse, a bela obra de Maeterlink, «*A Morte*». Confesso que a parte relativa às experiências de regressão da memória efectuadas por Rochas e à teoria das vidas sucessivas me fêz uma confusão diabólica (porque não considerava o espírito como enti-

dade autónoma) a ponto de desfazer o efeito de curiosidade que a sessão de tiptologia produzira em mim. Considerei aquelas páginas como simples devaneio literário e, durante muito tempo, não voltei a pensar em semelhantes fenómenos.

As *Regulae* e o *Discurso do Método* de Descartes, bem como a *Recherche de la Vérité de* Mallebranche e a *Crítica* de Kant, despertaram-me o interêsse pelas questões lógicas, que mais tarde profundei. A princípio o que me preocupava era a possibilidade de se estabelecer um algoritmo que fôsse um guia seguro na investigação científica e na determinação do valor lógico de qualquer proposição. Mas a necessidade de premissas prèviamente estabelecidas mostrou-me que tôdas as investigações lógicas conduzem ao problema do conhecimento. Da solução dada a êste problema, depende a nossa concepção do mundo; mas, geralmente, é da concepção do mundo que se deduz a solução do problema do conhecimento, pois êste problema, sendo lògicamente mais simples, é psicològicamente mais complexo. Pretendia, com esta investigação, fixar o valor do conhecimento empírico e o do conhecimento racional. O exemplo das matemáticas mostra, claramente, que a experiência fornece os materiais que a razão coordena e sistematiza. Dêste modo o conhecimento racional é superior ao conhecimento empírico, mas é nêle que assenta.

Mais tarde, quando regressei a Lisboa, tive ocasião de trocar impressões àcêrca dos fenómenos espiritas com o Dr. António J. Freire, que era o médico de minha família e começara, havia pouco tempo, a interessar-se por êles. As nossas relações estreitaram-se cada vez mais; foi o Dr. Freire que me estimulou, com a sua inteligência e a sua amizade, a estudar êstes fenómenos. Comecei então a ler as obras publicadas pelos metapsiquistas que, alheios à hipótese espirita, relatavam numerosos factos cuja autenticidade inspirava confiança, procurando interpretá-los por meio das mais variadas teorias. Eram estas obras que mais se coadunavam com o meu espírito; contudo as hipóteses formuladas pareceram-me tão artificiais e insubsistentes que acabei por aceitar a explicação espiritista. Só então li as obras de Léon Denis e de Kardec. A teoria das vidas sucessivas, que a princípio achara tão extravagante, apegado como estava aos conceitos da biologia materialista, tornou-se para mim um princípio fundamental e forneceu-me a solução de inúmeros problemas, morais e sociais.

Poucos fenómenos tenho observado que pudessem fundamentar a minha convicção espiritista, mas êles são suficientes para confirmarem as conclusões a que cheguei por via racional. Esta convicção inspira-me ainda mais confiança pela maneira como se formou, em manifesta oposição às minhas idéias preconcebidas. Não foi sob a pressão obsecante do mistério ou dum ambiente emotivo que se operou a minha conversão. Pelo contrário, foi reflectidamente, gradualmente, que construí o sistema das minhas crenças actuais. A análise feita por Ernesto Bozzano aos fenómenos supranormais, com uma lógica imperturbável e uma lucidez assombrosa, agradou-me particularmente, bem como a obra de Gabriel Delanne.

A tortura de Lord Byron

Uma alma é um infinito que nenhum viajor lograria explorar, uma fôrça divina que zomba de tôdas as compressões. É um oceano em que se desencadeiam todos os ventos, onde tôdas as ondas se entrechocam, um céu escuro sulcado de relâmpagos. Ignora sempre os abismos que em si própria existem e, se lhe acode lançar a vista para êles, faltam-lhe os termos para se revelar tal qual é. Daí, o brado de angústia que soltou Lord Byron:

— Se eu pudesse incorporar o que está dentro de mim; se pudesse moldar os pensamentos em forma viva; se pudesse exprimir tudo: alma, coração, espírito, paixão, sentimentos fortes ou fracos, tudo o que eu quisera ter procurado, tudo o que procuro, sofro, conheço, tudo o que experimento; se pudesse dizer tudo isto numa só palavra, como num relâmpago, então falaria. Mas não o posso fazer e por isso vivo e morro sem ser compreendido e recalco dentro de mim o pensamento sem voz, como se enfiasse uma espada na bainha.

E o homem que assim se exprimia era favorito da riqueza e da glória. Tôdas as venturas, todos os sorrisos lhe vinham ao encontro. Contudo, dizia-se cidadão ente*diado do mundo e apressou-se a sair dêle, buscando um túmulo sob as ruínas de Missolonghi.*

P. V. Marchal

RESUMO DA DOUTRINA ESPIRITA (*)

(Espiritismo evolucionista)

pelo Dr. Gustave Geley

Tradução de I. D. S.

IX

Provas indirectas

(Continuação)

NO fundo desta divergência de opiniões deve haver apenas um simples mal-entendido. Desde o momento em que a Criação foi definida como não tendo princípio nem fim, é inútil buscar o seu ponto de partida.

Poderíamos, em conjunto, figurá-la como um ciclo que a potência criadora, seja ela qual fôr, percorre eternamente. O espírito ou o *maximum* de espírito, teremos que imaginá-lo em qualquer ponto da trajectória; e no ponto diametralmente oposto, a matéria ou o *maximum* de matéria.

Por sua vez, a fôrça estará no espaço intermédio. Dêste modo, as criações far-se-ão pelo passo do infinito, dum e outro ponto desta trajectória. Quere dizer: do espírito à matéria; portanto, da matéria ao espírito. Depois, novamente do espírito à matéria e assim por diante.

Noutros termos: as criações serão séries perpétuas de *involuções* e *evoluções*.

Espírito, fôrça e matéria, serão, pois, fases sucessivas da unidade criadora, os elementos analíticos essenciais da síntese cósmica.

E no processo da criação encontrar-se-á a mesma coisa, quer nas partes, quer no todo, tanto no *microcosmo*, como no *macrocosmo*. As fases sucessivas de encarnação e desencarnação dos seres viventes representam, pois, alternativas involutivas e evolutivas.

Para terminar, diremos que os pontos principais da doutrina espirita se encontram também em muitos sistemas modernos de filosofia.

A hipótese do transformismo impõe-se mais ou menos a todos os pensadores e é muito curioso observar os esforços que se fazem em todos os campos para conciliar o evolucionismo com as velhas crenças do Espiritualismo, sem perder nenhum dos seus pontos de vista.

No próprio domínio religioso, teólogos eminentes se esforçam para pôr de acôrdo as tradições bíblicas com as ciências naturais modernas (1). Esquecem cada vez mais os anátemas do *Syllabus*, evitam falar do inferno e dos castigos corporais e não falam da pluralidade dos mundos habitados. Não seria ousado afirmar que um dia chegará em que o Papa, apesar da sua infalibilidade, ordenará a crença na multiplicidade de existências e colocará o paraíso e o inferno no final das vidas sucessivas.

O exemplo dado por alguns teólogos é, por outro lado, ultrapassado pelos próprios católicos, que começam a passar as suas crenças pela fieira do raciocínio. E pode-se afirmar que o dogma já não é aceito em tôda a sua plenitude, nem sequer pelas pessoas mais crentes (2).

Um exemplo notável dêste estado de espírito está no discurso pronunciado na Academia de Lyon, na sessão de 9 de Julho de 1895, pelo sr. Isidoro Gilardin, conselheiro decano da Audiência (3). O orador, homem profundamente religioso, chegou a fazer tais concessões à ciência, que transformou inteiramente a religião, essa religião que nos habituáramos a considerar imutável (4).

(*) Ver *Estudos Psíquicos* de Novembro de 1943 a Julho de 1944.

(1) Ver o artigo do sr. d'Hults, «Cristianismo e Ocultismo» (*Correspondência* de 25 de Agosto de 1891).

(2) Para êste efeito, basta recordar a indignação que até nos mais ferventes católicos provoca o facto de se pretender explicar catástrofes por expiações dos pecados colectivos.

(3) «Memórias da Academia de Lyon», 1896.

(4) Basta saber o que a Igreja pensaria desta liberdade de crenças, relativamente ao dogma. E como, na hipótese de a aprovar, poderia combater, conseqüentemente, a teoria protestante do livre exame.

Eis algumas linhas dêste interessante discurso:

«Temos de admitir que a passagem desta vida *para uma vida supraterrestre só poderá verificar-se pela evolução, isto é, pelo desenvolvimento natural do ser;* e que deve operar-se, não em virtude de milagres individuais, mas em obediência a leis gerais estabelecidas por Deus. E o método que nos levará à concepção racional da vida futura deve fundar-se, portanto, *na observação* de todos os fenómenos, quer físicos, quer psíquicos.»

Mais adiante, o ilustre Gilardin chega a admitir o corpo psíquico, as transformações sucessivas da alma e até a reencarnação!...

Como se vê, tudo isto sintetiza os principais elementos do Espiritismo, que o sábio lionês não nomeou no seu discurso.

Além disso, Gilardin afasta-se do Espiritismo em certos pontos, negando, por exemplo, como também faz a religião, a passagem dos animais ao homem, isto é, o transformismo natural.

A doutrina espirita encontra-se quási integralmente em certos sistemas estabelecidos *a priori* e por simples intuição, a saber, na «Palingenesia Filosófica», de Charles Bonnet, e em «Terra e Céu», de Jeane Reynault.

Elementos importantes de Espiritismo encontram-se também em filosofias sustentadas e defendidas por homens eminentes, como Henri Martin, Flammarion e Pezzani (a pluralidade das existências da alma).

Também não é difícil encontrar algumas destas idéias em grande número de sistemas fisolóficos antigos e modernos.

O monismo de Haeckel

O monismo, por exemplo, tal como foi concebido pelo ilustre Hackel (1), concorda admiravelmente com a doutrina espirita, na qual tem o seu complemento natural. A noção da evolução anímica, acrescentada à noção da evolução orgânica e ao conhecimento da unidade panteísta, *explica-o, abarca-o e sintetiza-o inteiramente.*

É pena ver-se que Haeckel, depois de expor as suas idéias, nega a possibilidade da sobrevivência, não tendo em conta os estudos da psicologia experimental.

Para provar as suas idéias, escreve esta frase:

— Não podemos de maneira alguma separar a alma individual do cérebro, da mesma forma que os nossos braços não podem separar-se da contracção dos nossos músculos.

Mas há que atender, em oposição a esta teoria, que os fenómenos de exteriorização têm sido comprovados nos nossos dias e está fora de dúvida que a separação da alma pode verificar-se, até mesmo durante a própria vida do indivíduo (De Rochas).

«Um espírito vivo imaterial — acrescenta Haeckel noutra parte — é tão inconcebível, como a matéria sem espírito e sem vida».

Isto é certo; mas nêste ponto reside precisamente um dos princípios fundamentais do Espiritismo moderno. O grande pensador oferece-nos por si próprio fortíssimos argumentos contra a teoria do nada, noutro passo da sua obra notável:

« — É freqüente combaterem o nosso monismo, dizendo que nega absolutamente a imortalidade. Não está certo. O Universo, no seu conjunto, é imortal. E do mesmo modo que é possível que a mais ínfima partícula de matéria ou de fôrça não pereça jamais no Universo, também é provável que o mesmo suceda, tanto nos átomos do nosso cérebro, como nas *fôrças* do nosso espírito».

Não existe, pois, qualquer prova de que essas fôrças individuais não continuem a existir, após a destruïção do nosso corpo, e que continuem a existir, precisamente *como fôrças individuais;* e os fenómenos espiritas parecem demontrar que, de facto, subsistem, realmente, intactas.

O sistema filosófico admite que o mundo é *a totalidade das manifestações da fôrça* e que a lei universal a que está submetido *é a lei da evolução.*

A *felicidade* universal será o resultado definitivo da evolução.

Spencer opõe-se, por outro lado, *à distinção entre Materialismo e Espiritismo.*

Para êle, matéria e espírito são manifestações de fôrça única que os contém a ambos.

Na filosofia de Hegel, encontram-se claramente as idéias da evolução e da involução.

O *absolutismo,* que é apenas um ideal

(1) Haeckel, «O Monismo», traço de união entre a religião e a Ciência. Profissão de fé dum naturalista. Prefácio e tradução de V. de Lapcnge, 1887.

puro, sem realidade alguma, desenvolve-se para chegar à plena consciência de si mesmo. Isto dá origem à evolução, a que Hegel chama o *porvir*. O desenvolvimento exerce-se em três fases ou tempos: primeiro, estado de pura virtualidade, a que Hegel chama a *tese;* segundo, *delimitação e divisão*, isto é, *a antítese;* terceiro, desaparição das delimitações e identificações das contrárias numa síntese superior. Esta síntese, por sua vez, converte-se logo no ponto de partida dum movimento análogo, que se repete até o infinito.

Tese, antítese e síntese , reaparecem constantemente em todos os momentos do desenvolvimento do ser, o qual, na sua evolução, realiza todos os progressos e chega dêste modo à plena consciência de si mesmo.

A teoria da harmonia pre-estabelecida, de Leibniz aproxima-se naturalmente da doutrina evolucionista.

Finalmente, analogias evidentes com esta doutrina se encontram também na filosofia de Plotino. Êste filósofo admite, no conjunto do mundo, dois movimentos em sentido inverso: um movimento de desenvolvimento e ao mesmo tempo de desgaste e um movimento em sentido inverso, de regresso às causas primárias. Como se vê, isto não é mais nem menos do que a teoria da evolução e da involução. Menos clara é a sua teoria das três *hipóteses* e, sobretudo, menos satisfatória é a sua conclusão de que é preciso buscar a felicidade na nulidade do pensamento e da personagem para chegar ao êxtase da Ventura suprema. Estas são, quási intactas, as velhas doutrinas da Índia, que também se encontram em muitos sistemas filosóficos dos alexandrinos. (O *Fédon*, de Platão, está mais conforme com a doutrina do Espiritismo evolucionista).

Enfim, não cremos que haja necessidade de discutir aqui as velhas crenças àcêrca da transmigração das almas (Pitágoras).

Os espiritas afirmam que os principais elementos da sua doutrina estão contidos em tôdas as grandes religiões da antiguidade, dissimulados debaixo dos símbolos e das manifestações do culto. Sustentam que estes elementos constituíam uma sabedoria secreta, reservada aos iniciados. E estes mesmos elementos encontram-se, de resto, na religião dos druídas, nas religiões da Índia e, principalmente, nas do Egito (teoria do duplo) (1).

Por outro lado, em todos os tempos têm sido observados os fenómenos espirituais, espontâneos ou provocados.

A evocação dos mortos na antiguidade pagã, os oráculos das sibilas e das pitonisas, e, mais tarde, todos os fenómenos de encantamento e de *possessão* pelos demónios; as alucinações, as aparições históricas, etc., demonstram claramente que as investigações do Espiritismo dos nossos dias não se exercem sôbre um ponto novo ou completamente desconhecido.

Conseqüências da doutrina

Transformação das idéias religiosas, filosóficas, morais, sociais e individuais — Comparação entre a opinião tradicional e a opinião nova àcêrca do nosso destino — Compreensão perfeita do mal e das desigualdades humanas — As recompensas e os castigos são conseqüências matemáticas das nossas acções e consistem apenas no estacionamento do ser em encarnações dolorosas ou na sua passagem para estádios superiores — A felicidade, resultado natural e necessário de progresso evolutivo — A moral nova: trabalho, amor, solidariedade — Necessidade do livre desenvolvimento individual — Liberdade moral proporcional à evolução do indivíduo — Perigo das restrições e imposições inúteis — Injustiça dos juízos humanos — Muita ignorância e pouca culpa na Terra — Os prazeres da vida — Influência do evolucionismo na vida social — Extinção das divisões fictícias da Humanidade — Socialismo e anarquia — A sociedade futura terá de reduzir ao mínimo as restrições e as imposições — Anarquia relativa — Deveres para com os animais.

«A ciência é incapaz de nos dar uma explicação ou interpretação aceitável do Universo, bem como de fundar qualquer moral. Finalmente, a ciência é também incapaz de substituir a religião na evolução da Humanidade». (Brunetiere: *Revue des Deux Mondes* de 15 de Outubro de 1896).

---

(1) Veja-se a interessante obra de Maspero «História Antiga dos Povos Orientais», sobretudo o tomo I, onde estão expostas as curiosas e velhas crenças dos egípcios àcêrca da existência do duplo. Maspero: «Estudos de Mitologia e Arqueologia Egípcia».

Nesta série de extraordinárias afirmações, tôdas elas completamente espontâneas, contentar-nos-emos em considerar algumas das conseqüências que resultam da comprovação rigorosamente científica dos princípios fundamentais da doutrina espirita, ou seja a *persistência do eu consciente depois da morte* e a *evolução progressiva da alma pelos seus próprios esforços.*

É evidente que esta ciência nova trará consigo uma evolução completa na filosofia, na moral e na vida social e individual.

No domínio da filosofia, permitirá impugnar definitivamente obscuridades sistemáticas, doutrinas incoerentes e caducas que seriam depressa esquecidas ante a luminosidade da nossa idéia e ante a satisfação que traria aos nossos instintos de felicidade, aos nossos desejos de imortalidade, à nossa esperança, enfim, de conhecer o além.

A idéia espirita faria também desaparecer ao mesmo tempo as idéias do nada, tão deprimentes, como desesperantes, e os dogmas religiosos, que não acabam de satisfazer a nossa ânsia de conhecimento. Por último, restabeleceria as *crenças impostas pela convicção raciocinada.*

Desembaraçaria o Espiritualismo dos ouropéis, sob os quais durante tantos séculos se escondeu e disfarçou, com o nome de diversas teocracias.

Libertar-nos-ia dos deuses antropomórficos, a-miúde caprichosos ou cruéis, que intervêm constantemente na criação por meio de milagres, da graça ou da predestinação; que reservam os seus favores a raríssimos eleitos; que exigem sacrifícios de sangue e que entre as melhores criaturas escolhem as vítimas destinadas a *aplacar a sua cólera;* que semeiam a tentação nos nossos passos e que, à menor falta, nos castigam para a eternidade; e que, finalmente, nos esmagam, durante a nossa miserável existência de provas e dores, que não são mais do que a antecâmara de castigos mais bárbaros e cruéis...

Com a nova idéia, desaparecerão estas prescrições dogmáticas que nos têm obrigado a aceitar crenças irracionais, limitando e quási reduzindo a nada o nosso livre-arbítrio e o nosso desenvolvimento consciente; desaparecerá, em suma, esta interpretação que dirige tôda a criação à humanidade terrestre.

E desaparecerá o dogma do pecado original, com suas conseqüências injustas e bárbaras (1).

Desaparecerá a noção *da salvação* pela oração e pelos sacramentos.

E desaparecerão, sobretudo, estas aberrações ferozes àcêrca do inferno com suas legiões de demónios e seus suplícios eternos.

Estes dogmas infantis parecem verdadeiramente pequenos, comparados com os ensinamentos da nova filosofia: dupla idéia de involução e evolução que tudo abraça num panteísmo grandioso (2).

*
* *

¡ Evolução progressiva dos mundos e dos seres por suas próprias fôrças, sem intervenções caprichosas da divindade!

«A idéia mais elevada que podemos fazer dum organizador — diz muito bem Léon Denis — é a de supô-lo criador dum mundo susceptível de desenvolver-se e desabrochar por suas próprias fôrças e não por contínuos milagres...»

A divindade não poderia ser concebida fora do Universo.

«A idéia de Deus não exprime para nós a idéia dum ser qualquer, mas sim a idéia *do Ser* que contém todos os seres... Nada de criação espontânea, nascida ao acaso, milagrosamente. A criação é contínua, sem fim... O mundo renova-se incessantemente em tôdas as suas partes; mas, no conjunto, é eterno (3).

A terra, sôbre a qual as religiões pre-

---

(1) Conseqüências que, na opinião de certos teólogos, chegam até à condenação de pobres crianças.

(2) A-propósito destas magníficas concepções panteístas, não quero deixar de citar aqui algumas belas palavras de Marius George («Humanidade Integral»), Janeiro de 1896:

«Parodiando uma frase célebre, eu disse numa ocasião: «Sou um homem e tudo o que se relaciona com os homens me interessa e o quero; mas o que não se referisse ao destino dos meus semelhantes não me poderia interessar. Se há um ou vários deuses, anjos ou arcanjos que jamais conheceram, nem o esfôrço, nem a luta, nem o sofrimento; que nunca atravessaram a noite triste da ignorância, estes seres, que nada têm de humano, não me interessam para nada. Como seres superiores ou meus irmãos maiores e por muito altos que estejam na sua glória, eu não posso, nem quero glorificá-los mais do que aos seres que têm vivido as nossas próprias misérias e que, pequenos como nós, souberam elevar-se à fôrça de amor, de luta e de sofrimentos».

(3) Léon Denis: «Depois da Morte».

tendem concentrar todo o pensamento do Criador — segundo a frase feliz de Flammarion — não é mais do que um ponto insignificante no Universo.

Por outro lado, uma só existência nêste planeta é um momento insignificante na série de encarnações inumeráveis do ser vivente.

A alma individual não é qualquer *peça de máquina* (valha a frase) criada com tôdas as suas faculdades pelo capricho dum criador milagroso.

A alma forma-se e desenvolve-se por si mesma, pelos seus esforços, pelos seus trabalhos e pelos seus sofrimentos.

Dêste modo, a alma, sempre por si mesma, consegue libertar-se pouco a pouco do mal, necessariamente ligado às primeiras fases do seu desenvolvimento; ela própria consegue levar a beleza e o bem à compreensão da verdade e por seu próprio e único esfôrço chegará a adquirir os elementos lentamente conquistados para a sua felicidade futura.

Daqui, a compreensão perfeita das desigualdades humanas e a solução completa do mal, duas condições da vida terrestre que se não compadecem com a idéia duma providência bondosa e activa.

As *desigualdades* humanas, do ponto de vista da inteligência, da consciência e do coração, desigualdades que nem *a hereditariedade, nem à influência do meio explicam suficientemente,* têm fácil explicação na diferença evolutiva dos seres.

«A diversidade das existências é a única coisa que pode explicar a diversidade dos caracteres, a variedade das aptidões, a desproporção das qualidades morais, numa palavra, tôdas as desigualdades que nos chocam à simples vista...»

«Sem a lei da reencarnação, seria a iniqüidade que governaria o mundo» (1).

A explicação do mal não é menos satisfatória.

O mal não é produto das fôrças cegas da Natureza que às nossas personalidades impõem efémeros sofrimentos sem compensação, nem tampouco a conseqüência injusta do pecado original, nem uma prova, nem sequer um castigo ou vingança divina.

O mal é simplesmente a medida da inferioridade dos mundos e a condição indispensável ao seu aperfeiçoamento.

O mal é o grande aguilhão da actividade dos seres e necessário para que se não imobilizem no seu estado presente. Mesmo na humanidade adiantada, a dor física desempenha papel importantíssimo.

A dor impõe o trabalho e impede que nos atrasemos ou nos detenhamos muito tempo nos prazeres inferiores.

Alguns privilegiados da existência podem perder talvez vidas inteiras no ócio ou no descanso; mas, tarde ou cêdo, receberão o aviso do mal que os obrigará a caminhar e a sofrer, a padecer dores para avançar. Uma enfermidade, uma grande dor, um enorme desengano, a dor, enfim, sob qualquer dos seus múltiplos aspectos, far-lhes-á compreender imediatamente a instabilidade dos prazeres materiais, lamentar o tempo perdido e lhes dará uma idéia mais alta da vida e o desejo da verdadeira felicidade.

Em virtude das condições evolutivas, a dor é inevitável. Os seus excessos, as grandes catástrofes e as desgraças imerecidas, são a conseqüência do *livre desenvolvimento* dos mundos por suas próprias fôrças e não se devem atribuir tão injustamente à divindade, como soe fazer-se.

O mal diminui cada vez mais, devido aos progressos da evolução. A história da terra, desde os tempos mais remotos até os nossos dias, é disso prova evidente.

E nesta nova interpretação do Universo não há sítio para o inferno, nem para o paraíso.

Os castigos e as recompensas vêm de nós mesmos e são a *conseqüência natural e obrigatória* de nossas faltas ou de nossos esforços.

A vida natural — diz Léon Denis — é a conseqüência directa, inevitável, de nossas vidas passadas, como a nossa vida futura será o resultado natural de nossas acções presentes (2). Somos apenas o que nós pró-

---

(1) Léon Denis.

(2) Isto não significa que se possa negar em absoluto a possibilidade de excepções acidentais que imponham reencarnações dolorosas imerecidas. Estes acidentes são inevitáveis, precisamente porque nenhuma providência intervém na nossa evolução. Mas é indubitável que tais reencarnações terão, no futuro, a devida compensação. *É preciso considerar o conjunto e não os pormenores.* De resto, uma única existência nada indica no curso da nossa evolução. Por outro lado e a-miúde, as provas e os sofrimentos estão previstos e são escolhidos pelo espírito, antes da sua reencarnação, para seu bem e bem dos seus semelhantes.

prios vamos fazendo e temos feito de nós, ao longo da nossa vida.

Assim, devemos repelir duma vez para sempre o terrível pesadêlo dêsses castigos eternos que as religiões nos apresentam.

A sanção e o castigo de nossas culpas será o estacionamento em reencarnações sucessivas inferiores, segundo as condições matemáticas que resultarem, para cada existência, das existências vividas.

A recompensa e a compensação que devemos esperar dos nossos esforços, isto é, a recompensa das nossas virtudes, das nossas dores, dos nossos trabalhos, será o passo natural para encarnações superiores, e esta recompensa resultará das leis evolutivas, sem intervenção de nenhum juízo divino.

A nossa progressão assegura-nos a felicidade, *resultado natural* da deminuïção do mal, coïncidindo com o aumento da consciência de liberdade e das faculdades emotivas.

Mas esta felicidade, êste verdadeiro prémio à nossa vida, só o poderemos obter tornando-nos verdadeiramente dignos dêle, pelos nossos sofrimentos, pelo nosso trabalho, pelo nosso esfôrço.

Para se poder apreciar o que vale e significa um estádio superior, é preciso saber elevar-se para êle, porque é evidente que não se poderia desfrutar um bem que se ignorasse ou não se compreendesse.

¿ Não vemos nós, afinal, mesmo sem sair da vida ordinária, multidões incapazes de apreciar os prazeres estéticos, de apreciar a beleza, de sentir emoções verdadeiramente elevadas?...

Não busquemos, pois, o porquê e em que consistirá a nossa felicidade futura. Antes disso, temos que evolucionar, para podermos apreciar essa Ventura, que até hoje apenas pressentimos ou adivinhamos nebulosamente. Dêste modo, saberemos e poderemos *obter*, não sòmente essa felicidade, mas também *apreciá-la e compreendê-la.*

Baste-nos saber que a nossa ventura porvindoura será o resultado *necessário* dos progressos evolutivos do homem e de tudo o que o rodeia.

CORRIGENDA — No final do último artigo, onde se lê: Logo, o Espiritismo oferece campo de reconhecimento ao Materialismo e ao Espiritismo, deve ler-se «e ao Espiritualismo».

ALMA E SENSAÇÃO

por Deolindo Amorim

DURANTE muito tempo se defrontaram em conflito, na Europa, em conseqüência da agitação de idéias ocorrida nos séculos XVIII e XIX, diferentes correntes de pensamento, cada uma a reflectir a cultura de uma escola vigente. Grande parte dessa demanda entre filósofos, pensadores, psicólogos e teólogos se desenrolou dentro de uma questão lançada pela doutrina de Locke, baseada no princípio de que *todo conhecimento deriva da sensação.* Modernamente, embora sejam outros os processos de especulação, a Psicologia Experimental cai no mesmo sensualismo de outrora, porque procura provar que a alma — tal como a entendem os espiritualistas — não existe. A questão, disposta de modo diferente, é a mesma no fundo, porque os filósofos materialistas da escola de Condilac e os ideólogos da corrente de Garot quiseram também demonstrar a existência de uma «psicologia sem alma», contra, aliás, a própria etimologia da palavra. O *sensualismo absoluto* de Condilac não resistia aos argumentos que contra essa teoria trouxeram ao mesmo tempo os partidários de duas escolas de pensadores: a teológica, tendo por cabeça Lamennais e a espiritualista, chefiada por Laromiguierre e Consin, conquanto a escola do afamado filósofo francês fôsse inegàvelmente uma das mais faladas da época. Os ideólogos tiveram mais radicalismo do que o próprio Condilac, cujo materialismo, neste ponto, não chegou ao extremo, tanto assim que, para explicar a sensação, não achou outro meio senão o de reconhecer a consciência. Uma vez que admitiu a consciência como faculdade fora da matéria, está claro que a doutrina de Condilac, quanto a esta parte, não foi de puro materialismo. Já os ideólogos, que se apresentaram como seus continuadores, mantiveram-se dentro de um círculo fechado, afirmando dogmàticamente que as *idéias são fruto da sensação* e, portanto, «a alma nada mais é senão a colecção de sensações que experimentamos». Não conseguiram destruir, nem os sensualistas nem os ideólogos, a verdadeira ciência da alma, que é a Psicologia.

Os erros da velha Psicologia

A velha Psicologia tradicional, sustentando a existência da alma sem função dependente da Fisiologia, como queriam os materialistas, mostrou sempre que a *consciência transcende das funções cerebrais,* não podendo ser jamais localizada em qualquer dos orgãos determinados pela classificação científica. A *Psicologia Experimental,* não obstante constituir escola, até hoje não demonstrou a inexistência da alma. Quando muito, esta escola, que actualmente pertence mais ao domínio da ciência positiva do que mesmo à Filosofia, (porque seus partidários não sairam ainda das fontes clássicas, não trouxeram outros argumentos além dos já conhecidos desde a época dos primeiros choques entre sensualistas e espiritualistas), modernizou os métodos científicos de observação, submetendo todo o funcionamento do organismo humano ao engenho de uma aparelhagem complexa para demonstrar que a alma não existe, sem até agora ter provado por A mais B que o homem é corpo sem alma. As sensações, manifestando-se exclusivamente nas actividades da matéria, não explicariam a alma sem dar à criatura uma consciência da individualidade. Mas, uma vez que o sensualismo materialista nega a existência da alma, ¿em que consiste a sensação, se não há consciência? Formando a consciência exacta de que existe, de que há dentro de si uma individualidade, a criatura humana não obtém essa sensação exclusivamente pelos movimentos da matéria, e sim através da vida espiritual, cujas características, não sendo objectivas , não podem, portanto, ser representadas por circunvoluções cerebrais. As sensações de prazer e tristeza, tomadas pela escola materialista como origem do conhecimento, dizem respeito — e a verdadeira Psicologia já o demonstrou — ao temperamento, a estados especiais, definitivos ou transitórios, da vida orgânica, se bem que haja relação entre êsses estados e a alma. Tais sensações, porém, não bastam para explicar o conhecimento (tese de Locke) nem, muito menos, para dar a única origem das idéias (princípio de Garot), porque só a sensação da existência, a consciência da vida é a sensação do conhecimento. ¿E qual é o orgão dessa sensação integral? O cérebro? Não, porque êste corresponde exclusivamente ao funcionamento da vida física, enquanto a vida espiritual, servindo-se apenas do órgão cerebral, é que manifesta a sensação completa, pela inteligência, pelo conhecimento da individualidade em cada criatura. É a manifestação da alma, escapando, assim, aos traços materiais da escola sensualista.

Mistérios que a ciência não desvenda

A «Psicologia sem alma» não conseguiu fixar a sede da vida psíquica. E factos concretos, demonstrando, mais do que isso, a sobrevivência da alma, que é outra questão impugnada pela Psicologia Experimental, já ofereceu provas de uma vida real, aliás a verdadeira vida porque definitiva, além da matéria, sem subordinação às células cerebrais. Os fenómenos espiríticos, através de experiências científicas, há muito estão contribuíndo para anular o cientificismo materialista, cujas pesquisas de laboratório não podem tirar a evidência de manifestações que se realizam em tôda a parte, por meio de mediuns estranhos às idéias, ao nome, à origem de entidades que vivem fora do corpo material, em pleno além da terra.

Na dissecação do corpo humano a ciência não encontrou, como sustenta a escola materialista, nenhuma «prova positiva da existência da alma». Mas no corpo, percorrido que seja todo êle pelo bisturi, outra coisa não poderia a ciência encontrar senão matéria. Examinando a parte material do homem, a parte que pode ser cortada, pesada, apalpada, o cirurgião ou o auscultador não encontraria o elemento invisível que anima o corpo. ¿Quereria porventura o materialismo que a alma estivesse sujeita a verificações, como qualquer órgão do corpo? ¿Mas a Psicologia materialista (verdadeiro paradoxo) já explicou, já definiu a consciência?

¿ A reflexão entre o bem e o mal é uma faculdade da alma ou é oriunda exclusivamente do cérebro? Naturalmente da alma, embora a doutrina sensualista insista em dizer que é apenas a sensação do instinto. Se houvesse aí apenas a sensação, poderíamos nêste caso dizer que o irracional também experimenta sensações, exteriorizando alegria e tristeza. ¿ Onde está, porém, a reflexão, a faculdade de discernir o bem e o mal? ¿ O remorso, por exemplo, resulta simplesmente da função cerebral, é ùnicamente uma sensação, sem a manifestação da consciência? Tanto não é, que muitas vezes uma sensação de prazer em virtude de um acto cometido, mas contrário à moral, logo depois desaparece, ces-

sam seus efeitos quando a consciência começa a se manifestar, quando o homem começa a sentir um remorso invencível.

A sensação seria cega se o homem não tivesse uma luz interior e invisível que lhe mostra os dois caminhos: o bem e o mal. ¿De onde vem esta luz? Dirá a escola materialista: do cérebro, que é o órgão da razão. ¿E de onde vem a razão, quando traz, não apenas essa luz de esclarecimento, mas ainda um sentimento de remorso ou de arrependimento? Da consciência, mas não dessa consciência material, encaixada no cérebro, e sim da consciência espiritual que se soprepõe ao instinto, às sensações, e mostra que o homem não é só o corpo que a ciência devassa: há no homem uma essência divina, que é a alma.

A verdade científica reside nos factos

A Psicologia Racional, do *contismo*, por exemplo, prêsa ainda ao sensualismo absoluto de filósofos e fisiologistas passados, não aceita as provas lógicas da existência da alma. Mas, também, essa Psicologia, que só aceita a verdade científica, verdade concreta, não demonstrou ainda o contrário do que afirma a fisiologia espiritualista. A verdade moral não se examina por meio de instrumentos como acontece com a verdade científica. Mas nem mesmo como verdade científica, a Psicologia Racional já deu prova satisfatória, universal, de que o homem não tem alma.

A verdade lógica está nos ensinos da doutrina espiritualista, ensinos de carácter universal. «*A verdade lógica, sente-se; a verdade científica, verifica-se*».

A verdade científica da existência da alma está no que já demonstraram os factos. O Espiritismo, que tem o têrmo próprio de espírito para designar a alma, tanto contesta a Psicologia Experimental dentro da lógica, cuja verdade a ciência materialista não destruíu nem ofuscou, como se baseia em manifestações rigorosamente comprovadas de que existe em cada criatura humana, além da matéria, do corpo visível, tangível, um espírito imortal, um foco de luz que se não apaga, mesmo depois da «morte».. As experiências científicas, as comunicações espontâneas, os fenómenos de efeitos físicos, as obras psicográficas e uma infinidade de provas continuam de pé, confirmando a doutrina da existência e imortalidade da alma, cujo destino é a reencarnação, fundamento fisiológico do Espiritismo. E tendo uma alma, não a alma universal, panteista, mas uma alma individual, encarnada, o homem não é exclusivamente matéria, não nasceu para se extinguir pelo fatalismo da matéria, porque sua vida é espiritual e não material, sua verdadeira origem é DEUS. É no espírito que se forma, pela perfeição, a imagem moral de Deus, porque é pelo espírito e não pelo corpo que o homem vai a DEUS CRIADOR de tôdas as coisas. E o traço perene dessa ligação entre o homem e Deus é o espírito.

CREDO ESPIRITA

Por Ramos Pereira

Creio em Deus, Ser Absoluto e Infinito, de Cujo Pensamento e de Cuja Vontade surdiu a Energia e desta a Matéria e a Vida;

Creio numa Onda de Vida que atravessa o Infinito do Espaço desde a Eternidade do Tempo!

Creio numa Evolução contínua que sublima a Matéria e redime as Almas;

Creio numa Suprema Bondade que não consente a condenação eterna;

Creio num Céu que é a Bem-aventurança dos Eleitos;

Creio num Inferno que é o remorso dos decaídos;

Creio num Purgatório que é a reencarnação;

Creio na imortalidade da alma que se integra na Grande Evolução Universal;

Creio em Cristo, a Mais Elevada Essência Espiritual que numa abnegação do Seu Amor desceu à Terra para mostrar à Humanidade um Guia e um Exemplo;

Creio no Espiritismo, como uma Moral que é a do Dever e da Virtude, que é a do Cristo revelada em «espírito e verdade», como uma Filosofia que esclarece a Razão e a Fé; como uma Ciência que tenta resolver e unificar os grandes problemas; como uma Religião cujo Templo é a Terra, cuja Liturgia é a Prece, cujo Sacerdote é a Consciência e a Fé, cujo Fim é atingir Deus pelo AMOR EM CRISTO.

Notícias do Brasil

— O Dr. Carlos Imbassahy abandonou o cargo de chefe da Redacção do *Reformador*, órgão da Federação Espirita Brasileira.

— Saiu o 1.º número de *O Semeador* órgão da Federação Espirita do Estado de S. Paulo e cuja direcção está a cargo da Sr.ª Marta Cajado de Oliveira, figurando na gerência o nome de Pedro de Camargo (Vinicius).

— Foi reeleita por unanimidade a directoria da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, a que preside o Dr. Levindo Melo.

— Os espiritas da cidade de Campos estão empenhados numa campanha pró-construção do Abrigo para Alienados «Dr. João Viana», a qual tem surtido efeitos animadores, mesmo fora daquela cidade.

— Em S. Paulo fundou-se há pouco a Livraria Editora Allan Kardec, que se propõe disseminar as obras fundamentais do Espiritismo, a preços populares.

— Em Ribeirão Prêto foi inaugurado o Albergue Noturno Apóstolo Paulo, pertencente ao Centro Espirita de S. Paulo, daquela cidade.

— O diário carioca *Vanguarda* está a realizar um inquérito intitulado: «¿A música tem cabimento no meio espirita?». Já respondeu o Dr. Carlos Imbassahy e José Fernandes de Sousa, redactor da secção *Espiritismo*, mantida pelo mesmo diário.

— Lavra grande entusiasmo em determinado sector do Rio de Janeiro pela fundação dum Departamento Teatral Espirita. À frente dêsse sector encontra-se Artur Machado, que deseja adaptar à cena algumas peças espiritas que mereceram aplausos da crítica profana.

— A Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos mudou as instalações para a Avenida da Venezuela, 53, 6.º andar, afim de alargar os seus serviços.

— O sr. Abílio da Silva Lima assumiu a presidência da União Espirita Baïana.

— A Associação Espirita Obreiros do Bem, a cuja direcção preside o nosso prezado consócio Agostinho Pereira de Sousa, fêz novo apêlo geral, no sentido de pôr a funcionar o Hospital Espirita Pedro de Alcântara, destinado a obsediados, e de manter o seu Ambulatório médico, que consome 9.000 cruzeiros mensais.

— Encontra-se em plena laboração a Gráfica Mundo Espirita, recentemente fundada, graças à tenacidade do Dr. Henrique Andrade.

— O Dr. Pena Ribas aceitou o convite para professor de psicologia da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, cujo 2.º ano lectivo teve início em 7 de Março último. O novo professor é médico e espirita militante.

— Começou a circular o 1.º número da *A Samaritana*, revista mensal de estudos científicos, cultura filosófica e de confraternização pan-americana, dirigida pelo sr. David Lopes, secretário geral da Coligação Brasileira de Assistência Social, a que preside o general Araripe de Faria. Esta revista está integrada no movimento espirita brasileiro.

— Desencarnou o velho espirita Comandante Luiz Barreto, antigo presidente da Federação Espirita Brasileira.

— A Gráfica Mundo Espirita publicou em elegante edição o livro «Para as Crianças», comunicações mediúnicas de *Icléa*.

— A Editora Espirita do Nordeste Brasileiro, de Recife, Pernambuco, anunciou para breve o livro «Transformismo», do Professor Ferreira Dino, e a obra mediúnica «Raios de Luz».

— A Casa de Saúde Allan Kardec, da cidade de Franca, continua a trabalhar activamente sob a gerência do operoso confrade José Russo e direcção clínica do Dr. João Matias Vieira. Durante o ano de 1943, a média mensal de doentes internados foi de 178.

ABECEDÁRIO DOS MÉDIUNS

A — *Os médiuns devem convencer-se de que tôda a grandeza, beleza e eficácia da sua tarefa decorrem da perfeita assimilação e prática dos Evangelhos e que fora da caridade não há salvação.*

B — *Só devem trabalhar em meios afins e nunca para fins de ordem material, interesseiros e particularistas, sejam de ordem colectiva ou individual.*

C — *Embora possuídos das melhores intenções e sentimentos, nem por isso são infalíveis e isentos de mistificações, dado que estas podem constituir provas necessárias, quer para êles, quer para os que dêles se socorrem.*

D — *Não devem — quando sonambúlicos — expor-se a trabalhar em assembleias numerosas e heterogéneas.*

E — *A sua posição social não os isenta, nem resguarda dos deveres comuns de fraternidade e humildade.*

F — *As suas prerrogativas não constituem galardão, nem os acobertam das vicissitudes terrenas, antes lhes foram dadas para resgate de maiores dívidas do passado.*

G — *Não devem, jàmais, trabalhar isolados, nem fazer evocações directas.*

H — *Não é razoável consultar os desencarnados sôbre assuntos e problemas que o homem pode, por si mesmo, resolver.*

I — *O estudo constante e sistematizado da Doutrina, em comum, é necessidade absoluta, não só para constituir o ritmo ou tónus do conjunto, como provado está que em tais trabalhos a cooperação também conjugada dos Guias melhor afeiçôa a inteligência dos encarnados para as concepções doutrinárias.*

J — *Não há trabalho ou profissão honesta, entre e perante os homens, que colida com o exercício activo da mediunidade.*

K — *Não há dias, nem horas, nem fórmulas determinadamente favoráveis, nem desfavoráveis a êsse exercício, uma vez praticado com abstracção de cuidados mundanos e fúteis.*

L — *A saúde física, conquanto não seja condição essencial para o exercício da mediunidade, deve ser objecto de cuidado, não só como obrigação de ordem geral, como porque pode reflectir sôbre o Espírito do médium e pô-lo a descoberto de influências nocivas.*

M — *A instrução literária, filosófica ou científica, não é elemento essencial da boa produção mediúnica, mas deve ser cultivada em termos, porque enriquece o cabedal latente do médium e facilita muito mais as comunicações.*

N — *Não pode nem deve ser juiz da própria lavra, seja para exaltá-la ou rebaixá-la, deixando a outrem a tarefa de analisar e «julgar a árvore pelos frutos», contentando-se êle com o dever honestamente cumprido.*

O — *Deve evitar os meios sociais deletérios e viciosos, onde as paixões inferiores são fàcilmente combustíveis, mas procurando fazê-lo, não com ostensividade e desdém, para não escandalizar e sim discreta e criteriosamente, de modo a edificar os seus semelhantes.*

P — *Devendo todo o crente evangélico ser* manso como as pombas e prudente como as serpentes, *não pode nem deve alardear seus predicados e muito menos submetê-los à prova e à crítica de profanos incompetentes, quando não mal intencionados.*

Q — *Na vida de relação, sob qualquer dos seus aspectos, precisa desenvolver o máximo critério para discernir o que pertence ao homem e o que incumbe ao crente, afim de poder, em consciência,* dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.

R — *Êsse discernimento só lhe pode advir gradualmente, mercê de uma disciplina moral e mental praticada sem precipitações, nem desfalecimentos.*

S — *A meditação, o recolhimento e a prece são os melhores agentes de avigoramento para o corpo e para a alma, pelo que deverão ser praticados com moderação e regularidade.*

T — *Não há regimes alimentares especiais aconselháveis que favoreçam ou facilitem a prática mediúnica, exclusão feita de substâncias nocivas e uma vez mantida, como princípio, a necessária sobriedade.*

U — *Essa sobriedade deve estender-se principalmente ao regime moral, sem pri-*

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

O médico confirma as curas do médium

Êste caso foi extraído do *Psychic News* pelo nosso colaborador Sebastião Elviro Martins, cuja tradução literal damos a seguir:

Um auditório de Glasgow (Escócia) testemunhou o facto dum médico confirmar pùblicamente as curas obtidas por um *médium*.

O médico é o Dr. D. G. Robertson; o *médium* é Margaret Lyon, de Glasgow. O Dr. Robertson presidiu à sessão organizada pela Associação Central dos Espiritas de Glasgow e relatada no *The Two Worlds* de Março de 1943.

Confirmando os admiráveis resultados do tratamento sugerido pelo espírito de uma médica, o Dr. Robertson, falando como espirita, descreveu êsses resultados obtidos pelo guia como autênticas maravilhas. Reportando-se a um caso de loucura sujeito à sua observação, afirmou que nunca tinha visto um exemplo semelhante em que se constatou uma cura tão rápida.

Margaret Lyon, que tem sido regularmente consultada pelos médicos e enfermeiros do hospital, e em cujo arquivo existe um importante registo de êxitos após os meios da medicina terem falhado, dirigiu-se então ao público.

Citou algumas curas obtidas por intermédio da sua mediunidade, afirmando que os nomes dos médicos intervenientes estavam à disposição dos investigadores eventuais.

Houve um caso duma mulher de Dundee, que depois de examinada pelos raios X, os médicos disseram-lhe sofrer de carcinoma, uma inflamação nos intestinos. Deram-lhe três semanas de vida. O guia de Mrs. Lyon começou a tratá-la e disse que a inflamação sé estabilizara. Depois dêste tratamento um médico viu a doente e notou-lhe melhoras sensíveis, atribuídas às pastilhas que lhe recomendara. Porém, seguindo os conselhos do guia, a doente não as tinha tomado!

Após o tratamento por intermédio de Mrs. Lyon, e seguindo a dieta recomendada pelo guia, a doente voltou seis meses depois ao hospital para lhe ser tirada nova radiografia. A inflamação desaparecera.

O relatório médico dizia que as chapas antecedentes deviam ter sido confundidas, visto ser impossível à doente libertar-se da maligna inflamação. Apesar de tudo, durante os últimos seis anos, a enfêrma tem gozado saúde normal.

Mrs. Lyon citou ainda o caso doutra doente que estivera doente nove semanas. A mulher estava em coma quando chegou o especialista e lhe diagnosticou uma meningite, se bem que mais tarde não estaria certo êste diagnóstico. Como a doente

---

vança de diversões sociais compatíveis com o meio e a idade de cada um.

V — *Não deve nem pode impunemente tirar partido, mesmo indirectamente, das suas faculdades, pois, sendo a mediunidade um dom gratuito da Providência, deve ser considerada como verdadeiro sacerdócio, dentro do preceito: «dar de graça o que de graça receber» e mais ainda: — com espontaneidade de sentimento.*

X — *Não há médiuns melhores nem piores, de vez que as faculdades lhes podem ser cassadas, cessantes a todo o tempo com o afastamento dos desencarnados, sob as vistas e por intervenção de seus Guias.*

Y — *O trabalho é uma prece, ao mesmo tempo que um agente indispensável ao progresso físico planetário, não sendo lícito ao homem, muito menos ao médium, tornar-se ocioso e inútil à colectividade, sob pretexto de melhor se prestar à caridade.*

Z — *A caridade é sentimento vivo e, como tal, não se deve, nem se pode conceber regulamentada, condicionada, fragmentada em actos alternativos, quando não caprichosos e incoerentes, como a própria índole humana, vacilante e imperfeita, razão pela qual estimará no seu trabalho apenas o cumprimento de um dever, com benefício próprio exclusivamente, de vez que a misericórdia divina não precisa do homem para afirmar-se ao mundo e no mundo.*

(Da tese de Manuel Quintão, aprovada em 1926 pela Federação Espirita Brasileira).

começasse a inchar, o especialista mandou chamar um cirurgião, e êste, por sua vez, sugeriu a consulta dum especialista de sangue. Êste último declarou que a mulher sofria de septicémia e angina de peito. Administrou-lhe o medicamento M. & B. 693, mas a temperatura não baixou. Algumas horas depois, num sábado de manhã, o especialista declarou que a enferma não viveria até segunda-feira, e então o marido da doente mandou chamar Mrs. Lyon.

No dia seguinte o guia da *médium* deu um diagnóstico completamente diferente do dos especialistas. Asseverou que não havia nenhuns sinais de meningite, septicémia ou angina de peito. O sangue da doente estava sujeito a coalhar-se, disse o guia, e êste facto verificava-se na cabeça quando o primeiro médico suspeitou de meningite. Mais tarde observou-se o mesmo fenómeno no corpo, provocando a inflamação abdominal, e por fim manifestou-se no coração, o que sugeriu a angina de peito.

Os especialistas foram informados do diagnóstico do Espírito-guia, mas como eram cépticos, resolveram submeter o sangue da doente a uma rigorosa análise, para verem se se descobririam os indícios de septicémia.

A análise, contudo, nenhum vestígio indicou, e a mulher, a quem os médicos deram três dias de vida, três semanas depois estava perfeitamente bem!

Na mesma sessão de Glasgow a médium Lyon citou o seguinte caso:

Uma rapariga de 17 anos esteve no hospital durante 7 meses com peritonite tuberculosa e deram-lhe apenas três semanas de vida. A jovem pesava apenas 25 kilos e encontrava-se incapaz de andar. Depois do primeiro tratamento, o guia disse à mãe que a devia levar lá dali a 15 dias. «Seria impossível» — respondeu a mãe — «Tinham dado à sua filha apenas três semanas de vida e já tinham decorridos dez dias».

O guia, porém, limitou-se a repetir-lhe as instruções. Na quinzena que se seguiu a esta consulta a rapariga aumentou cêrca de 700 gramas no pêso, aumento que se manteve regularmente.

Dentro de pouco tempo começou a andar e agora ela pesa 53,5 kilos e confirmou-se o diagnóstico do guia de que a doente não estava tuberculosa.

E a finalizar Mrs. Lyon cita-nos ainda o caso seguinte:

A médium fôra convidada a visitar uma criança doente a sua casa. A avó interessava-se pelo Espiritismo, mas os pais, não. Os médicos aconselharam que a criança, um menino muito fraquinho de três anos, devia ser mandado para o campo. O espírito guia, que diagnosticara uma tuberculose pulmonar, manifestou-se contra o envio da criança.

O pai, céptico, não acreditou no guia e disse-lhe: «Visto serdes tão inteligente, talvez me possais dizer o que sucedeu ao mais pequenino esta manhã» — apontando para outra criança de 18 meses. O Espírito-guia não se deu por vencido. «Se quereis dizer que a criança enguliu um alfinete de dama — disse êle, espírito — não vos apoquenteis com isso; êle estava fechado. Amanhã passará pelos intestinos da criança». E isto confirmou-se no dia seguinte.

O guia repetiu o aviso de que não deviam levar a criança doente para a província e que se o pai teimasse na sua resolução o doentinho regressaria a casa dentro dum esquife. dali a uma semana. O aviso não foi tomado em consideração e sete dias depois a criança voltou dentro dum caixão.

No fim da resenha destas curas obtidas por seu intermédio, Mrs. Lyon recebeu a ovação de 47 pessoas que, de pé, confirmaram pùblicamente o benefício que tinham gozado com o tratamento ministrado pelo seu Espírito-guia, que na vida terrena fôra médica.

Actividades espiritas argentinas

Era nosso desejo fazer maior referência às actividades espiritas argentinas, afim de mostrar aos leitores quanto se trabalha pela Causa na grande república sul-americana. Falecem-nos, porém, os elementos e por isso vamos limitar-nos à transcrição dos programas de quatro agremiações, para o ano de 1944.

Comecemos pela Sociedade Constancia, de Buenos Aires:

Ciclo de conferências. — «A aura e as suas côres», por Carlos L. Chiesa; «A tese espirita ante os conceitos de psiquismo, sub-consciência e espírito», por Atílio A. Metz; «Os astros são habitados», por Georges Morice; «Manifestações incontrovertíveis da vida de ultra-tumba», por Salvador Mariño; «Reencarnação. Valor das objecções científicas que se lhe fazem», por Bartolomé Bosio; «O verbo amar», por Miguel Nahben; «Lei de causa e efeito», por Carlos L. Chiesa; «Revalidação duma faculdade certa: mediunidade curadora», por Natalio Ceccarini; «O sentimento trágico da vida em Miguel de Unamuno», por Bienvenido Roque; «Para Deus, pelo amor e pela realização espiritual do homem», por Hugo L. Nale; «Considerações morais àcêrca da vida de relação», por Júlio Bercetche; «Das sessões espiritas e das leis do ambiente», por Albíreo Barcón; «As fôrças internas do ser», por Santiago Bossero; «O homem perante o nada», por Humberto Mariotti; «Espiritismo e Cristianismo», por Um correligionário.

Ciclo de conferências do Círculo de Estudos «Progresso Espirita». — «Para sacerdócio da me-

diunidade», por Elias Toker; «O mundo dos Espíritos» (I), por Natalio Ceccarini P. de Laratro; «Forma e ubiqüidade dos espíritos», por Carlos Skoulman; «Considerações filosóficas dum naturista», por Aquiles Ballerini; «O mundo dos espíritos» (II), por Natalio Ceccarini, filho; «Joaquim V. González e os três caminhos da perfeição humana», por Carlos Castiñeiras; «O mundo dos espíritos», por Natalio Ceccarini, filho; «Aspectos teóricos e práticos do Espiritismo», pelo professor Eugénio Perruelo; «Na rota estudiosa de *Sir* Oliver Lodge», por Albíreo Barcón; «O poder da mente e do subconsciente», por Genaro Tesone; «Três estados do conhecimento espirita no homem», pela senhora Maria Isabel R. de Incerti; « O conhecimento das verdades eternas», por Humberto Mariotti; «Temas de doutrina espirita», por Júlio Bercetche; «Influência do Espiritismo no devenir humano», por Miguel Nabhen; «A filosofia penal dos espiritistas», por Naum Kreiman; «Joana d'Arc», por Salvador Mariño.

Ciclo de conferências da Biblioteca «Inspiración». — «Fundamentos que deram origem ao Espiritismo», por Carlos L. Chiesa; «Dicção americana», por Caty Lerange Albamonte; «Deduções espiritas para uma sociedade melhor», por Yatay Ramires Abella; «A infância e a sociedade futura», pela Dr.ª Maria Azucena Brusatti; «Amor e superação», por Aurora Lerange Albamonte; «A tuberculose como enfermidade social», por Juan Condorelli; «A minha filosofia», por Ricardo S. Massa; «O destino do homem», por Naum Kreiman; «A lei de igualdade universal», por Cortizo Fernández; «As fôrças espirituais», por Santiago A. Bossero; «Génio e delinqüência», por Genaro Tesone; «Das trevas à luz», por Vicente Albamonte; «O conceito espirita da mulher», por Miguel Serio; «O espiritualismo moderno e a poesia», por Humberto Mariotti.

Ciclo de conferências da Sociedade Víctor Hugo. — «Ciência e espírito», por Naum Kreiman; «As diferentes tendências do Espiritualismo moderno», por Humberto Mariotti; «Arte e cultura», por Enrique Agilda; «Importancia espiritual da doutrina espirita», por Hugo L. Nale; «A filosofia de Justo Sebastián Vigliani», por Carlos Castiñeiras; «A arte espiritualista», por J. A. Sanguinetti; «A cultura no ambiente espirita», por Salvador Mariño; «Léon Denis e o problema da mediunidade, por Miguel Serio; «Vítor Hugo símbolo», por Santiago A. Bossero.

O que aí fica é amostra frisante do interêsse que o Espiritismo suscita em Buenos Aires. Há, porém, muitas outras agremiações que devem ter realizado programas semelhantes, como a seu tempo verificaremos, quando nos chegarem às mãos as publicações respectivas.

O MEU CÃO VIU UM FANTASMA

por *Bartolomeu Bana Martins*
(Tenente farmaceutico)

Antes de eu ser mobilisado, nós morávamos no lado direito dum terceiro andar em Lisboa. No terceiro esquerdo vivia uma família que tinha uma pequena de três anos — a Maria Helena. No segundo esquerdo residia o Luíz Filipe, pianista precoce de oito anos de idade que aos cinco já tocava na Emissora Nacional.

Um dia a Maria Helena, brincando com outras crianças, enguliu um objecto que levara à boca, ao que parece um feijão. Rôxa pela sufocação, correu para a mãe que a levou ao hospital onde ficou internada uns dias, tendo-lhe sido extraídos uns bocados do que tinha engulido. Passados êsses dias, a mãe, satisfeita, autorizada pelos médicos, trouxe-a para casa, presumindo-se que a pequena estava livre de perigo. Mas uma madrugada, eu e minha mulher acordámos em sobressalto ouvindo grande barulho de gritos e chôro que vinham da casa do lado. Olhámos um para o outro sem percebermos o que se passava e esforçámo-nos por escutar.

— Com certeza que foi a Maria Helena que morreu — disse eu.

Nesta altura, o nosso cãozito, que dormia na cozinha, começou a ladrar furiosamente. Gritei-lhe, da cama, para que se calasse, mas continuou como se me não ouvisse.

Envergonhado pelo barulho que o anima' fazia àquela hora, levantei-me disposto a metê-lo na ordem. Ao abrir a porta da cozinha, deparei com o *Sultão* encolhido debaixo do poial do pote, com o aspecto de quem estava com mêdo, os olhos muito abertos fitando qualquer coisa no espaço e ladrando de uma forma esquisita e sem interrupção. Chamei-o, ameacei-o, cheguei a bater-lhe, mas o Sultão, ordinàriamente tão dócil, tão meigo e tão obediente, parecia nem sequer dar por mim. Com muito custo consegui, enfim, acalmá-lo um pouco. Voltei para a cama, pois ainda não era dia claro, e disse a minha mulher:

— Parece-me que o Sultão viu o espírito da Maria Helena.

Minha mulher não respondeu; mas, no outro dia, veio contar-me que o Luíz Filipe, apesar da família evitar que êle da triste

Notas & Comentários

Legado Firmino Teixeira

Como dissemos, o Centro Espiritualista Luz e Amor habilitou-se à fracção do Legado de Firmino Assunção Teixeira, que vai ser distribuído pelos centros legalmente constituídos e contamos dar brevemente auspiciosa notícia, que deixará a melhor impressão nos leitores.

Levantando um pouco o véu, já podemos dizer que o nosso Centro viu reconhecidos os seus direitos de primazia, como não poderia deixar de ser, tais e tantos são os serviços que tem prestado ao ideal espirita, através de acção persistente e contínua, já pelo seu órgão oficial, já pelas conferências que tem promovido, dentro e fóra da sede, já pela sua Secção de Livraria, que muitíssimas obras tem espalhado em Portugal e Colónias.

E para demonstrar que desejamos continuar a bem servir a Causa, declaramos que o que nos couber no rateio será empregado tanto quanto possível na propaganda, para que, em 1945, tenhamos direito mos direito ao mesmo lugar que nos foi atribuído no corrente ano.

No próximo número daremos mais desenvolvida notícia e revelaremos um propósito que decerto alegrará assinantes e consócios.

Esperemos, pois, que o Conselho Superior Deliberativo da Federação se manifeste àcerca da distribuïção do Legado.

Sinal dos tempos

Segundo refere *Psychic News*, em artigos sucessivos de desafronta, o Espiritismo em Londres sofre duras perseguições dos poderes públicos e da magistratura judicial, em holocausto à ...*Carta do Atlântico*, tão decantada nos povos das Nações Unidas.

Agora, coube a vez a Helen Duncan, grande médium de materialização que se encontra há meses presa, sob a acusação de «conspiradora». Como estava junto de quatro ou cinco pessoas a praticar Espiritismo, a polícia prendeu-a, atribuíndo-lhe aquêle crime, já que doutra forma teria de lhe respeitar a liberdade.

Psychic News chega a ser violento na apreciação do caso, reclamando justiça como quem se julga com direito a ela. Mas a lei inglêsa é inflexível e irrevogável. Os juízes podem vasculhar nas velhas Ordenações e extrair de lá a pena que melhor se adapte à sua justiça. Assim, os médiuns ingleses fazem às vezes predições verídicas e ficam incursos na *lei da vagabundagem* que punia os ledores da *buena dicha* de há quási dois séculos e que infestavam as terras do sul da Grã-Bretanha. Não se deve prever o futuro...

Sinal dos tempos que decorrem. A velha civilização está a desabar (¿será também isto uma predição?) e sôbre as ruínas fumegantes dos seus destroços há de erguer-se um mundo novo, ao pé do qual as *Cartas do Atlântico* serão velharias a pedir *leis de vagabundagem*...

Tentativa frustada

Grande tem sido o assédio feito ao Centro Espiritualista Luz e Amor. Se nos interessassem frioleiras, responderíamos aqui a certas pessoas que se entretêm a difamar a nossa obra, gozando perdidamente na congeminação de seus projectos.

A-propósito da distribuïção do Legado de Firmino Assunção Teixeira, nova tentativa de agressão, de amesquinhamento, de ataque declarado, pretendendo denegrir a verdade dos factos, em benefício doutras entidades com menos serviços do que a nossa.

E assim vão trabalhando na *reconciliação dos homens*...

O que vale, dêstes indivíduos não reza a história. Quando a crónica se ocupa dêles, redu-los à expressão mais simples...

A mentira acocora-se, cheia de mêdo, e a verdade não tem pés e anda. E, assim, a verdade do nosso trabalho impõe-se triunfantemente e justiça lhe é feita por aquêles que a devem e sabem fazer...

Amen.

---

ocorrência soubesse, por conhecerem a sua extrema sensibilidade, na noite seguinte à da morte da pequenita não tinha podido *dormir* no seu quarto, porque assim que se apagava a luz via a Maria Helena na parêde, tendo a mãe que o levar para a cama dela. Mais convencido fiquei que o meu pobre Sultão tinha fortes motivos para se não sentir tranqüilo naquela madrugada.

N.º 11, Set/44

Noticiário

Publicações recebidas

Recebemos a visita das seguintes publicações, que agradecemos:

De Portugal: «Luz e Caridade», «Osiris», «Além», «A Rosacruz», «Região de Leiria», «Jornal de Albergaria», «O Comércio de Leixões» e «Vida Mundial».

Do Brasil: «Reformador», «A Nova Era», «Mundo Espirita», «Revista Internacional do Espiritismo», «A Verdade», «Revista Espirita do Brasil» e «Amor à Verdade», tôdas com grande atraso.

Da Argentina: «Constancia», «Revelación», «En la senda de Jesus» e «Claridad del Alma».

De Inglaterra: «Psychic News».

A expansão de «Estudos Psíquicos»

Depois da Biblioteca Médica do Exército Norte-americano, de Washington, que nos solicitou a permuta de *Estudos Psíquicos* com a *Corrent List of Medical Literature,* órgão daquela importantíssima instituïção, surge a Biblioteca «Francisco Barranquero», de Buenos Aires, e cuja atenciosa carta, datada de 5 de Maio último, transcrevemos no idioma original, para não lhe tirar o sabor:

Sr. Director de la Revista Estudos Psíquicos *Doña Maria González Duarte Santos, Rua do Salitre, 149, 1.º, E. — Lisboa.*

Apreciado hermano em ideales:

Habiendo llegado a nuestra mesa de lechura, por intermedio de la Confederación Espiritista Argentina, un ejemplar de la Revista Estudos Psíquicos, *cuya dirección observamos desempeñais com singular acierto, y encontrando dicha publicación sumamente interesante y portadora de las valiosas enseñanzas de nuestra doctrina, verdades espirituales de las que tan ansioso se halla el hombre, nos permitimos solicitar su regular envio para esta Biblioteca, lo cual, a más de ilustrar a n/ associados, enriquecerá su património bibliografico.*

Nos mueve asimismo a formular este pedido el carácter espiritista de nuestra Institución, que a más de permitir um mayor intercambio cultural, este medio nos vincula hace conocernos más estrechamente y nos afirma aún más en la consecución de los elevados ideales que el Espiritismo postula.

Nuestras felicitaciones por el contenido y presentación de la revista.

Confiando ser favorablemente acogida n/ solicitud, que reconoceremos profundamente, aprovechamos para saludarle con nuestros más fraternales sentimientos.

Por C. D.

NATALIO CECCARINI
(Bibliotecário)

À Biblioteca Francisco Barranquero, do Círculo de Estudios «Progresso Espirita», agradecemos o interêsse que lhe merece a nossa revista. Temos o maior prazer em satisfazer o seu pedido e fazemos ardentes votos pelo seu progresso material e espiritual.

Auxílio a «Estudos Psíquicos»

Recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

De D. Júlia Maria d'Oliveira Rebeca, de S. Miguel do Rio Torto	20$00
De D. Beatriz de Sousa Amaral, de Lisboa	10$00
De D. Dulce Pereira da Cruz, de Entradas	10$00
De D. Maria Lares, de S. Tiago de Castelões	10$00
Total	50$00

Programa dos trabalhos do Centro no mês de Outubro de 1944

Dia 8, às 16 horas — Inauguração dos trabalhos com uma conferência do coronel Faure da Rosa.

Dia 15, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 22, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 29, às 16 horas — Sessão experimental.

NOTA — As sessões experimentais são exclusivas aos sócios com as cotas em dia.

Estudos Psíquicos

2.° volume correspondente ao 3.° e 4.° ano, impresso em papel especial, formando um grosso volume de cerca de 400 páginas, encadernado em optima percalina azul

(TIRAGEM REDUZIDA)

À venda nesta redacção ao preço de 70$00

«Considerações sôbre os Ensinamentos de Jesus»

Quereis auxiliar a propaganda?

Adquiri imediatamente êste livro, que Fernando da Cruz Ferreira extraiu das obras do escritor brasileiro VINICIUS e acaba de editar, com prévia autorização, para alterar, resumir ou adaptar o que julgasse conveniente à difusão da Doutrina.

O preço de cada exemplar é de 8$00 escudos, destinados exclusivamente a custear a remessa gratuita de exemplares de «Estudos Psiquicos» a professores, pessoal dos liceus e casas de ensino de Lisboa.

¡Auxiliai a propaganda, adquirindo o livro!

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Espiritualista

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
Obras Póstumas	15$00	21$00
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	3$50	
O Além e a Sobrevivência	3$50	
O Grande Enigma	10$00	
O Porquê da Vida	8$00	
Joana d'Arc Médium	16$00	22$00
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	17$00	23$00
DR. A. LÔBO VILELA		
Hipóteses Metapsíquicas	7$00	
O Problema da Sobrevivência	7$00	
O Destino Humano	14$00	
LEOPOLDO MACHADO		
Pigmeus contra gigantes	10$00	
Doutrina inglória (O problema da natalidade à luz do Espiritismo)	10$00	
BITTENCOURT SAMPAIO		
De Jesus para as Crianças	8$00	13$00
OSVALDO MELO		
Epístolas aos Espiritas	7$50	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos	10$00	16$60
OBRAS DIVERSAS		
Além (O) para todas as inteligências, por *J. L'Homme*	10$00	
Amor, Vida e Evolução, por *Fernando da Cruz Ferreira*	8$00	
Breve História dos «raps», por *Ernesto Bozzano*	3$00	
De Maria para suas filhas	3$00	
Fim (O) do Mundo, por *Camilo Flammarion*	12$00	
Evangelho das Crianças (3.º livro de leitura) por *António Lima*		7$00
Granja (A) do Silêncio, por *Paul Bodier*	10$00	
Metapsíquica (A) e o Espiritismo à luz dos factos, por *Faure da Rosa*	2$50	
Minas de Sincorá, por *Estrelita Junior*	6$50	
No Limiar do Etéreo, por *J. Artur Findlay*	13$00	19$00
Nova (A) Luz, por *Georges Dejean*	12$00	18$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho por *João, o Evangelista*	12$00	
Pela Vitória do espirito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Psicologia Experimental, pelo *Dr. Paulo Gibier*	3$00	

Nêstes preços não está incluído o porte do correio.

Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e Ilhas Adjacentes.

Para as Colónias e estrangeiro, a remessa é feita contra pagamento adiantado, por meio de vale postal.

AVISO AOS INCAUTOS

Não são espiritas os que exploram a credulidade das pessoas incultas ou fanáticas, exibindo falsas faculdades e recorrendo a artifícios de toda a espécie, para melhor iludir a boa-fé dos incautos.

Não são espiritas os que se entregam à adivinhação pela invocação dos espíritos, porque o Espiritismo não é arte divinatória e por isso os espíritos que se prestam a semelhante papel são, necessàriamente, inferiores (por mais pomposos nomes que apresentem) e o seu convívio só poderá ser prejudicial.

As casas das chamada *mulheres de virtude, cartomantes, bruxas* e de todos os que se dedicam a estas práticas supersticiosas são de infecção espiritual, onde os espíritos inferiores vivem permanentemente e fazem seu campo de manobras.

«Estudos Psíquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas e colónias e no Brasil

ANO V — OUTUBRO DE 1944 — N.º 12

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONTEM: Allan Kardec, **da redacção;** A Pena de Morte, **por F. Noronha;** Um caso de desdobramento; Cultura — II — **pelo coronel Faure da Rosa;** Em presença da morte, **por Bartolomeu Bana Martins;** Filosofia neo-espiritualista, **por Ramos Pereira;** Meditações, **por J. F.;** Conte o seu caso... Como se tornou espirita? **Depoimento de Ramos Pereira;** Os Prodígios do Magnetismo, **Experiências do Coronel de Rochas:** Resumo da Doutrina Espirita — X — **pelo Dr. Gustave Geley;** A lição de Licurgo, **por Leopoldo Machado;** Bibliografia; Crónica Estrangeira, **por Isidoro Duarte Santos;** Notas & Comentários; Noticiário.

Coronel de Engenharia Albert de Rochas

(Ver pág. 362)

LEITOR AMIGO:

Escuta, por um momento. ¿Já pensaste alguma vez no mistério da vida, no porquê da tua existência terrestre e no que te espera, ao abandonar o mundo físico? ¿Já pensaste?... ¿E não te sentiste atraído para a meditação cotidiana, para a decifração de tão grande enigma?

De-certo que já pensaste e meditaste e concluíste pela necessidade de aprofundar o assunto. Tens, agora, belo ensejo. Acompanha «Estudos Psíquicos» *na sua acção, torna-te seu amigo e colaborador, porque há muita maneira de auxiliar as obras úteis. Tudo que fizeres, redundará em teu proprio benefício.*

ESTUDOS PSÍQUICOS

Revista mensal

ORGÃO OFICIAL DO CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR

E PORTA-VOZ

do Centro Espirita Reflexos da Verdade, de Beja, do Centro Espirita Luz, de Coimbra, do Centro Espirita Luz e Verdade, de Matozinhos, do Centro Espirita Fé e Caridade, de Angra do Heroismo, do Centro Espírita de Santa Judite, do Pôrto, do Grupo Espirita Humildade, de Aveiro, do Grupo Espirita Paz, Caridade e Protecção, de Faro, e do Grupo Espirita Perseverança e Fé, de Maiorga

Rua do Salitre, 149, 1.º, E. = = = = = = = = = = = = LISBOA

PROPRIEDADE DE ISIDORO DUARTE SANTOS

a quem deve ser dirigida tôda a correspondência

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores • Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

Redactores-correspondentes:

No Rio de Janeiro	Almerindo Martins de Castro
Em Uberaba	Dr. Inácio Ferreira
Em Buenos Aires	Dr. Luiz M. di Cristóforo

Distribuïção gratuita aos sócios do Centro E. Luz e Amor

ASSINATURAS

Portugal e Espanha (série de 12 números)	*36$00*
« « « « « 6 «	*18$00*
Colónias e Brasil (série de 12 números)	*50$00*
« « « « « 6 «	*25$00*
Outros países (série de 12 números)	*60$00*
« « « « 6 «	*30$00*

Cobrança pelo correio — mais 1$60

Distribuidores exclusivos para Portugal, Ilhas e Colónias: **Editorial Organizações, Lda.**, Largo Trindade Coelho, 9, 2.º — Lisboa — Telefone 27507

• VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA •

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

ANO 5.º — LISBOA, OUTUBRO DE 1944 — N.º 12

Propriedade de Isidoro Duarte Santos	Direcção e Edição de Maria Gonçalves Duarte Santos	Redacção e Administração — Rua do Salitre, 149, 1.º—E.

Composto e impresso na Tipografia SILVAS Lda. — Rua de D. Pedro V, 120 — LISBOA

ALLAN KARDEC

No dia 3 de Outubro de 1944 decorre mais um aniversário do nascimento do doutor Léon Hipolite Denizart Rivail que, sob o pseudónimo de «Allan Kardec», codificou admiràvelmente a Doutrina Espirita, dando-lhe corpo e alma e apetrechando-a para a jornada dos séculos vindouros.

«Estudos Psíquicos» não podia deixar de assinalar esta data memorável, para fixar, mais uma vez, a figura do Mestre inconfundível, homem de gabinete e homem de acção, médico e cientista, pedagôgo de grande mérito e escritor elegante, cujos livros, traduzidos em tôdas as línguas vivas e editados em tôdas as latitudes, têm servido de bandeira ao Espiritismo e convertido muitos cépticos renitentes.

Allan Kardec era dotado de inteligência rara posta ao serviço duma Causa nova que destruía velhas crenças, arraigadas em tempos de obscurantismo. E, assim, não pôde fugir aos mais duros embates, às mais rígidas controvérsias, para defender a doutrina que tão extraordinàriamente se impusera, levando eminentes pensadores a estudá-la.

Depois da sua têmpera de analista, com exuberância demonstrada, aquela faceta do seu génio é talvez à mais apreciável, a que mais toca a nossa admiração pelo egrégio lutador que a tôdas as objecções sabia responder serenamente, pleno de bom-senso e clareza.

Nós podemos avaliar bem o esfôrço de Allan Kardec na dessiminação do Espiritismo, através de obstáculos, de ódios represados e invejas impotentes. Já provámos o fel da taça e sabemos quanto é amargo. Já fomos acoimados de muita coisa feia, já sofremos a traição de companheiros que pareciam leais, já nos apodaram de negociantes do Ideal que servimos desinteressadamente, já concitaram muitos confrades a não assinar esta revista, só porque era nossa... Podemos, pois, avaliar bem o esfôrço de Allan Kardec...

E nestas circunstâncias mais o admiramos ainda, procurando imitá-lo na perseverança e no espírito de sacrifício, que outra coisa não temos para dar à Causa.

A sua vasta obra doutrinária, filosófica e científica, define o homem que a subscreveu e condu-lo à posteridade, como alguém que emergiu da massa amorfa e se transformou em luzeiro das gerações hodiernas.

Tudo nêle era inteireza e verdade. Tudo nêle vibrava intensamente ao contacto dos postulados que defendia com saber e engenho.

¿Há lacunas na sua codificação? Há, sim, há muitas lacunas. Mas não há erros nem contradições. Se não houvesse lacunas, desgraçados de nós, desgraçado do mundo, desgraçado do progresso, que estratificaria irrevogàvelmente.

Mas há lacunas, porque há progresso.

A sua codificação também preencheu inúmeras lacunas. Mais ainda: rasgou novos horizontes à humanidade.

A Pena de morte

por F. Noronha

EXISTE uma vasta literatura em todos os idiomas cultos, avultando inesgotávelmente em elaborações, sempre novas, de estudo e apreciação de semelhante problema grave e melindroso.

É assunto que tem chamado a minha atenção por diversas vezes, em a-propósitos, versando-o em várias publicações periódicas. (1)

O primeiro dos meus artigos àcêrca da monstruosa disposição penal, no citado *Ocidente*, n.º 752, de 1899, provocou-mo a leitura duma carta, de Paris, estampada em o *Diário de Notícias* de 4 de Janeiro do mesmo ano, em que se comunicava a aposentação do carrasco Deibler, com 75 anos de idade, sucedendo-lhe um filho no cargo.

Esclarecia-se ainda na referida carta que êle destroncara 52 cabeças, trabalho que representava para o tesouro público francês «o melhor de um milhão e duzentos mil francos, o que faz uma média de cêrca de vinte e três mil fracos por cada uma»!

O último saíu a lume em o n.º 24 de *O Cesimbrense*, correspondente ao dia 8 de Maio de 1938.

Antes de prosseguir, peço vénia para a transcrição de um epílogo ou fecho de artigo intitulado «No centenário do último justiçado», datado de Viseu, Dezembro de 1942, da autoria de Vaz da Cunha e publicado na *Gazeta do Sul*.

«Mas agora que tantas vozes vêm do Silêncio do Tempo e dos páramos do Sacrifício, já se vão entendendo os sagrados direitos da Pessoa Humana.

«Glória a Deus nas alturas e na Terra Paz aos homens de boa vontade.

«*Matar — só Deus!*»

Frases expressivamente belas e nobremente humanas que, todavia, o hediondo pélago da actual carniçaria e destruïção arrasadora está desvalorizando.

No entanto, há quem sustente a necessidade da pena de morte, formulando argumentos pretensos a justificá-la.

Um dia, já decoreram anos, encontrando-me em casa do meu falecido parente e dilecto amigo Júlio de Castilho, num cavaco íntimo, veio à baila um incidente alusivo à sanção capital, com que declarei não conformar-me, reprovando-a em tôdas as hipóteses.

Após breve pausa, o querido Júlio, aliás alma de eleição e índole bondosa, disparou-me à queima-roupa estas preguntas:

— Quando aparecem, entre outras, sãs, algumas videiras completamente invadidas de parasitas virulentos, ou descem das serras aos povoados lobos famintos farejando prêsa que lhes sirva e causando estragos, ¿não será de urgência inadiável, como cautério único de energia adequado, o arranque daquelas e o abater dêstes? ¿E o malvado facínora não é similar do perigo de alastramento contagioso do mal das videiras e da fera devoradoramente nociva?

Não quis eu replicar, entranhando-me em discussão, de momento inútil e inglória, que poderia azedar-se por minha parte, calorosamente adverso à cominação do que é denominado de alta justiça, sem embargo de reconhecer inconsistente e irrita a hermenêutica de comparação por analogia do meu simpático e agora saüdoso impugnador.

* * *

Ainda recentemente, ouvi falar de restabelecimento, em Portugal, da nefanda pena, para os gananciosos açambarcadores de géneros alimentícios, escalracho social ferreteado de infâmia, querendo aproveitar-se da hora desgraçada.

E não só ouvi falar, mas até li, impresso como alvitre, a idéia pungente de carnagem.

Verifica-se através dos povos, no curso das idades, que a cruz, a lapidação, o cepo e o machado, a corda e o pôsto, em resumo,

(1) *Ocidente* e *Futuro*, de Lisboa; o *Trabalho* e o *Setubalense* (ainda se mantêm), de Setúbal; *A Tribuna*, de Newark, E. U. da América do Norte; *O Vegetariano*, do Pôrto; *Gazeta do Sul*, de Montijo; e *O Cesimbrense*, de Cesimbra, etc.

a guilhotina e a cadeira eléctrica nunca dimiuiram sensivelmente a onda do crime e, pelo contrário, a figura dos Pranzinis, dos Eiraus e Landrus continua a revelar-se, com requintes de ferocidade.

Conservam em vigência o fuzilamento os códigos militares, levado a efeito em barda pelos sinistros pelotões de morte, durante as guerras.

Pagaram com a vida, violentamente eliminada, à voz ou do sinal de fôgo, os traidores, os espiões, os reféns como represália, etc.

¿ Tôda esta fauna, em verdade repugnante, deixou de reproduzir-se em algum conflito entre os exércitos?

¿A visão do algoz sustou a mão de Ravailac, apunhalando Henrique IV?

¿Quantos assassínios premeditados entumescem as estatísticas da delinqüência?!...

Êles escapam à contagem mais escrupulosa e o seu seqüente registo, pela impossilidade numérica de pormenor e pelo desconhecimento forçado que muitas circunstâncias originam.

¡O que, porém, é indubitável é a prática do crime grave, em tôdas as acepções da palavra e em tôdas as formas de atentado, quer em regime de patíbulo accionando, quer onde não é patente o absurdo de se querer punir e prevenir o crime com outro crime legalizado!

¿Pois, o carrasco, profissional retribuído, deixa de ser um assassino execendo a sua função?

¿Há um modo ou argumento de demonstração contrária?

E não deve pesar menos na consciência humana o fatal êrro judiciário, que não raro se nos depara.

Reabilitar a memória do inocente sacrificado, indemnizar quantiosamente a família desolada, empregar todos os meios de satisfação moral, está longe, muito longe, do reparo à vítima.

¡Esta só o teria, repondo-se-lhe a hóspeda espiritual no corpo sepultado e restituíndo vivo ao seu lar doméstico e à sua actividade normal o indivíduo que o êrro de justiça conduzira ao cadafalso!

Houve tempo, e talvez seja usado ainda, em que se insinuava oficialmente que presenceassem as execuções pessoas de cada família, dentro das localidades em que as mesmas se realizavam.

Era uma medida preventiva e uma finalidade de lição para ser meditada pelos propensos ao delito e pelas crianças indefesas, sob o bafo carinhoso de suas mães precavidas.

O pensamento, de bom senso pedagógico ético de que proviera, lentamente se desconceituou e desvaneceu, chegando por fim a gente alvar a afluir em massas compactas aos lugares de suplício, em cumprimento de sentenças passadas em julgado, para ver operar o gelado magarefe, como se se tratara de diversão muito apetecida.

O acto perdera o significado higiénico de espêlho exemplar, intimidante, tornando-se gôzo ou prazer de curiosos e ociosos que mais se pervertiam e endureciam, aguçando-lhes o quadro os seus instintos malévolos.

* * *

Por curiosidade, contou-me um soldado cinqüentão da extinta Guarda Municipal, pouco antes de findar o século dezanove, encontrando-se de serviço, por escala, numa repartição em que me achava comissionado, que, de passagem e breve estacionamento em cidade espanhola que nomeou, Bilbau, se não estou em êrro, constando-lhe em um dos dias de demora ali, seria enforcado na tarde dêsse mesmo dia um réu condenado à morte, acorreu ao local da execução, praça espaçosa pública, pejada de multidão mal contida por cordões de soldados. Mais referiu, que a operação pecou por falta de perícia ou qualquer outro motivo, de maneira que o desgraçado padecente ficou suspenso no ar «esperneando e trejeitando horrorosamente», durante alguns minutos, e que êle desandou de fugida, fundamente impressionado e comovido para a sua hospedagem.

Coisas desta ordem falecem de classificação e são próprias para empedernir corações.

O acto foi furtado à avidez curiosa e é consumado sem aparato, no recinto das prisões, na maioria dos casos, com a estrita presença das entidades a isso obrigadas por dever de cargos.

Desde a infância, acompanhando longamente um tio afim, de quem fui filho adoptivo, magistrado judicial, conheci de outiva casos de erros de justiça, uns consumados e outros evitados a tempo. Nenhum dêles, por serem todos despidos de gravidade, teria rematado pela mancha do carrasco e do nó corredio do baraço rijo.

Não se lamentariam funestas conseqüências de irreparabilidade.

Dois relembro agora, de fresca data relativa e de domínio público, que a não haveriam tido, se vigente entre nós o fatídico trio de poste, corda e algoz.

Dois homens indigitados como autores de crimes de homocídio, julgados e condenados por sentenças de pena maior confirmadas em instâncias superiores, um jazendo em expiação penitenciária e o outro, salvo equívoco, conservando-se na cadeia comarcã.

Do primeiro ocupou-se o quinzenário *Trás-os-Montes*, órgão da alpínica província, em artigos da talentosa poetisa Beatriz Arnut, almo espírito de pureza cristalina e de apostólica benemerência.

Do segundo informou uma brochura minuciosa no relato e preclaramente documentada.

Ao suposto assassino atribuira-se a liquidação, a tiro, de um agente de polícia, na celebérrima cidade do Funchal, da formosíssima ilha da Madeira e a referida brochura, cujas páginas percorri, foi distribuída sem avareza.

* * *

Disse, nas primeiras linhas, existir uma vasta literatura concernente ao grave e melindroso problema da pena de morte.

¿Quem, ilustrado, o ignora?

No entanto, suponho não ir para lá da fôrça que a combate, incisiva, o facto precário de com ela se punir um crime com outro crime e de fulminante irreparabilidade.

Abro um parêntesis, para uma alusão que me ocorre neste instante.

Em nossa dilecta Pátria, o carrasco era um condenado à morte, poupado ao cumprimento da sentença para exercer o trágico e execrando ofício.

E não foram parcimoniosas as nossas velhas *Ordenações* em articular — morra de morte natural (*sic!*) na fôrca — com relação a crimes, actualmente saldados com prisão correccional e correspondentes custas, multas, indemnizações, etc.

Tanto os executores, tirados ou escolhidos de entre condenados a perderem a vida no patíbulo, quanto as legislações penais de severidade monstruosa, não constituíam originalidade portuguesa. Estavam na índole do tempo, em preconceito de vingança e até em tradicionalismo sangüinário.

Aquêles que ainda consideram a pena de morte como justificável e admissível deviam ler, meditando, dois livros notabilíssimos, ambos da autoria de italianos, dotados de saber e de génio, «Dei Delitti e delle Pene», por César Beccaria Bonesana, nascido em Milão no dia 15 de Maio de 1738 e lá falecido em 28 de Novembro de 1794, numa «paisible existence» como se exprime Faustin Hélie, no eloqüente introito da versão francesa da inolvidável obra, «Os Caracteres Humanos», por Paulo de Montegazza, médico há anos desencarnado, que, ao abrir «Duas Palavras de Introdução», precedendo o respectivo texto, declara ter escrito o livro por crer não existir semelhante (1989)) «na literatura dos povos civilizados».

Na apreciação da pena capital pululam as opiniões contraditórias e inclusivamente supuram dislates que nem valem ou merecem a mínima referência.

O insigne professor de Direito Romano, que foi Rossi, no seu ponderado e compendioso «Traité de Droit Pénal» conclui o cap. VI — «De La Peine de Mort» — do livro 3.º, nêstes explícitos termos:

«A pena de morte é apêlo da justiça, extremo, perigoso, de que só é lícito lançar mão com a máxima reserva, em casos de provada urgência, que importa desejar ver suprimir inteiramente e para a abolição da qual se nos impõe o emprêgo de todos os esforços preparatórios dum estado de coisas que a compatibilizem com a segurança pública e particular».

O conde John Russell, alta personagem britânica na política do seu país, aludindo no seu ensaio àcêrca do govêrno e constituïção nacionais, cap. XXIV — «Lois Criminelles», às leis inglêsas cominatórias da pena de morte para crimes não revestidos de maior gravidade, menciona como um dos inconvenientes do rigor excessivo de leis tão severas envolverem o perigo de insensibilidade geral, por êle produzida entre o povo e aponta outrossim a vontade de poupar criminosos à barra dos tribunais, que o indicado rigor provoca, naturalíssimamente. Êsse defeito já fôra pecha das leis de Draco na famosa Grécia de época recuada, as quais não vingaram.

«O que é demais, diz o prolóquio, cheira mal.» Assim é.

É curiosa esta afirmação de Treilhard, inserta na primeira página do *Code Pénal* — Paris 1811 — que fôra proferida na

sessão do Corpo Legislativo, de França, em 1 de Fevereiro do ano anterior: «Só encontrareis penas necessárias, claramente redigidas, repressivas e não atrozes...»

Chamei curiosa à transcrita afirmação, pelo facto que a contradiz, do mesmíssimo Treilhard, homem de ciência e de elevada categoria, haver afirmado logo adiante, pág. 3: «Nous avons rétabli la peine de la marque.» ¡Na opinião, portanto, do ilustre cidadão, a «marca» não participava de atrocidade, nem a continha!...

A guilhotina, que a França não aboliu, até hoje, talvez fôsse preferida pelos condenados à impressão de sinete, perdurável.

Espiritismo e Espiritas, aquêle em seus centros e estes em suas conciências acatam e amparam a vida humana, transitória e efémera, como sentimento de modalidade própria de acalmia, de ensinamento lógico, de regeneração, nunca impossível.

Se nós não damos vida por determinante assente, ¿que direito nos assiste para apagá-la ou eliminá-la em alguém, seja com que pretexto fôr e com que título se pretenda coonestar o acto?

O arsenal de defêsa social e de coïbição vitoriosa da onde do crime fornece-o, precípua e exclusivamente, a instrução educativa e a moral daquêle vulto singular que há dois mil anos, pendendo, «sem culpa», prègado com cravos num madeiro de infâmia, não pedia a morte dos seus cruentos assassinos, mas o perdão, a clemência para a ignorância do que faziam!

Matar, de facto, não compete ao homem, achacado de falhas.

¡Não matarás, é sarça ardente inconsumível, em milénios de verdade!

O MUNDO

O mundo é uma imensa escola e a vida uma interminável lição. Não é natural que tôda a nossa aprendizagem das leis eternas, tôda a nossa evolução, enfim, se processe inteiramente no praso curtíssimo de quarenta, sessenta ou oitenta anos, sem falarmos nos que morrem com alguns minutos de vida e não têm tempo de aprender, que nada saberiam, se a escola das verdades eternas se encerrasse dentro do âmbito estreitíssimo da vida planetária.

CRISTÓVAO CAMARGO

Um caso de sonambulismo

Léon Denis publicou numa das suas obras certa comunicação escrita pelo príncipe russo Adan Niseknerwky, então residente em Paris e subscrita pelas testemunhas que presenciaram os factos que seguem.

O príncipe de Galitzin, o marquês de B., o conde de R., etc., encontravam-se reünidos nas águas de Hamburgo. Decorria então o verão de 1862. Uma noite, depois de terem jantado muito tarde, passeavam no parque do Casino, quando avistaram uma mendiga deitada num banco. Aproximaram-se dela, interrogaram-na e convidaram-na a cear com êles no Hotel.

O príncipe de Galitzin, que era magnetizador, mal terminou a ceia, teve a idéia de a magnetizar, o que só conseguiu à custa de grande número de passes. E qual não foi a admiração dos presentes, quando profundamente adormecida, aquela que em vigília se exprimia em arrevezado dialecto alemão, se pôs a falar muito correctamente em francês, contando que reencarnara na pobreza por castigo, em conseqüência de haver cometido grave crime em sua vida precedente, no século dezoito!

Habitava, então, um castelo na Bretanha, à beira-mar. Por causa dum amante, procurou desfazer-se do marido e, do alto dum rochedo, que indicou com muita exactidão, despenhou-o no mar.

Graças às suas indicações, o príncipe de Galitzin e o marquês de B. puderam mais tarde dirigir-se, separadamente, à Bretanha, em cuja costa norte se entregaram a inquéritos minuciosos, de resultados idênticos. Interrogaram grande número de pessoas e nenhuma informação conseguiram obter. Mas por fim encontraram uns camponeses já velhos que se lembravam de ter ouvido contar aos pais a história duma jovem e bela castelã que assassinara o marido, mandando atirá-lo ao mar.

Tudo o que a pobre mendiga de Hamburgo havia dito em estado de sonambulismo foi reconhecido como exacto.

O príncipe de Galitzin, regressando a França, passou por Hamburgo, onde interrogou o Comissário da Polícia a respeito da referida mendiga, o qual declarou que era inteiramente desprovida de instrução, que falava vulgar dialecto alemão e vivia de parcos recursos provenientes da sua promiscuïdade com soldados.

CULTURA

pelo Coronel Faure da Rosa

II

UM óbice, porém, se apresenta: ¿Como deveremos escolher os livros?... Sim, porque há livros bons, livros medíocres e livros maus... perniciosos. A dificuldade está, pois, na escôlha, ou, melhor, em saber escolher. Há um provérbio oriental que diz que se podem evitar os males que o céu nos manda, mas que não há meio de nos subtrairmos àquêles que atraímos sôbre nós.

Muitas pessoas põem de parte sem lerem, ou sequer consultarem, certos livros com o receio de não os compreenderem.

Outras há que se deixam fascinar pelos títulos espampanantes das obras ou pelo colorido das capas... Em qualquer dos casos é de lamentar a estreiteza de espírito dos que assim procedem, sobretudo quando as decisões tomadas têm apenas por fim poupar esforços.

O que há de animalesco e de egoista no homem permanece sempre mais ou menos latente, com mais ou menos intensidade. Deve, porém, ser mantido nos seus limites naturais e normais para que não destrua as tendências superiores, verdadeiramente humanas. Para tal se alcançar é necessário empregar uma vigilância constante sôbre os próprios actos, um exame incessante dos próprios pensamentos e sentimentos e manter uma subordinação contínua da sensibilidade à razão e ao ideal da moralidade.

Fazer todo o esfôrço para desenvolver e reforçar em si mesmo a humanidade em tôda sua acção altruísta e para reprimir os ímpetos da animalidade, é dever de todo o homem e de tôda a mulher. O processo para conseguir êste intento está na auto-educação. Em tôda a criatura humana coexistem duas tendências fundamentais contrárias: o egoísmo e o altruísmo. É certo que há homens tão egoístas que são capazes de se deitarem no chão só para que a sua sombra não aproveite a ninguém. Em tais abortos humanos não é possível descobrir o mínimo vestígio de altruísmo. É indispensável que o altruísmo sobrepuje o egoísmo para que a humanidade triunfe da animalidade. Por enquanto, dum modo geral, o triunfo pertence ao egoísmo. Aquilo que aprendemos por nós mesmos, por impulso nosso e com meios nossos, tem o máximo valor para nós, porque nos dá a consciência do potencial da nossa inteligência e da nossa vontade e nos leva a perseverar constantemente no cumprimento do dever.

O auto-didata, aquêle que aprende por si mesmo, sem outros mestres que não sejam os livros, é e será sempre uma criatura de valor excepcional.

A auto-educação consiste em cada um exercer o seu poder de vontade em si mesmo para melhorar sempre, para reprimir continuamente a brutalidade, a animalidade, brotoeja de que todos padecem. O conhecimento do *Ego* — ou mais explicitamente, o conhecimento da individualidade — é a primeira condição para o govêrno de nós mesmos; e êste conhecimento não o podemos obter directa e imediatamente da consciência, mas apenas por meio das manifestações exteriores da nossa actividade voluntária. Só o agir, a actuação, nos torna cônscios do nosso verdadeiro *Ego*, das idiossincrasias peculiares a cada um; só por meio dêle podemos conhecer a maneira de submeter os estímulos sensuais à razão. Note-se, porém, que o fim ético da vida não está nem na supressão nem na repressão violenta das tendências naturais, — o que implicaria definhamento da vida — mas sim no seu uso regular subordinado à lei moral. Por isso o indivíduo deve limitar o império de si mesmo ao domínio e repressão das paixões. O seu dever é fazer um uso normal e moral de tôdas as suas tendências e funções naturais.

Todos os meios a empregar para o conseguimento da auto-educação devem ter por objectivo estender e elevar a idealidade. A leitura de bons livros, a meditação de sentenças éticas; o contacto pessoal com pessoas presumivelmente boas; o exemplo vivo de nossos contemporâneos cujos actos de altruísmo se imponham; o modêlo dos grandes heróis morais da humanidade; o cumpri-

mento honesto e escrupuloso do próprio dever profissional, e até o trabalho exercido com o intuito de ser útil à comunidade... tudo isto contribui para fortalecer o carácter moral e para permitir a cada um o domínio de si mesmo. A cultura estética; o gôzo do belo que nos oferece a natureza e a arte; o prazer que se desfruta no teatro, servem poderosamente para auxiliar a auto-educação, que, para ser profícua, deve continuar com tenacidade e ardor. A eficácia é tanto maior quanto mais habituado se estiver a conter a explosão das paixões e dos afectos, os quais, quando perdem a impulsividade instintiva, fàcilmente se sujeitam à razão.

Todos os pensadores, sem excepção, preconisam a leitura de bons livros.

Desde que o homem e a mulher tenham conseguido, pela análise introspectiva, conhecer as suas tendências mais acentuadas e estas estejam subordinadas ao domínio psíquico, menos difícil se lhes torna a escolha de livros. Diz o escritor Alonzo d'Aragón que a idade é uma recomendação para quatro coisas: madeira velha para queimar; vinho velho para beber; amigos velhos para confiar e livros velhos para ler. É claro que isto não passa de um arranjo literário, quanto aos livros. Há, certamente, uns tantos livros de tôdas as épocas e lugares que importa conhecer, interpretar. Cumpre-nos através do tempo e do espaço ir de Confúcio e Cristo a Kant, de Homero a Cervantes e Vítor Hugo, de Ésquilo a Shakespeare, a Goethe e a Milton, do Rig-Veda à Bíblia, etc. Mas daí a limitar a cultura intelectual ùnicamente aos bons livros velhos, vai uma distância colossal. Tudo na vida tem a sua época, como tôda a fruta tem o seu tempo. Tudo progride, tudo evolui, quer os homens queiram quer não; porque a evolução é uma lei natural, fatal, a que ninguém nem coisa alguma pode eximir-se.

A história, quando feita desapaixonadamente, comporta o mais precioso dos ensinamentos. A realidade que dela emana é superior a tôdas as ficções. ¡Que de vidas tormentosas, de mortes trágicas! ¡Que de incidentes, de intrigas, de sucessos dramáticos ou burlescos contêm êsses volumes de história que aparecem com freqüência! É aí que nos afazemos, sem dificuldade, à psicologia e à política, se bem que, quási sempre, as acções desta última não possam constituir lições de moral. Mas é preciso saber onde está o mal para o poder evitar.

Entretanto, mais vale isso que as multiplas narrativas de escândalos com que a imaginação de romancistas baratos inunda a livraria contemporânea em todo o mundo. Chega a ser preciso pôr de lado grande número de livros do género para encontrar um romance merecedor de leitura.

Sob a capa de um conto vivaz e animado podem ensinar-se as mais úteis e salutares lições, que, apresentadas de outra forma desagradariam pela aridez. Tal livro de Flaubert, de Eça de Queiroz, de Loti ou Anatole France, de Aquilino Ribeiro, José Régio ou Júlio Verne, — para não citar outros — encerra ensinamentos que um livro de moral, de filosofia e até de geografia poderia facultar-nos, sim, mas de um modo muito menos insinuante e, sobretudo, muito menos agradável.

Ler tem sempre vantagem, seja qual fôr o género de leitura a que nos entreguemos, com excepção — está claro — de certas publicações nocivas e menos dignas que um pouco de sensatez e delicadeza manda forçosamente repudiar.

Desde que um livro nos force a pensar, já alguma coisa vale. Isso basta para nos erguer acima de certas mesquinharias, de certas contrariedades da vida que, bastas vezes, nos acometem e com as quais é bom não transigir.

Montesquieu, ao verificar que o trabalho sempre fôra para êle o soberano remédio contra os desgostos da vida, declara nunca ter tido pezar que uma hora de leitura não desvanecesse.

Lubbock crê que os gandes leitores do futuro não serão os advogados, os doutores, os comerciantes, enfim, todos os homens diplomados ou que passam por instruídos, mas sim os lavradores, os operários, os camponeses. Os do primeiro grupo trabalham principalmente de cabeça. Acabados os trabalhos do dia, o cérebro está, muitas vezes, fatigado e o tempo que lhes resta para repousar é ou deve ser consagrado ao ar livre e ao exercício. Os do segundo grupo — o lavrador, o operário, o camponês — que passaram uma grande parte do dia em trabalhos corporais, êsses podem dar à leitura e ao estudo os lazeres de que dispuserem.

Por ora não vejo que êsse futuro se aproxime e, entretanto, já decorreram quarenta anos, pelo menos, desde que Lubbock fez esta profecia.

É verdade que no nosso país se lê muitíssimo mais que há trinta, vinte e mesmo dez anos. Criou-se o gôsto pela leitura, desper-

Em presença da morte

por Bartolomeu Bana Martins

COSTUMAVA ir a uma praia próximo de Lisboa tomar os meus banhos. Tinha tal entusiasmo, que muitas vezes, quando não arranjava companhia, ia só. Embora com um certo receio, arrojava-me quási sempre a nadar da margem para um dos barquitos presos, já fora de pé. Como tinha escassos conhecimentos de natação, lançava-me sempre do lado donde vinha a corrente, conforme a maré enchia ou vazava, sendo assim ajudado pela fôrça das águas que, até certo ponto, supria a minha falta de treino. Um dia, porém, enganei-me ao olhar para o rio. Soprava uma brisasita em direcção contrária à corrente, dando a impressão de que a maré subia, quando se estava passando, precisamente, o inverso, pois que vazava fortemente. Iludido desta forma, fui atirar-me à água a jusante do barquito que pretendia alcançar. A princípio não notei a diferença, porque junto da margem a corrente era menos sensível, mas quando me aproximava do barco é que comecei a compreender o êrro em que tinha caído. Mas já estava tão próximo, que me pareceu fazer mais um pouco de esfôrço e ir até ao fim. Continuei, pois, mas a corrente ali era já muito impetuosa. A água, batendo com fôrça na prôa do barco, ondulava bastante agitada e apanhando vento saltava para o ar. Estava a menos de dois metros do barco e, cansado dum esfôrço grande demais para mim, não conseguia alcançá-lo. Abria a bôca para respirar melhor, pois estava ofegante, mas o vento atirava-me água para a cara, tapando-me os olhos e obrigando-me a engulir a que me entrava para a bôca. A praia estava a pouca distância e cheia de gente, mas eu envergonhava-me de pedir auxílio numa situação daquelas que se me afigurava de ridícula. Nadava mais, conseguia aproximar-me do barco, mas quando ia a estender a mão para o agarrar, logo a corrente me afastava. Cada vez bebia mais água e me sentia mais cansado, mas o meu cérebro estava maravilhosamente lúcido. Cheguei a pensar: «Naturalmente vou morrer!» Mas não sentia mêdo nenhum, nem me encontrava perturbado; pelo contrário, parece-me que cada vez raciocinava melhor. Disse para comigo:

— Se eu reünir tôdas as minhas fôrças e fizer um esfôrço supremo, talvez consiga alcançar o barco.

E se bem o pensei, melhor o fiz: concentrei-me e gastei a última reserva de energia numa tentativa desesperada, mas venci. Tinha, finalmente, conseguido apanhar a borda do barco com a ponta dos dedos. Com dificuldade, icei-me para a embarcação e foi então quando eu caí em mim e me assustei com o perigo que acabava de correr. Da praia já tinham notado a minha aflição e um banheiro remava vigorosamente para vir em meu auxílio. Quando me viu salvo fêz, men-

---

tou-se a curiosidade de saber e embareteceu-se o custo do livro.

É bom e é bonito possuir uma biblioteca, mas antes de mais nada é preciso saber organizá-la e, depois, saber servir-se dela.

Eu conheci um ricaço, machacaz de letras grossas que, tendo adquirido uma luxuosa estante envidraçada, entendeu que com livros de luxo a devia rechear. E vai então, o homem encomenda numa livraria nove metros de quaisquer livros, contanto que a encadernação fôsse atraente e o dourado das lombadas refulgisse. Os nove metros correspondiam às seis prateleiras da estante, à razão de metro e meio cada uma. Era o que bastava — entendia o homúnculo — para provocar a admiração das visitas... É o que se pode chamar a literatura... a metro.

A escôlha de livros é difícil para quem não tenha preparação para o fazer; isto é, para quem não conheça os autores. Ninguém pode aprender a nadar sem se meter dentro da água; ninguém pode, com acêrto, escolher livros sem ter penetrado o espírito dos seus autores.

Seja, porém, qual fôr a autoridade de um autor, nunca se devem aceitar os seus modos de ver sem prèviamente os meditarmos, sem os peneirarmos pelo nosso raciocínio. Nunca se deve abdicar da razão; de contrário cai-se no mais abjecto dos servilismos: o da inteligência.

ção de se retirar, mas eu não me sentia com coragem de voltar a nadar naquela corrente e chamei-o, pedindo-lhe que me levasse para terra. O bom homem fêz-me ver o risco em que estivera metido, aconselhando-me a ser mais prudente.

* * *

Aos dezoito anos já eu tinha oito meses de tropa e era primeiro cabo. Um dia, na secretaria, deram-me uma guia de marcha para ir a Infantaria 1 matricular-me no curso de sargentos. Saí do Depósito Colonial e deitei a correr disposto a apanhar um carro que ia passar em Belém. Mas o tempo era de chuva e a calçada estava coberta de uma lamazinha, onde as minhas botas, que tinham sola de crepe de Ceilão, escorregavam de uma maneira fantástica. Embora eu me esforçasse por apanhar o carro, fazia também o possível por não cair; e como não conseguisse aproximar-me, resolvi desistir e ir a pé. Ainda sob o impulso da corrida cortei para a esquerda para me meter no passeio. Assim que saio detrás do «eléctrico», vejo um automóvel que, apanhando a recta da rua da Junqueira, quási deserta de trânsito, corria vertiginosamente para mim, talvez a mais de cem quilómetros à hora. Procurei parar e voltar para trás, mas impossível. As pernas, como que mecanizadas, não me obedeciam e eu corria num impulso irresistível direito à frente do automóvel. De repente, um choque tremendo. Creio que fechei os olhos e devo ter perdido os sentidos por uns segundos. Tinha a impressão de que estava estendido na rua de barriga para baixo e que o corpo girava horizontalmente com grande velocidade em torno de um eixo vertical imaginário, que estaria colocado na altura do estômago. Abri os olhos e olhei: realmente estava deitado por terra, de braços e pernas abertos. O braço esquerdo aparentava uma chaga enorme com as mangas penduradas em frangalhos. A distância de alguns metros, estava a manga do capote tôda rasgada. À minha volta, os meus camaradas e o *chauffeur*, em pé, olhavam para mim, calados. O automóvel estava com parte em cima do passeio e a curta distância duma árvore, onde, por um triz, se não tinha amachucado todo. Apanhara-me apenas com o guarda-lama esquerdo. Eu continuava deitado de bruços, sem me mexer, estava vendo tudo e não sentia o mínimo sofrimento; mas, não sei porquê, pensei:

— Naturalmente, morri...

E esta idéia não me perturbava. Mas isto foi obra de um momento; depois veio a reacção e disse para comigo que talvez não tivesse morrido. Pensei mais:

— Vamos a ver se eu ainda estarei inteiro.

E com muito cuidado mexi, pela primeira vez, um braço. Estava perfeitamente bem. Desloquei o outro com as mesmas cautelas. Também funcionava. Experimentei as pernas. Estavam boas. Pus-me em pé sem dificuldade. Reparando na cara de aflição do *chauffeur*, um rapazito que naquêle dia tinha completado vinte e um anos, disse-lhe:

— Pode-se ir embora, que isto não tem importância, não é nada.

Apenas a pele do braço tinha sido esfolada. Mas êle, ainda assustado, insistiu em me levar ao Hospital da Estrêla para eu ser tratado. Depois, levou-me a Infantaria 1; e tendo esperado que eu fizesse a minha inscrição no curso de sargentos, fômos seguidamente, os dois, a uma leitaria festejar a nossa sorte, com duas cervejas, que bebemos à saúde um do outro, indo por fim deixar-me no Depósito Colonial.

* * *

Na ocasião em que se passaram êstes factos que acabo de descrever nada lhes notei de extraordinário. Mas, anos passados, recordando-os e meditando sôbre êles, fiquei sem perceber como é que eu, que normalmente me horrorizava perante a idéia de morrer, como a maioria dos humanos, me pude conservar tão calmo e quási que indiferente, julgando-me prestes a deixar êste mundo, como se isto fôsse para mim o facto mais natural desta vida. ¿E como é que eu, sentindo e vendo tudo à minha volta, com uma percepção até talvez exaltada, pude ainda pensar que já tinha morrido, se eu, que me guiava pelos princípios materialistas e científicos, julgava que a morte era o aniquilamento completo, a extinção total da personalidade?

Confesso que não encontrei explicação para estes factos e que só vim a percebê-los com clareza, depois que comecei a ler, com um entusiasmo louco, obras sôbre Espiritismo, que vieram fazer luz no meu espírito, explicando tanta coisa que eu até então não conseguira compreender.

FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA(*)

PSICOLOGIA

B) Conhecimento

por Ramos Pereira

I — A sensação

O homem adquire o conhecimento do mundo externo através dos órgãos dos sentidos. A percepção externa é uma faculdade colectiva, com a forma particular dos sentidos a que correspondem aquêles órgãos. Ela supõe, assim, uma certa modificação psicológica do ser: — a sensação.

Como facto consciente, esta é distinta da propriedade que a provoca; na realidade, se a sensação nos pertence, a propriedade é do objecto (Taine). É distinta ainda da condição psicológica:—«Vemo-nos obrigados a confessar que a percepção e o que dela depende é inexplicável pela mecânica, isto é, pelas figuras e movimentos; e se simulássemos uma máquina cuja estrutura fizesse pensar, sentir e ter percepções, poderíamos imaginá-la ampliada, conservando as mesmas proporções, de forma a que nela entrássemos como dentro dum moinho. Isto suposto, ao examiná-la por dentro, só encontraríamos peças que se movessem umas às outras e nada com que pudéssemos explicar uma percepção. «(Cf. Leibniz in «Monadologia»).

Dentro das sensações, temos a distinguir duas formas:

a) — afectivas

b) — representativas

As primeiras impressionam apenas o sujeito pelo facto de serem conscientes, ao passo que as segundas representam o objecto pelo menos como distinto do sujeito; não as confundamos, porém, com percepções, em que à apreensão sensível se mescla já uma afirmação sôbre o objecto. (Dunan).

Um órgão dos sentidos pode dar-nos sensações representativas por si próprio, sem o concurso dos outros órgãos; são as «sensações primitivas» de odor, sabor, som, luz e côr, extensão e movimento. Daqui, a questão sôbre o número dos sentidos externos. Serão apenas cinco? Nada nos impede de considerar outros, depois da psicologia animal nos ter revelado sensações desconhecidas no homem. ¿Teremos de facto outros sentidos? Houve quem falasse de sentido térmico, de orientação, de equilíbrio, etc., mas a meu ver, não passam de resultantes do concurso dos cinco conhecidos.

Mas um sentido não recebe apenas as suas sensações primitivas; para além delas, tem um acréscimo sensorial próprio: — a percepção adquirida, o «sensível comum» de Aristóteles e da escolástica.

Qual o mecanismo? Podemos destrinçar 3 fases:

1.ª — o sentido recebe a excitação e transmite uma sensação primitiva, um «sensível próprio»;

2.ª — comparação entre aquelas e outras sensações já experimentadas;

3.ª — formulação do juízo sôbre a natureza do excitante.

Disto poderemos deduzir uma definição de percepção adquirida: — é uma associação espontânea de sensações primitivas com base em experiências repetidas. Formam-se, pois, pela educação continuada dos sentidos, e, ainda que tenham a vantagem de hipotetizar a natureza dos objectos, não são um meio de conhecimento seguro.

Com base na percepção, o homem adquire a noção de corpo. Nos pródromos da vida consciente, limita-se a sensações pouco precisas a que se mistura a atribuïção espontânea duma autoridade, sem, contudo, as distinguir em si, nem de si. A psicologia infantil supõe que nesta fraca e turva corrente da consciência se formam pontos fixos de aglomeração, sendo primordial o facto nutritivo e acessórios. Depois, é um verdadeiro joguete da atenção espontânea; a luz, a côr, os objectos móveis são excitantes poderosos. Numa terceira fase, a distinção entre sujeito e objecto precisa-se; com as sensações primitivas do tacto, adquire

(*) Ver *Estudos Psíquicos* de Julho, Agôsto e Setembro.

as noções de extensão, de exterioridade, da posição relativa dos objectos, das partes do do seu corpo, a localização das sensações, etc. Forma a noção de corpo.

Eis uma teoria nativista da génese desta noção (Cf. Paul Janet), oposta ao empirismo que considera a extensão e a exterioridade como percepções adquiridas por associação de sensações inextensas e qualitativas.

Surgem agora as questões seguintes: — Qual o valor objectivo da noção de corpo? Existem de facto os corpos? Em caso afirmativo, ¿terão sempre o mesmo grau de realidade?

Atendendo à estrutura da consciência, vemos que a voluminosidade é uma qualidade das sensações. Ora, se um ser as sente, é uma realidade a extensão, e a percepção que dela temos é imediata e primitiva (Cf. William James). A existência do nosso corpo impõe-se-nos com um facto de consciência. Daqui, o bom senso leva-nos a supor que outros corpos existam.

Com efeito, é pela síntese do tacto passivo e activo, em essência, que induzimos a noção de corpo. Porém, na experiência dos objectos, temos a sensação apenas do tacto activo, idêntica à que experimentamos quando nos tocamos, mas sem a resultante sensação de tacto passivo que aqui se dá. Depois. contìnuamente, o mundo exterior imprime em nós sensações; se essas sensações são reais (factos de consciência) hão-de corresponder-lhe excitações reais e a estas um objecto real. Logo, os corpos existem.

Os corpos têm qualidades intrínsecas, próprias da sua natureza de seres materiais: — extensão, resistência e movimento. Essas qualidades (as «qualidades primárias» de Galileu) são do objecto, independentes, pois, do sujeito que as percebe. Menos universais são as qualidades acidentais ou secundárias: — côr, cheiro, som ou sabor.

Estas qualidades não têm a objectividade das primárias, pois não passam duma resultante orgânica da acção do objecto sensível e do movimento, que a facilitam.

A Física diz-nos que estas qualidades secundárias não são mais que a capacidade vibratória do corpo, tendo um carácter mais ou menos temporário. De facto, quando o corpo vibra, os sentidos recebem as vibrações sob a forma de sensações que tornamos objectivas.

Disto, ¿o que é inerente ao objecto?

Apenas a capacidade de vibrar segundo um certo comprimento de onda; a vibração é, em si, um acidente, efeito de outras causas físicas. Argumentemos ainda com as diferentes sensações provocadas pelo mesmo objecto em diferentes indivíduos. Se as qualidades secundárias fôssem objectivamente reais, ¿como se compreenderia isto? ¿Donde deriva, por exemplo, a côr vermelha dum objecto? Porque tem o poder de absorver as restantes côres do espectro; logo, é o poder e não a côr que pertence ao objecto.

«Supunhamos que temos duas vistas estereoscópicas dum mesmo objecto, por exemplo duma estátua; tinjamos de amarelo pálido a que o ôlho esquerdo háde ver e de azul pálido a que o ôlho direito háde contemplar. Se as tintas estão convenientemente escolhidas, ver-se-á no estereoscópio uma figura branca em relêvo. Quando o sujeito vê a estátua branca, onde é que se acha realmente a qualidade branca? Não nos objectos coloridos, porque um é azul e o outro amarelo. Não nos meios exteriores aos olhos. Não no ôlho esquerdo nem no ôlho direito. E então? Talvez no cérebro... Esta explicação seria pelo menos inesperada. Concluo, pois, desta experiência: pode-se ver o branco ou ter a sensação da côr branca sem haver qualidade branca no objecto externo ao sujeito conhecedor. Isto é inadmissível na teoria do realismo absoluto. É por isso necessário admitir que a sensação visual da côr branca resulta duma reacção psíquica interpretativa da realidade.» (P. de Sinéty).

Temos, assim, a considerar nas qualidades secundárias duas coisas bem distintas: — subjectivamente, são sensações; objectivamente, são causas físicas ligadas ao poder de vibração do corpo.

Nas sensações representativas, há a distinguir dois elementos: — afectivo e representativo. Com efeito, quando um objecto nos impressiona, ao mesmo tempo que temos uma representação do objecto, somos afectados agradável ou desagradavelmente por essa representação. Isto é, há sensação e emoção. Hamilton estabeleceu uma lei, relacionando em razão inversa estes dois elementos.

Realmente, quando a sensibilidade é em alto grau ferida por uma qualidade, a representação perde a nitidez. Th. Ribot,

por seu lado, estudou as relações entre o elemento representativo e um possível elemento voluntário (Cf. «Doenças da Vontade») e do seu trabalho podemos deduzir a seguinte lei: — o elemento representativo e o elemento motor estão em razão directa.

Estas duas leis psicológicas relacionam um factor comum — o elemento representativo da sensação. Ora, em qualquer sensação encontramos sempre os três elementos. Logo, deve ser possível, baseando-nos na unidade do comportamento consciente, formular uma lei geral que envolva as de Hamilton e Ribot:

$$R = \frac{1}{f(A)} \qquad \text{Hamilton}$$

$$R = f'(M) \qquad \text{Ribot}$$

$$\text{logo } \frac{1}{f(A)} = f'(M) \text{ ou } M = \frac{1}{f''(A)}$$

$$\text{portanto, } R = f'(M) \text{ e } M = \frac{1}{f''(A)}$$

por aplicação do conceito de função.

E a lei enunciar-se-á: — quando o elemento representativo e o elemento motor duma sensação aumentam de intensidade, diminui a nitidez do elemento afectivo.

Forçámos aqui um pouco o emprêgo do método matemático, pois que aos fenómenos psicológicos se não pode aplicar todo o rigor dêste método. (V. fig. 1)

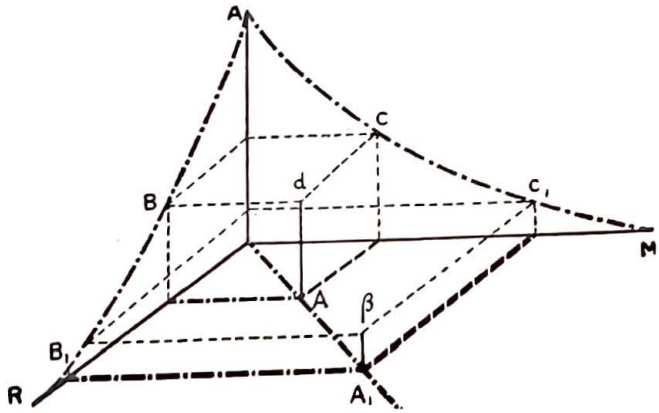


Fig. 1

¿Porque razão não prolongámos na figura 1 os ramos da curva? ¡Porque as faculdades humanas comportam limiares diferenciais (Cf. Psicofísica), como fàcilmente se poderá compreender. Além de que os ramos não devem ser simétricos nem mesmo regulares, pois que os valores que se obtêm variam de indivíduo para indivíduo.

Por outra parte, a psicofísica ou estesiometria visou determinar as relações quantitativas entre as excitações-causas e as sensações-efeitos. Aplicou-se a determinar primeiro os limiares diferenciais, isto é, o ponto máximo e mínimo da intensidade da excitação, dentro dos quais as sensações são perceptíveis. ¿Como se dará a variação da causa e do efeito? A experiência mostra-nos que estão em razão directa a partir do limite inferior, mas num certo ritmo. Aumentar duas vezes a intensidade da excitação, não corresponde, porém, a obter uma sensação duas vezes mais viva. Weber demonstrou que a sensação cresce mais lentamente que a excitação. Fechner, a partir daqui e marcando uma unidade de sensação, conclui que esta cresce em progressão aritmética, quando a excitação cresce em progressão geométrica; isto é, que a sensação cresce com o logaritmo da excitação.

Ao estabelecer esta lei, Fechner deixou-se arrastar por um método matemático só aplicável à psicologia humana dentro de certas reservas. Na realidade, as progressões aproximam-se da aritmética e geométrica, mas é impossível calcular a razão delas, pois que cada indivíduo teria a sua.

Se fôsse como Fechner dizia, ¿porque teríamos de parar nos limiares? A ciência diz-nos que, para além dêles, a excitação é ainda possível. ¿E porque não as sensações, se sabemos que a capacidade sensível é diferente de indivíduo para indivíduo?

¿Além disto, não haverá seres capazes de apreender sensações mais subtis?

Teríamos assim um verdadeiro gráfico matemático da função S = log E (Fig. 2).

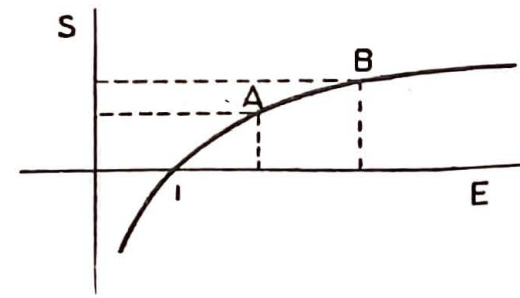


Fig. 2

Mas na impossibilidade de calcular a razão das progressões, tudo isto são afirmações gratuitas.

Nesta ordem de idéias, modificaremos assim as leis de Weber-Fechner, englobando-as: — dentro dos limites próprios a cada indivíduo, a sensação cresce em progressão mais lenta que a excitação.

Se repararmos ainda que, junto dos pontos extremos, os cambiantes são quási imperceptíveis, podemos dar um gráfico aproximado daquela lei. (Fig. 3)

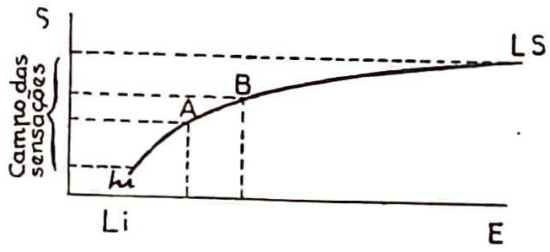


Fig. 3

II — Teorias da percepção

O tema da percepção externa compreende duas questões principais:

1.ª — ¿Como conhecemos o mundo externo?

2.ª — ¿Que conhecemos do mundo externo?

Estas questões têm preocupado a maioria dos filósofos que a elas tentaram dar uma resposta cabal.

Segundo Demócrito de Abdera, discípulo de Leucipo de Mileto, de quem bebeu os ensinamentos, a sensação tem como origem o choque com os órgãos de átomos vindos dos objectos. A sensação não nos revela a estrutura real dos objectos, pois que a cada disposição dos átomos corresponde em nós uma impressão sempre idêntica, enquanto que o corpo percipiente está normalmente constituído. Explica, assim, o mecanismo do tacto. Para as restantes sensações, supôs como intermediário as «imagens» ou «eflúvios» emanados constantemente pelos objectos e formados por átomos subtis que guardam a disposição dos átomos superficiais dos objectos donde sairam; estas imagens não actuam, porém, directamente, sôbre o órgão.

Epicuro de Samos, na sua canónica ou teoria dos critérios, retoma êste mediatismo objectivo, explicando engenhosamente o mecanismo da percepção, bem longe, porém, das realidades da física e fisiologia modernas.

Aristóteles aproxima-se muito do que dissemos no capítulo anterior: — «o sentido recebe a forma sensível sem a matéria, como a cêra recebe a impressão do anel, sem receber o ferro ou o oiro de que é feito.» Distinguem-se, assim, duas fases na percepção:

1.ª — o objecto provoca no órgão uma representação de si próprio;

2.ª — o órgão reage e por esta reacção consciente percebemos o objecto.

Verdadeira teoria imediatista, salvaguarda ainda a distinção entre as qualidades primárias e secundárias.

Para Descartes e a sua escola, não percebemos o mundo externo, senão quando os órgãos são impressionados pelos espíritos animais; estes são um vapor subtil que, por acção de agentes externos, se liberta do sangue e coração para atingir o cérebro e daqui os nervos e os órgãos. A grande fôrça probatória vê-a na veracidade divina, isto é, na certeza de que Deus não pode permitir que nos enganemos invencivelmente». Leibniz explica a conformidade das percepções com os objectos pela harmonia pre-estabelecida por Deus. Malebranche recorre ao ocasionalismo e à visão em Deus.

Ora vimos atrás que o aspecto corpóreo do conhecimento sensível é em absoluto certo. Logo, o cartesianismo parte dum princípio falso.

Berkeley (1687-1753) nega a realidade do mundo material, argumentando com o facto de que dos objectos apenas percebemos as modificações que em nós produzem. É a teoria idealista que tem feito escola através dos tempos (Cf. «Três diálogos entre Hylas e Filonous»). De facto, é difícil distinguir o que é aparência do que é realidade, muito embora haja fortes motivos para crer que persiste qualquer coisa, mesmo quando passamos a não vê-la. Concebe assim que o objecto real não passa duma «idéia» no espírito de Deus, tendo por isso permanência e independência: — «Todo o pensável vem a ser uma «idéia» no espírito da pessoa que pensa: nada pois pode ser pensado que não seja uma idéia pertencente a um espírito; tudo o mais é inconcebível e o inconcebível não tem existência».

Mas, admitindo como certos os dados sensíveis e que vários indivíduos em face do mesmo objecto possam divergir de opinião, as «variações daquilo que elas vêem

conformam-se às leis da reflexão da luz e às da perspectiva; e torna-se fácil, por tal modo, chegarmos a um objecto permanente, subjacente às congéneres de dados sensíveis que são pertença das pessoas várias.» (Cf. Bertrand Russell, in «Problemas da Filosofia»); a não ser que também suposéssemos como aparências os seres, o que era viável, mas contra o qual se revolta a própria crença instintiva.

T. Reid (1710-1796) diz: — «é uma lei da nossa natureza que a concepção do objecto percebido e a crença na sua realidade acompanhem constante e imediatamente a sensação». Mas a confirmação dum facto em nada aclara a sua explicação.

Maine de Biran (1766-1824) recorre ao sentimento de esfôrço para explicar a intuição do *eu* e do *não-eu*. Mas quando determina a fôrça oposta ao «eu» e percebida por êste, parece considerar que essa fôrça não é o objecto, mas o estado do corpo ou órgão que é afectado pelo objecto, recaíndo assim nos erros do mediatismo.

Hamilton afirmava (1788-1825): «a consciência dá-me indissoluvelmente o *eu* e o *não-eu*, o sujeito e o objecto, pois que não posso atingir o *eu* senão como oposto ao *não-eu* e por êle limitado. O *eu* e o *não-eu* são-nos, pois, dados numa síntese original, numa antítese primordial.» ¿Mas, como se compreende que um objecto externo seja imediatamente compreendido pelo sujeito? ¿Que fenómeno psicológico produz essa síntese? Hamilton não respondeu a estas preguntas.

Victor Cousin (1793-1867) diz que entre a sensação e o objecto externo é apenas possível uma relação de causalidade. A percepção é apenas o acto de referenciar essa causalidade. Surgindo as sensações primeiro como inerentes aos órgãos, a alienação e a exteriorização da sensação relacionando-a com um objecto é a percepção; e isto porque a sensação se mostra logo no campo da consciência como não sendo produzida pelo *eu*. Quere dizer, a partir da causalidade chega-se ao objecto por uma inferência: — eu tenho a sensação de côr; se ela não é produzida por mim, há de ter uma causa que não sou eu, porque não há efeito sem causa; exteriorizo e alieno de mim a sensação e relaciono-a com um objecto. Daqui, o carácter não representativo da sensação. ¿Como se pode então inferir a existência e natureza do objecto?

Taine (1826-1893(verifica que tôda a sensação tende a objectivar-se; que, sendo internas e só internas, tendem a mostrar-se externas, o que é a característica da alucinação. De facto, há sensações fortes que se objectivam em casos anormais e é isto que se denomina alucinação. Ora, a esta não corresponde um objecto real; supor a sua existência seria forçar a característica do fenómeno, além de que se não explica o «modus operandi» da objectivação.

III — As imagens

«Que l'object coloré que je regarde se retire, que le bruit que j'entends s'apaise, que je cesse de boire la liquer qui m'a donné du plaisir, que le feu qui m'échauffait soit éteint, j'imagine en moi-même cette couleur, ce plaisir et cette chaleur (Bossuet, in «Connaissance de Dieu et de soi-même» cap. I n.º 4).

De facto, a sensação, terminada a excitação, não desaparece; ela é continuada pela imagem. Embora muitas vezes possa adquirir a nitidez da sensação, a imagem é geralmente um «estado fraco» (H. Spencer), «uma repetição da sensação, repetição menos distinta, menos enérgica e sem alguns dos seus contornos.» (Taine).

Lògicamente, a sensação e a imagem têm em parte as mesmas características, os mesmos efeitos fisiológicos. ¿Em que casos, porém, a imagem tem a fôrça da sensação? Na obsessão, na alucinação e na sugestão hipnótica. No capítulo IV da Introdução vimos a natureza da obsessão: o indivíduo sente-se perseguido, mal descansa. Vejamos como: — a sensação muito forte que o impressionou redunda numa imagem capaz de se exteriorizar a todo o momento, de se objectivar; isto é, a obsessão traz sempre como complemento uma alucinação. Na Neo-psicologia experimental veremos o carácter da sugestão post-hipnótica.

Mas excluíndo êsses casos especiais, a sensação é sempre mais nítida que a imagem, além de que esta pode ser modificada pela vontade.

Sendo a imagem, como vimos, o resquício da sensação, temos a distinguir três categorias — representativas, afectivas e motoras — que não são mais que a resultante dos elementos sensoriais. Não podemos duvidar da existência das imagens represen-

PALAVRAS DE JESUS

por J. F.

Mas digo-vos a vós outros, que me ouvis: Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos têm ódio.

Dizei bem dos que dizem mal de vós, e orai pelos que vos caluniam.

E ao que te ferir numa face, oferece-lhe também a outra.

E ao que te tirar a capa não defendas levar também a túnica.

E o que quereis que vos façam a vós homens, isso mesmo fazei vós a êles.

E, se vós amais os que vos amam, ¿que merecimento é o que vós tereis? Porque os pecadores também amam os que os amam a êles.

E, se fizerdes bem aos que vos fazem bem, ¿que merecimento é o que vós tereis?

Porque isso mesmo fazem também os pecadores.

E, se vós emprestardes àquêles de quem esperais receber, ¿que merecimento é o que vós tereis?

Porque também os pecadores emprestam uns aos outros para que se lhes faça outro tanto.

Amai, pois, a vossos inimigos: fazei bem e emprestai, sem daí esperardes nada, e tereis muito avultada recompensa, e sereis filhos do Altíssimo, que faz bem aos mesmos que lhe são ingratos e maus.

Sêde, pois, misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso.

Não julgueis, e não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados.

(Lucas, VI — 27 a 38)

São claros e bem expressivos estes ensinamentos de Jesus.

E ainda que custosos de cumprir fôssem tais ensinamentos, não deixava, contudo, de ser obrigação de todo o cristão obediente e fervoroso cumpri-los, porque bastava serem ditados por Jesus e freqüentes vezes recomendados por Êle, para terem um valor que a ninguém é lícito discutir.

Aqui os deixamos à meditação dos leitores, para que os procurem cumprir tal como nêles se contém.

Pena é que haja tanta criatura que se diz cristã e esquece ensinamentos de tão fácil execução e sendo mesmo de tanto proveito o cumprimento dêles.

---

tativas. As afectivas são, quanto ao carácter emocional, quási sempre neutras, dando-nos apenas uma imagem mental das emoções passadas (imagens afectivas abstractas); outras vezes, porém, são um verdadeiro recrudescimento da sensação afectiva (imagens afectivas concretas). (Cf. Th. Ribot).

A imagem representativa é acompanhada por um esbôço de acto ou movimento, isto é, àquela acresce uma imagem motora.

Podemos agora enunciar as seguintes leis:

1.ª — a imagem dum acto é o começo dêsse acto;

2.ª — o acto que começa tende a acabar-se por si mesmo;

3.ª — nem tôdas as sensações redundam em imagens, mercê de percepções fortes ou duma acção mental;

4.ª — uma imagem representativa prova em geral uma imagem motora.

O homem tem, pois, o poder de guardar as sensações passadas sob a forma de imagens, independentemente dos objectos que causaram aquelas. Êsse poder é a imaginação. Quando nos limitamos a reconstituir as sensações pelas imagens, temos a imaginação reprodutora. Contudo, podemos, à custa das imagens, criar novas imagens a que não correspondem directamente sensações, e, portanto, objectos; é a imaginação criadora, já uma verdadeira actividade mental.

CONTE O SEU CASO...

COMO SE TORNOU ESPIRITA?

Hoje, cabe a vez a Ramos Pereira, que, em breve síntese, nos indica as vias que percorreu para chegar ao Espiritismo.

FOI há tão pouco tempo e já me parece... que sempre o fui! Cheguei aos anais da filosofia neo-espiritualista, não guiado pela dor, pela ânsia duma consolação mais viva que a dada pelas religiões oficiais; não obrigado pela evidência de fenómenos presenciados; não pela fôrça dum meio predisposto ou pela influência duma pessoa.

Cheguei por uma pura evolução racional... a que a própria razão teve de se vergar.

Muito novo ainda, a sofreguidão da leitura conduziu-me às idéias de Le Dantec, de Emílio Bossi, de César Montemayor, de Cabbanis, de Broussais, de Binet-Sanglet, de tantos quantos têm negado a essência de um Ser supremo e a criação do Tudo. As maravilhas da ciência que se iam abrindo ante os meus olhos inexperientes obrigavam-me a lutas confusas entre a razão que vacilava e o sentimento que desejava «crer». Por outro lado, enfronhava-me na dialética escolástica de S. Tomaz, nas orações de Santo Agostinho, nas premissas de Santo Anselmo, nos gritos de fé de São Paulo; deliciava-me nas subtilezas de Budha, nos arrebatamentos de Moisés, nas confusões de Lao-Tseu, nos cantos suaves de David ou de Salomão. Mas eu só via produtos da fé que eu não conseguia sentir.

Julgava que a ciência era capaz de explicar tudo e não via ainda a fragilidade dos grandes sistemas filosóficos. Procurava a Verdade pura, sem princípios dogmáticos, sem violentações da inteligência, a Verdade que vergasse a Razão e fizesse desabrochar a Fé. Olhava os céus e só via Newton e Laplace; olhava a Terra e só via Lamarck e Darwin. Mas uma intenção obscura parecia murmurar-me constantemente que havia «mais»:

E como tantos outros, houve um dia em que sorri também da «infantilidade» duma mesa que se movia sem contacto, forte no poder da minha «dúvida». Não era ateu e não era crente. Ansiava pela Verdade, pelo Deus que, em pequeno, minha mãi me ensinara a adorar. Respeitava tôdas as crenças... para que respeitassem a minha dúvida; não combatia ninguém, para que me não combatessem. Mas se alguém o fazia, esforçava-me por argumentar que não havia pontos firmes em que apoiar uma crença segura. E, hoje, sinto remorsos por ter feito com que outros duvidassem, por momentos, da serena confiança da sua fé.

Um dia, li «A Morte» de Maeterlink e julguei enlouquecer, porque nunca tinha meditado no problema apaixonante da vida e do além-vida. Mas a Dúvida era tão forte, estava tão radicada, que alentou a vontade a dominar o pensamento. Confiado nela, não queria «pensar» na morte. Era novo, sentia-me cheio de fôrça e o fim parecia-me ainda muito longe.

Mas eu tinha de percorrer o meu caminho de Canossa. Um amigo falou-me numa Idéia que era ciência, que era filosofia, que era fé, que era sentimento, que era consôlo — o Espiritismo. Li... e não pude duvidar de homens como Crookes que eu admirava no campo da Física, como Russel Wallace que eu igualava a Darwin, como Zöellner, Lombroso, Aksakoff, Richet, Rochas, Baraduc, Edmonds, Bozzano, Léon Denis, todos os que tiveram a coragem moral de afrontar um meio hostil.

«E a luz brilhou nas trevas...». Vi como os factos se encadeavam, se explicavam, se resolviam; como a filosofia ia a braços com a ciência, como a metafísica era a suprema cúpula do edifício do pensamento. «A Grande Síntese», essa divina lição, acabou a solidez do edifício que se elevava por sôbre a minha dúvida vencida.

Acreditei finalmente em Deus e compreendi então a beleza do Cristo, a limpidez da Lei do Amor, a pujança da Lei do Cosmos.

E como flor singela nascida em chão pedregoso, a Fé desabrochou do aclaramento da Razão.

¡Eis como me tornei espirita! ¡Foi há tão pouco tempo e... já me parece que sempre o fui!

Os prodígios do magnetismo

Maravilhosas provas de imortalidade da alma humana obtidas com indivíduos em estado de sonambulismo, provocado por passes magnéticos

DE «O Problema do Ser e do Destino», de Léon Denis, extraímos alguns episódios curiosíssimos relatados pelo coronel De Rochas, no seu livro «As Vidas Sucessivas».

O Coronel de Engenharia Albert de Rochas, antigo Administrador da Escola Politécnica de Paris, ocupou-se muito dêste género de experiências; e diz, a certa altura da sua obra «Vidas Sucessivas»:

Há muito tempo se sabia que, em circunstâncias especiais, mórmente quando a morte se aproxima, as recordações de há muito em olvido, se sucedem com extrema rapidez, no espírito de algumas pessoas, como se diante da sua vista se desenrolassem os quadros de tôda a sua vida.

Determinei, experimentalmente, um fenómeno análogo em passivos magnetizados, com a diferença de que, em vez de revocar simples recordações, faço tomar aos pacientes os estados de alma correspondentes às idades a que os reconduzo, com esquecimento de tudo o que é posterior a essas épocas.

Estas transformações operam-se por meio de passes longitudinais, que têm por efeito, de ordinário, tornar mais porfundo o sono magnético. As mudanças de personalidade, se assim se podem chamar os diferentes estádios de um mesmo indivíduo, sucedem-se invariàvelmente, segundo a ordem dos tempos, fazendo-o voltar ao passado, quando se empregam passes longitudinais e daí, pela mesma ordem, ao presente, recorrendo aos passes transversais ou despertadores.

Enquanto o paciente não volta ao estado normal, apresenta insensibilidade cutânea. Podem precipitar-se as transformações com o auxílio da sugestão, mas é preciso percorrer sempre as mesmas fases e não proceder com muita pressa. Não se observando esta condição, provocam-se sofrimentos e gemidos no paciente, queixando-se êle de que o turturam e que não pode acompanhar-vos.

Até aqui, nada de extraordinário. Concebe-se que seja possível, por meio de passes magnéticos, acumular sucessivamente fluido vital sôbre as camadas sucessivas do cérebro, onde contìnuamente se armazenaram as recordações do passado, e revivificar assim essas recordações por um processo análogo ao que nos faz ver, quando olhamos, e ouvir, quando escutamos.

Há, porém, outros fenómenos, para os quais não basta essa explicação.

Quando fiz os primeiros ensaios, parava quando o paciente, transportado à primeira infância, já não me sabia responder; pensava então ser possível ir mais longe. Entretanto, tentei um dia tornar mais profundo o sôno, continuando os passes,

Coronel de Engenharia de Albert de Rochas

e grande foi a minha admiração, quando, interrogando o dormente, me achei na presença de outra personalidade, que dizia ser a alma de um môrto, que usara tal nome e vivera em tal país. Parecia assim abrir-se novo caminho. Continuando os passes no mesmo sentido, fiz reviver o môrto e êsse ressuscitado percorreu tôda a sua vida precedente, remontando o curso do tempo. Aqui, não eram tão pouco simples recordações que eu despertava, mas sucessivos estados de alma que eu fazia reaparecer.

À medida que repetia as experiências, essa viagem pelo passado efectuava-se cada vez mais ràpidamente, passando sempre pelas mesmas fases, de maneira que pude assim remontar a muitas exis-

tências anteriores, sem causar demasiada fadiga ao paciente ou a mim próprio.

Todos os passivos, quaisquer que fôssem as suas opiniões no estado de vigília, apresentavam o espectáculo de uma série de individualidades, cada vez menos adiantadas, à medida que se remontava o curso das idades. Em cada existência expiavam-se, por uma espécie de pena de Talião, as faltas da existência precedente, e o tempo que separava duas encarnações passava-se num meio mais ou menos luminoso, segundo o estado de adiantamento moral do indivíduo. Passes transversais traziam o paciente ao estado normal, percorrendo exactamente as mesmas fases, na ordem inversa.

Quando verifiquei por mim mesmo e por outros experimentadores (operando em outras cidades e com outros passivos) que não se tratava de simples sonhos que pudessem provir de causas fortuitas, mas de uma série de fenómenos apresentando-se de maneira regular com tôdas as características aparentes de uma visão no passado ou no futuro, pus todos os meus cuidados em investigar se essa visão correspondia à realidade.

* * *

Primeiras experiências feitas em Paris com Laurent V..., rapaz de vinte anos que freqüentava o curso de filosofia na Escola Politécnica. Tendo verificado que era sensitivo, quisera *de motu próprio* compreender a razão dos efeitos fisiológicos e psicológicos que poderiam ser obtidos por meio do magnetismo. Descobri casualmente que, adormecendo-o por meio de passes longitudinais, o trazia a estados de consciência e de desenvolvimento intelectual correspondentes a idades cada vez menos adiantadas; passava assim, sucessivamente, a aluno de rectórica, de segunda, de terceira classe, etc., já nada sabendo do que se ensinava nas classes superiores. Acabei por levá-lo ao tempo em que aprendia a ler e deu-me, àcêrca da sua mestra e dos seus companheiros de escola, particularidades que esquecera completamente na vigília, mas cuja exactidão me foi confirmada por sua mãe.

Alternando os passes adormecedores com os despertadores, fazia-o subir ou descer, à minha vontade, pelo curso da sua vida.

* * *

Há pouco tempo encontrei em Grenoble e Voiron, três *passivos* que possuíam faculdades semelhantes, cuja realidade pude igualmente verificar. Vindo-me a idéia de continuar os passes adormecedores, depois de tê-las levado à mais tenra infância, e os passes despertadores depois, para reconduzi-las às suas idades actuais, fiquei muito admirado ao ouvi-las narrar sucessivamente todos os acontecimentos das suas existências passadas e de suas vidas futuras, passando pela descrição do seu estado, entre duas existências. Naturalmente,, não pude verificar as suas asserções, quanto ao futuro; mas, quanto ao que diz respeito às vidas precedentes, eram de tal modo categóricas e sempre invariáveis as indicações, que pude fazer indagações. De facto, verifiquei, assim, a existência real de nomes, de lugares e de famílias, que entravam nas suas narrativas, posto que, no estado de vigília, de nada se recordassem; mas não pude achar, nos documentos do estado civil, vestígio algum das personagens obscuras que elas teriam vivido.

Estes *passivos* não se conheciam. Josefina tem 18 anos, habita em Voiron, é solteira; Eugénia, tem 35 anos, vive em Grenoble. É viúva, tem dois filhos, é de natureza apática, muito fraca e pouco curiosa: ambas têm boa saúde e porte regular.

Em virtude de conhecer as suas famílias, pude verificar a exactidão das suas revelações retrospectivas em um sem número de circunstâncias, que nenhum interêsse teriam para o leitor. Citarei sòmente algumas relativas a Eugénia, para dar-lhes uma idéia a tal respeito: são extratos das actas das sessões com o doutor Bordier, Director da Escola de Medicina de Grenoble.

Adormecida, transporto-a a alguns anos antes e vejo uma lágrima aljofrar-lhe os olhos; diz-me que tem vinte anos e que acaba de perder um filhinho...

Continuação dos passes: De súbito, dá um salto brusco, com um grito de pavor: viu aparecerem a seu lado os fantasmas de sua avó e de uma tia, falecida, havia pouco tempo (esta aparição, que se deu na idade a que a levei, causara-lhe profunda impressão).

Ei-la agora com onze anos. Vai à primeira comunhão; os seus pecados mais graves são ter desobedecido algumas vezes à vóvó, e, principalmente, ter tirado um vintém do bôlso do papá: teve muita vergonha e pediu-lhe perdão.

Aos nove anos. Sua mãe morrera havia oito dias; é grande a sua dor. Seu pai, tintureiro em Vinay, acaba de mandá-la para casa do avô, em Grenoble, para aprender costura.

Aos seis anos. Anda na escola de Vinay e já sabe escrever bem.

Aos quatro anos. Quando não está na escola, cuida da irmãzinha; começa a fazer riscos e a escrever algumas letras. Passes transversais despertam-na, fazendo-a passar exactamente pelas mesmas fases e pelos mesmos estados de alma. Passes longitudinais levam Eugénia a tenra idade em que era amamentada por sua mãe e em seguida

a uma nova personalidade. Já não estava viva; flutuava em semi-obscuridade, não tendo pensamentos, nem neaessidades, nem comunicação com ninguém... Depois, recordações ainda mais remotas. Fôra antes uma menina falecida muito novinha, de febre causada pela dentição; vê os pais chorando em volta do seu corpo, do qual ela se separou muito depressa.

Em seguida fi-la a despertar, por meio de passes transversais, percorrendo em sentido inverso tôdas as fases anteriormente assinaladas e dá-me novos pormenores, provocados pelas minhas preguntas. Algum tempo antes da última encarnação, sentiu que devia reviver em certa família; aproximou-se da que devia ser sua mãe e que acabava de conceber...

Entrou, pouco a pouco, «por baforada», no pequenino corpo. Até aos sete anos, viveu, em parte, fora dêste corpo carnal, que ela via, nos primeiros meses da sua vida, como se estivesse colocada fora dêle. Não distinguia bem então os objectos materiais que a cercavam; mas, em compensação, percebia espíritos flutuando em volta dela. Uns, muito brilhantes, protegiam-na contra outros, escuros e malfazejos, que procuravam influenciar-lhe o corpo físico. Quando o conseguiam, provocavam aquêles acessos de raiva, que as mães chamam perrices.

Josefina, que eu estudo há muito mais tempo do que Eugénia e a quem o exercício tornou mais sensível, permitiu-me reconstituir maior número de existências. Precisei para isso de muitas sessões, durante as quais, envelhecendo-a e rejuvenescendo-a alternadamente, eu coordenava e completava informações, que eram muitas vezes obscuras para mim, porque não tinha no princípio a mínima suspeita do ponto onde ela me queria conduzir e a muito custo compreendia os nomes próprios referentes a pessoas ou a lugarejos desconhecidos. Só à custa de preguntas e pesquisas feitas nos mapas e dicionários cheguei a determinar, com exactidão, êsses nomes e a poder obter informações àcêrca das localidades.

Depois de ter levado Josefina, como Eugénia, ao estado de criancinha de tenra idade, por meio de passes longitudinais prolongados durante uns trinta minutos, continuei ainda a magnetização. Interrogada, respondeu por sinais às minhas preguntas.

Ainda não tinha nascido; o corpo em que ia morar, estava no ventre de sua mãe, em tôrno da qual se ia enrolando, mas cujas sensações pouca influência tinham sôbre ela.

Nova profundação do sôno determinou a manifestação de uma personagem cuja natureza, a princípio, me custou a reconhecer. Não queria dizer quem era, nem onde estava; respondia-me com tom de zangado e voz de homem, que estava ali, visto que me estava falando; quanto ao mais, nada via, «estava na escuridão». Tornando ainda mais profundo o sono, foi um velho, deitado na sua cama e doente havia muito tempo, quem respondeu às minhas preguntas, depois de muitas tergiversações, como aldeão manhoso que receia comprometer-se e quere saber porque o interrogam. Acabei por saber que se chamava João Cláudio Bourdon e que a aldeia em que se achava era Champvent, na comuna de Polliat.

Pouco a pouco consegui captar a sua confiança e vou dizer o que soube da sua vida, que lhe fiz muitas vezes reviver em seus diferentes períodos.

Nascera em Champvent, em 1812, andara na escola até aos 18 anos, por aprender pouco, visto só a poder freqüentar no inverno e também porque fazia muita *gazeta*.

Fêz o serviço militar no Regimento de Artilharia 7, em Besançon; devia ficar 7 anos no Regimento, mas a morte do pai isentou-o, ao cabo de 4 anos.

De volta à terra, encontrou a sua boa amiga, (noiva), Joaninha, com quem antes estava para casar. Agora mudou de idéias e sabe que não há necessidade, para se ter uma mulher, de se casar com ela... Não se quere casar e tem Joaninha como amante. Observo-lhe que essa pobre rapariga pode ficar grávida.

— E então? — diz-me êle, — não será a primeira nem a última.

Na velhice, vê-se só, cozinhando para si. Tem um irmão casado e com filhos; queixa-se do modo como procedem com êle e a ninguém visita.

Morre com 70 anos, depois de longa doença.

Pregunto-lhe se, durante a doença, não pensa em mandar chamar o padre.

— Ora adeus! Estás a mangar comigo! Então tu crês em tôdas as tolices que êle diz?

Está a morrer. Sente que sai do corpo, mas fica prêso a êle por muito tempo. Pôde seguir o seu entêrro, flutuando por cima do caixão. Compreendeu vagamente que diziam: «Que desafôgo!» As orações do pároco sossegaram-no, mas isto durou pouco.

No cemitério, ficou junto do corpo e sentiu a sua decomposição, que o fazia sofrer muito. O seu corpo fluídico, que, depois da morte, se difundira, tomou uma forma mais compacta. Vive na escuridão, o que lhe custa muito, mas não sofre, «porque não matou nem roubou»; sòmente algumas vezes tem sêde, porque gostava muito da *pinga*. Reconhece que a morte não é o que êle pensava. Se soubesse o que agora sabe, não teria feito tanta chacota do pároco. Proponho-lhe fazê-lo reviver:

— Ah! Agora sim; ficaria muito teu amigo.

Nas trevas que o envolviam, começaram a in-

filtrar-se ténues claridades; teve a inspiração de reencarnar e aproximou-se da que havia de ser sua mãe; rodeou-a até o filho vir ao mundo; entrou então pouco a pouco no corpo desta criança. Até quási aos sete anos, havia em volta dêste corpo como que uma espécie de nevoeiro flutuante, com o qual êle via muitas coisas que depois não tornou mais a ver.

Depois de ter obtido em Bourdon as informações que julgava úteis, tentei continuar a subir o curso da sua vida. Uma magnetização prolongada, durante quási três quartos de hora sem interrupção, conduziu-me a João Cláudio, ainda pequenino. Depois... nova personalidade. — É agora uma mulher velha que foi muito ruím; tinha má língua e comprazia-se em fazer todo o mal possível aos outros. Por isso, está em espessas trevas rodeada de espíritos maus. Fala com voz fraca, mas responde sempre com precisão às preguntas que lhe faço, em vez de questionar a cada momento, como fazia o João Cláudio. Chama-se Filomena Carteron.

Tornando o sôno mais profundo, provoco manifestações de Filomena viva. Já não sofre, parece muito sossegada, responde sempre com muita clareza e em tom sêco. Sabe que não é estimada, mas ninguém perderá com isso; quando chegar a ocasião, saberá tirar a desforra. Nasceu em 1702; chamava-se Filomena Charpigny, quando era rapariga; seu avô materno chamava-se Pedro Machon e vivia em Ozan; casou-se em 1732, em Chevroux, com um sujeito chamado Carteron, de quem teve dois filhos, que morreram.

Antes de encarnar, Filomena fôra uma menina que morrera de tenra idade; antes, tinha sido um homem que matara. Por isso, para expiar o seu crime, sofrera muito na escuridão, mesmo na sua vida de rapariga, em que não tivera tempo de fazer mal.

Não julguei útil levar mais longe o sono, porque o passivo parecia exausto e causava pena ver as suas crises.

Fiz, porém, uma observação que tende a provar que as revelações de tais médiuns assentam em realidade objectiva. Em Veiron, tinha por espectadora habitual das minhas experiências uma menina de espírito muito circunspecto, muito reflectida e de modo nenhum susceptível de se deixar sugestionar: *Mademoiselle* Louise, que possuía em mui alto grau a propriedade de perceber os fluídos humanos e, por conseguinte, o corpo fluídico. Quando Josefina aviva a memória do passado, observa-se em volta dela uma aura luminosa percebida por Luíza.

Ora essa aura torna-se escura aos olhos de Luíza, quando Josefina se acha na fase que separa duas existências.

Em todos os casos, Josefina reage vivamente, quando se toca em pontos do espaço onde Luíza diz perceber a aura, seja luminosa ou sombria.

É muito difícil conceber como acções mecânicas (os passes, por exemplo) determinam o fenómeno da regressão da memória de maneira absolutamente certa até um momento determinado e como estas acções, continuadas exactamente da mesma forma, mudam bruscamente o seu efeito, para sòmente originarem alucinações.»

Acompanhemos o ilustre engenheiro nas suas experiências em Aix-en-Provence. O passivo é uma rapariga de 18 anos, que goza de perfeita saúde e nunca ouviu falar de magnetismo ou de Espiritismo. *Mademoiselle* Maria Mayo é filha de um engenheiro francês, falecido no Oriente; foi educada em Beirute, onde fôra confiada aos cuidados de criados indígenas; estudava árabe. Depois, foi reconduzida a França e habita em Aix, com uma tia.

As sessões tinham como testemunhas o doutor Bertrand, antigo Presidente da Câmara Municipal de Aix, médico da família, e o Sr. Lacoste, engenheiro a quem se deve a redacção da maior parte das actas. Estas sessões foram numerosas. A relação dos factos ocupa 50 páginas dos *Anais das Ciências Psíquicas*.

Estamos em Dezembro de 1904. Faço-a subir o curso dos anos; ela vai assim até à época do seu nascimento. Fazendo-a chegar mais longe ainda, lembra-se de que já viveu, de que se chamava Lina, de que morreu afogada, que se elevou depois ao ar, onde viu seres luminosos, mas que não lhe fôra permitido falar-lhes. Para além da vida de Lina, torna a encontrar-se na erraticidade, num estado muito penoso, porque, antes, havia sido um homem que... «não fôra bom».

Nesta encarnação chamava-se Charles Mauville. Estreou-se na vida pública, em Paris, como empregado de escritório. «Tôda a fisionomia de Mayo, toma o aspecto de um rapaz». Havia então contínuos combates nas ruas. Êle mesmo matou gente, e tinha prazer nisso, era mau. Guilhotinavam.

Aos cinqüenta anos deixou o escritório, está doente (tosse) e não tarda a morrer. Pode seguir o seu entêrro e ouvir dizer:

— Aquêle foi um estroina a valer. Sofre, é infeliz. Afinal, passa para o corpo de Lina.

Outras sessões reconstituem a existência de Lina, a Bretã. «Retardo os passos quando chego à época da sua morte, a respiração torna-se então entrecortada; o corpo balança-se como levado pelas vagas e ela apresenta sufocações.

Sessão de 29 de Dezembro de 1904:

O Sr. de Rochas, ordena-lhe «Torna a ser Lina, no momento em que se afoga.» Imediata-

mente, Mayo faz um movimento brusco na poltrona; vira-se para o lado direito com o rôsto nas mãos e fica assim alguns segundos. Dir-se-ia ser a primeira fase do acto que é executado voluntàriamente, porque, se Lina morre afogada, é um afogamento voluntário, um suïcídio, o que dá à cena aspecto inteiramente particular, bem diferente de um afogamento involuntário. Depois, Mayo vira-se bruscamente para o lado esquerdo, os movimentos respiratórios precipitam-se e tornam-se difíceis; o peito levanta-se com esfôrço e irregularidade; o rosto exprime ansiedade, angústia; os olhos estão espantados; faz verdadeiros movimentos de deglutição, como se engulisse água, mas contra a vontade, porque se vê que resiste; nêsse momento, dá alguns gritos inarticulados; torce-se mais do que se debate e o rôsto exprime sofrimento tão real, que o Sr. de Rochas lhe ordena que envelheça algumas horas.

Depois pregunta-lhe:

— Debateste-te por muito tempo?

— Debati.

— É uma morte má?

— É.

— Onde estás?

— No escuro.

30 de Dezembro de 1904.

Existência de Charles Mauville. Mayo descreve uma das fases da doença que o mata; parece passar pelos sintomas característicos das doenças de peito: opressão, acessos de tosse penosos. Morre e assiste ao seu entêrro.

— ¿Havia muita gente no acompanhamento?

— Não.

— Que diziam de ti? ¿Não diziam bem, não é verdade? ¿Recordavam que tinhas sido um homem mau?

Depois de hesitar e baixinho:

— Sim.

Em seguida, está no «negro»; o coronel fá-lo atravessar rapidamente e reencarna na Bretanha.

Vê-se menina, depois donzela, tem 16 anos e não conhece ainda o seu futuro marido; aos 18 anos, encontra aquêle que há-de ser. Casa pouco depois e vem a ser mãe.

Assistimos então a uma cena de parto dum realismo surpreendente.

A paciente revolve-se na cadeira, os membros inteiriçam-se, o rôsto contrai-se e os seus sofrimentos parecem tão intensos, que o coronel lhe ordena que os passe com rapidez.

Tem 22 anos, perdeu o marido num naufrágio e o seu filhinho morreu.

Desesperada, deita-se a afogar. Êsse episódio, que ela reproduziu noutra sessão, é tão doloroso que lhe foi mandado passar além; o que ela faz, mas não sem experimentar um violento abalo.

No «escuro» em que se vê depois, não sofre, como sofrera Charles Mauville; reencarna na sua família actual e volta à idade que tem.

A mudança é operada por meio dos passes transversais.

31 de Dezembro de 1904. — Proponho-me nessa sessão obter alguns novos pormenores a respeito da personalidade de Charles Mauville e tratar de fazer chegar Mayo até uma vida precedente. Para tanto, torno rapidamente mais profundo o sono, empregando passes longitudinais até chegar à infância de Mauville. No momento em que o interrogo, tem 5 anos. O pai é contra-mestre numa manufactura, a mãe traja de prêto e tem na cabeça uma touca. Continuo a tornar o sono mais profundo.

Antes de nascer, está na «escuridão». Anteriormente, fôra uma dama casada com um gentilhomem da Côrte de Luiz XIV; chamava-se Madalena de São Marcos.

Informações da vida dessa Senhora:

Conheceu *Mademoiselle* de La Valliere, que lhe era simpática; mal conheceu *Madame* de Montespan; *Madame* de Maintenon desagrada-lhe.

— «Diz-se que o rei a desposou secretamente.

— Qual? É simplesmente amante dêle.

— ¿E qual é a sua opinião a respeito do rei?

— É um orgulhoso.

— Conhece Scarron?

— Santo Deus! ¡Que feio que êle é!

— Viu-o representar Moliére?

— Vi, mas não gosto muito dêle.

— Conhece Corneille?

— É um selvagem.

— E Racine?

— Conheço principalmente as suas obras e tenho-as em grande conta.

Proponho-lhe fazê-la envelhecer, para que veja o que lhe sucederá mais tarde.

Recusa formal. Debalde ordeno imperiosamente; só consigo vencer a sua resistência com passes transversais enérgicos, aos quais procura esquivar-se por todos os meios.

No momento em que eu paro, ela tem quarenta anos; deixou a côrte; tosse e sente-se doente do peito.

Faço-a falar a respeito do seu carácter; confessa que é egoísta e ciümenta, que tem ciumes principalmente das mulheres bonitas.

Continuando os passes transversais, faço-a chegar aos quarenta e cinco anos, idade em que morre tísica.

Assisto a uma agonia curta e ela entra na escuridão. Desperta sem demora, pela continuação rápida dos passes transversais».

1 de Janeiro de 1905. — Três existências suces-

RESUMO DA DOUTRINA ESPIRITA (*)

(Espiritualismo evolucionista)

Tradução de I. D. S.

pelo Dr. Gustave Geley

Conseqüências morais

AS conseqüências filosóficas que precedem dão origem a conseqüências morais de capital importância.

A moral nova constituïrá uma *verdadeira ciência,* cujos princípios serão rigorosamente extraídos dos conhecimentos adquiridos àcêrca do nosso destino, e, como tal, a sua inflüência será enormíssima.

Mas, também como tal, a nova moral sacrificará implacavelmente todo o conjunto insuportável dos preconceitos, das obrigações fictícias, das restrições inúteis que deprimem a moral tradicional e que os homens parece terem cumprido gostosamente para se atormentarem uns aos outros.

A moral nova apoiar-se-à em três bases ou princípios fundamentais:

O conhecimento das leis e das condições evolutivas.

A necessidade do livre desenvolvimento individual.

A noção da relatividade da liberdade moral, apoiando-se na compreensão do mal e das desigualdades humanas.

1.° — *Do conhecimento das leis evolutivas* deduzir-se-à:

A necessidade do trabalho pessoal.

A necessidade de cultivar, acima de tudo e sempre em primeiro lugar, as nossas faculdades intelectuais e afectivas, e de nos afastarmos quanto possível de sujeições ou obstáculos materiais.

A forçosa solidariedade humana, como conseqüência das existências sucessivas a que estamos submetidos, nos mais diversos meios e condições.

Daqui, a necessidade do *altruísmo* que, segundo a frase do Doutor Gibier, será o verdadeiro egoísmo do futuro.

Auxiliando o aperfeiçoamento do próximo e da sociedade, o indivíduo auxiliará o seu próprio avanço e atenuará as suas novas reencarnações.

2.° — *A necessidade do livre desenvolvimento individual* é uma lei necessária que se deduz do conhecimento *do livre desenvolvimento do mundo.*

Em nós, tudo o que seja necessário ao nosso melhoramento, ao nosso avanço ou progressão, deve resultar dos nossos esforços pessoais.

Assim, pois, nos limites do possível, a moral humana deve deixar o indivíduo em liberdade.

Porque é inútil e prejudicial impor de-

(*) Ver *Estudos Psíquicos* de Novembro de 1943 Setembro de 1944.

---

sivas. Primeiramente, Madalena de São Marcos. Mayo reproduz os últimos momentos da sua vida.

Ao cabo de alguns momentos, tosse, um verdadeiro acesso... Depois, morre..., e pelos seus movimentos e atitudes compreende-se que está sofrendo; depois, volta a ser Charles Mauville; passado um instante, tosse outra vez. O sr. de Rochas, lembra-se de que C. Mauville morreu com doença do peito, cêrca dos 50 anos, como morrera Madalena. E assim morre também.

Passados alguns instantes, êle, sob a influência dos passes transversais, é outra vez Lina na época da sua gravidez; depois chora, torce-se, agarra-se à sobrecasaca do sr. de Rochas; os seios apresentam, na realidade, volume maior que de ordinário. Todos o verificam. Lina tem verdadeiras dores; de repente sossega. Está pronto; a criancinha nasceu. Lina teve o seu bom sucesso... Depois chora; o marido está a morrer... Chora mais... E, de repente, com muita rapidez, debate-se, suspira, afoga-se... Entra no escuro. Passa finalmente para o corpo de Mayo, e chega progressivamente até aos 18 anos. O sr de Rochas, desperta-a completamente.

veres a um indivíduo, que êle não considere como tais (1).

A idéia da moral seria instruir sem impor, deixando o indivíduo advertido do mal e das conseqüências de suas acções. A luta é necessária para o desenvolvimento da sua inteligência (2).

Tarde ou cêdo, as faltas e os erros cometidos serão compreendidos e julgados pelo próprio culpado, quer pelas advertências da dor, pelo desenvolvimento intelectual ou mesmo pela sua evolução moral, por muito lenta que seja; como conseqüência disto, a sua liberdade moral aumentará num ou mais graus.

Note-se que êste respeito completo pelo desenvolvimento do ser é apenas um ideal.

Praticamente, o indivíduo deve estar subordinado em justa medida *à segurança e à liberdade* dos seus semelhantes.

Mas tôdas as restrições e imposições que não se dirijam exclusivamente a êste objecto devem ser completamente repelidas por daninhas e prejudiciais.

3.º — O terceiro princípio que servirá de base à moral futura, ou seja o da *relatividade da liberdade moral,* vem em apôio das considerações precedentes e prova também o perigo das restrições mundanas e sociais.

Segundo a lei da evolução, o livre-arbítrio é sempre proporcional ao grau de avanço do indivíduo (3).

Por conseqüência, a gravidade duma falta não pode ser apreciada por si mesma, nem sequer pelas circunstâncias, mas, antes de mais nada, pelo grau de elevação do culpado.

Quere dizer que os juízos humanos baseados no princípio da igualdade moral são sempre arbitrários e necessariamente injustos.

É, pois, prudente e sábio abstermo-nos de julgar.

Por outro lado, basta pensarmos no nosso passado, para nos convencermos da necessidade de grande indulgência para as faltas dos outros.

Em nossas anteriores encarnações, quási todos fomos criminosos e miseráveis; e se alfim soubemos elevar-nos até ao conhecimento da beleza e do bem, seria rebaixar-nos de novo ao nível dos culpados, se os castigássemos com o nosso desprêzo.

As faltas e os crimes, as conseqüências do vício, as manifestações da maldade e do egoísmo, do ódio, do ciúme e da inveja, do espírito de vingança, de todos os baixos sentimentos, enfim, que formam e fazem a desgraça da humanidade, considera-os o ser elevado como produtos inevitáveis dum estádio inferior, pois sabe que no mundo há muito menos culpabilidade do que ignorância (4).

Por isso e antes de mais nada, o ser verdadeiramente superior buscará instruir os seus semelhantes, instruir os culpados e prevenir as suas más acções. Mas jámais se rebaixará a castigar e a vingar-se.

Sabe que todo castigo inventado pelos homens é inútil para o melhoramento do culpado e que tôda acção má leva em si mesma o castigo.

O alcance dêstes princípios verifica-se na actividade humana. Ao contrário da moral clássica, a moral evolucionista será principalmente positiva e reduzirá ao mínimo o número e a importância das restrições e o número e a importância dos deveres (5).

---

(1) Não é preciso dizer que nos referimos à educação da infância. Muito teríamos que dizer, em face da nova filosofia, mas isto levar-nos-ia demasiado longe.

(2) Um exemplo fará compreender o meu pensamento. Supunhamos dois adolescentes de nível psíquico proporcionalmente igual. O primeiro encerrar-se-á num convento, entregue à oração e às rezas, sem nada saber dos trabalhos, dos prazeres, das dores, das tentações e das faltas da Humanidade. Êste primeiro indivíduo terminaria a vida *sem ter consciência dum único pecado mortal.*

O segundo, vivendo na Sociedade, lutará, trabalhará, conhecerá prazeres e dores, e, sem ter chegado a ser criminoso, *terá cometido muitas faltas.*

É evidente que êste último estará mais adiantado na hora da morte e muito melhor preparado para a vida futura.

(3) Esta solução do problema da liberdade moral constitui um dos mais belos ensinamentos da doutrina espirita.

(4) O facto de que certos grandes criminosos tenham sido pessoas instruídas e inteligentes, nada quere dizer em desabono desta teoria. Semelhantes excepções não se podem opor à regra geral.

Além disso, é provável que êsses desgraçados, apesar de algumas faculdades brilhantes, foram, no fundo, seres verdadeiramente inferiores. Um ser realmente superior tem de ser bom e nobre *e não pode nunca portar-se como criminoso.*

(5) Numa humanidade suficientemente evolucionada, isto é, suficientemente inteligente e boa, o princípio da *obrigação* seria substituído pelo princípio da *liberdade.* A noção *do dever* desapareceria quási por completo e seria substituída pela noção *do amor.*

E então seria prazer praticar o bem e verdadeira dor praticar o mal.

Na vida individual, a moral nova aconselharia primeiro o *trabalho* bem entendido, o trabalho intelectual e o cultivo de nossas faculdades emotivas e afectivas.

Podemos desenvolver-nos em qualquer dos ramos da actividade psíquica: o que importa é aumentar a nossa capacidade de saber e não o conhecer muitas coisas. O que se aprende é menos importante em si, do que pelo exercício intelectual que nos facilita a ampliação dos nossos conhecimentos sucessivos.

É, pois, completamente inútil querer numa única existência terrestre atingir grande número de conhecimentos. Sem nos limitarmos a especializações estreitas, deveremos cultivar as nossas disposições mais desenvolvidas e adquirir grandes conhecimentos nêste sentido.

Esta é a melhor regra, tanto para a sociedade, como para nós.

Ao mesmo tempo que trabalhar para si, mercê da lei do altruísmo, imposta, como vimos, pela noção das existências sucessivas, o indivíduo terá de trabalhar para o aperfeiçoamento dos seus semelhantes.

Fará o bem, sem se preocupar com os resultados imediatos. Não pensará no reconhecimento que nasceria das suas boas acções, cuja recompensa nunca esperará.

Desprezará as injúrias pessoais e esforçar-se-à por repelir todo sentimento baixo de ódio ou de inveja.

Nunca se vingará.

Saberá desculpar, compreender e perdoar nos outros os vícios e defeitos que êle não tenha, e, na medida do possível, evitará emitir juízos sôbre êles.

O ser superior, numa palavra, deverá trabalhar e dar provas de bondade activa para com os semelhantes, amando-os e auxiliando-os (1).

E nada fará, já se vê, que possa redundar em prejuízo dos semelhantes.

Aproveitando no maior grau possível a sua encarnação actual, o ser superior, em virtude do seu desenvolvimento, deverá cuidar, atender e dirigir o corpo, que é o instrumento da sua actividade.

Evitará, portanto, os excessos, a fadiga, os perigos inúteis e procurar a morte prematura.

O ser superior não repelirá de forma alguma os prazeres da existência terrestre, nem os considerará como «pecados».

Simplesmente nunca esquecerá que só os prazeres da inteligência são úteis ao seu aperfeiçoamento, que os gozos puramente sensuais são património dos seres inferiores, acompanhados muitas vezes de desilusões e dores, e que podem, de certa maneira, atrasar muito a sua evolução.

Pensará, sobretudo, que deve renunciar a qualquer prazer que possa causar dano a outrem.

Na vida social, as conseqüências práticas da nova ciência serão consideráveis.

Os homens compreenderão, individualmente e colectivamente, a necessidade de trabalhar para o progresso geral da Humanidade.

Por outro lado, o conhecimento das vidas sucessivas nas mais diversas condições implicará o mais profundo desprêzo pelas *divisões fictícias* da sociedade, *a desaparição completa dos preconceitos de casta, de religião* e de fronteiras.

A pátria e a família serão consideradas dum ponto de vista mais amplo e generoso (2).

O papel da sociedade perante o indivíduo será restabelecido de acôrdo com os três princípios há pouco citados.

Limitar-se-à a simples papel de protecção.

O Estado *porá os menores obstáculos possíveis à iniciativa individual* e contentar-se-à com assegurar a liberdade e a vida dos cidadãos.

Como se vê, estamos muito longe da actual concepção de sociedade, com suas múltiplas leis, restringindo em todos os sentidos e a todos os momentos a liberdade individual, calcando, por assim dizer, a actividade humana, encerrada em estreitos limites, e esforçando-se por canalizar, através dos áridos caminhos dos Códigos, as próprias torrentes dos sentimentos afectivos...

Nestes tempos de pretenso liberalismo, é verdadeiramente chocante a imposição que a sociedade civil estabelece como regra

---

(1) Os limites em que deverá fixar-se e manifestar-se êste amor ao próximo, não os podemos indicar por agora. Nêste ponto, também o evolucionismo apenas estabelecerá leis gerais, deixando tôda a liberdade às interpretações individuais.

(2) Sôbre isto, poderíamos fazer amplas considerações. Mas o momento não me parece oportuno. Parecer-me-ia prejudicial atacar agora sentimentos muito respeitáveis, que se modificarão, necessàriamente, embora com enorme lentidão, a que temos de nos resignar (*Êste trabalho foi escrito em França, há perto de meio século).*

de procedimento individual, imiscuíndo-se até na vida privada, princípios de orientação particular que, segundo as palavras felizes do ilustre Sebastião Faure, na sua obra *A Dor Universal,* «constituem verdadeiro prolongamento da legislação na ordem moral». O Estado é, pois, nos nossos dias e relativamente ao indivíduo, uma espécie de *gendarme* espiritual que vela junto de cada um, impedindo-o de sair de leis injustas e atormentadoras dos nossos instintos, sempre pronto a cair sôbre êle, a detê-lo e a violentá-lo, logo que o indivíduo se permite a menor violação dos Códigos, na sua maioria absurdos e brutais (1).

O evolucionismo, que nos fornece argumentos contra a actual organização da sociedade, impede-nos igualmente de adoptar as teorias sociais anárquicas. Socialistas e anarquistas apoiam-se numa verificação ou prova muito justa, ou seja a de que a maior parte dos males que afligem os homens nos vêm hoje, não da Natureza, mas sim dos próprios homens.

E, todavia, a sua conclusão é absolutamente falsa. O socialismo, por seu turno, reforça ainda mais os poderes do Estado, impõe aos cidadãos a aceitação rigorosa da sua doutrina igualitária e conduz, por tôda a parte, à supressão da iniciativa individual.

Esta concepção é simplesmente monstruosa, vista à luz radiante do evolucionismo. Além disso, é absurda, pois que as desigualdades humanas *são a própria essência da Humanidade evolucionada* e a igualdade material nunca poderia coïncidir com as desigualdades físicas, morais ou intelectuais, tão consideráveis e importantes, ou ainda mais, do que aquela.

A doutrina anarquista não é mais lógica, embora seja menos estravagante. Parte do princípio de que todos os males humanos vêm da sociedade; mas não atende aos antecedentes evolutivos dos seres, ao atavismo, nem às condições naturais que obrigam os homens a ajudar-se mútuamente.

A anarquia só seria possível e realizável com uma *humanidade perfeita,* o que está bem longe de ocorrer sôbre a Terra. A filosofia da evolução prova-nos que a legislação deve ser proporcionada ao grau de adiantamento dos homens e diminuir os seus rigores e castigos, à medida que o progresso seja mais extenso e geral. Essa filosofia permite sòmente aspirar a uma espécie de *anarquia relativa, reduzindo ao mínimo o número e a importância das restrições e das imposições.*

E há, enfim, uma derradeira conseqüência que se deduz da doutrina espirita: a noção de certos deveres do homem para com os animais.

Se é certo que o homem tem passado pelos organismos inferiores e que os animais estão destinados, um dia, a fazer parte da humanidade, todos nós temos o dever iniludível de auxiliar o cumprimento desta lei natural, evitando tudo o que possa contrariá-la.

É preciso, pois, que desprezemos os prazeres crueis, a expensas dos animais. Devemos evitar-lhes todos os sofrimentos inúteis, não lhes dando morte sem necessidade absoluta de os sacrificar e, finalmente, os animais domésticos devem ser tratados, sempre e em todos os casos, com doçura e sincero carinho.

De resto, esta regra nada tem de novo para qualquer homem de coração. É inútil insistir na grande verdade que encerram estas admiráveis palavras de Schopenhaner:

— Afirmamos, sem receio de equívoco, que os que se mostram crueis para com os animais nunca poderão ser homens bons.

Estas são as profundas modificações que é susceptível esperar nos homens do futuro.

Mas êste futuro — doloroso é confes-

---

(1) A contradição entre as concepções sociais e as pretenções liberais da humanidade moderna é mais evidente do que em parte alguma, na nossa França centralista, militarizada e sujeita a jerarquias. Em nenhum país do mundo se observa melhor êste estado de liberalismo aparente e de real intolerância. Para a grande maioria, a palavra *liberdade* é um vocábulo desprovido de realidade e senso prático. O espírito de iniciativa individual e de independência é aqui inteiramente desconhecido.

Escutai dois franceses de certa idade, condição ou sexo, discutir àcêrca de qualquer assunto, seja político, religioso, artístico, científico ou industrial. Inevitàvelmente ouvireis sair de seus lábios, como eterno estribilho, estas palavras: «O Estado deveria fazer...!», «O Estado deveria defender-se...!, «O Estado deveria impor...!»

E, apesar disso, indaga cada um angustiosamente: «¿Que haverá ainda por ordenar ou regulamentar na nossa França tão bem ordenada?...»

«O francês dos nossos dias — diz admiràvelmente E. Drumont — é um simples envólucro humano que se regista ao nascer num livro, que se matricula, que se obriga a ingressar num regimento, que se faz cicular e que, por último, se coloca administrativamente com um número num cemitério».

sá-lo! — é extraordinàriamente longínquo. Seria loucura pretender esperar mudança brusca na vida dos povos ou dos indivíduos. *As grandes transformações hão de fazer-se com a ajuda do tempo;* por isto é que, fiel a esta lei do evolucionismo e apoiada em bases científicas, a idéia nova não pode ter o aspecto, nem a jactância das religiões, quási tôdas intolerantes.

Não pretendendo explicar tudo, mas limitando-se, pelo contrário, a lançar um pouco de luz no caminho da verdade, a doutrina espirita não impedirá que as inteligências impregnadas de misticismo atávico prefiram ao conhecimento das grandes leis do Universo as crenças adequadas ao seu grau de adiantamento.

«Cada um — diz Renan nos seus «Ensaios de Moral e de Crítica» — constrói a fé à sua medida. Defender um dogma é provar que se carece dêle, que se tem necessidade de um, seja êle qual fôr».

Nos nossos dias (1), existem milhões de pessoas que ainda crêem nessa espécie de *Deus polícia,* cujos castigos eternos e implacáveis dão a medida exacta de muitas consciências, donde não seria possível arrancá-lo, para o substituir por êsse Deus sem perigo, sobretudo se o pretendessem fazer bruscamente.

Em compensação, a idéia nova impor-se-à quási imediatamente a milhões de inteligências privilegiadas e adiantadas que ainda continuam aferradas a velhas religiões, em virtude da natural repugnância que lhes inspira um materialismo excessivamente grosseiro.

Em suma, será acolhida com verdadeiro entusiasmo pelas almas e pelos espíritos eleitos que se dizem e até se julgam materialistas, por desdenhar dos dogmas religiosos.

No seu conjunto, a Humanidade seguirá pouco a pouco o movimento iniciado.

Sabendo que é inevitável a lentidão do progresso e resignado à dilatação das suas esperanças, pela certeza da imortalidade, o filósofo pode, ao menos, exercer o pensamento, elevar-se acima das condições do tempo e do espaço e ver com os olhos da inteligência as maravilhosas transformações do porvir.

Na embriaguez destas concepções grandiosas pode encontrar distracção para o tédio dos dias rotineiros e monótonos e consôlo para as grandes dores da existência... E olhar com profunda piedade e ao mesmo tempo com resignação serena as desgraças ligadas inevitàvelmente à nossa pobre humanidade inferior, assim como os ódios públicos e particulares, as lamentáveis opressões dos povos e dos indivíduos, as guerras, as grandes injustiças sociais...

E não conceder, enfim, mais do que um vago desdém às pequenas paixões, às pequenas querelas, à inveja desprezível dos homens e às grandes agitações dos diplomatas e dos políticos.

Para o filósofo esquecer tôdas estas misérias, basta-lhe entrever, não como quimera, mas como probabilidade futura, a realização do seu grande ideal, ideal sublime e fecundo de *felicidade* para todos e para todos também de *Amor e Liberdade.*

Conclusão

Esforcei-me nobre e sinceramente por examinar a parte essencial do Espiritismo.

Fi-lo, como devem ter visto os leitores, sem me pronunciar nem pró, nem contra, e embora não dissimulasse de forma alguma a minha simpatia sincera e profunda pela nova ciência, não quero que esta simpatia me incline a conclusões terminantes, temeroso de me iludir perigosamente.

Contentar-me-ei, pois, à laia de epílogo, em expor algumas reflexões que me parecem racionais.

Os fenómenos espiritas têm sido observados por muitíssimas testemunhas conscientes e por muitíssimos sábios ilustres que os comprovaram e controlaram, para que hoje se possam negar *a priori* por quem quer que seja. E mais ainda: *ninguém tem o direito* de combater sem contra-experiência convincente as conclusões experimentais dos Crookes, Wallace, Zöellner, Aksakoff, Oliver Lodge, Myers, Lombroso, Richet, De Rochas e tantos outros sábios não menos ilustres.

A doutrina espirita, quer seja ou não justificada, é demasiadamente grandiosa para impor discussão profunda aos pensadores, aos sábios e aos filósofos.

E muitos dêles, depois de exame sério e consciencioso do Espiritismo, concluïrão certamente que uma doutrina baseada em factos experimentais tão numerosos e precisos, de acôrdo com todos os conhecimentos científicos dos diversos ramos da acti-

(1) 1897.

vidade humana, que dá solução precisa, clara e satisfatória, dos grandes problemas psicológicos e metafísicos, que uma doutrina assim, repito, é muito verosímil. Muitos dêles, chegarão até a afirmar que deve ser verdadeira, que é provavelmente a verdadeira.

Em todo o caso, não se trata já de ilusões, de se deixar embalar pelas «velhas canções» ou de dormitar sôbre a «fôfa almofada da dúvida».

Devemos saber. Queremos saber. Podemos saber.

A ciência já transtornou para sempre os conceitos ancestrais do Universo.

— Distinção essencial entre os animais e o homem, único ser provido de alma imortal.

— Criação antropocêntrica e geocêntrica, relativamente recente.

— Divindade exterior ao Universo, céu, empíreo, etc., etc.

Tôdas estas noções têm desaparecido ante o progresso das ciências naturais e da Astronomia. Da mesma forma que as velhas idéias do inferno eterno e de um Deus vingativo e cruel se tornaram inadmissíveis para a consciência moderna.

O evolucionismo impõe-se a qualquer indivíduo que pense e raciocine; e o Espiritualismo *evolucionista* é, sem dúvida, a única doutrina que hoje pode opor-se cientìficamente à teoria niïlista.

— É evidente que a evolução, encarada sob *qualquer dos seus aspectos ou fases*, é infinitamente mais satisfatória e admissível do que a evolução orgânica pura, visto responder aos nossos desejos de imortalidade e felicidade, oferece-nos sanção moral e satisfaz ao mesmo tempo o coração, o pensamento e a razão, reünindo em síntese única a ciência, a filosofia e a religião.

— ¿Mas esta doutrina tão bela é verdadeira?

— A ciência é que nô-lo há-de dizer. O que se pode, desde já, afirmar alto e bom som é que a ciência não mais poderá desinteressar-se dos assuntos psicológicos.

E quer se trate apenas de ilusões e de quimeras, ou se encerre nisso o prólogo de completa transformação da actividade humana, a ciência deve-nos uma conclusão precisa àcêrca do Espiritismo.

Nenhum sábio, nenhum pensador, nenhum homem verdadeiramente elevado pode actualmente desinteressar-se dêstes aliciantes problemas. «A imortalidade — diz Pascal — é uma coisa que nos interessa tão profundamente, que é preciso ter perdido todo o sentimento de humanidade para sentir indiferença, quando se trata de tão importantíssimo e transcendente problema do nosso destino (1).

(1) Pascal: «Pensamentos», artigo 9.º (edição Havet, pág. 137, tomo 1.º).

FIM

A Lição de Licurgo

Ao grande legislador espartano pediu-se um discurso a propósito da educação. O tio do rei Agesislau pediu o praso de um ano, a-fim de o preparar.

Admiração para tôda a gente, visto que ninguém podia compreender que a maior cabeça de Esparta precisasse de tão longo praso para a urdidura duma peça oratória. Esgotado o praso, tôda a Esparta vai para a praça dos desportos, ansiosa por ouvir o grande legislador.

Licurgo apresenta-se precedido de duas gaiolas. Numa gaiola, dois cães. Duas lebres na outra. Diante da multidão, sem nada dizer, o grande legislador tira uma lebre e um cão. Solta a lebre e depois o cão, que a estraçalha num ápice. Solta, a seguir, a outra lebre e o outro cão. Que se vê agora? O cão fraternizar com a lebre, como dois bons amigos, em vez de a estraçalhar.

— Aí está, senhores, porque pedi um praso tão grande, — disse o legislador —. O melhor discurso é o exemplo. Trouxe-vos o exemplo do que pode a educação. Como viram, ela pode aproximar até dois seres instintivamente rivais.

Será que a ciência e a religião sejam mais inimigos do que o cão e a lebre?

Se em casos de competições terrenas tanto pode a educação, ¿o que não poderá ela nos domínios da inteligência e do espírito? Tudo! É pela inteligência que o homem domestica animais fìsicamente superiores a nós. ¿Acreditais que o pudesse fazer pela fôrça bruta? Se os animais tivessem a nossa inteligência e o nosso raciocínio, medindo fôrça física com o homem, seria o cavalo que montaria o homem, seria o boi que levaria o homem ao matadouro, que atrelaria o homem à charrua e ao arado.

LEOPOLDO MACHADO

Bibliografia

CARTILHA DA NATUREZA, trabalho em verso ditado pelo Espírito de Casimiro da Cunha e recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier. Edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira. 1944. 208 páginas.

A mediunidade de Francisco Cândido Xavier, cujas obras vêm sendo veïculadas pela Livraria Editora da Federação Espirita Brasileira, com pleno agrado público, trouxe-nos um livro útil e agradável da autoria do poeta Casimiro Cunha, que já colaborara no «Parnaso de Além-Túmulo», actualmente em 3.ª edição, correcta e aumentada.

Trata-se duma obra simples e enternecedora, como só os verdadeiros poetas sabem escrever. Os motivos aparentemente fúteis em que se baseia o vate brasileiro, há muito desaparecido da cena planetária, servem de base a primorosas lições que nós lemos por vezes comovidos, tais e tão belas são as expressões de suave claridade que nos tocam as cordas sensíveis da alma. É um cento de poesias singelas de dez quadrinhas cada uma que rematam por formoso conceito cheio de beleza moral.

O dia, o sol, o lixo, a semente, o cajado, o milharal, a picareta, o regador, a cangalha, a pedra, a lenha, o estêrco, o açude, a faca, a lagarta, a aranha, a tempestade, o cemitério, etc., tudo isto é profundamente analisado à luz de estranha sensibilidade e através das mais variadas cambiantes.

No fim de contas, «Cartilha da Natureza» bem podia chamar-se a nossa própria cartilha, onde encontramos ensinamentos indispensáveis ao cultivo da *fazenda* com que Deus nos dotou, ao reencarnar.

Lemos êste livro com emoção e suavidade, intraduzíveis no grosseiro léxico a que estamos subordinados. Mas o dôce enlevo que nós sentimos ao ler «A Fazenda», «O Lixo», «A Fachina» e outras poesias de igual quilate, são prova de que muito admiramos o trabalho de Casimiro Cunha, dado à estampa, mercê dessa bondosa alma de Francisco Cândido Xavier, o *médium de Pedro Leopoldo*, como é conhecido no grande e vasto Brasil.

TEATRO ESPIRITUALISTA *(2.ª série)*, por *Leopoldo Machado*. Edição do *Lar de Jesus*, instituïção de amparo à infância e velhice desamparadas, de Nova Iguassu, Estado do Rio. 1943. 194 páginas.

O talento proteiforme de Leopoldo Machado, aliado a grande combatividade e amor à Causa, é uma das coisas mais curiosas que conhecemos. Como êle consegue desdobrar-se, sem quebra de acção e de dinamismo, isso é que ignoramos inteiramente. Escritor, conferencista, dramaturgo, poeta, jornalista, fora das suas ocupações oficiais, no gimnásio que dirige, em Nova Iguassu, Leopoldo Machado é o homem de sete ofícios, desempenhados com admirável relêvo e proficiência, alguns quási ao mesmo tempo, mercê da maleabilidade do seu raro engenho.

Temos aqui a 2.ª série do «Teatro Espiritualista», obra magnífica de moral e propaganda espirita, enviada com amabilíssima dedicatória pelo *Lar de Jesus* e pelo autor. Mas nem por isso a nossa análise deixaria de ser criteriosa e justa, uma vez que não somos personalistas e apenas servimos o Ideal que nos guia há muitos anos.

Pois, virada a última página, podemos dizer que a obra é verdadeiramente espiritualista, dirigida à inteligência e ao coração. Consiste em trabalhos variados — dramatizações, comédias, monólogos, poesias dramáticas —, tudo de fácil encenação.

Lemos a ficámos encantados, tal foi a impressão que nos deixou o livro de Leopoldo. E por vezes — muitas — éramos importunados por lágrimas rebeldes que ao mesmo tempo nos davam consolação. E olhávamos para o lado, furtivamente, não fôsse alguém surpreender a nossa pieguice....

Os três actos de «A Felicidade pode ser dêste mundo...» são admiráveis de observação e de técnica. Abrem a obra e deixam logo o leitor sensibilizado e enternecido. «A Visita de Jesus», mais adiante, adaptação de velho conto, é um mimo espiritual digno de qualquer boa antologia. Trasladá-lo-emos para as colunas de *Estudos Psíquicos*, como gratuito brinde. Também aqui apareceu a lágrima rebelde e teimosa... «O Sonho de Denizette», dramatização em três quadros, é outro mimo igual à «Visita de Jesus». «Desafio de honra», «Ladrão em apuros», e «Tu não morrerás», para só falar dos trabalhos que mais nos fizeram vibrar as cordas da alma e todos em prosa fluente e bem dialogada, são suficientes para esgotar o livro, cujo produto beneficiará o Lar de Jesus, de que brevemente falaremos noutra secção desta revista.

Enfim, continuamos a pensar o mesmo: não sabemos como Leopoldo Machado consegue desdobrar-se, sem quebra de acção, de dinamismo.

É um apóstolo que se entregou completamente à Causa Espirita. E quando está um mês sem aparecer nos jornais e revistas do costume, é contar com novo livro.

¡Que Deus lhe dê saúde e vida para gastar no combate ao materialismo, inimigo n.º 1 da humanidade, e para escrever muitos livros como a 2.ª série do «Teatro Espiritualista»!

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Um caso de desdobramento

O Dr. Paul Gibier relata o seguinte caso de desdobramento, no seu livro «Análise das Coisas», e que o *Reformador* publicou em Janeiro do corrente ano:

M. H. é um jovem alto, louro, de uns trinta anos, filho de pai escossês e mãe russa. É um artista gravador de talento. Seu pai era dotado de faculdades mediúnicas muito poderosas. Sua mãe também era médium. Conquanto nascido em meio espiritista, jamais se ocupara de Espiritismo e nunca sofreu aquilo a que chamou acidente e a cujo respeito veio consultar-me, em princípios de 1887.

Há poucos dias — disse-me êle — entrava eu em casa pelas dez horas da noite, quando, subitamente, se apoderou de mim um sentimento de prostração estranha que eu não compreendia. Decidido, entretanto, a não me deitar imediatamente, acendi a lâmpada e coloquei-a sôbre a mesa de cabeceira, perto do leito. Peguei num charuto, aspirei algumas fumaças e depois estendi-me numa espreguiçadeira.

No momento em que indolentemente me virava de costas para me encostar na almofada da poltrona, senti que os objectos próximos andavam à roda e experimentei uma espécie de atordoamento, um vácuo; depois, achei-me repentinamente transportado ao meio do quarto. Surpreendido por êste deslocamento, do qual não tinha consciência, olhei em torno de mim e meu espanto aumentou mais.

A princípio, *dei comigo estendido no sofá,* suavemente, sem rigidez, apenas tendo a mão esquerda acima de mim, estando o cotovêlo apoiado, e segurava o charuto acêso, cujo lume aparecia na penumbra produzida pelo *abat-jour* da lâmpada. A primeira idéia que tive foi que havia, sem dúvida, adormecido, e experimentava o resultado de um sonho. Entretanto, reconhecia que nunca sentira coisa semelhante e que me parecesse tão intensamente realidade. Direi mais: tinha a impressão de que jamais havia estado tão deveras na realidade. Compreendendo que se não tratava de um sonho, o segundo pensamento que acudiu, de súbito, à minha imaginação foi de haver morrido. E, ao mesmo tempo, lembrei-me de ter ouvido dizer que há Espíritos, e pensei que eu mesmo me tornara Espírito. Tudo quanto podia saber sôbre êste assunto desenrolou-se longamente, mas em menos tempo do que é preciso para lembrá-lo em minha vida interior. Lembro-me perfeitamente de ter sido assaltado, então, por uma espécie de ansiedade e pezar por coisas inacabadas; a minha vida apareceu-me qual uma profissão de fé.

Aproximei-me de mim, ou antes, do meu corpo, ou do que acreditava ser já o meu cadáver. Um espectáculo que não compreendi logo, me atraíu a atenção contemplei-me respirando; porém, vi mais o interior do meu peito, e dentro dêle o coração batia lentamente em débeis palpitações, mas com regularidade. Via meu sangue, de um vermelho de fogo, correndo nas artérias. Nêsse momento compreendi que devia ter tido uma síncope de carácter particular, a menos que as pessoas sob a acção de uma síncope, pensava à parte, se esqueçam de tudo quanto lhes ocôrra durante o desmaio. Então, receei perder a lembrança quando voltasse a mim...

Sentindo-me mais animado, olhei ao redor, preguntando a mim mesmo até quando ia isso durar; depois, não fiz mais caso do meu corpo, *do outro eu,* que continuava a repousar. Via a lâmpada continuando a alumiar silenciosamente, pensei que ela estava muito perto do meu leito e podia incendiar-lhe o cortinado: segurei no botão, isto é, na chave da torcida para apagá-la, porém, ainda aí encontrei motivo de surprêsa! Sentia perfeitamente o botão com a roseta, percebia, por assim dizer, cada uma das suas moléculas, mas, embora desse voltas com os dedos, êstes executavam sòzinhos o movimento, e debalde procurava mover o botão.

Então, examinei-me a mim mesmo e vi que, embora minha mão pudesse passar através do corpo, eu o sentia perfeitamentie, e êle me pareceu vestido de branco, se nêste ponto a memória me não falha. Depois, coloquei-me diante do espêlho, em frente da chaminé. Em vez de ver minha imagem no espêlho, reparei que a vista parecia estender-se sem estôrvo, e apareceram-me, primeiro a parede, depois a parte posterior dos quadros e dos móveis que existiam na casa do vizinho, e, finalmente, o interior do seu quarto. Notei a falta de luz nêsses aposentos, que a vista devassava, e divulguei claramente um raio de claridade que partindo do meu epigastro iluminava os objectos.

Ocorreu-me a idéia de penetrar na casa do vizinho, a quem não conhecia e que estava ausente de Paris naquêle momento. Apenas pensara em vi-

sitar a primeira sala, e imediatamente aí me achei conduzido: como? nada sei; mas julgo que varei a parede tão fàcilmente quanto a vista a penetrava. Logo me encontrei em casa do vizinho, pela primeira vez na minha vida. Examinei os quartos, gravei seu aspecto na memória, dirigi-me a uma biblioteca onde notei com todo o cuidado muitos títulos de obras colocadas sôbre uma prateleira à altura de meus olhos.

Para mudar de lugar, bastava-me querer e, sem esfôrço, achava-me imediatamente onde desejava ir.

Dêsse momento em diante as minhas reminiscências são muito vagas; sei que andei por longe, muito longe, pela Itália, creio, mas não posso contar como empreguei o tempo. Foi como se, não tendo mais acção sôbre mim mesmo, não sendo mais senhor das minhas idéias, andasse transportado de uma a outra parte, carregado para onde meu pensmento se dirigisse. Ainda não tinha recuperado a consciência; o pensamento se me dispersava antes que pudesse apanhá-lo: a dona da casa, naquela ocasião, levava a casa consigo.

O que posso acrescentar, concluíndo, é que acordei às cinco horas da manhã, no meu sofá, rígido, frio, segurando ainda a ponta do charuto entre os dedos. A lâmpada apagara-se, esfumaçando o tubo. Atirei-me à cama sem poder dormir e fui sacudido por um calafrio. Finalmente, conciliei o sono e quando despertei era dia claro.

Por meio de um inocente estratagema, no mesmo dia induzi o porteiro da casa a ir examinar no aposento vizinho se tudo estava em ordem; e subindo com êle, pude encontrar os móveis, os quadros vistos por mim, assim como os títulos dos livros que houvera atentamente observado durante a noite precedente.

Evitei com cuidado falar disso a pessoa alguma, não querendo passar por *maluco* ou *alucinado*...»

Congresso Espirita Mineiro

Apesar das incertezas da hora actual, os espiritas de Minas Gerais não perdem a fé nos destinos da Causa e lançam a idéia dum congresso que, pela maneira como está delineado, transcende as fronteiras do Estado de Minas, estendendo a sua acção a tôda a nação brasileira, onde o Espíritismo conta mais de dez milhões de adeptos.

Achamos conveniente a realização de congressos estaduais ou nacionais, afim de melhor se poderem harmonizar princípios e dar balanço às fôrças existentes.

Bem compreendidos e orientados, os congressos dão estabilidade e vida a qualquer doutrina, estimulando energias latentes e levando os homens a trabalho de conjunto, mais útil e profícuo do que o esfôrço isolado de cada um.

O Espiritismo mineiro tem jus à consideração de todos os confrades sinceros que avaliam a capacidade realizadora de quem sabe impulsionar e prestigiar um movimento cujas directrizes e objectivos merecem o aplauso geral.

Um dêsses objectivos está no reconhecimento do Espiritismo como religião, donde advirão, sem dúvida, as maiores vantagens, visto que deixarão de exercer-se perseguições a médiuns e colectividades que muito trabalho têm dispendido para reivindicar justiça nos tribunais.

Outro objectivo de não menor valor reside na unificação de normas para a prática do Espiritismo. Somos dos que pugnamos pela uniformidade do experimentalismo e por isso ficamos satisfeitos com esta grata notícia. Oxalá o congresso concorde na adopção de normas comuns para a prática da Doutrina, o que será de grande alcance, afim de evitar desaires enfraquecedores.

Cremos que os espiritas mineiros, atenta a sua cultura, aliada a notório bom-senso, saberão dar uma nota elegante de quanto valem e sabem, e as resoluções elevadas só prestígio darão ao Espiritismo, que todos servimos com dedicação e amor.

Para fazerem idéia do que vai ser êste congresso, transcrevemos o seu Regimento, na parte que se relaciona com os objectivos colimados:

Art. 1.º —O Congresso Espirita Mineiro desenvolverá os seus esforços na parte material:

a) pelo enfeixamento no seio da entidade central representativa do Espiritismo em Minas, com sede na Capital, do maior número de centros existentes dentro dos limites geográficos do Estado, pelo sistema filiação;

b) essa filiação, com significado de «apôio mútuo», — «assentimento mútuo» — «cooperação mútua» — deverá, necessàriamente, criar direitos e deveres recíprocos que ficarão claramente fixados no corpo dos Estatutos da entidade central e nos dos centros filiados;

c) adopção geral dum formulário para as sessões públicas, tendente a dar uniformidade e unidade à prática do culto religioso espirita, que seja orientado no sentido das conclusões da Sexta Comissão do Conselho Federativo da Federação Espirita Brasileira, reünido no Rio, de 3 a 8 de Outubro de 1926, constantes da Resenha dos Trabalhos n.º 16, pág. 158, e que, na íntegra, deverão servir de prólogo ao formulário;

d) concluída essa parte essencial, por absolutamente objectiva e de incalculável importância para o Espiritismo-Religião, única forma reconhecida pela Constituïção Brasileira, promover os meios junto às autoridades civis, em vista das garantias constitucionais, de regulamentar o registo de personalidade jurídica dos centros, sòmente através do pedido da entidade central.

Parágrafo único — Tôdas as teses referentes aos

Notas & Comentários

Alcool, sífilis, Espiritismo...

Segundo lemos na *Verdade*, de Recife, Pernambuco, o ilustre psiquiatra Dr. Aníbal Silveira escreveu um artigo na *Fôlha da Manhã*, de S. Paulo, subordinado ao título desta *Nota* e que, decerto, induzia o leitor desprevenido a conclusões opostas às do autor.

Na verdade, é tal o combate que se tem feito à nossa doutrina, que muita gente boa não tem dúvida em irmaná-lo às piores *pestes* do mundo, como a sífilis e o alcool.

Mas o Dr. Aníbal Silveira não é da mesma opinião. Depois de expôr os perigos dêstes dois flagelos sociais e de os responsabilizar pela maior parte das loucuras existentes, diz, êle, que não é espirita:

«Quanto ao Espiritismo, de forma alguma pode considerar-se causa de doenças mentais. Assimilá-lo a factores patológicos, como êsses há pouco mencionados, constitui injustiça que exige reparação. Foi mesmo com o intuito de atraïr a atenção para êsse aspecto particular, que o incluímos no presente comentário. Sentimo-nos inteiramente à vontade para dizê-lo, como psiquiatra militante inteiramente desapegado de qualquer crença sobrenatural.

«Verdade seja que em geral os pugnadores da higiene mental distinguem entre *Espiritismo* e *baixo espiritismo*, certamente reservando esta denominação para práticas feiticistas. Mesmo assim, entretanto, devemos reconhecer que a injustiça persiste. E provém da assimilação de fenómenos patológicos compatíveis com a normalidade psíquica.

«Sem dúvida o mediunismo, encarado objectivamente, sem laivos de interpretações religiosas, consiste em libertação do «automatismo mental», liberação esta passível de treinamento e cultivo. Também é certo que o «automatismo mental» patológico representa o núcleo principal da alucinações ou da formação de delírios que, por sua vez, caracterizam a maioria das doenças da mente. Todavia, entre ambos os grupos de automatismo, vai tanta diferença, quanto entre o sono e o côma, ou entre a maleabilidade muscular do contorcionismo e aquela, devida a lesão do sistema nervoso central.

«Não há negar, igualmente, que inúmeros doentes mentais recorrem aos centros de difusão espirita. Mas êsses lá vão ter por sentirem a desagregação psíquica, no caso patológico ou por fôrça de interpretação religiosa de outrem. De qualquer forma, já se encontravam então com o psiquismo alterado. Nem representa o Espiritismo, necessàriamente, como causa de enfermidades mentais. Mesmo os casos em que a alienação mental se manifesta em praticante de Espiritismo, não autorizam a concluir pela nocividade dêsse credo. Pode o côma sobrevir durante o sono, sem que,

---

pontos referidos, para os pareceres, serão encaminhados à Comissão de Uniformização Material, que deverá ser composta de 5 membros.

Art. 2.º — O Congresso Espirita Mineiro pugnará, na parte doutrinária:

a) pela apresentação de sugestões no sentido de facilitar o estudo básico dos conhecimentos espiritas nos centros filiados, pela escôlha de livros apropriados à média intelectual dos freqüentadores, afim de evitar dificuldades na aquisição da «Biblioteca Mínima», que deverá existir em cada centro.

b) pela adopção de medidas sôbre propaganda permanente da Doutrina, através da imprensa e da rádio.

São êstes, repetimos, os principais objectivos aprovados pela Comissão Promotora do Congresso Espirita Mineiro e que, uma vez aprovados, terão benéfica repercussão no Espiritismo brasileiro, que, infelizmente, carece de uniformidade, principalmente nos Estados sertanejos, onde raro chegam delegados das grandes Federações do litoral.

O Espiritismo tem de ser regulamentado. Deixá-lo à mercê dos mais diversos critérios, a ponto de muitos adeptos estarem em contradição em determinados pontos da doutrina, é enfraquecê-lo e sujeitá-lo a críticas severas.

Já por vezes temos falado na necessidade de unificar métodos de trabalho e de combater certas liberdades de interpretação que, não só impugnam os fundamentos doutrinários, como estabelecem justificadas confusões nos que aportam à nossa filosofia.

Nesta conformidade, sinceramente rejubilamos com a realização dum congresso espirita em Belo Horizonte, enviando aos confrades mineiros os nossos aplausos, com votos de pleno triunfo.

Que os seus fins tenham próxima realização e que, mercê da tenacidade exercida, o Espiritismo reforce ainda mais os seus alicerces.

Noticiário

Transcrições

As revistas brasileiras continuam a fazer transcrições de *Estudos Psíquicos*, o que muito nos apraz reconhecer. Há pouco, foi a *Revista Internacional do Espiritismo* (15-5-944) que transcreveu «Médium que infringe a lei por curar o cancro e outras doenças...», e *A Verdade*, que transcreveu «Hans Andersen descreve a sua desencarnação — A História do Grande Rei» e «Buddha e as Vidas Sucessivas», por J. A. Costa.

Lamentados que *A Verdade*, de Recife, Pernambuco, não tenha mencionado a origem da transcrição do primeiro artigo, limitando-se a dizer: «traduzido de *Psychic News* pelo Dr. Sebastião Elviro Martins. Esperamos que o lapso seja ressalvado oportunamente ou que não volte a repetir-se em futuras transcrições.

«Alma e Sensação»

Por lapso da paginação, não se disse que o artigo «Alma e Sensação», de Deolindo Amorim, publicado no último número, fôra extraído do semanário *Mundo Espirita*, do Rio de Janeiro. O seu, a seu dono.

«O Lar»

Brevemente seremos visitados por mais um arauto, dirigido por Leopoldo Machado, o incansável propagandista que em todo o Brasil espalha a mãos cheias a boa semente do Espiritismo.

O Lar, de que é secretário J. B. Chagas e redactor António Lima, destina-se especialmente às mulheres, aos jovens e às crianças, sem descurar a parte científica da Doutrina e a colaboração literária (conto, novela, teatro e poesia), que ensine e recreie.

A modalidade da nova publicação e as bases em que está assente deixam entrever auspicioso futuro.

Será órgão do *Lar de Jesus*, de Nova Iguassu, e da *Sociedade Difusora dos Livros de Kardec* e publicará na primeira página de cada número reportagem substanciosa e ilustrada de qualquer obra de assistência social espirita.

A princípio, saïrá mensalmente e passará a quinzenal ou a semanal, à medida que aumentar a sua expansão.

Órgão de *aproximação e de acção*, já conta com a colaboração efectiva do Dr. Carlos Imbassahy, Dr. Levindo Melo, Deolindo Amorim, coronel Delfino Ferreira e outros. Será enfim, «o jornal de todos os que saibam escrever e que escrevam dentro do seu programa».

Cá esperamos o seu primeiro número para o saüdar com efusão. Obra de Leopoldo Machado, há-de ser magnífica, pela certa. Ou o fruto se não conhecesse pela árvore...

Atraso da revista

O n.º 11 de *Estudos Psíquicos* saíu atrasadíssimo, embora já estivesse composto em 25 de Agôsto p. p. Fomos inteiramente alheios ao facto e lamentamos o que se deu, que veio prejudicar o ritmo normal da nossa publicação.

Oxalá tudo entre na normalidade, para bem de todos, eis os votos que nos cumpre formular nesta altura do ano, fecho de um novo ciclo percorrido à custa de inúmeros mas bem empregados sacrifícios.

Auxílio ao Centro

Dos confrades abaixo indicados, recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

De João da Silva Gomes, de Malange ...	100$00
De Armando Vieira, de Malange	45$00
De Leonel Gomes Pinto, de Malange.....	20$00
Total.....	165$00

Programa dos trabalhos do Centro em Outubro de 1944.

Dia 8, às 16.00 — Inauguração dos trabalhos do Centro, com uma conferência do Coronel Faure da Rosa, intitulada: «Vidas Sucessivas: As Experiências do Coronel de Rochas». A entrada é pública.

Dia 15, às 16.00 — Sessão experimental.

Dia 22, às 16.00 — Sessão experimental.

Dia 29, às 16.00 — Sessão experimental.

---

por isso, se interprete êste último como causa propiciante daquêle».

Estas opiniões tonificam-nos a inteligência e dão-nos incentivo. Podem uns tantos sábios exibir vaidosamente olímpicos sorrisos do alto de seus nichos bordados a lantejoulas, que não pertubarão a nossa marcha firme, na sementeira das verdades espiritas que tão grande consôlo levam às almas alanceadas.

Estamos convencidos; temos a prova real da nossa convicção. Nada abalará esta atitude, por mais apodos que nos dirijam os sábios que não sabem tudo e que, de Espiritismo, não sabem mesmo nada...

Para tais sábios, chega bem o médico psiquatra Dr. Aníbal Silveira.

Estudos Psíquicos

2.º volume correspondente ao 3.º e 4.º ano, impresso em papel especial, formando um grosso volume de cerca de 400 páginas, encadernado em optima percalina azul

(TIRAGEM REDUZIDA)

À venda nesta redacção ao preço de 70$00

«Considerações sôbre os Ensinamentos de Jesus»

Quereis auxiliar a propaganda?

Adquiri imediatamente êste livro, que Fernando da Cruz Ferreira extraiu das obras do escritor brasileiro VINICIUS e acaba de editar, com prévia autorização, para alterar, resumir ou adaptar o que julgasse conveniente à difusão da Doutrina.

O preço de cada exemplar é de 8$00 escudos, destinados exclusivamente a custear a remessa gratuita de exemplares de «Estudos Psiquicos» a professores, pessoal dos liceus e casas de ensino de Lisboa.

¡Auxiliai a propaganda, adquirindo o livro!

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Espiritualista

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
Obras Póstumas	15$00	21$00
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	3$50	
O Além e a Sobrevivência	3$50	
O Grande Enigma	10$00	
O Porquê da Vida	8$00	
Joana d'Arc Médium	16$00	22$00
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	17$00	23$00
DR. A. LÔBO VILELA		
Hipóteses Metapsíquicas	7$00	
O Problema da Sobrevivência	7$00	
O Destino Humano	14$00	
LEOPOLDO MACHADO		
Pigmeus contra gigantes	10$00	
Doutrina inglória (O problema da natalidade à luz do Espiritismo)	10$00	
BITTENCOURT SAMPAIO		
De Jesus para as Crianças	8$00	13$00
OSVALDO MELO		
Epístolas aos Espiritas	7$50	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos	10$00	16$60
OBRAS DIVERSAS		
Além (O) para todas as inteligências, por *J. L'Homme*	10$00	
Amor, Vida e Evolução, por *Fernando da Cruz Ferreira*	8$00	
Breve História dos «raps», por *Ernesto Bozzano*	3$00	
De Maria para suas filhas	3$00	
Fim (O) do Mundo, por *Camilo Flammarion*	12$00	
Evangelho das Crianças (3.º livro de leitura) por *António Lima*		7$00
Granja (A) do Silêncio, por *Paul Bodier*	10$00	
Metapsíquica (A) e o Espiritismo à luz dos factos, por *Faure da Rosa*	2$50	
Minas de Sincorá, por *Estrelita Junior*	6$50	
No Limiar do Etéreo, por *J. Artur Findlay*	13$00	19$00
Nova (A) Luz, por *Georges Dejean*	12$00	18$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho por *João, o Evangelista*	12$00	
Pela Vitória do espirito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*	35$00	
Psicologia Experimental, pelo *Dr. Paulo Gibier*	3$00	

Nêstes preços não está incluído o porte do correio.

Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e Ilhas Adjacentes.

Para as Colónias e estrangeiro, a remessa é feita contra pagamento adiantado, por meio de vale postal.

AVISO AOS INCAUTOS

Não são espiritas os que exploram a credulidade das pessoas incultas ou fanáticas, exibindo falsas faculdades e recorrendo a artifícios de toda a espécie, para melhor iludir a boa-fé dos incautos.

Não são espiritas os que se entregam à adivinhação pela invocação dos espíritos, porque o Espiritismo não é arte divinatória e por isso os espíritos que se prestam a semelhante papel são, necessàriamente, inferiores (por mais pomposos nomes que apresentem) e o seu convívio só poderá ser prejudicial.

As casas das chamada *mulheres de virtude, cartomantes, bruxas* e de todos os que se dedicam a estas práticas supersticiosas são de infecção espiritual, onde os espíritos inferiores vivem permanentemente e fazem seu campo de manobras.

«Estudos Psíquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas e colónias e no Brasil

Ao Comandante Teixeira com um abraço
do grande admirador e amigo

Lisboa, 6-VII-46

Estudos Psíquicos

Directora

Maria Gonçalves Duarte Santos

4.º VOLUME

1944 a 1945

RUA DO SALITRE, 149; 1.º — LISBOA

Índice das matérias contidas no presente volume

Pág.

N.º 1

Sexto ano, *por I. D. S.* 1
Ocultismo e Espiritismo, (I) *pelo Coronel Faure da Rosa*.. 3
Ciência Universal (I) *por Haydi de Thebelen* 6
A Mudança de Tolstoi, *por Rosabis Camaysar*..... 8
Existe Deus?, *pelo Dr. A. D. Pratas* 9
A Vitalização Cutânea, *pelo Dr. Paulo Carton*..... 10
Conte o seu caso...—Como se tornou espirita? (Depoïmento do *Major Eurico de Castro Zuzarte*)..... 11
Filosofia Neo-espiritualista, *por Ramos Pereira*..... 14
Um caso, *por F. Noronha*..... 16
Estudos Psiquicos de parabens, *pelo Dr. Sebastião Elviro Martins* 17
Os factos entre nós. *Um caso Estranho*... 18
A Ciência e a Fé, *por Jorge Déjean*..... 19
A Obra Social do Espiritismo — O Lar de Jesus, de Nova Iguassú, *por I. D. S.* ... 20
Um sonho de Rudyar Kipling..... 25
O Que nos Espera Após a Morte. *por José G. Losa*..... 26
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos*..... 28
Notas & Comentários, *por I. D. S.* 31
Noticiario.... 31

N.º 2

Paz, *por I. D. S.* 33
Ocultismo e Espiritismo (II) *pelo coronel Faure da Rosa*..... 34
Alimentação completa, *por Bartolomeu Bana Martins*..... 37
O Cérebro e o Pensamento, *pelo Dr. Charles Richet* 39
Filosofia Neo-espiritualista, *por Ramos Pereira.* 40
Conte o seu caso...—Como se tornou espita? (Depoïmento da *professora Gertrudes Marramaqne Silva*)..... 43
Ciência Universal (II) *por Haydi de Thebelen* 46
«A Casa Ensombrada», *por I. D. S.* 49
Um pleito sensacional — O Espiritismo nos Tribunais, *por I. D. S.* 50
Os que nos deixam—Emília Pomar de Sousa Machado, *por I. D. S.*..... 59
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos*..... 60
Notas & Comentários, *por I. D. S.* 62
Noticiário..... 63

N.º 3

Independência, *por I. D. S.* 65
O Espiritismo e os Seus Detractores (I) *por F. Noronha*.. 66
Substituïções, de *Mundo Espirita*..... 69
Ocultismo e Espiritismo (III) *pelo coronel Faure da Rosa*..... 70
Protejamos as Crianças!, *por Manuel de Sousa* 73
Ciência Universal (III) *por Haydi de Thebelen* 74
Natividade de Jesus, *pelo Dr. A. D. Pratas.* 77
Espiritismo — Ciência Suprema (I) *pelo Dr. Inácio Ferreira* 78
Filosofia Neo-espiritualista, *por Ramos Pereira*..... 80
A Justiça do Mestre, *por Pedro Mac Cord.* 83
Amigos de *Estudos Psiquicos* 85
Um pleito sensacional—A Viúva de Humberberto de Campos é condenada nas custas e selos do processo, *por I. D. S.* 86
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos*..... 91
Notas & Comentários, *por I. D. S.* 95
Noticiário..... 95

N.º 4

Fanatismo, *por I. D. S.* 97
O Problema da Desigualdade (I) *pelo Dr. A. Lóbo Vilela.* 98
Ocultismo e Espiritismo (IV) *pelo coronel Faure da Rosa*..... 100
Espiritismo—Ciencia Suprema (II) *pelo Dr. Inácio Ferreira* 103
Ainda Buda e as Vidas Sucessivas, *por J. A. Costa* 104
Falam os Mestres — O Testemunho *de A. Russel Wallace*..... 105

Pág.

O Espiritismo e os Seus Dectratores (II) *por F. Noronha* 107
A Solidão ao Serviço do Espírito, *por António Pinto de Sousa* 109
Conto Espirita — O Dr. Grimal 110
Ciencia Universal (IV) *por Haydi de Thebelen* 112
A Necessidade de Religião, *pelo Dr. Paul Carton* 114
Filosofia Neo-espiritualista, *por Ramos Pereira* 115
Leontina Cabral Hogan (Léo) 118
Conte o seu caso ...—Como se tornou espirita? (Depoïmento do *Dr. Artur Dias Pratas*) 119
O Testamento Espirita de Vitor Hugo 120
Duas Crónicas de Humberto de Campos 121
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 124
Bibliografia, *por I. D. S.* 126
Notas & Comentários, *por I. D. S.* 127
Noticiário 128

N.º 5

Nova Perspectiva, *por I. D. S.* 129
O Probiema da Desigualdade (II) *pelo Dr. A. Lôbo Vilela* 130
Ocultismo e Espiritismo (V) e último — *pelo coronel Faure da Rosa* 133
A lição, por F. W. Sunders 137
O que se escreve e o que se lê — A Vida no Além — O Espiritismo na Grã-Bretanha, *por Ricardo Vilares* (transcrito do *Século Ilustrado*) 138
Espiritismo — Ciencia Suprema (III) *pelo Dr. Inácio Ferreira* 141
Discurso de Jesus sôbre a sua missão, *por Henrique Magalhães* 142
Amigos de *Estudos Psiquicos* 143
Filosofia Neo-espiritualista, *por Ramos Pereira* 144
Falam os Mestres — O Testemunho de Vitorien Sardon 148
Coisas Espantosas, *por Isidoro Duarte Santos* 152
Misticismo e Fanatismo (da *Revista Espirita do Brasil*) 155
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 156
Notas & Comentários, *por I. D. S.* 159
Noticiário 160

N.º 6

Situações Claras, *por I. D. S.* 161
Ciência Universal (V), *por Haydi de Thebelen* 162
¿ A Guerra Será Mal Necessário ?, *por F. Noronha* 164
A Lova Lei (De «A Grande Síntese») 168
As Experiências do Coronel de Rochas (I), *pelo coronel Faure da Rosa* 169
Amigos de *Estudos Psiquicos* 171
Observando, *por Bartolomeu Bana Martins* 172
Filho Pródigo (soneto), *por Maria Veleda* 173
Filosofia Neo-espiritualista, *por Ramos Pereira* 175
Os fins do Espiritismo, *pelo Dr. Sebastião E. Martins* 178
Dar, *por Amado Nervo* 179

Pág.

Espiritismo — Ciência Suprema, (IV), *pelo Dr. Inácio Ferreira* 180
Na pista dum criminoso — Jack-o-Estripador, *por Isidoro Duarte Santos* 181
A Lenda das Pedras, *pelo Dr. Paul Gibier* 184
O Amor Tudo Vence (I), *por Angelo Costa Cabral* 185
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 188
Notas & Comentários, *por I. D. S.* 191
Noticiário 192

N.º 7

Acalmia, *por I. D. S.* 193
Ciência Universal (VI), *Haydi de Thebelen* 194
Um Sonho Profético, *por H. Sienkiewiez* 197
A Visão de Nellie Melba 198
Onde Está Deus ?, *pelo coronel J. A. Costa* 199
Um caso de premonição, *por Eurico Zuzarte* 201
As Experiências do Coronel de Rochas (II), *pelo coronel Faure da Rosa* 202
E' preciso nascer de novo, *por Lermontov* 204
Espiritualidade Avançada, *por Fiat Lux* 205
O Calita e o Sábio 206
Filosofia Neo-espiritualista, *por Ramos Pereira* 207
Dr.ª Amélia Cardia, *por I. D. S.* 209
Plantas Caçadoras e Pescadoras 210
A Lei do Sinai, *por F. Noronha* 212
Estudos Psiquicos e os leitores 214
Conte o seu caso... — Como se tornou espírita ? (Depoïmento de *Manuel Joaquim Diogo*) 215
O Amor Tudo Vence (II), *por A. Costa Cabral* 216
Uma cura esquisita 218
Bibliografia, *por I. D. S.* 219
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 220
Facto convincente 222
Notas & Comentários, *por I. D. S.* 223
Noticiário 224

N.º 8

Acção, *por I. D. S.* 225
Sobrevivência, *por F. Noronha* 226
Desdobramentos, *por Maria E Gândara Viana* 230
Morta fotografada no túmulo 231
As Experiências do Coronel de Rochas (III), *pelo coronel Faure da Rosa* 232
Fenómeno Sensacional — Extraordinária operação de apendicite feita por um Espírito materializado em Pindamonhangaba, S. Paulo, *por I. D. S.* 235
Conte o seu caso. . Como se tornou espirita ? (Depoïmento de *Maria Veleda*) 244
Uma Carta do Brasil (De Deolindo Amorim) 246
E Agora... Para a Frente, *por Alfredo dos Santos* 247
Os Polos da Vida (De *O Lar*, de Nova Iguassú) 248
Minha mulher não se convence nem com provas, *por Bartolomeu Bana Martins* 249
Á Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* 250
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 253

Pág.

Notas & Comentários, *por I. D. S.* 255
Noticiário 256

N.º 9

Congressos, *por I. D. S.* 257
Cântico à Velhice, *pelo Dr. A. D. Pratas* 258
Dinheiro, arma de dois gumes, *por Henrique Magalhães* 261
Nas Sombras do Mundo, *por António Pinto de Sousa* 263
Um Caso de Cura, *por Haydi de Thebelen* 264
As Experiências do Coronel de Rochas (IV e último), *pelo coronel Faure da Rosa* 266
Vitor Hugo e a Imortalidade, *por C. Flammarion* 267
Filosofia Neo-espiritualista, *por Ramos Pereira* 269
Boa Vontade (De *O Nosso Guia*, do Rio de Janeiro) 271
Espiritismo — Ciencia Suprema, *pelo Dr. Inácio Ferreira* 272
Fenómeno Sensacional — Ainda a operação de apendicite realizada em Pindamonhangaba, *por I. D. S.* 273
Á Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* 283
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 284
Notas & Comentários, *por I. D. S.* 287
Noticiário 288

N.º 10

Médiums, *por I. D. S.* 289
A Idéia Reencarnacionista, *pelo coronel Faure da Rosa* 290
Conto Infantil, *por P. A.* 293
Homem, tu morres?! . . Não morres?! .., *por F. de Noronha* 294
Amigos de *Estudos Psíquicos* 297
A Crise da Verdade, *pelo Dr. Luiz M. di Cristóforo* 298
No Mundo Sobrenatural — ¿Poderão os chamados fenómenos espiritas ser explicados pela «quarta dimensão» ou pela existência de um «sexto sentido»?, *por J. Leomar Falcão* 299
Nova Concepção de Vida, *por Haydi de Thebelen* 302
Falam os Mestres — Como divulgar o Espiritismo?, *por Quintin López Gómez* 304
Filosofia Neo-espiritualista, *por Ramos Pereira* 306
Espiritismo — Ciência Suprema (VI e último), *pelo Dr. Inácio Ferreira* 310
A Missão de Jesus (I), *por Fernando da Cruz Ferreira* 311
O Amor tudo Vence (III), *por A. Costa Cabral* 312
Conte o seu caso... — Como se tornou espirita? (Depoimento do *coronel J. A. Costa*) 315
A' Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* 317

Pág.

Notas & Comentários, *por I. D. S.* 319
Noticiário 320

N.º 11

Cavalgada, *por I. D. S.* 321
Crença, Descrença, *por F. Noronha* 322
Um caso de premonição em Portalegre, *por J. A. Costa* 325
A Morte, Indústria dos Vivos, *pelo coronel Faure da Rosa* 326
A Vida e o Humanismo Filosófico, *pelo Dr. Luiz M. di Cristóforo* 329
Nova Operação de Apendicite Realizada por um Espírito 331
Filosofia Neo-espiritualista, *por Ramos Pereira* 333
O Valor da Amizade, *por Lucinda Barata da Cruz* 335
Os factos entre nós — Dois Fenómenos Interessantes, *por Henrique da Silva Horta* 337
O Camponês Russo, *por Leão Tolstoi* 339
No mesmo Caminho, *pelo capitão Alfredo dos Santos* 340
A Missão de Jesus (II) *por Fernando da Cruz Ferreira* 341
Evolucionando... *por Bartolomeu Bana Martins* 343
Conte o seu caso ...—Como se tornou espirita? (Depoimento de *António Rodrigues Alves*) 345
A' Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* 347
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 348
Notas & Comentários, por I. D. S. 351
Noticiário 352

N.º 12

Triunfo, *por I. D. S.* 353
As Experiencias do Dr. Leonardo Coimbra, *pelo coronel Faure da Rosa* 354
Síntese Cósmica, (De «A Grande Síntese») 359
A Importância da Fé e do Ideal, *por Armando de Faria* 360
Evolucionando... (II) *por Bartolomeu Bana Martins* 361
«Resumo da Doutrina Espirita» 364
A Missão de Jesus (III) *por Fernando da Cruz Ferreira* 365
As Duas Fôrças, *por Icléa* 366
A Volta do Espírito de Oliver Lodge 367
A Prece de Voltaire 372
Sonhos do Passado, Realidades do Presente e Surpresas do Futuro, pelo Dr. A. D. Pratas 373
A' Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* 378
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 380
Amigos de *Estudos Psíquicos* 382
Notas & Comentários, *por I. D. S.* 383
Noticiário 384

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

ANO 6.º | LISBOA, NOVEMBRO DE 1944 | N.º 1

Propriedade de Isidoro Duarte Santos | Direcção e Edição de Maria Gonçalves Duarte Santos | Redacção e Administração — Rua do Salitre, 149, 1.º

Composto e impresso na Tipografia SILVAS Lda. — Rua de D. Pedro V, 120 — LISBOA

SEXTO ANO

O presente número abre-nos as portas do sexto ano de trabalhos e de lutas ao serviço duma doutrina. Mas, contra os hábitos adquiridos, não queremos reviver o passado, que pertence à História das realidades indestrutíveis. Queremos, antes, olhar para o futuro com a experiência adquirida no labor diário, na afanosa emprêsa de consolidar a obra e de a tornar mais bela, mais útil e mais forte, procurando-lhe novos obreiros para amanho da cultura.

Não é bom descansar à sombra de louros conquistados, porque a vida é movimento, é acção contínua. ¡Ai daqueles que estacionam indecisos e afadigados, à espera do que há-de vir! O futuro pertence aos audaciosos, aos que vivem e trabalham por idéias meritórias e não recuam ante os maiores obstáculos.

«Estudos Psíquicos» tem aproveitado o tempo e o espaço na divulgação e defesa do Espiritismo. Mercê da atitude, da elevação com que trata os assuntos, do critério usado na escôlha dos têmas e na selecção das notícias, recebe muitos aplausos de confrades e simpatizantes que residem nas mais variadas latitudes da província, das colónias e do estrangeiro, sempre ansiosos pelo seu conselho. Convive com o leitor, através de numerosa correspondência que possui em seus arquivos, nunca deixando carta sem resposta.

Tem amigos dilectos que a estimam e auxiliam como podem e que muito folgariam se a vissem quinzenal, embora para isso fôssem obrigados a recorrer a sacrifícios de grande monta.

Nestas circunstâncias, é natural que o sexto ano em que hoje entramos seja de alegria para todos: direcção, redacção, colaboradores e leitores, e que nos traga novos elementos de trabalho integrados na orientação seguida.

* * *

O intercâmbio espirita luso-brasileiro, pelo qual temos pugnado sempre, continuará a animar-nos. Assim, estamos a preparar elementos para nova secção que consistirá numa série de biografias intituladas «Vultos do Espiritismo», em que o Brasil se fará representar condignamente.

Além disso, trasladaremos para as nossas colunas o que de melhor fôr publicado nas revistas e jornais brasileiros, desde Pernambuco ao Rio Grande do Sul. À simpatia com que «Estudos Psíquicos» é acolhida na grande república irmã, saberemos corresponder inteiramente, dando o maior realce à obra doutrinária e social realizada pelos confrades de Além-Atlântico e que abrange todos os sectores da actividade humana.

O Brasil é o prolongamento material e espiritual da Lusitânia. Os seus anseios são os nossos anseios. Povo irmão oriundo do mesmo tronco rácico, temperado ao calor da aventura secular, não admira que lhe queiramos como se vivesse dentro de nossas próprias fronteiras. «Estudos Psíquicos» será, pois, o reflexo mais ou menos aproximado

do movimento espirita brasileiro, em permanente vigilância, para que nenhum acontecimento passe em claro sem merecido comentário ou justa consagração. O que fizermos nêste sentido terá como objectivo agradecer a preferência de quem nos tem distinguido entre muitas publicações.

* * *

A função duma revista não consiste apenas em vulgarizar doutrina, publicando artigos e artigos, monotonamente enfileirados. O adepto deseja mais alguma coisa, pois tudo isso encontra êle nas obras fundamentais do Espiritismo e noutras que as editoras espalham aos quatro ventos. Além de vulgarizar, é indispensável noticiar e relatar o que vai pelo mundo, apoiado na fotografia, de maneira que nenhum acontecimento deixe de ser arquivado, analisado e comentado, com elevação, arte e bom gôsto. E o aspecto gráfico é outro factor que deve merecer atenção.

Por assim entendermos é que não deixaremos de acompanhar o progresso gráfico e jornalístico nalgumas modalidades que nos interessem e que se compadeçam com as nossas condições financeiras. Se tivéssemos outros meios, outra seria a revista, no seu conteúdo e no seu aspecto. Mas tudo depende da expansão que ela venha a ter no mundo espirita e do apôio moral e material que os confrades lhe dispensarem, principalmente angariando assinaturas, levando os amigos, mesmo por curiosidade, a conhecer esta obra. Depois disso, muitos se convencerão, passando a mourejar no nosso sector e a alimentar os nossos órgãos de propaganda.

* * *

«Estudos Psíquicos» tem uma aspiração natural: ser órgão independente ao serviço do Espiritismo. Nada mais deseja do que isto, que se resume em servir, o melhor que saiba e possa, tôdas as agremiações dignas de auxílio, sem tomar partido por nenhuma; enaltecer as obras úteis e não deixar sem reparo tudo o que desprestigie a Doutrina ou concorra para a sua desagregação.

Nada de retaliações ou de quisílias. Viver com todos, animar todos, pugnar pela harmonia entre todos, eis o lema que nos guia.

Queremos imprimir cada vez mais energia ao nosso apostolado, olhos postos na divisa de Kardec: Trabalho, Solidariedade, Tolerância. A sinceridade e a lealdade devem ser os pilares da nossa propaganda.

Dar um passo fora destas normas, vendo apenas o interêsse próprio ou a vaidade satisfeita, é anti-Espiritismo puro que não está nos desígnios desta revista.

* * *

Sabem o que nos anima neste sexto ano de esforços.

Conseguiremos o objectivo? Só o tempo, com suas contingências, o poderá dizer, seguramente.

Não se realiza o que se quere, mas o que está ao alcance do nosso trabalho.

Procuramos ser «dignos do salário», carreando pedras para o edifício comum. Todavia, os desígnios divinos são incognoscíveis, estão para além das previsões humanas.

Não há dúvida de que o Espiritismo evolucionista merece o apôio dos bons adeptos. Êle é fonte das maiores alegrias espirituais pelos ensinamentos que ministra àcêrca da vida e da morte, da preexistência e da sobrevivência. Bastava que provasse a continuïdade da vida para além da campa. Já era motivo para o divulgarmos com entusiasmo, certos de que algum benefício trazia à humanidade.

* * *

Agora, mãos à obra, no sentido de fazer mais e melhor, em contínuo progresso, aurindo fôrças e descobrindo vontades. O apostolado não pode, nem deve amortecer.

Aproveitemos a oportunidade de lançar à terra novas sementes, certos de que germinarão e crescerão em ambiente mais propício.

Se é necessário utilizar a época presente, no que tem de elevado e meritório, não é menos necessário preparar o futuro, de modo que se não percam os esforços realizados à custa de grandes sacrifícios.

A hora actual não permite rigorosas previsões, tantas e tão variadas são as surprêsas que surgem a cada passo. Contudo, esperamos enfrentar o que vier após a guerra que ensangüenta o mundo.

Vamos entrar no segundo lustro de existência, sob os auspícios do Alto, que jamais deixou de nos bafejar com seus conselhos, e rodeados de simpatia, que nos dispensam colaboradores e leitores.

¿Que marco deixaremos no final da jornada?

N/44

OCULTISMO E ESPIRITISMO

pelo coronel Faure da Rosa

I

O *Ocultismo,* ou antes, as chamadas «Ciências Ocultas», abrangiam a *astrologia,* a *alquimia,* a *necromância,* a *magia,* o *profetismo,* a *quiromância,* a *cartomância* e a *cabala.*

Para se fazer uma idéia das afinidades que tais ciências possam ter com o Espiritismo, torna-se necessário definir o objectivo de cada uma delas.

Definições

A *astrologia* prediz os acontecimentos por meio da inspecção dos astros. Às observações dos astros ajuntaram os Caldeus noções conjecturais relativas à sua influência no mundo terrestre, especialmente nos seres vivos. Daí derivou a *astrologia judiciária* fundada no princípio de que no momento em que a criança nasce ela sofre a influência misteriosa dos astros. Para saber o passado e o futuro dum homem ou duma mulher é preciso estabelecer o *tema da sua natividade;* quere dizer, é preciso reconstituir o estado do Céu no momento do nascimento da criança.

Oriunda da Caldeia, a astrologia entrou no Egito, na Grécia, na Itália e, mais tarde, em tôda a Europa ocidental. A astrologia, perseguida na Idade Média, veio a ter grande prestígio no século XVI, época em que atingiu o apogeu.

A *alquimia* é a química da Idade Média. Os alquimistas, nas suas pesquisas, procuravam um meio de multiplicar o ouro com o auxílio da pedra filosofal, isto é, da pedra que, segundo êles, devia operar a transmutação dos metais em ouro. As principais noções alquímicas e muitas das descobertas da química actual, devem-se aos árabes, como se lhes deve o aperfeiçoamento da destilação e do alambique, a preparação da água-forte, da água-régia, do óleo de vitríolo, da água-ardente, da pedra-infernal e do sublimado corrosivo.

A *necromância* pretendia conhecer o futuro por intermédio dos mortos, ou melhor dos espíritos desencarnados. A maior parte dos povos antigos acreditava, senão na imortalidade da alma, pelo menos na existência do «duplo» ou «sombra». Isto significa que os necromantes acreditavam numa efigie, numa matéria impalpável que o defunto deixava nêste mundo e que andava errante em redor do seu túmulo, ou em vários sítios do espaço, desde que os sobreviventes terráqueos descurassem o que lhe era devido. A necromância foi muito usada pelos gregos. Os antigos judeus também a praticaram. Na Idade Média os necromantes tiveram um papel importante.

A *magia* pretendia produzir efeitos contrários às leis da natureza. Havia a *magia negra* e a *magia branca:* a «negra» socorria-se de espíritos maléficos, ao passo que a «branca» evocava os espíritos benéficos com o auxílio dos quais produzia maravilhas. A magia foi muito honrada no antigo Egito. Os magos — que eram sacerdotes da religião de Zoroastro — cultivavam, sobretudo, a astronomia, a astrologia e outras ciências ocultas. Atribuíam aos magos um poder sobrenatural. O ocultismo é tão velho como o mundo; pelo menos assim se deduz dos talismãs de pedra e de ôsso descobertos nas grutas pré-históricas. Os ocultistas exerceram notável influência nos papas e nos reis, influência que, no decorrer dos séculos, se estendeu a tôda a humanidade.

Voltaire dizia: «a magia é o segrêdo de fazer aquilo que a natureza não pode fazer». É uma frase que, para nós, só pode ter o valor duma sátira, que as leis naturais são leis de Deus, eternas e imutáveis.

Certo é, que, então, se atribuía à magia o poder de converter o chumbo em ouro, de ressuscitar os mortos, de conversar com os deuses... e outras mirabolâncias semelhantes. Mas, não é menos certo que, outrora, a religião estava intimamente ligada à magia e tinha com ela uma origem comum: a necessidade humana de acreditar numa fôrça superior e invisível e a ambição de utilizar êsse

poder em fins temporais. O homem pedia aos deuses, por palavras e gestos rituais, a realização de certos actos que eram ùnicamente do domínio temporal.

O grande feito histórico do cristianismo orientou a religião para um ideal que já não era da terra, e a divindade não mais foi impetrada ou ordenada para intervir na vida terrena de cada dia.

As graças temporais, a princípio, deixaram de ser incluídas nas preces, porque o ideal cristão é o aperfeiçoamento da alma, aperfeiçoamento necessário para que seja possível conhecer Deus na vida futura.

Se, por virtude de sobrevivência de práticas antigas, ou simplesmente pela tendência humanamente eterna, os viventes nêste mundo de misérias pedem à divindade graças temporais, — há quem lhes peça até o número da sorte grande — fazem-no sem recorrer a qualquer rito e aceitam, antecipadamente, com resignação cristã, não serem atendidos. Assim desapareceu o formalismo antigo das religiões que atribuía aos gestos e às palavras um poder seguro; o poder de coagir os deuses e até de os castigar. Mas a sobrevivência de práticas mágicas usadas nas religiões antigas aparece nas superstições que ainda conservam as crenças mais ortodoxas.

Sòmente por desconhecimento completo das leis da natureza é que se podia dizer — sem ironia — que a «magia é o segrêdo de fazer aquilo que a natureza não pode fazer». Com o rodar dos tempos as leis da natureza tornaram-se mais conhecidas, pode até dizer-se que, dia a dia, se vão conhecendo melhor.

Enquanto a epilepsia foi desconhecida, os epiléticos eram tidos por endemoninhados e condenados à fogueira em vida. Hoje os fenómenos provocados pelo hipnotismo, pela sugestão, pela radiestesia, pelas curas psíquicas ou espiritas, entraram já no domínio da ciência, embora isto custe aos negativistas.

O *Profetismo,* como a denominação indica, era um sistema religioso fundado nas predições dos profetas alcançadas por inspiração divina. Foi com Samuel que começou o ministério profético. Os hebreus também chamavam «profetas» aos homens zelosos que se exercitavam na prática da mortificação e de tôdas as virtudes. Costumam dividi-los em 2 grupos: quatro grandes profetas: Isaïas, Jeremias, Ezequiel e Daniel; e doze pequenos profetas: Óscar, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéas, Naum, Habacuque, Sofonias, Aggeo, Zacarias e Malaquias.

A *quiromância,* etimològicamente significa a arte de adivinhar, de predizer pela análise da mão.

A quiromância, hoje em descrédito, foi praticada por tôdas as nações da antiguidade: egípcios, caldeus, assírios, hebreus, gregos e romanos. Na Idade Média foi honrada.

A sua maior voga data do século XVI e do comêço do XVII. O quiromante examina, de preferência, a mão esquerda, menos deformada que a direita, e aí estuda as 4 grandes linhas: a da *vida,* a da *cabeça,* a do *coração* e a da *fortuna* ou da *sorte,* as quais formam uma espécie de M. Estuda ainda montículos que se encontram na raíz dos dedos, etc.

A *cartomância* é a arte de adivinhar o futuro pelo exame das combinações obtidas com as cartas de jogar. Esta arte ainda hoje tem partidários.

Finalmente, a *cabala,* como a *necromância,* procurava comunicar com os espíritos desencarnados. Entre os judeus, *cabala* significava a interpretação misteriosa da Bíblia; a sua influência exerceu-se não só no judaísmo, mas também no espírito humano, em geral.

Por fim, a *cabala* veio a transformar-se em *magia* e em *teürgia,* que é uma variante da *magia.*

Cabala, entre nós, tem o significado de «conluio ou intriga secreta» — como *mágico* significa hipócrita ou lunático.

O maravilhoso entre os egípcios

A pesquisa do desconhecido é o princípio da actividade do espírito, é o que dá ao homem a sua razão de ser.

Os egípcios tinham uma crença metafísica que constituía a base de tôda a magia: é a famosa teoria do «bá» e do «cá». A alma, «bá», era representada por um gavião com cabeça humana. Separava-se do corpo por ocasião da morte terrestre e emigrava para o outro mundo, onde irá viver sob o domínio privativo do deus a que fôra votada. No túmulo, depois da morte, o duplo, ou «cá», vivia uma vida mágica no meio dos objectos familiares ou da sua representação gravada em pedra, esculpida em madeira ou em faiança. Estas imagens viviam a mesma vida mágica.

O «cá» era a forma fluídica do corpo físico que, durante a vida terrestre, vive na carne e acompanha o seu desenvolvimento natural, porque o duplo nasce e cresce com o corpo humano. O «cá» vem a ser o perispírito, dos espiritas.

No momento da morte, o «cá», despren-

dendo-se do corpo, tornava-se um fantasma que mantinha a sua consciência, mas separada dos seus elementos divinos — a alma e o espírito — que tinham alcançado as regiões celestes. Esta circunstância, segundo os egípcios, de modo nenhum impedia a alma de vir unir-se ao seu «cá» durante as cerimónias mágicas de evocação, afim de instruir os sacerdotes àcêrca das coisas do Além. O «cá» desempenhava então o papel de médium. Se dermos crédito aos documentos egípcios, temos de acreditar que muitas vezes a côrte do monarca e até o povo inteiro foram testemunhas maravilhadas das manifestações divinas, das assombrosas relações entre os sacerdotes e os deuses.

No tempo da raínha Hatshepsout, durante uma cerimónia, a estátua de Amon desceu do seu pedestal, percorreu a sala e foi parar diante de um homem môço que, mais tarde, veio a ser Touthmosis III.

Outro caso: a vítima dum roubo dirigiu-se à mesma estátua afim de descobrir o ladrão. Durante uma procissão a estátua indicou, com um gesto da cabeça, o esconderijo do bandido, onde foi encontrado, também, o objecto roubado.

Mas há prodígio maior: um operário questionava com um vizinho sôbre a propriedade de uma casa. A certa altura dirige-se à estátua do deus e exclama: «Vem em meu auxílio, tu, meu grande Sol!» E a estátua resolveu o conflito movendo a cabeça a favor do seu invocador.

O exemplo mais recente e mais célebre de estátuas falantes data do ano 332 antes de J. C. e tem por herói Alexandre, *o grande*. No oásis de Sirva havia um oráculo de Amon de reputada fama em todo o Oriente e até na Grécia. Alexandre, que vencera o Egito e se fizera elevar à dignidade de faraó sob o nome de Merviauron Aleksandrés, decidiu-se a fazer uma peregrinação para interrogar o deus àcêrca do seu destino. Amon costumava responder por escrito, mas desta vez, certamente atendendo à categoria da pessoa que o interrogava, dignou-se falar.

— ¿Concedes-me a posse do mundo inteiro? — preguntou o grande capitão. Ao que o deus teria respondido afirmativamente.

— ¿Como pôde o assassino de meu pai escapar à minha vingança? — tornou a preguntar Alexandre.

— Não blasfemes — respondeu o deus —. Nenhum mortal pode nada contra teu pai.

Para compreender a resposta do deus, é preciso lembrar que só os descendentes dos faraós, isto é, a linha dos deuses, podiam subir ao trono do Egito. Contava-se que Alexandre, filho putativo de Filipe era, na realidade, filho de Nectanebo, o faraó destronado. Nectanebo tê-lo-ia engendrado dando um filtro a Olímpias — mulher de Filipe — o que lhe permitiu meter-se na cama dela sob a forma de serpente. Dêste modo, Alexandre seria filho dum faraó, portanto dum deus que nada tinha a recear dos mortais. O oráculo de Amon confirmava, assim, a lenda.

Cépticos como são quási todos os egiptólogos, explicam o fenómeno das estátuas falantes pelos embustes de sacerdotes ventríloquos ou urdidores de tramas.

Os esotéricos, pelo contrário, pretendem que ali há, pelo menos em certos casos, fenómenos de carácter mediúnico, embora não digam de que médium se serviam as estátuas.

Já Plutarco dizia (*Iris* e *Osiris)* que «as esfinges que os egípcios colocaram nos seus templos significam que a ciência da sua doutrina sagrada é enigmática...»

Os estudiosos das pirâmides — os «piramidologistas» — pretendem que a Grande Pirâmide (a de Chêops construída cêrca de 3 mil anos antes J. C.) foi destinada a guardar uma mensagem com as datas em que o mundo conheceria grandes perturbações. A maneira por que estão ordenadas as «passagens» indicariam essas datas e perturbações. Assim, essa pedra falante teria anunciado:

1.º O advento do Cristo; 2.º a sua morte; 3.º a guerra de 1914; 4.º a paz de 1918 a 1928; 5.º a crise económica de 1928 a 1936; 6.º um período de agitações de 1936 a 1953... Parece que não anunciou a guerra catastrófica que assola o mundo inteiro desde 1939... sim, porque querer incluir esta guerra na lista das prenunciadas «agitações»... é duma modéstia singular!

Por seu lado, o abade Moreaux — cientista de renome — sustenta que a Grande Pirâmide revela a superfície da Terra, a distância do sol e tôdas as noções da cosmografia moderna.

¡ Feliz daquêle que leva em si um deus, um ideal de beleza, que lhe serve de guia; ideal de arte, ideal de ciência, ideal da pátria, ideal das virtudes evangélicas! Eis aí as fontes vivas dos grandes pensamentos e das grandes acções. Em todos se reflete, iluminando-as, a luz do infinito.

PASTEUR

Ciência Universal

por Haydi de Thebelen

O Espiritismo não tem culto, nem dogma, nem ortodoxia. A livre discussão constitui a sua fôrça soberana.

GABRIEL DELANNE

I

VENHO juntar o meu brado ao que fêz, em *Estudos Psíquicos* de Novembro de 1943, o nosso prezado confrade sr. Capitão J. G. Losa, recortando do seu judicioso artigo esta pequena passagem:

«Não deve nunca uma sociedade agredir outra, uma ideologia atacar outra ideologia, uma religião atacar outra religião».

Referindo-se aos detractores do Espiritismo, Gabriel Delanne, o insigne apóstolo da doutrina kardecista, escreveu em 1910, na Introdução do seu interessante livro «Recherches sur la Mediumnité»:

«¿O que é o Espiritismo? Para os sábios, uma superstição popular; para os sacerdotes católicos ou protestantes, uma prática demoníaca; e para os espiritas, a demonstração experimental da existência da alma e da sua imortalidade».

Gabriel Delanne, nesta Introdução, omitiu os teósofos. ¿Que pensam estes nossos irmãos a respeito do Espiritismo? Triste é verificá-lo: para êles, esta doutrina é, nem mais nem menos, — uma fonte impura, — motivo porque há quem afirme a existência de superioridade da teosofia sôbre o Espiritismo.

As bases da Teosofia

Pela segunda vez, vou ocupar-me dêste assunto, levada pelo desejo da análise.

É sabido que a palavra Teosofia é a tradução exacta do têrmo sânscrito *Brahavidya*, e composto de duas palavras: *Theos* (Deus) e *Sophia* (sabedoria).

Começou a ser usada no terceiro século depois de J. Cristo, em Alexandria, pelo filósofo grego Jâmblico, que queria designar com êle o conhecimento interno respeitante às coisas de Deus e que eram ensinadas nos Mistérios Gregos.

Nos Mistérios da Antiguidade, como já tive ocasião de referir, *a filosofia que depois passou a designar-se por Teosofia era praticada juntamente com o Espiritismo.*

A ciência, evoluíndo, deu ocasião, como também já mencionei numa das minhas palestras, à divisão dos seus vários ramos, entre êles estas duas doutrinas, que, afirmo mais uma vez, estão ìntimamente ligadas, partindo do princípio da Ciência Una.

A Sociedade Teosófica apresenta estes três princípios fundamentais:

1.º — Formar um núcleo de fraternidade universal, sem distinção de raças, sexos, crenças, nacionalidades, côr ou classe social.

2.º — Promover o estudo comparativo das religiões, filosofias e ciências.

3.º — Investigar as leis inexplicadas da natureza e o dinamismo psicológico do homem.

¿Quem ousará dizer que estes três pontos não estão dentro da doutrina espirita?

¿Quem encontrará divergência com as bases estabelecidas por Allan Kardec?

¿E quem negará que a essência destas duas doutrinas não é a verdadeira expressão do cristianismo?

¿Porque motivo se afirma que na Convenção Teosófica de 1925 «tôdas as religiões estavam representadas» e que a Sociedade Teosófica pussui representantes de tôdas as grandes religiões, como o hinduísmo, a mais antiga das religiões arianas? Depois vem o Jainismo, o Zoroastrismo, a religião hebraica, o Budismo, o Cristianismo e o Sikismo».

¿Quais as razões porque a Teosofia não cita o Espiritismo?

Respondem os próprios mentores teosóficos, cujas autorizadas opiniões mais adiante transcrevo, elucidando-nos claramente porque consideram o Espiritismo prejudicial.

Espiritismo para analfabetos?

Já apreciámos os princípios estabelecidos no programa da Sociedade Teosófica — ou Teosofia — como geralmente é designada.

Como sabemos, o Espiritismo e a Teosofia eram praticados nos Mistérios da Antiguidade, e, se o Alto enviou à Terra os elementos para fundar estes ramos, à luz dos tempos modernos, na segunda metade do século dezanove, não foi, decerto, para que se degladiassem, faltando, assim, ao primeiro princípio nêles estabelecido, a Fraternidade Universal.

Contudo, estas doutrinas, ambas encarregadas de nobres missões, têm caminhado separadas, quando, pela sua essência e origem esotérica, deviam seguir de mãos dadas no caminho da propaganda espiritualista, com o que decerto muito teria lucrado a humanidade. ¿Onde está o erro? É o que vamos ver, nas transcrições que passo a fazer das opiniões dos mentores da Teosofia e expressas nas melhores obras que constituem a chamada Filosofia Teosófica e que tem corrido mundo — com profunda mágoa o digo — semeando o desprestígio do Espiritismo e, conseqüentemente, a discórdia.

Ingressei na Sociedade Teosófica de França em 1922, e, quando, em 1942, na minha palestra «Espiritualismo e Teosofia», fiz pùblicamente a minha profissão de fé espirita, expressamente chamei a atenção dos teósofos para erros a emendar, oferecendo ao mesmo tempo o desejo dos espiritas para uma boa e mútua colaboração.

Infelizmente, só condolências recebi, pois os nossos irmãos teósofos consideram o Espiritismo apenas útil para analfabetos ou almas atrasadas. Nessa palestra manifestei a minha grande surprêsa pela maneira como a fundadora da Sociedade Teosófica, M.me Blawatsky, se referiu à mediunidade — pedra-basilar do Espiritismo. Acentuei êsse facto, porquanto é bem sabido que M.me Blawatsky *também mediou*. Foi através das suas qualidades psíquicas que ela escreveu «A Doutrina Secreta» e que recebeu ordem de fundar a Sociedade Teosófica.

A opinião dos teósofos

Vejamos os motivos que levam os teósofos a conservarem-se encerrados na sua tôrre de marfim, donde nos olham com o seu habitual desdém e compaixão... por bebermos em fontes impuras...

Vejamos atentamente os motivos porque os teósofos desdenham do Espiritismo.

A êste respeito, Sinnett, um dos mentores da Teosofia, escreveu no seu livro «Budismo Esotérico», pág. 147:

«...e muitas vezes o corpo de desejos abandonado, já morto, que galvanizado pelo médium se comunica».

Na pág. 151: «...que são os foliões elementais que realizam os fenómenos físicos das sessões espiritas».

Pág. 156: «...*a comunicação pelo médium é uma fonte impura*» e que «...certos elementais podem, nas sessões espiritas, comunicar com grandes resultados, mas pagam isso muito caro».

De «A Vida Depois da Morte do Corpo Físico», a págs. 166, 167, 168 e 170:

«...que a ciência do espiritismo tem fornecido a êsse respeito grande abundância de factos, teorias e inferências que parecem atingir os últimos limites das hipóteses e não há nada senão a sã disciplina mental dos estudos esotéricos».

Que «os mestres teosóficos reprovam as comunicações por meio das sessões espiritas, porque, *quanto mais reais elas são,* mais prejudicam os habitantes do Kama-Loka (1) com os quais elas se realizam».

Acontece assim quando se trata dum médium espirita; mas se êle pertence às hostes teosóficas, o facto é diferentemente apreciado. Recorto o que Sinnett, um mentor teosófico, escreveu no seu «Budismo Esotérico», a pág. 177:

«O Adepto pode manifestar a sua influência na terra, comunicando com um médium de tipo mais elevado que se poderia mais pròpriamente chamar um profeta».

Sinnett diz no «Budismo Esotérico», pág. 168-169:

«Os espíritos que dão comunicações retardam o seu progresso espiritual».

Do mesmo autor e obra, pág. 172;

«...os princípios superiores não se manifestam nas sessões espiritas, porque as suas recordações terrestres estão extintas».

¿Então, como se compreende que os princípios superiores tenham extintas as suas recordações, para os espiritas, e não as tenham

(1) Do Kamaloka, região habitada pelos espíritos inferiores, ou inferno dos teósofos.

para os teósofos, para os «escolhidos» e para êsses «discípulos dos Grandes Mestres»? ¿E quando comunicam nos que êles designam por «profetas», os teósofos possuem essas recordações, que se extinguem para os outros médiuns?

Complicando cada vez mais o assunto, os teósofos apresentam-nos sempre os conselhos dos seus grandes mentores, como opiniões autorizadas. Vejamos alguns dêles:

M.me Besant, na «Sabedoria Antiga», pág. 138:

«...é da 5.ª e 6.ª região do Kamaloka que provêm os «espíritos-guias» de grande número de médiuns, mas êles sabem que há planos mais elevados, donde as comunicações com a Terra não são possíveis».

Continuando a série de contradições, Sinnett diz:

«...a *casca astral* é muita vez vitalizada pelos médiuns e então pode comunicar-se nas sessões espiritas». (Pág. 148, «Budismo Esotérico»).

Leadbeater, outro teósofo eminente, escreveu:

«...as *cascas astrais* são por vezes apanhadas por *espíritos da natureza,* dispostos a ludibriar-nos nas sessões espiritas». É esta também a opinião de M.me Besant, na «Sabedoria Antiga», pág. 142.

Continuando a desacreditar o Espiritismo, A. Besant diz ainda na «Sabedoria Antiga», pág. 133:

«Desta região (Kamaloka) provém em geral a banal tagarelice muito conhecida dos que freqüentam as sessões espiritas públicas — palavriado de porteiro e moralidade pouco exigente».

Finalmente, o bispo J. I. Wedgwood define claramente a incompatibilidade da Teosofia com o Espiritismo, na sua «Meditação para uso do Principiante», pág. 29:

«Há uma contingência especial que o estudante que segue os métodos de desenvolvimento positivo, acima descritos, deve cuidadosamente evitar: é desenvolver, por um método negativo de meditação, a mediunidade passiva sob a direcção dos «espíritos», pois *quaisquer que sejam os métodos do Espiritismo, os dois sistemas são inteiramente incompatíveis*».

É sabido que o sistema teosófico é o do desdobramento. ¿Mas tôdas as pessoas estão, sem graves riscos, em condições de irem por êsse espaço ao encontro dos habitantes astrais?

Na realidade, ¿qual dos dois sistemas será mais perigoso?

A mudança de Tolstoï

por Rosabis Camaysar

Os amigos e biógrafos de Tolstoï concordam em que, pelos quarenta e cinco anos, deu-se nêle uma grande mudança moral e religiosa.

Tolstoï emergiu como alma livre. Destruíu a ilusão da vida e da cultura histórica e ergueu-se sôbre um terreno livre, moral, avaliando-se a si e ao próximo por meio dum conhecimento que ignora as convenções mundanas e despreza os padrões ilusórios do êxito. Em resumo. Tolstoï recebera a iluminação. Eis como êle descreveu a mudança em 1897:

«Há cinco anos que se deu uma mudança em mim. Comecei a experimentar, a princípio, períodos de vacuïdade mental, de cessação da vida, como se não soubesse como vivia e o que devia fazer. Tais suspensões da vida acharam sempre expressões no mesmo problema: «Porque estou aqui?», «Depois, o que será?».

«Vivi e caminhei sempre, até que me acho à beira dum precipício e só vejo destruïção.

«Com tôdas as minhas fôrças procurei escapar desta vida. E repentinamente eu, que era feliz, pus-me a esconder os cordões do meu sapato para não me suïcidar entre os guarda-roupas do meu quarto, ao despir-me, à noite; e deixei de levar comigo arma de fôgo, quando saía a passeio, de modo a evitar a tentação de me libertar por êsses meios.

«Vivi dessa forma (isto é, no meio do povo) durante dez anos; e deu-se uma mudança em mim. O que me sucedeu foi que a vida da nossa classe — os ricos e instruídos — se me tornou repulsiva e desprovida de valor. Tôdas as nossas acções, os nossos juízos, a nossa ciência e arte, me apareceram sob nova luz. Compreendi que tudo isso era amor-próprio e que era inútil procurar algum valor em tais coisas».

Dessa época em diante, a vida de Tolstoï foi a de quem entrara na consciência cósmica. Foi tomado do desejo de solidão, do gôsto pelas coisas simples e naturais. Agradavam-lhe muito os camponeses primitivos e seus alimentos sadios. Não foi sacrifício o que Tolstoï se impôs, ao abandonar a vida de homem da sociedade, para se entregar à solidão duma cabana nas estepes. Seria sofrimento para quem se entregasse forçadamente a essa vida, estando habituado à vida artificial do mundo. A consciência cósmica tende à simplicidade e restabelece o estado normal do género humano.

Do livro «Consciência Cósmica»

EXISTE DEUS?

pelo Dr. A. D. Pratas

À PREGUNTA com que epigrafamos êste artigo respondeu sempre o velho negativista com êste enfático e estafado argumento:

— Não, porque nem eu, nem ninguém, jamais O viu.

Não é verdadeira esta resposta em tôda a sua extensão, porquanto, se nem êsse negativista, nem aqueles a quem responde, jamais O viram, fenece essa verdade perante o nome de Jesus, que não só O viu e vê, como,—mais do que isso —, O conheceu e conhece.

Mas, pondo de parte o facto de Jesus o ver e conhecer, o que só poderemos provar com as palavras do Evangelho (Mat. XI-27): «... e ninguém conhece ao Pai senão o Filho, e aquêle a quem o Filho o quiser revelar», preguntaremos:

— ¿Será indispensável à crença na existência de qualquer coisa, seja ela qual fôr, que essa coisa por nós seja vista? ¿Quantos factos não são por nós aceites, sem que dêles tenhamos sido testemunhas?

A esta pregunta poderá responder-se que, se não testemunhámos êsses factos, alguém os verificara e revelara.

Muito bem; mas, em tal caso, ¿não testemunhou e revelou Jesus, — como se esclarece no citado versículo de Mateus — a existência do Ente Criador? Se Êle O conhece, é porque Deus existe.

O Cristo existiu?

Há, porém, quem duvide também da existência do Cristo, e para estes, portanto, não pode ter validade tal testemunho. Mas... — *mais uma pregunta.*

¿Como duvidar-se da existência do Nazareno, se a sua passagem pela Terra é testemunhada e atestada por tanta gente, como seus discípulos e apóstolos, e pela obra sublime que legou à Humanidade e da qual os Evangelhos são repositório?

¿Serão por ventura suspeitos os *Actos dos Apóstolos,* nos quais tantas referências se fazem a Jesus e à Sua Obra, não só no que diz respeito aos Seus inspirados e iluminados ensinamentos, como também às curas — físicas e morais — por Êle efectuadas?

Logo no primeiro versículo dos *Actos* se lê êste insofismável depoïmento — permita-se-nos o têrmo — em que claramente se foca a passagem de Jesus por êste mísero planeta: «Fiz o primeiro tratado, ó Teófilo, acêrca de tôdas as coisas que *Jesus começou, não só a fazer, mas a ensinar*».

Nas Epístolas acontece outro tanto; e nestas não depõe apenas um, mas três Apóstolos, — Paulo, Tiago e Pedro —. Em tôdas elas o nome e a obra do Mestre são realçados em inspiradas palavras resplandecentes de luz.

¿Duvidaremos também da existência dessas testemunhas, atestada, como é, pelos escritos que nos legaram como confissão da sua fé e da sua crença nAquêle que os instruira e iluminara?

Se nos colocarmos sistemàticamente no cómodo leito da negação, teremos que, sem hesitações, rasgar tôdas as páginas da História.

Se nos fôsse lícito duvidar de tudo quanto não vemos, horrorosa seria a vida dos cegos pela sua incerteza àcêrca da existência dos próprios semelhantes que lhes falam; e mesmo todos os que não são cegos, teriam direito a duvidar da sua própria paternidade.

Como conhecer Deus

Não é a vista o único sentido que nos permite tomar conhecimento e entrar em relação com o que nos rodeia. E assim é que, de olhos bem vendados, percebemos se metemos na bôca um pouco de sal ou de açúcar; se junto de nós se executa uma ária em flauta, violino ou bandolim; se o que tomámos em nossas mãos é um gato ou um ouriço, uma batata ou uma panela; se, enfim, de nós se aproximou alguma pessoa, ou alguma coisa, bem ou mal perfumada; etc., etc... E, tomando em linha de conta os sentidos superiores, os sentidos espirituais, os sentidos que dimanam da alma, muito mais longe ainda, do que só com êsses cinco sentidos, podemos espraiar os nossos conhecimentos e tirar as deduções mais preciosas.

São estes sentidos — os sentidos psíquicos — que nos proporcionam as melhores facilidades e as maiores possibilidades de, sem vermos Deus, O conhecermos e entrarmos em relação com Êle. Eis aí a razão de ser das

já citadas palavras do Evangelho de Mateus: «ninguém conhece ao Pai senão o Filho e *aquêle a quem o Filho quiser revelar*».

Sim; aquêle a quem o Filho o quiser revelar, quere dizer, aquêle que, ouvindo a palavra do Verbo, seguir sem hesitações, nem tibiezas, os seus conselhos morais, elevar, enfim, o nível da sua espiritualidade até ao ponto de sentir o que outros não sentem, ou seja, o dinamismo do amor, do bem e da beleza.

É por êsse desenvolvimento do nosso Eu que a arte nos comove, entusiasma, seduz e sensibiliza; que a Ciência se nos revela como divina; e que a religião faz vibrar de heróica abnegação, de resignação e alegria, a nossa alma por vezes tão ferida e atribulada.

Deus não se vê; sente-se

É que essa visão interior chama-nos à realidade; e, embora perscrutando no abstrato, alguma coisa nos revela de concreto. Nem todos, porém, atingiram êsse nível e, por isso, materializados ainda, limitam-se apenas a crer naquilo que a sua visão externa alcança. Eis porque, não vendo Deus, nÊle não crêem.

Deus, porém, não se vê, nem se pode ver com os olhos sensoriais. Não; Deus é Espírito, e, porque assim, só olhos espirituais o podem descortinar. Deus não se vê, sente-se.

Entretanto, alguns ensinamentos nos podem dar os órgãos dos sentidos, quando acolitados pelas faculdades psíquicas de que somos dotados. Assim é que, não recolhendo nas nossas sensações mais do que as manifestações da electricidade, ninguém, apesar de não a ver, nega a sua existência; e não nega porque, em auxílio dos órgãos dos sentidos, acorreu o raciocínio e a razão para dizerem: — se o efeito existe, a causa existe também.

Com Deus acontece outro tanto: não O vemos; mas vemos e assistimos às Suas manifestações.

¿O que é a flor que perfuma e ornamenta as serras, os campos e os jardins? ¿O que é o mar, o vento, a nuvem? ¿O que é o firmamento cravejado de inúmeros, variados e refulgentes diamantes? ¿O que são as pedras, as plantas e os animais? ¿O que somos nós todos, homens, por vezes tão cépticos e pessimistas?

¿O que serão tôdas as coisas que a natureza nos oferece de grandioso e incompreensível, senão obras e revelações de Deus? ¿E... quem no-lo diz? Os órgãos dos sentidos? Não; dizem-no-lo as faculdades superiores da nossa alma.

A Vitalização cutânea

pelo Dr. Paulo Carton

O revestimento cutâneo não é sòmente um órgão sensorial e eliminador. Outro papel exerce, além das excitações e excreções que se estabelecem à sua superfície. Numerosas absorções materiais e sobretudo imponderáveis se realizam através da pele. As múltiplas radiações que sulcam a atmosfera em todos os sentidos (solares, magnéticas, eléctricas, vitais) atravessam os tecidos cutâneos, são aí elaboradas sob a forma de pigmentos ou ainda transmitidas aos centros nervosos e circulatórios.

A pele tem, pois, por elemento natural da vida e de nutrição, o oceano de ar e de luz que é a atmosfera. Assim, é votar a pele à miséria fisiológica e o organismo à asfixia lenta abrigá-la sem cessar sob vestuários apertados em demasia e escuros, que tanto impedem as aquisições energéticas, como as secreções.

A privação do ar e da luz, que produz a anemia e o estiolamento das plantas, prejudica igualmente o homem, visto que, para os seres, o sol e o ar são excitantes e alimentos, fontes de vida e de saúde.

As curas totais de ar e de sol praticadas na antiguidade e retomadas actualmente estabeleceram a poderosa eficácia terapêutica da vitalização cutânea. Os sucessos registados em seguida aos banhos de ar e de sol são devidos, não à acção directa e antiséptica dos raios luminosos sôbre os agentes microbianos, mas à ressurreição das defesas naturais e revigorização de todo o organismo excitado, vivificado e alimentado pelos agentes naturais: o ar e o sol.

O contacto da água é também um meio enérgico de estimular favoràvelmente os movimentos humorais, de enrijar e fortificar o organismo.

A vitalização total da pele pelo contacto metódico do ar, da luz ou dos raios solares e da água, constitui, pois, não só um meio de cura para os doentes, mas sobretudo um processo normal de conservação das fôrças e de aumento e resistência, nos indivíduos normais e sãos.

Para nos mantermos com boa saúde, é, pois, indispensável tomar todos os dias um banho de ar em qualquer estação do ano, fazer helioterapia preventiva no verão e passar água por todo o corpo, principalmente na ocasião de tomarmos êstes banhos de ar e de sol. Uma virtude essencial adquirimos com estas práticas: é a limpeza corporal que muito concorre para a limpeza humoral, enrijando o corpo e afastando dêle as más influências e os cheiros prejudiciais.

(Do livro «As Leis da Vida Sã)

COMO SE TORNOU ESPIRITA?

O Major Eurico de Castro Zuzarte conta os factos que o levaram a abraçar o Espiritismo, através de memoráveis sessões dirigidas pelo saüdoso General Passaláqua.

CONQUANTO educado no antigo regime em colégio oficial, aonde recebi instrução sôbre o catolicismo e pratiquei os seus actos de culto, não conseguiu o catolicismo apoderar-se do meu pensamento, que foi sempre rebelde a aceitar a fórmula, que é máxima sua: «fóra da igreja católica apostólica romana não há salvação possível».

¿Porque—pensava eu—porque só ser julgado como bom aquêle que tenha o cuidado de ser um praticante rigoroso de actos, fórmulas e cenas determinados por local e hora especiais, que quási sempre mais não são que exteriorizações de vaidade e snobismo, em nada nêles intervindo o sentimento da criatura? ¿Porquê — pensava eu — porque não terá salvação aquêle que é fundamentalmente justo, essencialmente bom, estruturalmente leal, mas não comunga no seio da igreja católica?

E não encontrava resposta a esta interrogação que se coadunasse com a existência de Deus, sumamente bom e justo, que essa mesma igreja me dizia existir.

E foi então que me vi lançado no materialismo e como livre-pensador procurava obter explicação do mundo, da vida, do destino, lendo com afã as suas obras mestras, como «Fôrça e Matéria», de Luiz Büchner e tantos outras.

Assistindo a sessões...

Decorria então o ano de 1912, quando, casualmente, travei conhecimento com uma senhora que me falou em Allan Kardec, em mesas falantes, etc., em Espiritismo, numa palavra.

De entrada, ri, fiz *blague*, e se não me exteriorizei mais em tal, foi contido pelo respeito que a pessoa me merecia.

Mas ela não desanimou; falava, insistia, contava e dizia-me que recebia comunicações dos «mortos», que abandonava o seu braço e que escrevia, escrevia...

Não! Isso é que não podia ser! Contra tal é que me insurgi, não havendo possibilidade de aceitar tal «patranha».

Como resposta, fui levado várias noites a um 2.º andar da Rua do Arsenal, em cuja casa de jantar se sentavam à mesa umas 6 ou 8 senhoras, luz completamente acêsa, e sob a direcção do nosso tão saüdoso confrade General Passaláqua. Com poucas pessoas de assistência, aquelas senhoras, munidas de lápis e papel em frente e falando no que lhes apetecia, escreviam mecânicamente. prosa que, pelos seus dizeres e conceitos, se revelava como redigida por seres desaparecidos da face da Terra.

Calcule-se o meu espanto. Mestre Passaláqua bondosamente me ia esclarecendo e com muita amizade me recebia em sua casa, catequizando aquêle que viria a ser um fervoroso adepto do Espiritismo.

Facto impressionante

Contar quanto lá vi e ouvi que ia abalando as minhas convicções materialistas, seria longo e desnecessário, pelo que vou ao principal.

O sucesso mais impressionante e convincente a que ali assisti passou-se naquela sessão em que a senhora-médium (estava sentada no extremo do lado maior da mesa e à esquerda do General Passaláqua) se queixou de dores no braço e ombro direito como se lhe dessem murros, a ponto de chorar.

Evocado o Espírito-guia da sessão, por êle foi comunicado tratar-se da intervenção dum Espírito inferior e em grande perturbação, a qual lhe havia sido imposta, procurando-se

n.º 1, Nov.º/44

que fôsse esclarecido sôbre a sua situação no Astral. Após cuidadosos passes magnéticos a que a médium foi sujeita e que fizeram cessar-lhe as dores pouco a pouco, foi escrevendo riscos, dando aparência de qualquer coisa representarem, mas o certo é que, terminada a comunicação, ninguém percebia nada do que estava no papel. Novamente evocado o Espírito-guia, então por êle foi comunicado que se tratava de escrita em japonês, sendo o Espírito comunicante o dum militar desencarnado na guerra russo-japonesa, em combate tal (já não me lembro o nome indicado) e que ainda se julgava vivo e justamente protestava por em sua casa «não lhe darem importância», etc. Fiquei surpreendido, como é fácil de supor, e disse logo que desejava levar o papel a quem soubesse japonês e mo traduzisse. A senhora-médium era pessoa de muito mediana cultura, nada viajada. Após essa minha observação é que a pobre senhora foi mais vivamente molestada. Novamente passes magnéticos, preces, e conseguiu então escrever outra vez em japonês, mas o Espírito-guia não desejava revelar o conteúdo desta segunda comunicação, o que só fêz a instâncias do director da sessão. Continha ameaças, que me eram feitas, caso levasse por diante aquela minha investigação. Não liguei importância ao caso e passados dias procurei na legação japonêsa quem fizesse a tradução e ainda hoje me lembro perfeitamente da cara do cavalheiro japonês, quando começou a ler os papéis. Tratava-se realmente dum dialecto japonês muito pouco conhecido, e o seu assunto era a identidade do espírito comunicante, dada sôbre sua família, e passagens da sua intervenção na citada guerra e protestos por não o atenderem; e, no segundo, graves ameaças de me provocar um acidente, caso eu duvidasse dêle.

A pedido daquele cavalheiro, deixei-lhe os papéis e êle ficou de se informar se existira tal criatura. Hoje, tenho pena de então não ter feito conveniente relatório sôbre êsse fenómeno; mas revelou-se-me de tal maneira convincente, que nem em tal pensei; todavia, para os outros fêz falta ter sido isto completado com as rubricas de quem em tal interveio, etc., para que não haja quem me julgue autor dum lindo conto à Edgar Poë...

Mas aquelas sessões não eram realizadas com espírito científico. Eram puramente educativas e ali não se buscava a «prova», pois que os seus componentes já eram crentes — como disse, eu era dos raros que iam lá por curiosidade de saber o que havia nisso tudo de Espiritismo. Depois, passei a viver na província e desconheço se foram feitas as investigações sôbre a existência daquêle Espírito encarnado em soldado japonês.

Cogitações oportunas

Em duas palavras, dissequemos o caso, para melhor sobresair o seu poder convincente.

Já disse que a médium era pessoa de pouca instrução, nunca fôra ao Japão, nem sequer se recordava de ouvir alguma vez falar japonês ou de ver qualquer escrito em japonês, impresso ou manuscrito. ¿Como desatou então a escrever num dialecto japonês e a responder prontamente a um dito meu, sempre em caracteres japoneses? Não vejo possibilidade de explicação sòmente anímica, por mais largos poderes que se atribuam ao subconsciente, e ainda mais lembrando-nos da sensação sofrida pela médium, como se lhe dessem murros, o que tão bem se casa com o feitio duma pessoa rude, inculta e que está num estado de profundo desespêro. E aquela explicação mais seria posta de lado, recordando que na assistência ninguém compreendia o que fôra escrito no papel e que foi o Espírito-guia que revelou o conteúdo da comunicação. Depois, entregue o papel a pessoa conhecedora daquela língua, soube-se que tudo era como fôra revelado, e ainda mais interessante, por a comunicação do Espírito-guia ter sido obtida por outro médium.

Desde êsse facto que tanto me chocou, comecei a pensar que isto de Espiritismo não era «aldrabice», como facetamente eu ouvia a tantos.

E como ficou assunto que me preocupava, volta e meia abordava-o com êste e aquêle. E então aconteceu...

Convicções abaladas

Era eu aluno da Escola de Guerra e num jantar conversou-se sôbre mesas girantes. Estavam ali comigo os tenentes-coronéis S. M. e A. F. M., então meus condiscípulos, dizendo o primeiro que um ente, apondo as mãos sôbre o aparador, fazia-o oscilar e bater pancadas. Que não, que não podia ser, protestava A. F. M., e fomos para o meu quarto fazer uma experiência. Havia então em quási todos os quartos uma mesa-de-pé-de-galo, o que servia à maravilha para logo passarmos ao trabalho, ficando A. F. M. deitado na cama, descrente e trocista.

Fizemos cadeia, eu, S. M. e mais dois e logo a mesa oscilou e se elevou no ar. Descrendo, o A. F. M. que, para o comprovar, saltou da cama e pôs uma fôlha de papel no chão, sôbre a qual poisou a mesa; e sendo carregada por nós, puxado o papel, êste rasgou-se, prova evidente de que a mesa fôra ao ar não havia possibilidade de pantomina ou de ilusão. A mesa sempre se moveu sem que puséssemos as mãos mesmo sôbre ela.

Nessa época eu ia a casa de meus pais, ali perto, ao Matadouro, logo depois de jantar. Ora a mesa disse-me «que não fôsse de seguida para casa». Observei que isso fazia eu diàriamente. Mas que fôsse a correr e, logo que chegasse, fizesse o que fôsse mandado, sem observação. Esta última parte é que me alvoroçou e não podia compreendê-la. Como meu pai se encontrava enfêrmo, receei algum agravamento da doença e êsse meu preságio, infelizmente, saíu certo, pois que tivera nêsse dia, e ainda eu o ignorava, grandes pioras no seu estado de hemiplégico. ¿Mas que significava aquela recomendação sôbre o que eu faria em chegando a casa?

Compreendi tudo, quando ia bater à porta. Nessa manhã fôra colocada na porta uma campainha com um botão preto, à volta do qual estava escrita a palavra «Carregue».

Aqui estava o que me fôra ordenado e eu devia fazer sem observações: carregar no botão para que a campainha soasse e ràpidamente me abrissem a porta.

Confesso, fiquei assombrado!

¿Como podiam notar os meus condiscípulos, todo o dia na Escola, pelas aulas, como eu, o que se passava na porta da casa de meus pais, aonde, para mais, nem iam?

Convertido

Mais uma vez, não havia «materialismo», nem «animismo» que tal explicasse. Era evidente que o caso só fôra possível pela intervenção duma entidade invisível, inteligente e perspicaz que procuraria um dito que me aguçasse a curiosidade e que, confirmando-se a lógica, a razão dêsse dito, eu concluísse pela existência dela, entidade. Fôra um sucesso muito convincente.

E então cheguei ao Espiritismo. E hoje, tantos anos passados, mais de trinta, depois de outras observações pessoais e de muito ler, reconheço que, quando alguém de boa fé procura a Verdade, na ânsia sincera de conhecer, as coisas se proporcionam para que fenómenos surpreendentes o maravilhem e o levem a consciencioso reconhecimento da Verdade.

Depois, não se dispondo de médiuns excepcionais, os fenómenos produzem-se, assiste-se a êles, mas parece que já não têm aquêle carácter emocionante.

Porque será?

É porque estamos rodeados de seres invisíveis, inteligentes e autónomos, que só procuram levar-nos ao conhecimento dos fundamentos da existência, e, assim, como tais se revelam àqueles que buscam a Verdade, proporcionando sucessos que, sem êles, não tinham possibilidade alguma de se verificarem.

É um carácter de manifestações que é preciso focar, porque evidencia autênticamente, como sempre se reconhece nas práticas de Espiritismo, que há uma inteligência, e bem criteriosa, a conduzir as manifestações. Porquê?

Mandamento de Deus!

Higiene do Espirito

A dúvida, quando levada ao extremo e em face dum revés, conduz ao desespêro, *forma grave que pode afectar a seqüência da evolução espiritual. Uma alma desesperada sintoniza com os seres inferiores e, pelo influxo da Lei do Mentalismo, os atrai. Se não é socorrida a tempo, entrega-se ao vórtice dos actos extremos.*

O ressentimento *duma palavra má, duma injúria ou ingratidão, guardado embora sob a falsa aparência de esquecimento, é um espinho cravado na raiz da sentimentalidade. A lição do perdão total das ofensas é uma das páginas mais edificantes do Evangelho. Por isso mesmo, difícil e laboriosa.*

E se o sofrimento não é sofreado em seus ímpetos, gera o incoercível desejo de vingança, *forma grave comum aos temperamentos grosseiros. O ressentimento aninhado por longo tempo ataca o equilíbrio gastro-intestinal, acabando por actuar sôbre o fígado, no qual provoca, mesmo, quando intensivo, as cólicas tão comuns aos indivíduos denominados hepáticos.*

Luís de Almeida

FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA(*)

PSICOLOGIA

B) Conhecimento

por Ramos Pereira

IV — Associação de imagens

A imaginação reprodutora, variante da memória, não é um mero reservatório. Antes, pressupõe uma forma espontânea de evocação, a que chamamos associação de imagens. É uma tendência que se revela na passagem de uma imagem a outra.

Para Stewart, esta associação provém do conhecimento das relações entre os objectos que as causaram. Confundindo a a associação com a percepção da relação lógica das idéias, cai ainda num circulo vicioso, além de que a percepção da relação é um facto simplesmente secundário.

Bain, Sully e outros explicam o mecanismo da associação pelas leis seguintes:

1.ª — Duas imagens contíguas tendem a associar-se e a evocar-se mùtuamente.

2.ª — Duas imagens semelhantes combinam-se.

3.ª — Uma imagem tende a evocar a sua contrária.

Contudo, podemos reduzi-las a uma lei única — a da contiguïdade — pois que semelhança e contraste são simples formas daquelas. De facto, bastáva-nos lembrar a teoria da corrente da consciência, para podermos explicar a associação das imagens. Com efeito, uma sensação engloba, como numa «franja», muitas outras sensações formando um bloco sensitivo; dêste fica um resquício, um bloco de imagens. Necessàriamente, pois, quando evocamos a imagem capital, todo o bloco é relembrado.

E se na corrente da consciência não há soluções de continuïdade, forçosamente haverá ligações entre os blocos. A repetição e a intensidade emotiva da sensação-causa e a atenção espontânea ou reflectida dada ao fenómeno hão-de lògicamente avivar a nitidez da associação.

Agora podemos enunciar as leis gerais da associação de imagens:

1.ª — Uma imagem tende a evocar as que lhe são contíguas (lei da contigüidade).

2.ª — A duração da associação está na razão directa da intensidade da impressão (lei de duração).

3.ª — A duração e nitidez da associação estão na razão directa da atenção prestada (lei de atenção).

4.ª — A associação fortalece-se com o hábito (lei da repetição).

5.ª — As condições fisiológicas do indivíduo têm uma influência capital no mecanismo da associação.

V — A memória

Tudo quanto passa na corrente da consciência deixa um rasto, uma marca à custa da qual podemos recordar o estado de consciência. Com efeito, não é o passado que volta, pois que é passado. A memória é a faculdade de conservação e recordação dos estados de consciência já experimentados. Certas doenças da memória provam que esta está ligada ao *complexus* fisio-cerebral visto que uma lesão dêste afecta aquela. Contudo, apenas se podem formular hipóteses sôbre as relações entre a função fisiológica e o fenómno psicológico: — as marcas de Platão, as dobras cerebrais de Descartes, os sulcos culminantes de Malebranche, as vibrações fosforescentes de Hartley e Moleschott, a modificação dos elementos nervosos de Ribot, os trajectos de Fouillée.

Várias teorias têm sido formuladas sôbre a natureza da memória. Para Bergson, «la mémoire n'est autre chose qu'une fonction du cerveau et il n'y a pas de différence de degré mais de nature entre la perception et le souvenir.» Para Th. Ribot, «la mémoire tel que le sens commun l'entends et que la psychologie ordinaire la décrit, loin d'être la memoire tout intière, n'en est qu'un cas particulier, le plus élevé et le

(*) Ver *Estudos Psíquicos* de Julho a Outubro.

plus complex... elle est le terme d'une longue évolution et comme une efflorescence dont les racines plongent bien avant dans la vie organique.» «La mémoire est, par essence, un fait biologique; par accident, un fait psychologique».

Por natureza, a memória é um fenómeno de conhecimento; mas como intelectual que é, há-de ressentir-se necessàriamente de qualquer perturbação cerebral; o tabaco, o ópio, o alcool, etc., actuam sôbre o sistema nervoso e, indirectamente, pois, sôbre as operações intelectuais.

Seguindo Abel Rey, enunciemos as leis de aquisição, conservação e reprodução dos factos conscientes:

1.ª — Quanto maior fôr a intensidade com que o estado primário se manifestou no campo da consciência, tanto melhor e por mais tempo se conservará na memória.

2.ª — Quanto mais claro e distinto é o estado primário, tanto melhor e por mais tempo se reterá na memória.

3.ª — Quanto mais se prolongou o estado primário, melhor e por mais tempo será retido.

4.ª — Quanto mais o estado primário se reproduz, melhor e por mais tempo se reterá.

5.ª — A conservação da recordação está na razão directa da atenção que suscitou o estado primário.

6.ª — Os factos primários terão tanto mais poder retentivo, quanto mais êles entraram no ciclo das preferências individuais. (Cf. op. cit.).

Na memória temos a considerar 3 fases:

a) O objecto causa a sensação que entra no campo da consciência.

b) A sensação, após um período mais ou menos longo, sai da consciência, evoluíndo para a imagem.

c) A sensação reaparece sob a forma diluída da imagem.

A segunda fase é, por assim dizer, um esquecimento temporário. ¿Que causas suscitarão a 3.ª fase? Há causas puramente fisiolóIgicas mal conhecidas, mas que, em essência, devem consistir na restauração do estado vibratório da primeira fase.

Além destas, há causas psicológicas que se resumem no poder associativo das imagens.

Porém, não basta recordar; é preciso também reconhecer a imagem que entra na consciência. ¿Em que consiste êsse reconhecimento? Em ligarmos à imagem a impressão do «já experimentado». Em análise, esta impressão decompõe-se nas noções do tempo passado e de identidade pessoal. Com efeito, no reconhecimento estabelecemos uma relação de progressão entre dois momentos, que o tempo nada mais é que a medida do movimento; e ainda que foi o mesmo ser que sofreu os dois momentos.

Como todos os fenómenos psicológicos que estão muito ligados ao condicionalismo fisiológico, a memória apresenta estados em que é difícil destrinçar o que é daquêles e o que pertence a estes. Nas chamadas doenças da memória, a causa é fisiológica e o efeito psicológico. Seguindo Th. Ribot, dividimo-las em: amnésia, hiperamnésia e paramnésia.

A amnésia é o esquecimento patológico. Pode ser total ou parcial, na sua forma temporária ou definitiva, pode provir dum forte traumatismo ou duma doença que ataque os lóbulos cerebrais.

A amnésia progressiva aparece geralmente nos velhos, motivada pelo fraco poder de associação com causa no depauperamento neurónico. A amnésia parcial reveste as formas de afasia e agrafia.

A hiperamnésia é uma exaltação anormal da memória, produzindo-se geralmente no momento da morte, embora se consiga suscitá-la por sugestão hipnótica.

Na paramnésia há uma memória falseada, em que se tem a ilusão do já visto ou do já feito. A explicação dêste fenómeno é mais complexa do que o funcionamento ao revés de Th. Ribot.

VI — Imaginação criadora

Com o tempo, o que a memória conserva não se mantém inalterável. Espontâneamente, o ser ofusca ou realça pormenores, altera a fisionomia do passado numa transição da memória para a imaginação criadora.

Nesta, embora a matéria sejam os dados da memória, a actividade intelectual é maior. Começa por analisar êsses dados,

UM CASO

por F. Noronha

NA noite de domingo, 2, para 2.ª feira, 3 de Abril corrente, deitei-me cêdo, como é meu hábito, em perfeito estado normal de saúde e sem preocupação que me quebrasse a tranqüilidade.

Tive o seguinte sonho: Que me encontrava num pavimento de entrada, quadrado e de bastante pé direito, paredes pardacentas sôbre esverdeado, sem pendureza alguma e completamente vazio de mobiliário, de edifício para mim desconhecido.

Eu estava virado para a minha direita, e ao fundo, em grupo, achavam-se ali D. Carlota Neves, viúva de meu primo José de Noronha e duas netas suas, irmãs.

Em dado momento, voltando-me para a esquerda, lado opôsto, onde existia a porta de serventia, deparou-se-me esta meio aberta, para o interior do aludido pavimento e aí assomando, arrumado a ela, o meu sobrinho João Manuel de Noronha, funcionário do Ministério da Educação Nacional, sem chapéu, com as pálpebras semi-cerradas, vestindo fato de casimira esbranquiçada, silencioso e com o rosto um tanto macilento.

Acordei então, pensando nêle e, aflito, pois não o vendo nem sabendo notícias suas desde mais de mês, pela circunstância das nossas residências distarem muito, metendo-se o Tejo de permeio, e os seus afazeres oficiais e encargos familiares não lhe consentirem saídas freqüentes, ocorreu-me se lhe teria acontecido cousa desagradável.

Na 5.ª feira próxima, 6, encontrando-me com meu primo António Pinto de Noronha, no Largo de Cacilhas, preguntei-lhe se tinha ouvido qualquer coisa relativa ao João Manuel, referindo-lhe o sonho. Pinto, que é empregado de escritório em Lisboa, respondeu-me nada lhe constar.

Em suma, no domingo, 9, cêrca das 18 horas, em minha casa, acompanhando-me o meu particular amigo João Pedro Monteiro e o meu afilhado Raúl Custódio Gomes, guarda-livros na capital, soando a campaínha do meu portão, fui abri-lo, defrontando com a bem-vinda presença de João Manuel, sua esposa e as duas filhinhas do casal.

Feitas as apresentações e trocados cumprimentos, interroguei-o sôbre se, recentemente, tivera alguma lembrança ou fala que se relacionassem comigo e a sua resposta foi, que no sábado, dia 1.º do mês, conversando, pela uma hora, com seu irmão Luiz, tinha havido uma referência à minha pessoa e pronunciara-se o meu nome.

Transmissão de pensamento, com horas de antecedência? Uma série de coïncidências?

Como quer que fôsse ou seja, o episódio afigura-se-me não desinteressante.

Do sonho, para bem firmá-lo de retentiva, tomara nota a lápis em papel que depois inutilizei, por já desnecessário.

Em 16/IV/944.

---

dissociando-os nos seus elementos; compara, procurando as semelhanças e os contrastes.

Depois, reúne os elementos dispersos sem atender às relações naturais, constituíndo as ficções; ou tenta exprimir a realidade corrigida, apagando as manchas, os traços de insignificância, criando o ideal.

O Ideal aquece, embala e purifica o homem. O ser sem ideal é qual deserto imenso, pedregoso, plano, encerrado nas alturas alucinantes da desilusão.

Quando no solo sêco rompe a flor singela dum ideal, caem as montanhas e a planura alarga-se para confundir-se com o infinito dos céus. Os pedregulhos esboroam-se; riachos murmurejantes rompem e correm para dessedentar a terra; o sol reverbera nas pétalas duma flor e os raios aclaram as trevas, iluminam o espaço.

Mas se o ideal é a criação mais elevada do ser, a ficção não é apenas absurdo ou recreio. Na fantasmagoria da ficção há tanto de ideal como de ilusão.

A fantasia, libertando o homem da realidade pungente da vida, é um passo gigantesco no caminho do ideal. A fantasia é a realidade impossível, o ideal a irrealidade possível.

A ficção mais louca e mais absurda tem sempre no fundo um «quê» de lógica e de ideal.

«Estudos Psíquicos» de parabens

pelo Dr. Sebastião Elviro Martins

Com o presente número entra esta revista no 6.º aniversário, que todos nós desejamos seja tão auspicioso e fecundo como os transactos. Parece um acontecimento comesinho, trivial na vida duma publicação espirita, mas se nos lembrarmos do trabalho e das canseiras que ela impõe a quem a dirige e propaga, sem outro objectivo que não seja o de semear a doutrina da Terceira Revelação, contribuindo para a enorme tarefa de espalhar a fé raciocinada, apesar das dificuldades materiais surgidas na época que atravessamos, devemos confessar que o facto dela ainda existir na sua traça primitiva e sem ter diminuído o número de páginas, é uma heroicidade!

Quando as publicações congéneres lutam com dificuldades insuperáveis e por vezes reduzem o texto ou cessam a sua publicação por falta de condições de vida própria, Estudos Psíquicos *mantém-se impávida e pletórica de fôrça combativa, como autêntico paladino do Ideal. Eis porque todos nós nos devemos congratular por êste facto invulgarissimo.*

Se ela triunfa numa época tão pouco propícia e num ambiente tão pouco acolhedor, é porque a sua existência é útil e necessária.

Um farol

Há muitas almas desorientadas e desiludidas que necessitam dum farol que lhes guie os passos indecisos para o verdadeiro caminho. Estudos Psíquicos *é êsse farol que conduz êsses espíritos atormentados pela dúvida. Os seus artigos palpitantes e ubérrimos de conteúdo espiritualista forçam-nos a meditar e a analisar o mistério da vida e os porquês da existência no mundo físico.*

As filosofias oficiais e as religiões ortodoxas são estéreis e contraditórias; nenhuma nos satisfaz, porque tôdas se proclamam exclusivistas e o exclusivismo é a antítese do livre pensamento.

A faceta mais interessante do Espiritismo é o seu aspecto eclético, e é exactamente por isso que êle progride, apesar dos entraves que se lhe opõem. Os princípios que defende são bem aceitos por todos, porque lhes não exige submissão, mas sim reflexão, assim como equanimidade para com as doutrinas adversas. É êsse o segrêdo do seu êxito estupendo em todo o mundo civilizado.

O Espiritismo impôr-se-à no futuro. Os seus postulados já tiram muito sôno aos representantes dos credos ortodoxos e as brechas por onde irrompe a nossa doutrina vão-se alargando cada vez mais. Tempo virá em que êsses asseclas teimosos se verão compelidos a analisá-la metòdicamente e... quem sabe? a perfilhá-la com nomenclatura diferente, como sucedeu ao hipnotismo crismado em magnetismo.

A marcha ascendente

Ser-se e afirmar-se espirita já não constitui nenhum motivo de receio das gargalhadas alvares dos zoilos. O vocábulo vai-se generalizando e tornando familiar aos ouvidos de gregos e troianos. A literatura espiritualista ganha terreno nas fileiras infensas. O público, indiferente aos preconceitos religiosos ou filosóficos, ávido de conhecimentos, lê e medita os factos anímicos e espiritas observados e comentados cientificamente na imprensa de todo o mundo. Os jornais e as revistas da especialidade multiplicam-se urbi et orbi. *Não fôra a hecatombe sangrenta a que o nosso planeta está submetido e o Espiritismo teria já galgado muitas fronteiras ainda por transpôr. Entretanto, apesar dos tropeços da hora presente, o seu progresso é nítido, ainda que lento.*

Se é certo que de tôdas as guerras resulta sempre uma grande transformação política e social, não será menos certo que depois dêste conflito mundial o Espiritismo ocupará o lugar que lhe compete na perquirição do Desconhecido, êsse Desconhecido que continua a preocupar os investigadores metapsiquistas de todos os Institutos nacionais e internacionais.

A lógica e a veracidade dos factos compilados nos seus cem anos de porfiada e tenacíssima luta, serão as suas credenciais para se instalar, por direito de conquista, nas diversas torres de marfim da ciência oficial, donde

UM CASO ESTRANHO

O sr. Manuel Cirilo de Sousa Lopes Junqueira, sócio do Centro Espiritualista Luz e Amor e residente em Lisboa, na Rua Alves Torgo, 108, 2.º andar, direito, contou-nos uma caso deveras extraordinário. Pela consideração que êle nos merece e pelos documentos autênticos que nos confiou, reconhecidos por notários, não temos dúvidas em dar-lhe publicidade.

Os factos que divulgamos, ou são extraídos doutras publicações congéneres dignas de confiança, ou são-nos contados directamente. Nêste último caso, costumamos rodear-nos das maiores precauções, por entendermos que, sem contrôlo, nenhum fenómeno merece narração em caracteres tipográficos.

O caso passou-se na noite de 11 para 12 de Junho do corrente ano. Desde o dia 15 de Maio, aproximadamente, que o sr. Junqueira sentia dores de garganta e uma mancha avermelhada na úvula, vulgarmente chamada *campainha*. A princípio, sofreu grande incómodo, acabando por se resignar, embora com relativa dificuldade.

Pois no citado dia 11 de Junho, cêrca das 21 horas, tinha êle acabado de jantar, quando sentiu enormes dores de garganta, como se uma espinha se lhe houvesse cravado na mucosa. Analisou logo o local impressionado, com auxílio dum espêlho, e estranhou o volume daquêle órgão e a côr arroxeada que apresentava, bem como o esfôrço que fazia para respirar.

Justificadamente aflito, chamou sua irmã, em cuja casa se encontrava (Avenida Marquês de Tomar, 14, rés-do-chão), e mostrou-lhe a inflamação. Estavam presentes duas visitas amigas — o sr. José Trindade e sua espôsa, D. Maria Trindade, moradores na Avenida Presidente Wilson, 138, 1.º andar, direito, — que ficaram admiradíssimos e insistiram com o enfêrmo para que fôsse imediatamente consultar o médico.

Como em frente, na Avenida Conde de Valbom, 29, 1.º andar, esquerdo, morasse o Dr. Malheiro Dias, para ali se dirigiu às 21,30, aguardando duas horas para ser recebido.

Quando o doutor apareceu e lhe observou a garganta, franziu a testa e preguntou ao doente se já havia muito que sentia aquêle incómodo. Êste contou-lhe o caso e o ilustre facultativo respondeu que a questão era de gravidade e que devia ir imediatamente ao Instituto do Cancro, afim de lhe aplicarem o *radium*. O sr. Junqueira preguntou, então, se o tratamento seria dispendioso, o que levou o Dr. Malheiro Dias a recomendá-lo ao seu colega Dr. Manuel Bento de Sousa, para o tratar e fazer-lhe preço de policlínica, carta de recomendação que temos em nosso poder, devidamente autenticada. O recomendante insistia:

— Não deixe de ir ao tratamento, que o caso é grave e a sua vida corre perigo.

Curiosa Operação

O sr. Junqueira, sem meios pecuniários e cada vez mais aflito, voltou a casa da irmã, a lastimar-se da sua sorte. Em seguida, resolveu ir para casa, na Rua Alves Torgo, onde chegou às duas da madrugada, cada vez mais descoroçoado.

A sufocação aumentava, de minuto a minuto, de nada lhe valendo os gargarejos feitos com soluto de borato de sódio. Julgando-se na última noite de

---

conduzirá a humanidade para o caminho da verdadeira luz e da Verdade com V grande.

Até lá, o nosso dever é continuarmos a nossa obra construtiva e orientadora.

Estudos Psíquicos, *pequeno raio do grande facho da Nova Luz, conquistou um lugar de proeminente simpatia, tanto do lado de cá, como de lá do Atlântico.*

Os seus números são apreciados por entidades estranhas à nossa causa e solicitados à permuta.

Êsse facto revela o interêsse despertado pelo conteúdo das suas 32 páginas, recheadas de substanciosa informação e cultura.

Tudo isto prova que a nossa doutrina e a nossa ética cristã atrai simpatizantes e quiçá futuros adeptos conscientes de que a omnipotência do espirito vencerá a omnipotência da matéria. É o sinal dos tempos.

Continuemos a merecer êsse interêsse e aumentemo-lo mediante uma colaboração intensa e proficua.

Como velho amigo do seu fundador e proprietário, cumpre-me endereçar-lhe os meus mais ardentes prolfaças, e aproveito a oportunidade para saúdar tôda a imprensa espirita, especialmente a do nosso fraterno Brasil, Coração do mundo, Pátria do Evangelho.

existência terrestre, deitou-se, fêz as suas preces e impetrou o auxílio do espírito do Doutor Sousa Martins, a quem já recorrera noutra emergência. Fechou os olhos. Passados cinco ou seis minutos, sentiu um toque no ombro e alguém que lhe mexia na cama. Abriu os olhos e notou dois vultos brancos: uma mulher, com uma bandeja em que se viam alguns instrumentos cirúrgicos, e um homem, que o encorajou, e no qual reconheceu o saüdoso Dr. Sousa Martins. Êste tirou um frasquinho da bandeja e levou-o ao nariz do doente, que logo sentiu forte cheiro a éter, perdendo os sentidos.

Eram 2 horas e meia. Quando despertou, como se o tivessem acordado, eram quatro horas da madrugada. Notou, então, que tinha a almofada e o travesseiro sujos de sangue. Ficou atrapalhado e sentiu novo toque no ombro. Era o Dr. Sousa Martins que vinha observá-lo e a dar-lhe algumas indicações, relativamente ao que ocorrera, dizendo-lhe que se deitasse, que tudo corria bem.

Enfim, salvo!

Às nove e meia da manhã, levantou-se, pegou no espêlho e foi ver a garganta: estava inteiramente boa, como se nada tivesse havido. Apenas notou duas pequenas incisões quási cicatrizadas.

Depois, voltou à consulta do Doutor Malheiro Dias, o qual ficou admirado com o relato do sr. Junqueira e declaru, para os devidos efeitos, o seguinte, que passamos a transcrever:

«A pedido do meu cliente sr. Manuel Cirilo de Sousa Lopes Junqueira, relato a ocorrência clínica passada no dia 11 de Junho, às 23 horas.

«Nessa data, observei-lhe na extremidade livre da úvula um hematoma do tamanho duma avelã. Aconselhei-o a que, com urgência, consultasse um especialista de garganta, por temer que o hematoma aumentasse e pudesse dar complicações respiratórias. No dia 30 de Junho, o sr. Junqueira voltou a consultar-me e verifiquei o completo desaparecimento do hematoma. Por ser verdade, declaro-o sob palavra de honra.

Lisboa, 1 de Julho de 1944. a) *Luiz Manuel Malheiro Dias*» (segue o reconhecimento).

É pena que o doente se não lembrasse mais cêdo de consultar o médico e que só depois de lhe termos feito sentir essa necessidade lá fôsse imediatamente. Todavia, nós próprios e muitos sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor observámos a garganta do sr. Junqueira em seguida ao acontecimento e podemos dizer, em abono da verdade, que nenhum vestígio notámos do hematoma, excepto as duas incisões avermelhadas a que acima se faz referência.

A Ciência e a Fé

UMA passagem de «La San Felice», de Dumas, te acode repetidamente ao espírito. Podes escrevê-la de memória:

«¿Porque pôs Deus no paraízo a maldita árvore da ciência? ¿Porque, para chegar à fé, temos nós de abdicar sempre da parte mais sã e muitas vezes a melhor da razão, quando a ciência inexoravelmente nos proíbe que afirmemos coisa alguma sem provas ou acreditemos seja no que fôr?»

A ciência, meu filho, não deve emitir juízo sôbre o que a ultrapassa. ¿Imaginas que se possa provar Deus, por meio de uma experiência? ¿Não seria diminuí-lo demonstrar-se cientificamente que êle existe?

Quando admirais a beleza dos céus, de certo não sentis necessidade de que se vos demonstre que essa admiração é legítima, lógica, racional. O mesmo deve dar-se com relação à fé. Entretanto, se não chegais a dominar a dúvida, se, mau grado vosso, os seus argumentos e sofismas exercem influência no vosso espírito, não desanimeis. É que a hora ainda não soou. Mas, estai certos de que virá.

Então sem deixar de amar a ciência, que também é obra de Deus, compreendereis que a fé traz em si mesma a sua fôrça de persuasão e que a prova que dimana da luz do Alto vale cem mil vezes mais do que tôdas as que pudesseis tirar das vossas laboriosas deduções.

Alexandre Dumas, a quem não tem sido feita a justiça que merece, também escreveu na mesma obra estas palavras, como ditas por José Palmieri a seu filho:

«Tens visto, meu filho, muitas vezes, o arco-íris. É um arco imenso que se estende dum a outro horizonte, subindo até às nuvens, mas cujas extremidades tocam a terra. Estas duas extremidades, são a criança e o ancião. Estuda a criança e verás que à medida que o seu cérebro se desenvolve, aperfeiçôa e amadurece também a sua mente, isto é, a alma se desenvolve, aperfeiçôa e amadurece. Estuda o velho e verás que, pelo contrário, à medida que o cérebro se fatiga, enfraquece, atrofia, também a sua mente se turva, obscurece, extingue. Nascida connôsco, ela acompanhou o fecundo crescimento da juventude; tendo que morrer connôsco, acompanhará a velhice na sua estéril decadência».

Apreendes bem a tristeza que estas linhas de desengano mal dissimulam. Dumas, alma generosa, amando a vida, desejando o bem, sofria com a idéia de que talvez tudo acabasse connôsco, de que o homem durasse menos, na criação, do que o carvalho ou o côrvo.

(De «A Nova Luz», de Jorge Dejean)

O Lar de Jesus, de Nova Iguassú

NENHUM rincão do mundo como o vasto Brasil, para facilitar a propaganda do Espiritismo, em suas diversas modalidades! Na cidade e na aldeia, no litoral e no sertão, em qualquer parte onde se fixe o elemento humano, há de surgir uma obra a reflectir as belezas da Doutrina que

PROFESSOR LEOPOLDO MACHADO

Allan Kardec sàbiamente codificou e espalhou por todo o mundo, através duma revista modelar e de livros que alcançaram a celebridade, vertidos em tôdas as línguas.

Desde o asilo ao hospital, desde o orfanato ao ambulatório médico, desde a escola primária à Faculdade, desde a Hora Radiofónica à emissora de grande raio de acção, o movimento espirita brasileiro tocou as teclas sensíveis do coração e da inteligência, chamou a atenção de governantes e governados e impôs-se como ideologia tonificante, através dos mais belos exemplos de fraternidade.

Foi grande a luta, é certo, e moroso o trabalho dos cabouqueiros que bastas energias queimaram no alicerçamento da obra, guerreada a princípio, motejada e achincalhada como oriunda do demónio. Muitos dêles tombaram ao calor da refrega, sem terem visto os frutos de seu esfôrço inglório. Outros arrastaram a existência em missão apostólica, de lugarejo em lugarejo, sempre com o padre à ilharga a reivindicar para a sua igreja singulares privilégios que Deus recusara às demais religiões. Mas o terreno desbravado desentranhava-se em frutos saborosos, em estâncias de repouso, em casas de instrução e educação que muito concorriam para a elevação material e moral da grei.

A Doutrina, longe de embrutecer e cercear ao homem o equilíbrio mental, fornecia elementos positivos à sociedade e libertava-a de certas lacunas que infelicitavam o maior número, impedidos de obter conhecimentos proveitosos e assistência merecida e natural.

E assim, de norte a sul da grande república irmã, as obras começaram a aparecer sob os olhos admirados (íamos a dizer pávidos) daquêles que consideravam o Espiritismo inimigo de Deus e da família.

Estudos Psíquicos deseja pôr os seus numerosos leitores ao corrente das obras de assistência que os nossos confrades brasileiros têm fundado e mantido, à custa de trabalho perseverante. Para isso, procura obter informações pormenorizadas, não esquecendo as necessárias fotografias, afim de melhor fazer ressaltar o valor dos empreendimentos. É interessante meio de promover o intercâmbio espirita, cada vez mais imprescindível, visto que do conhecimento recíproco resulta mais fácil compreensão de certos elementos expansionistas.

A propaganda espirita, tal como a visionamos, através da inteligência e da observação cotidiana, não pode nem deve limitar-se à exposição teórica dos nossos postulados, mas agitar tôdas as idéias renovadoras que emanam da Doutrina, como raios de luz fulgente espancando as trevas da maldade e da ignorância.

Ainda há pouco nos referimos ao Sanatório

Espirita de Uberaba, que sob a direcção do nosso redactor-correspondente Dr. Inácio Ferreira tem realizado obra vultosa de assistência aos chamados loucos. Hoje, vamos referir-nos a outra obra e a outro apóstolo.

Como nasceu a idéia do «Lar»

Parte dos elementos que informam êste relato extraímo-los do diário fluminense *Vanguarda*, de 6 de Maio p. p. e que traz uma secção permanente de Espiritismo, onde vai ser feita a propaganda da nossa revista, destinada ao público do Rio de Janeiro e dos vários Estados brasileiros.

Antes de mais nada, diremos que o «Lar de Jesus» foi erigido na cidade de Nova Iguassú, junto ao Distrito Federal, e cujos processos de orientação são verdadeiramente modelares. Obra espirita, em tôda a acepção da palavra, tem vastíssimo programa a realizar e realizá-lo-à, com certeza, atentas as individualidades que pugnam pelo seu desenvolvimento.

Agora, passamos a descrever a génese e formação da obra, segundo a elucidativa *reportagem* de *Vanguarda*.

Há obras que já vêem delineadas da espiritualidade.

O «Lar de Jesus», com sede no bairro mais pitoresco de Nova Iguassú, que objectiva apreciável programa de realizações, antes de ser entregue aos futuros dirigentes materiais, é programa e obra idealizados no Espaço.

Um dia, numa sessão mediúnica destinada a desobsessões, das que se realizam semanalmente no Centro Espirita Fé, Esperança e Caridade, a cargo do professor Leopoldo Machado, manifestou-se um espírito indiscreto, que em linguagem de cabôclo ou prêto velho anunciou que em Nova Iguassú se ia construir uma grande obra que chamaria a atenção para a Doutrina e para os espiritas. Uma obra espirita de grande projecção cristã.

— Que obra será?

Mas não pôde ou não quis dizer o espírito...

Nas vésperas do Natal de 1940, *Vanguarda* publicou uma linda página do nosso representante no Rio, Henrique Magalhães, intitulada «O Natal da Criança Pobre».

A história sacudiu um coração de mulher votado ao bem dos semelhantes. E D. Marília de Almeida Barbosa, espôsa de Leopoldo Machado, com mais duas senhoras, foram até o barracão miserável, no fim da Rua 24 de Maio. Lá estava, realmente, a pobre mulher com seus oito filhos...

Na noite de Natal de 1940, em plena comemoração da maior data do ano, D. Marília lança a idéia do «Lar de Jesus», como instrumento que era, sem o saber. Seria uma obra de amparo social diferente, porque para abrigar crianças miseráveis e velhinhos abandonados. De preferência, criancinhas cujos pais lutassem com a miséria extrema, que, dos órfãos, todos se compadecem mais.

— ¿Que melhor maneira de comemorar o Natal do Cristo, do que com uma obra de amparo a infortunados em seu divino nome?

«Uma comemoração assim, saber-lhe-à melhor do que apenas com palavras, discursos, prègações. Fundemos, pois, em louvor do Natal do Cristo, uma obra que ampare infelizes, como as crianças e a velha mãe que visitámos ontem e teremos fundado um verdadeiro «Lar de Jesus» — rematou, assim, a exposição.

Uma bôlsa pobre abre-se, então, para o primeiro donativo ao Lar de Jesus: cinco cruzeiros.

A Campanha

A idéia generosa e cristã espalhou-se ràpidamente entre dez centros espiritas bem organizados e votados a Espiritismo de acção e de aproximação, com séde no ramal de Nova Iguassú, os dez centros que integram hoje a Confraternização Espirita Lar de Jesus.

Cada centro criou seu corpo de legionários dispostos ao trabalho redentor da construção do Lar... Havia pressa dêle, para amparar a infeliz mãe e suas filhas da história de Henrique Magalhães.

Chegaram até a examinar um velho casarão de rua e bairro somenos de Nova Iguassú. E dois outros em Nilópolis e Anchieta. Mas o Alto intervém:.

— É cêdo, ainda. A sede do «Lar de Jesus» já está escolhida.

— Onde?

— Calma.

O Alto não quis obra de emergência, mas definitiva e própria.

Um legionário — Júlio Chambareli — foi escolhido para descobrir a situação em que devia ser construído. Quási um alqueire de terra, com frente para três ruas, panorama dos mais lindos da cidade e no bairro mais saüdável.

— ¡Vai ser aqui o «Lar de Jesus»!

Eis o grito de alma de quantos viram o local.

E a terra foi obtida pela décima parte do seu valor. À hora de assinar a escritura, houve quem oferecesse mais ao dono, que quis desistir do negócio.

— ¿E a sua palavra empenhada? ¿E o mal que o senhor vai fazer aos futuros abrigados do «Lar de Jesus»?! — disseram ao homenzinho.

O terreno salubérrimo ocupa 300 metros quadrados e é adquirido com dinheiro emprestado!

Uma bela manhã de domingo, duas dezenas de homens deitam abaixo o mato que enchia a terra. Começou, então, a campanha pró-construção do «Lar» e de todo o Brasil vieram recursos destinados à grande obra de bem-fazer. E nada houve que demovesse os seus edificadores, que a tudo resistiram, inclusivamente ao enorme temporal, que chegou a destruir parte da construção...

A emprêsa foi dificílima. O material triplicou de preço e a mão-de-obra escasseou. Operários e operários se revezavam, sem afinarem bem com o mestre da obra, que acabou também por abandonar a construção, sem motivos aparentes. A par de tudo isto, a oposição tremenda de inimigos invisíveis, ou, antes, de tais inimigos, que chegaram a afirmar que a obra se não concluïria, não seria inaugurada no dia marcado...

Mas, no dia marcado, embora ainda por concluir algumas coisas e outras mal acabadas, devido à pressa, má-vontade e imperícia de operários, o «Lar de Jesus» inaugurou-se com a entrada de 25 crianças, precisamente dezóito meses depois de acção decisiva, no dia de Natal de 1942. Haviam-se gasto na construção cento e oitenta e nove mil cruzeiros (cento e oitenta e nove contos).

¡Foi uma festa linda a da sua inauguração! Foi a maior obra de vulto que, entre espiritas, se realizou em menos tempo!

¡Foi o maior acontecimento verificado naquêle ano, nos domínios do Espiritismo!

Consistiu na entrega da obra ao seu patrono, no cortar da fita simbólica feito por A. Wantuil de Freitas, actual presidente da Federação Espirita Brasileira, e pela internação das primeiras crianças abrigadas.

Êste último acto foi deveras comovente. Cada abrigado deu entrada em cena aberta no «Lar de Jesus», pela mão de sua «madrinha»; outra criança da mesma idade ficava lá fóra com a responsabilidade moral e material de protegê-la. As «madrinhas» assinaram no *Album da Internação*, por si ou por seus pais, entregando às afilhadas uma boneca — primeiro presente material — e um beijo na fronte — primeira carícia da alma.

Dois dias depois, era lançada a primeira pedra do Pavilhão dos Velhinhos, com um discurso do nosso confrade e amigo Amadeu Santos. Na mesma ocasião procedia-se à plantação da árvore simbólica no gramado do jardim.

Não é apenas um abrigo

Satisfeitíssimo com os obreiros materiais escolhidos, o Alto manifestou-se nessa noite em ambiente muito íntimo, ausentes todos os que haviam fraternalmente acorrido às solenidade. E disse, como programa a seguir:

— O «Lar de Jesus» não é apenas um abrigo de necessitados. Se assim fôsse, era uma casa a mais para distribuir abrigo e pão. Bem maior é o seu programa, porque, abrigando famintos e peregrinos da sorte, aproximará elementos dedicados ao bem por amor do bem. Dêste modo, será uma obra com maiúscula, de aproximação, experimentação e acção, que servirá de modêlo a outros movimentos...

Para dar cumprimento à sua missão social-cristã e aproximar sempre os que desejam agir, experimentando as virtudes cristãs, o «Lar de Jesus» mantém já:

a) Um corpo cénico-dramático;

b) Um conjunto musical;

c) A Editora «Lar de Jesus», destinada a publicar obras valiosas a preços acessíveis.

d) Manterá brevemente o seu órgão de publicidade *O Lar*.

e) Um programa radiofónico.

E materialmente construïrá ainda:

a) Pavilhão para oficinas, escolas, enfermaria e gabinete médico-dentário;

b) Pavilhão dos Velhinhos;

c) Pavilhão dos Meninos;

d) Vila da Pobreza Envergonhada, à semelhança da «Fundação João de Freitas», de Juiz de Fóra.

O «Lar de Jesus» tem uma Direcção e um Conselho Deliberativo. A direcção é composta por presidente, secretário e tesoureiro.

D. Marília de Almeida Barbosa, espôsa, como dissemos, do professor Leopoldo Machado, presidente; D. Maria de Lourdes Pereira, espôsa do bancário e legionário do «Lar» Waldemiro Pereira, secretária; a tesoureira é D. Olga Moreira, espôsa do industrial Ernesto Moreira.

O Conselho Deliberativo é constituído pelos presidentes dos Centros adesos à Confraternização Espirita Lar de Jesus.

35 crianças

Actualmente, o «Lar de Jesus» abriga 35 crianças e 4 adultos; mais do que a lotação do seu dormitório.

À frente da sua administração interna está a própria presidente, visto ainda não ter aparecido ninguém à altura dessa função.

O «Lar de Jesus» continua a manter-se de cotizações de sócios, de donativos e do favor do público.

O govêrno federal acaba de conferir-lhe a primeira subvenção.

Os seu «Legionários do Quilo», homens, senhoras, jovens e crianças, saem nos domingos de manhã a pedir de porta em porta, à maneira de Francisco de Assis, para o «Lar» e para os necessitados de seu conhecimento, fóra do «Lar». E de tal já são conhecidos os cinqüenta «Legionários do Quilo», que tôda a gente os espera com simpatia. E todos dão alegremente. A grande obra já está acreditada.

Visitar o «Lar de Jesus» e conhecer a sua organização é um prazer de alma. Por isso, ainda ninguém de lá voltou sem admiração nem emoção, como o atesta o seu «Album de Visitas» e artigos de jornal que, a-miúde, aparecem na imprensa doutrinária e profana.

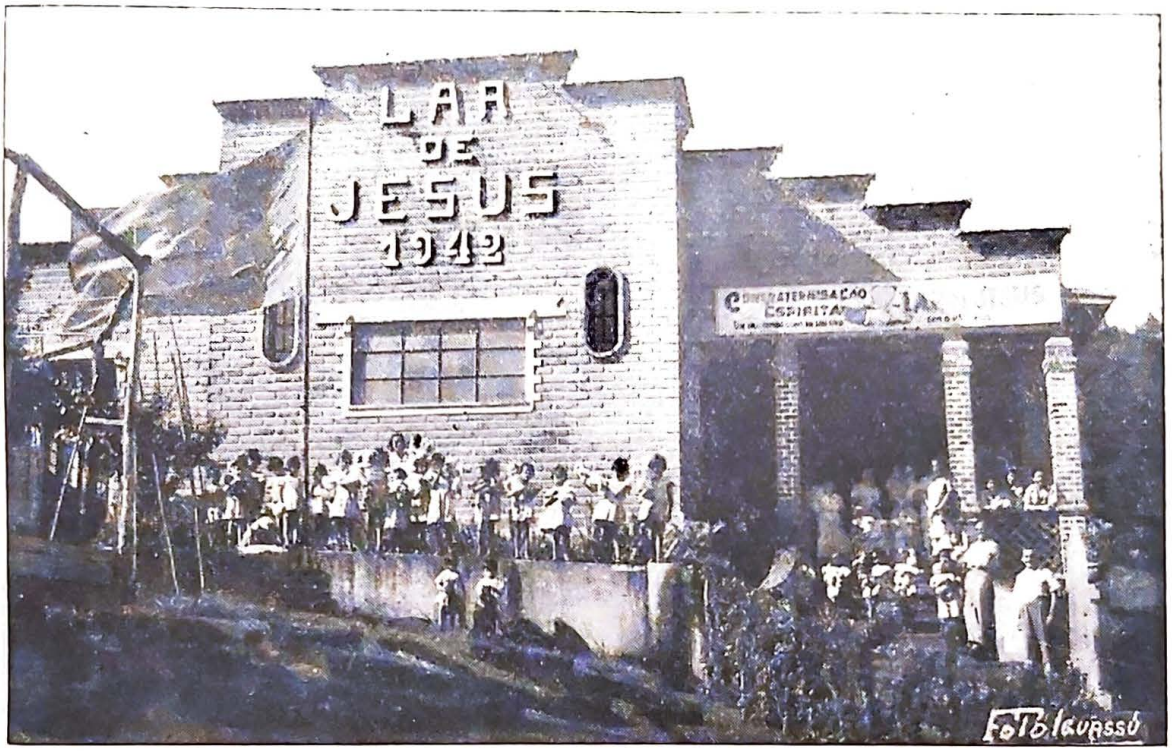
O «Lar de Jesus» já contribuiu directamente para três obras semelhantes, em andamento em três cidades do Estado do Rio, de S. Paulo e de Minas Gerais.

Os seus órgãos de propaganda

Como já tivemos ocasião de assinalar, esta instituïção de caridade publicará brevemente um jornal intitulado O *Lar*, complemento lógico das *Edições Lar de Jesus*, já em laboração e de cujos prelos saiu há pouco o folheto «O Almôço da Fraternidade» e «Teatro Espiritualista (2.ª série)», a que fizemos referência no último número de *Estudos Psíquicos*.

O Lar, que será dirigido por Leopoldo Machado, secretariado por J. B. Chagas e redigido por António Lima, terá o formato de *Aurora*, fundada por Inácio Bittencourt, ou saïrá com formato mais pequeno, afim de poder ser encadernado, e deseja servir de órgão a tôdas as obras espiritas de assistência social, sem deixar de veïcular outras idéias ou iniciativas de interêsse doutrinário.

Destinar-se-à, sobretudo, à propaganda do Espiritismo através da literatura doutrinária e de ficção, cuja leitura possa agradar à mulher, ao jovem e à criança. Sem desprezar a



O LAR DE JESUS, DE NOVA IGUASSÚ

parte científica da doutrina, preferirá a colaboração literária (conto, novela, teatro e poesia) que possa converter, ensinando e recreando, por compreender que um convertido pelo coração vale mais do que cem convertidos pelo cérebro.

O Lar não carecerá de matéria paga, pois conta com dedicadíssimos cooperadores, que são os laboriosos companheiros da *Confraternização Lar de Jesus*, em que se fundiram os dez centros espiritas de Nova Iguassú.

Êste jornal será órgão da *Sociedade de Expansão dos Livros de Kardec*, há tempos fundada por António Lima, no intuito de vulgarizar as obras de Kardec a preços módicos.

Quanto a colaboradores, já conta com a colaboração permanente de abalisados propagandistas, tais como o Dr. Carlos Imbassahy, O Dr. Levindo Melo, Deolindo Amorim, o coronel Delfim Ferreira e outros. Será o jornal de todos que saibam escrever e que escrevam dentro do seu programa.

Quanto à *Edições Lar de Jesus*, vai ela lançar brevemente as seguintes obras:

«Um Inquérito original» (¿A música tem cabimento nos actos espiritas?).

«Um Espírito através do Cosmos», ditado mediúnico atribuído ao Espírito de A. Castro Lopes, com prefácio de Leopoldo Machado.

«A Medicina da Terra e do Espaço», pelo Dr. Levindo Melo.

«Observações à Margem do Espiritismo», colectânea organizada das «Observações» publicadas aos sábados pela *Vanguarda*.

Como se vê, trata-se de entidade com grande projecção material e moral, impulsionada por um apóstolo de rija têmpera.

Estudos Psíquicos, ao traçar estas linhas despretenciosas mas inteiramente justas, deseja aproveitar o ensejo para oferecer aos leitores a descrição em verso do «Lar de Jesus», da autoria daquêle extraordinário temperamento de lutador que se chama Leopoldo Machado.

LAR DE JESUS:

¡Um casarão enorme, avarandado,
Numa crista de monte,
Dominando a cidade bem de frente.
E no bairro mais poético e saüdável!...
De um lado e do outro lado,
O vastíssimo horizonte
E o casario pobre, ¡tanta gente
De aspecto miserável!

Quem, a caminho da pequena cachoeira,
Sobe ou desce,
Envia-lhe um olhar, queira ou não queira!
Seu aspecto seduz
E, às vezes, enternece...

À distância, é tal como se fôsse
Uma esplêndida gaiola...
E o é, de aves humanas, muito inquietas.
É o que deixa entrever
O vozerio das crianças, dôce,
Quando, ladeira abaixo, rola,
A lembrar infantis poetas...
¡Coisa que dá prazer!...

Há sempre festa rumurosa ali,
Que ali é sempre dia-de-ano-bom,
Quando aparece, alegre, o tio Olí,
Com o seu acordeon!...
E o LAR, para logo, se inquieta,
Ainda mais alegre e vivo,
De tantas vozes infantis, tão mansas,
Que a mansidão ali é de bom-tom...
É que as crianças,
Ouvindo o acordeon,
Cantam sua ciranda predilecta:

Nós somos as filhas do LAR DE JESUS
Sentimos prazer com a vida que temos...

Há festas? ¡Que alegria a das crianças!
Que agitação no LAR!
Tôdas querem ensaiar
Canto, declamação, teatro, dansas...

Primeiro, em formatura para o HINO À MORAL,
Que vale um belo ensino
Contra o pecado e o vício, e o êrro e o mal:

Na vida, é belo ver
Lutar alguém,
Em nome do Dever
Na prática do Bem...

— Mamã, eu já sei minha poesia...
Sei, sim, acredite —
A Florisdalva grita, alegremente:
— Eu também sei — berra a Edite. —
— Pois, vamos lá, pausadamente...

Nesta festa, em que o espírito
Bebe inspiração e luz,
É justo que seja ouvida
A Voz do LAR DE JESUS...

Chega de dentro, agora, um alarido,
Ouve-se um infantil tropel...
— Mas, que teria acontecido?
— Foi o Hilton que apanhou do Daniel!
Chega o Hilton, chorando,
Na sua meia-língua diz assim:
— Mamã, foi o Niel... bateu em mim...

Rompe a manhã. E irrompe, de repente,
No dormitório, algaravia infinda
Das pequeninas, tendo à frente,
A Luïsete, a Angélica, a Lucinda...

— ¿Que gente é aquela,
De saco em mão, o olhar tranqüilo,
A pedir de porta em porta,
Sem sentir pesada a cruz?
— É a gente caridosa que compõe

A CAMPANHA DO QUILO
DO LAR DE JESUS!

LAR DE JESUS — ¡Quantas crianças,
Brancas, mulatinhas, pretas!
¡Um esvoaçar sublime de esperanças,
Como se fôsse de humanas borboletas!
Criançada entregue ao trato maternal
Da alma tão bôa de mamã Marília
E de vóvó Donana!
¡Tudo ali é original,
Porque se vive ali como em família,
E das que honram demais a espécie humana!

LAR DE JESUS: uma família grande,
Que tende a ser maior;
¡Mas, sem deixar de ser uma família,
Que se agita, que vive, que se expande,
Sempre feliz, derredor
Da mamã Marília!...

LAR DE JESUS: ¡que belo e grande és tu!
Atestado que dá Nova-Iguassú
Do que pode o trabalho, a união
De um pugilo de servos de Jesus,
Que, ao calor e ao frio,
Lá se vão,
Espalhando lições de amor ao próximo,
E de fraternidade e luz.

12-11-1943.

Pudéssemos nós anunciar muitas emprêsas dêste género, enaltecedoras e prestigiantes, e a nossa alma rejubilaria em verdadeira festa espiritual. Mas saibamos esperar, que os elementos chegarão a tempo de provar ao mundo que o Espiritismo é doutrina de amor e paz susceptível de levar o homem à renovação de si próprio, pelo alijamento de vícios e impurezas que o obscurecem.

Não trata só de provar a continuïdade da vida para além da campa: a todos fornece meios de regeneração moral que em grande parte poderiam contribuir para a extinção da miséria terrena.

I. D. S.

Um sonho de Rudyard Kipling

Nunca fui dessas pessoas extremamente susceptíveis a influências telepáticas e sobrenaturais; entretanto, certa feita fiquei convencido de que me aproximava bastante de tão tortuoso atalho. Tive, uma noite, o seguinte sonho: vestido com a melhor das minhas roupas que raramente uso, estava eu numa fila com outros indivíduos, caprichosamente vestidos, num vasto recinto com lages de pedra, mal ajustadas e grosseiras. Do outro lado, estava outra fila de pessoas e, por detrás delas, tinha-se a impressão de que denso grupo se acotovelava.

À minha esquerda, realizava-se uma espécie de rito que me despertou curiosidade. No entanto, só poderia vê-lo, se me dispusesse a perder o meu lugar na fila.

Terminado o ritual, dispersaram-se ambas as filas, aproximando-se uma da outra, e o espaçoso recinto encheu-se de gente. Nêsse momento, chegou ao pé de mim um homem, que me disse, segurando-me o braço:

— Preciso de falar consigo.

Fôra sem dúvida um sonho muito claro e nítido, tanto assim, que o não esqueci mais.

Pois bem; mês e meio depois, estive presente, como membro duma comissão, a determinada cerimónia na Abadia de Westminster, em Londres, onde o Príncipe de Gales iria inaugurar uma placa em homenagem aos mortos da Grande Guerra.

Todos vestidos de preto, formámos duas filas na nave da Abadia. Eu nada podia ver, devido ao cavalheiro que estava à minha esquerda. Súbito, reparei no chão de lages e disse com os botões:

— Foi aqui que eu estive.

No fim, desfizemos as filas e aproximámo-nos uns dos outros, reünindo-nos todos no centro da nave. Daí a pouco, sou abordado por um sujeito que me diz, tomando-me o braço:

— Com licença. Preciso de falar consigo.

¿Como e porque me fôra dado ter um vislumbre prévio do filme da minha vida?

De «Something of Myself».

Por falta de espaço, retirámos alguns artigos já compostos de Henrique Magalhães, Bartolomeu Bana Martins e Pedro Mac Cord, os quais saïrão no próximo número.

O que nos espera após a morte

por José G. Losa

VAMOS hoje tratar, embora resumidamente, da situação especial que aguarda cada um de nós após a morte, tendo em atenção o modo como vivemos na Terra, visto continuarmos depois a ser os mesmos que éramos, sob o ponto de vista moral e espiritual.

Os Seres viciosos — Sofrem muitíssimo depois da morte, porque lhes falta o corpo físico em que, durante a vida, satisfaziam os seus desejos. O corpo astral ou corpo de desejos é agora a sua verdadeira morada, ou, antes, a sua prisão, e por isso os seus desejos são muito mais requintados. Como os não podem satisfazer, é natural que sofram muitíssimo. Por isso, procuram constantemente ligar-se ao corpo de um ser sensitivo a-fim de satisfazer as suas paixões. Procuram não só os médiuns, mas também, na sua falta, as pessoas fracas, doentes ou sensitivas, para se materializarem à custa delas e muito especialmente aquêles que possuem os mesmos vícios e tendências, procurando em geral os lugares freqüentados por pessoas viciosas.

Os alcoólicos — Procuram em geral as tabernas, os bares e outras casas onde se faz uso das bebidas, e aí se esforçam por se ligarem às pessoas presentes, tirando delas a vitalidade de que precisam para se materializarem e, por êste meio, satisfazerem os seus desejos. A sua vida é uma constante tortura, porque sentem desejo ardente de beber e não o podem fazer. O mesmo sucede com os fumadores e detentores de outros vícios, porque, por mais que o tentem, não os podem satisfazer. É por isso que nos devemos esforçar para que cada um se vá corrigindo e pondo de parte todos os vícios e más tendências, que, enfim, se vá continuamente aperfeiçoando em todos os sentidos, não só para evitar o sofrimento, mas também para acelerar a evolução, o que nunca conseguiremos, enquanto nos não corrigirmos.

Os Sensuais — Procuram os lupanares e outros lugares mal freqüentados e do mesmo modo se procuram servir das pessoas presentes para de algum modo satisfazerem os seus baixos desejos, tornando-se, por vezes, perigosos perante as pessoas que, embora castas, e até virgens, sejam sensíveis e não possuam bastante fôrça de vontade para reagir contra tais seres. São conhecidos alguns casos de pessoas que sentem em seus leitos a presença de invisíveis que as violentam. Sei de duas mulheres que, na ausência de seus maridos, eram torturadas invisìvelmente por seres desencarnados que as violentavam e a quem elas não podiam resistir.

Os avarentos — Permanecem, em geral, junto dos seus cofres, sempre receosos de que lhes roubem ou desperdicem as suas fortunas, que êles consideram sempre o seu Deus, a sua única felicidade, mas que os tornam verdadeiramente infelizes e escravos e por cujo motivo perseguem aquêles que se apoderam ilegalmente da riqueza, que perderam sem remisão.

Os invejosos—Também, em geral, não podem ter descanso, porque, lá como cá, se julgam os únicos senhores dos bens que Deus a todos facilita. E conhecendo-se o adágio popular «Nunca a inveja medrou, nem quem ao pé dela morou», pode avaliar-se quanto êles sofrem e fazem sofrer às pessoas de quem se aproximam e a quem procuram fazer mal.

Os ciümentos — Se, durante a vida, o cônjuge ciümento não descansa nem deixa descansar o companheiro, depois da morte essa tortura não cessa e antes aumenta, pois o desencarnado nunca poderá tolerar que a sua antiga companheira caia nos braços de outrem e vice-versa.

Os desordeiros — Procuram sempre os lugares freqüentados por pessoas de iguais tendências e incitam os circunstantes a rixas e contendas, sentindo-se muito satisfeitos, quando vêm tudo em desordem. É por isso que muitas vezes se presenceiam tumultos, cuja origem mal se compreende e que não tinham nenhuma razão de ser.

Os criminosos—Permanecem muito tempo nos lugares onde cometeram seus crimes, principalmente por ocasião de seus aniver-

sários, continuando a alimentar o mesmo ódio contra os adversários e aquêles que foram criminosos natos e que ainda se não arrependeram, procurando contìnuamente cometer ou induzir os outros a que cometam novos crimes. Aquêle que procedeu irreflectidamente ou foi vítima de provocação ou de circunstâncias imprevistas, aí será também mais ou menos atraído pelo remorso; no entanto, sofrendo sempre mais ou menos enquanto se não der o seu sincero arrependimento, depois do qual terminará a sua tortura e se esforçará por receber o perdão da sua vítima.

A pena de morte — O indivíduo que foi condenado à morte como expiação dos seus crimes ou vítima das injustiças humanas, sente-se agora mais livre e mais furioso e com mais possibilidades de cometer novos crimes, mas como não tem corpo físico, induz e por vezes consegue que os encarnados *desprevenidos* ou com as mesmas tendências os cometam; êles se apossam dos corpos das várias pessoas que possuem pouca fôrça de vontade para cometerem êsses crimes. É por isso que muitas vezes os loucos e os fracos de espírito agem por influência dêsses desencarnados que empregam tôda a sua malévola actividade na prática do mal. E aí está como em geral, condenando-se um criminoso à morte para servir de exemplo e na esperança de se evitarem novos crimes, estes aumentam extraordinariamente, porque o criminoso, agora liberto do seu corpo e fora das vistas das autoridades, actua constante e livremente sôbre outras pessoas por meio da tentação, da obsessão ou da sugestão para que pratiquem os mais variados e o maior número de crimes. E o seu sofrimento é também muito grande, assim como a sua revolta, porque a vida lhe foi ceifada antes da ocasião oportuna. Daqui se conclui que a pena de morte é um dos graves erros jurídicos estabelecidos pela justiça humana. Robespierre e os seus apaniguados, que tantos infelizes levaram à guilhotina, diziam freqüentemente que aquêles que eram guilhotinados nunca mais os incomodavam. Mal sabiam êles que lhes davam uma grande liberdade para prepararem a máquina onde êles haviam de ser guilhotinados. também.

Um criminoso deve ser prêso e guardado em lugar seguro, onde não possa cometer novos crimes, e nunca libertado do seu corpo físico, visto que depois ninguém o pode vigiar nem enclausurar, ficando êle na maior liberdade para cometer os crimes que lhe proporcionarem. Em vez de se condenar o criminoso à morte, deve êste ser levado para um lugar seguro, onde seja tanto quanto possível regenerado pelo trabalho. As prisões, em vez de serem lugares de tortura e por vezes escolas de criminosos, deviam ser verdadeiras escolas de moral, de trabalho e de regeneração.

Os suïcidas — Êstes então estão destinados a um sofrimento ainda maior, em virtude do acto de loucura ou revolta que praticaram. Só êste parágrafo dava elementos para um longo artigo, mas eu vou resumir o assunto o mais possível.

O suïcida julga que pondo termo à vida terminam todos os seus sofrimentos, dificuldades e responsabilidades. Puro engano. Depois da morte, êle sente, durante todo o tempo em que devia viver, as mesmas dificuldades e sofrimentos, como se continuasse vivendo. Mas, além disso, sofre longo tempo a agonia da morte por êle provocada e o remorso do seu acto de loucura e de revolta, reconhecendo que se tivesse sido resignado talvez tivesse podido resolver os seus problemas. E assim se mantém numa tortura horrível, vendo o seu corpo mutilado durante todo o tempo em que devia viver e todos os problemas insolúveis que o fizeam sucumbir.

E quando chega a ocasião de descansar, reencarna novamente num corpo mutilado e volta ao mundo para continuar a provação de que havia desertado.

Em conclusão — Como se acaba de ver, todos os indivíduos que durante a existência física levaram uma vida viciosa, criminosa, irregular e antinatural, sofrem depois da morte mais ou menos tempo, visto que a vida no Plano Astral é a continuação da que levaram no Plano físico; mas por fim, cada ser vai-se sentindo cansado, o corpo astral vai envelhecendo, como sucedeu ao físico, os desejos vão diminuindo como na vida física deminuiram as suas fôrças vitais e, mais tarde ou mais cêdo êle irá colher no Mundo Céu o fruto dos muitos ou poucos actos bons que tenha praticado, pois até os maiores malvados sempre fizeram em geral alguma coisa durante a sua vida que mereça a recompensa e esta nunca lhes será negada.

Exceptuam-se os suïcidas que, como já vimos, quando deviam ir descansar se não se tivessem revoltado, isto é, se tivessem esgotado o Karma que lhes tinha sido marcado, voltam agora para o lugar donde haviam desertado, indo para o Mundo Céu só depois de suportarem esta segunda provação.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

O capitão do navio mercante

Está, certamente, na memória de todos o relato que fizemos àcêrca das mensagens publicadas por Lord Dowding, marechal do ar de Inglaterra. Hoje, inserimos a comunicação dum capitão da marinha mercante inglêsa, que o marechal publicou no semanário espirita de Manchester *The Two Worlds* (Os dois mundos) e transcrita pela *Revista Internacional do Espiritismo*. É um documento elucidativo, a respeito do trespasse e da vida do Além.

As comunicações a que nos referimos há tempos tratavam de batalhas em terra e no ar. A de agora relaciona-se com o torpedeamento dum navio mercante.

Escreve Dowding:

«Os leitores devem recordar-se de quatro artigos que publiquei no *Sunday Pictorial*, referentes a mensagens recebidas pela senhora Hill e transmitidas por seu pai o coronel Gascoigne. Pediram-me outra mensagem da mesma série para *The Two Worlds* e escolhi a seguinte, por ser um pouco diferente das outras. Em primeiro lugar, as mensagens publicadas tratavam de batalhas em terra e no ar e esta refere-se a um torpedeamento no oceano; em segundo lugar, caracteriza-se pela solicitude dum escocês digno de confiança, decidido a relatar os pormenores do seu trespasse que pudesse haurir da sua memória. Eis o facto:

Afinal, posso comunicar com a terra e contar o que me sucedeu. Não sou cristão no sentido que a vossa Igreja dá à palavra. Nunca pude compreender sinceridade na religião das igrejas, mas sentia que só o dever era a religião do homem sincero.

Servi na marinha mercante, onde alcancei o pôsto de capitão em 1930. Relato-vos estes pormenores com o fim de explicar quem fui, o que fiz e donde vim. Isto nos esclarece a visão.

Sou escocês, natural de Dumfries e estava num combóio atacado por submarinos. O meu navio foi torpedado e, apesar de terem escapado algumas embarcações, senti que era meu dever ficar até o último extremo e fui ao fundo com o navio.

Percebo agora que era uma grande experiência de que quero tirar o máximo proveito, com o fim de ajudar os companheiros que sob o meu comando sofreram a mesma penalidade que os isentou de ulteriores serviços no plano terrestre.

Agora quero tratar cuidadosamente do desastre. Eu estava na ponte e o navio adornava pesadamente. Os rapazes já estavam mortos na casa das máquinas, devido à explosão, e tudo o que se podia salvar já estava nas baleeiras, enquanto eu mantinha a prôa sôbre as ondas, no intuito de obrigar o navio a flutuar o mais tempo possível, para que pudessem afastar-se antes do afundamento.

Mas o navio adornava progressivamente, até que não pude sustê-lo. Então, senti um choque súbito. O barco quebrara-se ao meio e submergiu. Eu precipitei-me com êle. Senti grande pêso e intensa opressão. Foi esta a minha primeira lembrança. Repentinamente, senti-me livre... e fàcilmente me desembaracei da embarcação.

Encontrei-me numa região completamente calma, onde reinava paz e silêncio. A princípio, lobriguei pequenina luz que, aos poucos, se tornava mais distinta, mas não consegui descobrir a sua origem.

Julgando-me só, não procurei descobrir outras pessoas, mas vi que chegavam os rapazes da casa das máquinas que me rodearam e disseram:

— Capitão, não sabíamos que também aqui estava. ¿Porque não abandonou o navio com o resto da tripulação?

Êles eram assalariados e não compreendiam a nossa tradição. Fiz-lhes ver que o lugar dum capitão é no seu navio e era tudo o que importava. Mas julgaram-me antiquado e ignorante e não se convenceram. Môços como eram, oprimia-os a idéia da morte.

Estremeciam a vida e perderam-na. Quanto a mim, via que a morte era o termo normal e adequado à minha existência. Orgulhava-me de haver cumprido a tradição do marinheiro, mas êles não pensavam assim. Da morte e de Deus nunca esperei outra coisa, a não ser justiça e tratamento recto e no fim encontrei tudo que tinha ambicionado.

Eu não era ambicioso, não tinha parentes próximos que chorassem a minha falta. Aceitei o que o destino me reservou.

Uma coisa interessante: verifiquei que estes dois rapazes pensavam e falavam exactamente como o faziam a bordo. Eu continuava a ser capitão e êles obedeciam-me. Por isso, sentia curiosidade de saber porquê.

Acercámo-nos do navio e examinámo-lo. Durante certo tempo comentámos o ataque. Depois um dos rapazes disse, impaciente:

— Bem, não podemos aqui ficar para sempre, ainda que estejamos na eternidade.

Isto provocou hilariedade, porque continuávamos a ser precisamente os mesmos indivíduos de uma hora antes.

— Capitão: que devemos fazer? — preguntaram.

Eu estava um tanto preparado para a resposta:

— Não, rapazes, — disse eu — Já não sou o vosso capitão. Mas, se ainda quereis que vos guie, farei o melhor possível. Parece que estamos mortos, segundo o termo que usualmente empregávamos, mas como ainda não percebemos qualquer mudança, excepto o vivermos debaixo de água, tratemos de descobrir as novas condições. Podeis caminhar? Podeis nadar? Podeis subir à superfície? Seja qual fôr o mundo em que vamos viver, devemos subir à superfície e eu ainda quero ver a luz solar.

Expresso êste pensamento, apoderou-se de nós a vontade de subir e de nos desembaraçar das condições da morte e do desastre. E assim o fizemos, de maneira assombrosamente fácil.

Na superfície, a luz solar era bela, quente, deslumbrante, de muito mais belas côres, como nunca havíamos observado.

Sentia-me bem, verdadeiramente bem. Eu não era môço e, de tempos a esta parte, sentia-me cansado, mas a fadiga desaparecera inteiramente e eu vivia bem. No meu íntimo havia uma espécie de felicidade.

Penso que todos experimentamos um mêdo secreto de fugir ao cumprimento do dever, quando soar a hora derradeira. Se permanecermos firmes até o fim, seremos recompensados.

Digo-vos isto francamente, em benefício dos outros, para que encarem o último momento com intrepidez e compreendam a sua importância.

Na superfície das águas, sentia-me ditoso e despreocupado. De repente, um dos rapazes saíu da água, dizendo:

— Veja, capitão! Eu posso andar sôbre as águas. Que vem a ser isto?

E antes de me dar tempo a responder, já êle estava fora da água e até no ar.

— Anda cá. Dá-me a tua mão. Quero ver se consigo fazer o mesmo, — disse eu ao fogueiro Jim Western, que respondeu:

— Bem; a falta de transporte não nos privará de ir a qualquer parte. ¿E se após esta folga nós fôssemos à terra natal?

Despediram-se. Não sei porquê, eu tinha que ficar ali. Não me sentia atraído para outra paragem.

Êles voltaram ao lar que haviam deixado, mas eu nenhum possuía. Por isso, fiquei e esperei.

Pressentia que alguma coisa ia acontecer e assim foi. Depressa apareceram todos os meus amigos que me precederam: minha mulher, minha mãe, um filhinho que perdera e alguns antigos pilotos. Foi uma reünião sublime à luz do sol. Conduziram-me à sua terra, mas eu não vi mais coisa alguma. Estava tão fatigado, que adormeci.

E agora singro nestas novas águas, mais privilegiadas, visto grandes serem os meus planos de auxílio aos outros. Permiti que eu escreva novamente. Sinto-me tão grato!...

Humphries

Comentário do coronel Gascoigne: «Aqui está um homem são, digno de confiança, sem idéias fixas, excepto as do dever. Persistiu até o fim e foi recompensado. Quando se viu no outro mundo, não viu Guias resplandecentes, porque não tinha fé nêsse sentido e por isso não podia estabelecer êsse contacto. Nada atraía para Deus a parte mais elevada da sua alma. Durante a vida terrena, realizou serviço esplêndido, sempre escravo do dever, mas não atingiu a parte mais elevada da sua individualidade e teria de lutar para êste fim. O facto de não crer no Cristo não vos fechará as portas, se trabalhastes em benefício dos vossos semelhantes e satisfizestes a vontade de Deus. Todavia, ficareis privados de luz maior que poderá ser vossa. Por isso, tereis de conquistar essa fé e conhecimento, antes de ascender ao supremo êxtase da realização que parece ser parte integrante do espírito do Cristo.

«Nunca perdeu a cabeça, na vida ou na morte. Nunca o abandonou o hábito de persistir, mesmo na iminência de ser arremessado às nuvens. No oceano, estava êle como em sua casa e não o afligia a idéia de perder a companhia do resto da tripulação. Estava a desenvolver suas faculdades latentes.

«Servir era propósito da sua vida e o dever a sua expressão. Nada tinha a recear na sua passagem. Justo, honesto, determinado e bravo, simples e recto, esperando justiça e tudo oferecendo... dêstes é o reino dos céus.»

— Em vista dos comentários do coronel Gascoigne — acrescenta Lord Dowding — nada mais há que aduzir. Desejo apenas assinalar que essa levitação ou dificuldade de conservar o novo corpo à superfície é feição comum da série, bem como o desejo imediato de começar a servir os semelhantes, desejo que exprimiu pelos comunicantes mais respeitáveis e de maior responsabilidade.

O inexplicável desaparecimento do resto da tripulação pode ser devido a terem encontrado seus Guias e mensageiros, invisíveis ao Capitão.»

Factos estranhos

La Nacion, de Buenos Aires, publicou em Setembro de 1940 um curiosíssimo relato de que se fêz eco *La Idea*, órgão da Confederação Espirita Argentina, e a *Revista Internacional do Espiritismo*

O sr. Henry Trichet, rico proprietário de Lisieux, enviou à Sociedade Espirita Francesa uma narração corroborada por seis testemunhas idóneas, relativa a factos estranhos de que êle foi o protagonista.

Havia três anos que Frichet perdera a espôsa, mulher de 24 anos. Dois anos, mais tarde, apresentaram-lhe a menina Georgette Passerieux, filha dum notário, com a qual prometeu casar. Passam semanas e certa noite Frichet recolheu ao domicílio, depois de gastar algumas horas em casa da noiva. Como não tinha sôno, dirigiu-se ao escritório, afim de acabar um trabalho.

Decorrido cêrca de 15 minutos, ouviu um ruído semelhante ao estalar de móveis e logo a seguir espalhou-se pelo quarto um suave aroma de verbena, o perfume dilecto da defunta espôsa, e Frichet sentiu na fronte o pêso de mão gelada.

Voltou-se e deparou com a espôsa diante de si, exclamando:

— ¿Porque deixaste de amar-me? ¿Porque me queres esquecer?

Trémulo de emoção e surpresa, Frichet ergueu-se para responder, mas o espectro desapareceu antes dêle se aproximar.

Frichet declarou que nunca se tinha interessado pela doutrina espirita; por isso, receando que tal visão fôsse motivada por fraqueza cerebral, consultou um médico, que lhe ministrou calmantes para os nervos. Mas, segundo parecia, a curiosa aparição não se relacionava com imaginações doentias, visto que certa noite, ao entrar no escritório, tornou a ver o fantasma, em pé, no meio do compartimento, notando que o seu cão «Floc» também o via, porque saltava cheio de alegria, em volta da imagem do Além.

Enquanto acariciava a cabeça do cãozito, o fantasma fixou tristemente o seu amado Henrique. E disse, lacrimosa:

— Desaparecerei para sempre e não tornarás a ver-me. Mas, antes disso, quero restituir-te êste símbolo de fidelidade, destituído já de todo o valor.

E antes de se extinguir, o espectro tirou o anel do dedo e atirou-o violentamente ao chão. O cachorro, entretanto, precipita-se sôbre o anel mete-o nos dentes e entrega-o à dona; mas suspende a marcha, porque a dona tinha desaparecido.

Quando Frichet se refêz do espanto, chamou o cão e viu-lhe o anel prêso nos dentes, conseguindo arrancar-lho a muito custo.

Perante esta prova material deixada pelo fantasma, reconheceu o anel de noivado que oferecera à espôsa e no qual se viam claramente marcados os dentes incisivos do cão.

Para se certificar, Frichet mostrou o anel ao joalheiro Cagnard, que garatiu tratar-se do mesmo anel que lhe vendera, havia alguns anos.

Frichet contou-lhe tudo, sob pena de passar por louco. No mesmo dia, obteve audiência do juiz; e na presença do oficial de saúde e do comandante da polícia, contou a história aos três, exibindo o anel com a marca dos dentes do animal, com o pedido de autorização para abrir o ataúde onde jaziam os restos mortais da espôsa, afim de verificar se o anel que levara para a sepultura continuava no dedo.

Tratava-se de um caso excepcional e por isso as autoridades deferiram o pedido, que teve de ser registado em Caen, o que demorou alguns dias. Entrementes Frichet foi a casa do notário Passerieux, a quem contou o sucedido. Mostrou-lhe o anel e desfêz o compromisso que assumira para com a filha.

Na noite do mesmo dia, o fantasma apresentou-se-lhe em sonho, beijou-lhe a fronte e disse-lhe:

— Agradeço-te, Henri. Agora sei que me amarás sempre. Espero-te para a eternidade.

O viúvo teve, então, a impressão clara de que o Espírito abrira o estôjo onde êle guardara o anel e o enfiara no dedo.

Quando, no dia seguinte, examinou o estôjo, a aliança tinha desaparecido e comunicou o facto às autoridades. Três dias depois abriram o ataúde na presença das seguintes pessoas: juiz, oficial de saúde, comandante da polícia, Dr. Silvain, joalheiro Cagnard e notário Passerieux, todos estremecendo ao verificar que o anel estava no dedo do esqueleto. E mais espantados ficaram, quando o Dr. Silvain, após o exame da aliança, declarou que nela estavam impressas as marcas dos dentes do cão, que todos tiveram ensejo de ver alguns dias antes.

Éste relato, corroborado por tão idóneas testemunhas, causou enorme impressão.

A MISSÃO DO ESPIRITISMO

A missão real do Espiritismo não é sòmente esclarecer as inteligências por um conhecimento mais preciso e completo das leis físicas do mundo; consiste, sobretudo, em desenvolver a vida moral dos homens, a vida moral que o materialismo tem amesquinhado muito. Levantar o carácter e fortificar as consciências, tal é o papel capital do Espiritismo. Sob êste ponto de vista, êle pode ser remédio eficaz nos males que assediam a sociedade contemporânea.

LÉON DENIS

Notas & Comentários

Legado de Firmino Teixeira

Da Direcção da Federação Espirita Portuguesa recebemos amável carta, comunicando-nos que o Conselho Superior Deliberativo daquela agremiação resolvera distribuir êste ano 10.000$00 (dez mil escudos) pelos centros espiritas, por conta do Legado de Firmino da Assunção Teixeira, de harmonia com o deliberado na última Assembléia Geral Extraordinária de 13 de Maio último.

O rateio foi feito da seguinte forma:

Centro Espiritualista Luz e Amor	3.250$00
Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, do Pôrto	2.250$00
Centro Espirita, de Braga	1.500$00
Centro Espirita Perdão e Caridade, de Lisboa	1.000$00
Centro Espirita Luz, de Coimbra	1.000$00
Centro Reflexos da Verdade, de Beja ...	500$00
Centro Espirita de Matozinhos	500$00

Os factos dizem mais do que as palavras e o mundo pertence aos fortes, aos que trabalham em silêncio, mas cuja obra, quando aparece, não esquece.

Continuaremos fiéis à nossa emprêsa e ao lugar que, por direito de conquista, obtivemos no rateio. Só de nós depende a conservação dessa primazia, que veio, de certo modo, compensar os dissabores e contratempos que temos encontrado no caminho.

Ao Conselho Superior Deliberativo e à Comissão Técnica da Federação agradecemos a justiça feita ao Centro E. Luz e Amor.

A perda dum filho...

... é muitas vezes motivo de conversão ao Espiritismo. Após tenacíssima resistência ao reconhecimento dos fenómenos psíquicos, de mistura com facetos comentários àcêrca de problemas transcendentes, inúmeros indivíduos sentem vacilar as convicções materialistas e quási enlouquecem à procura dum refúgio espiritual, sobretudo quando a morte lhes arrebata um filho querido que era todo o seu enlêvo, que constituía o prolongamento da vida dos pais.

Assim aconteceu a Coelho Neto, que em memorável conferência fêz a sua profissão de fé espirita, assim aconteceu a Monteiro Lobato, que no seu livro «Na Antevéspera» dedica um capítulo inteiro à nossa doutrina.

Tanto um como outro, vieram até nós, em virtude da perda dum filho.

Monteiro Lobato assumiu atitude mais ostensiva, traduzindo algumas obras editadas pela Sociedade Metapsíquica de S. Paulo e ligando agora o seu nome a um livro que veïcula abertamente os nossos postulados e no qual afirma que o Espiritismo é a religião do futuro.

Só as grandes dores morais conseguem tocar alguns corações e despertar certas inteligências, que melhor fariam se empregassem a actividade em coisas elevadas e úteis ao próximo.

Noticiário

Inauguração dos trabalhos do Centro E. Luz e Amôr

Como fôra anunciado, os trabalhos do Centro Espiritualista Luz e Amor, relativamente ao novo ano espirita de 1944-45, inauguraram-se no dia 8 de Outubro com a conferência do coronel Faure da Rosa, intitulada: «Vidas Sucessivas: As Experiências do Coronel de Rochas».

Muito antes da hora marcada, já o Centro regorgitava de pessoas, umas ansiosas por ouvir a palavra eloqüente do orador, outras saüdosas do fraternal convívio que se desfruta nêste ambiente modesto e afável.

Constituída a mesa sob a presidência do confrade Isídoro Duarte Santos e secretariada pelos Drs. Sebastião Elviro Martins e Estêvão da Silva, Major Eurico de Castro Zuzarte e Joaquim Estêvão Rodrigues, o primeiro abriu os trabalhos, dizendo que após dois meses de repouso material e espiritual, o Centro retomava a sua faina, com o mesmo ardor e o mesmo entusiasmo, com a mesma esperança e a mesma fé nos destinos da Causa Espirita, à qual tem dedicado todos os momentos de atenção. Rejubilava também com o facto de se encontrarem ali numerosos amigos, lamentando que a sala fôsse pequena para tantos adeptos, cuja presença demonstrava o mais sincero amor à obra que estávamos a realizar.

Mais uma vez o nosso companheiro e amigo sr. coronel Faure da Rosa — continuou o orador — vem inaugurar os labores duma colectividade que lhe tem merecido sempre a maior consideração e à qual está ligado por laços inquebrantáveis.

Seguidamente, o conferente iniciou a leitura do seu trabalho, escutado com a maior atenção. E durante hora e meia a sua palavra vibrante reboou como um clarim, chamando os adeptos ao bom combate e historiando as experiências do Coronel Albert de Rochas, antigo Administrador da Escola Politécnica de Paris, que fôra obrigado a resignar o cargo, em virtude das experiências que empreendera, àcêrca das vidas sucessivas.

É-nos impossível dar uma idéia da conferência, tão elevado èra o tema escolhido e variados os fenómenos expostos com mestria e polvilhados de quando em vez por uma ou outra frase de bom humor, em que o nosso companheiro é inimitável. O que sabemos é que agradou sobremaneira a todos,

nº 1, 1944

que numa grande ovação demonstraram ao conferente o seu aplauso e simpatia.

O presidente da mêsa — que o é também da Direcção — agradeceu a bela exposição feita e disse que era consolador ver como grandes homens de ciência estudavam os postulados espiritas, arrostando embora com a animadversão de colegas preconceituosos aferrados a idéias antiquadas. E citou alguns dêsses luminares, pondo em relêvo o Dr. Gustave Geley, cujo «Resumo da Doutrina Espirita» o impõe verdadeiramente a crentes e profanos, tão rigorosa é a sua análise e elevados os seus conceitos. E acrescentou:

— Se os sábios independentes não têm mêdo de chamar a atenção da ciência para o Espiritismo, é porque há nêle verdades irrefragáveis que é necessário estudar e difundir. Estudemos e difundamos essas verdades sem véu, sem receio de ataques, venham êles donde vierem.

Agradeceu, depois, a solidariedade dalgumas agremiações espiritualistas, como a *Ordem Esotédica* Iniciática, que se fazia representar pelo sr. Fernando Simões Dias a quem o orador apresentava os cumprimentos da Direcção.

Notou, igualmente, a presença do Dr. Estêvão da Silva, presidente do Conselho Superior Deliberativo da Federação Espirita Portuguesa e que ali vinha, como simples espirita militante alheio ao cargo, trazer-nos protestos de solidariedade bem compreendida e sentida. O Dr. Estêvão da Silva é uma alma de eleição e todos os seus pensamentos são dirigidos para a confraternização das almas. Por isso, lhe agradece a sua presença honrosa.

Agradeceu também a comparência doutros, como o Dr. Amílcar Gonçalves, João José Alves, João José Pilar, etc., que nos quiseram dar nêste dia o testemunho da sua amizade nunca desmentida.

Por último, referiu-se aos irmãos do Brasil, especializando, sem desdouro para ninguém, os nossos confrades José de Carlos Chelmicki e Henrique de Magalhães, que tão grande dedicação votam ao Centro. Estes dois pioneiros merecem a gratidão de todos nós e pena é que não os tenhamos aqui, para mais fortalecidos nos sentirmos. Êles estão longe, mas sempre presentes em espírito. São animadores desta casa, honrando-se com os nossos triunfos e auxiliando-nos nas nossas necessidades.

Sentia-se ufano por o Centro contar no número dos sócios alguns eminentes paladinos da Causa no Brasil, entre os quais o grande polemista Dr. Carlos Imbassahy, o jornalista incansável e de férreo pulso Dr. Henrique Andrade, director do semanário *Mundo Espirita,* o prof. Ismael Gomes Braga, director da Hora Espirita Radiofónica do Rio de Janeiro, e Agostinho Pereira de Sousa, presidente da Associação Espirita Obreiros do Bem, que acaba de construir o Hospital Pedro de Alcântara, destinado à cura de loucos (obsediados) e situado num dos melhores bairros da capital fluminense.

Assim acompanhados — terminou — poderemos continuar a marcha ascendente, à sombra da árvore frondosa do Espiritismo.

O Dr. Estevão da Silva levantou-se então para agradecer as palavras que lhe foram dirigidas e saüdou o Centro E. Luz e Amor na pessoa do seu Presidente, «*alma-mater* duma agremiação que se impõe pelo seu amor à Causa, o que lhe valeu ser distinguida com o primeiro lugar no rateio do Legado de Firmino Teixeira, distribuído agora pelo Conselho Superior Deliberativo da Federação».

Fêz a apologia da união das agremiações espiritas, visto que só unidos poderemos fazer alguma coisa de útil, terminando num apêlo a todos para que se esforçassem no sentido de pôr em prática a idéia apresentada.

E assim terminou a sessão inaugural do novo ano espirita, realizada no Centro Espiritualista Luz e Amor.

Auxílio aos necessitados

Como nos demais anos, voltamos a apelar para a generosidade dos leitores, na intenção de minorar de algum modo a miséria dos necessitados protegidos pelo Centro Espiritualista Luz e Amor. Que o Natal de 1944 represente para nós uma nova afirmação de solidariedade.

Centro Espiritualista Luz e Amor	100$00
Revista «Estudos Psíquicos»	30$00
Isidoro Duarte Santos	20$00
Maria Gonçalves Duarte Santos	20$00
Guilherme Miguel Afonso	10$00
Joaquim Estêvão Rodrigues	10$00
Nazaré Reis e Cunha	20$00
António Alves Duarte	2$50
Grupo Espirita Joana d'Arc	100$00
Total.....	312$50

Programa dos trabalhos do Centro no mês de Novembro de 1944

Dia 5, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 12, às 16 horas — Conferência por F. Noronha, intitulada «A minha identificação espiritista», sendo a entrada pública.

Dia 19, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 26, às 16 horas — Sessão experimental.

NOTA — As sessões experimentais são exclusivas aos sócios.

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

ANO 6.º | LISBOA, DEZEMBRO DE 1944 | N.º 2

Propriedade de Isidoro Duarte Santos | Direcção e Edição de Maria Gonçalves Duarte Santos | Redacção e Administração — Rua do Salitre, 149, 1.º

Composto e impresso na Tipografia SILVAS Lda. — Rua de D. Pedro V, 120 — LISBOA

PAZ

Nunca sentimos tanto a necessidade de paz, como nêste momento histórico pleno de incerteza, de dúvidas cruéis, em que os homens válidos tombam ao longe, entre blasfémias e gritos de revolta, ao mesmo tempo que milhões de seres vestem luto pelos ausentes que não voltarão jamais... Deseja-se, pois, qualquer coisa que satisfaça o nosso anseio moral.

Muitos espiritas sentem talvez melhor, ou mais intensamente, êsse natural desejo, essa urgente necessidade.

¿Mas os homens que não puderam libertar-se de certas influências impeditivas de bom entendimento, estarão resolvidos a entrar noutro caminho, perdoando antigos agravos, cedendo parte dos seus «direitos adquiridos», renunciando a «hegemonias» quási sempre prejudiciais, apelando, enfim, para as fôrças superiores, no sentido de entrarem em nova era de concórdia?...

A Federação Espirita Portuguesa vai eleger novos corpos gerentes. Talvez já estejam eleitos, quando êste número circular. Praza a Deus que tudo decorra serenamente, sem rivalidades, nem paixões, dentro da harmonia preconizada. Será uma nota elegante e um passo em frente para a época de paz que se pretende.

Fiel aos princípios acima enunciados, o Centro Espiritualista Luz e Amor já deu o exemplo, enviando àquela colectividade a sua carta de adesão sincera. ¿Será compreendido o seu gesto fraternal? Se o não fôr, tanto pior para aquêles que dificultarem a federação dum grande centro espirita, que iria, sem dúvida, fortalecer a coesão almejada. Entendemos que só em paz se pode defender e propagar a Doutrina. Nesta posição temos estado e estaremos, enquanto vivermos. Nunca perfilharemos combinações espúrias com o fim de votar guerra a quem quer que seja, porque a paz é o nosso lema.

Assim, rejubilaríamos com a remodelação dos corpos gerentes da Federação Espirita Portuguesa, à qual, noutros tempos, demos o nosso esfôrço desinteressado e leal. E mais rejubilaríamos ainda, se os novos dirigentes aproveitassem o ensejo para impulsionar o movimento espirita, reorganizando as comissões federativas e criando novos elementos de propaganda, entre os quais uma grande revista que se impusesse.

Ninguém melhor do que a Federação poderia realizar essa obra de fortalecimento, se à sua frente estivessem individualidades idóneas em todos os sentidos, alheias a sentimentos mesquinhos e a facções desagregantes e que só tivessem em mira o bem da Causa, a sua expansão e o seu prestígio. Temos a certeza de que nenhum espirita deixaria de acorrer com o seu auxílio e a obra seria grande e impor-se-ia a amigos e inimigos.

Vida nova! Processos novos! Vamos, amigos! ¡Apertem as mãos os que o possam fazer sem quebra de dignidade e trabalhem em paz, para honra e glória do Espiritismo!

D/44

OCULTISMO E ESPIRITISMO

pelo coronel Faure da Rosa

II

Magos

Os magos existiam muito tempo antes da época das pirâmides. Já então lhes atribuíam poderes de necromantes, de profetas, de curadores, de feiticeiros...

S. Mateus, no seu Evangelho, qualifica de magos os sábios caldeus que foram adorar Jesus, de cujo nascimento tiveram notícia pela leitura das estrêlas. Na côrte dos reis da Babilónia existia uma corporação de «adivinhos», que viviam no palácio. Dividiam-se em doutores da religião, conjuradores de má sorte, astrólogos, médicos e adivinhos.

Certos historiadores julgam que esta casta de sábios era mais poderosa que os ministros do rei. O que se sabe é que os sucessivos soberanos da Mesopotâmia (reis da Babilónia e de Nínive, imperadores da Assíria e da Pérsia), nunca tomavam uma decisão grave sem consultarem os magos caldeus.

O primeiro astrólogo célebre foi Junctin de Florence, doutor em Teologia e capelão de François de Valois. Não só tirou os horóscopos de todos os grandes da terra, mas também os das cidades e monumentos.

O italiano Pomponozzi (1462-1524), professor de filosofia em Pádua, depois em Ferrare e, por fim, em Bolonha, afirmava que o mundo sideral governa a nossa existência. Êsse grande erudito das ciências ocultas egípcias, gregas e árabes, entendia que todos os milagres humanos se podem explicar. É no céu que se pode descobrir o futuro. Os astros que anunciaram a César e a Augusto o seu destino, «são os intermediários entre Deus e os homens que lhes anunciam o seu futuro por meio de sonhos, de fenómenos aéreos ou aquáticos, etc.».

Pomponazzi explica os milagres da antiguidade, — explicação que pode estender-se aos milagres do mundo moderno — os casos de magia e de demonologia» de maneira muito humana. Para êle não é só Deus que pode fazer milagres: os astros e a inteligência humana também o podem. Montaigne partilhava a mesma opinião, mais tarde partilhada também por Vanini e Cardan. Vanini — que era carmelita — pagou com a vida o desinterêsse com que serviu as suas idéias: foi queimado na fogueira, em Toulouse, por ordem da Inquisição, em 1619. A sua existência foi agitada: das Universidades de Nápoles e de Pádua, passou para a Tôrre de Londres, e da intimidade do arcebispo de Cantuária passou a ter intimidade com as prisões da Inquisição. Estigmatiza os que não acreditam nas pretensas fábulas e pregunta porque se não havia de admitir que a «voz de Deus» se manifestasse na estátua dum ídolo, do mesmo modo que no movimento dos astros. Para êle, como para o seu mestre — o astrónomo grego Ptolomeu — a astrologia é uma ciência incontestável. Os astros são mensageiros; são êles que nos transmitem sinais. Cardan — sábio e iluminado, médico e adivinho, filósofo e inventor (inventou a célebre «suspensão Cardan» e a fórmula para a resolução das equações do terceiro grau), moralista e amoral — Cardan era tido pelos seus contemporâneos como louco. Êle próprio declarava-se «incompreensível de todos». O que é certo é que o astrólogo Cardan foi um curador, um médico admirável. Em 1537 foi chamado para tratar o filho dum senador (Ilondrato), conselheiro particular do imperador, que estava moribundo com convulsões. A cura foi rápida; num caso em que tinham falhado todos os luminares da época, Cardan venceu com simples fricções e envolturas. Pouco tempo depois salvou de asma o arcebispo escocês Hamilton. Do mesmo modo curou o duque de Susa e o cardial Morone, além das numerosas curas de paralíticos.

Espantosamente vaidoso, falando constantemente no seu «génio», afirmava que obtivera a ciência do grego, do árabe e do espanhol e que a sua carne cheirava a incenso e a enxôfre, isto é, tinha odor santo e odor diabólico. Entre outras coisas maravilhosas, Cardan conta que bastava a sua presença para impedir o sangue de correr. Esta maravilha lembra a hemofilia do filho do czar da Rússia tratado por Rasputine.

Cardan cita casos singulares: por exemplo, na sua presença os caçadores nunca conse-

guiram abater uma única peça de caça; um sonho advertiu-o do crime do filho que assassinara a espôsa; outros sonhos anunciaram-lhe a sua partida para Roma e a doença do segundo filho...

«Uma manhã» — escreve Cardan — «ouvi uma pancada na parede (o quarto contíguo estava desocupado); depois outra... e outra ainda, como se fôssem marteladas. (Repare-se na analogia que estas pancadas repetidas têm com os *raps* de hoje). À noite soube que, justamente àquela hora, tinha morrido Galeazzo Rossi, um amigo dos raros...»

«Em 1536 — continua Cardan — senti um cheiro activo a tochas mal apagadas... Deitei-me sem poder adormecer; vai senão quando, ouço porcos a grunhir na rua, onde, na realidade, não os havia; depois senti o grasnar ruidoso de patos que também não existiam... ¿Que me anuncia tudo isto? — preguntava a mim mesmo. O meu vizinho Giovanni fôra atingido por um raio. Dizia-se que êle tinha roubado muito; vivia em concubinagem e talvez tivesse cometido outros actos piores...

«Recebi um outro aviso quando a minha mãe estava a morrer. Acordei quando o sol já ia muito alto. Olhava e não via nada. Ouvi 15 pancadas — contei-as, eram como de água a cair no chão, gota a gota; na noite precedente tinha contado 120... Pouco depois ouvi no teto o barulho que faz o rodar dum carro transportando tábuas soltas. O quarto estremeceu e nêsse momento minha mãe morria...

«Na minha mocidade, um tal Giovanni Biffi pediu-me que lhe fisesse a predição da sua vida. Respondi-lhe que êle fôra enganado pelos associados e que corria o perigo próximo de ser enforcado. Ainda não tinham decorrido oito dias, foi prêso e submetido a julgamento. Negou obstinadamente o crime de que o acusavam, mas 6 meses depois foi enforcado.

Um astrólogo mago

Boulainvilliers, fidalgo e astrólogo, dotado dum carácter recto e corajoso, era considerado mago. Predisse, com exactidão, a morte de Luiz XIV, a do «Grande Delfim» — o herdeiro presuntivo da corôa — a morte dos três filhos dêste príncipe, a do seu próprio filho que morreu em Malplaquet, e teria até prenunciado a sua própria morte... Saint-Simon dizia dêle muito bem.

Em Paris, no século 18, tanto nos salões como nos cafés, formigavam ocultistas de boa fé e entre êles misturavam-se charlatães, que sempre os houve em tudo e em tôda a parte desde que há homens.

O primeiro cartomante célebre foi o egípcio Eteilla Alliette que se dizia discípulo do conde de Saint-Germain. Eteilla predizia o futuro por meio das cartas de jogar.

A baronesa de Oberkirch disse nas suas «Memórias» que «jamais os rosa-cruzes e adeptos, os profetas e tudo o que com êles se relacionasse, foram tão numerosos e tão escutados. A conversação recaía quási exclusivamente em matérias do ocultismo...»

O czar da Rússia Paulo foi um adepto fervoroso das ciências ocultas.

Com o nome de «iluminados» eram designados os teósofos que punham de parte tôda a magia teúrgica e os cabalistas que continuavam as tradições da alta magia, embora, por vezes, de maneira fantasista. Cada uma destas tendências tinha as suas figuras eminentes: do lado dos teósofos estavam Swedenborg e Laváter (êste, pastor protestante); do outro lado, Pernetty e Martinez Pasqualis (judeu português) pareciam ser os conservadores mais zelosos das práticas cabalísticas, excepção feita a Saint-Germain e Cagliostro. Claude de Saint-Martin fêz sucessivamente parte dos dois grupos.

O mundo visível e o mundo invisível

Para os ocultistas, o mundo visível mergulha no Invisível como uma esponja na água: o nosso mundo embebe-se no Infinito. O Mundo Astral serve de moradia ou de lugar de trânsito a uma população extremamente variada: entidades sublimes oriundas do Plano Divino, portadores de mensagens e de influências benéficas; entidades preparando-se para nova encarnação: seres desencarnados em evolução para o Plano Divino ou fazendo estágios de purificação. Ainda ali existem as fôrças da natureza ou *elementales*, que são seres materiais invisíveis, que tanto vivem no ar ou na terra, como na água ou no fôgo. Os *elementales* têm caracteres de índole benéfica e maléfica e estão impacientes por ingressarem num corpo. A sua impetuosidade cega pode ser dirigida, indiferentemente, tanto para o bem como para o mal.

O homem completo, quere dizer. corporalmente vivente, participa do mundo visível pelo seu corpo físico; participa do mundo invisível pelo corpo astral ou perispírito, e

participa do Divino pela alma, tal qual como uma planta aquática que tem raízes na terra, o caule na água e a flor no ar. As impressões, que o homem recebe do corpo físico, mais intensas no estado normal, ocultam-lhe, mais ou menos, as que recebe do corpo astral. A sua actividade física mascara igualmente a sua actividade astral. A vida visível pode ser-lhe revelada por sonhos, intuições, obsessões, produções do inconsciente que o deixam pasmado de saber coisas não aprendidas.

Depois, uma circunstância imprevista, como o estado mórbido ou anormal, a obstrução de certos órgãos sensoriais, uma faculdade desenvolvida fortuitamente, quer por exercício, quer por ascese, ao mesmo tempo que enfraquecem as impressões físicas, permitem que o homem perceba aquilo que normalmente não vê e vagueie pelo mundo desconhecido da mesma maneira que, com a extinção do sol, êle pode observar as estrêlas e revelar chapas fotográficas. A parte fluídica do seu ser pode até, voluntária ou involuntàriamente, afrouxar o liame que a une a corpo físico entorpecido e a afastar-se livremente por um *êxtase* momentâneo, dando aqui ao vocábulo *êxtase* o seu significado etimológico, que é «arrebatamento». O homem estaria, então, em plena comunicação consciente com êsse mundo invisível, ou antes com êsse *meio* e a sua população, perceberia os acontecimentos a distância, presentes ou passados, ou, ainda, futuros. As imagens das coisas ocultas e os pensamentos de outrem, agiriam nas correntes benéficas ou maléficas que arrastariam essas legiões de seres viventes, e o homem seria agido por êles.

Participando da natureza dêsses seres que estão em perpétua formação e transformação, e tanto se condensam à aproximação do material, como se desvanecem à aproximação do espiritual, o homem teria, como êles, a faculdade de aparecer com a sua forma habitual ou qualquer outra, fantasma mais ou menos preciso e esvanecente, desde as percussões (*raps*) e deslocamento de objetcos, até às advertências feitas directamente de espírito a espírito, muito longe do sítio onde o seu corpo material ficasse visível. Por vezes acontecia-lhe, no momento de se reapoderar do seu invólucro orgânico, encontrá-lo ocupado por uma ou muitas larvas frementes de avidez de vida, que, durante a sua ausência, teriam tomado o seu lugar. Os observadores notavam, então, que todo o tempo que durasse a invasão das larvas, o corpo físico ou era agitado por convulsões ou patenteava incoerências e dava sinais de desordens mentais com todo o aspecto da epilepsia ou da loucura.

Assim, o sistema dêste Mundo Invisível, dêste Meio Astral — mitológico, mas admiràvelmente coerente — explicava, por completo, todos os factos misteriosos alegados: os milagres e os sortilégios, os preságios e as monições, a adivinhação, as virtudes curativas por actos e palavras, a leitura do pensamento, a possessão, o dom de falar línguas, as aparições de personagens divinas ou demoníacas, a aparição de homens mortos ou vivos, de larvas informes e caprichosas, a bilocação, as casas assombradas, a invisibilidade, as transformações, os *apports*... enfim, todo êsse amontoado de casos, de fenómenos que os tribunais, os sábios e os filósofos acolhiam, bem como o povo, com gravidade cheia de pavor.

Swedenborg

Swedenborg, sábio universalmente conhecido, no seu tempo, nasceu em Estocolmo em 1668. Primeiramente dedicou-se ao estudo de letras e ciências. Decorrido pouco tempo renunciou ao Mundo e às funções que exercia para cumprir — dizia êle — uma missão divina. Pretendia comunicar com entes sobrenaturais, com o próprio Deus, com os anjos, com as almas dos mortos e dêles receber revelações àcêrca do culto divino e das Sagradas Escrituras.

Foi membro das mais importantes academias científicas da Europa. Êsse filófoso místico descrevia as suas visões e as suas viagens pelo Além e fundava grupos de lojas que deviam, em parte, transformar-se na igreja suedemborguiana, que se pode considerar a primeira seita espirita. Kant refere que de Gottebourg, onde se encontrava em 1734, êsse mago viu o incêndio de Estocolmo, que fica a mais de 150 léguas de Gottebourg.

Swedenborg mereceu o nome de «Profeta do Norte». A sua doutrina, como tôdas as doutrinas espiritualistas, distingue o mundo material do espiritual. Procura demonstrar: que a Trindade divina está tôda inteira em Jesus Cristo e que n'Êle se deve distinguir a humanidade, a divindade e a sua união numa única pessoa; que as Ecrituras apresentam três sentidos — o divino ou celeste, o espiritual e o literal; o sentido divino só de Deus é conhecido; o espiritual — que se perdeu depois de Job — foi novamente reve-

ALIMENTAÇÃO COMPLETA

TRANSIÇÃO ALIMENTAR

Resumo sintético das principais regras a adoptar por aquêles que estão convencidos dos inconvenientes da alimentação cadavérica e que desejem beneficiar-se, adoptando a alimentação natural, ou, pelo menos, a racional vegetariana.

por Bartolomeu Bana Martins
(Tenente Farmacêutico)

Temos que considerar a alimentação sob todos os seus aspectos: bucal, nasal, cutânea e psíquica. A transição deve ser lenta e cautelosa, atendendo ao estado de saúde e resistência individual, idade, sexo, género de trabalho, vida mais ou menos agitada ou sedentária, maior ou menos actividade sexual, época do ano, abundância ou escassês de recursos regionais, custo de vida, idiossincrasias especiais, raciais, electromagnéticas e trofopatológicas, isto é, a maior ou menor necessidade e grau de adaptação de cada um em referência a certos alimentos por motivo de hábitos adquiridos, gostos ou preferências e devidos a certas doenças. É aconselhável para quem não tenha conhecimentos especiais de trofologia (ciência da alimentação) consultar um médico naturista antes e durante a transição que poderá ser rápida ou lenta, conforme cada caso especial. Mas não esquecer que qualquer exagêro, seja para o mal ou mesmo para o bem, só o que pode acarretar é prejuizos. No meio termo é que está a virtude.

O pêso deve ser verificado com freqüência, preferìvelmente tôdas as semanas, e sempre com a mesma roupa. Se a balança começar a descer não nos devemos alarmar; mas será bom estar precavido. O pêso normal médio anda à volta de tantos quilos quantos os centímetros de altura acima do metro, aproximadamente. Claro que não devemos tomar esta regra a rigor, pois há também a atender a excepções individuais, como sejam a configuração e grossura do esqueleto, etc.

Deve-se ter em consideração principalmente a diminuïção ou o crescimento de fôrças e os estados de boa disposição ou depressão. Se a transição fôr bem feita, em geral sente-se uma agradável sensação de euforia, embora as gorduras supérfluas comecem a desaparecer, o que representa grande alívio.

A coragem espiritual e a fôrça de vontade são também muito importantes para se obter êxito, pois temos sempre que contar com uma série de dificuldades que se levantam perante aquêles que têm o arrojo de romper com os preconceitos e de muitas vezes marcharem sós no meio de criaturas que não só não compreendem a necessidade de reforma e de aperfeiçoamento, a começar por nós, mas até nos combatem ou numa perniciosa solicitude procuram convencer-nos a regressarmos à rotina e ao êrro.

Acautelai-vos, pois, dos conselhos dos ignorantes, ainda que bem intencionados, e das atitudes agressivas ou hipócritas dos inimigos do progresso. Nesta guerra surda ou ostensiva, os fracos de espírito são mais ou menos ràpidamente vencidos, mas os fortes resistem a tôdas as dificuldades e acabam por vencer e impor o respeito pelo seu ideal, que é a verdade e o amor estendido a todos os seres da Natureza, o desejo sincero de alcançar a perfeição.

A alimentação nasal é sem dúvida a mais importante, pois não podemos viver cinco minutos sem ar. Devemos respirar sempre, pelo nariz, o ar mais puro possível. As habitações devem ser constantemente arejadas.

---

lado a êle, Swedenborg. Um dos principais pontos da sua doutrina é a comunicação contínua dos homens com os espíritos desencarnados. Aksakof veio para o Espiritismo depois de ter passado pelo suedemborguismo, do qual só se desligou — como êle próprio o diz na sua autobiografia — por entender que era necessário recorrer a métodos experimentais.

Os suedemborguianos formavam um igreja àparte a que chamavam «A Nova Jerusalém», e estavam espalhados, sobretudo, pela Suécia, Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos da América do Norte.

Devemos dormir com a janela aberta em qualquer época do ano, mas de forma a evitar as correntes de ar. A gimnástica com movimentos respiratórios escolhidos e bem executados ao levantar e antes de ir para a cama são muito úteis. É aconselhável começar o dia com uma oração, em que, invocando o auxílio divino, se tome o firme propósito de não errar durante êsse dia que se começa. E à noite, antes de ir para a cama, fazer um rigoroso e sincero exame de consciência, revendo todos os actos, palavras e pensamentos ocorridos dentro dêsse dia, reprovando o mal sem desfalecimento e fortalecendo alegremente o bem, seguido duma nova oração, agradecendo o auxílio celeste recebido nesta luta pela perfeição. Dá óptimos resultados.

A alimentação cutânea compreende os banhos de água, de ar, de sol e fricções, executados diàriamente. Pela pele absorvemos energia solar, vitaminas, azoto para a construção das moléculas proteicas e oxigénio para a respiração. A pele é o nosso terceiro pulmão. Também por ela expulsamos grande parte das impurezas e venenos que se formam e libertam dentro de nós.

Os intestinos devem ser evacuados todos os dias. O ideal seria fazer tantas deposições fecais quantas as refeições ingeridas. Desde que isto não suceda, há prisão de ventre mais ou menos acentuada, que deve ser combatida por processos naturais.

Na alimentação bucal temos que atender a que na composição das refeições entrem todos os elementos necessários: Hidratos de Carbono para fornecerem energia e calor, constituídos pelos farináceos e açúcares, de que necessitamos em grandes quantidades. Proteínas, para as construções e reparações orgânicas (10 %), Gorduras que fornecem também energia e calor, mas de que é conveniente não abusar (necessitamos de cêrca de 10 %), Celulose para activar os intestinos, Água que permita as trocas fisiológicas, Vitaminas e Fermentos para activarem o metabolismo e tornarem possível a imunidade, Sais orgânicos para darem consistência aos tecidos. O fim em vista da mudança de regime é não só o aperfeiçoamento próprio, alcançando a saúde completa e a plenitude de tôdas as funções, mas também o amor pelo próximo que devemos estender aos irracionais, nossos irmãos mais atrasados, acabando com os sacrifícios inúteis e bárbaros de animais inofensivos e até nossos amigos. O regime completamente crudívoro, com base em frutos e saladas, é quási impossível de seguir, pelas dificuldades de obtenção dos componentes apropriados e pela sua carestia excessiva.

Vou apresentar um modêlo de transição, em dez semanas, para um regime ovo-lacto-vegetariano, a meu ver o mais aconselhável. transição que a maioria das pessoas que possuam uma saúde regular poderão seguir. As de menos resistência deverão prolongar o período transitório por vinte ou mais semanas e as bastantes fortes e saüdáveis reduzi-lo-ão a cinco semanas ou menos, se quiserem. No entanto, é bom usar de tôda a prudência e ao menor alarme consultar imediatamente um médico trofologista ou um técnico da especialidade.

1.ª Semana — Não comer quaisquer conservas de carne, de peixe ou mesmo de vegetais, diminuir a ração de carne para três quartos, comer bastantes batatas, ir diminuíndo o sal, os picantes, o vinagre, o vinho, as gorduras animais; não beber água às refeições e mastigar cuidadosamente; aumentar os farináceos (cereais e seus derivados, legumes sêcos — poucos —, batatas, batatas doces, tapioca, bananas, castanhas, etc.) e acompanhar tôdas as comidas com saladas cruas variadas; guardar entre cada refeição um intervalo mínimo de quatro horas e não comer entre as refeições; deixar de beber café, podendo beber café de cevada adoçado com mel ou açúcar escuro.

2.ª Semana — Reduzir a carne para metade, aumentar os farináceos e as saladas; fazer a última refeição leve; evitar os alimentos muito quentes ou muito frios; nunca comer sem vontade ou quando se estiver cansado, excitado ou aborrecido; acalmar-se primeiro e comer depois; deixar de beber chá, podendo beber-se chá de casca de limão ou de cascas torradas de laranja.

3.ª Semana — Fazer a primeira refeição do dia só com frutas frescas e pão, de preferência integral; não misturar as frutas dôces com as ácidas ou com as oleaginosas (nozes, amêndoas, avelãs, pinhões, côco, amendoim, azeitonas, etc); reduzir a carne a um quarto e aumentar os farináceos e as saladas; não misturar saladas com frutas dôces, nem ácidos com os farináceos; deixar o vinho por completo; beber sumos de frutas.

4.ª Semana — Deixar de comer qualquer carne; acompanhar as saladas e farináceos com frutas oleaginosas peladas.

5.ª Semana — Fazer a primeira refeição com pão e leite de confiança, crú, e um pouco de mel de abelhas ou mel de cana; não usar açúcar branco; reduzir o peixe a três quartos;

acompanhar as refeições cozidas com manteiga ou nata frescas.

6.ª Semana — Reduzir o peixe a metade; tomar gemas cruas com as comidas; não abusar dos legumes sêcos (feijões, grãos, lentilhas, favas sêcas, ervilhas sêcas); usar os cereais (trigo, milho, cevada, aveia, centeio, arroz) e seus derivados, de preferência integrais ou completos, isto é, com casca ou farelo e sempre muito bem cozidos.

7.ª Semana — Reduzir o peixe, sempre fresco, a um quarto; cozer as hortaliças o menos possível e em muito pouca água ou a vapor; nunca deitar fóra a água de cozer as hortaliças, legumes ou quaisquer outros vegetais, a qual deverá ser bebida antes de comer.

8.ª Semana — Retirar o peixe por completo; fazer base do regime nos farináceos completados com saladas ou frutas, mas guardando as compatibilidades; nunca misturar na mesma refeição dois farináceos de origem diferente, e se possível fôr dentro do mesmo dia; evitar os fritos.

9.ª Semana — Abandonar o sal por completo ou usar o menos possível; evitar os refogados; não esquecer que as verduras (hortaliças de fôlhas, de raízes ou de frutos) são indispensáveis à saúde, mas não alimentam; os alimentos mais fortes são os cereais, que em igualdade de pêso fornecem o dôbro das calorias da carne e o quádruplo das do peixe, em média; não usar picantes, nem excitantes de qualquer espécie.

10.ª Semana — Evitar muitos pratos a cada refeição; um prato forte dum farináceo abundante com hortaliças e uma salada crua com frutas oleaginosas peladas é o suficiente e o melhor; evitar os guisados e os excessos de gorduras sempre prejudiciais, principalmente aos dispépticos; não esquecer que as frutas pouco dôces alimentam muito pouco; as de maior poder nutritivo são as dessecadas doces (figos sêcos, passas de uvas, tâmaras, etc) e as oleaginosas; associar as frutas sumarentas dôces com as dessecadas dôces, e as ácidas com as oleaginosas e com as saladas; não comer ácidos com os farináceos; não misturar limão com tomates; os que sofrem dos rins devem evitar os tomates; os pêros (maçãs não ácidas) e a nata de leite são compatíveis com todos os alimentos crus ou cozidos; não esquecer que o excesso de albumina (legumes sêcos, frutas oleaginosas, ovos, etc.), mesmo de origem vegetal, prejudica sempre o organismo, ocasionando variadíssimas doenças com tôdas as suas complicações; respeitar as compatibilidades; não comer em excesso, mas também não se deixar desnutrir; nada de fanatismos; consultar livros da especialidade; cada um deve estudar o seu caso especial, estando sempre pronto a modificar o que não fôr bem; levar vida regrada e dormir bem, cêrca de oito horas diárias; lavar a bôca e os dentes antes e depois de comer; não fumar; não praticar excessos de nenhuma qualidade; não perder noites.

N. B. — Quando digo EVITAR não quero dizer privar-se por completo. Em tudo deve haver bom senso e uma certa independência individualizada. É preciso que o novo regime se não torne um castigo ou uma obsessão desagradável. Poder-se-á comer de tudo, à vontade, no dia em que o Papa fizer anos; mas, no dia seguinte, voltar-se-á à normalidade e, se fôr preciso, far-se-á um jejum purificador.

O cérebro e o pensamento

Todo o nosso luxo bibliográfico é um luxo mentiroso; esta riqueza esconde uma indigência profunda. A fisiologia cerebral é-nos ainda profundamente desconhecida e tão oculta, como a função respiratória, antes de Lavoisier.

Aguarda alguma inteligência genial que venha esclarecer o problema, tão misterioso hoje, como há dois milénios, — da relação entre o cérebro e o pensamento função do cérebro.

A incerteza ainda é mais profunda, se abordarmos a estrutura microscópica. Aqui, ignorância total, absoluta. Descrevem-se formas, camadas sobrepostas; encontra-se nas células uma organização complicada. Os admiráveis métodos de Golgi e de Ramon y Cajal revelaram-nos factos curiosos, novos, importantes. Mas estes factos são apenas de ordem anatómica. Não nos trazem esclarecimento algum, quanto à função da célula nervosa. Arriscando-me a parecer atrasado, dir-vos-ei, sinceramente, que, quanto à fisiologia e à psicologia, não estamos mais adiantados nos trabalhos contemporâneos do que estávamos no tempo de Malpighi, que foi o primeiro a descrever as células nervosas. ¿Que importa ao fisiologista tôda esta extraordinária complexidade da célula nervosa, com suas dendrites, arborescências, ramificações, corpúsculos, se êle não sabe qual é o uso destas partes?...

(Dr. Charles Richet — «L'Avenir de la Psychologie»)

FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA

PSICOLOGIA

B) Conhecimento

por Ramos Pereira

VII — A idéia

Nos capítulos anteriores, estudámos o comportamento do indivíduo em face do meio externo. De facto, a sensação e a imagem pressupõem sempre um objecto como causa e nada mais representam que êsse objecto. São, digamos, as bases do conhecimento sensível, por reais e concretas.

Em face do meio, o indivíduo sofre sensações que a consciência aprende. Delas ficam as imagens que a memória pode reviver; a imaginação combina-as na ficção ou no ideal, cada vez numa separação maior do mundo externo.

Mas o homem não fica por aqui; transcende da imagem para a idéia, transforma os dados sensíveis e concretos em conhecimento intelectual e abstracto.

¿Qual o mecanismo desta operação? Começa-se por separar o objecto duma existência concreta, tornando-o impossível de ser apanhado pela imaginação (abstracção). Depois reünem-se numa noção os elementos colhidos em diferentes objectos e atribui-se a esta noção um número indeterminado de objectos (generalização).

Assim, das imagens de Pedro, João, etc., eu abstraio para apreender aquilo que é comum a todos e encontro: — vida, animalidade e racionalidade. Tenho, então, a idéia dum «ser animal racional», isto é, a noção do «homem».

¿Que é, pois, a idéia? Nada mais que a representação simples e intelectual dum objecto; representação, porque, apesar da abstracção, nós ficamos com elementos das imagens que nos recordam os objectos; simples, porque nada afirma nem nega da representação do objecto; intelectual, para se não confundir com a imagem: — «l'entendement ne se forme point l'idée de triangle ou de cercle que l'imagination ne s'en figure un» (Bossuet).

Efectivamente, a idéia é imaterial: — «não descobrimos o menor traço de matéria nos conceitos morais de justiça, honra, virtude, direito, dever, nem nos conceitos metafísicos de ser, de verdade, de belo, de bem, de substância, de qualidade, de causa, de relação, etc. Mesmo os elementos mais materiais, por exemplo do conceito de árvore, bem como os conceitos de organismo e de extensão, são imateriais; sem dúvida, a extensão abstracta demanda sempre justaposição e interpenetrabilidade que, sob a sua nova forma, não podem existir mais na matéria, onde tudo é individual» (P. Peillaube).

A idéia não é, pois uma intuição ou percepção, mas a resultante dum trabalho subconsciente sôbre a experiência. Como esta pode ser externa ou interna, teremos assim duas categorias de idéias correspondentes: — idéias gerais e idéias universais. Vimos como se originavam as primeiras a partir das imagens.

Vejamos agora a origem das idéias universais, ou metafísicas. A noção de ser —aquilo que é—pode ser obtida por abstracção dos dados sensíveis, mas é garantida pela experiência intelectual do ser, do próprio «eu» que se revela nos factos de consciência.

Em cada objecto, a consciência nota algo que existe em si e por si e sem o qual o objecto não existiria — a substância —, e aquilo que está adjacente, que existe mas podia deixar de existir — o acidente. Os dados da consciência compreendem, assim, não apenas uma maneira de comportamento do «eu», mas o próprio «eu», pois que conhecer a modificação sem a substância que a suporta, seria apreendê-la como estranha. A consciência dá-nos a idéia da substância do «eu». Seria inexplicável, porém, passar daqui para a noção universal de substância. Concomitante a êste trabalho da consciência, há o trabalho intelectual sôbre as imagens sensíveis. Quando destas passamos a idéias gerais, abstraímos dos acidentes a substância do objecto.

Da síntese destas duas idéas induzimos a idéia metafísica de substância.

A unidade e a identidade como atributos essenciais do «eu» são idéias formadas simplesmente sôbre dados da consciência. Na realidade, a consciência atribui sempre ao mesmo sujeito a grande multiplicidade dos fenómenos psicológicos. Além disso, o ser não muda a cada instante, o que tornaria impossível a memória; êle mantém-se inalterável como substância idêntica que é.

Por outro lado, a consciência, apoiando-se no ponto fixo da identidade do «eu» e da memória, abrangendo num golpe as alterações do comportamento, dá-nos a idéia de duração, que mais não é que a medida do movimento. «É em ti, ó meu espírito, que eu meço o tempo, e o que eu meço, a falar com rigor, é a impressão que as coisas te causam, quando elas estão presentes, e que em ti subsiste, depois de terem passado.» (Cf. Santo Agostinho in «Confissões»). A causa e o fim, impossíveis de apreender pelos sentidos no seu conceito próprio, são idéias universais induzidas dos dados da consciência.

Acima destas vêm as idéias de razão, as noções primeiras, aspectos da idéia de absoluto: — necessário infinito, perfeito, causa primeira, fim último, substância absoluta, verdadeiro, belo, bem absoluto. Não podemos concebê-las dum modo completo, pois são incompreensíveis, ainda que não inconcebíveis. É um êrro pretender definir estas idéias, pois que definir é limitar e nelas o limite é incomportável. Como se obtiveram? Mas pela negação do condicionalismo das outras idéias, respondendo à necessidade de elevação do ser.

VIII — Os princípios

Juizo e raciocínio

O ser não se limita apenas a forjar idéias. Êle combina-as e essas combinações são o grande meio de progresso no conhecimento intelectual. Quando apreendi as idéias de «homem», de «animal» e de «racional» dei, de facto, uma passada grande na grande via do conhecimento. Depois analiso os elementos das idéias e afirmo: — o homem é um animal racional. Estabeleci a relação entre as idéias, relação necessária, sem a qual o conhecimento seria um mero aglomerado de pontos sem sequência.

Mas quando o ser procura combinar as idéias pretende com isso atingir o fim superior da verdade. Não basta, porém, afirmar ou negar de qualquer modo. É preciso que o saibamos fazer, que tenhamos pontos de «contrôlo» pelos quais vejamos se seguimos um caminho certo nas relações que estabelecemos.

Êsses pontos são os «princípios». Aristóteles definiu-os como «aquilo pelo qual uma coisa existe ou se conhece», abrangendo com a disjuntiva os princípios ontológicos e os princípios lógicos ou princípios directores do conhecimento. São verdades intuitivas, são axiomas do pensamento. O ser aceita-os e a sua discussão sôbre êles tem de limitar-se à explanação. Não os aceitar é negar a sua própria essência.

Seguiremos Leibniz na classificação dos princípios.

Princípio da identidade: — «Aquilo que é, é». Com efeito, A é sempre igual a A e nunca poderá deixar de ser A, ou estaríamos a negar a nossa própria substância. Ora, aqui derivamos: — A não pode ser A e não-A ao mesmo tempo (princípio da contradição); ou é A ou não é A, não pode haver um meio têrmo (princípio de exclusão). E se A fôr igual a B e B igual a C, A terá de ser igual a C, entre êles não poderia haver o meio têrmo B e logo seria absurdo afirmá-lo. Mais: — se A contém B e B contém C, A contém C (princípio do continente e do conteúdo). Com efeito, se A não contivesse C, entre êles não haveria ponto de contacto e então B conteria A e C ou B apenas se conteria em parte em A ou B apenas continha C, tudo em contrário à proposição temática.

Princípio da razão suficiente: — «Tudo que existe tem a sua razão de ser» ou não compreenderíamos porquê e como a coisa é. Ora, se tudo o que existe é contigente, necessàriamente tudo terá a sua causa ou então não existiria; e se existisse, não poderia ser senão necessário (princípio da causalidade). Por outro lado, se duas causas nas mesmas circunstâncias produzissem efeitos diferentes, isto não teria uma razão suficiente (princípio das leis); em circunstâncias diferentes, os efeitos podem variar, visto que as circunstâncias redundam assim em causas secundárias. Derivando imediatamente do princípio da razão suficiente, diremos que tôda a modificação pressupõe o durável (princípio da

substância), pois que a modificação é apenas uma forma momentânea.

Com êstes princípios vamos abrangendo, não apenas o «como» das coisas, mas as relações do «porquê» para o «como». Contudo, não nos satisfazemos nas supremas aspirações do conhecimento. É óbvio que a causa dum fenómeno terá de ser um fenómeno e portanto efeito de uma outra causa e assim por diante. ¿Mas, levar-nos-á isto ao infinito, sem jamais encontrarmos a causa sem causa? Sim, quando atingirmos o necessário pelo contingente. Ora, atingida essa causa, seremos levados imediatamente a supor que o primeiro efeito obedeceu a um fim, ou não teria razão de ter existido (princípio da finalidade).

Analisemos agora os caracteres dêstes princípios. Êles são necessários como leis do pensamento, pois que antes de serem leis do pensamento já eram leis do ser. Logo, também, além de serem necessários, terão de ser universais.

¿Bastará a experiência para explicar a origem dêstes princípios? Sem dúvida que não, pois que a experiência abrange apenas o contingente e o particular. ¿E pela indução poderíamos chegar lá? Sem dúvida que sim, se supuséssemos um princípio director da indução e êste princípio teria de se revestir dos caracteres daquêles outros, o que era voltar ao princípio.

A origem, pois, deve ser dupla. De facto, é da contemplação da consciência que nós tiramos os conceitos ou idéias que são a base dos princípios. «Nous trouverons que toutes ces notions reconnues par les métaphysitiens comme premières et directrices, telles que l'unité, l'indentité, la substance, ne sont qu'autant d'expressions des faits primitifs du sens intime, ou des déductions imédiates du même fait réproduit sous différents titres abstraits. D'oú il suit que toute la science des principes viendra se résoudre dans celles de ces faits, et que la principale fonction de la psychologie sera de les constater dans leur source, d'en déduire toutes les notions qui y prennent leur origine.» (Maine de Biran). «Nous sommes conduits à ces principes par une suggestion préalable, mais nous y sommes maintenues par une verification ulterieure.» (Taine).

Da comparação das idéias resultam os juízos. ¿Mas será esta a única origem? De acôrdo em parte com Reid, Cousin e outros, distingo, nos juízos, duas classes: — espontâneos e comparativos. Consideremos o seguinte: — «sofro». Pressupõe naturalmente duas idéias: — «eu» e «sofrer». Mas, pela comparação delas, dificilmente se chegará à afirmação de que «eu sofro». O caminho é outro. Num jacto, a consciência apreende o «eu» e o «sofrimento» e nota a relação de conformidade, porque conhecemos as duas idéias unidas no mesmo ser, num dado momento. Embora Locke, Janet e a escola de Port-Royal subtilizem aqui a comparação, é flagrante a dissemelhança entre os juízos espontâneos ou juízos de consciência (penso, sofro, choro) e os juízos comparativos (esta mesa é castanha). Contudo, houve quem englobasse, nos espontâneos, juízos em que a comparação ressalta, muito embora ela seja feita quási imediatamente (está frio, chove).

É do encadeamento dos juízos que o homem tira, explica e reforça o conhecimento, raciocina. A maioria dos filósofos considera apenas duas classes de raciocínios: — indutivo e dedutivo. No primeiro, parte-se do particular para o geral, da parte para o todo; no segundo, do geral conclui-se a parte. Os associacionistas, com Stuart Mill e Herbert Spencer, falam ainda numa terceira classe: — a do particular para o particular. Os contraversores dizem que êles confundem aqui raciocínio com associação de idéias. Mas todo o raciocínio tem na essência uma associação de idéias, sem o que os juízos seriam impossíveis. Analisemos um exemplo: — o da criança que se queimou. Daí em diante, ela evita o fôgo. De facto, ela associou as sensações de «fôgo» e «queimadura» e nessa associação baseou um raciocínio elementar de que concluíu que o fôgo queima e a queimadura traz dor.

Continuar agora na análise da idéia, do juízo e do racioncínio, seria passar do campo da Psicologia para o da Lógica.

BIBLIOGRAFIA

ABEL REY — Psychologie.
WILLIAM JAMES — Principles of Psychology
BARBEDETTE — Philosophia Scholastica.
G. DUMAS — Traité de Psychologie.
BERTRAND RUSSEL — Problemas da Filosofia.
BERKELEY — Diálogos entre Hilas e Filonous.
LEIBNIZ — Monadologia e Novos Ensaios Sôbre o Entendimento Humano.
TH. RIBOT — Doenças da vontade.
VIGNAUX — Grandes Correntes do Pensamento antigo.
SANTO AGOSTINHO — Confissões.

CONTE O SEU CASO...

COMO SE TORNOU ESPIRITA?

A professora Gertrudes Marramaque Silva conta o seu caso, através da curiosa narração de fenómenos supranormais

AINDA bem novinha, com 12 anos apenas, senti durante um mês pancadas certas e seguidas, logo que me deitava e apagava a luz. Causava-me isto impressão e logo pensei que tais pancadas não eram naturais.

Interrogando meus pais a respeito do assunto, deram-me resposta que não me satisfez, pois disseram-me que seriam sinais dalguma serviçal de outros andares, destinados a qualquer pessoa interessada. O que é certo é que nunca me esqueceram essas pancadas, que hoje atribuo a comunicações do Além.

Mais tarde, casei e tornei-me sonâmbula. Um dia, perdi um canivete de valor estimativo. Tive muita pena. Passados três meses, sonhei que o tinha encontrado na cama. De facto, depois de me levantar, e ao fazer a cama, fiquei surpreendida por encontrá-lo entre os lençóis.

Tres anos decorridos, enviüvei. Um mês após êste acontecimento, acordei certa noite devido a uma pancada que dei no joelho. Encontrei-me na cozinha, com a mesa posta para o primeiro almôço do meu marido, como se êle estivesse vivo. É de notar que, para pôr na mesa os utensílios de seu uso, teria de atravesasr o quarto onde dormiam meus pais, que decerto acordariam ao mais pequeno ruído, ou de transpor uma porta, que estava fechada por dentro. Nunca soubemos explicar êsse fenómeno.

Depois, muitos casos se deram comigo, os quais me convenceram de que outra vida existe e que aquêles que morrem nêste mundo apenas se tornam invisíveis para nós, podendo, todavia, comunicar connôsco e até auxiliar-nos.

O disco quebrado

Vou expor alguns casos que reputo interessantes.

Há aproximadamente 18 anos, meu filho comprou uma grafonola com uma porção de discos. Trouxe-a êle para minha casa. Fêz-nos ouvir os discos comprados, fechou a grafonola e guardou a chave no bôlso. No dia seguinte foi para Lisboa (isto passou-se em Vila Chã de Ourique, perto do Cartaxo) e levou consigo a chave.

Durante o dia, tive vontade de pôr a tocar a grafonola e procurei uma chave que servisse. Casualmente, encontrei uma.

Estava ali eu, minha mãe, que, felizmente, ainda vive comigo, duas raparigas, hoje já senhoras, e uma serviçal. Tocámos quási todos os discos. De repente, ao colocar um na caixa da grafonola, ¡deixei-o cair e quebrou-se quási ao meio! Fiquei atordoada com os dois pedaços, um em cada mão, e, pálida, mostrei-os aos circunstantes, sem articular palavra.

A serviçal chamou-me, então, à realidade:

— ¿E agora que dirá seu filho?

Acordei do assombro e respondi:

— Que há-de dizer!? Que abri a grafonola com chave falsa. Não me bate, mas é feio.

E guardei os dois pedaços dentro da grafonola, que fechei, e fui para junto duma mesa, onde adormeci profundamente abalada com o sucedido.

Dormi perto dum quarto de hora e acordei apoquentada ainda, embora mais conformada.

À noite, chegou meu filho. Fomos jantar. Em seguida, foi buscar a grafonola e voltou-me novamente aquêle mal-estar. Minha mãe fazia-me sinais animadores, mas eu estava transtornada e — diga-se a verdade — envergonhada.

Meu filho ia tocando, os discos iam-se sucedendo e... — assombro para nós tôdas —; o disco quebrado estava intacto, sem o mais pequeno sinal de ter sido quebrado!

¿Como se teria realizado tal «milagre»?

Ficámos tôdas estupefactas, mas a verdade é que o disco estava inteiro.

Note-se: Quebrei o disco às duas da tarde, meti-o na caixa, a troixe-moixe, e fecheia-a à

nº 2, Dez./44

chave, que escondi em seguida. Ninguém durante o dia voltou à sala, onde estava a caixa com os discos, excepto o meu filho, que às 9 da noite a abriu, sem de nada suspeitar.

O aluno 33

Com a chamada mesa-de-pé-de-galo, também se deu uma vez um caso interessante.

Encontrava-me na antiga Escola Estefânia que funcionava na Rua de Pascoal de Melo, onde eu era professora e sub-directora, quando, certa noite de domingo em que tinham saído muitos alunos, nos lembrámos de fazer uma sessão com a mesa. Estava eu, seis alunos dos mais velhos, que ainda não tinham saído, e quatro raparigas minhas parentas e amigas, alunas da Escola Normal.

Quando já estávamos na sessão, bateram discretamente à porta da sala. Sem qualquer de nós saber quem batia e muito menos podendo supor qual dos alunos recolheria naquela altura, lembrei-me de preguntar à entidade evocada qual o número do aluno que estava no corredor. A mesa bateu 33 pancadas.

Mandei entrar quem batia e ficámos admiradíssimos ao ver que o aluno era exactamente o número 33, chamado Rocha.

Um sonho

Considero os sonhos como factos passados com o espírito humano, enquanto o corpo dorme. Vou contar um caso que me sucedeu.

Quando enviüvei do primeiro matrimónio, ficaram-me dois filhos e minha sogra tomou conta do mais velhinho, que tinha apenas dois anos e meio de idade. Mas, três meses depois, veio trazer-mo, pedindo-me que o trocasse pelo irmão mais novo, porque — dizia ela — não gostava do outro.

Eu não concordei e não quis satisfazer-lhe o seu desejo. Ela insistia comigo e eu resistia sempre.

Uma noite sonhei que meu marido estava pensativo, junto da minha cama e que eu lhe preguntei:

— Devo dar nosso filho a tua mãe?

Êle pensou um pouco e disse:

— ¡Apesar de tudo, é minha mãe!

Acordei e vi-me sentada com o cotovêlo fincado na almofada, em atitude de quem estava conversando. No dia seguinte, entreguei o menino à avó, que o criou e educou muito bem.

Visão em sonho

Há cêrca de 6 anos, adoeci com o tifo e estive muito mal. Durante a terrível doença, que levou 11 meses a debelar, tive uma flebite na perna esquerda. Oito dias gritei constantemente, de dia e de noite, cheia de dores. Não podia sossegar.

Tinha a perna inchada e encolhida, formando um ângulo agudo, pois quási chegava com o joelho ao peito.

Meu marido velava no mesmo quarto. De repente, veio sossegar-me e parecia que dormia. Pouco depois, bati na cama com a mão e acordei, contando, aflita, o que tinha visto.

Foi o seguinte: Eu estava de costas; do lado direito havia uma parede, donde vi sair uma mulhar de mediana estatura, com hábito vermelho de freira, túnica azul-claro, corôa de rosas na cabeça, alva muito branca em volta da cara e do pescoço e nas mãos um rosário muito grande e uniforme. Chegou-se a mim, contornando os pés da cama e colocando-se do lado esquerdo, exclamando:

— ¿Porque me abandonaste?

Eu fiquei envergonhada por me lembrar que tinha um quadro com imagem igual à aparição e a quem dávamos o nome de Santa Gertrudes. Saíra-me numa rifa de saltimbancos, quando eu tinha sete anos e acompanhou-me até aos dezóito. Abandonara o quadro noutro quarto sem nunca me preocupar com êle. E a visão continuou:

— Estás tão doentinha! Olha: Queres ficar comigo? Eu vou ver o teu «Livro do Destino».

E desapareceu por instantes, que me pareceram séculos. Depois, voltou e disse-me:

— Tens acções muito feias e outras muito bonitas que compensam aquelas. Fica comigo! A morte é tão suave!

E eu comecei a sentir-me como que fora de mim e a ver-me na cama... Mas assustei-me e bati com fôrça na cama (gesto que meu marido observou) e gritei:

— Não quero morrer! ¡Quero gozar a minha vida de aposentada e criar o meu filhinho!

A visão colocou-me a mão na cara e eu voltei ao meu corpo.

Em seguida, disse-me:

— É pena, visto teres muito que sofrer. Vou aliviar-te o sofrimento da perna.

Inclinando-se, estendeu-me mais a perna e saíu por uma porta que havia aos pés da cama.

Tudo isto demorou menos de cinco minu-

tos, segundo opinião de meu marido, que me viu sossegar, bater com a mão na cama e acordar.

No dia seguinte, quando o médico chegou para me conduzir a Lisboa no seu automóvel, afim de ser operada, visto a perna ameaçar gangrena, encontrou-me muito melhor, dizendo que ou eu era de boa carnadura ou tivera algum santo por mim...

Visão premonitória

Uma ocasião estava a conversar com meu marido e repentinamente passa-me pela vista o seguinte quadro:

Vi-me a mim própria sentada na cama, com as pernas estendidas, rodeada de muitas famílias, tudo muito bem disposto, incluíndo eu, que me estava a rir.

Contei logo o caso, fazendo-lhe notar que não sabia explicar o significado de semelhante panorama, pois eu estava risonha, mas de cama e rodeada de muitas senhoras bem dispostas. Meu marido riu-se, chamando-me visionária, e não fêz caso. Isto foi em Vila Chã de Ourique.

Passou-se um ano. Um dia, estava eu em Lisboa sentada numa cama rodeada de pessoas de minha família e amigas que me tinham ido visitar, porque havia meses dera uma pancada com a perna esquerda no canto duma carteira da minha aula e gerou-se um tumor que me obrigou a andar 11 meses em tratamento no Hospital de Santa Marta. Lembrámo-nos, então, do quadro que vira um ano antes.

Realmente, eu não tinha dores; por isso me encontrava bem disposta. Mas como tinha de estar na cama, pois ia ao tratamento na maca da Cruz Vermelha, a família e as amigas visitavam-me, conversando bem dispostas.

Estranho perfume

Um dia fui visitar a campa de meu marido, falecido havia dois meses, e levei um grande ramo de frésias, flores que êle muito apreciava pelo seu activo perfume.

À noite, estando sentada na cama a conversar com minha mãe, sentimos de repente um cheiro muito pronunciado àquelas flores. Minha mãe repreendeu-me, julgando que eu tinha essas flores no meu quarto, as quais, devido ao perfume activo, eram, durante a noite, prejudiciais à saúde. Afirmei-lhe que as não tinha no quarto e ambas as procurámos por tôda a parte, sem as encontrar.

Fiquei quási convencida de que teria sido manifestação de agradecimento de meu marido pela homenagem de saüdade que lhe prestei. Mas estava semi-crédula.

Passaram-se uns quinze dias e voltei ao cemitério, dessa vez com um ramo de ervilhas de cheiro. Quando me deitei e apaguei a luz, iniciei as minhas preces, quando todo o quarto foi invadido pelo aroma das flores que nessa manhã levara ao cemitério. Estabeleci a luz e procurei por todo o quarto, no intuito de verificar se lá ficara alguma flor, mas nada encontrei.

Voltei para a cama. O aroma havia desaparecido. De repente, volta novamente, desta vez tão forte, que acordou minha mãe no quarto contíguo. Ajoelhei e pedi que, se fôsse manifestação de agradecimento, o aroma desaparecesse bem nìtidamente e que depois voltasse com intensidade. E o fenómeno deu-se como eu pedi, a ponto de me chegar a doer a cabeça com a fôrça do perfume. Meu saüdoso marido agradecia-me o carinho que eu lhe havia tributado. Estava, portanto, *vivo* junto de mim.

Como me tornei espirita? Se não fôssem as minhas faculdades psíquicas, já fartamente demonstradas, bastavam êsses fenómenos que aí ficam para me tornar adepta da mais bela doutrina que existe na Terra.

Corrigenda

Como no depoïmento do Major Zuzarte, publicado no último número, sairam dois períodos truncados, repetimo-los, devìdamente rectificados, para que possam ser compreendidos inteiramente.

1.º período (Ver pág. 13, ao alto da primeira coluna): «Fizemos cadeia, eu, S. M. e mais dois, e logo a mesa oscilou e se elevou no ar. Descrendo, o A. F. M., para o comprovar, saltou da cama e pôs uma fôlha de papel no chão, sôbre a qual poisou a mesa». 2.º período (6 linhas a seguir) — «Nessa época, eu ia a casa de meus pais, ali perto, ao Matadouro, logo depois do jantar. Ora, a mesa disse-me «que fôsse de seguida para casa».

Do lapso, pedimos desculpa a todos.

Aos nossos assinantes

Vamos proceder à cobrança das assinaturas dos seis primeiros números do 6.º ano de «Estudos Psíquicos». Esperamos que todos dêem bom acolhimento aos recibos, afim de podermos continuar a manter a regularidade da publicação.

Ciência Universal

por Haydi de Thebelen

II

ANALISEMOS também um pouco a filosofia da vida, segundo a doutrina teosófica.

Não esqueçamos que ambos os sistemas — como lhe chamou Wedgwood — possuem o princípio da reencarnação e vejamos também os conselhos que nos dão para compreendermos a nossa passagem pela terra.

A Doutora A. Besant, na «Sabedoria Antiga», pg. 60, diz que — «o mundo das formas é Deus manifestado» — Mas, pouco depois, acrescenta: «— o homem fica saciado de tudo que a Terra possa oferecer-lhe» e «da natureza efémera e enganadora dos melhores dons da Terra».

Ainda na «Sabedoria Antiga», pg. 381-382: «Concebei esta terra tão bela como a têm sonhado os poetas, apagai todos os males, fazei cessar todos os sofrimentos, dai maior intensidade às alegrias, a tôdas as belezas dum brilho novo, aumentai a perfeição de tudo, e a alma sente-se, apesar de tudo, invadida pelo cansaço; sente que se desvia, vazia de todo o desejo, dêste paraíso terrestre» e que «na verdade, por detrás de cada flor, está uma serpente enroscada».

Sinnett pensa da mesma maneira e diz: «As cadeiras, as mesas e todo o cenário objectivo do mundo são quimeras e simples ilusões dos sentidos» («Budismo Isotérico», pág. 123).

Quando alguém fôr ferido com uma cadeira ou qualquer outro objecto dêste mundo, ¿deve considerar que não lhe aconteceu mal nenhum e sim que foi apenas tocado por uma quimera?

Outros escritores teosóficos manifestam idênticas opiniões, no desprêzo pela vida terrestre.

Mas, afinal, ¿o mundo das formas é ou não é Deus manifestado?

«Se tu não amas o que vês, ¿como poderás amar o que não vês?» — diz o Novo Testamento.

Mme. Blawatsky pensa diversamente de Sinnett e aconselha em «A Luz Sôbre o Caminho»:

«Contemplai atentamente tôda a vida que vos cerca e preguntai à terra, ao ar, à água, quais são os segredos que êles têm para vós».

Lamenais também disse que: «o coração de quem ama é um paraízo na terra — tem Deus em si, porque Deus é amor».

E Vítor Hugo afirmou que: «Amar é inclinar a alma perfumada sôbre o lado divino de tudo».

O cónego Francisco Andrade Sequeira escreveu:

A vida é um céu todo feito de luz,
Mais pura e serena que as águas dum lago...
E o amor que me dá o que nunca supus,
Até me transforma em sol a minha cruz,
Como se ela fôra o maior bem que trago!

D. Bernardo de Vasconcelos, frade e «poeta do amor divino», legou-nos êstes versos:

Vida e amor...
Oh! quem diria?!
O nada erguido
Ao seio infindo
do próprio Deus!

E noutra passagem:

Oh! ideal consumado
do amor purificação
nêste mundo...

Rabindranah Tagore, o maior escritor e poeta hindú da actualidade, põe as seguintes palavras na boca de Deus:

Ó crente, onde me procuras tu?
Porque caminhos andas?
Eu estou aqui mesmo ao teu lado...
.....
Nem nos ritos, nem nas cerimónias,
Nem no mistério da renúncia
Ou nos êxtases do Yoga.

Se tu és um servidor fiel
Vêr-me-ás a cada momento,
A cada instante tu me encontrarás
.....
Deus é a Vida
De tôdas as vidas.

E, finalmente, êste outro génio que é Krishnamurti pronunciou-se desta maneira:

«Estar unido ao Bem-Amado
É amar tudo o que existe»

(Estrêla, n.º 6, pág. 2)

É assim que, também a meu ver, se está de acôrdo com a lei da reencarnação, é assim que se compreende e se aceita o Karma, é assim que se respeita e se ama o Criador e a sua Obra. Mas a Dr.ª A. Besant não pensou assim, no que é seguida pelos teósofos que adoptam o seu parecer expresso no seu hino «O Homem e os seus corpos», pág. 76, que diz:

«O corpo físico, longe de ser necessário, torna, pela sua ausência, a vida muito mais activa e o pensamento muito mais leve».

Era caso para preguntar se Deus, quando criou o nosso corpo físico, não teria cometido um tremendo êrro, esquecendo-se de consultar a escritora...

Se a matéria é Deus manifestado, e como, pelo contrário, à semelhança do que pregam os católicos, os teósofos manifestam tanto desprêzo pelo mundo físico, alguém preguntou ao grande pensador Krishnamurti:

—¿Como se pode ver o Bem-Amado, senão de um plano superior?

E obteve a seguinte resposta:

— Não precisais, para isso, de subir planos mais elevados, de cair em profunda meditação ou isolar-vos do mundo... Para mim, o Bem-Amado é a fôlha de erva, o ser humano, a pedra ou a núvem, as sombras densas ou a luz. Podeis mergulhar em intensa meditação, subir a planos mais elevados, mas não penso que por êsse caminho encontrareis o Bem-Amado que vos espera. Mas se vos identificardes com tudo quanto vos cerca, com tôdas as tristezas, dores, lutas, prazeres, alegrias e êxtases que existem no coração de todos, então tereis encontrado o Bem-Amado.

Não querendo ser demasiado extensa, mencionarei sòmente mais algumas contradições. Vejamos:

A Dr.ª A. Besant escreveu na sua obra «A Sabedoria Antiga», pág. 207:

«O *sétimo céu* é a pátria intelectual dos Mestres e dos Iniciados. Nenhuma alma aí pode residir, *se na Terra* não passar pela porta da iniciação.»

Leadbeater, no seu «Compêndio de Teosofia», pág. 19, diz:

«O Mestre é sempre alguém que é mandado pela Grande Irmandade dos Adeptos».

Sinnett, no «Budismo Esotérico», pág. 48, apresenta a seguinte opinião:

«Os adeptos estão sujeitos a errar», enquanto A. Besant afirma no «Recinto Externo», pág. 48:

«Adepto é aquêle que não tem mais que aprender.»

Leadbeater, no «Compêndio de Teosofia», pág. 27, diz:

«O homem que se encontra no mundo astral pode ainda ver a sua casa, o seu quarto, a sua mobília, os seus parentes e amigos». Mas na pág. 98 afirma que os mortos não podem ver os corpos físicos daquêles que deixaram nêste mundo.

Sinnett afirma no «Budismo Esotérico», pág. 124, que, «no Devakan (céu dos desencarnados, segundo os teósofos) é impossível saber-se o que se passa na Terra, pois com tal conhecimento não haveria felicidade possível depois da morte. Um céu que fôsse uma tôrre de vigia, da qual os habitantes pudessem ver as misérias da terra, seria na realidade um lugar de doloroso sofrimento mental para todos aquêles que fôssem mais compassivos, dedicados e dignos.»

Mas — facto curioso! — no mesmo livro diz que «as mesmas entidades» podem comunicar com a terra.

Sôbre sociologia, ao serviço da espiritualidade: A. Besant condena a democracia, dizendo que «não é êsse o caminho para o progresso, não é essa a senda da prosperidade» («Ideais da Teosofia»), pág. 32.

O sr. Jinarajadasa, ao contrário, faz caloroso elogio dos princípios democráticos, no seu livro «A Nova Humanidade da Intuição».

Encontra-se ainda diferença de pontos de vista, quanto à intuição. Êste escritor diz na mesma obra, pág. 27:

«Os artistas pertencem à humanidade da intuição.

A. Besant escreveu em «O Mundo de Amanhã», pág. 242: «...na raça céltica, que existe ainda, notamos que a emoção superior foi a nota dominante, emoção que se traduziu na poesia e nas outras artes».

Os teósofos colocam a emoção dois planos abaixo da intuição e aquela não pode atingir esta.

O Dr. Alexis Carrel escreveu em «O Homem, êsse desconhecido», pág. 162:

«A intuição religiosa é tão real, como a inspiração estética. Através da contemplação da beleza sôbre-humana, tanto místicos, como poetas, podem atingir a verdade derradeira».

Concordo plenamente com a opinião dêste grande cientista; para uma alma se elevar para Deus não precisa de pertencer a escolas ocultistas, nem de receber iniciações teosóficas.

O bispo Leadbeater conheceu tão bem o Espiritismo, como as senhoras Blawatsky e A. Besant. No seu livro «L'Autre Côté de la Mort», edição de 1910, cita êle muitas sessões a que assistiu com os célebres médiuns Home e M.me d'Espérance.

Nessa obra (pág. 473), diz no capítulo intitulado «A nossa atitude para com o Espiritismo»:

«Espero, contudo, que, quando nos conhecermos melhor uns aos outros, que nos compreenderemos também melhor e chegaremos a respeitar-nos mais; porque, tanto uns como outros, temos a nossa missão a cumprir na grande obra do futuro. *Seria absolutamente ridículo atacarmo-nos; existem entre nós pontos comuns que não temos com nenhuma outra corrente de opinião*».

Pontos Comuns

«Uns e outros apresentamos a grande idéia capital de que o homem é um ser imortal e que progride sem cessar; todos (teósofos e espiritas) sabemos que é essa a lei actual e que ela continuará depois dêle abandonar o corpo, que lhe foi dado apenas como instrumento para fazer algumas experiências.

«Deus, como Pai, e a Fraternidade entre os homens, são duas doutrinas fundamentais e comuns.»

Na pág. 475:

«Quanto aos fenómenos espiritas, admitimo-los, sabendo que êles se produzem e têm sido muito úteis para demonstrar aos céptico a realidade da vida supra-terrestre». Mas nas páginas seguintes põe em evidência os perigos do Espiritismo, transmitindo ao leitor o receio e a desconfiança.

Na pág. 480, diz a mesma obra teosófica:

«Existe um livro sôbre Espiritismo, do Juíz Edmonds, do Supremo Tribunal de New-York, que contém principalmente comunicações, tendo a pretenção de emanarem de Swedenborg e de Bacon, assim como também algumas observações atribuídas a Washington e a Carlos Magno; mas nenhuma destas personagens parece estar à altura da sua reputação terrena e as suas observações em nada diferem das monótonas alocuções dadas habitualmente. A maior parte das suas informações não são exactas».

Como se isto não chegasse, continua a pág. 181:

«Um outro bom exemplo é a lista de assinaturas juntas na longa introdução do «Livro dos Espíritos», de Allan Kardec: João Evangelista, São Vicente de Paula, S. Luiz, «O Espírito de Verdade», Sócrates, Platão, Fénelon, Franklin, Swendenborg, etc., etc.

«Pregunta-se quem são as personagens encobertas com os misteriosos etc., etc., e se os nomes designados não seriam aquêles em que a entidade teria pensado naquêle momento».

Mas ainda não fica por aqui, pois pode ler-se a seguir:

«Tôdas estas pretensões extravagantes são tão ridículas, que é fácil descobri-las».

Mas o mundo deve acatar religiosamente o que nos «dizem» os «Mestres» dos teósofos...

Se êste escritor tivesse conhecido Fernando de Lacerda, teria arrasado tôdas as comunicações do livro «Do País da Luz», como sendo também extravagantes e ridículas.

Na pág. 478 acrescenta:

«Ela (a alma) não pode repetir o que conheceu na terra (1), a não ser que tenha a sorte de encontrar alguém capaz de lhe ensinar a grande verdade que é a reencarnação, um oriental, por exemplo, ou um teósofo.

«Contudo, *mesmo no Espiritismo*, a evidência dêste grande princípio aparece ocasionalmente, mas é do tipo de reencarnação rápida de que o sr. Gabriel Delanne nos deu exemplos numa conferência que fêz há alguns anos».

Em resumo, não conseguiu compreender se «existem pontos comuns entre as duas correntes», ou se, de facto, «os dois sistemas são absolutamente incompatíveis».

Sòmente percebi, pela leitura atenta de «A Vida depois da Morte», que também êste fundador e mentor da Sociedade Teosófica freqüentou assìduamente as sessões espiritas, de que fêz largo relato nêsse livro, com elogiosas referências para M.me d'Espérance, médium de extraordinárias faculdades, senhora distinta e instruída, membro da Sociedade Astronómica de França e autora do interessante livro «Au Pays de l'Ombre». Elo-

(1) Não é exacto. Todos os espiritas sabem que a alma conserva as recordações terrenas.

gia não só os trabalhos desta senhora, como muitos outros a que assistiu e em que decerto muito aprendeu, mas acabou, como os seus colaboradores, por atacar o Espiritismo.

Contradições dêste género são, a meu ver, lamentáveis.

São, pois, os *próprios teósofos que nos afirmam que a fundadora da Sociedade Teosófica principiou a ser conhecida, quando se dedicou, prática e teòricamente, ao Espiritismo.* Mas equivocaram-se quando afirmaram que foi M.me Blawatsky que sugeriu a verdadeira explicação do Espiritismo, pois que já nessa data Allan Kardec tinha apresentado a sua doutrina e fundado *La Revue Spirite* (1858).

Veja-se ainda na mesma revista de Fevereiro de 1940 o que se diz num artigo intitulado: «A Vida depois da Morte»:

«Segundo algumas observações gerais referentes à certeza da morte e à incerteza que os homens têm do Além, M.me Besant diz que há duas maneiras de obter *um falso conhecimento da vida depois da morte: o primeiro é o que apresenta o Espiritismo.* Na sua opinião, ela pensava que o estudo desta questão tinha sido cuidadoso e completo e que, portanto, estava convencida de que, deixando de lado a percentagem razoável das fraudes, ficava um conjunto de fenómenos reais. Era esta a linguagem de Sir William Crookes, Alfred Wallace, Sir Oliver Lodge e outros sábios. *Infelizmente, o que se pode aprender referente à vida desconhecida por meio dum médium espirita, é que são os mortos menos desenvolvidos espiritualmente que têm probabilidade de vir às sessões e nelas contar as suas experiências.* Não é nêste caminho que se conseguirá a mais sábia convicção referente ao que está para além da morte».

Mais uma vez os nossos irmãos teósofos mencionam que, em lugar de se esforçarem a materializar aquêles a que chamavam mortos, há uma maneira de adquirir um conhecimento satisfatório para o futuro, que é de se espiritualizar ao ponto do nosso ser mortal desenvolver assim a inteligência e a vontade, podendo deixar à vontade o seu corpo e estudar as regiões que se encontram para lá da morte.

Quanto aos perigos dêste método, os teósofos mantém silêncio, mas voltam a atacar o Espiritismo, como se pode verificar por um artigo de *O Teosofista,* do Rio de Janeiro (Dezembro de 1941), que é órgão da Sociedade Teosófica do Brasil, artigo que transcreveremos no próximo número.

«A Casa Ensombrada»

Com êste título sugestivo, exibiu-se há tempos no Eden-Teatro, de Lisboa, uma fita americana que larga propaganda tem feito da nossa doutrina. As peripécias sucedem-se maquinalmente e assistimos a muitos fenómenos espiritas, sem que o público achincalhe o assunto, como tem feito noutras emergências. O fim do realizador é provar que os mortos vivem e podem intervir na vida dos terrícolas, desde que encontrem ambiente próprio, ou disponham de veículos adequados à comunicação.

Trata-se duma velha casa solarenga infestada por entidades invisíveis, as quais, uma vez doutrinadas, abandonaram a sua obra destruïdora. Mas deram provas cabais da sobrevivência e demonstraram que a morte não modifica a índole e as tendências do indivíduo. Os bons continuam bons e os maus entregam-se, por via de regra, aos mais diversos malefícios, assombrando lugares e obsidiando pessoas, chegando até a causar a morte a muitas vítimas.

Em face dos ruídos que enchiam a casa, certa personagem alvitra a realização duma sessão de Espiritismo, pois talvez assim consigam que as fôrças invisíveis deixem em paz os locatários. E como os circunstantes hesitassem, a personagem elucida que muitos homens de ciência têm feito experiências psíquicas com grandes resultados, não havendo razão para incredulidade. E acabam por se reünir em tôrno da mesa, utilizando um copo em substituïção da prancheta. O médium cai em transe e dá uma comunicação em língua estra-estranha aos circunstantes.

Demonstra-se ali também que alguns Espiritos dão preferência a determinados compartimentos e manifestam a sua presença, provocando correntes de ar frio ou aromas especiais, estes últimos para esclarecerem a sua presença, quando não podem fazê-lo doutra maneira.

Enfim, estamos em presença de cinema equilibrado que chama a atenção do espectador para o facto, aliás comprovado, de haver casas assombradas susceptíveis de voltar à normalidade, desde que se entre em comunicação com os agentes do fenómeno.

UM PLEITO SENSACIONAL

O ESPIRITISMO NOS TRIBUNAIS

A viúva de Humberto de Campos moveu acção declaratória contra a Federação Espirita Brasileira e o médium Francisco Cândido Xavier, que psicografou as obras póstumas daquêle escritor

NO passado mês de Outubro, lemos no *Comércio do Pôrto* um artigo que o seu correspondente no Rio de Janeiro escreveu àcêrca de rumoroso caso que vai preocupar, certamente, os tribunais brasileiros, como já preocupou a opinião pública da capital fluminense.

Não fomos surpreendidos pela notícia, que lêramos em jornais brasileiros há pouco chegados às nossas mãos. E se lhe não fizemos referência, o facto se deve à falta de pormenores que elucidassem os leitores de *Estudos Psíquicos*.

O artigo do citado correspondente (Raúl Martins) limita-se a resumo sucinto que, bastando a leitores profanos, indiferentes ao Espiritismo, não chega, todavia, para satisfazer a avidez e o interêsse daquêles que se preocupam com todos os acontecimentos relativos à nossa doutrina.

Depois da morte de Humberto de Campos — escreve o articulista — começaram a aparecer produções suas nos jornais que não eram, entretanto, devidas à sua pena. Dizia-se que um modesto e ignorado rapaz, residente numa localidade de Minas, as recebia do falecido escritor trasladando-as para o papel. E larga controvérsia suscitou o aparecimento, na imprensa, dêsses escritos. ¿Eram de Humberto de Campos? ¿Não eram de Humberto de Campos?

A família do grande escritor, não se conformando com o aparecimento de tais produções, dirigiu-se aos tribunais, pondo a questão nestes termos: se o que tem aparecido nos jornais e noutras publicações é, realmente, de Humberto de Campos, podendo admitir-se que êle de Além-túmulo, transmite aos vivos o que pensa e o que sente, então devem ser pagos aos seus herdeiros os direitos de autor.

A seguir, relata a conversa que o velho espirita Frederico Figner teve com um jornalista, a quem declarou:

— São absolutamente verdadeiras as obras de Humberto de Campos recebidas pelo médium Francisco Cândido Xavier e publicadas pela Federação Espirita Brasileira. A sua autenticidade jamais poderá ser posta em dúvida. A viúva do insigne escritor recorreu à justiça e o juíz intimou a Federação a responder pela responsabilidade da publicação das obras psicografadas de Humberto de Campos. Em conseqüência disso, determinou que o médium Chico Xavier proceda a realizações mediúnicas, para verificação da sobrevivência e operosidade do Espírito do autor de «Destinos».

«Mas isso é impossível, porque os médiuns não têm o poder de obrigar determinado Espírito a comparecer perante ou através dêles, em dias e hora estipulados, como, ao que parece, pretende a justiça e a viúva de Humberto de Campos.

E o articulista continua:

Uma das obras do falecido escritor, que certamente não contava com o ruïdoso caso que à volta do seu nome se está fazendo — se é que os mortos, ao partirem dêste mundo, desejam dormir em paz o sono eterno —, são as «Crónicas de Além-Túmulo». E o mais interessante de tudo isto é que a mãe de Humberto de Campos afirma que o estilo é dêle.

Entrevistada, disse: «não tenho dúvidas em declarar isso e não conheço qualquer explicação científica que esclareça êsse mistério, principalmente se considerarmos que Francisco Xavier possui conhecimentos medíocres. Onde a fraude? Na hipótese do tribunal reconhecer aquela obra como da autoria de Humberto de Campos, é claro que por justiça os direitos autorais devem pertencer à família».

Esta questão, que tanto tem dado que falar, cada vez parece mais emaranhada. Chico Xavier, segundo declaram os espiritas mais autorizados, não poderá obrigar o Espírito de Humberto de Campos a manifestar-se em dia e hora préviamente marcados e requeridos pela justiça. Como resolver o caso? É provável que sejam ainda chamados a depor, como testemunhas, alguns peritos em escrita, professores de português e técnicos em assuntos

estatísticos. Talvez a própria Academia Brasileira tenha de pronunciar-se...»

O sr. Raúl Martins termina, admirando-se de que só Humberto de Campos se manifeste através do inculto rapaz de Minas e o não tenham feito Coelho Neto, Olavo Bilac, Machado de Assis e tantos outros (1); e «já que as «Crónicas de Além-Túmulo» se têm vendido aos milhares», parece-lhe justo que se obrigue a Federação a pagar à família os tais direitos de autor, ou então «chamar à responsabilidade os que não deixam em repouso aquêles a quem Deus concedeu a paz eterna».

Aqui está, em síntese, o artigo do correspondente do *Comércio do Pôrto*. Pelos vistos, o sr. Raúl Martins é homem prático e decidido, talvez mais decidido e prático do que o juiz que fôr chamado a resolver a estranha questão...

A «Acção Declaratória» da viúva

Logo que teve conhecimento do caso, Mundo Espirita (2) não descansou enquanto não obteve cópia do importante documento subscrito pelo advogado Dr. Milton Barbosa e que desejamos arquivar nestas colunas, para que os leitores melhor possam acompanhar os factos.

Eis a «Petição Inicial»:

«Ex.mo Sr. Dr. Juiz de Direito da 8.ª Vara Cível.

Catarina Vergolino de Campos, proprietária, residente em Niterói, à rua Mariz e Barros, n.º 9, na qualidade de viúva do escritor Humberto de Campos, vem expor e requerer a V. Ex.ª o seguinte:

1) — A suplicante, em condomínio com seus filhos Lourdes, Henrique e Humberto, é titular dos direitos autorais oriundos da vasta e brilhante obra literária produzida por seu falecido marido, acima citado (doc. 1).

2) — Posteriormente à morte do grande escritor, começaram a surgir, como é público e notório, inúmeras produções literárias, atribuídas ao «espírito» de Humberto de Campos e, segundo versão e técnica espiritas, «psicografadas», pelo «médium» mineiro, Francisco Cândido Xavier (brasileiro, solteiro, residente em Pedro Leopoldo, no Estado de Minas), as quais, reünidas em volumes, vêm sendo editadas pela «Livraria Editora da Federação Espirita Brasileira», na colecção intitulada «Biblioteca de Filosofia Espiritualista Moderna e Ciências Psíquicas» (docs. 2, 3, 4, 5 e 6).

3) — Com essa procedência, nada menos de cinco volumes, contendo algumas dezenas de produções cada um, já foram editados, sob os títulos e pelos preços abaixo mencionados:

«Novas Mensagens» (em 2.ª edição) — Broch. — Cr$ 4,00. Encad. — Cr$ 7,00.

«Boa Nova» (em 2.ª edição) — Broch. — Cr$ 6,00. Encad. — Cr$ 9,00.

«Reportagens de Além-Túmulo» (1.ª edição). — Broch. — Cr$ 8,00. Encad. — Cr$ 12,00.

«Brasil coração do mundo e Pátria do Evangelho» (em 3.ª edição). — Broch. — Cr$ 7,00. Encad. — Cr$ 10,00.

«Crónicas de Além Túmulo» (em 3.ª ed.) — Broch. — Cr$ 5,00. Encad. — Cr$ 8,00, notando-se que êste último livro está sendo traduzido para o castelhano e em breve será lançado no mercado argentino.

Contêm, êsses volumes, na capa, acima do título e logo abaixo do timbre da colecção («Biblioteca de Filosofia Espiritualista Moderna e Ciências Psíquicas»), o nome do «medium» «psicógrafo», e após o título da obra, e entre parênteses, a expressão «do espírito de Humberto de Campos», (docs. 2, 3, 4, 5 e 6). Na primeira página, logo após a capa, lê-se apenas o título da obra e em seguida a expressão «do espírito de Humberto de Campos» (docs. 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª). No verso dessa página, encontra-se uma relação de obras «psicografadas» pelo «médium» Francisco Cândido Xavier, tôdas compreendidas na seguinte designação: «Produções do médium Francisco Cândido Xavier» ou «Produções mediúnicas de Francisco Cândido Xavier», mas com o aditamento, entre parênteses: «Ditado pelo Espírito de Humberto de Campos» ou de outro, «desencarnado» (vide o verso dos docs. 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª). Na página seguinte, repete-se o nome da obra, seguido da expressão: «Ditada pelo Espírito de Humberto de Campos», aparecendo sempre com grande destaque o prestigioso nome do privilegiado escritor.

4) — Essas obras vêm sendo vendidas livremente, aos preços já referidos, sem contrôlo de quem quer que seja — e inteiramente à revelia da Suplicante e de seus filhos, condominos dos direi-

---

(1) ¿Desconhecerá o articulista o «Parnaso de Além-Túmulo» recebido pelo médium, em que grande plêada de poetas luso-brasileiros dão seu contributo à sobrevivência? Se assim é, compre imediatamente o livro. Se demorar a aquisição, arrisca-se a ficar sem êle, porque o «caso» Humberto de Campos tem o condão de impulsionar extraordinàriamente a venda de tôdas as obras espiritas e principalmente as psicografadas por Francisco Cândido Xavier. Bastaria êste facto, para abençoar a *acção declaratória* dos herdeiros do escritor.

(2) Vide *Mundo Espirita* de 1 de Julho de 1944.

tos autorais da obra literária de Humberto Campos — com grande êxito de livraria, dado o facto de ser atribuída a quem, como Humberto de Campos, sempre desfrutou, como escritor, de grande popularidade entre o público brasileiro de todos os níveis intelectuais.

5) — A Suplicante e seus filhos, diante da celeuma provocada pelo aparecimento dessa vasta e ininterrupta produção literária, têm mantido, até agora, discreta atitude — de pura espectativa — aguardando que críticos literários ou cientistas proferissem a última palavra a respeito do fenómeno. A polémica que se vem travando em tôrno do assunto promete, entretanto, não ter fim. E vem-se avolumando — dado o silêncio sistemático da Suplicante e de seus filhos — a corrente dos que supõem que a família de Humberto de Campos, não só vem auferindo vantagens financeiras com a publicação dessas obras, como — por interêsse de publicidade em tôrno do nome do glorioso escritor falecido — procura provocar e alimentar as discussões que se vêm travando pela imprensa, o que lhe cria verdadeiro constrangimento diante dos editores da obra produzida durante a vida do seu marido — W. M. Jackson Inc. Editores — com os quais tem contrato firmado e não extinto, sendo compreensível que tais editores se julguem prejudicados com a publicação das obras ditas «psicografadas», prejuízo que, aliás, atinge a própria Suplicante e seus filhos.

6) — Sem querer entrar no exame do mérito literário dessas produções — obtidas, segundo versão espírita, por métodos «mediúnicos» — deseja a Suplicante que V. Ex.ª, submetendo a hipótese — para sua elucidação — a tôdas as provas científicas possíveis, se digne de declarar, por sentença, *se essa obra literária É OU NÃO DO «ESPÍRITO» DE HUMBERTO DE CAMPOS.*

No caso negativo, se — além da apreensão dos exemplares em circulação — estão os responsáveis pela sua publicação:

a) Passíveis da sanção penal prevista em os arts. 185.º e 196.º, do respectivo Código.
b) Proïbidos de usar o nome de Humberto de Campos, em qualquer publicação literária.
c) Sujeitos ao pagamento de perdas e danos, nos termos da Lei Civil.

No caso afirmativo, isto é, se puder ficar provado que a produção literária em apreço é do «espírito de Humberto de Campos», deverá V. Ex.ª, *data vénia,* declarar:

a) Se os direitos autorais pertencerão exclusivamente à Família de Humberto de Campos ou ao mundo espirita, representado, entre nós, pela Federação Espirita Brasileira; devendo, outrossim, ficar definidos não só o carácter da intervenção do «médium», como os limites — sob o ponto de vista literário e económico — da sua participação.
b) Se, reconhecidos os direitos da Família de Humberto de Campos, poderão os titulares dêsses direitos dispor livremente dessa bagagem literária, sem quaisquer restrições, como dispõem da obra produzida ao tempo do desaparecimento do escritor.
c) Se a Federação Espirita Brasileira e a Livraria Editora da mesma Federação estão passíveis das sanções previstas na Lei, pela publicação das obras referidas nos itens 2 e 3, sem a prévia permissão da família do escritor.

Para êsse fim, requere a Suplicante a V. Ex.ª se digne mandar citar a «Federação Espirita Brasileira» e a «Livraria Editora» da referida Federação, com séde ambas à Avenida Passos, n.º 30, nesta Capital (na pessoa de seus representantes legais), bem como, mediante precatória, o «médium» Francisco Cândido Xavier, residente no local acima referido, para virem responder aos termos da presente acção declaratória, permitida pelo § único do art. 2.º do Cód. do Processo Civil.

A Suplicante não desconhece as dificuldades de ordem legal com que terá V. Ex.ª que se haver, para decidir o presente pleito, dado o silêncio da Lei vigente, em relação às hipóteses que os fenómenos «mediúnicos» — se reais e positivamente evidenciados puderem ser — farão surgir ao espírito do Magistrado, obrigando-o a estabelecer normas de carácter excepcional, como «se fôsse legislador», tendo em vista os direitos tradicionais da família do escritor, em face dos novos e estranhos acontecimentos, pelos quais a Ciência Oficial tem até agora demonstrado indiferença.

Pouco importará, entretanto, o silêncio da Lei, se tais fenómenos puderem ser positivamente verificados, o que, *data vénia,* obrigará o Magistrado a dêles conhecer e a lhes dar solução que concilie os interêsses de vária ordem que se defrontam, harmonizando os princípios do direito natural com a nova doutrina, de carácter sobrenatural, por enquanto, pelo menos. Protesta-se pela realização de demonstrações mediúnicas a serem produzidas — com a imprescindível colaboração dos Suplicados — para verificação da sobrevivência e operosidade do «espírito» de Humberto de Campos, bem como por exames gráficos, estilísticos e de escrita, e ainda por precatórias, depoïmento pessoal dos Suplicados e prova testemunhal.

Para os efeitos da taxa, dá-se à causa o valor de Cr$ 10.000,00.

P. deferimento.

Rio de Janeiro, 30 de Junho de 1944.

(ass.) *Milton Barbosa*»

QUEM É O MÉDIUM

Francisco Cândido Xavier nasceu em Pedro Leopoldo, Estado de Minas Gerais, e conta hoje 34 anos. Perdeu a mãe aos cinco anos de idade. Cêdo conheceu, portanto, as vicissitudes da vida.

Aos oito anos matriculou-se num grupo escolar, ao mesmo tempo que trabalhava numa fábrica de tecidos, das três da tarde às duas da manhã. Débil, como era, esteve prestes a adoecer, em virtude do trabalho enorme a que era sujeito. Apesar de tudo, conseguiu fazer exame de instrução primária.

Em 1923 (tinha êle 13 anos), empregou-se no comércio com diminuto salário, trabalhando das sete às vinte, treze horas prêso ao mester, sem poder distrair um minuto em holocausto à sua tendência para as letras.

Assim, difícil lhe foi aprender alguns rudimentos de português, história e aritmética, estudando o que podia, em casa, embora seu pai lhe contrariasse a vocação, chegando-lhe, por vezes, a queimar os livros.

Sem predilecção por qualquer autor, lia ao acaso, não estudando estilos, de que nada entendia, afinal. De resto, o ambiente em que vivia, com seus familiares sempre em dificuldades, devidas às múltiplas obrigações que os constrangiam, nunca lhe deu ensejo a conviver com os intelectuais brasileiros.

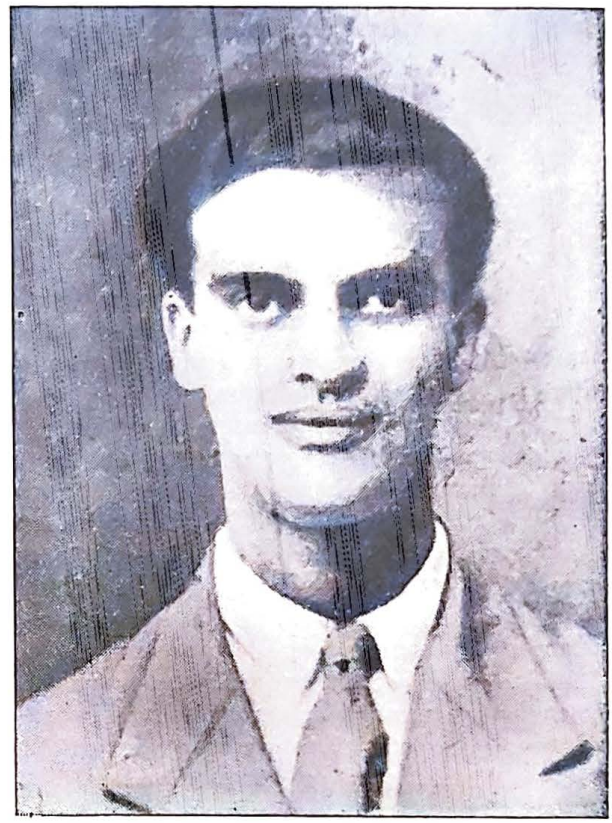
Êle o confessa, claramente, na autobiografia escrita em 1931, que antecede a 1.ª edição do seu «Parnaso de Além-Túmulo»:

«O meu ambiente foi sempre alheio à literatura; ambiente de pobreza, de desconfôrto, de penosos deveres, sobrecarregado de trabalhos para angariar o pão cotidiano, onde se não pode pensar em letras».

Criado no catolicismo, não lhe era possível fugir ao seu influxo. Freqüentou, pois, a igreja, com grande prazer espiritual, sobretudo as aulas de catecismo, das quais ainda conserva saüdade.

Mas em 1927 atingia os 17 anos. Em Maio dêsse ano, uma das suas irmãs adoecia com terrível obsessão e a medicina foi impotente para debelar o mal. Nem a mais leve melhora.

Horas amargas, horas crudelíssimas passou aquela família, até que resolveram pedir o auxílio dum espirita convicto, o sr. José Hermínio Perácio, que levou a doente para sua casa, onde ficou aos cuidados de sua espôsa, D. Carmen Pena Perácio, médium de raras faculdades que soube transmitir à sua amiga os sublimes ensinamentos do Espiritismo. Foi nêsse ambiente que a mãe de Francisco Cândido Xavier começou a ditar-lhes conselhos salutares, com pormenores ín-



O médium Francisco Cândido Xavier

timos que a médium citada desconhecia. Até a própria grafia era exactamente igual à da desencarnada.

A irmã obsidiada em breve voltava ao lar cheia de saúde e convertida ao Espiritismo.

Resolveram então formar um grupo de crentes para estudar e difundir a doutrina espirita e nêsse grupo se desenvolveu Cândido Xavier como médium escrevente semi-mecânico, cujas produções começaram a circular na imprensa brasileira.

Em Agôsto do mesmo ano, surgiram as poesias que constituem a primeira edição do «Parnaso de Além-Túmulo».

Serão das personalidades que as assinam? — escreve êle —. Eis o que não posso afiançar. O que afirmo, categòricamente, é que, em consciên-

cia, não posso dizer que são minhas, porque não despendi nenhum esfôrço intelectual ao grafá-las no papel. A sensação que sempre senti ao escrevê-las era de que mão vigorosa impulsionava a minha. Às vezes, parecia-me ter em frente um volume imaterial, onde eu as lia e copiava; outras vezes, que alguém as ditava aos meus ouvidos, experimentando sempre no braço a sensação de fluidos eléctricos, acontecendo o mesmo com o cérebro, que me parecia cheio de vibrações indefiníveis. Freqüentemente, êste estado atingia o auge e o interessante é que parecia ver-me sem o corpo, não sentindo as menores impressões físicas. É, de resto, o que experimento, quando o fenómeno se produz comigo.

Depois, dá as seguintes explicações àcêrca da forma como foram recebidas aquelas poesias:

Julgo do meu dever declarar que nunca evoquei quem quer que fôsse; essas produções chegaram-nos sempre espontâneamente, sem que eu ou os meus companheiros as provocássemos, e jamais se pronunciou, em particular, o nome de qualquer dos comunicantes em nossas preces. Passavam-se às vezes mais de dez dias sem se produzir o menor escrito e dias houve em que se receberam mais de três produções literárias duma só vez. Grande parte delas foram transcritas fora das reüniões e tenho tido ocasião de observar que o resultado é melhor com menor número de assistentes.

Muitas vezes, ao recebermos algumas páginas, era necessário recorrer ao dicionário para saber o significado de certas palavras, visto que, tanto eu, como os meus colegas, as desconhecíamos. Apesar de todo o meu desejo, só obtive êsses escritos nas minhas experiências espiritas.

Há tempos, o *Reformador*, do Rio de Janeiro, publicava uma notícia intitulada «A Casa do Chico», fazendo-a acompanhar de duas amplas fotogravuras, representando a casa velha e a nova residência do médium. Eis as palavras que acompanhavam as ilustrações:

Nessa casa, de aparência precária e de interior quási inabitável, morava o médium Francisco Cândido Xavier, seu velho pai, irmãs menores e sobrinhos órfãos. Foi ali, sôbre quatro tábuas brutas, sustentadas por toscos cavaletes, que surgiu o «Parnaso de Além-Túmulo» e, posteriormente, a enorme série de obras mediúnicas que a sua mediunidade nos oferece, obras que vêm sendo disputadas por tradutores e editores estrangeiros, rompendo, dêsse modo, as fronteiras brasileiras.

Um dia, alguém, cujo nome não estamos autorizados a revelar, visitou o afamado médium. Homem de recursos, sentiu-se envergonhado de ver tão mal alojado aquêle que tanta felicidade espalhava, levando aos descrentes a esperança; aos sofredores o alívio; e aos aflitos a consolação. E mais comovido ficou, quando soube, por terceiros, que o médium não recebia sequer um centavo pelos direitos autorais dos seus trabalhos, nem mesmo pelos gastos materiais (lápis, papel, etc.), dando inteiramente de graça o que do Alto recebia. E ao Chico se dirigiu com tôdas as precauções, para não lhe magoar o espírito sensibilíssimo, pedindo autorização para construir naquêle mesmo terreno um prédio que apresentasse o confôrto que lhe permitisse ampliar os seus trabalhos e receber os visitantes de tôdas as categorias sociais que a Pedro Leopoldo se dirigem. Chico passou o lenço pelos olhos, emudeceu por segundos e respondeu, agradecendo e rejeitando, com palavras que venceram o generoso confrade.

Alguns meses depois, já aqui no Rio, êsse mesmo companheiro descreveu a um grupo de amigos a situação de pobreza que tristemente presenceara. Todos se comoveram e resolveram em grupo efectuar a construção idealizada. Lançaram mão de amigos e de parentes do médium e, após longos meses de relutância, conseguiram que o Chico respondesse, já cansado e vencido:

— Mas façam só o estritamente necessário.

Aí têm os leitores o *cliché* da antiga e o da nova residência de Chico Xavier — conclui a notícia —, oferta espontânea de um pequeno grupo de amigos que se cotizaram para formar a quantia de dez mil cruzeiros, preço pela qual o construtor, também confrade, fêz questão de levantá-la, entrando dessa forma para o grupo dos ofertantes.

¡Digam lá se não é deveras enternecedor o gesto dêsse núcleo de almas generosas que se lembraram de brindar o grande médium com uma casa confortável!?...

A imprensa em acção

Como é natural, o pleito apresentado não se limitou aos sectores judiciais e prestes transcendeu as fronteiras que os separam do grande público, a quem interessam tôdas as questões apaixonantes. O *Diário da Noite* realizou imediatamente um inquérito, no qual depuseram algumas individualidades de relêvo nos meios literários e jurídicos. A *Fôlha Carioca* também pôs as suas colunas à disposição do Prof. Melo e Sousa, mais conhecido por Malba Tahan que lançou um repto aos espiritas:

— ¡Venha o espírito do matemático Amoroso Costa resolver um problema que eu proponha, e em seguida converter-me-ei ao Espiritismo!...

A *Revista da Semana* não quis ficar atrás e num artigo intitulado «Humberto de Campos, escritor de Além-Túmulo», desancou, sem dó nem piedade, a obra mediúnica de Cândido Xavier, estribado na *opinião dos filhos do literato, que discordam da veracidade das comunicações.*

Pudera! Discordam, por não receberem os almejados direitos de autor. Suas opiniões nada valem, portanto.

Mais do que a dêles, vale a da mãe de Humberto que, em 21 de Maio de 1938, ofereceu ao médium um belo retrato do filho, com a seguinte dedicatória inserta no «Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho»:

«Ao prezado sr. Francisco Xavier, dedicado intérprete do meu saüdoso Humberto, ofereço, com muito afecto, esta fotografia, como prova de amizade e gratidão. Da Crd.ª Att.ª, Ana de Campos Veras. Parnaíba, 21-5-38.»

Alguns escritores, entre os quais o professor citado, gritam que os livros psicografados são «pastiche grosseiro», pois estão eivados de «lugares comuns e incorrecções que o autor não cometeria».

A êste articulista respondeu magistralmente o prof. Leopoldo Machado, na *Revista Carioca,* onde foi publicado o famoso repto. Com o senso prático e o equilíbrio mental que lhe são peculiares, explicou a função do médium perante os espíritos comunicantes, aludindo depois ao repto nestes termos lapidares:

Nenhum espirita consciencioso e sincero pode, experimentalmente, aceitar reptos tais, que seria garantir fenómenos. ¿Porque o fenómeno não seja viável? Não, que factos mais significativos — muito mais! — a fenomenologia já regista. Mas por questão de senso e lógica. O espírito, no repto, é terceira pessoa à margem do reptado. É pessoa àparte, que o espírito é o homem sem o corpo material, apenas. ¿Aceitaria o sr. Malba Tahan um repto, para outrem — um amigo, um parente, um colega, um estranho — responder, no lugar e nas condições impostas pelo reptante? Não, certamente, que o escritor patrício não saberia, de ante-mão, da disposição e vontade do ausente. É o que se dá com os espíritos comunicantes, que não são propriedade dos espiritas, que não estão às nossas ordens para o que lhes quisermos impor, que devem ter, lá por cima, coisas mais sérias e mais graves de que cuidar. Por isso, Allan Kardec, a maior autoridade dentro do Espiritismo, assegura que nenhum médium, ainda o mais famoso, pode garantir tal ou qual fenómeno, para tal ou qual lugar e hora, em tais ou quais circunstâncias.

Das «entrevistas» realizadas pelo *Diário da Noite,* uma das mais edificantes foi, sem dúvida a do Dr. Galdino Moreira, Presidente do Sínodo Central Presbiteriano Brasileiro, o mais alto dignitário da Igreja Protestante no Distrito Federal. As suas palavras são insuspeitíssimas, pois já tem discutido e combatido o Espiritismo, embora o faça sempre de luva branca, com nobreza e elegância moral, que o distingue entre os nossos mais correctos adversários.

Damos a palavra ao jornalista, cujo escrito tem a data de 27 de Julho último:

— Prosseguimos hoje na «enquete» que vimos realizando sôbre o inédito e curioso caso judicial em tôrno das obras psicografadas pelo «médium» Chico Xavier e ditadas pelo espírito de Humberto de Campos, com a entrevista que nos concedeu o rev.mo dr. Galdino Moreira, que, na qualidade de presidente do Sínodo Central Presbiteriano Brasileiro, é o mais alto dignatário da Igreja Protestante no Distrito Federal. Já se manifestaram a respeito da rumorosa questão vários estudiosos do Espiritismo e hoje damos a palavra da religião protestante, tão bem representada entre nós pelo nosso entrevistado, que fomos encontrar em sua residência, na Tijuca. Atendeu-nos gentilmente, manifestando com entusiasmo sua viva impressão sôbre «as atitudes imparciais, honestas e tolerantes dêste diário carioca», cuja actuação, diz s. rev.ma, «é das mais decisivas e brilhantes na formação de uma alta e sadia mentalidade brasileira».

Iniciamos então nossa palestra.

Caso grave e sério

Fizemos-lhe a primeira pregunta:

— Que acha v. rev.ma no rumoroso processo ora em agitação no nosso fôro, contra o Espiritismo, em tôrno do «médium» espirita Francisco Xavier, a Federação Espirita Brasileira e as supostas obras por êles editadas e atribuídas ao espírito de Humberto de Campos?

— O amigo — respondeu-nos — acaba de empregar, sôbre êste assunto, a frase — «rumoroso processo». Encaro-o, porém, sôbre aspecto bem mais sério e mais grave do que parece. Rumoroso caso, concordo, pelo inédito que o cerca. Curioso, será ainda, pela natureza própria da questão. Quanto ao aspecto puramente jurídico, em face

do direito positivo, julgo-o nulo «ab initio». Quero crer que, em face do atestado de óbito que existe, certo e autêntico, desde 5 de Dezembro de 1934, dia saüdoso quando faleceu nêste mundo o famoso escritor maranhense Humberto de Campos, encerrou-se para as lides e tribunais humanos a existência objectiva do notável escritor. A sobrevivência ou não de seu espírito no mundo espiritual e o facto ou não-facto das possibilidades de agir êsse espírito, desta ou daquela maneira, sob tais ou quais condições «sui generis», já não são mais assunto para exame e fôro terrenos, e sim matéria essencialmente metafísica, caso de fé, de doutrina e teoria totalmente suspeita ao critério da livre escolha dos indivíduos. Vê, pois, o meu redactor, que, inicialmente, não vejo no processo ora em andamento base alguma para solução jurídica eficaz, convincente e regulamentar. É, de si próprio, problema fora da alçada dos tribunais e do direito positivo.

— ¿Em que julga, então, v. rev.ma «grave e séria», como acaba de expressar-se, a presente demanda?

O rev.mo pastor estende a mão, apanha entre alguns livros que estavam mesmo ao alcance um volume da Constituïção do Brasil, e, solene, respondeu-nos:

— Processo sério e grave nas suas conseqüências, se fôr acolhido e levado a efeito, sr. redactor, por causa dêste livrinho precioso — a nossa Carta Magna. Encaro o Espiritismo exactamente como é, tal como se apresenta e se divulga no país e precisamente como de facto por aí vive e se agita — uma crença religiosa, uma teoria científica e uma doutrina filosófica. Veja êste outro livro aqui. É o livro-código, entre outros, do credo espirita — «O Livro dos Espíritos». Veja estes lugares que há muito sublinhei. Olhe aqui, às págs. 13, 14, 15, 22, 27 e seguintes, do volume da 18.ª edição em português, 110.º milheiro, editado e vendido pela Federação Espirita Brasileira. É obra do codificador e apóstolo pioneiro da crença espirita — Allan Kardec. Logo na abertura se define a natureza, a essência e o campo do Espiritismo. É «doutrina», é «filosofia espiritualista», é «ciência» — contendo os princípios referentes à imortalidade da alma, à natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, às leis morais, à vida presente, à vida futura e ao porvir da humanidade, segundo os ensinos dados por Espíritos Superiores, com o concurso de diversos médiuns, recebidos e coordenados por Allan Kardec». Evidentemente, o Espiritismo, por essa «Confissão de Fé» e outros livros de divulgação generalizada em tôda a parte, é uma religião, um credo, uma doutrina. Não é nova entre nós. Possui organizações, centros de propaganda e de ensino públicos, propriedades, adeptos aos milhares, literatura própria, comércio de obras religiosas, instituïções de caridade, exercendo, enfim, no país, livre e ampla existência como credo religioso.

75.600 espiritas no distrito federal

Faz uma ligeira pausa e prossegue:

— ¿Não sabe o senhor que, no próprio censo realizado em 1940, no Brasil todo, foi incluído como religião, e que se apurou mesmo haver, só aqui no Rio de Janeiro, 75.600 espiritas, declarados professos dessa fé e teoria? Embora seja eu crente de outro credo e deseje do coração que minha religião — a evangélica — consiga a supremacia nas consciências dos brasileiros, não posso ver com bons olhos, senão com pesar, que a liberdade de consciência e de crença, no meu país, possa sofrer o menor detrimento, o mais leve arranhão.

Não é possível admitir-se o exame dos credos religiosos

— Ora — continuou s. rev.ma — se o Espiritismo é uma crença, uma fé, uma doutrina, está, «ipso facto», sob a garantia soberana e inviolável da nossa Lei Magna que, nêste assunto, como no mais, é digna, nobre e democrática. Veja aqui, na nossa Carta Maior, o artigo 122, n.º 1: «Todos são iguais perante a lei». Ouça o n.º 4: «Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto, associando-se para êsse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum, as exigências da ordem pública e dos bons costumes». E atenda ao art. 32, letra «b»: «É vedado à União, aos Estados e aos municípios estabelecer, subvencionar ou embaraçar o exercício de cultos religiosos». Pois bem. Se o credo espirita, religião e confissão, com seu culto, seus bens e plenitude de exercício, no país, aí está, sob a garantia dêsses princípios sagrados de nossa Carta Magna, não posso ver senão como perigoso precedente, e de graves conseqüências, qualquer decisão judiciária e de fôro que implique, se fôr contra a fé dos espíritas e de sua liberdade de agir no seu credo, como bem desejarem.

Êste notável depoïmento é altamente honroso para a Doutrina Espirita. Poucas vezes temos lido alusões semelhantes, oriundas de quaisquer outros credos, religiosos ou filosóficos. Em regra, o que se vê é atitudes irónicas, eivadas de ódio ou de despeito.

O chefe do protestantismo brasileiro colocou a questão com relevante imparcialidade, que o distingue entre todos os adversários do Espiritismo.

Mas o caso não ficou por aqui. As agências telegráficas entraram em acção e espalharam a notícia por todo o mundo. Eis um telegrama da *United Press*, publicado pelo diário *La Razón*, de Buenos Aires:

Rio de Janeiro, 8 de Julho de 1944. — A materialização dos Espíritos foi sempre um tema que deu margem a apaixonados debates e discussões entre os que crêem na sua possibilidade e os que a impugnam. Entretanto, os magistrados judiciais e os funcionários forenses terão agora oportunidade de comprovar, de forma mais ou menos jocosa, uma demonstração de Espiritismo, a apresentar-se como prova num processo iniciado no Julgado N.º 8 do fôro civil pela viúva do famoso escritor brasileiro Humberto de Campos, D. Catalina Vergolino de Campos. A autora declara que deseja se esclareça definitivamente se as obras publicadas pela Federação Espirita Brasileira e atribuídas ao Espírito daquêle literato, que, no dizer desta agremiação, se comunicou através do médium Francisco Xavier, são, efectivamente, de seu defunto espôso, que baixou à terra há mais de dez anos.

Êste caso, levado agora à barra dos tribunais, é o resultado duma grande polémica entre os propagandistas da doutrina espirita e os que não crêem devidamente provada a sua verosimilhança. A mãe do escritor Humberto de Campos aceita as obras em questão como redigidas por seu filho e transmitidas por comunicações do Além. Quanto à espôsa e filhos do literato desaparecido, sustentam o critério da Academia Brasileira de Letras, que não quis reconhecer as obras citadas como provenientes de Humberto de Campos, declarando-as apócrifas.

Como providências iniciais, o titular do Julgado n.º 8 desta capital, Dr. Morao Russel, ordenou que se produzissem provas da existência das «mensagens do Além» pelo médium Francisco Xavier e ante os peritos que serão indicados — (U. P.)

A discussão generaliza-se, a doutrina espirita corre mundo através da grande imprensa e os livros do médium são vendidos aos milhares. Tôda a gente quere saber o que se passa. A própria Academia Brasileira de Letras falou alto e bom som, negando, como não podia deixar de ser, a paternidade atribuída àquelas obras que o público brasileiro agora vai submeter a estudo comparativo com as obras do Humberto vivo, frívolo e irónico, por vezes zombeteiro, cuidando da frase e exagerando o pormenor. Temos a certeza de que dentro das mensagens recebidas encontrarão o mesmo pensador de sempre, porém mais espiritual e filósofo, escrevendo para moralizar e não para divertir os leitores.

Na noite de 10 de Julho passado, o Espírito de *Emmanuel* enviou também a sua comunicação, àcêrca do processo. Vale a pena arquivá-la por se tratar duma luminosa entidade, que tão formosos livros tem ditado:

Estamos assistindo, igualmente, ao desenrolar dos factos. É justo que vos preocupeis, porque a responsabilidade envolve pensamento, reflexão e prudência; entretanto, estamos diante dum movimento material, onde os elementos de luta não podem ser doutra natureza.

Previ, desde muito, o que ocorre; mas de tôdas as situações do mundo, — mesmo das escandalosas — o Senhor tirará proveito para a colectividade.

Vemos, pois, embora o duelo seja das trevas contra a luz, que os benefícios são e serão enormes.

Esperemos o que virá.

É lógico que não nos poderíamos submeter às contendas domésticas dos encarnados, nem interpretar o papel dos adivinhos baratos; mas velaremos no sector que nos está confiado e tudo faremos, dentro da vontade divina.

Duma coisa podeis estar certos. A perseguição ao bem traz sempre prosperidade material e espiritual. Tanto foram perseguidos os primeiros cristãos, que as riquezas obtidas lhes foram funestas, desviando-os para o imperialismo eclesiástico dalguns séculos com a Igreja romana. Além do mais, ainda que fôsse preciso um «fracasso em público», em que o médium assumisse o papel de estátua interrogada, devia haver nisso prazer de cumprir os sagrados desígnios.

Nêste lado da vida em que nos encontramos a luta ainda é mais intensa, pelo número esmagador de desencarnados que têm fome de verdade, sem saberem comer o pão celeste.

Que fazer? Jesus foi e é o Médium de Deus e há milhões de criaturas que ainda não lhe receberam a mensagem, nem lhe entendem o «suposto fracasso» no dia da Cruz. Poderíamos, acaso, ultrapassá-lo? ¿Não será pedir muito, exigir que a luz se transforme em sombra para satisfazer as trevas?

O caminho de agora é idêntico ao do Evangelho. Entretanto, mesmo aí, tudo faremos para ajudar, no que nos fôr possível, a todos os infelizes que se irmanaram nesta acção.

Tenhamos muita calma, sem esquecer a função do tempo, da prudência e do silêncio.

Comentai o assunto, no que seja estritamente necessário, para não abrir portas aos elementos perturbadores. Quanto ao mais, sigamos para a frente, certos de que, perdendo, ganharemos, e, se ganharmos, talvez venhamos a perder.

Opinião curiosa àcêrca dos direitos autorais

No número de Julho do *Reformador*, órgão da Federação Espirita Brasileira, escreve o sr. Carlos Cunha, sob o título «Quando os tempos são chegados» e a respeito dos direitos de autor:

Quem morre, deixa bens em mãos de seus herdeiros. Transfere os haveres e as dívidas que tenha no momento de morrer. Entre os haveres podem estar manuscritos de livros ou direitos a receber sôbre livros já publicados. Nada mais claro e indiscutível do que a propriedade dos herdeiros sôbre tais direitos. Mas, ¿e se o profissional da pena está disposto a continuar seus trabalhos, servindo-se da mão dum médium para completar obra iniciada, como fêz Charles Dickens, ou para escrever outras, como fêz Vítor Hugo, ou para as duas coisas, como está fazendo o Dr. Stanislay Sculhaf? ¿Têm os herdeiros algum direito sôbre êsses novos escritos?

Parece que não, desde que não receba instruções ver, é porque realmente está vivo, em pleno gôzo de suas faculdades; ora, quem está vivo, não deixou viúva e órfãos, porque isso é privilégio dos mortos. Continuando vivo, capaz de produzir obras de arte, deve ter êle mesmo o direito de dispor de seus trabalhos. Poderá então vendê-los, doá-los, a quem lhe aprouver.

Se o médium que recebe os escritos fôr um dos filhos do escritor vivo-morto e vender os direitos sôbre tais manuscritos, ¿pertence o produto da venda igualmente aos seus irmãos e demais herdeiros, ou é apenas seu?

Se em vez dum filho do morto-vivo ou vivo-morto, fôr outra pessoa o médium, ¿deve ir procurar eventuais herdeiros e entregar-lhes os originais recebidos, como propriedade de tais herdeiros? Parece que não, desde que não receba instruções do Espírito nêsse sentido.

«Na maioria dos casos e quanto às obras mais famosas recebidas mediùnicamente, o médium não teria possibilidade de encontrar família do escritor vivo-morto, nem mesmo pode, às vezes, identificá-lo como cidadão da Terra, De facto, ¿como identificar famílias de Espíritos que assinaram seus trabalhos com os nomes de Cleophas, Pheneas, Sua Voz, Telika, Emmanuel, André Luiz, o Espírito da Verdade, Santo Agostinho, Fénelon, Paulo Apóstolo, Moisés, Mateus, Ismael e Caritas?

Conscienciosamente, o médium proclama que o trabalho não é seu e recusa-se a receber por êle qualquer remuneração, se bem alguns juristas da Terra assegurem que o médium teria direito a metade dos honorários do autor, como colaborador do Espírito e que o Espírito só poderia dispor da outra metade. Os melhores médiuns nada aceitam e entregam os originais a qualquer associação de caridade ou de doutrina, para que dêles façam o uso que desejarem. Tal associação é que se improvisou em editora. ¿Podem os herdeiros do escritor reclamar de tal Editora? Evidentemente, não, porque, se reconhecem que o escritor continua vivo, *ipso-facto* negam seus direitos de herdeiros, porque gente viva não tem herdeiros, logo, o vivo é o único senhor do fruto de seu trabalho e pode doá-lo a quem desejar. Se lhe negarem a continuïdade da existência, por isso mesmo negam a autoria dos manuscritos e, portanto, qualquer direito sôbre as obras mediúnicas por parte de descendentes do vivo-morto.

Talvez se pretenda que há exploração do nome, mas no prontespício de cada livro vem sempre declarado: «Ditado pelo Espírito de Fulano ao médium Sicrano». Logo, é evidente e público que se apresenta a obra como sendo do autor vivo, mas simplesmente do seu Espírito através do médium. Portanto, ninguém toma o livro por obra do autor vivo, o único que tinha direitos assegurados pelos nossos códigos.

Nada temos a acrescentar a esta incisiva argumentação, que nos parece irrespondível.

Contudo, os tribunais dirão a última palavra. Missão difícil e da maior responsabilidade, se atendermos a que se trata de caso inédito e fora da alçada das leis. Assim, os juízes terão de julgar em consciência e pode bem ser que o seu *veridictum* suscite ainda maiores e apaixonadas discussões, que só poderão beneficiar o Espiritismo.

Segundo lemos em *A Nova Era*, de Franca (Estado de S. Paulo), a Rádio Tupi transmitiu a notícia de que o médium Francisco Cândido Xavier se submeterá à exigida prova, em reünião aprasada na Federação Espirita Brasileira, onde a família de Humberto de Campos mandará duas pessoas de sua confiança. Quere dizer: a dar crédito à informação, ¿será porque o Espírito do escritor teria levado o médium a aceitar o repto, na intenção de dar alguma prova convincente da sua existência fora da matéria?

Limitamo-nos, propositadamente, a fazer «reportagem», eximindo-nos à crítica que a seu tempo se escreverá, quando tiver caído o pano sôbre o último acto e alguns actores assomem ao proscénio para receber merecido aplauso ou para se escoarem por alçapão de mágica...

O que fôr, soará.

I. D. S.

D/44

OS QUE NOS DEIXAM

Emília Pomar de Sousa Machado

No dia 15 de Novembro regressou à pátria espiritual a alma gentil de Emília Pomar de Sousa Machado, que durante mais de setenta anos espalhou a caridade e a bondade à sua volta.

Desencarnou com 88 anos de idade e levou mais de 50 a escrever poesias de lirismo encantador, cheias de suavidade e aroma espiritualista. Colaboradora efectiva da *Luz e Caridade,* de Braga, ali mourejou perto de três décadas, sempre a mesma elevação e a mesma ternura ao descrever as coisas mais belas e simples, sempre a mesma religiosidade e a mesma unção ao dealbar pelos altos cimos do neo-espiritualismo.

É com profunda saüdade que vemos partir a decana dos espiritas portugueses, com quem mantivemos sempre as melhores relações espirituais. Há, até, um pormenor que nos obriga especialmente à redacção destas linhas: foi ela que nos conduziu ao Espiritismo, já lá vão mais de 25 anos.

Atravessávamos nós, então, um período característico da nossa vida, dedicando os ócios ao jornalismo e à literatura. A nossa aproximação foi motivada pela colaboração que dávamos ao *Torneio,* jornal de novos dirigido por Correia de Faria, e onde Emília Pomar escrevia formosos poemas que entusiasmavam os numerosos leitores daquela revista.

Não sabemos por que motivo, dedicámos-lhe uma poesia, a que ela correspondeu com outra, e assim se estabeleceu um intercâmbio de que resultou saüdosa convivência, durante a qual nos ofereceu muitos jornais e revistas espiritas, que lemos, a princípio com desconfiança, e finalmente com interêsse, depois de nos convencermos da realidade dos fenómenos e da beleza da Doutrina.

Durante tão grande lapso de tempo, tivemos ensejo de apreciar a sua inteligência, a sua vivacidade, a sua cultura humanista e, sobretudo, as virtudes que exornavam o seu coração de mulher e de poetiza.

Nunca lhe ouvimos uma palavra de queixume ou de revolta, em presença das mil dificuldades que teve de enfrentar na vida terrena. Sempre aquela piedosa resignação dos justos e dos simples a polvilhar-lhe as atitudes e os gestos de grande sofredora. As tempestades morais que teve de suportar, não a inpediam e tanger a lira, vibrante e harmoniosa.

Quem se desse ao trabalho de coligir os seus versos, encontraria matéria para oito ou dez volumes, rescendendo estranhos perfumes de mocidade em festa.

Emília Pomar atravessou a existência como emigrante que não esquece a terra que lhe deu o ser e pensa constantemente na família distante. Voltada para o Além, onde acaba de entrar agora, de lá recebia alento e confôrto para a solidão da velhice e para os desenganos que a provaram nos últimos tempos.

Há cerca de dois meses já ela estava de cama, poucas visitas recebendo, em virtude da fraqueza ser cada vez mais acentuada. Visitámo-la, no sentido de lhe recolher os derradeiros pensamentos, mas fomos infelizes, pois uma pessoa da sua família barrou-nos, propositadamente, a passagem, e mal pudemos dispor de cinco escassos minutos para conversar com ela. Ainda assim, teve ensejo de nos transmitir o aprêço em que tinha *Estudos Psíquicos,* que acompanhou desde o primeiro número, e de proclamar a sua ardente fé nos destinos da Doutrina Espirita.

Concorreu aos Jogos Florais Espiritualistas, realizados em 1940 pelo Centro E. Luz e Amor, e ganhou o 1.º prémio, com a poesia intitulada «Outra vez na Terra».

O seu livro «As Pecadoras», editado pelo Centro Espirita de Braga, é um mimo espiritual que tôdas as mulheres portuguesas deviam ler e meditar com devoção.

Enfim, deixou-nos há poucos dias uma nobre figura de madona que tôda a vida ergueu cânticos de amôr fraterno e entoou hosanas ao Cristo de Deus, de quem foi sempre devota sincera.

O Espiritismo vai perdendo alguns valores representativos. Há tempos, Ernesto Bozzano e Guillon Ribeiro. Hoje, Emília Pomar de Sousa Machado...

Tudo evolui, tudo caminha e se transforma em obediência às eternas leis de fluxo e refluxo que graduam a volta dos Espíritos ao planeta.

¡Que ela encontre no Além os amigos que a precederam na grande viagem! ¡Que os seus Guias Espirituais acolham prazenteiramente quem tanto pugnou pela cristianização do mundo, pela transformação moral da sociedade!

¡Paz ao Espírito de quem só paz espalhou na Terra portuguesa!

I. D. S.

nº 2, Dez° 44

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Sessão curiosa

Le Spiritisme de Fevereiro de 1889 publicou um artigo intitulado «Viagem ao país das recordações. Enviado pelo Papa». Vamos extrair dêle os passos referentes a curiosa sessão de Espiritismo, à qual assistiu incògnitamente o Conde de Brunet de Paisay:

Para encorajar os nossos esforços e julgar por si mesmo a marcha dos nossos trabalhos, Allan Kardec vinha, de tempos a tempos, presidir às nossas sessões.

Esclarecia-nos com seus conselhos nêsses dias de festa, em que a nossa sala, como por milagre, chegava para todos que tinham a coragem de passar a noite de pé, afim de ouvir o Mestre.

Uma vez, apresentou-nos um visitante um dos nossos, que era engenheiro.

O nosso hóspede aparentava 58 anos e parecia um verdadeiro fidalgo. Apressou-se a dar-nos o seu cartão, no qual lemos: Conde de Brunet de Paisay.

Entendemos que não devíamos revelar o nome do visitante, para que os médiuns o não conhecessem.

A sessão seguiu o seu curso normal, obtendo-se comunicações escritas e passando-se depois às manifestações físicas.

Convidámos o sr. de Brunet a aproximar-se da mesa, e a mesa agitou-se nervosamente, inclinando-se imediatamente para êle, que parecia admirado dessa deferência.

— Quem és? — preguntou de Brunet.

— Um amigo.

— Dize o teu nome.

— D. Pedro de Castillan.

— Onde me conheceste?

— Em Roma.

— Em que ponto?

— No Vaticano.

Perante a inesperada resposta, todos os visitantes desataram a rir, acreditando numa mistificação.

O conde, porém, não ria: estava pálido de emoção e continuou a fazer preguntas ao Espírito, que ditou a seguinte frase:

— Sêde homem de boa fé e a exemplo dos discípulos de João ide dizer a Roma o que vistes e ouvistes esta noite; mas, sobretudo, dizei que soou a hora da renovação moral.

O conde ficou estupefacto; e, compreendendo que nos devia uma leal explicação, confessou-nos que era enviado do Papa, em missão de estudar os fenómenos espiritas. Em seguida, retirou-se profundamente comovido.

Quando ficámos sós, depois de terem saído os companheiros de trabalho, minha mulher, levada por movimento instintivo ou curiosidade, pegou no cartão do enviado do Papa e qual não foi o seu espanto, vendo aparecer entre o papel e o verniz do cartão caracteres que diziam:

Camarista particular de capa e espada de SS. Pio IX.

Esta frase não podia ler-se, sem inclinar o cartão em determinado sentido.

¿Que dirão a isto os senhores que *explicam tudo por sugestão,* se, nessa época, ainda não tinha nascido a sua teoria?

¡Que lição para tôda a gente!...

O «caso» de Alexandre Dumas

Reformador, do Rio de Janeiro, extraiu o seginte caso do 1.º tomo das «Memórias» do grande romancista Alexandre Dumas, filho do general Dumas, desencarnado em Villers Cotterets, a 26 de Fevereiro de 1806, deixando o futuro escritor com quatro anos de idade.

Na noite em que meu pai morreu, tiraram-me de casa, levando-me para junto de minha prima Mariana, que vivia com seu pai, na rua de Soissons. Ou fôsse porque não quisessem pôr a minha infância em contacto com um caixão — pois a morte estava prevista — ou fôsse por se temer o embaraço que eu poderia levantar, tomou-se tal precaução pelas 5 horas da tarde.

Eu adorava meu pai. Talvez que nessa idade o sentimento a que hoje chamo amor não fôsse mais do que um ingénuo espanto por essa estrutura hercúlea e por essa fôrça gigantesca que eu lhe vira desenvolver em muitas ocasiões; talvez, mesmo, que não representasse mais do que infantil e orgulhosa admiração pela sua farda bordada, pelo penacho tricolor e pela grande espada que eu mal podia

erguer; mas, tão intenso era êsse sentimento, que ainda hoje a recordação de meu pai, em cada forma do seu corpo, em cada linha do seu rosto, está de tal modo presente na minha memória, como se eu o tivesse perdido ontem; tão alto era o mencionado sentimento, que ainda o amo, com amor tão terno, tão profundo e tão real, como se êle tivesse velado pela minha juventude e como se eu tivesse fruído a felicidade de passar desta juventude à adolescência, apoiado sôbre o seu poderoso braço.

Por sua parte, meu pai adorava-me também, não me cansarei de afirmá-lo, sobretudo se dos mortos fica alguma coisa que compreenda o que dêles se diz; e ainda que, nos últimos tempos da sua existência, os sofrimentos que o torturavam lhe tivessem azedado o carácter a ponto de não poder tolerar, no seu quarto, nenhum ruído ou movimento, fazia uma excepção para mim.

Eu não tinha qualquer idéia da morte; ser-me-ia bem difícil prever a de meu pai, eu que, três dias antes, o vira montar a cavalo. Não levantei, portanto, o menor obstáculo para sair de casa, e, desde que saí, ignoro se meu pai falou de mim ou me chamou. Mas o facto que vou contar ficou com tôdas as minúcias, perfeitamente presente no meu pensamento.

Eu estava, pois, instalado em casa do pai de minhas primas, honesto senhor, que era cerralheiro, chamava-se Fortier e tinha um irmão pároco.

Confiaram-me aos cuidados de minha prima Mariana.

A casa estendia-se da rua de Soissons à praça do Castelo. Desta disposição resultava que, desde que a porta do jardim, dando para a mesma praça, e a da forja, que dava para a rua de Soissons, estivessem fechadas, a casa de habitação era inatingível, desde que se lhe não saltassem os muros.

Eu havia ficado com minha prima Mariana — acrescenta — e gostava de estar na forja, onde faziam fogos de artifício com limalha de ferro e onde os operários me contavam histórias muito interessantes.

Conservei-me na referida oficina pela noite dentros. Nas horas nocturnas, a forja tinha reflexos fantásticos e jogos de luz e de sombra que me agradavam infinitamente. Ao bater das 8, minha prima veio buscar-me, deitou-me no pequeno leito que estava em frente de outro maior e adormeci nêsse sôno que Deus dá às crianças, como dá o orvalho à primavera.

À meia noite fui despertado, ou melhor, fomos despertados, eu e minha prima, por uma grande pancada na porta. Uma lamparina ardia sôbre um velador; à claridade dessa lamparina, vi minha prima erguer-se no seu leito, muito assustada, mas nada dizendo.

Ninguém poderia bater na porta interior, porque as duas outras, a que já me referi, estavam fechadas.

Mas eu, que hoje quási me arrepio escrevendo estas linhas, eu, pelo contrário, não experimentei então o menor receio; saltei da cama e avancei para a porta.

— Aonde vais, Alexandre? — exclamou minha prima. — Aonde vais?

— Bem vês — respondi eu tranqüilamente —. Vou abrir a porta ao papá, que vem dizer-nos adeus.

A pobre rapariga saltou também do leito, muito assustada, agarrou-me quando eu pousava a mão na fechadura e fez-me voltar, à fôrça, para a cama.

Debati-me nos seus braços, gritando a plenos pumões:

— Adeus, papá! Adeus papá!...

Alguma coisa semelhante a um hálito expirante passou sôbre o meu rosto, acalmando-me.

No entanto, tornei a adormecer, sufocado de soluços e com os olhos cheios de lágrimas.

Na manhã seguinte vieram acordar-nos, ao romper do dia.

Meu pai tinha morrido precisamente à hora em que se ouvira, na porta, a pancada de que falei!

Então ouvi estas palavras, sem saber qual a bôca que as pronunciava:

— Meu pobre filho, o teu papá, que tanto te amava, morreu!

— Morreu o meu papá? — repliquei. — Que quere isso dizer?

— Quere dizer que nunca mais o verás.

— Como? ¿Não tornarei a ver o papá?

— Não.

— E porque não o verei mais?

— Porque o bom Deus o levou.

— Para sempre?

— Para sempre.

— ¿E dizem que o não tornarei a ver mais?

— Nunca mais.

— Nunca mais, nunca mais?

— Nunca mais!

— ¿E onde mora o bom Deus?

— Mora no céu.

Fiquei pensativo por um instante. Por mais criança, por mais privado de razão que eu fôsse, compreendi, no entanto, que alguma coisa de fatal se passava na minha vida. Depois, aproveitando um momento em que não reparavam em mim, escapei-me da casa de meu tio e corri para junto de minha mãe.

Tôdas as portas estavam abertas; todos os rostos assustados; sentia-se que a morte estava presente.

Entrei, sem que ninguém me visse ou me notasse. Penetrei num pequeno compartimento onde

Notas & Comentários

Congresso Espirita Mineiro

Realizou-se em Belo Horizonte, cidade de Minas Gerais, o primeiro Congresso Espirita da iniciativa dos nossos confrades daquêle florescente Estado brasileiro. Ainda há pouco tivemos ensejo de o anunciar na «Crónica Estrangeira», augurando-lhe o mais belo e justificado êxito.

Mundo Espirita dá-nos agora a notícia de que o Congresso constituíu uma grande e retumbante vitória que há-de necessàriamente fortalecer a posição de Kardec ante as várias correntes ideológicas que existem dentro do Espiritismo.

Eis como o *Diário da Noite,* do Rio de Janeiro, se referiu ao assunto, em sua edição de 28 de Junho último:

«No Brasil, — eis um dos problemas mais debatidos — o Espiritismo é praticado como religião, mas não faltam aquêles que, ingenuamente ou por malícia, procuram transformá-lo em «candomblês». Os que assim procedem afastam-se da doutrina espirita, porque não encontram campo na codificação de Allan Kardec.

«Os debates em tôrno desta importante tese transcorreram com grande animação, sendo todos unânimes em condenar o misticismo grosseiro de indivíduos ignorantes que procuram apresentar as suas práticas exóticas como sendo a doutrina espirita.

«Como conseqüência destas discussões, firmou-se um ponto que se tornou básico, no decorrer das últimas reüniões — o artigo 2.º dos estatutos da União Espirita Mineira, para evitar confusões, inscreveu, como finalidade máxima, «a prática religiosa espirita, exclusivamente ensinada e exemplificada segundo a codificação kardeciana».

Foi, na realidade, uma grande vitória. Cêrca de 800.000 espiritas mineiros, ali representados por 200 congressistas, conseguiram que a União Espirita Mineira alterasse os estatutos no sentido de reforçar as práticas espiritas baseadas nas obras fundamentais escritas por Kardec.

Seria conveniente que os congressos se repetissem, de quando em quando, para manter a doutrina devidamente actualizada no tocante às descobertas da ciência. Ao mesmo tempo, seriam agentes de defesa ideológica, operando como sentinelas vigilantes ao serviço da doutrina.

O Espiritismo não faz loucos

A melhor maneira de impor esta verdade consiste em transcrever a opinião abalisada dos grandes psiquiatras que ao assunto têm dedicado parte da vida, sem espírito de seita e apenas animados pelo cumprimento do dever ao serviço da verdade.

Eis o depoïmento que o Dr. Odilon Galloti, médico psiquiatra, membro da 1.ª Conferência Inter-Americana de Higiene Mental e antigo director da secção Pinel do Hospital Psiquiátrico do Rio

---

havia armas; peguei numa espingarda dum cano que pertencia a meu pai e que muitas vezes tinham prometido dar-me, quando eu fôsse grande.

Depois, armado, subi a escada.

No primeiro andar, encontrei minha mãe no patamar. Saía da câmara mortuária... estava banhada em lágrimas.

— Aonde vais? — preguntou ela, espantada de me ver ali, quando me julgava em casa de meu tio.

— Vou ao céu! — respondi eu.

— Como? Vais ao céu?

— Sim! Deixa-me passar.

— ¿E que vais tu fazer ao céu, meu pobre filho?

— Vou matar Deus, porque matou o papá.

Minha mãe tomou-me nos braços e, estreitando-me até me sufocar, exclamou:

— Oh! Não digas isso, meu filho! Somos bem infelizes!

Eis a história da manifestação do pai de Alexandre Dumas a seu filho, tal como êste a contou. Dumas era grande romancista, hábil contista, mas não pode acudir ao pensamento de ninguém de coração a idéia de que esta história não seja autêntica e que haja sido inventada pela imaginação do célebre escritor.

A veneração sagrada que dedicava a êste pai adorado, não deixa margem para qualquer dúvida em nosso espírito. Todos os que o conheceram apreciaram a franqueza e a lealdade do seu carácter. O arranjo literário, que porventura tenha dado à redacção da sua narrativa, nada pôde tirar à realidade.

de Janeiro, publicou no *Globo* de 23 de Maio de 1935:

«Penso que nos meios médicos e leigos se tem exgerado a importância do Espiritismo na etiologia das doenças mentais. Em minha opinião, o Espiritismo raramente é factor directo de psicopatias. Sem negar que, uma ou outra vez, possa provocar psicoses em dispostos mentais, acredito que, em geral, age como factor patoplástico, condicionando o feitio dos distúrbios psíquicos ou fornecendo o conteúdo das idéias delirantes e das alucinações.

«Êste meu modo de pensar baseia-se numa grande experiência de quási 20 anos. Sôbre um total de mais de 6.400 doentes que, de 1925 a 1934, em dez anos, portanto, passaram pelo meu serviço na secção Pinel do Hospital Psiquiátrico, a qual conta actualmente 600 enfermos, só num caso pude diagnosticar «delírio de influência espirita» e confesso não saber se a evolução dêste caso, que não pude acompanhar durante muito tempo, confirmou a minha diagnose. Não é raro que, nos antecedentes dos enfermos, haja menção de consultas ao Espiritismo, freqüência de sessões espiritas ou leituras e estudos dessa natureza. Mas, apuradas bem as contas, verifica-se que tudo isto se passou quando o paciente já sofria de perturbações da esfera psíquica.»

Há pouco, foi o Dr. Aníbal da Silveira que, na *Fôlha da Manhã,* de S. Paulo, sob o título de «Questões de Psiquiatria Social», declarou categóricamente, que «o Espiritismo de forma alguma pode considerar-se causa de doenças mentais».

Estas opiniões valem mais do que tôdas as palavras que pudéssemos escrever, do que todos os argumentos de ordem moral e social que aduzíssemos em refôrço da nossa tese: *O Espiritismo não faz loucos.*

Depois dêste depoïmento, outros virão provar a inanidade de certas afirmações gratuitas que, de quando em vez, fazem gemer as rotativas dos grandes cotidianos.

FALTA DE ESPAÇO

Por absoluta falta de espaço, retirámos os seguintes artigos já compostos:

«O Espiritismo e os seus detractores», de F. Noronha; «Espiritismo, Ciência Suprema» do Dr. Inácio Ferreira; «O Testemunho de Russel Walace»; «Protejamos as crianças», de Manuel de Sousa; «Discurso de Jesus sôbre a sua doutrina», de H. Magalhães; «A Justiça do Mestre», de Pedro Mac Cord; «O Testamento Espirita de Vítor Hugo»; «A Lição», de F. W. Sunders, etc., do que pedimos desculpa a leitores e colaboradores.

Noticiário

Transcrições

A *Revista Internacional do Espiritismo,* de Matão, Estado de S. Paulo, continua a fazer transcrições de *Estudos Psíquicos*. Ultimamente, transcreveu «Casa Assombrada», notícia referente a fenómenos de assombramento que se produziam numa casa de Rosmaninhal de Mação e que, mercê de Deus, pudemos extinguir, dando tranqüilidade e felicidade aos seus locatários. Gratos pela deferência.

Auxílio aos necessitados

Continuam a afluir os donativos, destinados a socorrer alguns necessitados protegidos pelo Centro Espiritualista Luz e Amor. Hoje, registamos os seguintes:

Transporte do número anterior	312$50
Manuel Marecos Henriques, de Santarém	20$00
Maria Emília, de Lisboa	2$50
Adelaide Santos, de Lisboa	5$00
Avelino de Barros, de Lisboa	10$00
F. L., de Lisboa	2$50
Conceição Martinho Faria, de Lisboa	5$00
Leopoldina Melo, de Lisboa	2$50
J. A. Gonçalves, de Lisboa	5$00
Anónima, de Lisboa	7$50
M. J., de Lisboa	2$50
A. B. C., de Lisboa	20$00
Adelino Pais Lopes, de Lisboa	10$00
Frederico Pereira, de Lisboa	5$00
Dr. Sebastião E. Martins, de Lisboa	10$00
Emília da Cruz, de Lisboa	10$00
Hermínio Augusto Neves, de Lisboa	3$50
Jaime Barroso Lopes, de Lisboa	10$00
Pela memória de Maria de Lourdes	50$00
Netos Valera	55$00
Aníbal Gonçalves Portugal, de Mamodeiro	20$00
Anónimo da Rua dos Soeiros	20$00
António da Silva Braga Júnior, de Coimbra	50$00
F. C. F.	100$00
Maria Carolina Ramos Pereira, de Lisboa	5$00
Manuel Martins de Almeida, de Lisboa ...	10$00
M. J. C. M.	20$00
Marina J. B. Correia, de Pontinha	5$00
Francisco Nunes Perna, de Leiria	20$00
José Luiz e Rosita Belo, de Cebolais de Cima	20$00
Cecília Mesquita Guerra, de Benavente ...	10$00
Manuel de Sousa, de Silves	5$00
A transportar.....	833$50

Transporte.....	833$50
Bernardo Correia de Almeida, de Alcobaça, por intenção dos seus entes queridos	20$00
M. A. S., de Alcobaça	20$00
Augusto Oliveira Pais, de Paços de Brandão	5$00
Isabel M. da Rocha Ferreira, de Leiria ...	10$00
Alfredo Joaquim de Oliveira, de Lisboa ...	20$00
José Estevinha Gomes, de Castro Marim	5$00
José Luiz do Carmo, de Castro Marim	10$00
João Veloso dos Santos, de Castro Marim	5$00
Adelaide de Jesus Ferreira, do Cartaxo ...	20$00
António Joaquim Gomes, de Cabaços	20$00
H.	5$00
Maria	2$50
Maria da Conceição, de Lisboa	5$00
Ana Dias, de Lisboa	5$00
Leonilda Godinho, de Lisboa	5$00
Al.	5$00
Florinda Agostinho, de Lisboa	5$00
Maria Clementina, de Lisboa	2$50
Bento Rodrigues Galamba, de Alhandra	20$00
Joaquim Teixeira, de Vila Real	12$00
José Cerqueira de Sousa, de Arcos de Val-de-Vez	2$50
J. A. Costa, de Portalegre	10$00
José de Sousa Pereira, de Casével	14$00
M. V. Alexo, de Arraiolos	5$00
Maria Margarida Soares, de S. Tiago de Castelões	20$00
Maria Luíza Martins Jacinto, de Rossio ao Sul do Tejo	7$50
A. M., de Braga	7$00
Maria de Vasconcelos, de Lisboa	10$00
Os Fonsecas, de Lisboa	20$00
Artur Luiz Pereira, de Lisboa	10$00
J. T. H., de Almada	10$00
Adantos, de Ceira	2$50
Gertrudes Furtado Martins e Bartolomeu Bana Martins, do Funchal	100$00
Total.....	1.254$00

Auxílio a Estudos Psíquicos

Dos confrades abaixo designados recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

António Joaquim Gomes, de Cabaços	12$00
Júlio Curado, do Barreiro	7$00
A. L. V., de Lisboa	40$00
Total.....	59$00

«Natura»

Foi com alegria que verificámos o reaparecimento de *Natura*, revista mensal de saúde, educação física e cultura, sob a direcção de Bonifácio Antunes e colaborada por elementos que honram o naturismo português. As suas páginas vêm recheadas de ensinamentos e conselhos muito úteis àqueles que pretendem fortalecer o corpo e tonificar o espírito. Preconizando a vida simples e ao ar livre, *Natura* bem merece a consideração de tôdas as almas sãs que não desejam perder o contacto com a natureza.

Natura mudou a redacção e administração para a Rua Heróis de Quionga, 2, 2.º, Direito.

Aos seus dirigentes e amigos, apresentamos os nossos fraternos cumprimentos.

«Afinidades»

Acabamos de receber o último número de *Afinidades*, englobando dois tomos — 7 e 8. Publicação notável nas letras, artes e ciências, tem-se imposto pelo equilíbrio e escrúpulo com que trata todos os assuntos. Mais do que recreio do Espírito, *Afinidades* é indispensável no enriquecimento de quem se vota ao estudo das coisas. É uma janela aberta para o mundo de amanhã.

Entre os seus colaboradores, figuram nomes como Guilherme de Castilho, Paul Valery, Eduardo Scarlatti, Pierre Jean Jouve, Raymond Aron, J. Alves Correia, Dr. Mário Gonçalves Viana, Luiz Reis Santos, Jean Perrin, etc.

Além do belo aspecto gráfico, que mais dizer dum revista que tudo tem feito pelos que desejam instruir-se? Resta-nos aconselhar a sua leitura, cientes de que fazemos justiça a uma publicação que veio preencher uma lacuna que entre nós existia.

As nossas conferências

No dia 12 de Novembro último, o nosso colaborador D. Fernando Noronha realizou no Centro a sua anunciada conferência, intitulada «A minha identificação espiritista».

Após algumas palavras do sr. coronel Faure da Rosa, que presidiu, D. Fernando de Noronha iniciou a leitura do seu trabalho, a todos os títulos notável, deixando nos ouvintes a melhor impressão, traduzida numa grande salva de palmas.

Por fim, o sr. coronel Faure da Rosa referiu-se em termos louváveis ao conferente, salientando a coragem das suas afirmações, numa fase da vida que já ultrapassou os 80 anos.

Programa dos trabalhos do Centro no mês de Dezembro de 1944

Dia 3 de Dezembro, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 10 de Dezembro, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 17 de Dezembro, às 16 horas — Conferência pelo coronel Faure da Rosa, intitulada «A médium Jeanne Laplace». A entrada é pública.

Dia 23 de Dezembro, às 14 horas — Distribuïção de donativos aos necessitados protegidos pelo Centro.

Dia 31 de Dezembro, às 16 horas — Sessão experimental.

NOTA — As sessões experimentais são exclusivas aos sócios.